



XVII ENCONTRO NACIONAL DE GESTALT-TERAPIA  
XIV CONGRESSO BRASILEIRO DA ABORDAGEM GESTÁLTICA

**A N A I S D O**  
**C O N G R E S S O**  
**G E S T A L T**  
**2 0 2 0**

**Ambientalidade, Co-existência e Sustentabilidade**

Brasília, DF - Brasil

24 a 28 de novembro de 2021

XIV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica e  
XVII Encontro Nacional de Gestalt-terapia.  
Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Obra disponível pela Associação Brasileira de Gestalt-terapia  
e Abordagem Gestáltica (ABG): [www.gestalt.com.br](http://www.gestalt.com.br)

DIAGRAMAÇÃO

Conceito Comunicação Integrada

[www.conceito-online.com.br](http://www.conceito-online.com.br)

Ficha Catalográfica e Normalização elaborada pela  
Bibliotecária Iris Soares Lourenço CRB1/ 1818  
Contato: [irisoares@hotmail.com](mailto:irisoares@hotmail.com) - (61) 99277-8307

---

C749a Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica (14. : 2020 : Brasília, DF)  
Anais do XIV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica [recurso eletrônico]. Anais [do] XVII Encontro Nacional de Gestalt-terapia. E, Anais [do] Congresso Gestalt 2020: ambientalidade, co-existência e sustentabilidade / organização dos anais: Jorge Ponciano Ribeiro [et al.]. – Brasília, DF, 2021  
338 p.  
Eventos realizados entre os dias 24 a 28 de novembro 2021.  
Disponível em: [www.gestalt.com.br](http://www.gestalt.com.br)  
ISSN 2526-2246

1. Gestalt-terapia – Brasil - Congresso. 2. Psicoterapia. 3. Ambientalidade. 4. Co-existência. 5. Sustentabilidade. I. Encontro Nacional de Gestalt-terapia (17.:2021: Brasília). II. Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica (14.: 2021 : Brasília). III. Ribeiro, Jorge Ponciano. IV. Título.

CDU 23-616.89143  
CDU 616.8-085.851

---

# SUMÁRIO

ORGANIZAÇÃO .....	14
LOGO OFICIAL .....	15
PROGRAMAÇÃO.....	16

## DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS

---

Conferência de Abertura: Ambientalidade, co-existência, sustentabilidade.....	24
<i>Jorge Ponciano Ribeiro</i>	
Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 1: Gestalt-terapia, contato e cuidado de si, do outro e do planeta .....	25
<i>Fátima Martucelli, Lika Queiroz, Roberto Crema</i>	
Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 2: Corpo e arte como expressão e criação de formas de estar e transformar o mundo .....	26
<i>Daniel Munduruku, Raimundo Severo Jr., Selma Ciornai</i>	
Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 3: Dimensão ético-política da abordagem gestáltica: enfoques e perspectivas .....	27
<i>Alexandra Tsallis, Mônica Alvim, Teresinha Mello da Silveira</i>	
Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 4: Saúde, sofrimento e adoecimento na perspectiva de campo .....	28
<i>Angela Schillings, Karina Fukumitsu, Lumena Furtado</i>	
Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 5: Gênero e diversidade sexual: em busca do co-pertencimento como fundamento ético-político.....	29
<i>Flavia Silva, Letícia Carolina Nascimento, Valeska Zanello</i>	
Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 6: Cuidado e meio ambiente como apelo à sustentabilidade humana .....	30
<i>Aline Campos, Daniel Iberê, Marco Aurélio Bilibio</i>	
Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 7: Diversidade étnico-racial: em busca do co-pertencimento como fundamento ético-político da vida.....	31
<i>Lia Wainer Schucman, Livia Arrelias</i>	
Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 8: Gestalt-terapia e o ser-mundo .....	32
<i>Celana Cardoso Andrade, Fátua Helou, Lilian Meyer Frazão</i>	
Conferência de encerramento: Takrukak e nós.....	33
<i>Ailton Krenak</i>	

## MESAS REDONDAS

---

Desafios de uma gestalt-terapeuta em contextos de clínica ampliada .....	34
<i>Celana Cardoso Andrade, Lika Queiroz, Claudia Cardoso</i>	
O trabalho de grupo vivido em uma comunidade quilombola: potência e limitações.....	35
<i>Celana Cardoso Andrade</i>	
Rodas de conversa: um espaço de saúde em tempos de pandemia .....	36
<i>Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)</i>	
A Pesquisa do Aconselhamento Psicológico Online (PAPO) em uma comunidade universitária em tempos de pandemia: uma compreensão gestáltica.....	38
<i>Claudia Lins Cardoso</i>	
Infância na gestalt-terapia: caminhos clínicos .....	40
<i>Sheila Maria da Rocha Antony, Luciana Aguiar, Rosana Zanella</i>	
O manejo da ansiedade na clínica gestáltica infantojuvenil.....	45
Manifestações da ansiedade em crianças e adolescentes: um contorno conceitual e uma compreensão de campo .....	46
<i>Cintia Lavratti Brandão</i>	
A ansiedade como parte das interações infantojuvenis com o ambiente vivido .....	48
<i>Sâmia Silva Gomes</i>	
Propostas interventivas acerca da ansiedade na clínica infantojuvenil: totalidade, integração e ambientalidade .....	50
<i>Alexandra Borges dos Santos Silveira</i>	
<b>GESTALT-TERAPIA, MÃES E BEBÊS</b>	
O cuidado à mulher no puerpério: possibilidades de intervenção na clínica mãe-bebê .....	52
<i>Leticia Bruna Pingeot Brodoloni, Patricia Barrachina Camps</i>	
Ciclo gravídico-puerperal e pré-natal psicológico: o processo de transição para maternidade como um acontecimento do campo organismo-ambiente.....	54
<i>Priscila de Lima Silva</i>	
Desenvolvimento humano e as primeiras experiências à luz da gestalt-terapia.....	56
<i>Mariana Pajaro, Andrés Eduardo Aguirre Antúnez</i>	
Criatividade e comunidade como recursos de resiliência nos tempos atuais .....	58
<i>Selma Ciornai, Wilson Luis</i>	
O foco na relação entre pais e filhos na atualidade: uma perspectiva de campo .....	59
<i>Virginia E. Suassuna Martins Costa</i>	
Relações entre pais e filhos na contemporaneidade: acolhendo as diferenças .....	61
<i>Myrian Bove Fernandes</i>	
Relações entre pais e filhos nos diferentes momentos dos ciclos de vida da família sob a perspectiva da clínica gestáltica.....	63
<i>Patricia Barrachina Camps</i>	

## A BUSCA DE AUTENTICIDADE E O RESGATE DA CRIANÇA INTERIOR: INTERVENÇÕES POSSÍVEIS EM GESTALT-TERAPIA

Clínica gestáltica com adultos, resgate da criança interior e a busca da autenticidade..... 65  
*Silvia Oliveira de Alencar Fernandes*

Um caminho para a autenticidade: acolher a sua criança psicoterapeuta..... 67  
*Leonardo Brandão Delvalle Regis*

A busca de autenticidade e o resgate da criança interior: intervenções possíveis em gestalt-  
terapia: acessando a autenticidade através da arte ..... 69  
*Mariana Laís Pessoa Geha Zieza*

## IMPLICAÇÕES SÓCIO POLÍTICAS NO FAZER DO GESTALT-TERAPEUTA NA CLÍNICA AMPLIADA

A clínica para além das quatro paredes: o papel do psicólogo em romper barreiras e alcançar  
novos espaços..... 71  
*Patrícia Valle de Albuquerque Lima*

Uma clínica inquieta e movente: reconfigurações e invenções de uma prática gestáltica  
marginal ..... 73  
*Laura Cristina de Toledo Quadros*

Percursos de uma gestalt terapeuta no SUS: reconhecendo um caminho..... 75  
*Ana Cristina Balieiro Barbosa*

## GESTALT-TERAPIA, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Possibilidades na prática clínica com adolescentes sob a ótica da gestalt-terapia ..... 77  
*Karol Maes*

A infância no mundo tecnológico contemporâneo: implicações à clínica gestáltica com  
crianças ..... 80  
*Laura Valério Duarte Camisão*

## ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO E ABORDAGEM GESTÁLTICA: POTÊNCIAS E DESAFIOS NA EXPERIÊNCIA PANDÊMICA

Acolher aquele que sofre ou a radicalidade de uma prática gestáltica na Pandemia: uma das  
formas de “suspender o céu para adiar o fim do mundo” ..... 82  
*Eleonôra Torres Prestrelo*

O acolhimento e a presença entre-telas: potências gestálticas no encontro do velho com o  
novo ..... 84  
*Laura Cristina de Toledo Quadros*

O afeto que transborda e a vida que insiste ..... 86  
*Luciana Bicalho Cavanellas*

## GESTALT-TERAPIA, FINITUDE E LUTO

O gestalt-terapeuta diante da morte e do luto..... 88  
*Maria Júlia de Oliveira Uchôa Reale*

Possibilidades da clínica gestáltica no atendimento de crianças enlutadas ..... 90  
*Patricia Barrachina Camps, Daniela Pupo Barbosa Bianchi/ Ida Kublikowski, Maria Helena Pereira Franco*

Narrativas sobre a vida e a morte: a gestalt-terapia e o cuidado às pessoas em processo de finitude.....	92
<i>Sheila Silva Lima</i>	
Técnica, exercício e experimentos: semelhanças e diferenças.....	94
<i>Lilian Meyer Frazão</i>	
Sofrimentos emocionais agravados e Gestalt-terapia.....	95
<i>Angela Schillings</i>	

## **MINICURSOS**

---

As reações parentais diante da adolescência dos filhos: implicações clínicas.....	97
<i>Luciana Aguiar</i>	
Do abuso sexual na infância e adolescência às sequelas na clínica do adulto: uma abordagem gestáltica.....	99
<i>Carla Alegria</i>	
Ajustamentos autísticos e a clínica em Gestalt-terapia.....	101
<i>Tainá Mani Almeida, Priscila Pires Alves, Lis Simões da Silva</i>	
Corpo e criatividade: vivências de interiorização e projeção criativa da paisagem interior como caminho de autoconhecimento, libertação e transformação do mundo.....	103
<i>Maria Maura Alves</i>	
A doença como metáfora das distorções na autoestima, no autoconceito e na autoimagem: a criança sem autossuporte no mundo.....	105
<i>Sheila Maria da Rocha Antony</i>	
Gestalt-terapia e palhaços: os jogos circenses como possibilidade de ampliação de recursos clínicos.....	107
<i>Rodrigo Bastos, Montserrat Gasull Sanglas</i>	
Automutilação na adolescência: sobre um corpo que se faz súplica.....	109
<i>Cintia Lavratti Brandão</i>	
Espiritualidade e psicoterapia.....	111
<i>Aline Ferreira Campos</i>	
Gestalt-terapia e ecopsicologia: psicoterapia das relações ser humano-natureza.....	113
<i>Marco Aurélio Bilibio Carvalho</i>	
Para onde vão as palavras que escuto?: uma perspectiva de campo no atendimento infantil.....	115
<i>Virginia E. Suassuna Martins Costa</i>	
O silêncio e o problema da linguagem em gestalt-terapia: uma exploração em diálogo com Merleau-Ponty.....	118
<i>Eduardo de Sequeira Cremer, Mônica Botelho Alvim</i>	

Da cura ao cuidado: caminhos de acolhimento na prevenção e posvenção dos processos autodestrutivos.....	120
<i>Karina Okajima Fukumitsu</i>	
O sentido ético-político da intervenção gestáltica nas aflições contemporâneas: por uma clínica insubmissa.....	123
<i>Leda Mendes Pinheiro Gimbo</i>	
Experimentos na caixa de areia: possibilidades de intervenção na clínica gestáltica.....	125
<i>Erika Spack Kemmelmeier, Daniela Pupo Barbosa Bianchi, Patricia Barrachina Camps</i>	
Crônicas de um amor confuso: acompanhamento da gestalt-terapia para vínculos de coadição .....	127
<i>Hermann Schreck Malgor, Norma Martinez Gerner</i>	
Soltar as muletas: vínculo e gestalt atitude no acompanhamento de pessoas que usam drogas.....	129
<i>Hermann Schreck Malgor, Norma Martinez Gerner</i>	
A significação dos sintomas psíquicos .....	131
<i>Marisete Malaguth Mendonça</i>	
Psicopatologia biomusical, psicopatologia dos processos e psicopatologia da complexidade: “ambientalidades” entre a Gestalt-terapia, a musicoterapia e as filosofias da imanência para a construção de indicadores estético-poiético-musicais.....	132
<i>Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto</i>	
Passos de superação: a psicoterapia através do movimento com mulheres em situação de violência doméstica .....	134
<i>Isabel Cristina Ribeiro</i>	
Gestalt-ecopsicoterapia .....	136
<i>Jorge Ponciano Ribeiro</i>	
Os neurônios-espelho e a relação terapêutica em gestalt-terapia.....	137
<i>Luciane Patrícia Yano</i>	
Sexualidade e espiritualidade em mulheres praticantes de Tai Chi Chuan: corpo como integração .....	140
<i>Nicole Bacellar Zaneti</i>	

## **RODAS DE DIÁLOGOS**

---

Contribuições gestálticas no processo de luto .....	142
<i>Lillian Argolo Amaral, Milena Vieira da Silva, Ciro de Almeida Sampaio</i>	
Ambientalidade e sustentabilidade na formação do gestalt-terapeuta: os desafios nas práticas de instituições formadoras.....	144
<i>Marina Furtado Mendes de Assis, Mariana Cela, Débora Cristina Guerra de Araújo Vale</i>	

Redes sociais: contato, aproximação e afastamento: formas que permeiam nossas trocas com o mundo .....	146
<i>Patrícia Valle de Albuquerque Lima, Ana Cristina Balieiro Barbosa, Ana Letícia Maia</i>	
Dialogando sobre a psicoterapia breve de base gestáltica como forma de intervenção na área da saúde emocional: fundamentos, atualizações, perspectivas .....	148
<i>Kathlen Nataly Mendes, Erika Spack Kemmelmeier, Ênio Brito Pinto</i>	
A gestalt-terapia como forma de leitura da realidade: diálogos entre o campo da saúde e da educação .....	150
<i>Aline Tonheiro Palmeira, Yasmin Cunha de Oliveira</i>	
Gestalt-terapia e questões raciais: branquitude, lugar de fala e de escuta no diálogo clínico.....	152
<i>Camilla Prado, Eduardo Cremer, Mônica Alvim</i>	
“Me conta tua história?”: a contação de histórias como dispositivo para se pensar a vida e a pesquisa .....	155
<i>Eleonôra Torres Prestelo, Daniela Gomes Reis Sá, Luiza Miranda Mello e Silva</i>	
Tecendo histórias, uma escrita através da luz e sombra: a utilização da fotografia e da ambientalidade como instrumento de intervenção clínica .....	157
<i>Ana Cristina Santana dos Santos</i>	
Ser LGBTTQIA+ no mundo .....	159
<i>Flavia F. Silva, Paulo Barros</i>	
O ser-mulher na contemporaneidade: mulher como “o outro” e o ser-mulher .....	161
<i>Flavia F. Silva, Mônica Alvim</i>	
A gestalt-terapia em parques e praças: expandindo fronteiras do consultório .....	163
<i>Rosana Zanella, Vladya Tatyane Pereira de Lira, Honey Stern</i>	

## TEMAS LIVRES

---

A clínica em gestalt-terapia de orientação breve num serviço-escola de Minas Gerais: interlocuções com o poder judiciário e articulação de redes de apoio.....	165
<i>Larissa Guimarães Martins Abrão, Gabriela Franco de Almeida</i>	
Pelo direito de amar: uma escuta da dor silenciada das experiências afetivas de pessoas que vivem com HIV .....	167
<i>Carla Machado Alegria</i>	
A gestalt-terapia como clínica de situações contemporâneas .....	169
<i>Cheyenne von Arcosy, Beatriz Araujo Sardenberg, Isadora Gimenes Alves Couto, Paulo Antonio de Oliveira Muniz, Eduardo Cremer</i>	
Transtorno do Estresse Pós-Traumático em foco: um olhar gestáltico sobre o adoecimento em decorrência do trauma.....	171
<i>Cheyenne von Arcosy, Mônica Botelho Alvim</i>	

As dimensões gênero, raça e classe no contexto clínico da gestalt-terapia: reflexões preliminares .....	173
<i>Cheyenne Von Arcosy, Isadora Gimenes Alves Couto, Paulo Antonio de Oliveira Muniz, Beatriz Araujo Sardenberg, Flavia F. Silva</i>	
Lugar de mulher é onde ela quiser?: perspectivas de ser mulher trabalhadas a partir do Projeto Adole-ser em Movimento .....	175
<i>Mariana de Lima Braune, Ana Carolina Braga França</i>	
O ritmo e a experiência estética: contribuições da gestalt-terapia e da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty para as práticas da psicologia e da musicoterapia .....	177
<i>Bárbara Penteado Cabral</i>	
Gestalt-terapia e espiritualidade: uma análise sobre a dimensão espiritual do vínculo e da relação terapêutica no processo psicoterápico .....	179
<i>Leônia Maria Santiago Cavalcante</i>	
Gestalt-terapia e contemporaneidade: como fazer uma gestalt atual em um contexto de retrocessos?.....	181
<i>Mariana Cela</i>	
Segredos influenciando contatos: diferenciando segredos que dão suporte ao crescimento daqueles que o limitam .....	183
<i>Adriano Barreto Cysneiros</i>	
Violência sutil e awareness: a importância da emergência de espaços queer na integração do sujeito.....	185
<i>Adriano Barreto Cysneiros</i>	
A abordagem gestáltica e a clínica ampliada no CRAS: um relato de experiência com grupo de mulheres .....	187
<i>Sofia Gláucia Gonçalves Dedini, Rafael Renato Dos Santos</i>	
O corpo e seus sentidos: explorando a sensopercepção através dos cinco sentidos .....	189
<i>Ana Carolina Fernandes , Maria Cristina Reis</i>	
Gênero e saúde mental: um relato de experiência sob a perspectiva fenomenológica .....	191
<i>Débora de Alencar Figueiredo</i>	
Relato de intervenção de um projeto de extensão em acolhimento de grupos minoritários sociais entrando em contato com o machismo, o racismo e as experiências coletivas .....	193
<i>Marcela Fernandes Fulgêncio, Andrea dos Santos Nascimento, Fábio Nogueira Pereira, Maiara da Silva</i>	
A arte como caminho da saúde psíquica: uma análise gestáltica da obra de Frida Kahlo ..	195
<i>Mariana de Castro Gonçalves, Larissa Guimarães Martins Abrão</i>	
Estado da arte de <b>awareness</b> : o conceito e o paradigma da tradução .....	197
<i>Sofia Silva Junqueira, Magna Silvana da Silva Peçanha, Mariana Marques Amorim, Viviam Ajala Pasini</i>	
O fenômeno do encontro/choque entre o Sistema Único de Assistência Social - SUAS e o fazer do psicólogo gestáltico um relato de experiência.....	199
<i>Daniela Kugelmeier</i>	

Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia ...	201
<i>Mariana Correia Lacerda, Lílian Cherulli de Carvalho, Jorge Ponciano Ribeiro</i>	
Gestalt-terapia e a comunicação não-violenta entendendo suas aproximações teórica e vivencialmente .....	203
<i>Karol Maes</i>	
Adole-ser em movimento um passeio pela adolescência através da gestalt-terapia.....	205
<i>Luíza Coelho Mastrangelo, Mariana de Lima Braune, Ana Carolina Braga França</i>	
Projeto de pesquisa e extensão “Palavras em Movimento”: produção de oficina de Slam a partir de uma metodologia gestáltica .....	207
<i>Luíza Coelho Mastrangelo, Youssef Olivier Madlum, Lis Simões da Silva, Jessé Guimarães Silva, Thaís de Freitas Borges Ribeiro de Paiva</i>	
Migração forçada, mulheres e o encontro de alteridades e comunalidades: um relato de experiência.....	209
<i>Elis Moura Marques</i>	
Especificidades do atendimento psicoterápico na abordagem gestáltica em casos de transtorno mental: dependência de substâncias químicas .....	211
<i>Guilherme Nogueira, Celana Cardoso Andrade</i>	
Espirais rítmicas de cuidado: autorregulação orgânica como movimento para a vida .	215
<i>Ludimila Mota Nunes</i>	
Gestalt-terapia: uma experiência entre caminhos e vales, um encontro de super-ação ...	217
<i>Elenrose de Paula Paesante</i>	
O ciclo interrompido das relações abusivas: mecanismos de interrupção de contato na clínica de mulheres na atualidade .....	219
<i>Paula Sampaio Parreiras, Igor Dutra Santos</i>	
Um olhar da gestalt-terapia sobre o sofrimento do profissional de saúde no contexto do transplante de medula óssea.....	221
<i>Paula Sampaio Parreiras</i>	
O processo de tornar-se adulto: contribuições da teoria de campo e do existencialismo .	223
<i>Ludimila Gabriela Corrêa de Paula, Celana Cardoso Andrade, Nadine Botelho Santos, Débora Marques Silva</i>	
Gestalt-pedagogia, ambientalidade e neuroeducação: a formação de professores, contatos vitais e a construção de ambientes de vida .....	226
<i>Ana Carolina Modal Nunes de Castro Peixoto</i>	
Clínica gestáltica da pessoa em depressão: um estudo de caso.....	228
<i>Christine Vieira Pereira</i>	
Gestalt-terapia e psicologia budista: um (re)encontro possível? .....	230
<i>Fábio Nogueira Pereira</i>	
Meu pai que nunca chega: temos nosso próprio tempo .....	232
<i>Lia Pinheiro, Ernane Rodrigues Rijo Borges</i>	

O contato com a natureza move o despertar da consciência: experiências de reconexão na clínica gestáltica .....	234
<i>Ana Paula Cavalcante Pinto, Monica Hava de Jesus, Honey Stern</i>	
A atuação do gestalt-terapeuta no contexto hospitalar: uma proposta reflexão, cuidado e vivência.....	236
<i>Raquel de Sousa Ribeiro</i>	
Desenvolvimento emocional infantil e a importância da família como heterossuporte: um olhar da gestalt-terapia .....	239
<i>Rúbia Janelo da Rocha, Laís Nadai Tavares</i>	
Interlocuções entre o temazkal e a gestalt-terapia: uma tradição nativo-americana de auxílio na awareness da ambientalidade .....	241
<i>Montserrat Gasull Sanglas, Rodrigo Bastos</i>	
Grupo terapêutico afeto & cumplicidade: relato de vivências e experiências de pais de crianças diagnosticadas com TEA na Instituição APAE, Caicó/RN.....	243
<i>Ana Paula de Camara Santos, Lillian Argolo Amaral, Chrystianne Maria Rocha Pontes, Ciro de Almeida Sampaio</i>	
Os passos éticos e estéticos da atenção psicossocial infantojuvenil desafios nos limites da gestalt-terapia em um CAPSI .....	246
<i>Igor Dutra Santos</i>	
A clínica ampliada e a orientação profissional: uma pesquisa fenomenológica com adolescentes .....	248
<i>Nadine Botelho Santos, Ludimila Gabriela Corrêa de Paula, Débora Marques Silva</i>	
A gestalt-terapia e a educação ambiental: um olhar para a transdisciplinaridade .....	250
<i>Roger Asevedo dos Santos, Lilian Vanessa Nicácio Gusmão</i>	
O encontro entre sociedade e natureza pela perspectiva gestáltica .....	252
<i>Beatriz Araujo Sardenberg</i>	
Mulheres em rede: o experienciar do gênero feminino .....	254
<i>Adriana Moraes Schoenacher, Luanna Simas Velloso</i>	
Ser-mulher-no-mundo: um gênero como resistência.....	256
<i>Adriana Moraes Schoenacher, Luanna Simas Velloso</i>	
O processo de adoecimento e a compreensão diagnóstica à luz da gestalt-terapia: um diálogo entre teoria de campo, adoecimento e psicodiagnóstico .....	258
<i>Juliana França e Silva, Mariana Cela</i>	
Escuta e acolhimento de pessoas negras: gestalt-terapia e o enfrentamento do racismo.....	260
<i>Maiara da Silva, Andrea dos Santos Nascimento</i>	
Grupo de estudos práticos e vivenciais em gestalt-terapia como recurso na formação de acadêmicos da Universidade Federal do Acre .....	262
<i>Edgar da Silva Junior, Renato Gomes Leite</i>	

Possibilidades clínicas do plantão psicológico em clínica-escola: a experiência de uma plantonista.....	264
<i>Maria Clara Rabelo Ferreira Silva, Claudia Lins Cardoso</i>	
A vivência do aborto auto induzido: uma pesquisa fenomenológica sob a ótica da gestalt-terapia .....	266
<i>Débora Marques Silva, Celana Cardoso Andrade, Ludimila Gabriela Corrêa de Paula, Nadine Botelho Santos</i>	
O que será que tem nesta mala, hoje?: experiências de contação de histórias com idosas como dispositivo de produção de novas narrativas de vida .....	268
<i>Jessé Guimarães da Silva, Mariana Carvalho Aguiar, Paula Cecília da Anunciação Falcão, Waleska Mattos Martins Fernandes, Cláudia David Moledo</i>	
Performance, corpos, vozes... e o recado foi dado: reflexões entre a gestalt-terapia e a fenomenologia de Merleau-Ponty acerca da prática do slam protagonizada por adolescentes.....	270
<i>Jessé Guimarães da Silva, Mônica Botelho Alvim, Luíza Coelho Mastrangelo</i>	
Contato como forma de resgate da totalidade humana na atuação com dependentes químicos.....	272
<i>Karla Ferreira Sindeaux, Bruna Caricatti Capozzi</i>	
A intervenção com crianças a partir da gestalt-terapia: uma compreensão clínica.....	274
<i>Ivone Azevedo de Souza, Renata Rosa da Cruz, Hebe Cristina Bastos Regis</i>	
O corpo como sede do expressivo: uma proposta de diálogo entre a literatura e a gestalt-terapia .....	276
<i>Renata Balieiro Diniz Teixeira, Maria Madalena Magnabosco</i>	
Descobrimo sentidos de vida e opção profissional: reflexões sobre o papel do projeto de vida na formação profissional e subjetividade do psicólogo.....	278
<i>Ana Emília Terceiro e Teixeira</i>	
O estado da arte da noção de awareness na gestalt-terapia brasileira.....	280
<i>Maria Clara Germano Quintino Conforto Teldeschi, Youssef Olivier Madlum, Simões da Cruz Secco, Maria Eduarda Nicoll Rebeca Ferreira Viana</i>	
Arte e ecologia à luz da gestalt-terapia: criando pontes para sonhar o futuro .....	282
<i>Luciana Costa Teruz</i>	
Depressão infantil: ressignificação do brincar através do uso Depressão infantil: ressignificação do brincar através do uso da sucata.....	284
<i>Débora Cristina Guerra de Araújo Vale</i>	
O estado da arte da noção de corpo na gestalt-terapia brasileira .....	286
<i>Juliana de Moura Veras, Luiza Contreira Pereira Mendes, Rebeca Ferreira Viana</i>	
O estado da arte da noção de presença na gestalt-terapia brasileira .....	288
<i>Rebeca Ferreira Viana</i>	

## WORKSHOPS

---

O clown terapêutico: a vulnerabilidade como acesso às potências .....	290
<i>Rodrigo Bastos, Montserrat Gasull Sanglas</i>	
Manifestações da ansiedade em crianças e adolescentes: um contorno conceitual e uma compreensão de campo .....	292
<i>Cintia Lavratti Brandão</i>	
O planeta na cadeira vazia .....	294
<i>Marco Aurélio Bilibio Carvalho</i>	
Ambientalidade e meditação intersubjetiva .....	296
<i>Jean-Marie Delacroix</i>	
Sentir-se apenas flor ou primavera?: uma reflexão vivencial sobre os desafios e bênçãos na dança parte-todo de co-pertencer e transformar-se.....	298
<i>Adriana Fittipaldi</i>	
A psicossomática: uma visão da saúde .....	300
<i>Silvia Ivancko</i>	
Questões étnicorraciais e saúde mental: mais empatia para a Gestalt-terapia? Reflexões contemporâneas para uma clínica antirracista .....	302
<i>Andrea dos Santos Nascimento, Maiara da Silva</i>	
Musicoterapia, gestalt-terapia e o 'trem da situação': superfícies artístico-estéticas na criação de 'ambientalidades biomusicais' .....	304
<i>Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto</i>	
Práticas meditativas e experienciação: o dedo que aponta a lua? .....	306
<i>Fábio Nogueira Pereira</i>	
Olhar, escuta, contato e ação: um diálogo entre comunicação não violenta e gestalt-terapia .....	308
<i>Bruna Kelly Perillo</i>	
O contato na era do novo Coronavírus: quando a forma mais efetiva de prevenção é o isolamento social.....	310
<i>Maria Cristina Reis</i>	
O mito de organização do mundo no Brasil de 2020 .....	312
<i>Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva, Hugo Elídio Rodrigues</i>	
Ressentimento e servidão: um impedimento ao cuidado? .....	314
<i>Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva, Hugo Elídio Rodrigues</i>	
Vivenciando o aqui-agora: um experimento através de mandalas.....	316
<i>Ana Emília Terceiro e Teixeira</i>	
REFERÊNCIAS DE TODOS OS TRABALHOS .....	318

# ORGANIZAÇÃO

## Comissão organizadora

Adriana Fittipaldi  
Aline Campos  
Ana Carolina Fernandes  
Augusto da Cunha  
Bruna dos Santos  
Celana Andrade  
Fádua Helou  
Gláucia Maria  
Isabela Lima  
Jorge Ponciano Ribeiro  
Laíres Aquino  
Luciana Leite  
Luíza Coelho Mastrangelo  
Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)  
Mônica Alvim  
Nayla Reis  
Nicole Zaneti  
Paulo Antonio de Oliveira Muniz  
Rebeca Viana  
Tatiana Rodrigues

## Convidados externos

Ailton Krenak  
Daniel Iberê  
Daniel Munduruku  
Letícia Carolina Nascimento  
Lia Vainer Schucman  
Lumena Furtado  
Roberto Crema  
Valeska Zanello  
Zélia Amador de Deus

## Comissão científica

Aline Campos  
Celana Andrade  
Fádua Helou  
Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiróz)  
Mônica Botelho Alvim (Coordenadora)

## Comissão avaliadora

Aline Campos  
Angela Schillings  
Beatriz Cardela  
Celana Andrade  
Cintia Lavratti Brandão  
Cláudia Lins  
Eleonora Prestelo  
Enila Chagas  
Ênio Brito Pinto  
Fádua Helou  
Gladys D'Acri  
Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva (Graça Gouvêa)  
Georges D. J. Bloc Boris  
Hugo Elídio Rodrigues  
Karina Okajima Fukumitsu  
Laura Quadros  
Lilian Meyer Frazão  
Marco Aurélio Bilíbio Carvalho  
Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)  
Marisete Malaguth Mendonça  
Mônica Alvim  
Patrícia Albuquerque Lima  
Selma Ciornai  
Sheila Maria da Rocha Anthony  
Sílvia Oliveira de Alencar  
Teresinha Mello da Silveira  
Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa

## Organização dos anais

Aline Campos  
Bruna dos Santos  
Luíza Coelho Mastrangelo  
Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)  
Paulo Antonio de Oliveira Muniz

## Colaboração na organização dos anais

Luciana Leite  
Paula Maria Trabuço



# LOGO OFICIAL



# PROGRAMAÇÃO

## 24/11 - QUARTA-FEIRA

CONFERÊNCIA DE ABERTURA:  
AMBIENTALIDADE, CO-EXISTÊNCIA, SUSTENTABILIDADE - JORGE PONCIANO RIBEIRO

## 25/11 - QUINTA-FEIRA

### APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

TEMA LIVRE 1/15: AMBIENTALIDADE 1					
1	A Gestalt-terapia e a educação ambiental: um olhar para a transdisciplinaridade	Roger Asevedo dos Santos	Lilian Vanessa Nicácio Gusmão		
2	Gestalt-terapia: uma experiência entre caminhos e vales, um encontro de super-ação	Elenrose de Paula Paesante			
3	Gestalt-terapia e contemporaneidade: como fazer uma gestalt atual em um contexto de retrocessos?	Mariana Cela			
4	Gestalt-pedagogia, ambientalidade e neuroeducação: a formação de professores, contatos vitais e a construção de ambientes de vida	Ana Carolina Modal Nunes de Castro Peixoto			

TEMA LIVRE 2/15: ARTE E CLÍNICA 1					
1	O ritmo e a experiência estética: contribuições da gestalt-terapia e da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty para as práticas da psicologia e da musicoterapia	Barbara Penteado Cabral			
2	A arte como caminho da saúde psíquica: uma análise gestáltica da obra de Frida Kahlo	Mariana de Castro Gonçalves	Larissa Guimarães Martins Abrão		
3	Performance, corpos, vozes... e o recado foi dado: reflexões entre a gestalt-terapia e a fenomenologia de Merleau-Ponty acerca da prática do slam protagonizada por adolescentes	Jessé Guimarães da Silva	Mônica Botelho Alvim	Luíza Coelho Mastrangelo	
4	Arte e ecologia à luz da gestalt-terapia: criando pontes para sonhar o futuro	Luciana Costa Teruz			

TEMA LIVRE 3/15: PSICOLOGIA DA SAÚDE					
1	Um olhar da gestalt-terapia sobre o sofrimento do profissional de saúde no contexto de transplante de medula óssea	Paula Sampaio Parreiras			
2	Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia	Mariana Correia Lacerda	Lilian Cherulli de Carvalho	Jorge Ponciano Ribeiro	
3	A atuação do gestalt-terapeuta no contexto hospitalar: uma proposta reflexão, cuidado e vivência	Raquel de Sousa Ribeiro			
4	Pelo direito de amar: uma escuta da dor silenciada das experiências afetivas de pessoas que vivem com HIV	Carla Machado Alegria			

MINICURSO					
1	A doença como metáfora das distorções na autoestima, no autoconceito e na autoimagem: a criança sem autossuporte no mundo	Sheila Maria da Rocha Antony			

MINICURSO					
3	Corpo e criatividade: vivências de interiorização e projeção criativa da paisagem interior como caminho de autoconhecimento, libertação e transformação do mundo	Maria Maura Alves			

MINICURSO					
4	Passos de superação: a psicoterapia através do movimento com mulheres em situação de violência doméstica	Isabel Cristina Ribeiro			

MINICURSO						
5	As reações parentais diante da adolescência dos filhos: implicações clínicas	Luciana Aguiar				

RODA DE DIÁLOGOS						
1	Contribuições gestálticas no processo de luto	Lillian Argolo Amaral	Milena Vieira da Silva	Ciro de Almeida Sampaio		

RODA DE DIÁLOGOS						
2	A gestalt-terapia como forma de leitura da realidade: diálogos entre o campo da saúde e da educação	Aline Tonheiro Palmeira	Yasmin Cunha de Oliveira			

MESA REDONDA 1/12:						
	Desafios de uma gestalt-terapeuta em contextos de clínica ampliada	Celana Cardoso Andrade	Claudia Lins Cardoso	Lika Queiroz		

MESA REDONDA 2/12: GESTALT-TERAPIA, FINITUDE E LUTO						
	O gestalt-terapeuta diante da morte e do luto	Maria Júlia de Oliveira Uchôa Reale				
	Possibilidades da clínica gestáltica no atendimento de crianças enlutadas	Patrícia Barrachina Camps	Daniela Pupo Barbosa Biachi	Ida Kublikowski	Maria Helena Pereira Franco	
	Narrativas sobre a vida e a morte: a gestalt-terapia e o cuidado às pessoas em processo de finitude	Sheila Silva Lima				

#### APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

TEMA LIVRE 4/15: ADOLESCÊNCIA						
1	O processo de tornar-se adulto: contribuições da teoria de campo e do existencialismo	Ludimila Gabriela Corrêa de Paula	Celana Cardoso Andrade	Nadine Botelho Santos	Debora Marques Silva	
2	Meu pai que nunca chega: temos nosso próprio tempo	Lia Pinheiro	Ernane Rodrigues Rijo Borges			
3	Adole-ser em movimento: um passeio pela adolescência através da gestalt-terapia	Luiza Coelho Manstrangelo	Ana Carolina Braga França	Mariana de Lima Braune		
4	A clínica ampliada e a orientação profissional: uma pesquisa fenomenológica com adolescentes	Nadine Botelho Santos	Celana Cardoso Andrade	Debora Marques Silva	Ludimila Gabriela Corrêa de Paula	

TEMA LIVRE 5/15: QUESTÕES CONCEITUAIS						
1	O estado da arte da noção de corpo na Gestalt-terapia brasileira	Juliana de Moura Veras	Luiza Contreira Pereira Mendes	Rebeca Ferreira Viana		
2	O estado da arte da noção de presença na Gestalt-terapia brasileira	Rebeca Ferreira Viana				
3	O estado da arte da noção de awareness: o conceito e o paradigma da tradução	Sofia Silva Junqueira	Mariana Marques Amorim	Viviam Ajala Pasini	Magna Silvana da Silva Peçanha	
4	O estado da arte da noção de awareness na Gestalt-terapia brasileira	Maria Clara Germano Q. Conforto Teldeschi	Maria Eduarda Nicoll Simões da Cruz Secco	Rebeca Ferreira Viana	Youssef Olivier Madlum	

TEMA LIVRE 6/15: CLÍNICA CONTEMPORÂNEA 1						
1	A clínica em gestalt-terapia de orientação breve num serviço-escola de Minas Gerais: interlocuções com o poder judiciário e articulação de redes de apoio	Larissa Guimarães Martins Abrão	Gabriela Franco de Almeida			
2	Possibilidades clínicas do plantão psicológico em clínica-escola: a experiência de uma plantonista	Maria Clara Rabelo Ferreira Silva	Claudia Lins Cardoso			
3	Gestalt-terapia e a comunicação não-violenta: entendendo suas aproximações teórica e vivencialmente	Karol Maes				

MINICURSO						
6	Sexualidade e espiritualidade em mulheres praticantes de Tai Chi Chuan: corpo como integração	Nicole Zaneti				

MINICURSO						
7	Experimentos na caixa de areia: possibilidades de intervenção na clínica gestáltica	Erika Kimmelmeier	Daniela Pupo Barbosa Bianchi	Patricia Barrachina Camps		

MINICURSO						
8	Psicopatologia biomusical, psicopatologia dos processos e psicopatologia da complexidade: 'ambientalidades' entre a gestalt-terapia, a musicoterapia e as filosofias da imanência para a construção de indicadores estético-poético-musicais	Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto				

MINICURSO						
10	Automutilação na adolescência: sobre um corpo que se torna voz	Cintia Lavratti Brandão				

RODA DE DIÁLOGOS						
3	Ser LGBTQIA+ no mundo	Flavia F Silva	Paulo Barros			

RODA DE DIÁLOGOS						
4	Dialogando sobre a psicoterapia breve de base gestáltica como forma de intervenção na área da saúde emocional: fundamentos, atualizações, perspectivas	Kathlen Nataly Mendes	Erika Spack Kimmelmeier			

MESA REDONDA 3/12:						
	Implicações sócio-políticas no fazer do gestalt-terapeuta na clínica ampliada	Laura Cristina de Toledo Quadros	Ticha Albuquerque	Ana Cristina Balieiro Barbosa		

MESA REDONDA 4/12: GESTALT-TERAPIA, MÃES E BEBÊS						
	O cuidado à mulher no puerpério: possibilidades de intervenção na clínica mãe-bebê	Leticia Bruna Pingeot Brodoloni	Patricia Barrachina Camps			
	Ciclo gravídico-puerperal e pré-natal psicológico: o processo de transição para maternidade como um acontecimento do campo organismo-ambiente	Priscila Silva				
	Desenvolvimento humano e as primeiras experiências à luz da Gestalt-terapia	Mariana Pajaro	Andrés Eduardo Aguirre Antúnez			

#### APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

TEMA LIVRE 7/15: VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE						
2	Os passos éticos e estéticos da atenção psicossocial infantojuvenil: desafios nos limites da Gestalt-Terapia em um CAPSi	Igor Dutra Santos				
3	O encontro entre sociedade e natureza pela perspectiva gestáltica	Beatriz Araujo Sandergerb				

TEMA LIVRE 8/15: CONTATO E CUIDADO						
1	Segredos influenciando contatos: diferenciando segredos que dão suporte ao crescimento daqueles que o limitam	Adriano Barreto Cysneiros				
3	Descobrir sentidos de vida e opção profissional: reflexões sobre o papel do projeto de vida na formação profissional e subjetividade do psicólogo	Ana Emília Terceiro e Teixeira				

TEMA LIVRE 9/15: INFÂNCIA E DESENVOLVIMENTO						
1	Desenvolvimento emocional infantil e importância da família como heterosustento: um olhar da Gestalt-terapia	Rúbia Janelo da Rocha	Laís Nadai Tavares			
2	Grupo terapêutico afeto & cumplicidade: relato de vivências e experiências de pais de crianças diagnosticadas com TEA na Instituição APAE, Caicó/RN.	Ana Paula de Camara Santos	Lillian Argolo Amaral	Chrystianne Maria Rocha Pontes		
3	A intervenção com crianças a partir da Gestalt-terapia: uma compreensão clínica	Ivone Azevedo de Souza	Renata Rosa da Cruz	Hebe Cristina Bastos Regis		

<b>MINICURSO</b>						
11	Gestalt-ecopsicoterapia	Jorge Ponciano Ribeiro				
<b>MINICURSO</b>						
12	Para onde vão as palavras que escuto?: uma perspectiva de campo no atendimento infantil	Virgínia E. Suassuana Martins Costa				
<b>MINICURSO</b>						
13	Os neurônios-espelho e a relação terapêutica em gestalt-terapia	Patrícia Yano				
<b>MINICURSO</b>						
14	Do abuso sexual na infância e adolescência às sequelas na clínica do adulto: uma abordagem gestáltica	Carla Alegria				
<b>RODA DE DIÁLOGOS</b>						
5	"Me conta tua história?": a contação de histórias como dispositivo para se pensar a vida e a pesquisa	Eleonôra Prestelo	Daniela Gomes Reis de Sá	Luiza Miranda Mello e Silva	Jhessica da Silva Coelho	Lucas de Castro Silva e Luiza Rochinha de Moraes
<b>RODA DE DIÁLOGOS</b>						
6	Ambientalidade e sustentabilidade na formação do gestalt-terapeuta: os desafios nas práxis de instituições formadoras	Marina Furtado Medes de Assis	Mariana Cela	Débora Cristina Guerra de Araújo Vale		
<b>MESA REDONDA 5/12:</b>						
	Infância na gestalt-terapia: caminhos clínicos	Sheila Maria da Rocha Antony	Luciana Aguiar	Rosana Zanella		
<b>DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS</b>						
<b>DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS 1/8</b>						
	Gestalt-terapia, contato e cuidado de si, do outro e do planeta	Roberto Crema	Fátima Martucelli	Lika Queiroz	Adriana Fittipaldi (mediador)	
<b>DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS 2/8</b>						
	Corpo e arte como expressão e criação de formas de estar e transformar o mundo	Daniel Munduruku	Raimundo Severo	Selma Ciornai	Wilson Luis (mediador)	

## DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS

## DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS 3/8

	Dimensão ético-política da abordagem gestáltica: enfoques e perspectivas	Alexandra Tsallis	Mônica Alvim	Teresinha Mello da Silveira	Leda Gimbo (mediador)
--	--	-------------------	--------------	-----------------------------	-----------------------

## DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS 4/8

	Saúde, sofrimento e adoecimento na perspectiva de campo	Angela Schillings	Karina Fukumitsu	Lumena Furtado	Mariana Cela (mediador)
--	---	-------------------	------------------	----------------	-------------------------

## APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

## TEMA LIVRE 10/15: GÊNERO - MULHERES 2

1	A vivência do aborto auto induzido: uma pesquisa fenomenológica sob a ótica da Gestalt-terapia	Debora Marques Silva	Celana Cardoso Andrade	Ludimila Gabriela Corrêa de Paula	Nadine Botelho Santos	
2	O ciclo interrompido das relações abusivas: mecanismos de interrupção de contato na clínica de mulheres na atualidade	Paula Sampaio Parreiras	Igor Dutra Santos			
3	Ser-mulher-no-mundo: um gênero como resistência	Adriana Moraes Schoenacher	Luanna Simas Velloso			

## TEMA LIVRE 11/15: CLÍNICA CONTEMPORÂNEA 2

1	Escuta e acolhimento de pessoas negras: gestalt-terapia e o enfrentamento do racismo	Maiara da Silva	Andrea dos Santos Nascimento			
2	Relato de intervenção de um projeto de extensão em acolhimento de grupos minoritários sociais: entrando em contato com o machismo, o racismo e as experiências coletivas	Marcela Fernandes Fulgêncio	Andrea dos Santos Nascimento	Maiara da Silva		
3	As dimensões gênero, raça e classe no contexto clínico da Gestalt-terapia: reflexões preliminares	Cheyenne Von Arcosy	Paulo Antônio de Oliveira Muniz	Isadora Gimenes Alves Couto	Beatriz Araujo Sardenberg	Flavia F. Silva
4	Violência sutil e awareness: a importância da emergência de espaços queer na integração do sujeito	Adriano Barreto Cisneyros				

## TEMA LIVRE 12/15: AMBIENTALIDADE 2

1	Interlocuções entre o Temazkal e a gestalt-terapia: uma tradição nativo-americana de auxílio na awareness da ambientalidade	Montserrat Gasuol Sanglas	Rodrigo Bastos			
2	O contato com a natureza move o despertar da consciência: experiências de reconexão na clínica gestáltica	Ana Paula Cavalcante Pinto	Honey Stern	Monica Hava de Jesus		
3	Gestalt-terapia e espiritualidade: uma análise sobre a dimensão espiritual do vínculo e da relação terapêutica no processo psicoterápico	Leônia Maria Santiago Cavalcante				
4	Gestalt-terapia e psicologia budista: um (re)encontro possível?	Fábio Nogueira Pereira				

## WORKSHOP

13	Ambientalidade e meditação intersubjetiva	Jean-Marie Delacroix	Paul de Tarso (Tradução)			
14	Vivenciando o aqui-agora: um experimento através de mandalas	Ana Emília Terceiro e Teixeira				
15	Sentir-se apenas flor ou primavera?: uma reflexão vivencial sobre os desafios e bênçãos na dança parte-todo de co-pertencer e transformar-se	Adriana Fittipaldi				

<b>MINICURSO</b>						
15	Da cura ao cuidado: caminhos de acolhimento na prevenção e posvenção dos processos autodestrutivos	Karina Fukumitsu				
<b>MINICURSO</b>						
16	Gestalt-terapia e ecopsicologia: psicoterapia das relações ser humano-natureza	Marco Aurélio Bilíbio				
<b>MINICURSO</b>						
17	O sentido ético-político da intervenção gestáltica nas aflições contemporâneas: por uma clínica insubmissa	Leda Gimbo				
<b>MINICURSO</b>						
18	Crônicas de um amor confuso: acompanhamento da gestalt-terapia para vínculos de coadição	Hermann Schreck Malgor	Norma Martinez Gerner			
<b>MINICURSO</b>						
19	A significação dos sintomas psíquicos	Marisete Malaguth Mendonça				
<b>RODA DE DIÁLOGOS</b>						
7	O ser-mulher na contemporaneidade: mulher como "o outro" e o ser-mulher	Flavia F. Silva	Mônica Botelho Alvim			
<b>RODA DE DIÁLOGOS</b>						
8	A gestalt-terapia em parques e praças: expandindo fronteiras do consultório	Rosana Zanella	Honey Stern	Vladya Tatyane Perea de Lira		
<b>MESA REDONDA 7/12:</b>						
	Criatividade e comunidade como recursos de resiliência nos tempos atuais	Selma Ciornai	Wilson Luís			
<b>MESA REDONDA 8/12: GESTALT-TERAPIA, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA</b>						
	Possibilidades na prática clínica com adolescentes sob a ótica da gestalt-terapia	Karol Maes				
<b>MESA REDONDA 8/12: GESTALT-TERAPIA, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA</b>						
	A infância no mundo tecnológico contemporâneo: implicações à clínica gestáltica com crianças	Laura Valério Duarte Camisão				
<b>MESA REDONDA 9/12:</b>						
	A busca de autenticidade e o resgate da criança interior: intervenções possíveis em gestalt-terapia: acessando a autenticidade através da arte	Silvia Oliveira de Alencar Fernandes	Leonardo Brandão Delvalle Regis	Mariana Laís Pessoa Geha Zieza		
<b>DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS</b>						
<b>DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS 5/8</b>						
	Gênero e diversidade sexual: em busca do co-pertencimento como fundamento ético-político	Valeska Zanello	Flavia Silva	Letícia Carolina Nascimento	Paulo Barros (mediador)	
<b>DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS 6/8</b>						
	Cuidado e meio ambiente como apelo à sustentabilidade humana	Daniel Iberê	Aline Campos	Marco Aurélio Bilíbio	Patrícia Yano (mediador)	

## DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS

## DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS 7/8

Diversidade étnico-racial: em busca do co-pertencimento como fundamento ético-político da vida	Lia Wainer Schucman	Livia Arrelias		Samanta Santos Fonseca (mediador)
--	---------------------	----------------	--	-----------------------------------

## DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS 8/8

Gestalt-terapia e o ser-mundo	Celana Cardoso Andrade	Fádua Helou	Lilian Meyer Frazão	Mariana Pajaro (mediador)
-------------------------------	------------------------	-------------	---------------------	---------------------------

## INTERVALO DE ALMOÇO

## APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

## TEMA LIVRE 13/15: ARTE E CLÍNICA 2

1	O que será que tem nesta mala, hoje?: experiências de contação de histórias com idosas como dispositivo de produção de novas narrativas de vida	Jessé Guimarães da Silva	Waleska Mattos Martins Fernandes	Paula Cecília da Anunciação Falcão	Mariana Carvalho Aguiar	Cláudia David Moledo
3	Projeto de pesquisa e extensão "Palavras em Movimento": produção de oficina de slam a partir de uma metodologia gestáltica	Luíza Coelho Mastrangelo	Jessé Guimarães Silva	Lis Simões da Silva	Thaís de Freitas Borges Ribeiro de Paiva	Youssef Olivier Madlum

## TEMA LIVRE 14/15: DIAGNÓSTICO E QUADROS PSICOPATOLÓGICOS

1	Clínica gestáltica da pessoa em depressão: um estudo de caso	Christine Vieira Pereira				
2	Transtorno do Estresse Pós-Traumático em foco: um olhar gestáltico sobre o adoecimento em decorrência do trauma	Cheyenne von Arcosy	Mônica Botelho Alvim			
4	Especificidades do atendimento psicoterápico na abordagem gestáltica em casos de transtorno mental: dependência de substâncias químicas	Guilherme Nogueira	Celana Cardoso Andrade			
5	Depressão infantil: ressignificação do brincar através do uso da sucata	Débora Cristina Guerra de Araújo Vale				

## TEMA LIVRE 15/15: GÊNERO - MULHERES 1

1	Migração forçada, mulheres e o encontro de alteridades e comunalidades: um relato de experiência	Elis Moura Marques				
2	A abordagem gestáltica e a clínica ampliada no CRAS: um relato de experiência com grupo de mulheres	Sofia Gláucia Gonçalves Dedini	Rafael Renato dos Santos			
3	Lugar de mulher é onde ela quiser?: perspectivas de ser mulher trabalhadas a partir do Projeto Adole-ser em Movimento	Mariana de Lima Braunne	Ana Carolina Braga França			
4	Gênero e saúde mental: um relato de experiência sob a perspectiva fenomenológica	Débora Alencar Figueiredo				

## WORKSHOP

16	Práticas meditativas e experiência: o dedo que aponta a lua?	Fábio Nogueira Pereira				
17	A psicossomática: uma visão da saúde	Silvia Ivancko				
18	Ressentimento e servidão: um impedimento ao cuidado?	Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva	Hugo Elídio Rodrigues			

## MINICURSO

20	Soltar as muletas: vínculo e gestalt atitude no acompanhamento de pessoas que usam drogas	Hermann Schreck Malgor	Norma Martinez Gerner			
----	---	------------------------	-----------------------	--	--	--

## MINICURSO

21	O silêncio e o problema da linguagem em gestalt-terapia: uma exploração em diálogo com Merleau-Ponty	Eduardo de Sequeira Cremer	Mônica Botelho Alvim			
----	--	----------------------------	----------------------	--	--	--

	<b>MINICURSO</b>					
22	Espiritualidade e psicoterapia	Aline Campos				

	<b>MINICURSO</b>					
23	Ajustamentos autísticos e a clínica em Gestalt-terapia	Tainá Mani Almeida	Priscila Pires Alves	Lis Simões da Silva		

	<b>MINICURSO</b>					
24	Gestalt-terapia e palhaços: os jogos circenses como possibilidade de ampliação de recursos clínicos	Rodrigo Bastos	Montserrat Gasull Sanglas			

	<b>RODA DE DIÁLOGOS 9:</b>					
	Redes sociais: contato, aproximação e afastamento: formas que permeiam nossas trocas com o mundo	Patrícia Valle de Albuquerque Lima	Ana Letícia Maia	Ana Cristina Balieiro Barbosa		

	<b>MESA REDONDA 10/12:</b>					
	O manejo da ansiedade na clínica gestáltica infanto juvenil	Cintia Lavratti Brandão	Samia Gomes	Alexandra Borges		

	<b>MESA REDONDA 11/12:</b>					
	O foco na relação entre pais e filhos na atualidade: uma perspectiva de campo	Virgínia E. Suassuana Martins Costa	Myriam Bove Fernandes	Diter Oliveira Borges		

	<b>MESA REDONDA 12/12:</b>					
	Acolhimento psicológico e abordagem gestáltica: potências e desafios na experiência pandêmica	Laura Quadros	Eleonôra Prestrelo	Luciana Cavanellas		

**28/11 - DOMINGO**

**CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO - TAKRUKRAK E NÓS - AILTON KRENAK**

**FECHAMENTO DO CONGRESSO, AVALIAÇÃO E ESCOLHA DO LOCAL DO PRÓXIMO CONGRESSO**

# DIÁLOGOS TEMÁTICOS CONTEMPORÂNEOS

## Conferência de Abertura: Ambientalidade, co-existência, sustentabilidade

*Jorge Ponciano Ribeiro*

Graduado em Filosofia e em Teologia, doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma/Itália, Professor Titular Emérito da Universidade de Brasília/DF e da Universidade Estadual de Montes Claros/MG. Dois Pós-doutorados na Inglaterra. Psicólogo Clínico e Gestalt-terapeuta. Autor de 12 livros e de vários artigos e capítulos de livros publicados no Brasil e no exterior. Fundador e Presidente do Instituto de Gestalt-terapia de Brasília/DF. Charter Member do The International Gestalt-Therapy Association.

# Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 1: Gestalt-terapia, contato e cuidado de si, do outro e do planeta

*Fátima Martucelli, Lika Queiroz, Roberto Crema*

**Mediação:** Adriana Fittipaldi

**Fátima Martucelli** - Psicóloga Clínica e supervisora. Gestalt-terapeuta, Formação em Cinesiologia pelo Instituto Sedes Sapientiae. Formação em Psicologia Transpessoal pela Uniluz. Formação de focalizadora em doenças circulares pelo Instituto Dedo Verde. Mestre em Psicologia clínica pela PUC-SP, professora de pós-graduação do Instituto Sedes Sapientiae, Universidade Cruzeiro do Sul e Universidade de São Caetano do Sul.

**Lika Queiroz** - Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz), CRP 03/824. mestre em Psicologia Social (UFAL). Professora e supervisora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Fundadora e diretora do Instituto de Gestalt-terapia da Bahia. Vice-presidente da Associação Brasileira de Gestalt-terapia. Criadora da metodologia Reconfiguração de Campo Familiar e da teoria em Gestalt-terapia sobre o recurso da Caixa de Areia. Membro do corpo docente de cursos de formação em Gestalt-terapia em vários estados do Brasil. Capítulos publicados em vários livros sobre Gestalt-terapia.

**Roberto Crema** - Psicólogo, Antropólogo e Mestre em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade de Paris. Formação em diversas escolas humanísticas e transpessoais, criador do enfoque do Cuidado Integral - uma Ecologia do Ser, na perspectiva de uma quinta força de terapia. Coordenador geral do I Congresso Holístico Internacional (1987), que impulsionou a criação da Universidade Internacional da Paz - UNIPAZ. Introdutor, no Brasil, da Formação Holística de Base, fundamentada na abordagem transdisciplinar (1989) e do Colégio Internacional dos Terapeutas (19992), que coordenou durante vinte anos. Membro honorário da Associação Luso Brasileira de Transpessoal - ALUBRAT, Fellowship da Findhorn Foundation (Escócia). Reitor da UNIPAZ.

## Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 2: Corpo e arte como expressão e criação de formas de estar e transformar o mundo

*Daniel Munduruku, Raimundo Severo Jr., Selma Ciornai*

**Mediação:** Wilson Luis

**Daniel Munduruku** - Escritor e professor paraense, pertencente ao povo indígena Munduruku. Autor de 54 livros publicados por diversas editoras no Brasil e no exterior, a maioria classificados como literatura infanto-juvenil e paradidáticos. É Graduado em Filosofia, História e Psicologia. Tem Mestrado e Doutorado em Educação pela USP - Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Já recebeu vários prêmios nacionais e internacionais por sua obra literária: Prêmio Jabuti CBL - Câmara Brasileira do Livro, Prêmio da Academia Brasileira de Letras - ABL, Prêmio Érico Vanucci Mendes - CNPq, Prêmio Madanjeet Singh para a Promoção de Tolerância e Não Violência - UNESCO, Prêmio da Fundação Bunge pelo conjunto de sua obra e atuação cultural, em 2018, entre outros. Muitos de seus livros receberam selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ. Ativista engajado no Movimento Indígena Brasileiro, reside em Lorena, interior de São Paulo, desde 1987. Cidade onde é Diretor-Presidente da ONG e selo editorial Instituto Uka - Casa dos Saberes Ancestrais, também é membro-fundador da Academia de Letras de Lorena. Atualmente Daniel administra uma livraria online especializada em livros de autores indígenas e promove há 17 anos o Encontro de Escritores e Artistas indígenas no Rio de Janeiro, em parceria com a FNLIJ.

**Raimundo Severo Jr.** - Médico psiquiatra (UFC); Mestre em Saúde Pública (UECE); Psicoterapeuta com formação em Gestalt-terapia; formado pela Escola Pública de Dança da Vila das Artes no curso de extensão Dança e Pensamento (Secultfor/UFC); formação em Educação Somática. Atua na área da psiquiatria clínica, da psicoterapia, da atenção psicossocial, das políticas de saúde mental e sua relação com a atenção básica, desenvolvendo trabalhos na interface entre arte, corpo, cultura e subjetivação.

**Selma Ciornai** - Gestalt-terapeuta pelo "San Francisco Gestalt Institute", Doutora em Psicologia Clínica, Mestre em Arteterapia. Docente dos cursos de formação em SP, várias cidades no Brasil e Países da América Latina. Autora de livros e textos sobre Arteterapia Gestáltica e Gestalt-terapia. Psicoterapeuta e supervisora há mais de 30 anos.

# Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 3: Dimensão ético-política da abordagem gestáltica: enfoques e perspectivas

*Alexandra Tsallis, Mônica Alvim, Teresinha Mello da Silveira*

**Mediação:** Leda Gimbo

**Alexandra Tsallis** - Gestalt-terapeuta. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e do Programa de Pós-graduação em Controladoria e Gestão Pública da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Psicologia Social pela UERJ em associação com a École de Mines/Paris. Coordenadora do Laboratório afeTAR/UERJ.

**Mônica Alvim** - Gestalt-terapeuta, docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ. Doutorado em Psicologia (UnB) e Pós-doutorado em Filosofia (Paris 1 Panthéon-Sorbonne). Pesquisa temas relacionados à teoria e método da Gestalt-terapia em contexto psicoterápico e em comunidades, em diálogo com as perspectivas decoloniais, fenomenologia e arte contemporânea. Atua como docente em diversos cursos de formação em Gestalt-terapia no Brasil e em supervisão, além da extensão universitária com crianças e jovens de favelas cariocas. Autora de diversos livros e artigos publicados no Brasil e no exterior. Atual Presidente da Associação Brasileira de Gestalt-terapia - ABG.

**Teresinha Mello da Silveira** - Doutora em Psicologia clínica. Especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar. Coordenadora de curso de Pós-graduação na Abordagem Gestáltica. Organizadora do I Encontro Nacional de Gestalt-terapia. Membro da comissão de ética da Associação Brasileira de Gestalt. Membro associado da Associação Brasileira de Terapia de Família. Autora de livros e artigos científicos na Abordagem Gestáltica.

# Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 4: Saúde, sofrimento e adoecimento na perspectiva de campo

*Angela Schillings, Karina Fukumitsu, Lumena Furtado*

**Mediação:** Mariana Cela

**Angela Schillings** - Psicóloga e Gestalt-terapeuta há mais de 35 anos; mestre em Psicologia; professora do departamento de Psicologia da UFSC há 38 anos; fundadora e diretora da Comunidade Gestáltica - Clínica e Escola de Psicoterapia, em Florianópolis, SC; formadora de Gestalt-terapeutas desde 1989.

**Karina Fukumitsu** - Psicóloga, Gestalt-terapeuta, psicopedagoga e palestrante. Pós-doutorado e Doutorado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia - USP. Mestre em Psicologia Clínica pela Michigan School of Professional Psychology - EUA. Coordenadora de Pós-graduação em Suicidologia: Prevenção e Pósvenção, Processos Autodestrutivos e Luto, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Coordenadora do Programa RAISE: Ressignificações e Acolhimento Integrativos de Sofrimento Existencial. Coordenadora, em parceria, da Pós-graduação em Abordagem Clínica e Institucional em Gestalt-terapia da Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). Membro-efetivo do Departamento de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae. Administradora do grupo do Facebook "Suicídio: Prevenção e Pósvenção no Brasil" e das páginas "Enlutamento por suicídio no Brasil" e "Suicídio: Prevenção e Pósvenção no Brasil". Autora dos livros: Programa RAISE: Gerenciamento de crises, prevenção e pósvenção do suicídio em escolas (Phorte Ed); Suicide and Bereavement (Ed); Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções (Summus); A vida não é do jeito que a gente quer; Suicídio e luto: histórias de filhos sobreviventes; Suicídio e Gestalt-terapia; Perdas no desenvolvimento humano: um estudo fenomenológico (todos pela Digital Publish & Print). Coautora da Coleção Adolescer sem adoecer: conversas entre uma psicóloga e um padre (Ed Loyola). Organizadora do livro Vida, morte e luto: atualidades brasileiras (Summus). Organizadora, em parceria, da coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas (Summus). Coeditora da Revista de Gestalt do departamento de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae.

**Lumena Furtado** - Psicóloga, mestre pela FSP/USP e doutora em Ciências pela UFRJ, Sec. Adj. Saúde em São Bernardo do Campo 2009 a 2012; Secretária de Saúde de Mauá em 2013 e Secretária Nacional de Saúde/MS em 2015. Docente da Escola Paulista de Medicina/Unifesp, coordenadora do Laboratório de Saúde Coletiva/LASCOL e membro do Instituto Silvia Lane.

# Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 5: Gênero e diversidade sexual: em busca do co-pertencimento como fundamento ético-político

*Flavia Silva, Letícia Carolina Nascimento, Valeska Zanello*

**Mediação:** Paulo Barros

**Flavia Silva** - Gestalt-terapeuta, doutoranda em Psicologia (UFRJ), mestre em Psicologia (UFRJ), especializada em sexualidade com ênfase em gênero, pesquisa papéis de gênero e mulheridade. É autora de artigos e capítulos de livro no campo de estudos de gênero.

**Letícia Carolina Nascimento** - Mulher travesti, negra, gorda, nordestina e de Axé. Autora do livro "Transfeminismo" na coleção "Feminismos plurais" com coordenação de Djamila Ribeiro. Professora da UFPI e doutoranda em Educação (UFPI). Ativista do Acolhe Trans e FONATRANS.

**Valeska Zanello** - Psicóloga e filósofa, Doutora em Psicologia pela UnB, com sanduíche no Instituto de Filosofia da UCL/Bélgica. Professora do departamento de Psicologia Clínica/UnB. Coordenadora do grupo "Saúde Mental e gênero" (CNPq).

# Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 6: Cuidado e meio ambiente como apelo à sustentabilidade humana

*Aline Campos, Daniel Iberê, Marco Aurélio Bilibio*

**Mediação:** Luciane Patrícia Yano

**Aline Campos** - Doutora em psicologia clínica (Universidade de Brasília), mestre em psicologia (West Chester University - Estados Unidos) e graduada em psicologia (Universidade Federal da Bahia). Formação em Gestalt-terapia pelo Instituto Metanoia, Londres, Inglaterra. Co-fundadora do Instituto de Gestalt-terapia da Bahia, professora dos cursos de pós-graduação do Instituto de Gestalt-terapia da Bahia e de Brasília. Professora universitária (Instituto de Ensino Superior de Brasília), psicóloga da Academia de Polícia Militar de Brasília. Psicoterapeuta e supervisora clínica.

**Daniel Iberê** - Indígena do povo M'byá Guarani, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília - UNB. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre - UFAC, com habilitação em Ciência Política. Para a Fundação Getúlio Vargas - FGV atua como Líder de Projetos na formação de professores indígenas no estado da Bahia. Atua na área de Sociologia Política e Pensamento Social, com pesquisas sobre: Estado, Poder, Identidades, redes e movimentos sociais, populações tradicionais, migração e territorialidade no contexto do Regionalismo Aberto. Foi conselheiro do Conselho Municipal de Políticas Culturais - CMPC, de Rio Branco-AC (2009-2016), membro da Câmara Temática de Comunidades Tradicionais/Culturas Indígenas. Além disso, é Conselheiro do Conselho Indígena do Distrito Federal.

**Marco Aurélio Bilibio** - Gestalt-terapeuta desde 1986. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura e Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Unb, com tese sobre Psicologia Clínica e Sustentabilidade. Docente do IGTB (DF) e da Comunidade Gestáltica. Presidente da Sociedade Internacional de Ecopsicologia e diretor do Instituto Brasileiro de Ecopsicologia.

# Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 7: Diversidade étnico-racial: em busca do co-pertencimento como fundamento ético-político da vida

*Lia Wainer Schucman, Livia Arrelias*

**Mediação:** Samanta Santos Fonseca

**Lia Wainer Schucman** - Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo com estágio de Doutorado no Centro de Novos Estudos Raciais pela Universidade da Califórnia. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora de Psicologia e Relações étnico-raciais. Autora dos livros “Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo” (Veneta 2020) e Famílias Interraciais: tensões entre cor e amor (EDUFBA, 2018).

**Livia Arrelias** - Mulher eis preta da Amazônia, mãe ekedy, mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento - UFPA, Gestalt-terapeuta, docente substituta em Psicologia - UFRJ. Trabalha em consultório online, com atendimento e supervisão clínica. Docente em formação e pós-formação em GT. Atual Vice-presidente da Associação Brasileira de Gestalt-terapia - ABG.

# Diálogos Temáticos Contemporâneos nº 8: Gestalt-terapia e o ser-mundo

*Celana Cardoso Andrade, Fádua Helou, Lilian Meyer Frazão*

**Mediação:** Mariana Pajaro

**Celana Cardoso Andrade** - Psicóloga, doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Goiás (UCG), especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT), Professora na Universidade Federal de Goiás (UFG) - departamento de Psicologia, editora associada da Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies (RAG), membro fundadora e membro da atual diretoria as associações: Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica (ABG) e da Associação Brasileira de Psicologia.

**Fádua Helou** - Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília, UnB (2013). Especialização em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia - CFP. Especialização em Gestalt-terapia; Especialização em Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento - UnB (1983). Graduação em Psicologia e Licenciatura em Psicologia pela Universidade de Brasília (1979). É Gestalt terapeuta e atua na clínica psicoterápica. Didata e supervisora em Gestalt-terapia. Professora e Supervisora no Curso de Psicologia no Uniceub - Centro Universitário de Brasília. Autora do livro: Frederick Perls, vida e obra: em busca da Gestalt-terapia, Summus, 2015. Membro da atual Diretoria Técnico-científica da Associação Brasileira de Gestalt-terapia -ABG.

**Lilian Meyer Frazão** - Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde foi professora por 42 anos. Uma das pioneiras da Gestalt-Terapia no Brasil há mais de 46 anos. Criadora e atual colaboradora do primeiro curso de formação em Gestalt-terapia no Brasil no Instituto Sedes Sapientiae, coordenadora do Setor de Projetos. Colaboradora em treinamentos de Gestalt-Terapeutas no Brasil e no exterior. Sócia fundadora e ex-membro da diretoria da International Gestalt Therapy Association (IGTA), fundadora da Associação Brasileira de Psicoterapia (ABRAP), do Espaço Therese Tellegen, do Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo e da Associação Brasileira de Gestalt. Organizadora juntamente com Karina Fukumitsu dos seis volumes da coleção "Gestalt-terapia: fundamentos e práticas", Summus Editorial, Autora de artigos em revistas brasileiras e consultora editorial para a tradução e publicação de livros em Gestalt-terapia. Membro da comissão editorial de diversas revistas brasileiras. Atual Diretora Técnico-científica da Associação Brasileira de Gestalt-terapia - ABG.

# Conferência de encerramento: Takrukra e nós

*Ailton Krenak*

**Mediação:** Jorge Ponciano Ribeiro, Mônica Alvim

**Ailton Krenak** - Líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia indígena Krenak. Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República e Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais. Em 2020 recebeu o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, oferecido pela União Brasileira de Escritores. Autor de vários livros, entre eles "Ideias para adiar o fim do mundo", uma das obras mais vendidas nas livrarias brasileiras, com versões lançadas em inglês, francês e alemão. Tendo participado da Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição Brasileira de 1988, é considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional.

## Desafios de uma gestalt-terapeuta em contextos de clínica ampliada

*Celana Cardoso Andrade, Lika Queiroz, Claudia Cardoso*

### **Resumo**

Essa mesa se propõe a discutir os desafios vivenciados por três Gestalt-terapeutas em contextos diversos da clínica ampliada. A clínica ampliada nos convida a sairmos das quatro paredes do consultório para uma clínica psicossocial; a ampliarmos o escopo do nosso olhar e de nossas intervenções da psicoterapia para a ação terapêutica, onde o objetivo é o desenvolvimento da awareness e a melhora das condições de vida. Serão apresentados dois modelos de trabalhos com grupo, as Oficinas realizadas com mulheres de uma comunidade quilombola, e as Rodas de Conversas com trabalhadores e gestores da atenção básica e da atenção primária em saúde, discutindo-se a sua aplicação, potência e resultados. Será também apresentada a pesquisa realizada sobre o Aconselhamento Psicológico Online (PAPO), que teve como um dos seus objetivos analisar as demandas psicológicas apresentadas pela comunidade universitária da UFMG atendida pelo APO a partir dos relatórios produzidos pelos alunos-plantonistas após a sessão virtual.

# O trabalho de grupo vivido em uma comunidade quilombola: potência e limitações

*Celana Cardoso Andrade<sup>1</sup>*

## Resumo

O trabalho com grupo tornou-se uma realidade para além dos consultórios particulares dos psicólogos. Sobretudo na clínica ampliada, o trabalho com grupo passa a ser imprescindível. Não apenas pelo número de pessoas que pode-se atender ao mesmo tempo, mas, sobretudo, pela força que tem o trabalho grupal. Seus benefícios são visíveis, tanto a nível intrapessoal quanto relacional. A eficácia desse tipo de trabalho incide no fato do grupo maximizar a potência de cada indivíduo e da comunidade como um todo em diferentes cenários. O objetivo dessa exposição é apresentar uma parte do trabalho de grupo que aconteceu em uma comunidade quilombola, tentando elucidar como chegamos às propostas de grupo a serem trabalhadas, o trabalho de grupo em si e o como as participantes do grupo o avaliaram. A fim de ilustrar o trabalho de grupo em uma comunidade serão apresentados dois grupos que envolveram as mulheres das comunidades. A primeira oficina recebeu o nome de “Autoimagem”. Foi desenvolvida com objetivo de valorizar e fortalecer a identidade negra e quilombola. Nesta oficina tiveram a oportunidade de compartilharem o que é ser mulher naquela comunidade e de como elas não têm tempo para olharem para questões pessoais. Neste diálogo houve muitas identificações e aproximações umas das outras. O segundo trabalho com as mulheres foi uma oficina de “Crochê” que tinha como objetivos cooperação entre elas, geração de renda e, fortalecimento do grupo e lazer. Criou-se uma rede de contato e acredito que as interações pessoais foram fortalecidas. Observou-se que o grupo é um ambiente psicossocial potente que afeta profundamente os sentimentos, atitudes e os comportamentos das pessoas em tal sistema, e, convergentemente, é profundamente afetado pelos sentimentos, atitudes e os comportamentos do indivíduo, neste sistema. Enfim, notou-se uma ressignificação de temáticas individuais e da comunidade na medida em que eram confirmadas em um contexto grupal. Por outro lado, vivenciamos o grande desafio de promover algo relevante em um curto espaço de tempo e da baixa adesão inicial das participantes.

**Palavras-chave:** Clínica ampliada. Comunidade quilombola. Força grupal. Grupo intervenção psicossocial.

---

1 Psicóloga, doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Goiás (UCG), especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT), Professora na Universidade Federal de Goiás (UFG) - departamento de Psicologia, editora associada da Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies (RAG), membro fundadora e membro da atual diretoria as associações: Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica (ABG) e da Associação Brasileira de Psicologia.

# Rodas de conversa: um espaço de saúde em tempos de pandemia

*Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)<sup>2</sup>*

## Resumo

O presente trabalho se propõe a apresentar, a partir do referencial teórico da Gestalt-terapia, como as Rodas de Conversa foram desenvolvidas, seus desafios e resultados. A Roda de Conversa foi uma atividade desenvolvida como parte do “Programa Emergencial de Extensão Pensar junto, Fazer com: atenção à saúde mental em tempo de covid-19”, programa este criado, por um grupo de docentes do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, com a finalidade ofertar apoio técnico-científico aos/às trabalhadores/as e gestores/as de saúde para identificação e análise de estratégias de cuidado em saúde mental, considerando o sofrimento psíquico decorrente das situações concretas de existência, profundamente agravadas pelas crises sanitária e econômica da pandemia da COVID-19. Reunindo virtualmente trabalhadores/as, gestores/as da atenção básica e atenção primária à saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador e algumas outras instituições parceiras, que estão na linha de frente no enfrentamento da pandemia COVID-19, foram realizadas sete Rodas de Conversa no período de abril a junho de 2020. Cada Roda de Conversa contou com um/uma convidado/da, trazendo reflexões e questões disparadoras sobre o tema do dia, como uma forma de incentivar os relatos e partilhas dos participantes. Por funcionar na modalidade de grupo aberto, não existia um compromisso de frequência, portanto não sabíamos a priori quantas pessoas estariam presentes, cada encontro tinha início, meio e fim em si mesmo. O fato das Rodas terem acontecido virtualmente no horário de trabalho, e de termos conseguido que os trabalhadores pudessem ser liberados das suas atividades para participarem, sempre tivemos um número grande de participantes e, garantir o espaço de fala para todos/as, espaço este que era incentivado, se constituiu, no início, como um desafio. Partindo do pressuposto que o grupo que era uma gestalt, como coloca Ribeiro (1994) tudo o que ocorresse no grupo poderia ser visto como pertencente ao grupo como um todo, a fala de cada um que se expressava era representativa do coletivo grupal, gerando ressonância no campo do grupo. Como os participantes das Rodas eram todos/as trabalhadores/as da atenção psicossocial, o campo geográfico já estava formado pelo campo de trabalho comum. A facilitação do grupo envolveu, portanto, o cuidado com o

---

2 CRP 03/824. Mestre em Psicologia Social (UFAL). Professora e supervisora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Fundadora e diretora do Instituto de Gestalt-terapia da Bahia. Vice-presidente da Associação Brasileira de Gestalt-terapia. Criadora da metodologia Reconfiguração do Campo Familiar e da teoria em Gestalt-terapia sobre o recurso da Caixa de Areia. Membro do corpo docente de cursos de formação em Gestalt-terapia em vários estados do Brasil. Capítulos publicados em vários livros sobre Gestalt-terapia.

campo psicológico, se criar um campo de acolhimento e segurança para o compartilhar das emoções, dificuldades, incertezas, desafios, assim como os ajustamentos criativos e criadores encontrados para lidar com as condições existentes nas instituições onde estavam atuando, fossem iniciativas individuais, em equipe ou territoriais. Embora não sendo uma proposta de terapia de grupo, as Rodas se propuseram a ser um espaço de promoção de saúde, tendo como fundo dois eixos de cuidado: a saúde do/da cuidador/a, e saúde do/da usuário/a. Nessa perspectiva foram compartilhados relatos sobre o risco de infecções ocupacional, familiar e profissional-usuário/a por COVID-19, considerando demandas específicas das condições singulares de saúde de grupos de trabalhadores/as, e relatos sobre o desafio de assistir os/as usuários/as na pandemia de COVID-19 e manter os princípios ético-assistenciais antimanicomiais, da clínica ampliada e compartilhada articulada desde a atenção primária à saúde, passando pelos níveis especializados e intersetoriais.

**Palavras-chave:** Atenção psicossocial. Gestalt-terapia. Grupo aberto. Rodas de conversa.

## REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Getalt-terapia o processo grupal**. São Paulo: Summus, 1994.

# A Pesquisa do Aconselhamento Psicológico Online (PAPO) em uma comunidade universitária em tempos de pandemia: uma compreensão gestáltica

*Claudia Lins Cardoso*<sup>3</sup>

## **Resumo**

O serviço de Aconselhamento Psicológico Online (APO) foi uma adaptação do projeto de extensão Plantão Psicológico no SPA, oferecido no Departamento de Psicologia da FAFICH/UFMG. A Pesquisa do Aconselhamento Psicológico Online (PAPO) teve como um dos seus objetivos analisar as demandas psicológicas apresentadas pela comunidade universitária da UFMG atendida pelo APO a partir dos relatórios produzidos pelos alunos-plantonistas após a sessão virtual. O APO propunha atendimentos pré-agendados pautados nas abordagens da Gestalt-terapia e da Análise Existencial, realizados por graduandos e pós-graduandos de Psicologia e supervisionados por dois professores. O presente trabalho visa apresentar a compreensão fenomenológico-gestáltica das unidades vivenciais identificadas no atendimento daqueles que foram atendidos pelo APO, segundo a percepção dos plantonistas, registrada nos relatórios pós-atendimento. A partir da análise destes, foi realizada uma pesquisa qualitativa fenomenológica, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, na qual buscou-se reconhecer, tematizar e compreender, à luz da abordagem gestáltica, as queixas e vivências captadas nesses registros. Estas foram agrupadas pelos pesquisadores em categorias relativas a sofrimentos existenciais diversos. De acordo com a compreensão gestáltica dos resultados, foram reconhecidos sofrimentos existenciais com vários sentidos, em especial: ansiedade; preocupação com futuro; experiências traumáticas; planos interrompidos; falta de tempo para si; frustração com o projeto de intercâmbio; preocupação com familiares; cobrança por produtividade acadêmica; culpa; desânimo; desespero; stress; medo da morte; insônia; tristeza; pensamentos autodepreciativos; sensação de aprisionamento; preocupação com familiares; problemas conjugais; dificuldade com relacionamentos amorosos, familiares, interpessoais; e término de relacionamentos. Tais vivências revelaram alterações/renovações das relações das pessoas com a espacialidade, temporalidade, consigo mesmas, com o outro e com o mundo, experienciadas como ausência de suporte. Os resultados apontaram também que o encontro com esse novo contexto ameaçador e suas consequências (perda de pessoas queridas, a interrupção e/ou reorganização de projetos de vida, isolamento

---

3 Doutora em Psicologia Clínica; Mestre em Psicologia Social; Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG; coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da UFMG; Gestalt-terapeuta.

social, dentre outros) acarretou inúmeras mudanças no campo, vivenciadas com intenso sofrimento, restrição das fronteiras de contato interpessoal e vulnerabilidade existencial, desencadeando crises de diversas naturezas, que apontaram para a necessidade de novos ajustamentos criativos da pessoa no seu mundo próprio.

**Palavras-chave:** Aconselhamento psicológico. Gestalt-terapia. Pesquisa fenomenológica. Pandemia por Coronavírus.

# Infância na gestalt-terapia: caminhos clínicos

Sheila Maria da Rocha Antony<sup>4</sup>, Luciana Aguiar<sup>5</sup>, Rosana Zanella<sup>6</sup>

## Resumo

O objetivo é apresentar propostas no atendimento à criança em sofrimento que cria bloqueios do contato com o corpo e seus sentidos, com as emoções temidas e o cognitivo (pensamentos negativos fixados). O foco terapêutico é a *awareness*, dar consciência do que faz, como faz e para que faz, de tal maneira que compreenda o significado de seus sintomas e distúrbios. O primeiro tópico diz respeito à criança adoecida com baixa autoestima que constrói falsas crenças sobre si, fruto de experiências negativas introjetadas. O segundo trata da experiência sensorial na clínica. É abordada a importância da exploração dos sentidos para reconectar a criança as suas sensações devido à hiperestimulação dos estímulos artificiais (parafernália eletrônica e uso contínuo e sem limites de uma diversidade de telas) que a dessensibiliza e distancia das pessoas, mantendo-a em isolamento e restringindo suas experiências corporais e pessoais no mundo. O terceiro refere-se à terapia de grupo, sendo apresentadas estratégias de condução de grupo junto com as fases do processo grupal e os objetivos para promover a comunicação autêntica, o contato íntimo, o fortalecimento da identidade por meio da *awareness dos limites*, potencial, diferenças e capacidade de suporte de cada um.

## A criança adoecida: a voz dos sintomas

Para se compreender um comportamento, uma personalidade ou um distúrbio psicológico, é essencial considerar o contexto familiar e o campo experiencial (meio social, cultural, escolar do indivíduo), que envolve o ser em situação e as diversas relações entre o eu-outro-mundo. Criança feliz é criança criativa, ativa, aventureira, espontânea. Criança oprimida, ofendida, reprimida, proibida de explorar o ambiente, expressar seu excitamento espontâneo e momentâneo, transforma excitação em ansiedade, o que indica uma necessidade primordial não satisfeita no presente. A ansiedade é o cerne de

---

4 Mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Membro fundador e docente do Instituto de Gestalt Terapia de Brasília. Organizadora do livro "A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento". Autora dos livros "Cuidando de crianças: teoria e arte em Gestalt-Terapia" e "Criança hiperativa & Gestalt-Terapia: seu modo de sentir, pensar e agir". Autora de diversos artigos científicos.

5 Mestre em Psicologia pela UFRJ. Especialista em Psicologia Clínica – CFP. Gestalt-Terapeuta – Vita Clínica. Fundadora e Coordenadora do Dialógico Núcleo de Gestalt-Terapia – RJ. Autora do livro Gestalt-Terapia com crianças: teoria e prática.

6 Mestre em Psicologia da Saúde-UMESP. Coordenadora do curso A Clínica Gestáltica Infanto-Juvenil do Instituto Sedes Sapientiae. Professora e supervisora das Faculdades Metropolitanas Unidas. Coordenadora adjunta da Especialização em Psicologia Clínica Gestalt - Abordagem Clínica e Institucional da Universidade Cruzeiro do Sul. Organizadora do livro A Clínica Gestáltica com Adolescentes. Coordenadora do Programa Psico no Chico – Acolhimento e Escuta Psicológica em São Caetano do Sul.

toda psicopatologia. Cada psicopatologia tem um conteúdo ansioso específico, um núcleo específico de conflito, defesas específicas e uma personalidade singular que lhe dá uma dinâmica própria e única. A criança adoecida constrói pensamentos desagradáveis sobre si que abalam a autoconfiança, a autoestima, o autossuporte. Onde há insegurança, há um eu reprimido, uma autoestima pobre que impede o crescimento emocional saudável e promove um desenvolvimento deformado do eu, repleto de defesas psicológicas contra um ambiente invasivo e incompreensivo. Os processos defensivos e os sintomas se formam quando a criança visa atender a necessidade principal dos pais, lançando a sua para o fundo e passando a ser guiada pela necessidade secundária (de agradar, não magoar, não ser reprovada, não ser rejeitada), o que produzirá ansiedade por agir contrário aos impulsos naturais de sua personalidade organísmica (ANTONY, 2009). O eu insatisfeito fará tudo para aliviar a ansiedade, realizando ajustamentos defensivos para tentar restaurar a boa convivência familiar. O sintoma é uma metáfora de um doloroso sofrimento psíquico, mascara o drama real vivido. Por trás de todo sintoma há um conflito relacional e interno coberto de ansiedade que clama por ser compreendida. A formação da boa autoestima passa pelas experiências vividas na infância que transmitem respeito, amor e confiabilidade. A baixa autoestima resulta de pensamentos tóxicos sobre si, que são internalizados a partir de experiências negativas introjetadas e influenciam na construção de uma representação mental do eu repleta de conceitos depreciativos. As críticas dos pais, os “deverias”, as ações violentas acompanhadas de palavras ferinas são as sementes da formação da baixa autoestima e do autoconceito negativo. Quem tem pouca estima por si, tem pensamentos depreciadores sobre si, o que funda um fraco autossuporte (capacidade de ser seu próprio apoio para sustentar a expressão de sentimentos, pensamentos, opiniões, ações pessoais originais). A criança com crenças falsas e pensamentos negativos sobre si desenvolve um perturbado senso de eu, raiz do surgimento de sintomas e distúrbios emocionais. Quando o suporte externo prevalece sobre o autossuporte tem início o processo de patologização. O indivíduo torna-se dependente da opinião alheia, o que implica em valorizar mais a necessidade do outro do que a própria. Com esse funcionamento, vai perdendo a habilidade em identificar a necessidade principal, confundindo aquilo que é seu e o senso de identidade. Ao reprimir uma necessidade essencial efetua uma agressão contra si própria e aprende que é necessário exercer o controle de seus desejos, impulsos e vontades espontâneas, como padrão de funcionamento frente ao outro. As condutas de contenção e evitação de situações geradoras de ansiedade são as responsáveis pela formação das defesas, sintomas e possíveis transtornos clínicos. A criança quando escuta repetidas críticas, repreensões e reprovações passa a tomar como verdade as palavras ditas pelos pais, introjetando os pais críticos, junto com os pensamentos condenatórios. Ao internalizar os pais com suas críticas, torna-se o próprio carrasco, instaura a briga mental entre duas vozes internas (anjo x diabo) que se combatem, e dão origem ao conflito dominador (juiz)/dominado (vítima). Mesmo vivendo esse conflito íntimo ainda busca maneiras de ser boa, perfeita e obediente, deseja corresponder às expectativas dos pais, ser merecedora do amor parental; porém, nunca consegue agradar, por mais que se esforce, sempre fica a desejar. Segundo Briggs (1986, p. 30), “a maior parte das defesas tem suas raízes na convicção secreta da criança de que é má, indigna e que não merece ser amada”. Essas são as sementes infrutíferas plantadas pelos pais que ofuscam o modo de ser genuíno,

distorcem o autoconceito, destroem a autoestima com crenças negativas que enterram o sentimento de amor próprio e impossibilita o sentir-se feliz, digna de viver e ser amada.

## **A experiência sensorial na clínica com crianças: aspectos contemporâneos**

Oaklander (1980), no clássico da literatura sobre Gestalt-terapia com crianças, publicado no final da década de 70, dedicou um capítulo inteiro para listar uma série de atividades que envolvem a exploração dos sentidos nas crianças em psicoterapia. A temática da experiência sensorial em psicoterapia e de sua importância no trabalho terapêutico também foi explorada por Perls (1977) e Polster (2001). Apesar de serem propostas bem interessantes e com rico potencial terapêutico, ao nos debruçarmos sobre elas nos dias de hoje, constatamos a necessidade de revisitá-las tendo três pontos como parâmetros:

1. As diferenças entre a cultura norte-americana e a brasileira. Apesar dos efeitos da globalização, crianças brasileiras são em muitos aspectos diferentes das crianças norte-americanas. Portanto, ao utilizá-las em nossa clínica, precisamos ponderar em que medida elas fazem sentido para as crianças que estão diante de nós.
2. O volume brutal de transformações tecnológicas vividas na história nos últimos 40 anos, interferindo na forma como os sentidos são solicitados, desenvolvidos e interrompidos ao longo do desenvolvimento infantil.
3. A necessidade de uma fundamentação teórica para o uso psicoterapêutico de tais propostas, já mencionada em trabalho anterior (AGUIAR, 2014), de modo que elas possam ser usadas com clareza e propósito, junto a crianças que apresentam uma vulnerabilidade do tipo neurótica em seu processo de contato e sempre submetidas aos pressupostos fenomenológicos da abordagem.

Tendo como base os aspectos citados, apontarei a importância do trabalho de resgate e exploração dos sentidos na clínica com crianças, levando em conta os seguintes aspectos:

1. As crianças que chegam à psicoterapia estão em sua maioria hiperestimuladas pela parafernália eletrônica presente na vida cotidiana e pelo uso contínuo e sem limites de uma diversidade de telas, que sobrecarregam particularmente seus olhos e ouvidos, conforme nos aponta L'Ecuyer (2019). Então, além de precisarmos lidar com uma possível desconexão dos sentidos, temos uma variável nova que é a sobrecarga dos sentidos, contribuindo para uma vida anestesiada e desconectada do mundo *offline*.
2. A hiperestimulação produzida por estímulos artificiais desconecta e dessensibiliza as crianças com relação aos demais estímulos ambientais naturais, bem como em relação às pessoas que as cercam, mantendo-as em um isolamento que restringe suas experiências no mundo e suas possibilidades de aprendizagem formal e informal, particularmente no que concerne ao exercício da curiosidade (L'ECUYER, 2015).
3. A sobrecarga dos sentidos imposta nos últimos anos às crianças pelo uso excessivo de tecnologia é somente uma parte, embora significativa, da questão central do funcionamento neurótico, que pode ser traduzida como uma obstrução, distorção ou desconexão entre aquilo que elas experimentam na relação organismo-ambiente e as ações perpetradas no mundo, em busca da satisfação de suas necessidades.
4. Toda e qualquer intervenção realizada com o objetivo de reconectar as crianças aos seus sentidos acontecerá a partir daquilo que elas trarão para a psicoterapia, através

da escolha livre dos recursos lúdicos e brincadeiras e não como atividades estruturadas previamente pelo psicoterapeuta e aplicadas no contexto terapêutico.

### **A vida é uma caixa de chocolates: terapia de grupo com crianças**

Cada grupo é único em sua formação e dinâmica, pois cada elemento que o compõe traz consigo sua experiência de vida construída em um campo existencial próprio. Para Lewin (1983) as atitudes de um indivíduo ou atitudes coletivas de um grupo só podem ser entendidas a partir dos conjuntos sociais de que fazem parte, bem como, os conjuntos sociais são entendidos a partir dos pequenos grupos e dos indivíduos que os compõem.

Ao refletirmos a respeito de grupos de crianças, percebemos que além da experiência trazida de cada elemento e da inter-relação do grupo com o meio ambiente, o fator desenvolvimento deve ser considerado, uma vez que um fenômeno ocorrido no meio refletirá de maneira diversa em grupos de idades diferentes. Um mesmo fato afetará a dinâmica do grupo, de acordo com a identidade configurada do grupo e os fatores sociais, culturais, biológicos e emocionais. O processo grupal se desenvolve na medida em que os membros do grupo se conhecem e que cada um reconhece seus limites e suas potencialidades, tornando possível os episódios de contato.

Para Kepner (1980) os grupos passam pelas etapas seguintes: 1) identidade e dependência: a identidade de cada membro do grupo depende da maneira como ele é percebido pelos outros membros, incluindo o terapeuta. Nesta fase, sua tarefa é estimular o relacionamento com e entre os membros; 2) influência e contradependência: os membros desafiam as normas através de interrupções, expressões negativas para o que está acontecendo ou para a autoridade do terapeuta. Sua tarefa aqui é trabalhar para intensificar diferenciação, divergência e flexibilidade entre os membros; 3) intimidade e interdependência: neste estágio ocorre um contato real entre os membros, em contraste com a pseudointimidade que havia no primeiro estágio. As intervenções do terapeuta são para o fechamento do grupo.

Frew (1986) também caracterizou três fases no processo grupal: 1) orientação – refere-se ao início do grupo, onde os membros do grupo estão concentrados em sua própria segurança, desejam ser incluídos ou aceitos pelos outros. As similaridades entre os indivíduos frequentemente são forçadas. Há uma dependência do terapeuta. Não há contato; 2) conflito – os membros começam a se definir como grupo, emergindo poder e autoridade entre eles. As diferenças tornam-se evidentes, bem como os desafios. Durante esta fase são comuns comportamentos de contradependência com o terapeuta, bem como há um início de contato interpessoal entre os membros; 3) coesão – há intensificação do relacionamento interpessoal e o nível de participação dos membros permite uma atitude mais suportiva entre eles. Comportamentos de interdependência manifestam-se, o grupo alcança o pico de produtividade e os membros orgulham-se e sentem-se satisfeitos de estarem pertencendo e se envolvendo no grupo. Discutiremos também as estratégias de condução de grupos dentro e fora das fronteiras do consultório.

**Palavras-chave:** Criança. Psicopatologia. Terapia de grupo. Sentidos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Summus, 2014.
- ANTONY, S. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da Gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Revista Estudo e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2009. Disponível em: [www.revispsi.uerj.br](http://www.revispsi.uerj.br).
- BRIGGS, Dorothy Korkille. **Criança feliz**: o desenvolvimento da autoconfiança. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- FREW, J. A child's apprentice. **The Gestalt Journal**, California, Fall, 1990, v. 12, n. 2, p. 64-71, 1986.
- KEPNER, K. Gestalt groups process. *In*: FEDER, B.; RONALL, R. **Beyond the hot seat**: gestalt approaches to grow. New York: Brunner/Mazel, 1980.
- L'ECUYER, C. **Educar na curiosidade**: como educar num mundo frenético e hiper exigente. São Paulo: Fons Sapientiae, 2015.
- L'ECUYER, C. **Educar na realidade**. São Paulo: Loyola, 2019.
- LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo, Cultrix, 1983.
- OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças**: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.
- PERLS, Frederick S. Teoria e técnica de integração da personalidade. *In*.: STEVENS, J. O. (org.). **Isto é gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.

# O manejo da ansiedade na clínica gestáltica infantojuvenil

## Resumo

No cenário atual, encontramos crianças e adolescentes absorvidos pela noção de urgência, numa postura de constante busca extremamente ansiogênica. A baixa tolerância à frustração, a inabilidade em lidar com o ócio, a inquietude em busca de visibilidade e aceitação social e a paralização diante dos desafios são algumas das manifestações de ansiedade. A abordagem gestáltica tem em si uma ênfase relacional e a ela é coerente compreender os fenômenos considerando o contexto. A presente mesa redonda objetiva discutir a ansiedade infantojuvenil considerando a co-afetação cliente-ambiente, propondo intervenções que visem a boa-forma no contato de nossos jovens clientes com o universo ao seu redor. As autoras/terapeutas compartilharão suas experiências clínicas a fim de: abordar o conceito de ansiedade nos manuais descritivos dialogando com a perspectiva da Gestalt-terapia; discutir a ansiedade como parte das interações da criança e do adolescente para lidar com o mundo, diferenciando a ansiedade existencial daquela que acarreta disfuncionalidades; propor formas interventivas no contexto da clínica infantojuvenil gestáltica, incluindo o entorno que é o campo familiar.

# Manifestações da ansiedade em crianças e adolescentes: um contorno conceitual e uma compreensão de campo

*Cintia Lavratti Brandão<sup>7</sup>*

## **Resumo**

Ansiedade, na escrita psiquiátrica, é definida como um sentimento desagradável que está associado a uma sensação de antecipação a um perigo, iminente ou futuro. Trata-se de uma resposta emocional relacionada ao instinto de luta ou fuga, podendo conduzir à tensão muscular e comportamentos de evitação (APA, 2013). Historicamente a ansiedade tem um caráter adaptativo, tendo como finalidade preparar o indivíduo para o enfrentamento de possíveis ameaças, sejam elas reais ou percebidas como riscos potenciais. Fisiologicamente, a ansiedade pode estar associada a manifestações motoras e viscerais, assim como pode causar distorções na percepção que o indivíduo tem do mundo, dos acontecimentos e dos significados que atribui a eles. Em Gestalt-terapia entendemos que qualquer manifestação da pessoa é sempre consequência de uma interação indissociável de um corpo no mundo e seus atravessamentos na vivência da situação atual. O que implica em dizer que reconhecemos a ansiedade como um evento que se processa na fronteira de contato, não sendo atribuível a uma interioridade adoecida ou disfuncional, e sim a uma interação no campo organismo/ambiente que traz a marca da mobilização dos excitamentos em direção a um horizonte de futuro. A ansiedade pode trazer um contorno disfuncional quando nossos corpos não são capazes de descarregar adequadamente as excitações provocadas pelo processo de contatar (PERLS, 1942). Causando interrupções no fluxo espontâneo de aproximação e retraimento, bloqueando e represando a energia dos excitamentos no corpo e impedindo o crescimento criativo. Na clínica infanto-juvenil as queixas relacionadas ao contorno disfuncional da ansiedade, tem crescido de forma exponencial, crianças e adolescentes trazidos aos consultórios com sintomas bastante pronunciados desta energia de excitamentos contida e retrofletida para seus corpos. Diante desta realidade nos parece extremamente salutar esclarecer tanto aos familiares quanto aos clientes, que suas formas de ajustamento refletem uma inserção contextual, nada que se manifesta no mundo, escapa a ordem do campo, tudo se constrói na tessitura coletiva entre e com outros corpos, o que aponta

---

<sup>7</sup> Gestalt terapeuta. Psicoterapeuta e Supervisora clínica. Formação em Terapia Familiar Sistêmica. Mestre em Psicologia pela (UFPA). Foi professora e Supervisora Clínica da Universidade da Amazônia durante 19 anos; Sócia fundadora e Diretora acadêmica do CCGT - Centro de Capacitação em Gestalt Terapia; Professora convidada em diversos institutos de Gestalt-terapia em âmbito nacional. Organizadora e autora de livros e co-autora em outras publicações em Gestalt-terapia. Membro diretora da Associação Brasileira de Gestalt-terapia. (biênios 2017-2018 e 2019-2020)

para um manejo destes sintomas ansiosos sempre incluído as crianças e os adolescentes e seu sistema de cuidadores, objetivando o redesenho das relações e conexões, e não a classificação, patologização e cura da ansiedade do/a cliente. Uma clínica infanto juvenil direcionada ao manejo de sintomas ansiosos é, em última instancia, uma convocação a reconstrução de relações restritivas, violentas e pouco facilitadoras, tanto no nível privado como no coletivo. Vivemos um contorno social amputador de nossas possibilidades de desenvolvimento e crescimento; o aumento da ansiedade na clinica infantojuvenil é um reflexo deste cenário adoece-dor.

**Palavras-chave:** Adolescentes. Ansiedade. Campo. Corpo. Crianças.

## REFERÊNCIAS

APA: American Psychiatric Association. **DSM 5:** Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed: APA; 2013.

BRANDÃO, C. L. Reflexões sobre a prática clínica com crianças em gestalt-terapia: as vicissitudes de um caminho. *In:* BRANDÃO, C. L. (org.). **Gestalt-terapia infantojuvenil: práticas clínicas contemporâneas.** Curitiba: Juruá, 2018. p.53-63.

PERLS, Frederick S. **Ego, fome e agressão:** uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

PINTO, E. B. A ansiedade e seus transtornos na visão de um gestalt-terapeuta. *In:* FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2017, p.93-115.

# A ansiedade como parte das interações infantojuvenis com o ambiente vivido

*Sâmia Silva Gomes<sup>8</sup>*

## **Resumo**

O estudo da ansiedade infantojuvenil em Gestalt-terapia, passa pelo entendimento desta como resultante da interação organismo-ambiente e suas manifestações têm pautas relacionais. Perls (1977), menciona a ansiedade como consequência de uma interrupção do crescimento criativo no indivíduo, quando este sente-se incerto quanto ao papel que deve desempenhar em seu protagonismo na relação com o mundo. O presente trabalho objetivou discutir a ansiedade infantojuvenil, a luz da Gestalt-terapia, no que se refere às interações que se dão no campo familiar e em outros ambientes sociais. Compreendendo que crianças e adolescentes em seus processos de desenvolvimento, caminham em direção a construção do autossuporte onde, a dependência e proteção dos recursos do ambiente vai paulatinamente sendo transformada em uma participação mais ativa na coexistência social, nos perguntamos sobre de que forma as interações com o ambiente podem potencializar o desenvolvimento de um ser mais seguro e fluido neste protagonismo ou mais ansioso e inseguro de si mesmo e dos recursos disponíveis no ambiente. A ansiedade tem uma dimensão relacional homem-mundo, onde se configura como mobilização para o contato e impulso para o crescimento. Ou seja, lançar-se ao novo e ao desconhecido é naturalmente mobilizador e a essa excitação denominamos ansiedade existencial. É vivida pela criança ou adolescente de acordo como esta/este acredite e confie em si mesma(o), em seus recursos e nos recursos ambientais de suporte. Se confia, sua existência e suas interações ambientais não são percebidas como ameaçadoras, é dada vazão à excitação, que é utilizada como força motriz para seu existir. Caso contrário, diante do novo, paralisa-se e toda a excitação pode transformar-se em ansiedade patológica, causadora de sofrimento psíquico. Torna-se importante na clínica infantojuvenil lançarmos um olhar para os modelos familiares de interação, pois tanto manejos autoritários como permissivos são fundo para a insegurança em si mesmo e, conseqüentemente, no ambiente. É necessário conhecer a percepção que nosso jovem cliente tem de si e do mundo ao seu redor: quanto confia e conhece seus recursos? Sente e exercita alguma liberdade de escolha? Tem espaço para uma relativa autonomia? Ver o outro como recurso ou como ameaça? Tem no outro um padrão de avaliador, exigente ou crítico? Assim, o contexto, a intersubjetividade e a culturalidade são aspectos fundamentais na compreensão da ansiedade infantojuvenil. Crianças e adolescentes estão imersos em um contexto ansiogênico, e ainda sofrem com as

---

<sup>8</sup> Psicóloga, Mestre e Gestalt-terapeuta, psicoterapeuta e supervisora clínica. Com formação em Orientação Profissional e Terapia de Casal e Famílias. Docente da UECE e de cursos e formações em Gestalt-terapia.

consequências deste na saúde relacional com seus pais e educadores. Este trabalho é parte integrante da mesa redonda intitulada: O manejo da ansiedade na clínica infantojuvenil.

**Palavras chaves:** Ansiedade infantojuvenil. Campo familiar. Gestalt-terapia.

## REFERÊNCIAS

GOMES, S. S. A presença da família na clínica gestáltica infanto-juvenil. *In:* BRANDÃO, C. L. (org.). **Gestalt-terapia infantojuvenil:** práticas clínicas contemporâneas. Curitiba: Juruá, 2018. p. 125-136.

PERLS, Frederick S. **Gestalt-terapia explicada.** São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997

PINTO, E. B. A ansiedade e seus transtornos na visão de um Gestalt-terapeuta. *In:* FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2017. p. 93-115.

# Propostas interventivas acerca da ansiedade na clínica infantojuvenil: totalidade, integração e ambientalidade

Alexandra Borges dos Santos Silveira<sup>9</sup>

## Resumo

Diante da grande demanda por acompanhamentos, na clínica psicológica, de crianças e adolescentes com queixas de ansiedade, faz-se necessário refletirmos sobre a compreensão deste fenômeno para além da sintomatologia e também propormos possibilidades de intervenção no contexto clínico que considerem a totalidade do sujeito, seu modo de estar-no-mundo. Quando nos referimos à intervenção, precisamos ressaltar que em gestalt-terapia não preconizamos um protocolo de ações que visem extirpar os sintomas. A compreensão da vivência da ansiedade, considerando seus ajustamentos no campo, viabiliza um melhor entendimento sobre as necessidades emergentes, o que precisa ser atualizado e cuidado. Perls (1977) nos fala que o indivíduo se dissocia de ser parte integrante da natureza ao ignorar seus sentimentos, emoções e desejos tentando corresponder às exigências da sociedade. Portanto, o trabalho na clínica infantojuvenil, com o manejo da ansiedade em suas variadas manifestações, busca perceber e compreender o que precisa ser integrado dentro da vivência de cada cliente e seu contexto, uma vez que entendemos que tanto a saúde quanto o adoecimento só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva de campo. As intervenções buscam a ampliação da *awareness*, sendo esta a consciência de si e a consciência perceptiva, um processo de estar em contato com o evento mais importante do campo indivíduo/meio, que assim como explicada por Ginger (1995) é o conjunto da percepção pessoal, corporal e emocional, interior e ambiental. O própria relação psicoterapêutica, em que o cliente, independente da idade, pode construir junto ao profissional um ambiente de acolhimento genuíno de si mesmo olhando para seus medos e angústias e também para as suas potencialidades, é uma intervenção que media uma maior integração entre as expectativas e o possível. A ansiedade pode se manifestar de diversas formas em crianças e adolescentes, além das diferentes maneiras como se constrói e repercute no campo familiar. Portanto, a compreensão de que é preciso trabalhar a totalidade, e não apenas as manifestações sintomáticas, é fundamental para o acompanhamento do cliente. Em uma sociedade que privilegia o racional, as dimensões animal e ambiental são esquecidas, aumentando a fragmentação do modo de estar-no-

---

<sup>9</sup> Psicóloga (CRP11/3576), Gestalt-terapeuta, Mestranda em Saúde da criança e do adolescente (UECE); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UECE), Neuropsicologia (Unichristus), Psicologia Escolar/Educacional (CFP); Psicoterapeuta, Supervisora clínica, Orientadora Profissional e docente de cursos e formações em Gestalt-terapia. Sócio fundadora do Miúdos & Graúdos: infância, juventude e família em Gestalt-terapia.

mundo. Com o objetivo de refletir sobre o papel e as potencialidades dos experimentos como facilitadores de awareness, possibilitando aos clientes uma maior consciência de como estão e seu modo de funcionar; além de compartilhar estratégias e exemplos de formas de trabalhos experienciais para a compreensão e manejo da ansiedade, este trabalho pretende ampliar a discussão dessa temática pertinente à atuação de gestalt-terapeutas e estimular novas ações criativas para a intervenção clínica com esse público. Através da explanação de conceitos como: experimentos, awareness, polaridades, integração, gradação, suporte e ambientalidade, e a relação destes com o manejo da ansiedade, além da discussão de casos clínicos; será possível partilhar vivências de crescimento, autoconhecimento e ressignificações sobre propostas de intervenção na clínica infantojuvenil.

**Palavras-chaves:** Ansiedade. Clínica infantojuvenil. Experimentos.

## REFERÊNCIAS

GINGER, Serge. **Gestalt: uma terapia do contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

PERLS, F. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997

PINTO, E. B. A ansiedade e seus transtornos na visão de um Gestalt-terapeuta. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. p. 93-115.

# GESTALT-TERAPIA, MÃES E BEBÊS

## O cuidado à mulher no puerpério: possibilidades de intervenção na clínica mãe-bebê

*Leticia Bruna Pingeot Brodoloni<sup>10</sup>, Patricia Barrachina Camps<sup>11</sup>*

### Resumo

O puerpério pode ser vivido como um momento de crise constitutiva, permeado por grandes mudanças hormonais, físicas e emocionais. Esta clínica é marcada por vicissitudes, que demandam uma modalidade específica de cuidado. A chegada de um bebê, compreendida como um processo singular, não linear e imprevisível, transforma de forma significativa o campo familiar, requerendo que novas formas de ajustamentos sejam criadas a fim de retomar a homeostase. Novas e complexas figuras emergem no campo vivencial da mulher: apreensão diante da nova responsabilidade, dúvidas sobre a capacidade de cuidar de um bebê, resignificação de seu lugar no mundo e identidade, reorganização dos papéis sociais, reacomodação da relação conjugal, entre outras. Esse momento pode ser vivenciado como uma grande possibilidade de contato e integração com partes alienadas de si, como um momento de desamparo e fragilidade, seja pelo contato com situações inacabadas, seja por uma fratura que presenciamos atualmente na dimensão comunitária. Na sociedade contemporânea, onde tomam lugar as conexões fugazes e desprovidas de sentido, facilitadas e intermediadas pela tecnologia, podemos pensar em qualidades relacionais efêmeras e descartáveis, que podem comprometer a qualidade do suporte ambiental, oferecido durante este período tão marcado pela necessidade de cuidado e presença. O nascer, para além do aspecto biológico, inclui a questão relacional como fundamento. Ao se tornar mãe, a mulher passa por um nascimento, da condição de ser por si, para ser pelo outro, necessitando uma qualidade de heterossuporte, que oferte acolhimento neste novo momento, possibilitando reassuramento e confiança para a emergência das novas necessidades desta mulher. Em nossa prática clínica testemunhamos que na atualidade, o puerpério tende a ser visto como uma experiência radicalmente da mulher, perdendo de vista a dimensão comunitária, de compartilhamento, cuidado e presença. Assim, a possibilidade

---

10 CRP: 06/80523. Psicóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Gestalt-terapeuta pelo Instituto Sedes Sapientiae, professora de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae, facilitadora do Núcleo de Estudos em Psicotrauma.

11 CRP: 06/63876. Psicóloga pela Universidade Metodista de São Paulo, mestranda em Psicologia Clínica pela PUC/SP; Especialista em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto pelo Instituto Quatro Estações – SP; Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Gestalt de São Paulo.

da mulher acessar as próprias necessidades tende a acontecer a partir de figuras opacas, contribuindo para confusão e impedimento da devoção e entrega, aspectos fundamentais e necessários para a constituição da relação com o bebê. Objetivos: O minicurso tem por objetivo proporcionar uma apresentação e reflexão acerca do contexto vivencial do puerpério assim como sensibilizar e dar início a instrumentalização clínica necessária para o atendimento as necessidades emocionais das puérperas, a partir dos referenciais da Gestalt-terapia, contribuindo tanto para o cuidado da mulher como para o fortalecimento dos laços afetivos mãe-bebê. Serão percorridos os fundamentos epistemológicos e conceitos fundamentais que sustentam a Gestalt-terapia, sendo este curso acessível para participantes com nível básico de conhecimento na abordagem gestáltica. Método: Pesquisa qualitativa abordando vivência do puerpério, formação de laços afetivos, reconfigurações e reorganizações do campo organismo-ambiente, com apresentação de estudo de casos múltiplos. Resultados: Criação de um trabalho de intervenção clínica com puérperas, visando fortalecimento de recursos autossuportivos e contato entre a díade mãe-bebê. Discussão: O nascimento de um bebê inaugura uma nova fase na vida da mulher e da família. Para que a mulher possa estar *aware* de suas novas necessidades assim como atender as necessidades de cuidado e heterossuporte do bebê, tanto em suas demandas básicas como de confiança e segurança, precisa contar também com um suporte ambiental, que possa ofertar nesta nova vivência de cuidado e acolhimento. Os laços afetivos estabelecidos entre a mãe e seu bebê são fundamentais para que, a partir do heterossuporte ofertado pela mãe e campo familiar, a criança possa constituir sua subjetividade e seu amadurecimento, compreendido por Perls, Hefferline e Goodman (1997) como a transição do suporte ambiental para o autossuporte. Estas vivências iniciais irão permear o desenvolvimento socioemocional durante as etapas de vida posteriores, sendo fundamentais para promoção de saúde do campo familiar e prevenção de adoecimentos. Conclusão: O trabalho pretende apresentar os benefícios da intervenção clínica precoce no cuidado à mulher no puerpério e como estes são fundamentais para bem-estar e saúde mental da família.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Manejo clínico. Maternidade. Puerpério.

## REFERÊNCIAS

- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **De volta para casa:** ética e poética na clínica gestáltica contemporânea. Amparo: Foca, 2017.
- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa:** psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.
- PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

# Ciclo gravídico-puerperal e pré-natal psicológico: o processo de transição para maternidade como um acontecimento do campo organismo-ambiente

*Priscila de Lima Silva<sup>12</sup>*

## **Resumo**

O ciclo gravídico-puerperal representa um contexto de intensas transformações para as mulheres no processo de tornar-se mãe e configura uma transição existencial. Para compreender o desenvolvimento deste ciclo num campo organismo-ambiente é relevante analisar a cultura e as práticas relativas aos cuidados com a saúde das gestantes na atualidade. O excesso de intervenções na assistência à gestação e ao parto deixou de considerar os aspectos emocionais, humanos e culturais envolvidos neste processo, negligenciando os aspectos singulares (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). Neste sentido, o pré-natal psicológico (PNP) surge como um conceito e uma prática voltado para maior humanização do processo gestacional, do parto e da parentalidade (CABRAL; MARTINS; ARRAIS, 2012). Atravessar o ciclo gravídico-puerperal exige constante ajustamento criativo. De acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997) entender os ajustamentos criativos implica dar foco ao movimento entre a novidade e a rotina que resulta em assimilação e crescimento. Há uma postura ativa e inventiva que permite crescer com o que é interessante e nutritivo do ambiente. Os ajustamentos criativos exigem contato e assimilação dos estereótipo e idealizações sociais sobre o papel materno. No modelo de PNP também são considerados os ajustamentos criativos frente aos desafios a partir das mudanças corporais impostas pela gestação, a cultura do parto que ativa o medo, as introjeções familiares que muitas vezes precisam ser assimiladas ou rejeitadas a partir das atualizações provocadas na construção do vínculo com o bebê. O objetivo é descrever e discutir como o processo de tornar-se mãe é um fenômeno que se constitui num campo, deslocando as reflexões de um paradigma individualista para a perspectiva de totalidade da Gestalt-terapia. Pois, a transição para maternidade não é um processo isolado, ele acontece na fronteira de contato do campo organismo-ambiente. Para Perls, Hefferline e Goodman (1997) a totalidade organismo/ambiente não é apenas física, mas social. Assim, os autores afirmam não ser possível considerar fatores

---

12 Psicóloga clínica. Trabalha com adolescentes, adultos, gestantes e puérperas. Docente do curso de Psicologia e Coordenadora do Laboratório de Gestalt-terapia no Centro Universitário Jorge Amado. Possui mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Bahia (2007). Especialização em Gestalt-terapia pelo Instituto de Gestalt-terapia da Bahia (2005). Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2004). Docente e supervisora de estágio nos níveis de graduação e pós-graduação.

históricos e culturais modificando ou complicando condições de uma situação biofísica mais simples, mas como intrínsecos à maneira pela qual todo problema se apresenta. As mães também são seres de relação e precisam de cuidados, mas o isolamento materno é uma realidade cada vez mais intensa na nossa sociedade ocidental e deve ser considerado um problema social. Para que as mulheres possam exercer a complexa função materna, além do auto-suporte, também precisam de uma rede de apoio no campo. Assim, as reflexões desenvolvidas na roda de diálogo serão fruto de registros psicoterápicos da prática da autora em pré-natal psicológico desenvolvida com gestantes tanto em grupo quanto individualmente, e a partir do acompanhamento de puérperas. As discussões serão sustentadas através de autores da Gestalt-terapia, mas também por autoras que se debruçam sobre o tema da perinatalidade e do processo de transição para maternidade tais quais Maldonado (2017), Raphael-Leff (2018) e Sakoilsky (2017). A necessidade de ressignificar na nossa cultura as responsabilidades paternas, enfrentar com consciência os desafios das famílias cada vez mais fragmentadas, a violência obstétrica, apontam a relevância de criar ajustamentos criativos também enquanto coletividade e grupo social. Dessa forma, a roda de diálogos propõe também discutir um modelo de prática do PNP sustentado na Gestalt-terapia com objetivo de promover reflexões sobre as possibilidades da psicologia dentro da assistência à gestação, parto e puerpério. O grupo de PNP propõe-se a dialogar sobre a relação de campo organismo-meio intrauterina e extrauterina desde a concepção até o nascimento, e seu impacto no desenvolvimento do indivíduo, assim como a experiência gestacional do ponto de vista da mãe. Como há uma confluência entre a gestante e o feto, a proposta de PNP tem um caráter de prevenção e promoção de saúde.

**Palavras-chave:** Campo organismo-meio. Ciclo gravídico-puerperal. Gestalt-terapia. Pré-natal psicológico.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde **Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal:** versão resumida: recuperado em 29 de janeiro, 2018. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_assistencia\\_parto\\_normal.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf).

CABRAL, D. S. R.; MARTINS, M. H. F.; ARRAIS, A. R Grupo de pré-natal psicológico: avaliação de programa de intervenção junto a gestantes. **Encontro:** *Revista de Psicologia*, São Paulo, v. 15, n. 22, p. 53-76, 2012. Disponível em: <https://seer.pgsskroton.com/renc/article/view/2480>.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

# Desenvolvimento humano e as primeiras experiências à luz da gestalt-terapia

Mariana Pajaro<sup>13</sup>, Andrés Eduardo Aguirre Antúnez<sup>14</sup>

## Resumo

A Gestalt-terapia, abordagem original da década de 50, não possui uma teoria do desenvolvimento, uma concepção robusta e amplamente explorada desse processo, o que possibilita (e até anseia!) novas reflexões e atualizações que contribuam com sua expansão teórico-prática. Muito embora a literatura brasileira aponte, desde sua chegada em solo nacional, para a relevância dessa discussão (AGUIAR, 2014; FERNANDES, 1995; LOBB, 2012; POLSTER, 1990, e OAKLANDER, 1994, *apud* NOGUEIRA; LAZAROS; FERNANDES; CARDOSO; AJZENBERG, 1995), muito pouco tem sido produzido no sentido de discutir e ampliar esse eixo temático (PAJARO, 2015). Há quem defenda que o modelo de crescimento proposto por Perls, Hefferline e Goodman (1997), baseado no crescimento como ajustamento criativo, seja suficiente para a compreensão do processo de desenvolvimento. No entanto, tendo esse modelo sido satisfatório à sua época, parece ter “parado no tempo” no que tange aos avanços do conhecimento sobre o bebê ao longo do século XX e início do século XXI, demandando atualizações e expansões oportunas a essa abordagem. A abordagem gestáltica realça o homem como ser de contato, em interação no campo organismo/ambiente, no qual interagem fatores socioculturais, animais e físicos (PERLS *et al.*, 1997). Tendo em seu cerne a dimensão inter-relacional, concebe a relação e o encontro com o outro como aspectos substanciais do humano, sendo essas interações elementos do campo. A teoria apresentada por Kurt Lewin, uma das bases teóricas da Gestalt-terapia, contribui com essa reflexão ao introduzir a noção de campo, assim descrita por Lewin (1973), como uma totalidade de fatos que determinam o comportamento do indivíduo num dado momento. Deste modo, é possível compreender que a amplitude de acontecimentos à qual um ser humano vivencia, tendo em vista a sua particularidade, se dá na inter-relação com o outro, com e no mundo. Com o reconhecimento da influência do meio para o desenvolvimento global (ASPESI; DESSEN; CHAGAS, 2008, PAPALIA; OLDS, 2006), estudos e pesquisas vêm se debruçando sobre a relevância das relações humanas nessa complexa

---

13 Graduada em Psicologia pela PUC-GO. Pós-graduada em Gestalt-terapia, pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia - ITGT. Mestre em Psicologia pelo Programa de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília - UnB. Doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo - USP. Membro da diretoria da ABG. Supervisora e atuação na área clínica, na Gestalt-terapia, com crianças, adolescentes e adultos.

14 Vice-Diretor do Instituto de Psicologia da USP; Coordenador do Escritório de Saúde Mental da USP; Professor Associado (Livre Docente) - USP.; Formação: Graduação em Psicologia pela Universidade Paulista; Especialização em Psicologia da Saúde pela Escola Paulista de Medicina (CAPES), Mestrado em Saúde Mental (FAPESP), Doutorado em Ciências (FAPESP) e Pós-doutorado (FAPESP) em Ciências pelo Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Universidade Federal de São Paulo.

composição que transcorre os anos de vida. A reflexão a que se propõe esse trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento e tem por objetivo abordar brevemente sobre o desenvolvimento humano e as primeiras experiências à luz da Gestalt-terapia, com base nas noções de campo e de relação. O alinhamento entre a teoria de campo e a Gestalt-terapia se mostra possível pelo elemento relacional de contato com o outro, com o mundo, e com a imensidão de fatores e forças que compõem o campo de interações. Uma delas, que será mais amplamente explorada nesta pesquisa, diz respeito à relação do bebê com sua mãe, desde a experiência intra uterina, bem como com seus principais cuidadores, em suas primeiras relações. Compreender o “estar em relação com” como uma importante condição para o desenvolvimento posterior, não exprime uma proposição determinista ou explicativa – o que seria incongruente com a proposta teórico-filosófica da Gestalt-terapia. Diferente disso, permite pensar uma série de experiências que, ao serem vividas, impactam, alteram e reacomodam as anteriores, num movimento impermanente. O que se pretende legitimar com isso são as marcas e ressonâncias inquestionáveis das experiências iniciais para a continuidade do crescimento humano.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento humano. Gestalt-terapia. Teoria de campo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Summus, 2014.

ASPESI, C. C.; DESSEN, M. A.; CHAGAS, J. F. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. *In*: DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA JUNIOR, Áderson Luiz (org.), **A ciência do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 19-36.

# Criatividade e comunidade como recursos de resiliência nos tempos atuais

*Selma Ciornai<sup>15</sup>, Wilson Luis*

## Resumo

Vivemos tempos marcados por grandes rupturas da nossa cotidianidade, dos nossos modos de contato, de extrema fragilização de nosso ser no mundo. Seja a partir do prisma pessoal, político, econômico, social ou de saúde, somos convocados pela necessidade de fazer novos ajustamentos criando respostas adaptativas. Porém nem sempre é fácil criar formas de enfrentamento suficientemente suportivas frente a eventos de tamanha capacidade de desorganização. A situação que estamos vivendo convoca uma constante resiliência para atravessarmos estes tempos de adversidades que perduram já a tantos meses. Mas, como é possível desenvolvermos esta capacidade? Selma Ciornai e Wilson Luís propõem um olhar para dois fatores fundamentais como recursos promotores de resiliência: o contato em comunidade e a criatividade. A criatividade, como a potencialidade de gerar e encantar-se com o novo, de combinar necessidade com o que o campo dispõe, mas de forma inovadora. E o contato (de qualidade) em comunidade, que traz o sentido de identidade, pertinência a um campo, potência e solidariedade. Após expor considerações a respeito destas ideias, estarão oportunizando, nesta mesa, um diálogo com os presentes, sobre formas de implementar ações, em ou a partir de nossa comunidade, baseadas nestas diretrizes.

---

15 Doutora em Psicologia Clínica pelo Saybrook Institute, EUA (título revalidado pela USP), Mestre em Arteterapia (California State University) com graduação em Ciências Humanas (Sociologia/Antropologia) pela Universidade de Haifa. É autora do livro “Da Contracultura à menopausa: vivências e mitos da passagem” (fruto da pesquisa fenomenológica que realizou como tese de doutorado, através de workshops de orientação Gestáltica com mulheres nesta faixa etária) Gestalt terapeuta formada pelo San Francisco Gestalt Institute, EUA (1978-81).

# O foco na relação entre pais e filhos na atualidade: uma perspectiva de campo

Virginia E. Suassuna Martins Costa<sup>16</sup>

## Resumo

Ser-no-mundo é uma estrutura originária e sempre total, não podendo ser decomposta em elementos isolados, embora didaticamente possa ser descrita em seus vários momentos construtivos, mantendo sua unidade. Compreende-se por mundo um conjunto de relações significativas dentro do qual a pessoa se insere e não se restringe a um conjunto de objetos ou pessoas, existindo por si mesmos. Os elementos constitutivos são: mundo circundante, humano e mundo próprio. Há um movimento dialético entre o ser humano e o mundo circundante; o homem precisa essencialmente, adaptar-se ao mundo circundante, mas também agir sobre ele, realizando seus ajustamentos criativos; o segundo, o mundo humano, diz respeito ao encontro e convivência da pessoa com os seus semelhantes e o terceiro, consiste na relação que o indivíduo estabelece consigo, na consciência de si e no autoconhecimento. Focar na relação entre pais e filhos na atualidade, envolve uma perspectiva de campo e do ser-no-mundo. Segundo Lewin o comportamento evolui em função da interação entre a pessoa e o meio ambiente, expressa simbolicamente na equação  $C = f(V)$ . A teoria lewiana é uma teoria estrutural na qual os conceitos de pessoa, meio e espaço vital são fundamentais. Como psicoterapeuta, dentro da perspectiva gestáltica, encontramos a possibilidade de, no trabalho com a criança junto a sua família, oferecer-lhe uma oportunidade de descobrir outras formas saudáveis de se expressar como ser-no-mundo, desenvolvendo um sistema mais funcional de autossuporte. Assim, ao concebermos a família como uma totalidade autorregulada quando estivermos trabalhando com a criança intervimos em todo contexto familiar. Durante todo o processo de desenvolvimento, novas necessidades vão surgindo e todo

---

16 (GO) - CRP: 09/393 Psicóloga e Psicoterapeuta há 44 anos, é Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC - GO; Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília - UnB; Formada em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP-USP; Professora no Curso de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC - GO; Membro Fundadora, Professora e Supervisora do Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia - ITGT - GO; Membro Fundadora e Professora do Instituto Suassuna - IS - GO; Formação em Gestalt-Terapia pelo Centro Estudos Gestalt-Terapia de Brasília - CEGEST - D.F; Curso avançado em Gestalt-Terapia no Gestalt Therapy Institute of Los Angeles - GATLA - LA e no Pacific Gestalt Institute - PGI - EUA. Participação no Congresso Bianual da Association for the Advancement of Gestalt Therapy - AAGT- CA; Cursos de Atualização em Gestalt-terapia na França (FR), Suíça (CH), San Diego (U.S.A); Canadá (CA) e Dinamarca (DK); Proprietária da Gestalt Clínica - GO; Membro do Conselho Consultivo da Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies (RAG); Autora, organizadora de livros e de artigos na área da Psicologia. Escritora de três livros infantis: Conheça-te a ti mesmo, O segredo da convivência, e Para onde vão as palavras que eu escuto.

este processo de contato com o meio vai se tornando mais complexo. Uma vez que a interação organismo/meio encontra-se dentro de um campo mutável, observamos que, necessariamente, o organismo precisa atualizar suas formas, suas técnicas de manipulá-lo. A não atualização destas formas sugere um diálogo interrompido entre organismo/organismo e organismo/meio e, conseqüentemente, distúrbios de contato, restringindo e inibindo a percepção de nosso self. A principal consequência de supressão de sentimentos e interrupção da saudável regulação organísmica em geral é uma falsa percepção do self, geradora de comportamentos apropriados, motivos para que a família busque a terapia. Dessa forma, portanto, parece interessante refletir as novas formas de ajustamentos criativos dentro da perspectiva de campo, considerando que os mesmos têm sofrido modificações absolutamente transformadoras.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Relação pais-filhos. Teoria de campo.

# Relações entre pais e filhos na contemporaneidade: acolhendo as diferenças

*Myrian Bove Fernandes<sup>17</sup>*

## Resumo

A Gestalt-terapia compreende o homem como um ser de contato, ontologicamente em relação, inserido em um campo organismo-meio, sendo afetado pelo ambiente ao mesmo tempo em que também o transforma, em uma relação de reciprocidade. As famílias estão inseridas na sociedade, perpassadas por valores éticos, religiosos, sociais, culturais e políticos. A construção de diálogos com as famílias, portanto, inclui a compreensão do campo familiar dentro deste contexto mais amplo, considerando os aspectos socioculturais e as possibilidades diversas de configurações familiares. Isso inclui problematizar o discurso normativo sobre o que se entende como família e compreender que atualmente temos uma pluralidade de configurações familiares possíveis, em permanente transformação: famílias nucleares, binucleares (guarda compartilhada), constituídas por aliança parental ou coparentalidade, monoparentais, reconstituídas, homoafetivas, parentalidade socioafetiva, multiparentalidade, entre outras possibilidades. Se faz, desta forma, fundamental a reflexão sobre como as transformações das configurações familiares impacta as relações entre pais e filhos dentro destes sistemas. A pluralidade de modelos familiares afeta não apenas as subjetividades e o sistema familiar, mas todo o contexto social, visto que a família é também importante transmissor de valores. A partir do exposto, podemos compreender que os conceitos de indivíduo, família e sociedade estão imbricados, são indissociáveis e que as transformações em cada uma destas partes irão afetar e transformar as demais partes. Este processo intenso de reformulação das famílias coloca também em foco as mudanças nas relações entre pais e filhos. Já é possível perceber intercâmbios entre as funções maternas e paternas, visto que pais e mães podem se dividir entre suas respectivas atividades profissionais e nos cuidados com os filhos. Amplia-se a discussão do papel de pai como parceiro na criação de seus filhos, buscando uma equidade das responsabilidades parentais. Todas estas questões podem impactar na formação e manutenção dos vínculos constituídos. Questões de gênero, papéis e identidades se fazem cada vez mais presentes, de forma que esta discussão precisa ser ampliada para

---

17 Especialista em psicologia clínica, fundadora, coordenadora e membro docente do Instituto Gestalt de São Paulo, onde também exerce funções no corpo editorial da Revista Sampa Gt. Formação em Gestalt-terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae onde também lecionou por mais de 30 anos. Coursou Formação em Terapia Familiar no Instituto de Terapia Familiar de São Paulo de 1994 a 1997. Por mais de 40 anos vem praticando a Gestalt-terapia, estudando e divulgando a Abordagem Gestáltica em São Paulo, no Brasil e exterior através da participação como docente em vários Cursos, como palestrante em diversos Congressos e como autora em diferentes publicações.

alcançar as diversas formas possíveis de estar no mundo. Vivemos a emergência de novos modelos de sexualidade, afeto, que compreende várias nuances, e como Gestalt-terapeutas, se fez imperioso para a prática clínica ampliar o olhar para a compreensão deste fenômeno e suas reverberações nas relações entre pais e filhos. É fundamental compreender as fragilidades, interrupções e sofrimentos nas relações entre pais e filhos, atuando de forma heterossuportiva, de forma que a família possa se fortalecer para acolher as singularidades, apoiar-se, fortalecer laços de afeto e pertencimento, a despeito das diferenças. Como terapeutas, somos convidados a entrar no sagrado espaço da família e a conhecer feridas e dores profundas, o que deve ser encarado como um privilégio, para o qual se deve corresponder com respeito e acolhimento. É primordial identificar o lado saudável que une pais e filhos e os leva a buscar ajuda, e cuidar dos vínculos, sensibilizando os mesmos para suas diferenças. Ajudar que estes identifiquem suas vulnerabilidades, dores e potências, formas de resignificação e ampliação de possibilidades compõe este trabalho tão profundo. Para isso, é de uma importância sermos sensíveis a quanto pode ser difícil para que pais e filhos se coloquem na frente uns dos outros e revisitem suas feridas, entrem em contato com os sofrimentos de cada uma das partes e possam resgatar suas narrativas, construindo novos sentidos e fortalecendo seus laços.

**Palavras-chave:** Família e gestalt-terapia. Famílias na atualidade. Relação pais-filhos.

# Relações entre pais e filhos nos diferentes momentos dos ciclos de vida da família sob a perspectiva da clínica gestáltica

*Patricia Barrachina Camps<sup>18</sup>*

## **Resumo**

O século 20 foi marcado por saltos qualitativos surpreendentes na medicina, nos estudos das ciências do comportamento humano e animal e muito mais. Decorrente de tais avanços, presenciamos muitas transformações culturais nos modos de vida e no contexto atual. Basta citar os dados do IBGE sobre a expectativa de vida do brasileiro que em 1940 era de 45,5 anos e saltou para 76,3 anos em 2018 (caindo 2 anos agora na pandemia). Assistimos à revolução inédita nos costumes e, concomitantemente, nas relações familiares. O psicólogo clínico trabalha na intersecção entre a intimidade das relações familiares e a sociedade. Colabora compartilhando sua perspectiva que não só facilita a conscientização das dinâmicas relacionais entre os membros das famílias, como se estende para encorajar a transformação que as famílias provocam nos costumes e na sociedade como um sistema mais amplo. Este trabalho considera a clínica gestáltica com famílias nas diferentes fases do ciclo vital da família e suas características específicas que imprimem sua marca na cultura ocidental da atualidade. Partindo da experiência clínica com os clientes em várias faixas etárias procuro, nesta exposição, trazer como percebo as demandas dos membros de uma família em diferentes momentos do seu ciclo vital, e como o trabalho do psicólogo pode ser significativo para nortear a conscientização das necessidades referentes a cada momento do ciclo vital, traçando figuras mais claras para a convivência na diversidade, fluidez, superdemanda e excesso de estimulação tão características do campo em que vivemos na atualidade. A cultura ocidental evoluiu ultrapassando conflitos. Diante do quadro que nos deparamos hoje, consideramos que as famílias se transformam e assumem novas configurações que exigem muito esforço e criatividade para lidar com os conflitos que emergem nas novas circunstâncias. A família se vê obrigada a atualizar seus mitos e valores, cuidar da segurança e desenvolvimento de cada um de seus membros em um ambiente instável e carregado de ameaças advindas da violência urbana e que tais. É função da família oferecer pertencimento e sobretudo zelar pelos vínculos afetivos. Cabe ao Gestalt terapeuta acompanhar a família em seu processo neste contexto tão complexo, oferecendo acolhida e suporte para que possam

---

18 CRP: 06/63876 Psicóloga e supervisora clínica, Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Núcleo Família e Comunidade. Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto Gestalt de São Paulo e Especialista em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto pelo Instituto Quatro Estações de Psicologia. Coordenadora e docente do Instituto Gestalt de São Paulo.

ampliar a consciência sobre os padrões de relacionamento que desenvolvem, estabelecer um campo relacional seguro para que possam arriscar e experimentar novas propostas e modos mais eficazes e/ou harmoniosos para se relacionar. O foco deste trabalho recai sobre a descrição de como se apresentam os vários conflitos entre pares e entre os membros da família de diferentes gerações, seus sofrimentos e angústias que solicitam a busca de novas formas de se relacionar e novos rumos a seguir. Trata-se de um convite aos participantes para refletir sobre as várias possibilidades existentes no campo que possam se reverter em desdobramentos para um novo porvir.

**Palavras-chave:** Campo. Processo.

# A BUSCA DE AUTENTICIDADE E O RESGATE DA CRIANÇA INTERIOR: INTERVENÇÕES POSSÍVEIS EM GESTALT-TERAPIA

## Clínica gestáltica com adultos, resgate da criança interior e a busca da autenticidade

*Silvia Oliveira de Alencar Fernandes<sup>19</sup>*

### Resumo

O presente resumo compõe a proposta da mesa-redonda “A busca de autenticidade e o resgate da criança interior: intervenções possíveis em Gestalt-terapia” e tem por objetivo apresentar como a abordagem fundamenta teoricamente, as especificidades da prática psicoterápica com adultos. Iremos apresentar reflexões sobre a importância do contato com a “criança interior ferida”, para que este possa identificar, reconhecer e compreender suas manifestações na busca pela autenticidade e também nos relacionamentos. Em Gestalt-terapia, concebemos o ser humano como parte de um campo, constituindo-se através de suas relações, onde descortinam-se seus processos de saúde e adoecimento no contato com mundo (RIBEIRO, 2007). A criança interior é a nossa pureza, nossa alegria, nosso entusiasmo, nossa forma de ver o mundo sem preconceitos e a nossa alegria de viver. Quando gostamos de brincar, quando nos encantamos com tudo que nos cerca, quando achamos o mundo cheio de novidades e vamos nos descobrindo, nos encantando, nos alegrando, estamos manifestando essa criança interior. A criança interior ferida muitas vezes aparece na nossa vida adulta (MURGO, 2013). Nossas memórias emocionais podem se manifestar como padrão de comportamento na vida adulta. Quando essas memórias são doloridas, elas vêm da nossa criança que foi ferida. Se não nos damos conta, essa ferida é usada “contra” nós mesmos. Fazer “as pazes” com nossa criança, reconhecer seu valor pode nos ajudar a ter mais autossuporte, autenticidade na vida adulta, consigo mesmo e com o outro. O adulto que se é hoje está sustentado na criança que foi um dia e em seus registros internos (BRADSHAW, 1993). O que ficou pendente espera ser encerrado e faz-se presente recriando realidades parecidas à dor original, especialmente nos vínculos de maior intimidade ou em situações de crise ou estresse. Situações do presente podem ativar uma ferida antiga. Nesse momento, vale ressaltar que em situação de contexto ameaçador provocado pela pandemia por COVID-19, pode-se perceber na clínica uma acentuação para o “fenômeno dos gatilhos” (BRITO, 2020). Nessa

---

<sup>19</sup> Mestre em Educação; Psicóloga; Gestaltterapeuta de adultos, casais e grupos.

situação o fenômeno pode estar associado a situações vividas no passado e que ficam no fundo e assim trazer as mesmas reações emocionais que surgem como figura, no aqui e agora. Continuamente ameaçados de diversas formas pela pandemia, a relação com a realidade fica alterada, assim várias situações vivenciadas no cotidiano, podem gerar disparos que acionam *gestalten* abertas do fundo de vividos dos clientes. Refletindo em aspectos a serem considerados no lidar com a criança interior para a construção de uma prática coerente com a abordagem gestáltica, apresento alguns pontos que considero fundamentais. Antes de mais nada, é preciso escutar e acolher a pessoa que chega ao consultório e deixá-la “se dizer”, sempre utilizando a *epochè*. É necessário esperar o emergir da sua realidade subjetivada e assim favorecer um encontro autêntico, cuidadoso e genuíno, na busca pela totalidade da pessoa que se apresenta. Durante o processo, com vistas a ampliar a *awareness* e favorecer o autossuporte, apresenta-se alguns recursos terapêuticos ao cliente, tais como: exercícios de respiração e relaxamento; expressão das necessidades não satisfeitas na infância; recursos de escrita por meio de cartas aos pais; *continuum* de *awareness* com a emoções; experimentos de cadeira vazia e dramatização; *awareness* do autossuporte com o objetivo de diminuir a necessidade de heterossuporte e integração das polaridades. Como resultado desse trabalho pode nascer um contato mais profundo com a “criança interior” de cada pessoa; favorecer a *awareness* de suas necessidades e resgatar a autenticidade, bem como compreender e integrar o fundo de vividos, trazendo dele a força para o enfrentamento do presente. Enfim, o resgate do nosso melhor, na jornada rumo à criança que um dia fomos, na busca de uma versão mais humana, amorosa e autêntica.

**Palavras-chave:** Autenticidade. Clínica gestáltica. Criança interior. Intervenções.

## REFERÊNCIAS

- BRADSHAW, J. **Volta ao lar:** como resgatar e defender sua criança interior. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BRITO, M. A. Q. O trauma segundo o enfoque da gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Enfrentando crises e fechando gestalten.** São Paulo: Summus, 2016.
- MURGO, G. **Gestar-se:** resgatar a criança interior. Rio de Janeiro: Semente, 2013.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato:** temas básicos da abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2007.

# Um caminho para a autenticidade: acolher a sua criança psicoterapeuta

*Leonardo Brandão Delvalle Regis<sup>20</sup>*

## Resumo

Era uma vez uma criança. Uma criança que um dia você foi. E, no caminho de viver, essa criança hora foi espontânea e autêntica, hora precisou se adaptar, moldar-se, sufocar-se para caber e, assim, existir. As duas situações irão acontecer na vida de praticamente todos que vivem em nossa sociedade ocidental, nos tempos atuais, em diferentes nuances e intensidades. O resgate da criança interior possibilita o reencontro com as potencialidades da criança que um dia fomos e que, no percurso de vida, foi censurada ou impossibilitada em determinado tempo-espaço, devido às condições ambientais e vivenciais existentes, de expressar suas necessidades e potencialidades de forma mais liberta. Aspectos sociais, políticos, históricos da criança que um dia fomos são revelados na psicoterapia (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997) e, é a partir de um contato direto com o poder do “entre” que acontece na relação terapêutica, entre consulente e psicoterapeuta que pode-se explorar, num novo tempo vivido, o contato genuíno com o autêntico, muitas vezes não permitido ou censurado em sua espontaneidade, ao longo dos tempos. Os recursos a serem trabalhados para que consigamos acolher a criança interior e resgatá-la da inércia de sua expressividade tornam-se disponíveis a medida que a relação terapêutica e o vínculo são formados e estreitados substancialmente entre as partes do trabalho e, pela minha própria experiência, se torna possível, principalmente, graças ao devido acolhimento da criança interior do psicoterapeuta. É a partir da criança interior do psicoterapeuta, da relação de acolhimento estabelecida, também por meio de seus processos pessoais, é que há a possibilidade do contato genuíno com a criança interior do consulente. O encontro acontece entre “crianças e adultos” do consulente e psicoterapeuta, em um espaço de acolhimento das “feridas”, que também aparecerão a partir do campo da relação terapêutica, entendendo como ferida emocional, as impossibilidades de atendimento das reais necessidades orgânicas da criança, frente ao local de dependência que a(s) mesma(s) se encontrava(m) na fase de desenvolvimento infantil e as formas absorvidas e transmitidas aos e pelos seus cuidadores das normas vigentes, da moral, da educação recebida sobre os corpos em determinado período socio-histórico-político. O trabalho com a criança interior, permite o despertar de uma nova política sobre os corpos, onde as possibilidades e diversidades do sentir sejam mais respeitadas, admiradas, referenciadas, escutadas, permitindo assim, a ampliação de possibilidades e de consciência (BELMINO, 2020). Gostaria de aqui abrir o meu caso pessoal. Me permito trazer uma linguagem estranha para nossa conversa, talvez não estranha para todos que aqui me

---

<sup>20</sup> Mestre em educação, psicólogo, psicoterapeuta de adultos, gestalt terapeuta e, atualmente, psicodramatista em formação.

ouvem mas, eu precisei despertar a criança “viada” que existe em mim, a criança que um dia tinha vontades e, que possibilita em sua forma de se ser: expressar minha autenticidade. Autenticidade em minha forma de viver e perceber-me refinadamente intuitivo, leve, fino, criativo, artístico, inconstante, feminino. E quando estou mais alinhado a isso, fico mais disponível ao processo do outro. Possibilidades de me expressar melhor e com isso ajudar auxiliar na verdade a expressão de outras pessoas a partir da minha criança viada-luz. O contato com a minha criança é um processo em tecedura, sem tempo para acabar. E essa é a magia, entender que não existe um lugar a se chegar. É viver e dar espaço. Walter Ribeiro (2015) em um de seus livros nos traz um questionamento: o que nós fizemos com a criança que um dia nós fomos? Acredito eu, que o papel do psicoterapeuta junto com o consulente é permitir que ele resgate a força como adulto acolhedor e responsável pela criança interior ferida. Permitindo que o campo de contato se renove, a partir da abertura existente para isso. É no agora que é possível aumentar as percepções, diminuindo preconceitos, barreiras sociais, posições arbitrarias, a partir de um canal a ser ativado ainda mais na vida de quem busca o contato com a sua autenticidade presente na criança que um dia fomos. A principal ferramenta para voltar à autenticidade está ligada com o “voltar a sentir” (MURGO, 2013). O psicoterapeuta tem um papel, a partir da sua conexão com o que existe e surge na relação psicoterapêutica, ser o porta-voz da possibilidade do consulente entrar em contato com o seu sentir, a partir das experiências do momento presente, a partir do que emerge, um contato genuíno com a sua criança interior poderá ocorrer. O contato com o corpo presente, com as sensações, quanto à exploração de imagens internas, o material lúdico e onírico são espaços possíveis e ricos, buscando sempre a liberdade como parâmetro: a liberdade de criar, de sentir, de perceber, de estar presente como um adulto responsável e na formação de um adulto acolhedor, para assim, permitir o ancoramento de uma criança interna que pode, de forma atualizada e atualizadora, se expressar e dizer o que ela precisa, como também, ser a propositura de novas respostas e possibilidades. E tudo acontece pelos e nos corpos vivos que somos, o contato com a autenticidade, com a criança viva internamente é a nossa corporeidade (Alvim, 2014). A capacidade de fazer contato com as sensações que emergem com acolhimento, escuta atenta, respeito ao tempo do consulente são importantes pois, foi e é necessário tempo também para que a criança interior do psicoterapeuta pudesse/possa desabrochar e voltar a brincar na e com a vida.

**Palavras-chave:** Encontro. Campo. Criança interior.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Monica Botelho. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- BELMINO, Marcus César. **Gestalt-terapia e experiência de campo:** dos fundamentos à prática clínica. Jundiaí-SP: Paco, 2020.
- MURGO, G. **Gestar-se:** resgatar a criança interior. Rio de Janeiro: Semente, 2013.
- PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.
- RIBEIRO, W. **O que fizemos (continuamos a fazer) das crianças que um dia fomos?.** Brasília: Thesaurus, 2015.

# A busca de autenticidade e o resgate da criança interior: intervenções possíveis em gestalt-terapia: acessando a autenticidade através da arte

*Mariana Laís Pessôa Geha Zieza<sup>21</sup>*

## **Resumo**

Autenticidade é a própria manifestação da espiritualidade, isso porque é a digital que nos expressa, de maneira única, irrepetível, que permite ao mundo não apenas contemplar nossa existência, mas também senti-la. Essa mesma autenticidade aparece ainda na infância. Crianças são naturalmente gestaltistas. Essa é uma ideia que compartilho com Janie Rhyne (2000). De maneira que crianças experimentam suas vidas no presente, estão em contato com suas curiosidades, vão em busca de desvendá-las, suas emoções ganham espaço à medida que as sentem. Se trata de uma autenticidade que não é aprendida, e sim, inata. Com o tempo, nossa sabedoria ingênua, nossa coragem de se arriscar em novas aventuras, são censuradas pelos padrões sociais. Somos coibidos pelos nossos familiares, professores e pela nossa cultura. Quanto mais obedientes, mais controláveis. Em certa medida, essa tentativa de nos “educar” socialmente, tem sua importância, senão, o mundo se tornaria um verdadeiro caos, por outro lado, existe nossa necessidade vital de pertencimento a grupos, de socializar, e de ganhar um espaço de aceitação no olhar alheio. Desta forma, parte dessa autenticidade pura, começa a ser apontada, desmerecida, classificada, negada, até que, criamos uma espécie de personagem, para poder ser acolhido e admirado socialmente e ter espaço para existir. Essa persona costuma ter raízes tão profundas, que muitas vezes, já não se sabe mais quem é o eu autêntico, o eu personagem, como eles se encontram, e nos perdemos de nós mesmos. A arte é uma ferramenta capaz de auxiliar nesse processo de “auto encontrar-se”. Isso porque não existe como manipular a arte. Ela simplesmente é, acontece. Por ser um ato criativo, ela já nos coloca em contato com o divino que habita em nós. Como diz Zinker (2007), a criatividade é a expressão da presença de Deus em minhas mãos [...], a criação é a afirmação da divindade de cada um. Cada vez que nos colocamos em ação de forma artística, estamos nos vivenciando. Cada linha traçada, se a pincelada é suave, forte, se é controlada, livre...o fantástico é que aparecemos em cada traço. É curioso como inúmeras vezes no consultório, ao convidar o cliente para uma atividade artística, sou surpreendida com “sou péssimo em desenho”. Como um simples convite a uma experimentação, já suscita a um julgamento do seu potencial criativo e o quanto sua criança interior não

---

21 Psicóloga, Pós-graduação em Psicologia Clínica/IGT, Formação em Gestalt-terapia/UAI Argentina (em curso) e Psicoterapeuta desde 2015.

está autorizada a aparecer livremente, mas também tem uma coisa interessante: se quisermos alcançar um ao outro pela forma de arte, é necessária disposição para ver e ser vistos como realmente somos. Nesse período de pandemia e isolamento social ao qual fomos acometidos, com menos distrações externas e com um vírus que traz a incerteza da vida diariamente, acompanhei muitos clientes revistando o sentido de suas existências em seus processos terapêuticos. Fiz o uso da arte como ferramenta de descoberta, de suporte e ressignificação, pela arte oferecer a possibilidade de nós darmos sentido aquilo que foi manifestado e não apenas o contrário. Essencialmente, as queixas giravam em torno, de viver uma vida em que não se escolheu, mas que é aceitável pelo meio em que estão inseridos. Em outros casos, sequer conseguiam acessar seus próprios desejos. Algumas vezes, bloqueamos parte de nós mesmos, de uma forma tão bem-sucedida que nem conseguimos invadir nossa privacidade e própria totalidade, o que impede de estar com o outro de forma completa. Quando conseguimos adentrar nosso esconderijo de emoções rejeitadas, reprimidas etc, podemos resgatar o que é verdadeiramente nosso. Dessa forma, trazer para a relação um sentido mais pleno de ser o que somos e arriscar um contato mais autêntico. Vejo que isso funciona muito mais como um processo do que como um acontecimento. Esse contato mais autêntico, nada mais é do que nossa criança curiosa, viva, que pulsa mesmo na vida adulta, querendo colocar dela no mundo, existir criativamente.

**Palavras-chave:** Arte. Autenticidade. Criança interior.

## REFERÊNCIAS

RHYNE, J. **Arte e gestalt:** padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000.

ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em gestalt-terapia.** 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.

# IMPLICAÇÕES SÓCIO POLÍTICAS NO FAZER DO GESTALT-TERAPEUTA NA CLÍNICA AMPLIADA

## A clínica para além das quatro paredes: o papel do psicólogo em romper barreiras e alcançar novos espaços

*Patrícia Valle de Albuquerque Lima<sup>22</sup>*

### **Resumo**

A profissão do psicólogo foi regulamentada no Brasil na década de sessenta do século passado e, por muitos anos, o trabalho do psicólogo ficou basicamente restrito; ou ao modelo de atuação clínico individual, ou aos limites da atuação no âmbito das empresas privadas. A formação profissional em Psicologia se adequava a esses parâmetros e visava colocar no mercado de trabalho profissionais aptos ao exercício clínico privado, oferecido à população que pudesse arcar com os custos de uma psicoterapia particular. Até os dias atuais percebemos, em grande parte dos cursos de Psicologia que são oferecidos no país, reflexos desse modelo de formação. Com a criação do SUS e a necessidade de inserção de profissionais de Psicologia através de concursos no âmbito da saúde pública, os psicólogos tentaram transpor esse modelo de clínica particular para a atuação nos dispositivos da rede, o que gerou muitos desencontros e inviabilizou a comunicação efetiva entre as demandas dos usuários e a oferta dos profissionais. A profissão do psicólogo alcança hoje mais de 60 anos de reconhecimento e regulamentação no nosso país e, desde meados da década de 80, a entrada de psicólogos nas redes de saúde, educação e assistência social os inseriu nos espaços públicos, sendo um dos campos de atuação mais importantes da Psicologia no Brasil. Fica evidente que- tanto a formação, quanto a prática profissional - não se adequam mais ao modelo clínico limitado às quatro paredes do consultório e precisou expandir territórios, romper barreiras e viabilizar a inserção desses profissionais ao trabalho em equipes multidisciplinares, nas quais as ferramentas não podem ser apenas a escuta individual no modelo psicanalítico interpretativo. As estratégias de acolhimento grupal ou individual são, cada vez mais, valorizadas e tornam o acesso dos

---

22 Professora e supervisora de estágio do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense/Rio das Ostras. Mestre e Doutora em Psicologia pela UFRJ, especialista em Psicologia Clínica, psicoterapeuta em Gestalt terapia há mais de 30 anos. Professora colaboradora de diversos cursos de pós graduação na abordagem gestáltica. Uma das organizadoras do Dicionário de Gestalt Terapia, Gestaltês. Autora de artigos e capítulos de livro em Gestalt Terapia.

usuários ao trabalho psicossocial mais viável. A Gestalt-terapia, por sua visão de homem e de mundo holística e sistêmica e pela afinidade com o trabalho em pequenos ou grandes grupos, permitiu que os profissionais formados nessa abordagem transitassem pelo espaço da clínica ampliada com mais facilidade. A escuta dialógica favorece à prática do acolhimento psicológico, as ferramentas grupais viabilizam a coordenação de redes de conversa e grupos de encontros com usuários e membros das equipes, não só calcadas no discurso verbal, mas também pelo uso de experimentos que trazem o corpo e os sistemas de inserção político e sociais à cena terapêutica. Sabemos hoje da atuação de gestalt-terapeutas nos mais diversos dispositivos das redes federais, estaduais e municipais e em permanente relação com as políticas públicas de saúde, educação e assistência social. Do mesmo modo, a Gestalt-terapia se firmou nas universidades, adentrou o campo dos estágios e se insere hoje no âmbito público de atuação através das parcerias firmadas entre as universidades públicas com as prefeituras locais, assim como com as entidades não governamentais. A proposta desse tema é promover, através da exposição da autora de sua experiência enquanto professora e supervisora de estágio no ambiente universitário, um debate entre os presentes sobre limites e alcances das suas práticas profissionais dentro das práticas de clínica ampliada.

**Palavras chaves:** Atualidade. Clínica ampliada. Gestalt-terapia. Políticas públicas.

## REFERÊNCIAS

DIMENSTEIN, Magda. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Revista Estudos de Psicologia**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 95-121, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/FbK3GQ3CR4PDPKGNHZQ3bSk/?format=pdf&lang=pt>.

LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Gestalt-terapia e Cuidado. **Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.19, n.4, p. 1051-1066, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19nspe/v19nspea13.pdf>.

# Uma clínica inquieta e movente: reconfigurações e invenções de uma prática gestáltica marginal

Laura Cristina de Toledo Quadros<sup>23</sup>

## Resumo

Nossa proposta é discutir uma prática gestáltica que se constitui dentro da ética do cuidado, mas distanciada de um modelo convencional. Trago no meu percurso de vida uma certa inquietação que me move e convida a caminhar pelas fronteiras e, por que não dizer, pelas margens, fora de uma via reta e presumida. Desde 1997, com a oportunidade de atuar numa ONG, venho pegando os desvios do caminho com atuações voltadas à população de baixa renda em diferentes comunidades do Rio de Janeiro, tal qual a canção de Milton Nascimento, indo “aonde o povo está”. Recolhendo muitos aprendizados em muitas parcerias, fiz dessa oportunidade uma inspiração para a construção de modos de atuação que reverberaram nas práticas de ensino-aprendizagem no campo da clínica que pude realizar na universidade em projetos diferentes, interligados pela costura gestáltica. Trabalhar com a população de rua, em situação de risco, crianças abrigadas, jovens mulheres em sofrimento e pessoas em situação de refúgio, desacomodam o fazer na clínica, não apenas marcado pela inquietação, mas sobretudo pela reflexão acerca do que nos aflige na contemporaneidade. Pobreza, violação de direitos, segregação, violência, discriminação, migrações forçadas são experiências dolorosas que não só ferem a dignidade como constituem ameaça à humanidade. Portanto, a clínica que realizamos não pode estar apartada dos acontecimentos que pulsam ao nosso redor. Assim, lidar com o que acontece, viver o cotidiano e deixar-se afetar pelo entorno é o que pode nos movimentar para além de uma individualidade. Nesse sentido, a clínica nos convoca a uma atuação política e a clínica gestáltica nos permite recriar as fronteiras de nossas práticas, considerando tanto a aposta no vínculo e o compartilhamento de experiências, quanto os ajustes criativos que emergem da e na situação. É nessa fronteira pessoa-mundo que o sofrimento e a potência se encontram, sendo importante olhar para o todo. Como aponta Beisser (1980) em sua escrita original de 1970 e ainda muito atual: “Elementos díspares, desintegrados e conflitantes apresentam uma ameaça de vulto para a sociedade, tal como o são também para o indivíduo. A compartimentação de pessoas idosas, gente jovem, pessoas ricas, gente pobre, negros e brancos, intelectuais e burocratas, etc, cada compartimento separado dos outros por hiatos de geração, de geografia, de sócio economia etc, constitui uma ameaça a sobrevivência da humanidade”

---

23 Psicóloga graduada pela UFRJ, Gestalt terapeuta, mestre em psicologia, especialista em psicologia clínica; Doutora em Psicologia Social; Profa Adjunta IP/UERJ; Prof colaboradora e vice coordenadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social UERJ; supervisora clínica, pesquisadora do Entredes CnPq; vice-coordenadora do Laboratório Gestáltico e coordenadora do COMtextos: arte e livre expressão; prof convidada de cursos de pós em Gestalt-terapia e autora de artigos.

(p. 113). É necessário, porém, integrar as diferenças sem invisibilizar as singularidades e peculiaridades de cada processo, cada percurso, cada história. Esse é o compromisso de uma clínica ético-política. Essa perspectiva da clínica gestáltica visionária e revolucionária nos leva a reconfigurar enquadres e lógicas enrijecidas, flexibilizar e criar possibilidades de intervenção onde o cuidado e o saber são horizontalizados, distribuídos em rede, compartilhados vivamente. Há de ter cuidado com os especialismos ou propostas fechadas. Uma das diretrizes de uma clínica ampliada consiste justamente na diluição de poderes, na atuação em rede e na legitimação de saberes não acadêmicos. Em outro momento, discorri sobre fazer uma Gestalt “fora da caixa” e os desafios que envolvem uma prática que corre na trilha marginal. Temos uma responsabilidade de manter no horizonte a dimensão social de nossas práticas que transcende a individualidade, valoriza as singularidades, o frescor, a generosidade e a esperança.

**Palavras chave:** Clínica ampliada. Gestalt-terapia. Práticas de cuidado.

## REFERÊNCIAS

BEISSER, A. R. A teoria paradoxal da mudança. *In*: FAGAN, J.; SHEPHERD, I. L.(org.). **Gestalt-terapia: teorias, técnicas e aplicações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

QUADROS L. C. T. A prática clínica individual como desdobramento e reverberação do coletivo. **Revista IGT na Rede**, [S.l.], v. 8, n. 14, p. 56-66, 2011. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/301/397>.

QUADROS, L C. T.; PRESTRELO, E. T. Nas trilhas do cuidado: a afirmação da dimensão sensível da experiência na abordagem gestáltica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 864-879, 2019.

# Percursos de uma gestalt terapeuta no SUS: reconhecendo um caminho

Ana Cristina Balieiro Barbosa<sup>24</sup>

## Resumo

Antes do SUS ser concebido, a saúde pública ficava ao encargo do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, o antigo INAMPS, e apenas os trabalhadores e seus dependentes que contribuía para a previdência social, tinham acesso à assistência médica. Além disso, a distribuição dos recursos também era desigual entre as regiões, onde as mais pobres como o nordeste e norte ficavam com um percentual menor. Em 1986, por exemplo, a região norte chegou a receber apenas 2% dos recursos. O modelo empregado era hospitalocêntrico, isso porque a ideia que se tinha sobre saúde, se restringia a ausência de doença, portanto o hospital era o lugar de tratamento, com ações centradas no profissional médico e esse por sua vez, olhava o ser humano de forma dicotomizada. Desde a década de 70 grupos se organizaram para discutir um sistema de assistência à saúde que fosse democrática e respondesse as necessidades da população e em 1988 com a promulgação da constituição, o SUS foi criado. Ele é um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo, sendo o único a garantir assistência integral e completamente gratuita. Três princípios formam a base do sistema: Universalidade, Equidade e Integralidade e se organiza pelos princípios de Descentralização, Resolutividade, Regionalização, Hierarquização e Participação Social. O Sistema de Saúde instituída na constituição de 1988 propunha, por suas características citadas acima, uma mudança radical no conceito de saúde, que deixava de ser vista como ausência de doença e passava a ser entendida como uma relação de bem-estar biopsicossocial. Para dar conta dessa mudança de paradigma seria preciso um árduo trabalho de construção de dispositivos, mudança de mentalidade e um constante questionamento do status quo, implicando o poder público, profissionais de saúde e sociedade. Sempre que penso no meu percurso profissional trilhando desde o início da profissão, é impossível desconectar a formação como Gestalt Terapeuta, que acredito que se dê para além do curso de formação, mas também numa prática diária, onde o vivido traz questionamentos, reflexões e a consequente necessidade de mudanças no fazer; assim como a construção do SUS, que por concepção, nunca está ou estará pronto e acabado, uma vez que ele se reformula de tempos em tempos à partir das transformações que ocorrem com seus usuários. Foi no ano de 1990 que comecei a atuar como psicóloga na Secretaria de saúde de Resende, Rio

---

24 Psicóloga formada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Gestalt Terapeuta há mais de 30 anos, formação em Psico – oncologia com M<sup>a</sup> Margarida M.J.de Carvalho (Magui) e outros (SP), formação em Terapia de Família e Casal com Teresinha Melo da Silveira e Heloisa Costa (RJ), experiência como psicóloga e coordenação de programas de saúde na Secretaria Municipal de Saúde de Resende desde 1990.

de Janeiro e nesse mesmo ano o Congresso Nacional aprovou a Lei Orgânica da Saúde, que estabelecia o funcionamento do SUS. Sendo assim, tive a oportunidade de participar do surgimento do sistema, através da atuação em diversos segmentos, atuando como psicóloga, gestora ou como participante de conselho municipal de saúde. Se posso afirmar que o SUS me forjou como profissional, também posso dizer que a Gestalt terapia me forneceu constructo teórico: relação dialógica, teoria de campo e visão de ser humano necessária para um atuar ético. A autora pretende através de pequenos relatos elencados em 30 anos de trabalho, refletir como as implicações sociopolíticas se dão nas pequenas ações diárias de um fazer que privilegia uma eterna construção e reconstrução.

**Palavras-chave:** Gestalt terapia. Percursos. Sistema Único de Saúde (SUS).

## REFERÊNCIAS

- D'AVILA, Cristiane. O homem que lançou as bases do Sistema Único de Saúde (SUS): Pioneiro e inovador. Assim pode ser classificado o trabalho do médico Hésio de Albuquerque Cordeiro, que levou o antigo INAMPS a consagrar os princípios do movimento sanitário, dando início ao SUS. **Café História** [S.l.], 7 dez. 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/hesio-cordeiro-o-homem-que-lancou-as-bases-do-sus/>. ISSN: 267459.
- PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- RIBEIRO, W. **Existência e essência: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais**. São Paulo: Summus, 1998.

# GESTALT-TERAPIA, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

## Possibilidades na prática clínica com adolescentes sob a ótica da gestalt-terapia

*Karol Maes<sup>25</sup>*

### Resumo

Este Minicurso visa a trazer possibilidades na prática clínica com adolescentes sob a ótica da Gestalt-terapia (GT). No primeiro momento, a profissional trará um vasto estudo teórico sobre o tema e, posteriormente, convidará o público a uma vivência. Há um grau de aprofundamento intenso neste trabalho. Entretanto, será trazido de forma simples, atendendo a todos os tipos de público. Por isso, considera-se de nível básico. Sobre o estudo teórico, o foco estará em referências que citam as possibilidades da prática clínica individual com adolescentes. Em suma, essas referências trazem a importância de compreender a entrevista, a compreensão diagnóstica, o contrato psicoterapêutico, a psicoterapia em si e o contato, para que, então, tragam-se possibilidades vivenciais de intervenção. Dentre outros autores, consideram-se as reflexões de Frazão (1996), Oaklander (2008) e Pinto (2015) para esses temas. Para pensar possibilidades com adolescentes, faz-se necessário compreendê-los. Por isso, o minicurso contemplará reflexões, baseadas em obras como as de Ozella e Aguiar (2008) e Baroncelli (2012), acerca da adolescência, incluindo as singularidades e as comunalidades; e abordará a compreensão do desenvolvimento para a GT. Em síntese, a necessidade de ser criativo para atender adolescente é corroborada pela própria história, que mostra a diversidade do adolescer. Por exemplo, houve momentos em que a adolescência sequer existiu ou, em outras culturas, apresenta-se muito diferente das comunalidades vistas nos adolescentes contemporâneos ocidentais. Mesmo dentro dessas comunalidades, não se pode seguir com rigor as cartilhas dos manuais de psicologia, pois, às vezes, o que é tão discutido – como o sofrimento do adolescente no quesito escolha da profissão – não chega perto de outras realidades, porque os sofrimentos referem-se à preocupação de conseguir algum emprego que banque a sua sobrevivência. Essa variedade do adolescer vai ao encontro do que é desenvolvimento para a Gestalt-terapia, que não acredita em fases fixas do desenvolvimento. Para a GT, desenvolver-se é aprender a descobrir

---

25 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, com mobilidade acadêmica na Universidade de Coimbra/Portugal; especialista em Gestalt-terapia pela Clínica Escola Comunidade Gestáltica de Florianópolis/SC. Trabalhou com Psicologia Intercultural na Agência World Study. Atualmente realiza supervisão e atendimento clínico infantil/adolescente/adulto; faz parte do corpo docente da Clínica Escola Comunidade Gestáltica; e ministra disciplinas sobre a Clínica Infantojuvenil.

novas possibilidades. Frisado as singularidades, a fim de não cair na armadilha das generalizações e dos preconceitos, é preciso cuidar para não se fixar apenas nesse polo. Por isso, necessita-se transitar nas comunalidades para se chegar a uma integração. Algumas das comunalidades que os adolescentes ocidentais contemporâneos enfrentam são: a invasão das tecnologias; as novas formas de se relacionar e os preconceitos advindos; os transtornos alimentares; e os comportamentos automutilantes. Há aqueles também que, ao invés de passarem pela fase da adolescência de forma tortuosa, passam por ela de forma leve e criativa. Ou, ainda, aqueles que apresentam todas essas formas em momentos distintos. Portanto, há muitas especificidades e muitas possibilidades de adolecer. Dessa forma, o trabalho psicoterapêutico precisa estar em consonância com essa variedade e, assim, disponibilizar um vasto e criativo arsenal psicoterapêutico. Por isso, este estudo teórico se atentou em trazer possibilidades na prática clínica com adolescentes. Uma dessas possibilidades é a entrevista, na qual psicoterapeuta e cliente se conhecem e iniciam o para quê e como da psicoterapia. Junto à entrevista, é a partir da compreensão diagnóstica que o psicoterapeuta terá o norte de como trabalhar e se relacionar com o cliente. Nesse processo, o contrato psicoterapêutico ajudará a pensar as possibilidades de trabalho, a partir dos contornos e dos acordos estabelecidos, quando necessário, entre psicoterapeuta e cliente. A partir desses manejos citados é possível alterar o campo, além de ampliá-lo, o que se pode chamar de psicoterapia. Junto a ela, o contato, sem o qual a humanidade desse trabalho se perde. Assim, perpassado por esses caminhos, pode-se chegar às possibilidades vivenciais de intervenção. Dessa forma, elas não se apresentam como uma mera técnica e sim com todo o cuidado para serem experimentos que possuem sentido ao serem utilizados. Sobre essas possibilidades, foram compiladas onze vivências, alguma delas são: Stop psicológico, A linha da vida, Fogueira, O desenho a quatro mãos, Símbolo e A parede das denúncias. Essas possibilidades serão vivenciadas no Minicurso. Explicar-se-á cada uma delas e convidar-se-á os participantes a se dividirem em grupos, cada um escolherá uma das possibilidades para experienciar.

**Palavras-chave:** Adolescente. Gestalt-terapia. Psicologia Clínica.

## REFERÊNCIAS

- OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J de. Desmistificando a concepção de adolescência, **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008.
- BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 188-196, dez. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 21 mar. 2020.
- FRAZÃO, Lilian Meyer. Pensamento diagnóstico processual: uma visão gestáltica de diagnóstico. **Revista do II Encontro Goiano de Gestalt-Terapia**, Goiânia, n. 2, p. 27-31, 1996.
- OAKLANDER, V. **El tesoro escondido: la vida interior de niños y adolescentes**. Santiago: Cuatro Vientos, 2008.

PINTO. E. B. A primeira entrevista. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org). **A clínica, a relação terapêutica e o manejo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. p. 11-29.

# A infância no mundo tecnológico contemporâneo: implicações à clínica gestáltica com crianças

*Laura Valério Duarte Camisão*

## **Resumo**

O mundo contemporâneo é marcado pela presença cotidiana das tecnologias de informação e comunicação (TIC), com seu uso cada vez mais precoce e frequente na vida das crianças. Essa realidade de evolução tecnológica que por um lado proporciona inúmeros benefícios, por outro tem levado à uma perda de elementos essenciais ao crescimento e desenvolvimento infantis. As repercussões da era digital em aspectos psicológicos e comportamentais durante esse período da vida tem sido tema de discussão no âmbito da saúde e tem permeado as demandas por psicoterapia infantil que chegam ao consultório nos últimos tempos. Haja visto recomendações da OMS sobre o uso de aparelhos eletrônicos e tempo em atividades passivas por crianças divulgadas no último ano e o manual "Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital" produzido pela Associação Brasileira de Pediatria (ABP). Temos perdido qualidade nas relações interpessoais, na presença e cuidados mais básicos, refletindo em problemas e adoecimentos que tem atingido as crianças em seu ser-mundo e que aqui serão abordados através da experiência na clínica gestáltica infantil. Este trabalho objetiva promover reflexão acerca dos atravessamentos do mundo tecnológico contemporâneo no ser-mundo da criança que chega ao consultório, compreendendo seu campo relacional e de contato na vivência da infância hoje, as relações familiares e papel dos pais envolvidos no cotidiano da vida moderna, já que conforme esclarecem Perls, Hefferline e Goodman (1997), a experiência se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente e é essencialmente o contato, num campo onde interagem fatores socioculturais, animais e físicos. A reflexão e análise propostas são pautadas na experiência como Gestalt-terapeuta no acompanhamento dessas crianças e suas famílias e bibliografia existente sobre o tema. Diante do trabalho psicoterapêutico tem emergido a questão do uso das TICs, seja relacionada a problemas apresentados no contexto de vida da criança, emocionais e comportamentais, seja nas relações familiares que impactam diretamente a saúde mental e desenvolvimento da criança. Tem sido notório ainda que os pais carecem de referências sobre o uso adequado das TICs no dia-a-dia dos filhos, demandando orientação, visto que estão igualmente imersos nessa realidade. Paralelamente a isso revela-se uma diminuição de tempo de qualidade juntos, da interação pais e filhos, do brincar, do ser criança em sua essência de criatividade e espontaneidade. As estatísticas mais recentes revelam como alguns dos problemas mais frequentes associados ao uso excessivo da tecnologia por crianças e adolescentes o aumento da ansiedade, a dificuldade de estabelecer relações em sociedade, o estímulo à sexualização precoce, a adesão ao cyberbullying, o comportamento agressivo, os transtornos de sono e de alimentação, o baixo rendimento

escolar, as lesões por esforço repetitivo e a exposição precoce a drogas (SBP, 2016). Diante dessa realidade, e sendo a infância período de formação e compreensão de si e do mundo a sua volta, tais questões demandam urgente atenção tanto pelos pais quanto por nós psicoterapeutas, que recebemos a criança com um importante papel de lançar luz a esse campo. Em Gestalt-terapia entendemos que a criança precisa ser bem acolhida e acompanhada emocionalmente para construir autossuporte, estabelecendo o contato como possibilidade de relação com o mundo através de sua experiência, percepção e interação de acordo com suas necessidades. Contudo, nos deparamos com um cenário permeado pelos adoecimentos contemporâneos em que as necessidades infantis mais básicas, e aquelas subjetivas de cada criança, vem passando despercebidas num mundo “digitalmente distraído”. Assim, em meio a tantos recursos tecnológicos e facilidades atuais, quando falamos de ser criança e das potencialidades de seu ser-mundo a resposta talvez esteja no simples, no retorno à presença verdadeira e à construção pelo espontâneo, buscando equilíbrio diante do que o mundo oferece. Plano geral do curso: 1.Mundo tecnológico contemporâneo: características. 2.Gestalt-terapia com crianças hoje: demandas e sintomatologia que chegam. 3.Desenvolvimento psicológico infantil x Uso das TICs. 3.1.Consequências à infância e questões contemporâneas; Reflexão interativa com o público. 3.2.Desafios para os pais: qual o parâmetro? 3.3.Recomendações gerais. 4.O simples como ponto de partida e o equilíbrio como caminho. Grau de aprofundamento/adequação ao público: intermediário.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade. Gestalt-terapia. Infância. Psicoterapia infantil. Tecnologia.

## REFERÊNCIAS

ANTONY, S. (org.). **A clínica gestáltica com crianças:** caminhos de crescimento. São Paulo: Summus, 2010.

CARDOSO, Claudia Lins; GIOVANETTI, José Paulo (org.), **Sofrimento humano e cuidado terapêutico.** Belo Horizonte: Artesã, 2019.

FEIJOO, A. M.; FEIJOO, E. (org.). **Ser criança:** uma compreensão existencial da experiência infantil. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Modalidades de intervenção clínica em gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2016.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

# ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO E ABORDAGEM GESTÁLTICA: POTÊNCIAS E DESAFIOS NA EXPERIÊNCIA PANDÊMICA

## Acolher aquele que sofre ou a radicalidade de uma prática gestáltica na Pandemia: uma das formas de “suspender o céu para adiar o fim do mundo”

*Eleonôra Torres Prestrelo<sup>26</sup>*

### Resumo

Início essa fala com um título inspirado por um dos grandes pensadores contemporâneos, Ailton Krenak (2019) que tanto nos tem ajudado a pensar os estreitamentos de nossos modos de existência. Converso com ele na proposição da importância de contar histórias como uma das formas possíveis de suspensão do céu para evitarmos o fim do mundo. Conto histórias para contar de mim, de nós, para fazer mundos! Conto histórias inclusive como uma forma de cuidar (PRESTRELO, 2017), acompanhada por tantas outras pensadoras, fontes de inspiração em minhas práticas. Num Congresso que se propõe a lidar com a expansão da compreensão de nosso lugar no planeta e seus atravessamentos, ou seja, em estimular a expansão do contato de formas limitantes de apreensão do mundo, penso que muitas destas ideias que me acompanham podem nos ajudar a pensar, no caso específico deste evento, nossa prática gestáltica e dentre elas, o acolhimento psicológico, tema central desta mesa redonda. Muito se tem falado a respeito desse tema nesses últimos anos, especialmente durante esse tempo vivido em Pandemia por COVID-19. O que o traz como figura em tempos tão sombrios? O acolhimento é tido como uma diretriz básica do Política Nacional de Humanização/SUS, que indica, reforça e o institui como atitude e ação na prática de humanização nas relações. O que nos fala a

---

26 Gestalt-terapeuta, doutora em Psicologia pela UFF, vinculada ao Grupo de Pesquisa Entre\_Redes (CNPq) e ao Laboratório pesquisarCOM (UFF), mestre em Psicologia Clínica pela PUC/RJ, professora de Gestalt-terapia no Instituto de Psicologia da UERJ. Pesquisadora interessada em histórias e práticas de cuidado, coordenadora do programa de extensão: “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas”, do projeto de extensão “GAPsi- grupos de apoio psicológico” e coordenadora do Núcleo de Extensão do Instituto de Psicologia da UERJ. Autora de diversos artigos publicados em livros e revistas nacionais, co-organizadora do livro: O tempo e a escuta da vida: configurações e práticas contemporâneas (Quartet, 2014). Uma nordestina, natural de Pernambuco, que anda pela vida ouvindo, contando e fazendo histórias.

formalização dessa diretriz? O que ela nos diz de nossas práticas de cuidar? É no sentido de pensar nossas práticas de cuidar enquanto gestalt terapeutas, na radicalidade da compreensão do que a constitui que desenvolverei essa fala, marcando a orientação em meus trabalhos de uma prática de cuidado que não está dada, não se faz “*a priori*”, se faz ao fazer (MOL, 2008), pois como tão apropriadamente nos afirma Delacroix (2009), numa leitura antropológica da relação que amplia, a meu ver, nosso olhar para o trabalho terapêutico como acolhimento aqui e agora de um todo, o que aparece no contexto terapêutico são manifestações do campo. Contar do sofrimento presente no campo nos faz mais humanos, pois como nos chama atenção Sapienza (2004) toda a dor e sofrimento imposto ao homem diz respeito a mim, a você, a humanidade inteira. Traremos aqui um pouco do que experienciamos em nossas ações durante a Pandemia por COVID-19, pois elas dizem respeito a todas(os) nós. Acho que podemos nos inspirar na troca que se fará através dessa mesa, na ampliação dos horizontes do cuidar para que possamos, quem sabe, sermos também responsáveis pelo adiamento do fim do mundo.

**Palavras chave:** Abordagem gestáltica. Acolhimento. Contar histórias. Cuidar.

## REFERÊNCIAS

DELACROIX, J. M. **Encuentro com la psicoterapia:** una visión antropológica de la relación y el sentido de la enfermedad em la paradoja de la vida. Santiago do Chile: Chile, 2009.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Companhia das Letras: São Paulo, 2019.

MOL, A. M. **The logic of care:** health and the problem of patient choice. Nova York: Routledge, 2008.

PRESTRELO, E. T. **Histórias que (nos) contam:** o encantamento dos dias de uma “vida vivida”. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2017.

SAPIENZA, B. T. **Conversa sobre terapia:** Paulus: São Paulo, 2008.

# O acolhimento e a presença entre-telas: potências gestálticas no encontro do velho com o novo

Laura Cristina de Toledo Quadros<sup>27</sup>

## Resumo

Embora o acolhimento seja considerado uma tecnologia leve, com efeitos reconhecidos no campo da atenção básica no SUS, ainda nos ronda o espectro dele ser visto como algo menor, menos imponente ou sem grandes impactos nas práticas clínicas. A pandemia, evento inesperado e inédito em nosso tempo, aponta a importância desse modo de intervir, nos convocando a novas reflexões acerca desse tema. Segundo Quadros, Cunha e Uziel (2020), resgatar o acolhimento como uma possibilidade potente sem reduzi-lo ao mero alívio momentâneo é uma aposta ético política num certo contraponto ao modelo historicamente dominante que prioriza as grandes narrativas, centradas no diagnóstico, no poder do psicoterapeuta e na valorização dos processos psicoterápicos longos. A partir da oportunidade de coordenação de um projeto numa universidade pública que promoveu acolhimento psicológico a quase 600 pessoas nos 6 meses iniciais de pandemia, bem como da experiência clínica cotidiana, trazemos aqui alguns fios que serão entrelaçados no compartilhamento dessa prática. Considerando a base dialógica da Gestalt-terapia, a atitude de acolher é um dos pilares de nossa atuação. Porém, as proposições mais usuais da clínica foram, de certa forma, reviradas nesses tempos pandêmicos nos levando à muitos ajustamentos criativos para o atendimento remoto que de exceção passou à regra. Uma das questões que move essa reflexão e escrita, consiste na reafirmação da ideia de presença – outro fundamento da dialogicidade – nesse ambiente onde os corpos se contatam entre-telas, em algumas circunstâncias entre-aúdios ou entre-mensagens de texto. A tecnologia e o ambiente virtual compreendidos aqui como o *novo*, e a presença marcada pela disponibilidade e a inteireza (incluindo nossas dores), como o *velho*, se reconfiguram no encontro. E tal encontro promove deslocamentos e desacomodações na psicoterapia e no psicoterapeuta. A Gestalt-terapia e suas possibilidades nos ajudam nesse movimento de entrelaçar fios, fazer e refazer continuamente nossos movimentos na clínica. A pandemia veio nos confirmar que não há territórios garantidos no campo do conhecimento e muito menos no campo da clínica em psicologia. Assim *re-ver* a proposição do acolher, reconfigurar o intervir, reafirmar a presença nessa circunstância e construir possibilidades constituem-se em fios que aqui tecem a artesanaria e a potência gestáltica.

---

27 Gestalt-terapeuta, Especialista em psicologia clínica (CRP) com atuação também em projetos sociais; Professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio; Professora permanente da Pós-graduação em Psicologia, Doutora em Psicologia Social pela UERJ; Supervisora clínica e Coordenadora de projetos de pesquisa e do projeto de extensão COMtextos: arte e livre expressão na abordagem gestáltica. Autora de artigos e organizadora de livros.

**Palavras chave:** Acolhimento. Gestalt-terapia. Cuidado. Presença.

## REFERÊNCIAS

QUADROS, L.C T.; CUNHA C. C.; UZIEL, A. P. Acolhimento psicológico e afeto em tempos de pandemia: práticas políticas de afirmação da vida. **Revista Psicologia & Sociedade**, [S.l.], v. 32, dossiê, ago.2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/syD3N3qJCwS6qxDZqSr8Vzy/?format=pdf&lang=pt>.

HYCNER, Richard; JACOBS, L. **Relação e cura em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

# O afeto que transborda e a vida que insiste

Luciana Bicalho Cavanellas<sup>28</sup>

## Resumo

Parar para refletir sobre o que temos feito é sempre uma oportunidade e dessa vez com um sabor especial de pensar sobre eventos de tamanho ineditismo e senso de comunidade como algo que é comum a todos. Estamos todos vinculados por uma experiência pandêmica, que vem nos desafiando desde março de 2020, quando bateu nas nossas portas, tomou nossas rotinas e arrebatou nossas vidas. Temos vivido assim, sob as ameaças e desafios desses tempos. Tempos que exacerbaram a consciência da vulnerabilidade e finitude humanas, nos colocando diante da doença, da ignorância e da morte, como bonecos num jogo de dados ficcional, porém assustadoramente verídico. Vivemos tempos radicalmente incertos! Em seu livro “Como viver em tempos de crise”, Morin já nos dizia que o conhecimento hiper especializado e compartimentado se tornou limitado, ao quebrar a complexidade do mundo. “Assim, quanto mais os problemas se tornam planetários, mais se tornam impensados”. (MORIN, 2013). No entanto, em situações-limite, há sempre descobertas e revelações. Momentos extremos carregam em si um traço revolucionário, um convite, uma convocação. “O provável, portanto, é que caminhamos para o abismo. E, no entanto, sempre houve o improvável na história humana” (MORIN, p.21). Ou nas palavras do poeta alemão Hölderlin, evocadas por Heidegger: “Mas onde há perigo, cresce também a salvação.” (2007). Queremos aqui olhar para o improvável e para o que cresce em meio ao perigo. O que temos feito em nossas clínicas e práticas pessoais, profissionais, humanas? Quando o sofrimento transborda e as questões relacionadas à saúde mental da população ganham letreiros jamais vistos, quando novas expressões são criadas (vide “fadiga pandêmica” pela OMS) para tentar traduzir o que tantas pessoas sentem, quando os consultórios virtuais já não têm horários disponíveis, o que dizer de nossas formas de cuidado e acolhimento? A Gestalt Terapia nos recebe em sua casa e conforta em suas bases, oferecendo sempre um campo de possibilidades e modos de estar-com-o-outro. Acreditar na capacidade de autorregulação, na criatividade do ser humano e na força dos encontros genuínos nos faz transcender fronteiras e recriar horizontes. Sempre haverá conexões possíveis. “Logo os soldados foram se tornando insuficientes para controlar tamanho afeto” (Junior, 2021, p.19) Oferecemos espaços, escutas, olhares, sorrisos, individuais, coletivos, mediados ou não por telas, mas cientes de que a técnica está a nosso serviço e não nos reduziremos a ela. O que se nos apresenta é uma oportunidade de inaugurarmos outros modos, atualizarmos nossas estratégias e valorizarmos nossa potência. Isso, de certo modo, é o que Canguilhem

---

28 Gestalt-terapeuta, Mestre em Filosofia (UERJ), Doutora em Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), com pesquisa sobre o cuidado em situações limite. Psicóloga clínica há 30 anos e responsável pela área de saúde mental e trabalho da Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fiocruz. Pesquisadora integrante do Projeto Respiro: investigação e apoio aos Trabalhadores da Saúde na pandemia. (Inova/Fiocruz).

(2009) chamou de saúde. Uma capacidade de criar novas normas, renormatizar, diante das infidelidades do meio. Não sabemos ao certo o que esperar, mas temos o presente radicalmente vivo, na experiência verdadeira do “aqui e agora”, como a Gestalt terapia nos ensinou a fazer e compreender. Fazemos dessa experiência um tributo à vida!

**Palavras chave:** Acolhimento. Afeto. Gestalt-terapia. Potências.

## REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Sci. stud.**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, Sept. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-31662007000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662007000300006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 7 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Doramar ou a odisseia: histórias**. São Paulo: Todavia, 2021.

MORIN, E.; VIVERET, P. **Como viver em tempos de crise?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

# GESTALT-TERAPIA, FINITUDE E LUTO

## O gestalt-terapeuta diante da morte e do luto

*Maria Júlia de Oliveira Uchôa Reale<sup>29</sup>*

### Resumo

O luto é um processo dinâmico de adaptação à perda irreversível de uma pessoa significativa. Como apontado por Perls, Hefferline e Goodman (1997), o luto é uma reação regulatória do próprio organismo que possibilita restaurar a homeostase, diante de uma situação objetiva que não pode ser modificada. É uma reação normal e que todas as pessoas irão experimentar em algum momento da vida, entretanto, o modo como isso acontece para cada um é muito diverso. A vivência desse processo depende de causas e circunstâncias da perda, bem como da qualidade do vínculo com a pessoa que morreu. Além disso, os recursos psicológicos que cada um tem para enfrentar esse momento de perda e a qualidade da rede de apoio existente são também aspectos que determinam o desenrolar do processo do luto. O luto é um fenômeno multidimensional e afeta a pessoa em várias esferas da vida (social, emocional, comportamental, fisiológica, afetiva), e por isso, não pode ser generalizado. Freitas (2010) defende que a experiência de luto ultrapassa o sentido da perda, abarcando, também, o sentido da relação. Assim, o luto é o contato com a falta que se revela na expressão da relação da pessoa com o campo modificado. Ou seja, promove o contato com a falta, com a perda do outro e com a relação construída com e a partir do outro. Sendo a relação o pilar central da concepção fenomenológico-existencial do luto, nota-se a necessidade de ressignificação da relação com a pessoa que morreu e não do luto em si (FREITAS, 2010). Diante disso, entende-se a importância de discutir esse fenômeno a partir de uma proposta que ultrapasse a compreensão de superação do luto e o reconheça como uma crise de sentido que possibilita novas formas de interação com aquilo que se perdeu do outro e, conseqüentemente, com a supressão das possibilidades de suas formas de existir enquanto ser-no-mundo. Para tanto, propõe-se uma atividade no modelo de mini-curso que visa fornecer referências teóricas para a compreensão do fenômeno do luto a partir de uma visão fenomenológico-existencial, promovendo subsídios aos seus participantes para intervir em situações de luto com sustentação na abordagem da Gestalt-terapia.

---

29 Mestre em Psicologia Social com pesquisa acerca dos cuidados paliativos, Gestalt-terapeuta pelo IGTBA, Psicóloga Hospitalar, tem formação em EMDR. É psicóloga pela UFBA, formada há dez anos, com experiência no contexto hospitalar, implementando e coordenando um serviço de psicologia por 6 anos. Foi docente de graduação em instituição pública e particular e hoje atua na clínica e como docente de cursos livres. Estuda e atua em situações atreladas a morte, luto, traumas e adoecimento.

Esse espaço de troca irá se desenvolver através de discussão teórica intercalada com relato de casos, com uma linguagem acessível para quem tem um contato inicial com essa temática. O trabalho da gestalt-terapeuta com pessoas enlutadas precisa reconhecer e validar os sentimentos proveniente da quebra de um vínculo. O sofrimento emocional que surge no processo de luto é um meio de impedir o isolamento do problema para que, trabalhando o conflito, o self cresça no campo do existente (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Então, é preciso vivenciar o sofrimento e a gestalt-terapeuta precisa reconhecer os aspectos inerentes do luto para sentir-se segura para ser presença genuína no processo de travessia dessa dor. O luto é uma experiência de crise em que o medo e a raiva, expansão e retração são reações naturais da liberação de energia sem direção, que promove o alargamento das fronteiras pessoais, oferecendo um ângulo novo de visão da vida (JULIANO, 1999). Ou seja, o luto tem um potencial transformador e a gestalt-terapeuta precisa assegurar isso para possibilitar que a pessoa enlutada resgate a sua capacidade criadora e a fluidez da sua existência. Desse modo, essa proposta de trabalho pode contribuir para uma atuação mais consciente e holística de gestalt-terapeutas que trabalham com pessoas que vivenciam perdas/morte.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Luto. Morte.

## REFERÊNCIAS

FREITAS, Joanneliese de Lucas. **Experiência de adoecimento e morte:** diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-Terapia. Curitiba: Juruá, 2010.

JULIANO, J. C. **A arte de restaurar história:** o diálogo criativo no caminho pessoal. 2. ed. São Paulo: Summus, 1999.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

# Possibilidades da clínica gestáltica no atendimento de crianças enlutadas

*Patricia Barrachina Camps<sup>30</sup>, Daniela Pupo Barbosa Bianchi<sup>31</sup>/  
Ida Kublikowski<sup>32</sup>, Maria Helena Pereira Franco<sup>33</sup>*

## Resumo

Introdução: O luto é uma experiência humana inegável e universal, especialmente quando se perde uma figura de apego importante, e seu enfrentamento pode trazer inúmeros sintomas físicos, psíquicos e sociais. A experiência de perda de pessoas na vida humana é inevitável. Amar implica em risco constante de perder o objeto do amor, mas pode ser considerado um preço justo pela possibilidade de uma vida calcada em um sentimento necessário ao existir humano com significado e sentido. Não raro o sentido dado à vida sofre uma crise e as relações com o ambiente também são questionadas. Uma nova forma precisará ser constituída, um recomeço precisa ser alcançado, a esperança precisa ser resgatada. Se para os adultos, já com recursos suportivos mais constituídos este momento pode ser de intensa dor e sofrimento, como pensar nesta vivência pela criança, ainda em pleno processo de desenvolvimento psíquico, afetivo e constituição de ser-mundo? O processo psíquico de elaboração de uma perda rompe com toda a constituição de mundo interno e segurança da criança, exigindo que novas formas de ajustamento sejam criadas. Neste sentido, a presença de um outro-suporte é fundamental para que a criança possa percorrer seus ciclos de contato e alcançar a satisfação de suas necessidades no enfrentamento do luto. A Gestalt-terapia é uma abordagem fenomenológico-existencial, focada na construção dialógica, na qual a relação terapeuta-cliente ganha um eixo central. Em termos de prática clínica, o terapeuta se coloca em abertura à espera do outro-humano que o busca, na expectativa de que se revele, acolhendo os conteúdos, reconhecendo sua manifestação, em um processo de aceitação, confirmação e inclusão. Neste sentido, a intervenção terapêutica acompanha a expressão do brincar como linguagem para a criança comunicar, compreender e assimilar o vivido. Objetivo: O presente minicurso

---

30 CRP: 06/63876. Graduada em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo; mestranda em Psicologia Clínica pela PUC/SP; Especialista em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto pelo Instituto Quatro Estações – SP; Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Gestalt de São Paulo; Professora no Instituto Gestalt de São Paulo.

31 CRP: 06/80930. Graduada em Direito e Psicologia, doutoranda e mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP, Professora de formação em Gestalt-terapia do Instituto Gestalt de São Paulo, Sedes Sapientiae e Centro de Estudos Gestálticos de Santa Catarina.

32 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Associada, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

33 PUC-SP, professora titular da PUC-SP, pós graduação em Psicologia Clínica.

tem por objetivo apresentar possibilidades de intervenção e manejo clínico no cuidado com crianças enlutadas, apresentando referenciais teóricos que sustentem este manejo e vinhetas de casos clínicos para ilustrar o processo de psicoterapia gestáltica com crianças e como estes podem favorecer a elaboração do luto. Serão percorridos os fundamentos epistemológicos e conceitos fundamentais que sustentam a Gestalt-terapia, sendo este curso acessível para participantes com nível básico de conhecimento na abordagem. Método: Revisão bibliográfica de teóricos da Gestalt-terapia e estudos em luto na contemporaneidade, com enfoque nas bases relacionais da teoria associadas a vinhetas de casos clínicos, destacando a importância da relação terapêutica e o encontro terapeuta-cliente através da linguagem dos símbolos e do brincar e como estes podem ser valiosos recursos na clínica gestáltica de luto. Discussão: A clínica com crianças enlutadas é uma clínica de acolhimento e delicadeza, visto que deparar-se com a morte pode implicar travessias por searas habitadas por dores e sofrimentos profundos. No âmbito do trabalho realizado com crianças, estas precisam reconstruir sua percepção de mundo, relações e compreensão sobre a morte e o morrer, transformando a relação com a pessoa perdida e atribuindo sentido a esta experiência, inaugurando uma nova forma de ser-no-mundo. Para tanto, contar com um acolhimento terapêutico que ofereça o heterossuporte necessário para este atravessamento pode ser fundamental na elaboração desta vivência. Resultados: Nos casos clínicos que serão apresentados, percebemos que as intervenções terapêuticas através do brincar atuaram como facilitadoras na comunicação terapêutica, permitindo a expressão de sentimentos sobre a experiência da perda, descoberta ou criação de recursos de enfrentamento e possibilidades de questionamentos acerca de dúvidas e inquietações sobre a morte e a vivência do luto. Conclusões: Ao vivenciar uma experiência de perda significativa, a criança pode precisar da intervenção terapêutica para ajudá-la em seu processo de elaboração do luto e é fundamental que o psicoterapeuta tenha conhecimento acerca da vivência do processo de luto, bem como compreenda o brincar como linguagem infantil neste enfrentamento, possibilitando intervenções que facilitem a elaboração do luto frente ao rompimento de um laço afetivo significativo e reconstrução de mundo e de uma nova forma de existir.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Luto infantil. Psicoterapia infantil.

## REFERÊNCIAS

- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v. 2.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **De volta para casa: ética e poética na clínica gestáltica contemporânea**. Amparo: Foca, 2017.
- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.
- PARKES, C. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.
- PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

# Narrativas sobre a vida e a morte: a gestalt-terapia e o cuidado às pessoas em processo de finitude

*Sheila Silva Lima<sup>34</sup>*

## Resumo

Apesar do aumento na expectativa de vida e do crescimento do número de pessoas que convivem com doenças crônicas e incuráveis, o tema da finitude tem sido cada vez mais afastado da nossa sociedade, levando à realização de práticas em saúde que tentam prolongar a vida a qualquer custo, em detrimento da qualidade da mesma e da dignidade do sujeito. A escassez de debates contemporâneos sobre o tema da morte dificulta os processos de comunicação e pode acarretar em maior sofrimento para pessoas que se encontram em processo de adoecimento, seus familiares e profissionais de saúde. Tal cenário leva o Brasil a ocupar um dos piores lugares no ranking mundial no que diz respeito à qualidade de morte. Diante disso, na década de 60, na Inglaterra, se iniciou o movimento que deu origem à prática moderna em Cuidados Paliativos, que é definida pela Organização Mundial de Saúde como uma abordagem que visa melhorar a qualidade de vida de pacientes e familiares no contexto de uma doença grave e ameaçadora da vida, objetivando a prevenção, o alívio do sofrimento, a identificação precoce e o tratamento impecável da dor e outros sintomas e problemas físicos, psíquicos, sociais e espirituais (YUKIE, 2012). Os Cuidados Paliativos surgem como uma proposta de resgatar a dimensão do cuidado integral, da autonomia e dignidade das pessoas que se encontram em processo de finitude. Defende, dentre outros princípios, a ortotanásia, ou seja, que a morte deve ocorrer no tempo certo, evitando práticas que a antecipem (eutanásia) ou tratamentos agressivos e ineficientes que prolongam a vida sem qualidade (distanásia). Considera-se que a perspectiva dos Cuidados Paliativos se aproxima da visão da Gestalt-terapia, a qual visa a promoção do cuidado a todas as dimensões do ser e não a cura (FUKUMITSU; CAVALCANTE; BORGES, 2009). Além disso, defende-se que o conceito de Dor Total proposto por Cicely Saunders se aproxima da visão de homem da Gestalt-Terapia. Segundo Saunders, a dor não é apenas um fenômeno físico, mas também envolve a dimensão emocional, espiritual e social da pessoa (SAUNDERS, 2013). Desse modo, a referida autora propõe o resgate da unidade do sujeito, o qual foi cindido pelo paradigma cartesiano. Essa visão de Saunders se aproxima da visão de homem da Gestalt-Terapia,

---

34 Psicóloga, especialista em Saúde Mental sob o formato de Residência Multiprofissional em Saúde. Especialista em Atenção Integral ao Uso e Usuários de Substâncias Psicoativas. Gestalt-Terapeuta com formação pelo Instituto de Gestalt-Terapia da Bahia. Formação em Cuidados Paliativos pelos Instituto Paliar. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Atua como psicóloga no Hospital Universitário Professor Edgard Santos (Bahia) na Comissão de Cuidados Paliativos.

na qual o mesmo é um todo indivisível. Uma vez que o encontro com o adoecimento e com a própria finitude pode levar ao sofrimento intenso e à vivência de uma experiência de desorganização e crise, este trabalho endossa a perspectiva de que a Gestalt-Terapia tem muito a contribuir para o cuidado às pessoas que se encontram em fim de vida. Objetiva-se, portanto, abordar sobre os modos de cuidado possíveis do Gestalt-Terapeuta que atua em uma equipe de Cuidados Paliativos, buscando uma aproximação entre tais campos do saber a partir de reflexões norteadas pela prática clínica em um hospital público. Considera-se que uma das ferramentas para oferta do cuidado às pessoas que se encontram em fim de vida é a relação terapêutica. Por meio dessa relação estabelecida com o cliente, que deverá ser pautada na inclusão, confiança, confirmação e presença (HYCNER, 1995), será possível retomar uma maior fluidez no Ciclo do Contato e possibilitar o fechamento de figuras inacabadas diante do fenômeno da morte. Além disso, o Gestalt-Terapeuta poderá ser capaz de interferir para a dissolução dos pactos de silêncio, favorecendo a retomada da comunicação e conseqüentemente contribuindo para a construção de ajustamentos criativos mais funcionais e melhor hierarquização de necessidades. Conclui-se que a intervenção do Gestalt-terapeuta se caracteriza como uma ferramenta potente para o alívio do sofrimento e resgate da dignidade, sendo esse também um dos princípios endossados pelas boas práticas em Cuidados Paliativos.

**Palavras-chave:** Cuidado. Cuidados paliativos. Finitude. Gestalt-terapia. Morte.

**Plano do curso:**

- 1 - Discutir o conceito, histórico e princípios dos Cuidados Paliativos;
- 2 - Traçar um paralelo entre o Conceito de Dor Total proposto por Cicely Saunders e a visão de homem da Gestalt-Terapia;
- 3 - Debater o modo como o adoecimento gera sofrimento e ajustamentos criativos diversos a partir de uma compreensão no Ciclo do Contato;
- 4 - Refletir sobre práticas de intervenção possíveis ao Gestalt-Terapeuta;

**Aprofundamento e adequação ao público:** básico

## REFERÊNCIAS

FUKUMITSU, Karina Okajima; CAVALCANTE, Flaviana; BORGES, Marcelo. O cuidado na saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 174-184, 2009. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a14.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.

SAUNDERS, Cicely. **Velai comigo**: inspiração para uma vida em cuidados paliativos. Lisboa: Universidade Católica, 2013.

YUKIE, Matsumoto Dalva. Cuidados Paliativos: conceito, fundamentos e princípios. *In*: CARVALHO, R. T.; PARSONS, H. A. **Manual de Cuidados Paliativos ANCP**: ampliado e atualizado. 2. ed. São Paulo: Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP); 2012. p. 23-30.

# Técnica, exercício e experimentos: semelhanças e diferenças

*Lilian Meyer Frazão*<sup>35</sup>

## Resumo

Uma das coisas que caracteriza a Gestalt-terapia é o fato de ser uma abordagem experiencial, o que significa que ela propõe que, para além da expressão pela fala, o vivido seja experienciado, eventualmente através da vivência de determinadas situações, que possam ampliar o escopo de *awareness* e contato do paciente. Isto é feito através do uso daquilo que em nossa abordagem denominamos de experimento. No entanto em situações de aprendizado, treinamento, formação, especialização e eventualmente também workshops fazemos uso de exercícios que, na maior parte das vezes, visam treinar e/ou desenvolver habilidades do futuro Gestalt terapeuta. Além disso, exercícios e experimentos, fazem uso da ampla gama de técnicas das quais as abordagens dispõem. Observo que tem ocorrido uma certa confusão entre as modalidades exercício (às vezes também denominado "dinâmica"), experimento e técnicas. O objetivo deste minicurso é esclarecer estas diferenças, apontando os objetivos de cada uma delas.

---

35 Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde foi professora por 42 anos. Uma das pioneiras da Gestalt-Terapia no Brasil há mais de 46 anos. Criadora e atual colaboradora do primeiro curso de formação em Gestalt-terapia no Brasil no Instituto Sedes Sapientiae, coordenadora do Setor de Projetos. Colaboradora em treinamentos de Gestalt-Terapeutas no Brasil e no exterior. Sócia fundadora e ex-membro da diretoria da International Gestalt Therapy Association (IGTA), fundadora da Associação Brasileira de Psicoterapia (ABRAP), do Espaço Therese Tellegen, do Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo e da Associação Brasileira de Gestalt. Organizadora juntamente com Karina Fukumitsu dos seis volumes da coleção "Gestalt-terapia: fundamentos e práticas", Summus Editorial, Autora de artigos em revistas brasileiras e consultora editorial para a tradução e publicação de livros em Gestalt-terapia. Membro da comissão editorial de diversas revistas brasileiras. Atual Diretora Técnico-científica da Associação Brasileira de Gestalt-terapia -ABG.

# Sofrimentos emocionais agravados e Gestalt-terapia

*Angela Schillings<sup>36</sup>*

## Resumo

Na nossa realidade atual, o trabalho do psicólogo clínico, seja na clínica privada, seja nos espaços de inserção da psicologia nos serviços de saúde em centros e núcleos de referências especializadas e de atenção psicossocial, tem recebido um número crescente de pessoas com sofrimentos emocionais mais graves, e também, mais acirradamente, nos desdobramentos da pandemia que assola o mundo desde 2020, que traz enormes dificuldades emocionais para uma grande parcela da população. Torna-se importante que possamos pensar a psicopatologia fenomenológica dos sofrimentos emocionais agravados a partir de uma visão que faça sentido para nossa abordagem, já que existem poucos trabalhos que tratam desta temática no Brasil. Aprofundar o conhecimento sobre as formas mais avolumadas de sofrimento emocional nos faz ver como a construção social e histórica, atravessada por opressões continuadas na relação pessoa mundo, estão presentes no campo de maneira continuada, gerando, portanto, o agravamento nas perturbações de contato (SCHILLINGS, 2010-2011). Pensar a temática dos sofrimentos emocionais agravados a partir de uma visão que contemple o sistema self de contato, de acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997), nos auxilia na ampliação de um conhecimento, tanto teórico, quanto prático, que serve de auxílio na compreensão e organização de aspectos importantes para as intervenções clínicas no campo, principalmente, não reduzindo a visão psicopatológica a sintomas, e nem tampouco, a rótulos e, desta forma, possibilitando compreender os sofrimentos emocionais agravados sob a ótica da Gestalt-terapia, entendendo-os como uma forma mais avolumada das perturbações de contato (SCHILLINGS, 2017). O minicurso será desenvolvido através da apresentação de slides sobre o tema, buscando a interlocução com os participantes. A experiência clínica por parte dos participantes pode enriquecer o trabalho apresentado, porém não é necessária para participar do minicurso.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Psicopatologia. Sistema self de contato. Sofrimentos emocionais agravados.

---

36 Mestre em Psicologia pela UFSC. Especialista em Psicologia Clínica pelo CFP. Gestalt terapeuta pelo Centro de Gestalt-terapia de São Paulo. Diretora e Coordenadora Técnica do Centro Comunidade Gestáltica – Clínica e Escola de Psicoterapia, em Florianópolis/SC. Professora do Depto. de Psicologia da UFSC, de 1982 a 2020. Gestalt terapeuta de adultos nas várias modalidades de atendimento há mais de 35 anos e responsável pela formação de Gestalt-terapeutas desde 1989. Autora de vários capítulos de livros e artigos científicos em Gestalt-terapia. Membro da diretoria da ABG (Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica) nas gestões 2016 e 2018.

## REFERÊNCIAS

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

SCHILLINGS, Angela. A violência no contexto intrafamiliar e social: um olhar da Gestalt-terapia às vivências opressivas. **Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo**, n. 6, p. 45-51, 2010-2011.

SCHILLINGS, Angela. Sofrimentos emocionais agravados. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, K. O. (org.). **Quadros clínicos disfuncionais em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).

## As reações parentais diante da adolescência dos filhos: implicações clínicas

Luciana Aguiar<sup>37</sup>

### Resumo

Em Gestalt-terapia concebemos o ser humano como parte de um campo experiencial, constituindo-se através de suas relações, nas quais descortinam-se seus processos de saúde e adoecimento no contato que estabelece no mundo. A família, sob esse ponto de vista, tem especial relevância na clínica com adolescentes, uma vez que contribui sobremaneira para o desenvolvimento de formas relacionais e modos de existir no mundo (saudáveis ou não), apresentando-se totalmente implicada na construção e manutenção das habituais formas adoecidas que levam seus filhos à psicoterapia. Para efeito desta discussão, ajustaremos nosso foco particularmente para os adolescentes que chegam para psicoterapia na clínica privada levados por seus responsáveis. Essa ressalva é importante, pois vem marcada por uma série de atravessamentos – sociais, culturais, econômicos e políticos – que dão contorno e sentido às queixas parentais e manifestações dos adolescentes em questão e que em muitos casos difere das situações vividas por jovens adolescentes das camadas sociais menos favorecidas ou, ainda, de adolescentes que vivem em instituições, por exemplo. Isso significa que a compreensão da “dinâmica adolescente” pelas lentes da Gestalt-terapia abarca aquilo que os adolescentes possuem em comum. No entanto, uma visão mais ampla de cada caso sempre precisará levar em conta os atravessamentos sociais, históricos, econômicos e políticos, de modo que não sejamos levados a exercer uma clínica normativa e adaptativa, submetendo o adolescente a expectativas e imperativos que não estejam afinados com seu bem-estar real e sua saúde emocional. As profundas transformações em todos os âmbitos do *ser no mundo* pelas quais a outrora criança passa, e que fundam uma dinâmica absolutamente nova em suas relações e em sua forma de se perceber como sujeito, atingem também os adultos que a cercam, tais como pais e professores, convidando-os (ou obrigando-os) a criar novas formas de compreensão, comunicação e troca afetiva e intelectual com

---

37 Mestre em Psicologia pela UFRJ. Especialista em Psicologia Clínica – CFP. Gestalt-Terapeuta – Vita Clínica. Fundadora e Coordenadora do Dialógico Núcleo de Gestalt-Terapia – RJ.

o adolescente, e nem sempre eles obtêm êxito nessa tarefa. A experiência clínica nos mostra repetidamente que grande parte do sofrimento adolescente é oriunda dessa perda dos antigos referenciais identitários e de sua dificuldade em construir outros, mais ajustados ao seu momento atual. E que tal vivência pode ser significativamente dificultada pela forma com que os adultos a encaram e vivenciam, transformando as relações familiares em um ponto de desarmonia, rejeição, incompreensão e afastamento para o adolescente. Nesse aspecto, o estranhamento e desorientação dos adultos diante desse novo ( e estranho) ser que se apresenta e os possíveis desdobramentos dessa situação, tais como a negação do corpo adolescente e de sua sexualidade, excesso de controle sobre seus desejos e escolhas, desencorajamento da autonomia ou cobrança excessiva de responsabilidades, desqualificação de seus sentimentos, opiniões e iniciativas, bem como o aparecimento de comportamentos competitivos, resultado da reedição dos conflitos adolescentes desses mesmos adultos, são alguns exemplos da quantidade e complexidade de fatores que permeiam as relações entre adolescentes e adultos. Diante disso, o olhar do psicoterapeuta gestáltico não se repousa somente no adolescente e suas demandas, mas também e inevitavelmente nos adultos com os quais ele convive, com o objetivo de auxiliá-los a viver o luto em relação à “infância perdida” de seus filhos e a estabelecer novas formas de relação que contemplem e facilitem a desafiadora tarefa adolescente de redefinir sua identidade no mundo. Assim, realizaremos uma leitura gestáltica da adolescência e algumas das reações parentais que aparecem tipicamente na clínica, e desdobraremos a partir disso propostas de intervenção junto a esses pais, em sessões de acompanhamento individuais e compartilhadas com o adolescente.

**Palavras-chave:** Adolescência. Parentalidade. Clínica.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Summus, 2014.
- ALVIM, Mônica Botelho. O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. *In:* FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.) **Modalidades de intervenção clínica em gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2016.
- McCONVILLE, M.; WHEELER, G. (org.) The heart of development: gestalt approaches to working with children, adolescents and their worlds. **Gestalt Press:** [S.l.], 2002. (v. 2, Adolescence)
- SIEGEL, D. J. **Cérebro do adolescente:** a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. São Paulo: nVersos, 2016.
- ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em gestalt-terapia.** 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.

# Do abuso sexual na infância e adolescência às sequelas na clínica do adulto: uma abordagem gestáltica

Carla Alegria<sup>38</sup>

## Resumo

A experiência do abuso deixa marcas emocionais profundas e, inevitavelmente, traz consequências sérias em todas as dimensões da vida e ao longo dela. A experiência clínica desta autora apontou para possíveis relações de sentido entre as diversas queixas trazidas pelo cliente e a experiência de abuso, muitas vezes não revelada ou até mesmo não *aware* para o próprio cliente. De outro modo, também a impactou como cada cliente organizou suas experiências atuais em função dos ajustamentos criativos desenvolvidos ao longo da vida para sobreviver emocionalmente a uma violação à integridade do self. O abuso sexual é definido como todo ato ou jogo sexual cujo agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicosexual mais adiantado que a criança ou o adolescente. Pode variar desde atos em que não existam contatos físicos, mas que envolvem o corpo, a diferentes atos com contato físico (HABIGZANG; CAMINHA, 2004). Baseada em uma leitura gestáltica, observou-se que a experiência vivida pelos clientes desta autora retratava episódios violentos de violação de fronteira de contato em que as condições do campo não lhe permitiam discriminar, reconhecer e validar aquela experiência como abusiva. Com poucos recursos de defesa em sua infância e adolescência, devido ao estágio do desenvolvimento cognitivo e emocional em que sofreram o abuso, à permissividade velada dos familiares e ao poder exercido pelo abusador, restou-lhes buscar formas de sobrevivência emocional, alimentando-se dos poucos cuidados afetivos a eles destinados (CUCKIER, 1998). O corpo, no entanto, paga o preço por trazer em si as marcas das verdades escondidas (MILLER, 2011). Assim os clientes chegam ao consultório: aprisionados em compulsões, adoecidos físico-emocionalmente por perpetuarem a crueldade vivida em relações autodestrutivas e, muitas vezes, sem a memória recuperada do abuso. Entende-se, como gestalt-terapeutas, que os caminhos do cuidado envolvem ajudar o cliente a escutar as palavras do corpo, aproximá-lo das suas sensações e emoções bem como dar sentido às suas experiências, recuperando sua história de contatos. Conhecer, entretanto, a própria história, quando se tem a ferida do abuso como o centro desta,

---

38 Psicóloga, CRP: 05.12629. Especialista em Neuropsicologia da Educação. Especialista em Educação em Saúde Pública. Mestre em Infecção HIV/AIDS pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Psicóloga concursada da Fundação Municipal de Saúde de São Gonçalo desde 1992 atuando há 5 anos no Programa de IST/AIDS. Autora de artigos em Gestalt-terapia. Coautora da coleção Teorias e Práticas em Gestalt-terapia. Professora da pós graduação em Gestalt -terapia da Universidade Veiga de Almeida.

pode ser extremamente assustador. Esse nível de *awareness* implica a consciência de um trauma devastador ou a recuperação dos afetos vinculados ao trauma que permanecem dissociados da lembrança. Inerente ao processo de *awareness*, também está o contato com a culpa e com as sensações de excitação sexual, o qual é ameaçador. Em camadas mais profundas, está a evitada a aproximação dos sentimentos de abandono ou até do consentimento do abuso por parte dos cuidadores e toda a carga de sentimentos de mágoa e revolta (FURNIS, 2011). Visto que o cliente teve suas fronteiras de contato violentamente invadidas, pode apresentar grande permeabilidade em suas interações, expressando-a na relação terapêutica na forma de introjeções, nas quais são engolidas ideias e princípios sem assimilação (GINGER; GINGER, 1995), ou, em outro extremo, manifestar um padrão projetivo de evitação do contato a ser apresentado na forma de desconfiança, exigências de cuidado ou raiva àquilo que experimenta como desrespeito do terapeuta. Compreende-se, portanto, que o desafio central do terapeuta esteja em sua habilidade de: estar aberto a acolher e manejar as expectativas exigentes de cuidado e desconfianças do cliente derivadas da traição e dos desapontamentos anteriormente vividos e afinar sua sintonia com o cliente, percebendo o momento de ajudá-lo a expandir gradualmente suas fronteiras, abrindo espaço para a admissão de suas verdades, o que permitirá a libertação para a experiência de um autêntico encontro na vida. Com base nas observações e constatações desta autora na clínica com adultos, os objetivos deste minicurso são: sensibilizar o terapeuta para identificar as manifestações de sequelas emocionais vividas por adultos vítimas de abuso sexual na infância e adolescência e refletir (com auxílio de estudos de caso) sobre a atitude e condução do terapeuta frente aos ajustamentos criativos disfuncionais desenvolvidos pelo cliente. O presente trabalho obedecerá às seguintes etapas: apresentação dos conceitos atuais de abuso sexual; descrição dos efeitos do abuso na vida emocional do indivíduo; reflexões de uma leitura gestáltica do funcionamento familiar e da pessoa que sofreu abuso e suas manifestações na clínica com exposição de estudos de caso.

## REFERÊNCIAS

- CUCKIER, Rosa. **Sobrevivência emocional**: as dores da infância revividas no drama adulto. São Paulo: Ágora, 1998.
- GINGER, Anne; GINGER, Serge. **Gestalt uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.
- FURNISS, Tilman. **Abuso sexual da criança**: uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Artmed, 2002.
- HABIGZANG, Luísa Fernanda; CAMINHA, Renato M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes**: conceituação e intervenção clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- MILLER, Alice. **A revolta do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

# Ajustamentos autísticos e a clínica em Gestalt-terapia

Tainá Mani Almeida<sup>39</sup>, Priscila Pires Alves<sup>40</sup>, Lis Simões da Silva<sup>41</sup>

## Resumo

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) configura-se a partir de comportamentos restritivos no que diz respeito a comunicação, cognição e interação social, não podendo se justificar tais comportamentos pela existência de qualquer outra deficiência. Para a realização do diagnóstico os manuais utilizados são o CID-10, de 1989, e o DSM-V, que teve sua versão mais recente publicada no ano de 2013. Com a publicação do DSM-V, importantes modificações diagnósticas foram traçadas, e o que antes era conhecido como Transtorno Global do Desenvolvimento, que incluía o autismo, síndrome de Asperger e outros transtornos, passa a ser nomeado como um diagnóstico unitário o Transtorno do Espectro do Autismo. Nas últimas décadas o TEA vem apresentando maior incidência diagnóstica e dessa forma levantando debates importantes, sobre práticas inclusivas em escolas, equipes de saúde, mercado de trabalho e outros espaços que vem sendo cada vez mais permeados por essas outras formas de experienciar o mundo. A perspectiva da Gestalt-Terapia, propõe uma compreensão da pessoa com TEA a partir dos ajustamentos que faz e das formas de contato que estabelece, uma vez que o diagnóstico em Gestalt-Terapia é processual. Conforme apresenta Frazão (1996), o diagnóstico para os Gestalt-terapeutas precisa gerar uma reflexão sobre as relações estabelecidas pelos indivíduos e uma busca sobre *como* esses sujeitos as estabelecem. Segundo Amescua (1999), os sujeitos com autismo apresentam um endurecimento de suas fronteiras de contato, o que faz com esses apresentem determinadas formas habituais que privilegiam padrões repetitivos de comportamento buscando um equilíbrio em seus ajustamentos, tais ajustamentos se caracterizam como autísticos. Com as

---

39 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2018), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Educação pela Universidade de Brasília, onde participa do grupo internacional de pesquisa Pensamento e Cultura. É, também, pesquisadora do grupo de pesquisa e extensão Ambientes Digitais de Aprendizagem para Crianças com Autismo (ADACA) e atualmente está em formação clínica em Gestalt-Terapia pelo Instituto Dialógico.

40 Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997) e doutorado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2006). É Gestalt-Terapeuta pelo Instituto Dialógico. Atualmente é professora associada da Universidade Federal Fluminense. É coordenadora do grupo de pesquisa e extensão Ambientes Digitais de Aprendizagem para Crianças com Autismo (ADACA).

41 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2019), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É pesquisadora do grupo de pesquisa e extensão Ambientes Digitais de Aprendizagem para Crianças com Autismo (ADACA) e atualmente está em formação clínica em Gestalt-Terapia pelo Instituto Dialógico.

fronteiras de contato endurecidas, os sujeitos tendem a apresentar dificuldades no processo de interação e relação com o outro. Compreendendo que não há sujeito fora da relação e que a capacidade dialógica é condição essencial do humano (BUBER, 2004), defende-se que o sujeito diagnosticado com TEA realiza seus processos de “entredade” (*betweenness*) de forma atípica e não-deficiente, sendo possível observar e trabalhar de forma inclusiva suas relações interpessoais (EU-TU) e pragmáticas (EU-ISSO). Para Brandão (2017), o trabalho com os indivíduos com TEA deve ser visto como individual, mesmo que seu enquadre médico busque uma padronização no espectro, cada sujeito com autismo é um sujeito com autismo diverso e com muitas outras características que o formam enquanto sujeito-no-mundo. Trabalhar práticas de inclusão clínica com os sujeitos com TEA é primordial, e o desafio caracteriza em exercitar a abertura terapêutica, a compreensão, a disponibilidade e a captura do que possa emergir desse encontro. É necessário que o Gestalt-terapeuta esteja disponível ao encontro, realize sua suspensão fenomenológica e ajuste-se criativamente. Dito isso o presente trabalho, em formato de um minicurso, propõe trabalhar com terapeutas em todos os níveis de conhecimento (avançado, intermediário ou básico) e aprimoramento da Gestalt-Terapia, possíveis modos de desenvolver trabalhos clínicos com sujeitos com TEA. Inicialmente pretende-se elucidar os conceitos aqui apresentados, de forma que todos os participantes possam ter compreensão do que se espera e se defende enquanto prática clínica inclusiva, para posteriormente trazer experiências clínicas vivenciadas a partir das possibilidades gestálticas que possam gerar reflexão e novas práticas no encontro possível e preci(o)so do terapeuta e seu consulente.

**Palavras-chave:** Ajustamentos. Autismo. Gestalt-terapia.

## REFERÊNCIAS

AMESCUA, G. Autismo na teoria gestalt: em direção a uma teoria gestalt da personalidade. **Gestalt Review**, [S.l.], v. 3, n. 3. p. 226-238, 1999.

BUBER, Martin. **Between man and man**. New York: Routledge, 2004.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Pensamento diagnóstico processual: uma visão gestáltica de diagnóstico. **Revista do II Encontro Goiano de Gestalt-Terapia**, Goiânia, n. 2, p. 27-31, 1996.

BRANDÃO, C. L. Transtorno do espectro do autista: um mundo visto através do caleidoscópio. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017.

# Corpo e criatividade: vivências de interiorização e projeção criativa da paisagem interior como caminho de autoconhecimento, libertação e transformação do mundo

*Maria Maura Alves<sup>42</sup>*

## **Resumo**

Apresento, nesta oportunidade, minha proposta de trabalho que venho desenvolvendo há mais de 20 anos, abordando a pessoa através do corpo que guarda os mistérios do seu vivido, a serem desvendados juntamente com o terapeuta, por meio de vivências de quietude, contato, movimento e experimentos criativos e projetivos, utilizando as artes plásticas seguidos da leitura ressignificativa do material produzido. Desde então, venho trabalhando com pesquisas, vivências e docência em gestalt-terapia, na área corporal e criativa, fazendo sínteses da minha atuação nas três áreas de trabalho, tais como psicoterapeuta especializada em gestalt-terapia, pintora e formadora na área da linguagem corporal. Ao longo do tempo e da experiência, a minha compreensão holística, existencial-fenomenológica foi ampliada, principalmente quando integrada ao campo da transcendência, bem como aos referenciais teóricos da Gestalt-terapia aplicados aos trabalhos psicoterápicos individuais, em grupo e com meus alunos. Utilizando o método fenomenológico para a descrição, compreensão e integração do conteúdo percebido, facilitamos a mudança e evolução desta pessoa que está no mundo e para o mundo, com seu vivido, suas dores e marcas das gestalten abertas. Com este trabalho, pretendo dar uma visão geral do embasamento teórico de Corpo e Criatividade e trazer para a prática algumas possibilidades de se realizar uma psicoterapia fluida, dinâmica e criativa que a Gestalt-terapia traz em todo o seu corpo filosófico e teórico. Nosso trabalho utiliza a teoria de contato desenvolvido por Ribeiro (1997) onde foi organizado o ciclo do contato, sustentando que os sistemas sensorio-afetivo, motor e cognitivo, atuando de forma integrada, promovem uma melhor saúde física, mental, relacional e transcendente do cliente e terapeuta. Assim destacaremos três momentos das vivências: impressividade, onde priorizamos a respiração consciente, o vazio criativo, o auto recolhimento perceptivo ou contato com o sistema sensorio-afetivo, se dando conta das sensações, sentimentos, sonhos, etc. Num segundo momento, o cliente é convidado a se expressar, ativando o sistema motor, seja por movimentos corporais criativos integradores, seja

---

42 Psicóloga clínica CRP 01/0558; formada pela UnB (Universidade de Brasília-1976); gestalt-terapeuta pelo CEGEST, sob orientação do Dr. Jorge P. Ribeiro e de Valter F. da R. Ribeiro; membro didata do Instituto de Gestalt-terapia de Brasília – IGTB permanecendo até esta data; artista plástica; arte terapeuta; criadora e professora do curso Corpo e Criatividade na perspectiva Gestáltica.

por desenhos, pinturas, modelagens, escritas etc. Por último, poderemos nos debruçar sobre a compreensão da produção do participante ou do cliente, buscando, juntamente com ele, o significado de suas vivências e do material concreto e visível projetado criativamente, utilizando o sistema cognitivo. A busca do contato e do sentido existencial através do trabalho de Corpo e Criatividade, traz ao cliente a possibilidade de expansão de *awareness*, percepção de seu corpo como seu habitat que demanda cuidados, carinho e fluidez, promovendo uma mudança de paradigmas sobre a condição humana de sentir, fazer e transformar o mundo, tendo o amor como caminho. As vivências criativas e corporais, como aplicação das teorias da GT, têm como objetivo ajudar o cliente a se olhar e descobrir onde estão seus bloqueios e ressignificar o seu propósito de vida aqui e agora, reconduzindo assim, a direção do seu trabalho de autoconhecimento, na busca das suas necessidades espirituais e evolutivas como ser humano, nesse exato momento de sua existência neste planeta tão sofrido e em ebulição. Este trabalho é um estímulo tanto para o cliente como para o terapeuta a se conectarem com a escuta primordial e reconhecerem o canal de silêncio, como instrumento para desenvolverem sua maestria interior. Temos, portanto, a responsabilidade de resgatar relações e convivências saudáveis e criativas nossas e de nossos clientes, buscando o sentido de unidade, transcendência, do sagrado e do divino, que possibilitam uma mudança de paradigma, saindo de uma vida egóica, caminhando para a ampliação de consciência com uma postura mais holística, ecológica, em que o ser humano possa ser visto como corpo, alma e ambiente, sem dicotomias.

**Palavras-chave:** Arte. Corpo. Criatividade. Psicoterapia. Vivências.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica Botelho. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em arteterapia:** arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia:** o processo grupal uma abordagem da teoria de campo e holística. São Paulo: Summus, 1994.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato:** temas básicos na abordagem gestáltica. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

ZINKER, Joseph C. El proceso creativo en la terapia gestáltica. Buenos Aires: Paidós. 1979.

# A doença como metáfora das distorções na autoestima, no autoconceito e na autoimagem: a criança sem autossuporte no mundo

*Sheila Maria da Rocha Antony*<sup>43</sup>

## Resumo

Para se compreender um comportamento, uma personalidade ou um distúrbio psicológico, é essencial considerar o contexto familiar e o campo experiencial do indivíduo (meio social, cultural, escolar), que envolve o ser em situação e as diversas relações entre o eu-outro-mundo. É baseado nas relações afetivas instituídas que o mundo psíquico (crenças, valores, conceitos, padrões de pensamento) toma forma, dando origem à autoestima, ao autoconceito e a personalidade. Nosso “eu” é fruto de palavras, atos, olhares, toques, sentires experimentados nos encontros inter-humanos. As experiências no curso da vida serão boas e más, a predominância de uma norteará aquilo que sentimos e pensamos a respeito de nós mesmos, do outro e do mundo. A autoestima, para Bozza (2014), representa os sentimentos próprios de valorização, apreciação e satisfação pessoal. Enquanto a autoestima diz respeito aos sentimentos que se tem por si, o autoconceito refere-se aos juízos e pensamentos concernentes a própria pessoa, os quais são base para a formação da personalidade. Tudo aquilo que sentimos por nós vem atrelado aos pensamentos que construímos sobre nós. Se penso coisas boas sobre mim, tenho bons sentimentos para comigo. Bons pensamentos geram bons sentimentos e o contrário também é verdadeiro, maus pensamentos criam maus sentimentos, que conduzem a más condutas contra si. A formação da boa autoestima passa pelas experiências vividas na infância que transmitem respeito, amor e confiabilidade. Uma baixa autoestima resulta de pensamentos tóxicos sobre si, os quais são internalizados a partir de experiências negativas introjetadas, que, por sua vez, influenciam na construção de uma representação mental desfavorável do eu repleta de conceitos depreciativos. Os juízos críticos dos pais, as ações violentas acompanhadas de palavras ferinas são as sementes da formação da baixa autoestima, do autoconceito negativo e da autoimagem distorcida. Quem tem pouca estima por si, tem pensamentos depreciadores sobre si, o que funda um fraco autossuporte (capacidade de ser seu próprio apoio para sustentar a expressão de sentimentos, pensamentos, opiniões, ações pessoais originais). A criança com crenças falsas e pensamentos negativos sobre si desenvolve um perturbado senso de eu, raiz para

---

43 Membro fundador e docente do Instituto de Gestalt Terapia de Brasília. Mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília. Organizadora do livro *A Clínica Gestáltica com Crianças: caminhos de crescimento*. Autora de *Cuidando de Crianças: teoria e arte em Gestalt-Terapia* e *Criança Hiperativa & Gestalt-Terapia: seu modo de sentir, pensar e agir*. Colaboradora em *A Clínica Gestáltica com Adolescentes: caminhos clínicos e institucionais* e *Modalidades de Intervenção Clínicas em Gestalt-Terapia*.

o surgimento de sintomas e distúrbios emocionais. Os distúrbios originam-se de eventos psicológicos que acontecem no campo organismo/ambiente, conforme os excessos, as deficiências, as fragilidades, os traumas vividos no ambiente, em que impera relações interpessoais tóxicas. O sintoma é uma metáfora de um doloroso sofrimento psíquico e mascara o drama real vivido. Por trás de todo sintoma há um conflito relacional e interno revestido de conteúdos psíquicos específicos vividos no campo familiar. A criança adoecida constrói sentimentos desagradáveis sobre si que abalam a autoconfiança, o autossuporte, a autoestima. Onde há insegurança, há um eu reprimido, uma autoestima pobre que impede o crescimento emocional saudável e promove um desenvolvimento deformado do eu, repleto de defesas psicológicas erguidas contra um ambiente invasivo e incompreensivo. Briggs (1986) sustenta essa afirmativa ao dizer que as defesas são construídas em torno da debilidade do eu, e não da força e adequação. Perls (1977) aborda o autossuporte considerando a transferência do apoio ambiental para o autoapoio. Explica que na medida em que a criança vai desenvolvendo seu autossuporte, ela se diferencia e distancia daquilo que lhe dera suporte inicialmente, direcionando-se para uma autossuficiência (um apoio ancorado mais em si e menos no meio). Quando o suporte externo prevalece sobre o autossuporte tem início a patologização, a criança prioriza a necessidade principal do outro significativo e seu comporta-se para atender sua necessidade secundária, aquela que visa a evitação da rejeição, do abandono, da reprovação e punição. Assim são plantadas as sementes que distorcem o autoconceito, alimentam uma autoimagem destrutiva com crenças negativas que enterram o amor próprio e impossibilitam o sentir-se feliz, digna de ser amada.

**Palavras-chave:** Autoestima. Autossuporte. Criança. Psicopatologias. Sintomas.

## REFERÊNCIAS

BOZZA, Maria da Glória Cracco. **Argila: espelho da auto-expressão: apostila do curso III.** Curitiba-PR: Autor, 2014.

BRIGGS, Dorothy Korkille. **Criança feliz: o desenvolvimento da autoconfiança.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

BUROW, Olaf-Axel; SCHERPP, Karlheinz. **Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação.** 3.ed. São Paulo: Summus, 1985.

PERLS, Frederick S. **Gestalt-terapia explicada.** São Paulo: Summus, 1977.

# Gestalt-terapia e palhaços: os jogos circenses como possibilidade de ampliação de recursos clínicos

*Rodrigo Bastos<sup>44</sup>, Montserrat Gasull Sanglas<sup>45</sup>*

## Resumo

Neste minicurso buscaremos apresentar como os jogos circenses podem se transformar em dispositivos terapêuticos amplificando nosso repertório de possibilidades de atuação dentro da abordagem gestáltica. A Gestalt-terapia como abordagem que nos inspira a buscar uma qualidade perceptiva de nossas próprias consciências, possibilitando novas configurações de ser/estar no mundo através de mecanismos que buscam uma autorregulação do indivíduo, propõe mecanismos terapêuticos para promover ações criativas. O conceito de ajustamento criativo utiliza-se na Gestalt-terapia para referenciar a capacidade do organismo de interagir com o mundo, dando novas respostas para as situações advindas da interação com o meio e se trata de uma função do self, como descrito por Perls, Hefferline e Goodman (1997). A idoneidade das respostas, se ajustando as demandas contínuas do meio com flexibilidade e de forma inusitada frente ao que é emergente, guiam para a autorregulação orgânica. É neste contexto, onde o desenvolvimento do potencial criativo e da espontaneidade pode ser de grande auxílio para gerar ajustamentos saudáveis, e para isso devemos considerar que a criatividade é uma potência inerente ao ser humano que promove a auto realização e o viver prazeroso. Também constatamos que as crianças, a seu modo, possuem uma grande capacidade de resolução de problemas, e que usam meios não convencionais, meios não pré-estabelecidos socialmente para a desenvoltura das questões apresentadas no dia a dia, e que é durante o tempo do brincar quando são experimentadas as mais diferentes alternativas. Presumimos que se elucidarmos quais são os recursos disponíveis para ativar e facilitar a manifestação do potencial criativo teremos ferramentas com grande valor terapêutico. Se para a criança, o brincar seria o principal mecanismo de desenvolvimento de sua criatividade, qual seria o mecanismo que o adulto possuiria para

---

44 Mestre em Ciências Sociais pela UFJF. Pós-graduado em Psicologia Clínica na Abordagem Gestáltica (IPGL). Psicólogo pelo CES. Palhaço. Membro da ABGT. Coordenador da Pós-graduação em Gestalt-terapia na USU. Psicólogo clínico. Professor de diversas pós-graduações em Gestalt-terapia. Autor do livro "O Clown Terapêutico". Ministra oficinas e treinamentos em clownterapia. Estudos em Palhaçaria influenciados pela pedagogia de Jacques Lecoq e Philippe Gaulier do qual foi aluno.

45 Graduanda em psicologia pela Universidade Estácio de Sá de Juiz de Fora. Professora de espanhol e catalão como língua estrangeira. Tradutora e intérprete simultânea português-espanhol-catalão. Palhaça. Sócia na empresa A Arte de Ser Grande onde é produtora dos cursos, workshops e oficinas em Gestalt. Estudo da máscara neutra (Barcelona) com Javier Villena. Estudos e práticas em Palhaçaria influenciados pela pedagogia de Jacques Lecoq e Philippe Gaulier. Membro ABG.

se desenvolver criativamente? Podemos dizer que o lúdico, este tão estranho sujeito do universo adulto, seria também um dos mais eficientes mecanismos do desenvolver do ato criativo. É nesse instante que entra a figura do Clown (palhaço), aquele que chega para nós auxiliar a religar o universo do adulto com o jogo lúdico infantil. O clown seria o adulto que sabe brincar como uma criança. No mundo circense ou teatral do palhaço, encontramos através de nossas pesquisas uma série de jogos que nos instigaram, devido a seu potencial terapêutico, para convidar às transformações através de quebras de paradigmas pessoais ou mesmo sociais. Nos jogos clown instigamos o participante a buscar sua espontaneidade, a revelar sua vulnerabilidade, a lidar com o erro como possibilidade de aprendizado e criar novas situações a partir deste erro. Procuramos potencializar a natureza do sujeito, realçando as características próprias do mesmo. Como indicado por Moreira (2015) o modelo do personagem (*clown*) é interior, único para cada estudante, ninguém o conhece somente o próprio aluno ao manifestá-lo. Os jogos clowns possuem a capacidade de serem facilitadores da conexão entre o adulto que nos tornamos com o espírito da criança que não mais nos habita. O ensinamento da arte do clown coincide com o princípio emancipador, eles quebram estruturas e pensamentos que limitam. Portanto, percebemos que este aprendizado poderia fazer sentido utilizado pela abordagem gestáltica em suas vivências, jogos, dinâmicas no intuito de trazer criatividade e potência para os nossos clientes.

**Palavras-chave:** Criatividade. Gestalt-terapia. Lúdico. Recursos clínicos. Palhaços.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, R. **O clown terapêutico**. Juiz de Fora: Bartlebee, 2017.

MOREIRA, C. **Técnicas de clown: una propuesta emancipadora**. Buenos Aires: Inteatro, 2015.

MORENO, J. **O teatro da espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em gestalt-terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.

# Automutilação na adolescência: sobre um corpo que se faz súplica

*Cintia Lavratti Brandão<sup>46</sup>*

## Resumo

Automutilação é um ferimento autoiniciado, que tem como finalidade produzir lesões dolorosas no corpo, podendo estar ou não relacionado a processos de ideação suicida. Os processos de autolesão quando presentes nas narrativas clínicas de adolescentes, chamam a atenção por serem violentos, intencionais e repetidos, aparentemente contrariando a perspectiva de autopreservação e sobrevivência do organismo, uma vez que buscam o ataque ao corpo como uma forma de aliviar, suportar e deslocar as dores e sofrimentos emocionais de suas vivências atuais, sentidas como inadmissíveis por outras vias de expressão. A mutilação dos corpos é um fenômeno documentado na história, e pode ter contornos políticos, religiosos, transcendentais e estéticos, nesta formatação a agressão a superfície da pele tem um caráter de simbolismo e não visa substituir o sofrimento por um corpo continente da súplica que não pode ecoar como pedido ou como linguagem interacional na busca por ajuda. O período da adolescência tende a tornar as lentes de percepção e manejo das situações do mundo, mais agudas e intensas, é próprio ao adolescente distanciar-se de suas formas habituais e figuras referenciais, na busca de definir e dar fronteira a sua construção identitária, esse fenômeno é natural – no recorte sócio cultural ocidental – e bem-vindo, porém delicado e propenso a vulnerabilidades quando o entorno é pouco hábil no reconhecimento e atendimento às necessidades oriundas desta fase do desenvolvimento. Este minicurso tem como proposta correlacionar e propor formas interventivas do fenômeno da automutilação na atuação clínica com adolescentes e seus sistemas familiares. Observando as diferentes mídias, publicações científicas e a escuta clínica percebemos um número crescente de casos de automutilação na faixa etária entre 12 e 19 anos, apontando para a sobreposição das elaborações próprias da adolescência, com uma manifestação sintomatológica importante, complexa e preocupante. Compreender gestalticamente a conduta auto lesiva na adolescência implica o reconhecimento de que é através do corpo que o indivíduo estabelece relações com o mundo, e que seu corpo é a expressão maior de sua implicação com os outros corpos. Desta feita quando um corpo fala por meio da autolesão, comunica a dor, a disfuncionalidade das relações, assim como a falência de outras estratégias no campo para a busca por auxílio e acolhimento. Na condução

---

<sup>46</sup> CRP 10/1204. Gestalt terapeuta. Psicoterapeuta e Supervisora clínica. Formação em Terapia Familiar Sistêmica. Mestre em Psicologia pela (UFPA). Foi professora e Supervisora Clínica da Universidade da Amazônia durante 19 anos; Sócia fundadora e Diretora acadêmica do CCGT – Centro de Capacitação em Gestalt Terapia; Professora convidada em diversos institutos de Gestalt-terapia em âmbito nacional. Organizadora e autora de livros e co-autora em outras publicações em Gestalt-terapia. Membro diretora da Associação Brasileira de Gestalt-terapia. (biênios 2017-2018 e 2019-2020).

clínica é imperioso trabalhar com o/a adolescente o engajamento na construção de formas capazes de oportunizar uma voz audível como pedido expresso, absolvendo o corpo ferido com o fortalecimento da consciência acerca das necessidades além da construção de redes de apoio e sustentação nos espaços compartilhados de suas relações, a saber a família, a escola e os pares. Por fim, qualquer que seja o sintoma, na concepção gestáltica estaremos a todo instante olhando para o contexto, para as condições socioeconômicas e políticas e para as equações, sejam elas funcionais ou não, destas teias de complexidade intersubjetiva. Jamais a automutilação na adolescência será vista como falha ou insuficiência de um corpo, e sim como um semblante que atualiza o campo de suas violências, faltas, invisibilidades e impedimentos.

**Palavras-chave:** Adolescentes. Automutilação. Campo. Corpo. Sintoma.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Summus, 2014.

BORGES, C. N. L. O. **À flor da pele:** algumas reflexões a propósito de estudo de caso sobre autolesão. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2282/1/14892.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2021.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

# Espiritualidade e psicoterapia

*Aline Ferreira Campos<sup>47</sup>*

## **Resumo**

Este minicurso promoverá uma discussão sobre como a dimensão da espiritualidade está relacionada aos processos da psicoterapia, nas percepções de Gestalt-terapeutas, e como tais terapeutas lidam com temas espirituais, quando estes se apresentam na clínica. Trata-se de um tópico atual, que tem inspirado um crescente número de pesquisas desde o início do século XXI (CAMPOS; RIBEIRO, 2017). O conteúdo do curso fundamenta-se em uma pesquisa empírica, cujo objetivo foi de descrever se Gestalt-terapeutas experienciam a presença de temas da espiritualidade no processo psicoterápico de seus clientes e como lidam com ela quando emerge no seu contexto de atuação clínica (CAMPOS, 2019). O estudo foi desenvolvido mediante realização de entrevistas semiestruturadas com cinco Gestalt-terapeutas com mais de trinta anos de experiência clínica. Os resultados foram analisados com o suporte do método qualitativo fenomenológico, possibilitando a apreensão da estrutura geral do vivido (GIORGI, 1985; 2009; 2012). Alguns constituintes essenciais da experiência dos participantes apreendidos foram: a presença de temas ontológico-existenciais no processo clínico como paradigmas de espiritualidade; a possibilidade de acolher temas de transcendência e de conexão com a totalidade na clínica; a dimensão espiritual da relação terapêutica; a relação entre as tarefas clássicas da psicoterapia e os temas espirituais; o processo psicoterapêutico como possibilitador de abertura e crescimento espiritual; a lida com temas de religião na clínica; o instrumental metodológico que possibilita a abertura para temas espirituais: método fenomenológico e recursos técnicos variados; a formação espiritual do terapeuta (CAMPOS, 2019). O minicurso será teórico e vivencial, uma vez que buscará um diálogo com os participantes e a apreensão de suas experiências.

**Palavras-chave:** Espiritualidade. Gestalt-terapia. Psicoterapia. Religiosidade.

---

<sup>47</sup> Doutora em psicologia clínica (Universidade de Brasília), com pesquisa sobre espiritualidade na clínica, em uma visão gestáltica. Mestre em psicologia (West Chester University - Estados Unidos), com pesquisa sobre técnicas de meditação e sua aplicação em empresas. Graduada em psicologia (Universidade Federal da Bahia). Formação em Gestalt-terapia pelo Instituto Metanoia, Londres, Inglaterra. Formação em psicoterapia de casais e famílias. Co-fundadora do Instituto de Gestalt-terapia da Bahia, professora dos cursos de pós-graduação do Instituto de Gestalt-terapia da Bahia e de Brasília. Professora universitária (Instituto de Ensino Superior de Brasília e Centro Universitário de Brasília). Psicoterapeuta e supervisora clínica há 24 anos. Membro da ABG.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, A. F. **Deus na cadeira vazia: psicoterapia e espiritualidade nas percepções de gestalt-terapeutas**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. 2019.
- CAMPOS, A. F.; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Psicoterapia e espiritualidade: da gestalt-terapia à pesquisa contemporânea. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [S. l.] n. 23, v. 2, p. 211-218. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-8672017000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-8672017000200009&lng=pt&tlng=pt).
- GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological method. *In*: GIORGI, A. (org.). **Phenomenology and psychological research**. Pittsburg: Duquesne University Press, 1985. p. 8-22.
- GIORGI, A. **The descriptive phenomenological method in psychology: a modified Husserlian approach**. Pittsburg: Duquesne University Press, 2009.
- GIORGI, A. The descriptive phenomenological psychological method. **Journal of Phenomenological Psychology**, [S.l.], v. 43, n. 1, p. 3-12, 2012.

# Gestalt-terapia e ecopsicologia: psicoterapia das relações ser humano-natureza

Marco Aurélio Bilibio Carvalho<sup>48</sup>

## Resumo

A Gestalt-terapia nasceu sob a égide da perspectiva ecológica, sistêmica e de campo. Não obstante sua percepção orgânica e inter-relacional do humano como ser-no-mundo, ênfase infinitamente maior foi dada ao conceito de humano em comparação aos conceitos de mundo. Se uma real compreensão deste humano só pode surgir do fato de ser um ser de relações, surge por óbvio que o conhecimento do “mundo” é fator essencial dessa equação. Compreensível é que, sendo a nossa profissão focada no humano tenha ela se tornado abundante de insights sobre quem somos, como vivemos quando saudáveis, como adoecemos e como esse adoecer se organiza. A GT é uma das mais inspiradoras perspectivas sobre o humano, e o fato de partir da perspectiva de ser-no-mundo a torna uma abordagem privilegiada para a compreensão do momento que vivemos. Simplesmente porque esse momento representa uma crise de relações entre ser e mundo. Estamos frente a um risco de tamanha alteração da dimensão ecológica do “mundo” que o equilíbrio necessário à vida pela primeira vez pode ser rompido por nossa forma de nos relacionarmos com ele. Coube à Ecopsicologia abrir esse alerta, nos anos 1990, no que foi prontamente acolhida em suas reflexões pela GT. No ano de 1995, o então *The Gestalt Journal* dedicou um número ao diálogo entre GT e Ecopsicologia (ROSZAK, 1995). Buscava a Ecopsicologia criar uma ponte sobre o fosso que separa a Psicologia da Ecologia. Seu tema é o enraizamento do humano no mundo da natureza, fazendo um necessário contraponto ao nosso enraizamento no mundo da cultura. Nisso ela está em plena sintonia com a GT, que põe ênfase no funcionamento ecológico do ser. Inspirada nos conceitos mais contemporâneos sobre o que é esse mundo de que fazemos parte, mas para o qual nos apresentamos como seres independentes capazes de formular interações de mútua construção, a Ecopsicologia põe ênfase na ideia de que este é um mundo vivo, repleto de seres sencientes, ou seja seres psíquicos, e que funciona como um organismo vivo (ROSZAK, 1992). Em outras palavras somos partes de um mundo que tem psique, funciona como um organismo que se autorregula, cresce, vive crises (por cinco vezes de quase extinção da vida), e se transforma, num sistema contínuo de tentativas e adaptações. Pertencer a esse mundo vivo e psíquico tem implicações teóricas para o entendimento de quem somos, e lança o campo das relações com o não-humano à esfera

---

48 Gestalt-Terapeuta atuando em clínica privada em Brasília/DF desde 1987. Membro da ABG. Membro do corpo docente do Comunidade Gestática (Florianópolis) e do IGTB (Brasília). Mestre de Psicologia Clínica e Cultura e Doutor em Desenvolvimento Sustentável (com tese sobre psicologia e sustentabilidade) pela Universidade de Brasília. Presidente da International Ecopsychology Society e diretor do Instituto Brasileiro de Ecopsicologia.

das relações centrais do existir, como definiu Buber (2004). É exatamente nesse campo de relações que se configura um campo de sofrimento coletivo potencial: a crise do mundo, de seu equilíbrio ecossistêmico, de seu sistema climático. Esses desequilíbrios, afirmamos a ciência, são fruto de ação antrópica, portanto expressões de um modo de ser-no-mundo repleto de áreas de inconsciência, onde o ser-ignorante-de-seu-mundo o habita como uma coisa inerte, sem vida nem consciência e, portanto, ignorante de si mesmo, indissociável como é desse mundo-como-outro. A ponte buscada pela Ecopsicologia parte da noção de que somos parte de uma grande teia de vida com características autoconscientes, com a qual somos biológica e psicologicamente vinculados. Os mesmos princípios que organizam nosso ser-no-mundo, a homeostase e homeorrese, tendência ao equilíbrio e tendência à reestruturação, estão presentes no mundo-como-organismo. Por definição somos seres ecológicos indissociáveis da grande teia, mas nossa tendência à construção de uma identidade única nos exige diferenciação em relação a todos os outros. Mas essa diferenciação incluiu o planeta como ente, como casa, como palco e como esteio de nossa jornada de uma forma peculiar, que exige revisão. A diferenciação saudável nos livra da confluência, porém a diferenciação de que falamos talvez tenha evoluído para o que Goodman (1991) chamou de egotismo, uma diferenciação com reforço deliberado das fronteiras (fruto de introjeções) ao nível de uma hipertrofia narcísica. Este mini-curso apresentará os pontos centrais do diálogo ente a GT e a Ecopsicologia, buscando revelar a mútua inspiração para um olhar clínico sobre as incertezas quanto ao futuro que a crise ambiental nos reserva, e as inspirações que surgem desse diálogo para uma resposta psicológica e possível solução dessa crise. Abordará os novos sofrimentos psíquicos como eco-ansiedade, eco-angústia e solastalgia (a dor pela perda de lugares significativos), as perspectivas da clínica gestáltica ao abordar essa temática, as implicações sócio-econômicas do sofrimento psíquico, a empatia para com o não-humano e a ampliação do conceito de saúde. Refletirá sobre o ancoramento da GT a uma perspectiva antropocêntrica, suas possíveis coerências e incoerências e discutirá outras possibilidades de co-construção de nosso modo-de-estar-no-mundo e os limites psicológicos para um ajustamento criativo e saudável às demandas cruciais dos dilemas contemporâneos.

**Palavras-chave:** Ecologia. Gestalt. Mudanças climáticas. Psicoterapia.

## REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu-tu**. São Paulo: Centauro, 2004.

GOODMAN, Paul. **Nature heals: the psychological essays of Paul Goodman**. Ed, Taylor Stoehr. Gouldsboro: The Gestalt Journal Press, 1991. (Kindle Edition)

ROSZAK, Theodore. **The voice of the earth: an essay of ecopsychology**. 2. ed. Michigan: Grand Rapids; Phane Press, 1992.

ROSZAK, Theodore. The greening of psychology: exploring the ecological unconscious. **The Gestalt Journal**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 9-46, 1995.

# Para onde vão as palavras que escuto?: uma perspectiva de campo no atendimento infantil

Virginia E. Suassuna Martins Costa<sup>49</sup>

## Resumo

Contatar é todo o processo de reconhecer o self e o outro pela movimentação em direção a conectar-se/fundir-se, e também por separação/afastamento Yontef (1998). Diálogo, portanto, sinônimo da relação, definida não como um evento que ocorre no homem, sim entre este e o seu ambiente. Segundo a abordagem dialógica, a psicopatologia pode ser compreendida como um diálogo abortado. “É um resíduo de uma tentativa de “diálogo” que ainda não obteve resposta. Hycner (1995). Neste sentido, o comportamento considerado patológico, é na verdade, um pedido desesperado de resposta ao mundo que necessita de um “ouvido” que o traduza em uma linguagem compreensível. Educar os sentidos, a partir das funções de contato que geram as fronteiras de contato é fundamental no desenvolvimento humano, principalmente quando o suporte do Gestalt-terapeuta se baseia nas premissas básicas que segundo Perls (1977), são: - o organismo é um todo unificado, conceito ignorado pela escola tradicional que enfatiza a cisão corpo/mente; - o organismo não é autossuficiente, necessitando de contato com o meio para a sua sobrevivência, intencionando-o e estabelecendo sua fronteira de contato; - a organização de fatos, percepções, comportamentos ou fenômenos, e não os aspectos individuais de que são compostos, que os define e lhes dá um significado específico e particular. Esta premissa é derivada da psicologia da gestalt que reconhece que a natureza humana é organizada em partes, ou todos, vivenciada pelo indivíduo nestes termos, e que só pode ser entendida em função das partes ou todos dos quais é feita; - todo o comportamento é governado pela homeostase, também denominada de autorregulação, processo pelo qual o organismo interage com o meio e satisfaz suas necessidades, entre outras premissas

---

<sup>49</sup> Psicóloga e Psicoterapeuta há 44 anos, é Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC - GO; Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília - UnB; Formada em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP-USP; Professora no Curso de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC - GO; Membro Fundadora, Professora e Supervisora do Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia - ITGT - GO; Membro Fundadora e Professora do Instituto Suassuna - IS - GO; Formação em Gestalt-Terapia pelo Centro Estudos Gestalt-Terapia de Brasília - CEGEST - D.F; Curso avançado em Gestalt-Terapia no Gestalt Therapy Institute of Los Angeles - GATLA - LA e no Pacific Gestalt Institute - PGI - EUA. Participação no Congresso Bianual da Association for the Advancement of Gestalt Therapy - AAGT- CA; Cursos de Atualização em Gestalt-terapia na França (FR), Suíça (CH), San Diego (U.S.A); Canadá (CA) e Dinamarca (DK); Proprietária da Gestalt Clínica - GO; Membro do Conselho Consultivo da Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies (RAG); Autora, organizadora de livros e de artigos na área da Psicologia. Escritora de três livros infantis: Conheça-te a ti mesmo, O segredo da convivência, e Para onde vão as palavras que eu escuto. Organizadora do Livro: Supervisão em Gestalt-terapia, Medbbok (2021).

com suporte teórico no existencialismo dialógico de Martin Buber , na fenomenologia e na teoria de campo de Kurt Lewin. A partir dos aspectos supracitados, todo processo de desenvolvimento da criança, entendido como desenvolvimento-no-contexto, envolve a relação, primeiramente, da criança com o seu meio familiar, na sua crescente capacidade de descobrir, sustentar ou alterar suas propriedades. Nesse contexto muitas palavras são introjetadas e sem assimilação passam a funcionar com um falso self no desenvolvimento infantil. À medida que seu mundo se amplia, seu contato com o meio social torna-se mais amplo e inclui aspectos mais amplos e diferenciados de seu ambiente, tornando-se mais capaz ou incapaz de participar, modificar e aumentar sua relação com ele. Quando ocorre a falsa percepção do self, uma vez que ele é o sistema de contato funcionando, surgem os comportamentos inapropriados, fruto da incapacidade da criança em encontrar e manter o equilíbrio adequado entre ela e o resto do mundo, embora considerados como uma manobra para atingi-lo, se autorregulando numa situação em que sente que suas possibilidades estão limitadas. Esta manobra para atingir o equilíbrio, pode ser considerada como mecanismos de defesa ou de evitação de contato. Entre eles podemos citar a introjeção, confluência, projeção e retroflexão, entre outros, que podem ser saudáveis ou patológicos, conforme sua intensidade, sua maleabilidade, o momento em que intervêm e, de uma maneira mais geral, sua oportunidade. Ginger, Ginger (1995). Esses autores afirmam, o introjetor faz o que os outros querem que ele faça; por outro lado o projetor faz aos outros o que os acusa de lhe fazer; aquele que sofre de confluência patológica não sabe quem faz o que a quem; e o retrofletor faz a si o que queria fazer aos outros. Na introjeção, o mundo exterior me invade; na projeção, eu invado o mundo; na confluência, a fronteira de contato é abolida; na retroflexão, eu invado o meu próprio mundo interior. Exemplificando, na criança, podemos observar a introjeção (disposição da barreira entre ela e o resto do mundo, tão dentro dela, que quase não sobra espaço para ela mesma), quando ela engole sem mastigar todas as informações a respeito de si mesma, de tal forma que, mal digeridos, estes elementos exteriores ficam interiorizados como corpos estranhos, o que dificulta o processo de discriminação entre o que é verdadeiro ou não a seu respeito. Sua fronteira de contato permanece vulnerável e susceptível a falsas crenças a respeito de si mesma e do mundo. Com seu senso de self enfraquecido, inicia o ciclo de comportamentos inadequados, como uma estratégia de sobrevivência diante das introjeções negativas que a cercam. Na escuta de palavras contraditórias a respeito de si mesma, vindas muitas vezes da mesma pessoa, a criança vai abortando o diálogo consigo mesma e com o ambiente que a cerca, desenvolvendo ajustamentos não criativos, disfuncionais. Nesse sentido, ajudar a criança a identificar de onde vem e para onde vão as palavras que ela escuta, situando-as no contexto, no campo na qual elas acontecem parece uma forma de resgatar o diálogo saudável criança consigo mesma e com o meio que a cerca. O minicurso visa, portanto, instrumentalizar o psicoterapeuta para facilitar o diálogo da criança consigo mesma evitando as introjeções disfuncionais que podem gerar tatuagens psicológicas a partir das palavras escutadas no seu contexto existencial.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento infantil. Diálogo. Distúrbio de contato.

## REFERÊNCIAS

- GINGER, Serge; GINGER, Anne. **A gestalt**: uma terapia de contato. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.
- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.
- PERLS, Frederick S. Abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness**. São Paulo: Summus, 1998.

# O silêncio e o problema da linguagem em gestalt-terapia: uma exploração em diálogo com Merleau-Ponty

*Eduardo de Sequeira Cremer<sup>50</sup>, Mônica Botelho Alvim<sup>51</sup>*

## Resumo

Este trabalho objetiva discutir o fenômeno do silêncio e da fala no diálogo clínico a partir da Gestalt-terapia em diálogo com Merleau-Ponty. Destacando a relação entre silêncio e fala, discutimos a linguagem e a expressão e seu aparecimento no encontro clínico. O trabalho parte da experiência do silêncio que surge na prática clínica, o que nos movimentou para investigar a relação do silêncio com a fala e com a linguagem. Com Merleau-Ponty, identificamos que a fala tem no silêncio um fundo, que se fará presente no processo de expressão. Apesar de ser um tema pouco discutido em Gestalt-terapia, encontramos discussões importantes nos livros fundadores. No Gestalt-Terapia de PHG encontramos a descrição de três tipos de fala: a verbalização, a fala plena de contato e a poesia. Além de descrevê-las ainda é ressaltada a relação de cada uma com a fala subvocal, que já era discutida em *Ego, Fome e Agressão* e se constitui de material inassimilado e inassimilável que vai se formando ao longo da vida no campo organismo/ambiente. A fala subvocal constitui-se na cultura, compondo a retórica da função personalidade do self e os hábitos de fala desde a infância. PHG (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997) afirmam que esse processo de imersão no mundo da fala e da linguagem vai se desenvolvendo, provocando a diferenciação do indivíduo no campo organismo/ambiente. À medida que a entrada no mundo da linguagem vai acontecendo, mais o organismo se diferencia e pode, através de atos criativos vinculados a função id, começar a desconstruir as falas que lhe foram imputadas para construir falas mais espontâneas e autênticas. PHG (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997) afirmam que no crescimento das relações interpessoais, em que há o encontro com a diferença, ocorre um conflito inevitável que, se for pacificado prematuramente, provoca o aparecimento da personalidade verbalizadora que produz uma fala monótona e inflexível na atitude retórica. Essa fala seria a verbalização, fala repetitiva em desalinho com o corpo, que

---

50 Formado em Gestalt-terapia pelo Encontro - Núcleo de Estudos e Treinamento em Gestalt-terapia; Especialista em Psicologia Clínica pelo IGT; Mestrando em Psicologia Clínica pela UFRJ, orientando pela prof. Mônica Botelho Alvim; Coordenador do Grupo Conhe-ser.

51 Gestalt-terapeuta, atua no Programa de pós-graduação em Psicologia da UFRJ. Pós doutora em filosofia contemporânea (Paris 1 Panthéon-Sorbonne). Pesquisa a clínica comunitária em perspectivas decoloniais, fenomenologia e arte contemporânea. Coordena o NEIFeCS - Núcleo de estudos interdisciplinares em fenomenologia e clínica de situações contemporâneas, investiga fenômenos sociais estruturais, como raça, gênero e classe. Atua em pesquisa e extensão com crianças e jovens de favelas cariocas.

preenche o silêncio com “grunhidos” e não produz uma expressão criadora, já que não se está *aware* da fala subvocal que se encontra no fundo. Essa fala difere da fala plena de contato e da poesia, por seu vínculo frágil com a situação e sua baixa potência expressiva. Essas duas falas alinham-se em termos de criação e instituição de novidades e diferem entre si por ser a poesia uma produção que não tem intenção de atingir um ouvinte, objetivo da fala plena de contato. Comparando o surgimento da palavra ao aparecimento de uma obra de arte, conseguimos compreender que tipo de fala estará presente na poesia, por exemplo. Merleau-Ponty (2004) coloca que a expressão artística surge no mundo vinculada a um fundo silencioso, invisível. O artista ouve o silêncio do mundo e, num ato corporal de imbricamento com este, produz uma obra de arte. Fazendo um paralelo com a expressão criativa verbal na clínica, seu aparecimento também é fruto desse fundo silencioso e de um trabalho do corpo que as profere, em um tipo de ação dada no modo intermediário entre passividade e atividade. Nesse caso, não se sabe de antemão o que será dito e não se diz nada desvinculado da situação. O trabalho expressivo pode contorcer e retorcer as palavras para que se atinja um sentido, alcançado através do gesto falante. O diálogo terapêutico encontra essas três modalidades de fala, cada uma se relacionando de um modo com a fala subvocal e com o silêncio. Perls (2002) adverte que a fala pode se voltar contra o homem, como é o caso da verbalização, que em lugar de ser uma fala “junto com” é uma fala “em lugar de”, produzindo uma retórica que tem como base a fala subvocal inassimilada. Nossa escuta da fala que surge na clínica precisa se qualificar para propiciar o aparecimento de uma fala criadora, que funda mundos. Apostamos no método de experimentação proposto por Alvim (2014) para o trabalho com a troca verbal na clínica, para que, através dos movimentos de fala, possamos encontrar a expressividade da linguagem e experienciar o poder oculto no ‘logos’ de cada palavra (PERLS, 2002, p. 301). Assim como a poesia não intenta atingir o outro, alcançando-o por consequência e não por objetivo, o terapeuta quando dialoga também sabe que sua tarefa não é conduzir o outro a um objetivo, mas propiciar um tipo de diálogo que revele a potência de expressão que a linguagem pode alcançar.

**Palavras-chave:** Arte. Clínica. Expressão. Linguagem. Silêncio.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, MONICA BOTELHO. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. A. A Dúvida de Cézanne. *In:* MERLEAU-PONTY, M. A. **O olho e o espírito.** Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. A. Jean-Paul Sartre. *In:* MERLEAU-PONTY, M. A. **Sinais.** São Paulo: Martins Fontes, 1962.
- PERLS, Frederick S. **Ego, fome e agressão:** uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.
- PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

# Da cura ao cuidado: caminhos de acolhimento na prevenção e posvenção dos processos autodestrutivos

*Karina Okajima Fukumitsu<sup>52</sup>*

## Resumo

**INTRODUÇÃO:** Por ano, são quase 800 mil pessoas em todo o mundo se matam. Constatação triste, afirmação de absoluta falta de sentido, dor inexplicável. Torpor, dor e desespero tomam conta daquele que é envolvido neste tsunami existencial. Problema de saúde pública, o Brasil carece de programa de políticas públicas que visem cuidados que se destinem as possibilidades interventoras em relação à prevenção e posvenção. O presente curso tem como objetivo principal desenvolver introdução para reflexões sobre os processos autodestrutivos, mais especificamente, sobre os suicídios, bem como promover discussão a respeito da instrumentalização para valorização da vida e para o acolhimento da pessoa em intenso sofrimento existencial e, em processo de luto. Destinado para interessados pelas áreas da suicidologia: prevenção e posvenção, processos autodestrutivos e processo de luto e da tanatologia, o curso com ensinamentos básicos da suicidologia, foi elaborado com o intuito de acolher profissionais das mais diversas formações que atuem ou pretendam cuidar da vulnerabilidade e dos aspectos inerentes aos processos autodestrutivos. **DESENVOLVIMENTO:** Os processos autodestrutivos são atos de comunicação de dores sentidas e não consentidas. Impotência, falta de sentido e não explicação são os sentimentos despertados naqueles que se propõem a compreender tais processos. Se o suicídio é um problema de saúde pública, cabe refletir sobre os significados e diferenças entre cura e cuidado, segundo a perspectiva gestáltica. É necessário promover discussão sobre a prevenção dos processos autodestrutivos e posvenção, principalmente com o intuito de incentivar ressignificações sobre os cuidados e intervenções dos atos que falam, calam e que revelam dificuldades e recusa existencial de se fazer bem. Quem é impactado pela morte por suicídio é obrigado a enfrentar o processo de luto, uma trajetória de sobrevivência e de reconciliação com a vida que continua, apesar da morte de quem se ama. No luto por suicídio curamos ou cuidamos?

---

52 Psicóloga (CRP 06/43624-6), suicidologista, Gestalt-terapeuta, psicopedagoga. Pós-doutorado e doutorado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia - USP, Mestre em Psicologia Clínica pela Michigan School of Professional Psychology – EUA. Coordenadora da Pós-graduação em Suicidologia: Prevenção e Posvenção, Processos Autodestrutivos e Luto da Universidade Municipal São Caetano do Sul (USCS) e Coordenadora adjunta da Pós-graduação em Gestalt-terapia abordagem clínica e institucional e da Pós-graduação Morte e Psicologia: promoção da saúde e clínica ampliada da Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). Palestrante e autora de livros e artigos sobre prevenção dos processos autodestrutivos, posvenção, luto por suicídio, acolhimento da vida e Gestalt-terapia. Podcaster do "Se tem Vida, tem Jeito".

-, essa também será a proposta reflexiva deste curso. Não expor as pessoas envolvidas, não informar detalhes mórbidos, como o método ou a maneira como aconteceu o suicídio são formas respeitadas de se cuidar da pessoa que tenta o suicídio e que é impactada pelo suicídio de quem ama. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conhecer os principais fatores de risco e enaltecer os fatores de proteção são condições essenciais para quem se habilita a trabalhar com pessoas em vulnerabilidade. Informar sobre as possibilidades para ações em relação às pessoas em intenso sofrimento existencial é prevenção e zelo para com o ser humano que pretende se apropriar de sua morada existencial. Finalizando, discutiremos sobre o lugar do Gestalt-terapeuta frente aos processos autodestrutivos. O lugar que pode ser o de estar junto, realizando a travessia da dor para o amor, mesmo que seja amor próprio em busca do desenvolvimento da compaixão, generosidade para com sua existência e do acolhimento ao sofrimento existencial.

**Palavras-chave:** Prevenção dos processos autodestrutivos. Suicídio. Luto por suicídio. Posvenção. Gestalt-terapia. Manejo Psicoterapêutico.

## REFERÊNCIAS

FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Vida, morte e luto:** atualidades brasileiras. São Paulo: Summus, 2018. p. 216-231. ISBN 978-85-323-1101-6.

FUKUMITSU, Karina Okajima. A prevenção do suicídio deve ser prática diária: Karina Okajima Fukumitsu é terapeuta e pós-doutora pelo Instituto de Psicologia da USP. **Jornal da USP**, São Paulo, 3 set. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-prevencao-do-suicidio-deve-ser-pratica-diaria/>.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **A vida não é do jeito que a gente quer.** 2. ed. São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-60239-03-0.

FUKUMITSU, Karina Okajima. Facetas da autodestruição: suicídio, adoecimento autoimune e automutilação. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, K. O. (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2017. ISBN 9788532309082.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Perdas no desenvolvimento humano:** um estudo fenomenológico. 3. ed. São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-60239-06-1.

FUKUMITSU, Karina Okajima. Processos autodestrutivos na adolescência. **Jornal da USP**, São Paulo, 11 jul. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/processos-autodestrutivos-na-adolescencia/>.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Programa RAISE:** Gerenciamento de crises, prevenção e posvenção do suicídio em escolas. São Paulo: Phorte, 2019. ISBN 978-85-7655-743-2.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Sobreviventes enlutados por suicídio:** cuidados e intervenções. São Paulo: Summus, 2019. ISBN 978-85-323-1136-8.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicide and Bereavement.** São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-60239-02-3.

FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio e a verdade levada juntamente com quem se matou. **Jornal da USP**, São Paulo, 4 maio 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-e-a-verdade-levada-juntamente-com-quem-se-matou/>.

- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicídio e gestalt-terapia**. 3. ed. São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-60239-05-4.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio e luto, uma tarefa da posvenção para “amar depois da dor”. **Jornal da USP**, São Paulo, 30 out. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-e-luto-uma-tarefa-da-posvencao-para-amar-depois-da-dor/>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicídio e luto: história de filhos sobreviventes**. 2. ed. São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-65294-17-1.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio e sua prevenção. **Jornal da USP**, São Paulo, 26 set. 2016. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-e-sua-prevencao/>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio, luto e posvenção. *In*: FUKUMITSU, K.O. (org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018. p. 216-231. ISBN 978-85-323-1101-6.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio: do desalojamento do ser ao desertor de si mesmo. **Revista USP: dossiê direitos humanos**, São Paulo, n. 119, p.103-114, out./ nov./ dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/151579/148542>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio: reflexões sobre o caminho de ser suicidologista. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 set. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-reflexoes-sobre-o-caminho-de-ser-suicidologista/>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Transformar dor em amor: possibilidades para reverenciar o inesquecível. *In*: NUCCI, N. A. G.; KOVÁCS, M. J; FUKUMITSU, K.O. (org.). **Encontros inesquecíveis: relatos de cuidado e ética**. Campinas: Alínea, 2018. ISBN 9788575168417.
- FUKUMITSU, Karina Okajima; KOVÁCS, M. J. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. **Revista Psico**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 3-12, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-53712016000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712016000100002).
- FUKUMITSU, Karina Okajima; VALE, L. de A. **Acolher e se afastar: relações nutritivas ou tóxicas**. São Paulo: Loyola, 2019. (Coleção - Adolescer sem adoecer - conversas entre uma psicóloga e um padre). ISBN 978-85-15-04614-0.
- FUKUMITSU, Karina Okajima; VALE, L. de A. **Processo autodestrutivos: por que permitimos nos machucar?** São Paulo: Loyola, 2020. (Coleção Adolescer sem adoecer: conversas entre uma psicóloga e um padre). ISBN 978-65-5504-017-3.
- NUCCI, N. A. G.; KOVÁCS, M. J.; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Encontros inesquecíveis: relatos de cuidado e ética**. Campinas: Alínea, 2018. ISBN 9788575168417.

# O sentido ético-político da intervenção gestáltica nas aflições contemporâneas: por uma clínica insubmissa

*Leda Mendes Pinheiro Gimbo*

## **Resumo**

Partindo da ideia de que a violência em todas as manifestações consiste numa ferramenta histórica de dominação entre os povos, tendo o telos de submeter, controlar e afirmar poder sobre outra pessoa, corpo, grupo humano, consideramos que a violência comporta ou é parte de um fundo habitual de vividos socialmente compartilhado e disponível a ser atualizado na situação, no campo imbricado. Nesse sentido, numa leitura a partir da Teoria do Self, analisamos o fenômeno social da violência em três dimensões: disponível como co-dado, projetada no horizonte como lugar social e operacionalizada na situação (PHG, 1997; ALVIM, 2018). Tomada como norma, a violência pode ser lida como forma majoritariamente repetida no campo, naturalizada. A norma também é o habitual. Os hábitos compõem um fundo de co-dados, assimilados, introjetados, retidos e prontos para emergir como excitação para orientar uma ação, direcionada a um horizonte de futuro, no presente transiente concreto. A norma está na base, mas está também no horizonte. A norma está nas formas repetidas, como inibições deliberadas ou reprimidas, mas está também no temor ou desejo de ocupar um lugar social. Nesse sentido, as manifestações de violência são operacionalizadas, balizadas pelo fundo compartilhado que sustenta suas repetições e pelo lugar social de suposta força que seu uso pode promover. Na contemporaneidade, regida pela biopolítica, o estado de exceção é a regra. Acompanhamos a atualização dos mecanismos violentos de controle e poder sobre os corpos e formas de vida que escapam às normas instituídas e amplamente validadas como desejáveis. A elevação das formas de vida fascistas e dos mecanismos morais de controle da vida convergem com as formações políticas ostensivamente combativas a quaisquer diferenças e afetos alegres, operando por meios violentos desde os mais sutis até a radicalização da violência, a aniquilação e a morte. Na clínica lidamos com os efeitos da violência e com a aflição que essas manifestações produzem. Podemos considerar que o sentido ético-político da clínica gestáltica no acolhimento às aflições contemporâneas inclui o acolhimento das identidades vilipendiadas pela violência para a possibilidade de criação de formas de sobrevivência e resistência. Compreendemos que a atualização dos meios de resistir possui efeitos coletivos, uma vez que possibilita a atualização do fundo de vividos e também do horizonte de futuro, contudo, ir contra a norma pode produzir efeitos de acirramento da violência, assim como invectiva do fugitivo acirra os mecanismos de contenção das prisões, o desafio à norma é o desafio ao opressor que dela se beneficia. Mas se continuamos a nos submeter, o que muda? Pensamos então na insubmissão e na recusa à repetição da violência como possibilidades para a atualização

dos horizontes virtuais que balizam a função ego no campo. Consideramos os efeitos da insubmissão como ajustamento, da transgressão e do uso da agressão (ALVIM, 2014; PERLS, 2002) para as funções de Self bem como seus riscos numa sociedade neoliberal cristalizada. Pensamos nas questões de gênero e raça diretamente ligadas ao desafio ao poder instituído e manutenção do status quo e na clínica gestáltica como espaço ético de acolhida à alteridade e diferença para “achar e fazer a solução vindoura” (PHG, 1997, p.48). Nosso telos é garantir o encontro e a criação das formas de viver possíveis, pautada nos ideais comunitários e na união das minorias, vaga-lumes com suas insistentes e vivas luzes (DIDI-HUBERMAN, 2011; PRECIADO, 2020). Entendemos que a atualização das normas não se dá sem a recusa e insubmissão às formas prescritas e obsoletas. Mas até lá, quantas pessoas mortas? Quantas pessoas aniquiladas? Quantas vezes será necessário recriar as formas de existir e resistir?

**Palavras-chave:** Aflição. Gestalt-terapia. Intervenção. Violência.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Monica Botelho. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- ALVIM, Monica Botelho. O id da situação. *In:* ROBINE, Jean-Marie. (org.). **Self:** uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos. São Paulo: Escuta, 2018.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- PERLS, Frederick S. **Ego, fome e agressão:** uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.
- PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.
- PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em urano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

# Experimentos na caixa de areia: possibilidades de intervenção na clínica gestáltica

Erika Spack Kemmelmeier<sup>53</sup>, Daniela Pupo Barbosa Bianchi<sup>54</sup>, Patricia Barrachina Camps<sup>55</sup>

## Resumo

**Introdução:** A caixa de areia é uma técnica terapêutica desenvolvida por Dora Kalff em meados de 1956, baseado nos conceitos da psicologia analítica. O cliente é convidado a usar uma caixa de madeira contendo areia onde pode colocar miniaturas ou manipular a areia seca ou molhada para criar cenários de uma forma livre. Trata-se de uma técnica não verbal, sem exigência de qualquer habilidade artística e que propõem a inclusão do mundo imaginativo não racional no processo psicoterápico. A partir do referencial da Gestalt-terapia, a técnica da caixa de areia é utilizada como um experimento. Através das mãos, o cliente entra em contato com a areia, pode movimentá-la, fazer desenhos e construções. Através da visão, olha e elege as miniaturas disponíveis e passa a representar o que para ele é figura naquele momento. A execução dos gestos na caixa favorece encontros com formas, texturas e sensações. Esta construção vai possibilitando ao terapeuta localizar onde está a energia do cliente, as interrupções de contato e situações inacabadas, graduando o experimento. Entre outros aspectos, a técnica da caixa de areia é um recurso que promove a capacidade autorreguladora e criativa e que atua no processo de ampliação da *awareness* do cliente. Em nossa prática observamos que o terapeuta pode acompanhar e promover diálogos entre o cliente e os cenários realizados, oferecendo presença autêntica e possibilidade de novos desfechos para situações. Assim, o método fenomenológico é um caminho para intervenções e ampliação do recurso. Hoje usamos a técnica em diferentes faixas etárias, embora a clínica infantojuvenil seja equivocadamente a clientela alvo quando se pensa no recurso. O uso da caixa de areia em situações grupais e em atendimentos familiares também superaram as nossas expectativas iniciais quanto a promoção da postura dialógica e da compreensão do ser imerso em seu campo. **Objetivo:** O objetivo deste minicurso é levar os participantes a compreender os principais pontos do uso deste instrumento na prática clínica gestáltica. **Metodologia:** Será um curso teórico onde buscaremos a integração dos conceitos fundamentais da técnica aliados à prática

---

53 CRP: 06/81277. Aprimoramento em Gestalt-terapia com crianças e adolescentes pelo Instituto Gestalt de São Paulo; especialista em avaliação neuropsicológica pelo CFP- SP, Especialista em Psicologia Hospitalar pela USP –SP.

54 CRP: 06/80930. Graduada em Direito e Psicologia, doutoranda e mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP, Professora de formação em Gestalt-terapia do Instituto Gestalt de São Paulo, Sedes Sapientiae e Centro de Estudos Gestálticos de Santa Catarina.

55 CRP: 06/63876. Graduada em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo, mestranda em Psicologia Clínica pela PUC/SP, Especialista em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto pelo Instituto Quatro Estações – SP, Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Gestalt de São Paulo.

clínica. Desse modo, passaremos pelo histórico da técnica, o diálogo entre o instrumento e a Gestalt-terapia, os pressupostos para o uso do instrumento e a apresentação casos e vinhetas clínicas para ilustrar o manejo e desenvolver o olhar para a compreensão da técnica, sendo, portanto, uma proposta para participantes a partir do nível básico de conhecimento em Gestalt-terapia. Queremos compartilhar os pressupostos iniciais da técnica juntamente com os conceitos fundamentais teóricos da abordagem gestáltica que acreditamos essenciais para a compreensão e uso do recurso. Resultados: Em nossa vivência clínica, percebemos que na co-construção dos cenários, cliente e caixa de areia tornam-se figuras, enquanto terapeuta desloca-se para o fundo. O cliente experimenta a possibilidade de expressar, através da construção de seus cenários, seu ser-mundo, permitindo que no aqui e agora do processo terapêutico, Gestalten possam ser abertas ou finalizadas. O terapeuta acompanha este processo de construção do cliente, participando quando solicitado, ofertando presença e escuta atenta e acolhedora, o que torna este recurso um valioso instrumento no contexto terapêutico. Conclusão: Acreditamos nas trocas de saberes e possibilidades de ampliação da construção dessa modalidade de experimento. Acreditamos que ao final do minicurso os participantes terão os princípios básicos do instrumento, bem como ampliarão o olhar para recursos lúdicos-simbólicos no manejo clínico em Gestalt-terapia.

**Palavras-chave:** Caixa de areia. Experimento. Gestalt-terapia.

## REFERÊNCIAS

- AMMANN, R. A. **Terapia do jogo de areia**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRITO, M. A. Q. O Jogo de Areia na abordagem gestáltica: uma proposta de experimento. *In: CONGRESSO E XI ENCONTRO NACIONAL DE GESTALT-TERAPIA*, 8., 2007, Rio de Janeiro, p. 27-30. **Anais** [...], Rio de Janeiro, set. 2007.
- PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- TURNER, B. A. **The handbook of sandplay therapy**. Cloverdale, California: Temenos Press, 2005.

# Crônicas de um amor confuso: acompanhamento da gestalt-terapia para vínculos de coadição

*Hermann Schreck Malgor<sup>56</sup>, Norma Martinez Gerner<sup>57</sup>*

## Resumo

“Vivemos em uma era decadente. Os jovens não respeitam mais os pais. Eles são rudes e impacientes. Eles passam o tempo ficando bêbados e não têm autocontrole. ” A certeza de que a família está em um caminho de degradação, principalmente para o uso de drogas em jovens e suas atitudes é um comentário que se escuta com muita frequência. A perda de “valores”, a falta de respeito, a má comunicação e a sensação de que todos os tempos passados eram melhores estão presentes no discurso dos adultos hoje. Aqueles de nós que assumimos o desafio de ser pais ou mães experimentamos a falta de referências, em um mundo em mudança que parece estar desmoronando. Com esse sentimento vêm o medo e a incerteza em um mundo que “não é mais o que era”. A frase que inicia este texto foi escrita em um cemitério egípcio há cerca de 4000 anos. Já naquela época, o consumo de substâncias psicoativas parecia ter um efeito negativo nos jovens e, portanto, nas famílias de todos os tempos. Durante anos, pensamos que o vício era uma doença que afetava algumas pessoas. Que “a droga” transformava pessoas felizes em pessoas infelizes e más. Que a “droga” destruía famílias, namoro e todo tipo de vínculo. Que “a droga” fazia que casais e famílias felizes caminhassem para a destruição. Quantas vezes dizemos a um viciado: “ drogas porque não ama a si mesmo ou à sua família”. Ao longo do caminho, percebemos que esse não é o caso. Que é exatamente o oposto. O uso de drogas geralmente mantém um casal ou uma família unida, mesmo que seja uma estabilidade conflitiva e neurótica. Em nosso Minicurso, convidamos você a ver as drogas, aqueles que as consomem e seus laços familiares e emocionais de uma perspectiva diferente. Analisaremos nossas ideias, mitos e preconceitos sobre drogas e seus usuários. Compartilhando com vocês contribuições da Gestalt Terapia que, de uma perspectiva sistêmica profunda, nos permitem acompanhar essas pessoas e suas famílias de maneira amorosa, respeitosa e eficaz. Vamos propor algumas dinâmicas para você descobrir sua maneira de se posicionar diante de pessoas com Coadição e outras

---

56 Bacharel em Psicologia (1997). Psicólogo Clínico e Gestalt-terapeuta. Especialista em Dependências com mais de 25 anos de experiência. Ministra Conferências, Workshops, Cursos e Seminários para Universidades, Empresas e Instituições da América Latina e Europa. Diretor do Departamento de Vínculos Aditivos da Asociación Gestáltica del Uruguay (AGU). Autor do livro "SOLTAR AS MULETAS Um olhar diferente sobre as drogas e a adição". SUMMUS Editorial (2019).

57 Bacharel em Psicologia a mais de 35 anos. Psicóloga Clínica e Gestalt-terapeuta. Formada em bioenergética, Psicología Familiar Sistemica, Terapia de casais, entre outras especializações. Desde 1994 , trabalho com pessoas com dependências (química, ludopatía, etc. E na codependencia dos familiares dessas pessoas . Há onze anos, comecei um caminho junto a Hermann, com um novo olhar, um novo paradigma , e até agora seguimos esse caminho aprofundando e aprendendo mais juntos.

formas de Codependência, oferecendo um acompanhamento compreensivo, sistêmico e amoroso.

## REFERÊNCIAS

CIORNAI, S. Um olhar gestáltico para adições: conexões e desconexões. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer. **Questões do humano na contemporaneidade**: olhares gestálticos. São Paulo: Summus, 2017.

RUIZ-OLIVARES, M. R. ¿Y tú, cómo te lo montas?: consumo de drogas en adolescentes. *In*: ORTEGA, R.; Del Rey, R.; ROJAS, P. (org.). **Ser adolescente**: riesgos y oportunidades. Córdoba: Unigraf, 2010.

SCHRECK, H. **Soltar as muletas**: um olhar diferente sobre as drogas e a adição. São Paulo: Summus, 2019.

SHAEFFER, B. **¿Es amor o es adicción?** Buenos Aires: Apóstrofe, 1998.

SINAY, S. **Elogio de la responsabilidad**. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2008.

# Soltar as muletas: vínculo e gestalt atitude no acompanhamento de pessoas que usam drogas

*Hermann Schreck Malgor<sup>58</sup>, Norma Martinez Gerner<sup>59</sup>*

## Resumo

Em 18 de junho de 1971, o então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon declarou que a guerra às drogas – ilícitas, que fique bem claro – deveria ser prioridade em seu país. A partir de então, diversas nações do mundo, em maior ou menor grau, entraram nessa cruzada, que continua até hoje. No entanto, ao contrário do que se esperava, seus resultados são bastante questionáveis: aumento do consumo de drogas, explosão do número de mortes ligadas ao tráfico e enriquecimento estratosférico dos narcotraficantes. Por outro lado, substâncias consideradas legais – como tabaco, álcool e medicamentos controlados – continuam a provocar estragos na vida de centenas de milhares de pessoas. Os dependentes químicos são cada vez mais estigmatizados, ao mesmo tempo que o Estado e a sociedade os desprezam e ignoram. Quando não estão abandonados à própria sorte, são confrontados com ações compulsórias de tratamento e reclusão, em vez de usufruir de políticas públicas que lhes permitam recuperar a dignidade e a vontade de viver. Em nosso país, o Uruguai, a Lei de Regulação do Mercado de Cannabis abriu uma importante discussão e acesso a visões e entendimentos que nos permitem ver as toxicodependências de forma mais Gestalt. Para poder acompanhar pessoas viciadas e usuários problemáticos de drogas do Gestalt, é necessário rever nossos preconceitos e desaprender muito do caminho que alguns de nós viajaram. Reconheça o direito do outro a consumir qualquer substância, mesmo que esse comportamento está causando danos. Para poder aceitar sua decisão e acompanhá-lo na busca do significado que o uso de drogas tem em sua vida. Ter um olhar amoroso e sistêmico sobre as famílias que pedem ajuda. Convide-os a descentralizar o problema da substância e veja como eles são todos parte desta rede complexa onde o consumidor é o “sintoma”. Descobrimos que ninguém usa drogas para se machucar, mas para “curar”, mesmo que nessa tentativa ele sofra danos. Reconheça que as pessoas se tornam viciadas como forma de sustentar sua vida e deixar uma realidade que, sem esse vínculo aditivo, seria intolerável. Alguns

---

58 Bacharel em Psicologia (1997).Psicólogo Clínico e Gestalt-terapeuta.Especialista em Dependências com mais de 25 anos de experiência.Ministra Conferências, Workshops, Cursos e Seminários para Universidades, Empresas e Instituições da América Latina e Europa.Diretor do Departamento de Vínculos Aditivos da Asociación Gestáltica del Uruguay (AGU).E o autor do livro "SOLTAR AS MULETAS Um olhar diferente sobre as drogas e a adição". SUMMUS Editorial (2019).

59 Bacharel em Psicologia a mais de 35 anos.Psicóloga Clínica e Gestalt-terapeuta.Formada em bioenergética, Psicología Familiar Sistemica, Terapia de casais, entre outras especializações.Desde 1994 , trabalho com pessoas com dependencias (química, ludopatía, etc. E na codependencia dos familiares dessas perssoas .Ha onze años, comeci un caminho junto a Hermann, com um novo olhar, um novo paradigma , e ate agora seguimos esse caminho aprofundando e aprendendo mais juntos.

tópicos a serem abordados: Evolução histórica do “problema das drogas”; Novos paradigmas; Novos olhares sobre o adicto como doente; Ferramentas de intervenção do novo paradigma; Psicologia da Gestalt e sua contribuição para a clínica de dependência. Tentaremos contribuir para o acompanhamento de pessoas com problemas com drogas, tema atual em que a Gestalt parecia ausente. Nós compartilharemos esses pontos de vista e experiências de apoio terapêutico Gestalt aos toxicodependentes, adiantados no Uruguai e na Espanha. Juntos, abordaremos o verdadeiro sofrimento dos adictos e descobriremos as oportunidades terapêuticas que a Gestalt Terapia nos oferece e que nos permitem acompanhá-los em seu caminho.

**Palavras-chave:** Adição. Gestalt. Paradigmas.

## REFERÊNCIAS

CIORNAI, S. Um olhar gestáltico para adições: conexões e desconexões. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer. **Questões do humano na contemporaneidade: olhares gestálticos**. São Paulo: Summus, 2017.

DAHLKE, R.; Dethlefsen, T. **A doença como caminho**. São Paulo: Pensamento, 1992.

ESCOHOTADO, A. **Historia general de las drogas**. Barcelona: Espasa, 1989.

HARI, J. **Na fissura: uma história do fracasso no combate às drogas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PERLS, Frederick S. Ego, **fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud**. São Paulo: Summus, 2002.

ROMANÍ, O. **Las drogas: sueños y razones**. Barcelona: Ariel, 1999.

SCHRECK, H. **Soltar as muletas: um olhar diferente sobre as drogas e a adição**. São Paulo: Summus, 2019.

# A significação dos sintomas psíquicos

Marisete Malaguth Mendonça<sup>60</sup>

## Resumo

Este Curso contém essencialmente três propósitos: conscientização do modo padrão de ser, gerador dos nossos sintomas; elucidação do que estes significam; apresentação de um roteiro seguro ao Psicoterapeuta para o entendimento e as intervenções ante os sintomas resistentes do seu cliente. O Sintoma resulta sempre da interrupção da energia da gestalt ou da experiência. Ele expressa, pois, a contenção de parte ou de toda energia mobilizada pelo complexo emocional, que é inerente a qualquer experiência do homem no seu contato com o mundo. O sintoma surge, inicialmente, como uma forma provisória de sobrevivência num campo percebido, pela pessoa, como perigoso ou ameaçador. Assim, todo sintoma psíquico é, em última instância, a busca persistente de *solução* da questão existencial e relacional do sujeito. A emergência do sintoma denuncia que a pessoa precisa mudar algum padrão perceptivo e reacional que está tendo em uma ou mais áreas da sua experiência, isto é, que altere a forma como está conduzindo sua vida para uma forma mais integrada à sua especificidade única. Se o mesmo padrão é conservado, o sintoma perdura. O Ciclo do Contato é um construto da Teoria da Gestalt-Terapia bastante utilizado na análise e entendimento da experiência humana. Ele tem conduzido a possibilidades e reflexões diagnósticas muito profícuas no trabalho clínico. Esse modelo é a forma que alguns estudiosos da Gestalt Clínica utilizam para *descrever e explicar* o processo ou o desenrolar da nossa experiência, e tem sido muito útil ao gestalt-terapeuta no entendimento de quadros sintomáticos. A Abordagem Gestáltica não é, contudo, uma clínica centrada na eliminação do Sintoma, não visa a sua supressão. *Os sintomas não são elementos externos e estranhos agregados arbitrariamente ao organismo como seres intrusos. Eles têm uma função aí.* A tentativa do gestaltista é atingir o sintoma mediante a investigação do complexo emocional interrompido e a compreensão do significado da interrupção no projeto existencial orgânico. Para que a pessoa continua interrompendo a sua energia emocional e afetiva? Quais são seus motivos que justificam a manutenção sintomática? São questões inadiáveis impostas ao psicoterapeuta gestáltico que está atendendo a qualquer sintoma persistente ou recorrente.

**Palavras-chaves:** Ciclo do contato. Interrupções. Mobilização de energia. Roteiro terapêutico. Sintomas.

---

<sup>60</sup> Gestalt-terapeuta, fundadora, Diretora Acadêmica e Supervisora do ITGT (Instituto de Gestalt de Goiânia). É pós-graduado no Psicodiagnóstico de Rorschach e Mestre em Psicologia Clínica. Há mais de sete anos vem pesquisando sobre "O Significado dos Sintomas Psíquicos II e, dentro do estudo dos "Sintomas", está dando atualmente ênfase na criação da metodologia da "Escuta do Não Dito na Clínica Gestáltica". Sobre estes dois temas tem realizado palestras e cursos de extensão clínica.

# Psicopatologia biomusical, psicopatologia dos processos e psicopatologia da complexidade: “ambientalidades” entre a Gestalt-terapia, a musicoterapia e as filosofias da imanência para a construção de indicadores estético-poiético-musicais

*Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto*<sup>61</sup>

## Resumo

Historicamente, o tema da Psicopatologia possui uma relação com os transtornos psíquicos, apoiado na perspectiva da nosologia e da nosografia. Esta lógica tem, como um dos seus objetivos, buscar classificar os fenômenos sensíveis humanos que saem da média social dos comportamentos para serem diagnosticados para depois serem ‘tratados’. Tratamentos que seguem, em geral, a epistême da doença que precisará retornar a um estado de ‘saúde psíquica’ (CANGUILHEM, 1978). O tema da psicopatologia possui relações com o desejo da verdade que não sabe lidar com a alteridade, com as diferenças e com aquilo que é anômalo. O que vemos são modulações do Código Internacional de Doenças e do DSM que seguem a epistême reducionista em classes, gêneros e espécies de transtornos mentais. Classificações que seguem a lógica das dicotomias, das segregações, das segmentações que dispersam em intervenções especializadas aquilo que é da ordem dos processos existenciais da diversidade e que estão em relação com as transformações políticas, sociais, culturais, econômicas, religiosas, em determinadas condições históricas. Quais seriam as contribuições da Gestalt-Terapia, da Musicoterapia e das Filosofias da Imanência para a compreensão daquilo que é considerado como ‘sintomas’, como ‘transtornos psíquicos’? A Gestalt-Terapia, a Musicoterapia e as Filosofias da Imanência poderiam produzir pistas e outras ‘ambientalidades (RIBEIRO, 2020) de sentidos’ para a construção de indicadores-princípios plásticos-estéticos-dinâmicos para a compreensão das experiências de sofrimento, ‘sem cair na tentação’ de classificá-las em sentidos estáticos? A Gestalt-Terapia, em sua perspectiva de campo (DELACROIX, 2006; FRANCESETTI, GECELLE, ROUBAL, 2013),

---

61 Pós-doutorando em Psicologia (UFRJ) Pós-doutor em Filosofia (UFRJ e Paris-Est Créteil) Mestre e doutor em Psicologia (UFF) Graduado em Filosofia (UNIMES) e em Musicoterapia (CBM – RJ) Formação: Teresinha Mello da Silveira (1994) Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro (273/1). Coordenador da Universidade Livre – Prefeitura de Macaé (RJ); Professor de cursos de GT pelo Brasil; atendimento em atelier-consultório Musicoterapia Gestáltica.

nos traz novas formas de compreensão dos processos de formação e de atualização do que é compreendido como patológico. A perspectiva de campo da Gestalt-Terapia nos indica caminhos para que os sentidos das experiências sejam construídos a partir da relação 'terapeuta-paciente', 'indivíduo-situação'. O sentido passa a ser estético e não estático (PEIXOTO, 2018). Sentidos advindos a partir de um processo onde terapeuta-paciente-grupo-comunidade se fazem 'corpo-ambientalidade' de uns para os outros. Sentidos nascidos a partir de uma dimensão *ecopolítica*: '*corpo-ambientalidade-política-de-sentidos*'! Esta perspectiva está em íntima relação com a perspectiva da Musicoterapia que possui como um dos seus fundamentos teóricos acompanhar os processos dinâmicos atualizadores da relação terapeuta-paciente mediados pelo ambiente sonoro-afetivo-afetante-percussivo-musical (PEIXOTO, 2018). Para além das classificações estáticas da psicopatologia, o olhar da Gestalt-Terapia e da Musicoterapia coloca a sua atenção nos processos de individuação das formas. Processos que se fazem a partir da lógica dos contrapontos musicais, onde organismo-ambiente, indivíduo-situação se afetam mutuamente, produzindo-se campos dinâmicos de transformações e atualizações complexas de sentidos. Há quase 30 anos trabalhando na articulação dos campos da saúde mental, da arte e da cultura, da educação e na relação com o trabalho da Assistência Social, desenvolvemos indicadores estéticos apoiados na perspectiva da Gestalt-Terapia, da Musicoterapia e das Filosofias da Imanência para a produção de sentidos dinâmicos sobre as experiências compreendidas pela psicopatologia clássica como 'patológicas'. Da relação entre estas perspectivas nasce a Psicopatologia Biomusical, a psicopatologia dos processos, a psicopatologia da complexidade. Uma Psicopatologia que busca compreender os processos de atualização das formas cristalizadas e de como estas se conservam no tempo como forma de evitar os movimentos dos ambientes em devir, em transição. Este mini-curso trará os conceitos advindos da Gestalt-Terapia, da Musicoterapia e das Filosofias da Imanência para, de forma transdisciplinar, habitarem juntos as fronteiras. Experiência onde os participantes poderão tecer novos olhares sobre a questão da psicopatologia a partir de outras 'ambientalidades de sentidos'.

**Palavras-chave:** Ambientalidade. Complexidade. Gestalt-terapia. Musicoterapia. Psicopatologia.

## REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

DELACROIX, Jean-Marie. **La troisième histoire**: fonds et formes du processus relationnel en psychothérapie. França: Dangles Éditions, 2006.

FRANCESETTI, Gianni, GECELE, Michela; ROUBAL, Jan. L'approche gestaltiste de la psychopathologie. In: FRANCESETTI, Gianni, GECELE, Michela; ROUBAL, Jan (org.). **Psychopathologie en gestalt-thérapie**. França: Bordeaux: 2013.

PEIXOTO, Paulo-de-Tarso. **Gestalt-terapia e contatologia**: filosofia, arte e clínica dos processos de formação das superfícies contatuais. Rio de Janeiro: Paulo-de-Tarso, 2018.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade**: uma gestalt em movimento. Gestalt 2020. Disponível em: <https://gestalt2020.com.br/>. Acesso em: 1 mar. 2020.

# Passos de superação: a psicoterapia através do movimento com mulheres em situação de violência doméstica

Isabel Cristina Ribeiro<sup>62</sup>

## Resumo

A violência na relação íntima deixa sequelas físicas e psíquicas que se manifestam no corpo, desde fraturas corporais, altos níveis de tensão muscular, alterações na postura e no alinhamento físico a transtornos no uso do espaço e no movimento que afetam a imagem corporal e os limites entre si e outro. Sequelas psicológicas incluem um senso empobrecido de si mesmo, confluência com o parceiro, isolamento social, dessensibilização de suas emoções e uma conseqüente minimização do risco envolvido, depressão, ansiedade, confusão cognitiva e baixa autoestima. A pessoa vítima de violência vive uma ruptura de limites corporais e psíquicos que limitam sua capacidade de se autorregular e se ajustar criativamente. A vivência de reiteradas violências pode ocasionar ainda a perda da experiência primária e direta com o corpo, distanciando-se de tal forma a vivenciar uma perda da corporeidade – além de viver anestesiadas para as sensações, uma percepção de que aquele corpo não lhes pertence. Ribeiro (2006) se refere a essa experiência como o oposto do que poderíamos chamar de *awareness* corporal. Através do movimento e do processo terapêutico é possível resgatar essa presença perdida a partir do próprio corpo e experimentar novos passos e novas formas de estar consigo e com o mundo, apropriando-se e expressando a sua totalidade. No âmbito da atenção a mulheres em situação de violência o trabalho corporal através do movimento tem se mostrado uma importante ferramenta para a intervenção e reconstrução de uma segurança corporal e emocional, permitindo restaurar a capacidade de se relacionar, de sentir e lidar com as sequelas típicas do fenômeno da violência. Trabalhar com a expressão corporal e com os limites físicos através do movimento tem se mostrado um enfoque adequado para desenvolver uma “pele emocional” mais firme ou, numa linguagem gestáltica, para restaurar a capacidade de autorregulação e de fluidez da fronteira de contato. Além disso, Panhofer e Hölter (2005) apontam para a possibilidade do uso da experimentação com o movimento para acessar emoções que não se podem verbalizar, oferecendo uma linguagem possível para o trabalho com eventos traumáticos. A Psicoterapia através

---

62 Psicóloga, especialista em Gestalt-Terapia pelo IGTB. Dança/Movimento Terapeuta pela Escuela de Formación DanzaCuerpo – Argentina. Mestre em Violência Familiar, pela Universidade de Buenos Aires. Formação em Dançaterapia Maria Fux, em Movimento Autêntico e em Tango Terapêutico. Docente do IGTB, com a matéria Corpo e Movimento em Gestalt-Terapia, módulos teórico e vivencial. Gestora em políticas públicas da Secretaria da Mulher, atuando há 15 anos no enfrentamento à violência contra a mulher.

do Movimento, ou Dança Movimento Terapia (DMT), surge do encontro da dança com a psicologia e faz parte das chamadas “psicoterapias das artes criativas”. É o uso da dança e do movimento em um processo terapêutico que promove a integração emocional, cognitiva, física e social do indivíduo. (AMERICAN DANCE THERAPY ASSOCIATION). Em diálogo com a Gestalt-Terapia, traz uma ampliação das ferramentas terapêuticas para o trabalho com o corpo em movimento, favorecendo processos de mudança e *awareness*. Trabalhar a criatividade e fluidez a partir do corpo e da arte pode ser um primeiro passo para a busca criativa de novas possibilidades e para a vivência da totalidade do indivíduo. Ao se trabalhar a fluidez no corpo, busca-se não apenas explorar novos movimentos corporais, mas também construir novas formas de se mover na própria vida, construindo assim novas gestalten relacionais, afetivas, comportamentais. O objetivo do minicurso é refletir sobre o uso do movimento em Gestalt-Terapia como uma ferramenta terapêutica e de ampliação de *awareness*, assim como sobre a corporeidade e o manejo clínico em casos de violência doméstica, a partir de um relato de pesquisa sobre o uso da dança e do movimento em psicoterapia com mulheres em situação de violência conjugal (RIBEIRO, 2012). A estrutura do minicurso se divide em quatro partes: 1) O efeito da violência doméstica na corporeidade de mulheres em situação de violência conjugal; 2) Psicoterapia através do movimento e Gestalt-Terapia – diálogos e metodologias para o trabalho corporal; 3) Apresentação da pesquisa realizada; 4) Discussão sobre manejo clínico e corporeidade com mulheres vítimas de violência doméstica, na abordagem gestáltica. O grau de aprofundamento e adequação ao público é intermediário. A Gestalt-Terapia, como liberdade para criar, como uma teoria que trabalha o corpo e com o corpo – e a DMT, abordagem fenomenológica que explora o próprio ato criativo, possuem interseções que se exploradas, podem ser utilizadas a fim de incrementar a atuação dos profissionais e possibilitar ao cliente um caminho diferente de retorno à própria casa, que é o nosso corpo.

**Palavras-chave:** *Awareness* corporal. Corporeidade. Movimento expressivo. Violência doméstica.

## REFERÊNCIAS

PANHOFER, H.; HÖLTER, G. Relación entre la danza educativa y la danza movimiento terapia. In: PANHOFER, H. (ed). **El cuerpo en psicoterapia: teoría y práctica de la danza movimiento terapia**. Barcelona: Gedisa, 2005.

RIBEIRO, Isabel Cristina. **El uso de la danza movimiento terapia con mujeres en situación de violencia conyugal**. (Tesis de Posgrado). - Universidad de Buenos Aires, Argentina. 2012.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum da gestalt-terapia: conceitos básicos**. São Paulo: Summus, 2006.

# Gestalt-ecopsicoterapia

Jorge Ponciano Ribeiro<sup>63</sup>

## Resumo

Gestalt-ecopsicoterapia é uma psicoterapia e um método de trabalho. Junta três grandes temas: gestalt, ecologia e psicoterapia. É um processo que visa a totalidade do ser humano, de tal modo que nossos existenciais *ambiental, animal e racional* convivam, existam em absoluta, inter e intra dependência, formando uma percepção e uma experiência holística de mundo. O ser humano tem sido definido de uma maneira inadequada, pois qualquer ser deve ser definido pelo que ele é, aquilo que o revela como um fenômeno, como uma gestalt, de tal modo que suas partes ou sub-sistemas se apresentem como organizados, articulados e de uma maneira indivisível, formando uma unidade de sentido. Falta o existencial *ambiental* à definição de pessoa que somos e que nos especifica como seres cósmicos, isto é, seres, como todos os outros seres do universo, feitos de ar, de fogo, de terra e de água. Nossa sustentabilidade humana e planetária passa por estas três dimensões, sob pena de uma fragmentação que impedirá não só a lógica de nosso processo evolutivo, bem como do nosso jeito de estar no mundo, atuando a partir de nossa totalidade. Sinto, penso, faço, movimento-me e falo. Nossas dimensões eco-existenciais. Faço-me entender e, como eu, todos os que se definem como humanos. Esta definição, entretanto, nos conduz apenas ao mundo de conceitos como um universal, quase de uma abstração, e, que, portanto, encaixa dentro dela grande parte de todos os seres. É preciso, no entanto, ir além deste pré-suposto, e que cada ser humano, que cada pessoa se sinta indivíduo, singular, constituído e pertencente a estas três dimensões, *ambientalidade, animalidade, racionalidade* que são fundantes de nossa estrutura humana. A Gestalt-ecoterapia é uma teoria, uma técnica, uma arte, um processo que responde, humana e naturalmente, às demandas que nossa natureza nos propõe como um jeito de ser, operativo-existencial. Não podemos fugir de ser aquilo que somos: ambientais, animais, racionais. Ser natureza, somos natureza, nascemos dela.

---

63 Graduado em Filosofia e em Teologia, doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma/Itália, Professor Titular Emérito da Universidade de Brasília/DF e da Universidade Estadual de Montes Claros/MG. Dois Pós-doutorados na Inglaterra. Psicólogo Clínico e Gestalt-terapeuta. Autor de 12 livros e de vários artigos e capítulos de livros publicados no Brasil e no exterior. Fundador e Presidente do Instituto de Gestalt-terapia de Brasília/DF. Charter Member do The International GestaltTherapy Association

# Os neurônios-espelho e a relação terapêutica em gestalt-terapia

Luciane Patrícia Yano<sup>64</sup>

## Resumo

O encontro humano em sua intensidade, seja pelo toque ou pela escuta é potencialmente terapêutico. É pensando nessa potência, muito mais sentida que explicada, muito mais arte que técnica, que este minicurso se propõe a pensar os elementos presentes nessa relação. Este trabalho apresentará uma percepção sobre a influência dos neurônios-espelho (NE) na relação terapêutica em Gestalt-terapia (GT), disparada pela curiosidade ativa quanto aos dois temas: (1) a importância do reconhecimento dos NE na atualidade e, (2) a inclusão dessa discussão para a dimensão da relação terapêutica em GT. Os disparadores para esses temas são: quais elementos atuam na qualidade da relação e de que maneira os NE atuam nessa dinâmica? Como podemos tornar o encontro psicoterapêutico um lugar fértil? Como podemos nutrir a psicoterapia, do Encontro entre pessoas à construção de uma postura com função terapêutica? Para isso este minicurso se configurará como caráter teórico-vivencial, com informações baseadas em trabalho realizado por um grupo de pesquisa fenomenológico-existenciais da universidade onde a autora é docente.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Neurônios-espelho. Relação terapêutica.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. P. **Um olhar da neurociência:** neurônios-espelho e aprendizagem (Monografia de Especialização) - Universidade Candido Mendes/AVM. Rio de Janeiro, 2018.

CHRISTIAN, K.; FADIGA, L. **The mirror neuron system:** a special issue of social neuroscience. US: Taylor & Francis Group, 2016.

FABRO, A. C.; GUISSO, L. A relação psicoterapêutica na abordagem gestáltica: caminhos de encontro e crescimento. **Psicologia PT: O portal dos periódicos**, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1022.pdf>.

---

64 Psicóloga. Ph.D. em Humanities and Social Sciences - Nagoya City University (2009), Nagoya - Japão. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). Gestalt-terapeuta pelo CCGT. Docente na Ufac. Supervisora clínica em GT. Coordenadora do grupo de pesquisas e extensão em Estudos Fenomenológico-existenciais da Ufac. Coordenadora do Grupo de Estudos Gest Acolher em Rio Branco-AC. Membro da Diretoria da ABG Gestão 2019 -2020). Membro da Gestalt International Study Center - GISC.

- FERREIRA, V. R. T.; CECCONELLO, W. W.; Machado, M. R. Neurônios-espelho como possível base neurológica das habilidades sociais. **Psicologia em Revista**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 147-159, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p147-159>.
- FRAZÃO, Lilian Meyer. Compreensão clínica em gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015.
- FREITAS, J. R. C. B. A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica. **IGT na Rede**, [S. l.], v. 13, n. 24, p. 85-104, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262016000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000100006&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 12 nov. 2019.
- GINGER, Serge. **Gestalt: a arte do contato: nova abordagem otimista das relações humanas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.
- JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em gestalt: aconselhamento e psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JULIANO, J. C. **A arte de restaurar histórias: o diálogo criativo no caminho pessoal**. São Paulo: Summus, 1999.
- JULIANO, J.C. **A arte de restaurar histórias**. São Paulo: Summus, 1999.
- LACOBONI, M. **Mirroring people: the new science of how we connect with other**. [S.l.]: [Farrar, Straus, Giroux] Inc., 2009.
- LAMEIRA, A. P.; GAWRYSZEWSKI, L. G.; PEREIRA JUNIOR., A. Neurônios espelho. **Psicol. USP** [online], v.17, n. 4, p.123-133, 2006.
- LATNER, J. **The gestalt therapy book**. US: The Gestalt Journal Press, 1976.
- LOBB, Margherita Spagnuolo. Aesthetic relational knowledge of the field: a revised concept of awareness in gestalt therapy and contemporary psychiatry. **Gestalt Review**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 50-68, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5325/gestaltreview.22.1.0050>.
- LOBB, Margherita Spagnuolo. The theory of self in gestalt therapy: a restatement of some aspects. **Gestalt Review**, [S.l.], v. 5, n. 4, p. 276-288, 2001. DOI: <https://doi.org/10.5325/gestaltreview.5.4.0276>
- MASSUMI, B. A arte do corpo relacional: do espelho-tátil ao corpo virtual. **Galaxia**, São Paulo, (Online), n. 31, p. 5-21, 2016.
- RAPOSO, C. C. S., FREIRE, C. H. R.; LACERDA, A. M. (2015). O cérebro autista e sua relação com os neurônios-espelho. **Revista Humanae: questões controversas do mundo contemporâneo**, [S. l.], n. 9, v. 2, p. 1-21, 2015. ISSN 1517-7606.
- RODRIGUES, H. E. **Introdução à gestalt-terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- SINAY, S. **Gestalt-therapy for beginners**. Writers and readers. New York: [S.l.], 1997.
- WEDDING, D.; ARBIB, M. A. The myth of "The myth of mirror neurons". **PsycCRITIQUES**, [S. l.], v. 60, n. 9, 2015. DOI: 10.1037/a0038905.

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em gestalt terapia. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

YONTEF, Gary M. The relational attitude in gestalt therapy theory and practice. **International Gestalt Journal**, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 25-34, 2002.

# Sexualidade e espiritualidade em mulheres praticantes de Tai Chi Chuan: corpo como integração

*Nicole Bacellar Zaneti<sup>65</sup>*

## Resumo

A dimensão da espiritualidade faz parte da totalidade do ser humano e a relação da pessoa com a espiritualidade tem sido tema de pesquisas na psicologia. Recentemente, têm aumentado o número de estudos acerca de suas relações com os demais aspectos humanos de interesse para a psicologia, como a sexualidade. A relação entre os campos da sexualidade e da espiritualidade tem sido, historicamente, considerada conflituosa, pois muitas pessoas que praticam determinadas religiões as têm vivenciado como polaridades, não conseguindo experienciá-las de forma sustentável, coexistente, o que pode ser observado com certa frequência na prática clínica, especialmente por mulheres. Porém, ao retomarmos a noção fenomenológica de corporeidade, podemos estabelecer relações entre espiritualidade e sexualidade, já que, de acordo com a visão merleau-pontyana, o corpo se constitui como lugar de encontro entre sensação, percepção e vida mental; portanto, também entre a vivência da sexualidade e da espiritualidade. Assim, nos debruçamos especialmente sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), pois este autor faz considerações que muito nos interessam a respeito do corpo e também do “espírito”. O autor propõe que o corpo é um modo do espaço objetivo, sempre em direção ao mundo, e diz que a alma se une ao corpo não como dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito, eles se completam a todo instante no movimento da existência. Assim, podemos concluir que o lugar comum em que a sexualidade e a espiritualidade se expressam é o corpo. A gestalt-terapia (GT) comunga com essa visão, pois a fenomenologia é uma de suas filosofias de base, e também a GT ressalta a importância do contato, que é o encontro consigo e com o outro no mundo, em que o corpo participa dessa experiência em todos os seus níveis. A sexualidade, dessa forma, teria uma função de facilitar esse contato (PINTO, 1999), sendo importante na formação da identidade do indivíduo em todos os estágios de sua vida. Para a GT, segundo Ribeiro (2006), o corpo é uma totalidade, que pensa, sente, faz, fala. Ribeiro (2009), inclusive, aponta que a espiritualidade faz parte dessa totalidade, fala de uma espiritualidade encarnada, expressão do vivido humano, que é impermanência. O Tai Chi Chuan (TCC), arte marcial oriental, está relacionado à

---

65 Doutora em Psicologia (Universidade Católica de Brasília- UCB). Doutorado sanduíche (Universidade de Kent, Canterbury, Inglaterra). Mestra em Psicologia (Universidade de Brasília- UnB). Especialista em Gestalt-terapia (Instituto de Gestalt-terapia de Brasília- IGTB). Graduação em Psicologia (Centro Universitário IESB). Professora do Instituto de Gestalt-terapia de Brasília- IGTB. Autora do livro “O Deus das crianças”.

filosofia taoísta, que busca exatamente a integração das polaridades, dentre elas, a sexualidade e a espiritualidade, vivenciadas nesse corpo do qual estamos falando Wile (2008). Dessa forma, despertou-nos o interesse de pesquisar como mulheres praticantes de TCC vivenciam sua sexualidade e espiritualidade. Para isso, entrevistamos seis mulheres brasileiras e seis mulheres britânicas praticantes de TCC, visando realizar um exercício de comparação intercultural. Os resultados foram sistematizados e analisados segundo o método empírico-fenomenológico proposto por Amedeu Giorgi (2009), numa perspectiva compreensiva, contextualizada e comparativa entre os dois grupos. Foi possível compreender que as vivências das entrevistadas no Tai Chi Chuan estão relacionadas à busca de sentido, pois elas atribuem um sentido maior de integração à sua existência depois de praticá-lo do que atribuíam antes. O corpo desempenha papel fundamental nesta integração. Segundo a perspectiva merleau-pontyana, é uma totalidade, lugar comum em que a sexualidade e a espiritualidade se expressam. A investigação empírica permitiu, portanto, conhecer como as entrevistadas experimentam as dimensões da sexualidade e da espiritualidade e estabelecem relações entre esses dois aspectos de sua vida psíquica de maneira aprofundada. O Tai Chi Chuan mostrou-se como uma prática capaz de auxiliar o desenvolvimento de uma co-existência sustentável entre sexualidade e espiritualidade. Dessa forma, o presente minicurso se propõe a discutir com o público acerca das dimensões da sexualidade e da espiritualidade, apresentando suas principais definições, relacionando com o conceito de corpo em fenomenologia e gestalt-terapia, contextualizando com uma pesquisa realizada sobre como mulheres praticantes de TCC vivenciam sua sexualidade e espiritualidade, a qual exemplifica, com seus resultados, que é possível vivenciar de forma sustentável a co-existência entre essas duas dimensões. Faremos alguns exercícios de TCC com os participantes a fim de eles experimentarem a forma como essa prática visa a integração das polaridades. O grau de aprofundamento é mediano, podendo ser adequado ao público intermediário.

**Palavras-chave:** Espiritualidade. Mulheres. Sexualidade. Tai Chi Chuan.

## REFERÊNCIAS

- GIORGI, A. **The descriptive phenomenological method in psychology: a modified Husserlian approach.** Pittsburg: Duquesne University Press, 2009.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade.** São Paulo: Gente, 1999.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Holismo, ecologia e espiritualidade: caminhos de uma gestalt plena.** São Paulo: Summus, 2009.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de gestalt-terapia: conceitos básicos.** São Paulo: Summus, 2006.
- WILE, D. Taijiquan y Taoísmo. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, León, v. 3, n. 1, p. 8-45, fev. 2008.

## Contribuições gestálticas no processo de luto

*Lillian Argolo Amaral<sup>66</sup>, Milena Vieira da Silva<sup>67</sup>, Ciro de Almeida Sampaio<sup>68</sup>*

### Resumo

Este trabalho visa, a partir de uma revisão bibliográfica, propor reflexões sobre as manifestações do luto e a forma de atuação dos profissionais psicólogos que optam pela abordagem gestáltica nesse contexto. Não se propõe uma forma correta de viver o luto, mas concorda-se que existem características comuns na vivência de perdas significativas, sendo possível orientar o trabalho de gestalt-terapeutas, e de psicólogos de diversas abordagens na identificação desses sinais e na instrumentalização para atuar nesse contexto, levando em conta as características individuais de cada cliente e sua forma de lidar com sofrimento. A experiência do luto é uma manifestação frente à perda de alguém significativo para o sujeito e também carrega componentes pessoais e subjetivos. A maneira com que experienciamos o luto é pessoal e depende do tipo de perda sofrida, da pessoa que se foi, da intensidade do vínculo afetivo que o sujeito tinha com esta, do como se deu a perda, do tempo e entre outros fatores. É possível destacar a naturalidade com que o processo do luto é associado à morte, porém este processo também pode ocorrer diante de outros tipos de perdas, como a ruptura de uma relação, uma demissão ou a perda de um objeto relacional com o qual havia um vínculo forte. Dessa forma, podemos definir o luto em função da perda, sendo necessária uma adaptação à uma nova vida sem essa pessoa ou coisa, ressignificando e reconstruindo

---

66 Graduada em Psicologia pela UERJ (2011). Formação em Psicologia Clínica-Gestalt-terapia pelo IGT-RJ (2013) e em Atendimento de Crianças e Adolescentes na Abordagem Gestáltica pelo Gestaltificando e Centro Gestáltico de Fortaleza (2020). Especialista em Psicopedagogia pela UNINTER (2020). Especializanda em Neuropsicologia na UNP. Psicóloga e supervisora clínica em atendimento individual, de casais e famílias. Docente em cursos. Psicóloga servidora da Prefeitura de Natal/RN, na SEMTAS.

67 Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Facex (2015) e Especialização em Psicologia Clínica com ênfase na Gestalt-terapia pela Faculdade Governador Ozanam Coelho (2018).

68 Graduado em Psicologia na UNI-RN (2014) e em Administração pela UNB (2009). Especialista em PSICOLOGIA CLÍNICA - GESTALT TERAPIA pela FAGOC (2018). Especialista em Terapia Familiar pela AE\_PPROV (2015). Especialista em DOCÊNCIA SUPERIOR pela AE\_PPROV (2013). Atualmente, cursando aperfeiçoamento em Formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. Psicólogo servidor da Prefeitura de Natal/RN, na Secretaria Municipal do Trabalho e Assistência Social.

seu significado. Considera-se o luto sendo atravessado não apenas por um sentimento, mas por um conjunto de sentimentos e emoções que requer um tempo para ser digerido e resolvido, e que não pode ser apressado, visto que cada um tem seu “tempo vivencial” e este precisa ser respeitado. No cuidado com o luto, a abordagem gestáltica, prioriza olhar para a forma como o enlutado sente, experiência e ressignifica a perda; a forma fluida ou cristalizada de lidar com a morte refletirão numa postura saudável ou patológica diante do vivido. A Gestalt-terapia percebe o homem como um ser-no-mundo. Ele age ativamente no mundo, transformando-o, e também recebe influências dele, em uma relação recíproca. O homem dá significado ao mundo por meio de sua consciência intencional. Nesse sentido, a consciência não é concebida como algo independente do mundo, dos outros e dos objetos, ela é uma consciência de algo. E na medida em que o faz também se ressignifica. Falando sobre o luto, é apenas no presente que se pode entrar em contato com a perda e suas repercussões, propiciando a integração desse sujeito consigo mesmo. Na terapia gestáltica ao lidar com a demanda do luto, busca-se possibilitar que, no aqui-agora, o cliente entre em contato com a situação vivida tal como ela se apresenta, que se concentre em como está se sentindo e em como está conseguindo lidar com a perda, perceber as coisas como são e aceitá-las faz com que se torne *aware* de si mesmo e do processo de enlutamento. Podendo viver plenamente esse ciclo e concluí-lo. O terapeuta gestáltico intenta favorecer que os clientes percebam novas possibilidades de ajustamento criativo, que precisa ser realizado no aqui-agora em função do contexto. Cabe destacar que existem algumas características comuns decorrentes de perdas significativas e que é possível orientar o trabalho de gestaltterapeutas para discriminar esses possíveis sinais e instrumentalizá-los para lidar com eles, sempre levando em conta as características individuais de cada cliente. A terapia gestáltica possibilita trabalhar com o luto e seus impactos no momento presente, possibilitando que ao falar sobre, ao entrar em contato com o que vive e sente, o cliente se conheça e se aproprie da sua forma de lidar consigo e com o mundo, possibilitando a partir da *awareness*, a ampliação de possibilidades, a responsabilização por suas escolhas e o fechamento desse ciclo.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Luto. Morte. Perda. Psicoterapia.

## REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **A história da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 fev. 2018.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Uma visão fenomenológica do luto**: um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano. São Paulo: Livro Pleno, 2004.

KOVÁCS, M. J. Morte, separação, perdas e o processo de luto. In: KOVÁCS, M. J. (org.). **Morte e desenvolvimento humano**. 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 149-164.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1985.

# Ambientalidade e sustentabilidade na formação do gestalt-terapeuta: os desafios nas práxis de instituições formadoras

Marina Furtado Mendes de Assis<sup>69</sup>, Mariana Cella<sup>70</sup>, Débora Cristina Guerra de Araújo Vale<sup>71</sup>

## Resumo

A Gestalt-terapia surge como uma prática subversiva que questiona o projeto científico da modernidade baseado no modelo estritamente biomédico, positivista e fragmentário, abrindo-se a uma produção de saberes e práticas progressistas e libertárias, que visam o ser, em sua integralidade organismo-ambiente de forma sistêmica, holística e de ecologia profunda (RIBEIRO, 2011). Reconhecendo que é predominante a procura por formações que preparem para atuação exclusivamente clínica (*stricto sensu*), de que formas podemos construir a Gestalt-terapia considerando a dimensão humana da ambientalidade? Conforme Ribeiro (2011) ambientalidade é compreendida como uma dimensão da existência humana, que foi historicamente negligenciada na produção do saber-fazer da psicologia. É importante pensar a Gestalt-terapia respeitando a coerência do fundamento gestáltico que busca olhar para a totalidade do real, no qual as partes que o compõe co-existem interligadas e interdependentes (RIBEIRO, 2011), e a noção de ambientalidade enquanto dimensão existencial, de forma que possamos co-criar os ajustamentos da Psicologia enquanto ciência e profissão à necessidade de atuação ampliada diante das demandas coletivas e sociais da contemporaneidade. Nessa perspectiva nos perguntamos: como tematizar a ambientalidade, considerando o cuidado e o sofrimento constituídos com os contextos sócio-histórico-culturais-espirituais, e não somente com aspectos ontologicamente ligados à individualidade? O efeito multiplicador das virtudes teóricas, filosóficas e metodológicas da Gestalt-

69 Psicóloga (UniCEUB). Especialista em Psicologia Clínica (UFRN). Formação em Gestalt-terapia (IGT-PE). Formação em Terapia de Família (CAAPSY - em andamento). Sócia fundadora, professora formadora, supervisora e diretora do Grupo de Gestalt-Terapia de Natal (GESTALTEN). Psicóloga social no CREAS. Psicóloga clínica, atuando com adolescentes, adultos e idosos. Rua Cônego Leão Fernandes, nº618, Tirol. Natal/RN. CEP:59020-060. Tel.: (84)99153-7933. E-mail: marinafurtado.psi@gmail.com.

70 Psicóloga (UFRN). Mestre em Psicologia (PPGPsí - UFRN). Sócia fundadora, professora formadora, supervisora e diretora do Grupo de Gestalt-Terapia de Natal (GESTALTEN). Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). Psicóloga clínica, atuando com adolescentes, adultos e idosos. Rua Nélio Tavares, nº1719, CEP: 59056-590, Natal/RN. Tel.: (84)99116-6997. E-mail: mariana.cella@gmail.com.

71 Psicóloga (UFRN). Mestranda em Psicologia (PPGPsí - UFRN). Especialista em Gestalt-Terapia (IGT-PE). Especialista em Psicologia Clínica (UFRN). Sócia fundadora, professora formadora, supervisora e diretora do Grupo de Gestalt-Terapia de Natal (GESTALTEN). Psicóloga clínica atuando com crianças, adolescentes e adultos. Av. Rodrigues Alves, nº800, sala 308, Tirol, Natal/RN. Tel.: (84)99955-0252. E-mail: deboracrisguerra@gmail.com.

terapia marcado pela vivência do curso de formação convoca as instituições formadoras e novos Gestalt-terapeutas o senso de responsabilidade, cuidado e a constante evolução da abordagem. Com o objetivo de lançar luz sobre os desafios e potencialidades da formação em Gestalt-terapia, pretendemos discorrer brevemente sobre aspectos da formação em Gestalt-terapia do GESTALTEN – Grupo de Gestalt-terapia de Natal, e a partir disso, estimular o compartilhamento de experiências e impressões entre participantes que atuam direta ou indiretamente na construção da abordagem gestáltica. Como recurso para fomentar as reflexões dos presentes, lançaremos mão da utilização de situações diversas ilustrando aspectos sócio-ambientais, que fazem parte das demandas cotidianas da população brasileira, para que diante dessas, o público possa problematizar as possibilidades de atuação em Gestalt-terapia, ampliando o pensar sobre o lugar do Gestalt-terapeuta assumindo o compromisso ético, social e filosófico que propõe a abordagem. A partir dessa discussão, pretende-se realizar uma reflexão dos limites da formação considerando a dimensão da ambientalidade enquanto virada paradigmática, o que se traduz em obstáculos pragmáticos para atuação e formação. Dando continuidade, proporemos um aprofundamento do debate, correlacionando os elementos práticos dos planejamentos dos cursos de formação, tais como: carga horária, escolhas de disciplinas e conteúdos programáticos, atividades vivenciais, supervisões, workshops, conteúdos transversais, com os aspectos da essência humana da ambientalidade, a fim de se ampliarem e se atualizarem as propostas de cursos de formações. Nesse sentido, ansiamos o surgimento de novas concepções acerca dos cursos de formação em Gestalt-terapia de forma que nos levem a aproveitar a potência da construção coletiva que emergirá do grupo de discussão presente. Ambientalidade e sustentabilidade devem estar na base da formação dos Gestalt-terapeutas, e isso deverá estar explícito na teoria e nas formações enquanto elemento fundamental da epistemologia da Gestalt-Terapia. Problematizar, e não fechar essa temática é necessário ao enriquecimento e à atualização da Gestalt-Terapia, de forma que possamos construir caminhos para transpor os desafios que permeiam o fazer gestáltico enquanto práxis contra-hegemônica.

**Palavras-chave:** Ambientalidade. Formação. Gestalt-terapia. Paradigma.

## REFERÊNCIAS

RIBEIRO. Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e de pessoa:** revisitando o Caminho. São Paulo: Summus, 2011.

# Redes sociais: contato, aproximação e afastamento: formas que permeiam nossas trocas com o mundo

Patrícia Valle de Albuquerque Lima<sup>72</sup>, Ana Cristina Balieiro Barbosa<sup>73</sup>, Ana Letícia Maia<sup>74</sup>

## Resumo

A rede social vem ocupando um importante espaço na vida de todos nós. Não só pelo tempo que gastamos com ela, mas, principalmente, pelas implicações que os fatos ocorridos na internet impactam no nosso cotidiano profissional. Em março de 2020, um pouco antes do início do isolamento social provocado pela Pandemia Covid 19, assistimos ao médico Drauzio Varella ir do “paraíso ao inferno” no que diz respeito a sua imagem nas redes sociais. Esse fato se deu por conta de uma entrevista que o médico realizou com uma mulher transexual no Programa Fantástico da Rede Globo de Televisão (dia 04/03/2020). É importante ressaltar que o objetivo da entrevista era mostrar a vida de mulheres transexuais que vivem encarceradas no Brasil. No final da entrevista o médico perguntou há quanto tempo ela estava sem receber visita. Após a resposta houve um silêncio, que foi interrompido pelo abraço que o médico lhe deu. Esse ocorrido logo invadiu as redes sociais, com manifestações de apoio a ela e de enaltecimento da atitude do entrevistador. Campanhas foram feitas e o médico chegou a ser alçado ao lugar de pré-candidato à presidência, sendo que o próprio nunca teve essa pretensão. Quando a “rede” foi informada que a transexual em questão havia sido presa por estupro de uma criança, o quadro se inverteu e ambos, médico e presa, passaram a ser achincalhados e ameaçados. De acordo com a autora Chimananda Ngozi (2019), o grande perigo das histórias únicas é que as mesmas criam estereótipos e podem ser usadas para caluniar pessoas e fatos através de preconceitos que propagam. Histórias tem o poder de destruir a dignidade de um povo, assim como de reparar. Com o isolamento social, a realidade virtual tomou ainda mais conta, do nosso dia a dia, nos obrigando a estabelecer a maior parte dos nossos contatos através das mídias eletrônicas. Esse movimento exacerbou a vulnerabilidade diante do julgamento do(s) outro(s), dada a fria realidade da tela. Se

---

72 Gestalt-terapeuta há mais de 30 anos formada por Teresinha Mello da Silveria, professora e supervisora de estágio do curso de Psicologia da UFF/Rio das Ostras, doutora em Psicologia Clínica pela UFRJ.

73 Psicóloga formada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Formação em Gestalt-terapia com Maria Cristina Frascarolli e outros (RJ), Formação em Psico – oncologia com M<sup>a</sup> Margarida M.J.de Carvalho (Magui) e outros (SP), Formação em Terapia de Família e Casal com Teresinha Melo da Silveira e Heloísa Costa (RJ), experiência como psicóloga e coordenação de programas de saúde na Secretaria Municipal de Saúde de Resende desde 1990 e há 30 anos atende adultos em consultório particular.

74 Psicóloga formada pela Uerj, Formação em Gestalt-terapia pela Vita-Clinica de Psicoterapia, Formação em atendimento de Casal e Família com Teresinha Mello da Silveira e Heloísa Costa, atende adolescentes e adultos em consultório particular.

nós nos construímos em relação com tudo o que nos rodeia, o que hoje nos cerca é uma grande rede de (des) informação, na qual a percepção sobre quem somos e sobre o que fazemos fica à mercê das movimentações da própria rede. A convivência com o outro deixa de ser presencial e passa a ser meramente remota, reduzindo as possibilidades da interação corporal à uma precarização sensorial, tornando assim, “a ida do céu ao inferno” ainda mais veloz. A intenção na roda de diálogo proposta será a de pensar sobre esse movimento que ocorre no campo e as implicações nas relações pessoais e sociais. Em um mundo pandêmico, no qual os espaços de convivência acontecem predominantemente pelas redes virtuais, buscaremos criar um espaço de trocas genuínas para além de rótulos e julgamentos a que estamos constantemente submetidos. A partir de alguns pressupostos da Gestalt terapia como: teoria de campo, contato, fronteiras de contato, relação eu-mundo e etc., buscaremos dialogar sobre o que nos afeta como profissionais de saúde que privilegiam a relação e o cuidado como formas de “cura”, diante desses acontecimentos que repercutem em nossos espaços de convivência e que nos promovem indagações sobre o que está acontecendo.

**Palavras chaves:** Campo. Isolamento. Julgamento. Redes sociais.

## REFERÊNCIAS

CHIMANANDA, N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Schwarcz, 2019.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, W. **Existência e essência**: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais. São Paulo: Summus, 1998.

# Dialogando sobre a psicoterapia breve de base gestáltica como forma de intervenção na área da saúde emocional: fundamentos, atualizações, perspectivas

*Kathlen Nataly Mendes<sup>75</sup>, Erika Spack Kimmelmeier<sup>76</sup>, Ênio Brito Pinto<sup>77</sup>*

## Resumo

A psicoterapia breve é uma modalidade cada vez mais frequente e relevante em nossa cultura. Seu campo é fértil e vive um crescimento constante e consistente, além de ser uma ótima maneira de ampliação da participação social dos psicoterapeutas. Com base em seus pressupostos, a abordagem gestáltica é uma das mais ricas para trabalhos curtos. Entre outros aspectos, a ênfase na postura dialógica, a confiança na sabedoria do cliente, a atenção aos limites das fronteiras de valor, a concepção do ser humano imerso em um campo que deve ser considerado em terapia, a concentração na e a entrega à situação terapêutica, são tópicos relevantes a serem pensados teoricamente nesta prática clínica. Além disso, a compreensão da psicopatologia como ajustamento criativo, a atenção preciosa ao significado do sintoma vivido, bem como a consideração aos estilos de personalidade, são suportes diagnósticos fundamentais para que a psicoterapia breve de base gestáltica seja uma ferramenta eficaz para ajudar a retomada do crescimento do cliente em um prazo relativamente curto. As peculiaridades da relação terapêutica nesse modo de trabalho estão perfeitamente alinhadas com os pressupostos dialógicos da abordagem gestáltica e diferem significativamente de alguns aspectos da relação terapêutica em trabalhos sem tempo determinado. O cuidado com a situação terapêutica também é diferente neste tipo de trabalho. O uso de um foco para o trabalho é outro diferencial sobre o qual vale a pena discutir com cuidado, pois o conceito de foco, embora seja um tópico presente em muitas exposições sobre psicoterapia breve,

---

75 Psicóloga Clínica, Gestalt-terapeuta pelo Instituto Gestalt de São Paulo; Membro do Grupo de Pesquisa em Psicoterapia Breve em Gestalt-Terapia do IGSP; Membro do grupo de estudo da técnica Caixa de Areia. Atuação clínica desde 2014, com adultos e crianças, nas diversas demandas existentes. Psicóloga Hospitalar pelo Instituto Central do Hospital das Clínicas FMUSP; Experiência em contextos hospitalares e em centros dialíticos.

76 Aprimoramento em Gestalt-terapia com crianças e adolescentes pelo Instituto Gestalt de São Paulo; especialista em avaliação neuropsicológica pelo CFP- SP, Especialista em Psicologia Hospitalar pela USP -SP; membro do Grupo de Pesquisa em Terapia Breve do IGSP.

77 Psicólogo e psicopedagogo, mestre e doutor em Ciência da Religião, pós-doutor em Psicologia Clínica (PUC/SP). Gestalt-terapeuta, é coordenador do Núcleo de Terapia Breve do IGSP e professor convidado de diversos cursos de Gestalt-terapia no Brasil. É autor de *"Psicoterapia de Curta Duração na Abordagem Gestáltica"* e *"Elementos para uma Compreensão Diagnóstica: O ciclo de contato e os modos de ser"*. além de livros, artigos e capítulos em psicoterapia, sexualidade e psicologia da religião.

embora de aparência simples, apresenta uma complexidade até hoje pouco discutida. O processo de finalização da psicoterapia breve também é uma questão central de nossos estudos, porque a data do fim do trabalho é algo que já está estabelecido desde o início do processo psicoterapêutico, ou seja, é uma passagem acordada entre o terapeuta e o cliente e merece atenção teórica que fundamente cuidados a serem tomados na prática da psicoterapia breve. Desde 2014, nosso grupo de trabalho pesquisa essa modalidade terapêutica através de estudos teóricos e de atendimentos com prática supervisionada cuidadosamente. Alcançamos uma população que vai da adolescência à velhice, embora, em teoria, esse trabalho também possa ser oferecido às crianças e suas famílias, nossos próximos focos de estudo. No contrato que fazemos com nossos clientes, as sessões ocorrem semanalmente, com um limite de seis meses de trabalho, renováveis por até mais seis meses, se necessário e se houver disponibilidade por parte do cliente e do terapeuta. Após o término do trabalho, realizamos, sempre que possível, pelo menos duas entrevistas de acompanhamento, para verificar o impacto do trabalho no dia a dia do cliente após a conclusão do processo. Temos até hoje uma média de 23 sessões por cliente e, até o final de 2019, atendemos aproximadamente duzentas pessoas. Hoje acreditamos que temos alcançado importantes desenvolvimentos e melhorias na técnica e nas estratégias dessa modalidade terapêutica e que podemos e devemos compartilhar com a comunidade gestáltica brasileira o que temos descoberto. Queremos também compartilhar o que acreditamos que ainda precisamos desenvolver, além de dividir nossas dúvidas e inquietações. Pretendemos também dar espaço e ouvidos aos colegas que tenham e aos que desejam ter experiências com essa modalidade de trabalho psicoterapêutico, dado que as trocas neste campo são ainda muito incipientes no Brasil. Nesta roda de diálogos, nossa estratégia será fazer uma introdução, apresentando brevemente nosso modelo de trabalho e, em seguida, abrir discussões sobre a psicoterapia breve de base gestáltica, com ênfase em seus fundamentos teóricos, seu alcance e seus limites, suas perspectivas para o campo da saúde emocional.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia de curta duração. Modalidades terapêuticas. Psicoterapia breve.

## REFERÊNCIAS

- HOUSTON, G. **Brief Gestalt Therapy**. London: Sage Publications, 2011.
- PINTO, Ênio Brito. **Psicoterapia de curta duração na abordagem gestáltica: elementos para a prática clínica**. São Paulo: Summus: 2009, 2013, 2016.
- PINTO, Ênio B. **Elementos para uma compreensão diagnóstica: o ciclo de contato e os modos de ser**. São Paulo: Summus, 2015.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 1999.

# A gestalt-terapia como forma de leitura da realidade: diálogos entre o campo da saúde e da educação

*Aline Tonheiro Palmeira<sup>78</sup>, Yasmin Cunha de Oliveira<sup>79</sup>*

## Resumo

A Gestalt-terapia configura-se como uma abordagem que trouxe rupturas epistemológicas importantes para a área da Psicologia, desde o momento de sua estruturação. Conceitos básicos como holismo, auto regulação orgânica, teoria paradoxal da mudança e ajustamento criativo, além da forte influência da teoria de campo, compõem uma proposta de leitura dos fenômenos psicológicos e cotidianos que desafia o *modus operandi* tradicional, ainda muito influenciado pelo positivismo, pelo dualismo mente-corpo e pela dificuldade de integração de experiências variadas, como as espirituais. No campo da saúde, a racionalidade biomédica, focada na doença e regida pela lógica do diagnóstico, é uma forma preponderante de atuação e compreensão dos fenômenos do adoecimento e da existência. Dessa forma, essa racionalidade propõe sempre a identificação de um problema (isolamento do sintoma e diagnóstico) e sua resolução (conduta terapêutica). O gestalt-terapeuta, nessa área de atuação, por exemplo, contraria a tendência geral, ao se propor a uma escuta mais demorada, a um diagnóstico situacional e dinâmico e ao reconhecimento do sintoma/doença como integrante de um todo, que não pode ser eliminado simplesmente, tendo em vista a sua função na organização do contato. Nesse sentido, o adoecimento pode ser pensado na forma como cada um faz contato e como o corpo participa dessa forma de existir. O terapeuta é aquele que sente, pensa, oferece sua interpretação do fenômeno sempre como hipótese (HYCNER, 1995). Na educação, permanece uma lógica também produtivista, em que há um volume grande de conteúdos que precisam ser abordados nos cursos, sejam eles da educação básica (educação infantil, fundamental e ensino médio), graduação e pós-graduação. Em cursos de graduação de saúde, a psicologia tem cada vez mais espaço, ainda que com carga horária relativamente reduzida. Além disso,

---

78 Psicóloga formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Gestalt-terapeuta pelo Instituto de Gestalt-Terapia da Bahia (IGTBa), doutora em Saúde Pública (ISC/UFBA), com formação em grupos operativos (Núcleo de Psicologia social da Bahia). Atualmente é psicóloga clínica, professora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), psicóloga hospitalar da Secretaria Estadual de Saúde da Bahia (SESAB) e professora do IGTBa.

79 Psicóloga formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Gestalt-terapeuta pós-graduada pela Especialização em Gestalt-terapia pelo Instituto de Gestalt-Terapia da Bahia (IGTBa), mestra em educação (UFBA), com formações em Psicoterapia Infância Juvenil na Abordagem Integrativa e graduada pela Dinâmica Energética do Psiquismo (DEP). Atualmente é Professora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP) e atende como psicóloga clínica.

introduz temáticas que caminham na contramão das demais disciplinas desses cursos. A Gestalt-terapia tem contribuído para pensar a relação dialógica como fundamental na relação que o profissional de saúde estabelece com o seu trabalho e com as pessoas que cuida, além de problematizar as diversas dificuldades do contato que esse profissional enfrenta, como a dessensibilização, a proflexão e o egotismo. Beatriz Cardella (2002) é uma das autoras que consegue traduzir a Gestalt-terapia para o espaço da sala de aula. Cardella nos fala das mudanças em seu modo de estar em sala de aula, desde a permissão para a criação e invenção, a inclusão da experiência do aluno, a quebra de protocolos de distanciamento das carteiras e da dureza dos planos de aula. Ser Gestalt-terapeuta extrapola, dessa maneira, sua teoria e seus pressupostos, é uma integração do conhecimento encarnado na experiência individual. No entanto, apesar da importância reconhecida do psicólogo e, em especial, do Gestalt-terapeuta nessas áreas de trabalho, como saúde e educação, perguntamos também como esse psicólogo tem se relacionado com o fato de apresentar uma leitura diferente da maioria dos grupos em que está inserido no trabalho, por ser responsável, muitas vezes, por trazer esse tipo de reflexão que contraria o movimento hegemônico; como tem conseguido fazer essa tradução de perspectivas e práticas hegemônicas para a linguagem e prática da Gestalt-terapia; e quais têm sido os principais impactos no Gestalt-terapeuta em assumir esse lugar nesse campo de forças.

**Palavras-chave:** Educação. Gestalt-terapia. Prática profissional. Saúde.

## REFERÊNCIAS

- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **A construção do psicoterapeuta:** uma abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2002.
- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa:** psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato:** temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2019.

# Gestalt-terapia e questões raciais: branquitude, lugar de fala e de escuta no diálogo clínico

*Camilla Prado<sup>80</sup>, Eduardo Cremer<sup>81</sup>, Mônica Alvim<sup>82</sup>*

## Resumo

O racismo é estrutural em nossa sociedade, ou seja, constitui relações de poder e penetra em várias camadas, como economia, saúde, educação, entre outros (ALMEIDA, 2019). Um traço disso é que negros (pretos e pardos) compõem 55.8% da população brasileira, porém apenas 9.3% destes possuem ensino superior completo, enquanto que brancos somam 22.9% (IBGE). Construiu-se uma noção de que raça é objeto de estudo e interesse de pessoas negras, enquanto a população branca se abstém e se omite frente ao racismo e às questões raciais. Entretanto, estudos sobre a branquitude têm surgido para convocar brancos à responsabilização frente a essas questões. Branquitude é a compreensão de que a raça branca é permeada por privilégios da esfera simbólica à material, decorrente da discriminação racial, evidenciando a dinâmica relacional do racismo. Portanto, a partir do reconhecimento de tais privilégios é possível criar uma visão crítica a respeito destes. Conforme colocado, a população branca é a que tem maior acesso ao ensino superior, o que certamente inclui a Psicologia (SANTANA; DALTRO; CASTELAR, 2018). A resolução n. 018/2002 do CFP postula normas de atuação referentes à discriminação racial e se mostra necessária, sobretudo, pela necessidade de reconhecimento de que moramos num país em que o racismo existe e precisa ser abordado. Esta reflexão é necessária no campo da Gestalt-terapia, portanto, fazemos a seguinte pergunta-síntese: se psicólogos(as) brancos(as) orientados pela Gestalt-terapia podem acolher a demanda de pacientes através de uma perspectiva que contempla a racialidade como componente deste campo e, se podem, de que modo? Podemos trazer algumas reflexões através de Alvim (2019) que coloca que o *id* da situação é o que está dado na situação, um campo do qual o sujeito faz parte formado por um fundo experiencial do qual tem lugar também as estruturas socioculturais. No encontro clínico o terapeuta está implicado corporalmente

---

80 Psicóloga formada pela UFRJ (2016). Gestalt-terapeuta pelo Instituto de Psicologia Gestalt em Figura (2019). Especialista em Gênero e Sexualidade na EGeS-CLAM/IMS/UERJ. Atua em consultório particular realizando atendimentos individuais a adultos e adolescentes.

81 Formado em Gestalt-terapia pelo Encontro - Núcleo de Estudos e Treinamento em Gestalt-terapia; Especialista em Psicologia Clínica pelo IGT; Mestre em Psicologia Clínica pela UFRJ; Coordenador do Grupo Conhe-ser.

82 Gestalt-terapeuta, atua no Programa de pós-graduação em Psicologia da UFRJ. Pós doutora em filosofia contemporânea (Paris 1 Panthéon-Sorbonne). Pesquisa a clínica comunitária em perspectivas decoloniais, fenomenologia e arte contemporânea. Coordena o NEIFeCS - Núcleo de estudos interdisciplinares em fenomenologia e clínica de situações contemporâneas, investiga fenômenos sociais estruturais, como raça, gênero e classe. Atua em pesquisa e extensão com crianças e jovens de favelas cariocas.

no campo, não é um espectador neutro. Como corpo, encontra um outro numa dimensão sensível que traz à tona sentidos de uma ordem pré-reflexiva. Afetos e papéis sociais se presentificam no corpo, compondo um fundo experiencial que constitui um lugar de fala (RIBEIRO, 2019). Sem estar *aware* dessa constituição pode-se atuar a partir de gestos capturados por nossa estrutura social. Dessa forma, o(a) psicólogo(a) branco(a) pode desconfirmar o outro na ocasião de uma queixa de racismo, já que não compartilha esse sofrimento corporalmente. Contando só com a retórica da função personalidade pode assumir um discurso que adere a leitura de nossa sociedade de invisibilidade da questão. Robine (2015) coloca que é importante o descentramento da função personalidade através da experiência vivida no aqui-agora, dando lugar ao id da situação, ou seja, aproveitar a experiência imediata e sensível para colocar em xeque os preconceitos já introjetados. A produção de novos sentidos que podem questionar os preconceitos e descentrar concepções que o cliente tem sobre si é destroçada no caso da desconfirmação da queixa, produzindo um efeito que colabora com o racismo. Deste modo, compreendemos que é imprescindível que haja cada vez mais debates sobre esse tema dentro de nosso campo. Para essa discussão, apresentaremos um vídeo que aborda a branquitude de forma satírica, utilizando-se da troca de papéis sociais. Após isto, vamos checar de que forma o vídeo afetou os participantes da roda e levantaremos o que é branquitude, racismo estrutural. Deste modo, pretendemos discutir o que os participantes pensam sobre estes temas, lançando luz nos possíveis introjetos sedimentados pelo o que se constrói socialmente. Ao seguir para o segundo ponto da roda, sobre o manejo na clínica da gestalt-terapia, leremos algumas vinhetas de situações decorrentes de atendimentos clínicos que tocam na temática racial e iremos debater algumas estratégias possíveis a partir de nosso lugar e referenciais teóricos.

**Palavras-chave:** Branquitude. Clínica da gestalt-terapia. Lugar de fala. Questões raciais. Raça.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.
- ALVIM, Mônica Botelho. Intercorporeidade, id da situação e diálogo clínico: o gesto fenomenológico como pathos e movimento expressivo. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. M. F. (org.). **O gesto fenomenológico: corpo, afeto e discurso na clínica**. Rio de Janeiro: IFEN, 2019.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP N.º 018/2002**. Brasília: CFP, 2002. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002\\_18.PDF](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF). Acesso em: 15 jul. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: PNAD Contínua: educação 2017**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf). Acesso em: 5 jul. 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Polén, 2019.

ROBINE, Jean-Marie. A mudança social começa a dois e implicações sociais da gestalt-terapia. *In*: ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G. (org.). **Clínica de situações contemporâneas**: fenomenologia e interdisciplinaridade. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.

SANTANA, Hellen Maciel; DALTRO, Mônica Ramos; CASTELAR, Marilda. Relatos de psicólogas sobre sua formação no âmbito das relações raciais. **Psicologia & Saberes**, [S.l.], v. 7, n. 9, p.25-37, 2018.

# “Me conta tua história?”: a contação de histórias como dispositivo para se pensar a vida e a pesquisa

Eleonôra Torres Prestelo<sup>83</sup>, Daniela Gomes Reis Sá<sup>84</sup>, Luiza Miranda Mello e Silva<sup>85</sup>

## Resumo

Desenvolvemos em nossos trabalhos a proposição de que contar histórias nos conecta ao vivido, ao outro, cria mundos. O trabalho psicoterápico em si já nos fala disso, nele contamos e recontamos nossas histórias, significando-as, resignificando-as, ampliando assim nossa visão de mundo. Nessa ação, nos afirmamos e somos afirmadas pelo outro, condição necessária ao processo de aceitação de quem estamos sendo, essencial ao processo terapêutico. Contamos histórias então como uma forma de cuidar. A melhor expressão de cuidado, diz Ribeiro (1998), seria a confirmação do outro enquanto ser legítimo em sua alteridade. O cuidar, inclusive, além de consistir em tema presente e fundamental às profissões de cuidado como a Psicologia e a nossa abordagem, também tem se constituído em tema importante na área dos estudos de Ciência Tecnologia e Sociedade, seja na problematização de sua lógica, seja na importância dada à escrita,

---

83 Gestalt-terapeuta, doutora em Psicologia pela UFF, vinculada ao Grupo de Pesquisa Entre\_Redes (CNPq) e ao Laboratório pesquisarCOM (UFF), mestre em Psicologia Clínica pela PUC/RJ, professora de Gestalt-terapia no Instituto de Psicologia da UERJ. Pesquisadora interessada em histórias e práticas de cuidado, coordenadora do programa de extensão: “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas”, do projeto de extensão “GAPsi- grupos de apoio psicológico” e coordenadora do Núcleo de Extensão do Instituto de Psicologia da UERJ. Autora de diversos artigos publicados em livros e revistas nacionais, co-organizadora do livro: *O tempo e a escuta da vida: configurações e práticas contemporâneas* (Quartet, 2014). Uma nordestina, natural de Pernambuco, que anda pela vida ouvindo, contando e fazendo histórias.

84 Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como estagiária não bolsista no projeto de extensão GAPsi - Grupos de Apoio Psicológico, sob orientação da professora Eleonôra Prestelo, e no projeto de extensão EncontrAtividade: Trabalho, Gestão e Saúde Mental. Faz estágio curricular no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), em Gestalt-terapia com Adultos e no Projeto de Acolhimento “SPA Escuta” durante a pandemia. Tem interesse nas áreas de saúde, cuidado e acolhimento.

85 Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de Iniciação Científica (UERJ) do Projeto “Histórias que (nos) contam: por uma clínica da vida vivida”, do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia (IP/UERJ), sob orientação da professora Eleonôra Prestelo. Também atua no Projeto de Extensão “Processos de subjetivação nas escolas: intersecções de gênero, sexualidade e raça”, vinculado ao DEGENER - Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros/UERJ. Integrou o Clio-Psyché, Laboratório de História e Memória da Psicologia, como bolsista de Estágio Interno Complementar (EIC/UERJ) no projeto de pesquisa “O Arquivo Mira y López: organização e catalogação inicial de documentos” neste mesmo laboratório. Faz estágio curricular no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), em Gestalt-terapia com Adultos e de Psicologia nas Escolas. Tem interesse nas áreas de Psicologia Clínica e Saúde, em especial Gestalt-terapia.

seja no cuidado no ato de pesquisar, Haraway (1995), Puig de la Bellacasa (2012). Além da fundamentação teórico metodológica da Abordagem Gestáltica, utilizamos em nossas ações a noção de cuidado desenvolvida pela filósofa e médica holandesa Annemarie Mol (2008), onde o cuidado se dá no fazer, não existe enquanto uma forma “*a priori*” e o “bom cuidado” seria inerente a uma perspectiva que leva em conta uma especificidade, uma vida em ação. Ao contar essas histórias, elas “nos” contam, na ampla expressão dessa conjunção, contam de nós e para nós. É incontestável as reverberações de uma pandemia na população, inclusive, como efeito do longo período de isolamento social que nos afeta a todas (os) na retroalimentação das relações interpessoais, sejam familiares, de amizades ou profissionais. Traremos um pouco de nossa experiência no acolhimento dessas histórias na comunidade discente das universidades do Rio de Janeiro, bem como na população do estado, campos onde temos desenvolvido nossos trabalhos nos últimos tempos (PRESTRELO, 2016). Contá-las nos aproxima da vida como ela é, da multiplicidade das formas de existência, além de se constituir no registro de uma memória viva desse tempo pandêmico. Consideramos importante ampliar nosso entendimento de como a comunidade está agenciando práticas de cuidado e desenvolvendo redes de suporte individual e coletivo durante esse período, bem como pensando nos efeitos dessa experiência devastadora a qual fomos lançadas (os), que se desdobrarão, com certeza, muito além do período de isolamento previsto. Como afetamos e somos afetados por elas? Quando invisibilizamos no cotidiano toda essa rede de conexões presentes, estamos corroborando com uma determinada leitura de mundo e uma forma de fazer ciência que produz invisibilidades. Fazemos um corpo de psicoterapeuta e pesquisadora que perpetua as ausências, as vidas vividas no cotidiano dos dias. Essas são algumas das questões que se apresentam ao nosso trabalho cotidianamente. Um cotidiano em que pensamos e repensamos nossas formas de viver e fazer ciência e de contá-las.

**Palavras- chave:** Abordagem gestáltica. Cuidar. Histórias. Pesquisa. Vida vivida.

## REFERÊNCIAS

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n. 5, p. 7–41, 1998.

MOL, A. **The logic of care: health and the problem of paciente choice**. New York: Routledge, 2008.

PRESTRELO, E. T. *et al.* Ouvir é como a chuva: o apoio psicológico como parte da formação em psicologia. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v. 11, n. 1, p. 86–99, 2016.

PUIG DE LA BELLACASA, M. Nothing comes without its world: thinking in care. **The Sociological Review**, [S. l.], v. 60, n. 2, p. 197–216, 2012.

RIBEIRO, W. **Existência e essência: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais**. São Paulo: Summus, 1998.

# Tecendo histórias, uma escrita através da luz e sombra: a utilização da fotografia e da ambientalidade como instrumento de intervenção clínica

Ana Cristina Santana dos Santos<sup>86</sup>

## Resumo

Segundo Jorge Ponciano Ribeiro (2019), em seu artigo “Ambientalidade, co-existência e Sustentabilidade: Uma Gestalt em movimento”, a ambientalidade era uma dimensão ignorada até então e que co-existindo com o organismo se amplia permitindo o surgimento de uma Gestalt plena. Esta visão integrada do homem com o meio, permite harmonia junto a perspectiva de ser no mundo como organismo biopsicosocioespíritual. Este estado de equilíbrio por sua vez, nos permite a ampliação das potências existentes em cada um impactando na forma como nos colocamos no mundo e como experienciamos a nossa existência. Com objetivo de explorar os recursos ofertados pelo meio ambiente em Pirenópolis juntamente com outros gestaltistas, apresento o presente workshop usando como recurso clínico terapêutico a arte de fotografar, onde será explanado conceitos da Gestalt e de forma relacional, o contato com a natureza e o meio ambiente. O objetivo preliminar é integrar o organismo, meio e campo de forma paralela. Ampliando o olhar conceitual e utilizando da perspectiva campo/organismo/ambiente, correlacionaremos conceitos da Gestalt, da Gestalt-terapia e da fotografia de forma correlata. Será uma oportunidade única de junto a natureza podermos nos aproximar de forma vivencial ao meio ambiente bem como, da perspectiva ser-mundo. Integrar a essência humana à natureza e a relação com o outro. Ambiental, animal, racional, um todo indivisível para que se inter-relacionem e coexistam de maneira mais autêntica. “Eu sou eu com o mundo”. Capturar através de imagens fotográficas o contexto a nossa perspectiva ambiental-animal-racional atrelando aos elementos do cosmos, atentando ao que emergir como figura para o organismo. Integrar ambientalidade e co-existência através da fotografia. A atividade durará duas horas e será norteada de maneira geral pelas seguintes especificações: Os recursos utilizados por cada participante será o próprio “smartphone” e a presença. Para exposição será necessário computador e retroprojetor. O número máximo de participantes será de 21 a 24 pessoas. O objetivo é, após exposição preliminar convidar os participantes a explorarem o meio ambiente e se colocarem enquanto sujeitos co-existent no sistema. Após exposição do eixo temático o convite para que as pessoas se disponham a entrar em contato com a natureza bem como, as estruturas proeminentemente poéticas do lugar onde ocorrerá o congresso. Após experienciar o

---

86 Psicóloga, psicoterapeuta, mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade.

contato com os elementos da natureza que ali se apresentam, sua estrutura animal e a pregnância das memórias e percepções, serão capturados pelo que emergir enquanto figura, fazendo os registros em seus próprios aparelhos. Conceitos como figura-fundo, tendência a estruturação, pregnância, continuidade, similaridade dentre outros, serão utilizados tanto na percepção da Gestalt quanto da fotografia. No decorrer da travessia, a pessoa passará por diversas possibilidades e fará escolhas, como acontece na vida. Ao retornar para o ambiente inicial fará exposição do que se tornou figura. Assim como feito em consultório, aprofundará em processo de reflexão e compartilhará junto ao grupo inicial caso queiram. As provocações realizadas durante o workshop têm por objetivo proporcionar insights para que o terapeuta possa utilizar a fotografia como meio de intervenção clínica, adicionando a perspectiva da ambientalidade.

**Palavras-chave:** Fotografia. Gestalt-terapia. Ser-no-mundo.

## REFERÊNCIAS

FREEMAN, Michael. **O olho do fotógrafo:** composição e design para fotografias digitais incríveis. Rio de Janeiro: Bookman, 2012.

HARMAN, Doug. **O manual da fotografia digital.** São Paulo: Escala, 2012.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, Jorge Ponciano **O ciclo do contato.** São Paulo: Summus, 2019.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade:** uma gestalt em movimento, [S.l.], 2019. Disponível em: [http://igtb.com.br/igtbbsb/wp-content/uploads/2019/08/Artigo\\_Ambientalidade\\_por\\_Dr\\_Jorge\\_Ponciano\\_Ribeiro.pdf](http://igtb.com.br/igtbbsb/wp-content/uploads/2019/08/Artigo_Ambientalidade_por_Dr_Jorge_Ponciano_Ribeiro.pdf). Acesso em: 10 mar. 2020.

# Ser LGBTTQIA+ no mundo

Flavia F. Silva<sup>87</sup>, Paulo Barros<sup>88</sup>

## Resumo

A proposta dessa roda de conversa nasce da inquietação decorrente do atendimento clínico de pessoas que estão fora do heterocentrismo e visa problematizar aspectos da historicidade das construções de identidades e de orientações sexuais dissidentes da norma heterocentrada. A abordagem dessa questão não se dirige a uma diferenciação no atendimento em si; ela traz à tona a construção histórica em que nós, terapeutas, também estamos inseridos e que nos direciona a uma prática que pode privilegiar um atendimento heterocentrado, devido à força que os padrões socio-históricos exercem em nossa construção. É de suma importância pensarmos de modo crítico sobre o trabalho direcionado a pessoas em vulnerabilidade e em invisibilidade social, sendo esses contextos decorrentes de sua dissidência em relação às regras normativas. Assim poderemos abrir espaço para novas formas de Ser. Rubin (2003) se refere a uma pirâmide erótica que durante séculos foi configurada para que aqueles que tivessem uma vida normativa, mesmo que com práticas sexuais diversas ocultadas, estivessem em seu topo – com respeitabilidade e liberdade garantidas – e aqueles que por ventura não estivessem centrados nessa norma fossem vistos como criminosos, sodomitas. Ao fim do século XVIII, quando a Teologia sai do lugar de lógica central e é substituída pelo empirismo médico, as orientações e identidades dissidentes começam a ser patologizadas e o homossexualismo e a esquizofrenia são instituídos como os diagnósticos mais usuais. Atualmente, vemos a reivindicação de que uma gama de letras represente um espectro amplo de diversidade sexual e de gênero. A sigla *LGBTQI+* foi aprovada em 2008 na Conferência Nacional de Direitos Humanos, tendo sido proposta pela Associação Brasileira LGBT. Cada letra abarca uma ou mais possibilidades de existência: *Lésbicas*, *Gays*, *Bissexuais*, *Travestis* e *Transexuais*. Hoje vemos a sigla caminhar para uma nova configuração, com objetivo de não invisibilizar nenhuma identidade, sendo ela *LGBTTTQQAAP*, de forma que: *LGBTT* traz a representação descrita anteriormente; o terceiro *T* representa o termo *Two-spirit*, utilizado por nativos americanos que possuem em si os espíritos masculino e feminino; o primeiro *Q* designa o termo *Queer*, que abrange toda forma de existência considerada dissidente; o segundo *Q* representa o grupo *Questionado*, de pessoas

---

87 Psicóloga (IBMR), Gestalt-terapeuta (Lusofónia), mestre em Psicologia (UFRJ), doutoranda em Psicologia (UFRJ). Atualmente atua como profissional liberal em consultório de atendimento Psicológico. Tem experiência na área de Psicologia, sexualidade e gênero, com ênfase em Psicologia Clínica.

88 Psicólogo graduado pela Universidade Federal de Roraima, Gestalt-terapeuta formado pelo Instituto de Gestalt-terapia de Roraima e Sexólogo formado pela Universidade de Araraquara. É professor na Formação Plena em Gestalt-terapia do Instituto de Gestalt-terapia de Roraima, sendo responsável pelo módulo de Gestalt-terapia e Diversidade Sexual e coordena o Núcleo de Atendimento Psicossocial Para População LGBTQI+.

que ainda estão incertas em relação à orientação ou à identidade; o I, de *Intersexo*, designa uma variação de categorias sexuais físicas e/ou cromossômicas; as duas letras A designam, respectivamente os termos *Assexual* e *Aliado*, sendo o último a designação do grupo de pessoas parceiras de comunidades LGBTQI+; e, finalmente, a letra P designa o termo *Pansexual*, que se refere a quem tem orientação sexual direcionada para todas as identidades sexuais existentes. Como aponta Ribeiro (2019), não podemos deixar de levar em conta todos os campos ambiente-organismo no atendimento a pessoas que, mesmo na contemporaneidade, ainda sofrem com a exclusão, a invisibilidade e a vulnerabilidade. O suporte terapêutico em direção ao ultrapassar fronteiras construídas com base na exclusão é necessário para que se promovam transformação, criação e possibilidade de co-existência. Nossa postura de Gestalt-terapeutas se direciona a possibilitar suporte para que o trânsito de gênero (SILVA, 2018; SILVA; ALVIM, 2020), a não-fixação de identidades e a vivência plena do aqui-agora possam ser exercidas. Não podemos nos direcionar à adequar o cliente a uma sociedade fixada, mas também não podemos negar o movimento excludente. Precisamos estar em contato com todos esses componentes e também com nossos próprios introjetos heterocentros e sexistas. Pretende-se, assim, trabalhar de maneira gestáltica, ou seja, junto do cliente, permitindo a si e a ele um trabalho com movimento de transgressão e de transformação, ultrapassando fronteiras rígidas em direção a uma vivência direcionada à criação de novas formas, como nos aponta Alvim (2014).

**Palavras-chave:** Clínica. Gênero. Heterocentrismo. Identidade. Orientação.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Monica Botelho. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014a.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. XVII Encontro Nacional De Gestalt-Terapia e XIV Congresso Brasileiro Da Abordagem Gestáltica: ambientalidade, sustentabilidade e co-existência. *Online*: 2019.
- RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 1-88, 2003.
- SILVA, F. F. **[Trans]existência:** errância no corpo, gênero em trânsito. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SILVA, F. F.; ALVIM, Monica Botelho. [Trans]Existência: corpos erráticos, gesticulações políticas de resistência. **Revista Psicologia & Sociedade**, v.32, e222589, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/rT5SVB8D7nxqCGmYKbRfyYz/?format=pdf&lang=pt>.

# O ser-mulher na contemporaneidade: mulher como “o outro” e o ser-mulher

Flavia F. Silva<sup>89</sup>, Mônica Alvim<sup>90</sup>

## Resumo

Nesta roda de conversa pretendemos discutir o que afinal faz uma mulher se dizer mulher? O que é ser mulher? Ou melhor ainda, e mais afinado com a Gestalt-terapia: como é ser mulher no contemporâneo? Como é ser mulher nesse momento aqui e agora em que o corpo, enquanto matéria, o corpo anatômico e também “corpo-ambiente” (RIBEIRO, 2019), não é mais reconhecido por todos como um ancoradouro para masculinidades e feminilidades? Como é ser mulher com todos os entrecruzamentos que possam haver hoje, sem perder de vista a historicidade que há nessa construção, como por exemplo, o “tornar-se mulher” de Simone de Beauvoir (2016), o sexo único Galênico apontado por Laquer (2001), a noção de “corporificação” de Pearse e Connel (2015), o “*queer*” de Butler (2016), as “intersecções” de Crenshaw (2002) e até a natureza entrelaçada com a cultura de Merleau-Ponty (2014), entre outros autores. Até o séc. XVII, a ideia de sexo único de Galeno, em que a mulher era tida como um homem menos evoluído era o pensamento dominante. A partir do séc. XVII, homem e mulher passam a ser vistos como incomensuravelmente distintos, o que trazia uma hierarquização ontológica, o homem sendo superior tem na mulher a imagem de um outro absoluto. Beauvoir (1949) afirma que a diferenciação da mulher acontece em relação ao homem, o que não ocorre com os homens. A autora destaca o homem tido como sujeito absoluto e a mulher como o outro, em uma dualidade em que há o sujeito e um outro objetificado na relação. Na contemporaneidade, começamos a vislumbrar um movimento de se indiferenciar, no sentido intelectual, físico e social, na solicitação de igualdade salarial, liberdade sexual, etc, sem perder de vista uma historicidade como marca desse lugar de ser menos evoluída ou objeto, o outro de um sujeito absoluto. A mulher contemporânea tem trazido na bandeira da sororidade a força para denunciar abusos físicos, psíquicos e socioculturais que por séculos a colocaram nesse lugar de objeto, em que o sujeito absoluto poderia usar, violentar, e até o tornar-se proprietário. Acreditamos que a construção de um chão comum e co-criado de co-existência, possibilite o contato de mulheres com sua

---

89 Psicóloga (IBMR), Gestalt-terapeuta (Lusofónia), mestre em Psicologia (UFRJ), doutoranda em Psicologia (UFRJ). Atualmente atua como profissional liberal em consultório de atendimento Psicológico. Tem experiência na área de Psicologia, sexualidade e gênero, com ênfase em Psicologia Clínica.

90 Gestalt-terapeuta, atua no Programa de pós-graduação em Psicologia da UFRJ. Pós doutora em filosofia contemporânea (Paris 1 Panthéon-Sorbonne). Pesquisa a clínica comunitária em perspectivas decoloniais, fenomenologia e arte contemporânea. Coordena o NEIFeCS - Núcleo de estudos interdisciplinares em fenomenologia e clínica de situações contemporâneas, investiga fenômenos sociais estruturais, como raça, gênero e classe. Atua em pesquisa e extensão com crianças e jovens de favelas cariocas.

ancestralidade, historicidade e potência, crie formas de cuidado em relação a si, o outro e o estar no mundo. A metodologia de trabalho proposta seria uma grande roda de compartilhamento desse Ser-mulher, o que nos faz mulheres, sendo aberta somente a mulheres: cisgênero, mulheres trans, travestis e identidades transitórias e intersexuais, que se sintam direcionadas ao ser mulher, bastando para isso sua auto-declaração. Trazemos para o Ser-mulher uma compreensão mais ampla que aquela de uma biologia estanque, que dita o ser mulher como um conjunto de caracteres primários e secundários, para uma biologia que se movimenta, uma natureza fincada na historicidade, no ambiente-sociocultural. Nosso objetivo é movimentar o fundo sedimentado que sustenta nossos gestos de ser mulher e tudo que engloba essa constituição orgânica, ambiental, dada no campo como alicerce para uma clínica que se propõe em movimento para si, para o outro e para o mundo como dimensões indissociáveis da existência, tal como discute Ribeiro (2019). Esperamos não ter uma resposta fechada para uma pergunta tão aberta, mas promover um espaço de abertura para novas formas de coexistir que ampliem nossas possibilidades de escuta clínica em gestalt-terapia. Tal discussão faz parte de uma pesquisa de doutorado financiada pela agência financiadora Fundação CAPES.

**Palavras-chave:** Contato. Expressão. Objetificação. Sororidade.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **XVII Encontro Nacional de Gestalt-Terapia e XIV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica: ambientalidade, sustentabilidade e co-existência**. Online: 2019.

# A gestalt-terapia em parques e praças: expandindo fronteiras do consultório

Rosana Zanella<sup>91</sup>, Vladya Tatyane Pereira de Lira<sup>92</sup>, Honey Stern<sup>93</sup>

## Resumo

Vivemos novos tempos. A Psicoterapia deixou de ser exclusiva de clínicas e consultórios públicos ou particulares. Seguros Saúde em sua maioria já contempla esse tratamento. Se há tempos idos a Psicoterapia era um serviço para poucos, hoje esse serviço expandiu-se para modalidades de Clínica Ampliada e Plantões Psicológicos. A Psicologia vai à ruas, parques, praças e espaços ao ar livre. Temos presenciado esse serviço ser oferecido cada vez mais. A Gestalt-terapia, uma abordagem inovadora, presente em todos os campos e configurando um novo campo não poderia ficar longe e oferece alguns trabalhos. Se nossa abordagem fala de mundo e de pessoa como se refere Ribeiro (2011) e de fronteira de contato como uma possibilidade do organismo e meio interagirem, como se referem Salomão, Frazão e Fukumitsu (2014), o Gestalt-terapeuta encontra em possibilidades de atuação em novas configurações diferentes do espaço clínico tradicional. O terapeuta criativo esbarra-se a todo momento com novos caminhos para acolher o sofrimento existencial. Neste trabalho queremos trazer a modalidade dos Plantões em praças em dois lugares distintos no Brasil. Temos no Sudeste, em São Caetano do Sul, SP, o Psico no Chico no Parque Chico Mendes e no Nordeste, mais precisamente em Recife, a Psicologia na Praça, Praça do Derby. Ambos os atendimentos visam acolher e escutar gratuitamente a população que frequenta tais lugares. E aqui entra a modalidade de Plantão Psicológico que exige do psicoterapeuta intervenções mais diretas e até psicoeducativas. O Plantão Psicológico diz respeito à atuação do psicólogo em diversos contextos e instituições, ampliando sua experiência como nos diz Rebouças e Dutra, 2010. Pinto, 2019, fala de sua experiência de atendimento de rua como uma inquietante experiência na Psicanálise. A literatura a respeito de trabalhos em parques e praças ainda é escassa na abordagem

---

91 Psicóloga, psicoterapeuta, CRP 06/4407-7 mestre pela Umesp, especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), especialista em Gestalt terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae, onde é professora no Departamento de Gestalt e coeditora da *Revista de Gestalt*. Coordenadora do curso "A clínica gestáltica infanto-juvenil". Organizadora do livro *A clínica gestáltica com adolescentes* (Summus, 2013). Coordenadora do curso de Especialização em Gestalt na Unicsul.

92 Psicóloga – CRP 02/12765, psicoterapeuta, doutoranda em Psicologia Clínica pela UNICAP, mestre em Psicologia pela UFPE, Diretora do Construir Núcleo de Psicologia em Recife, espaço em parceria com Centro Universitário Escritor Osman Lins (Unifacol) com a especialização em Gestalt-terapia. Autora do livro "Juventudes pobres: sentidos construídos por psicólogos (as)" (Tarcídio Pereira, 2014). Autora de capítulo de livro sobre Direitos Humanos do Livro *Direitos Humanos pra quem?* (EDUPE, 2007).

93 Psicóloga, psicoterapeuta, CRP 06/123645 especialista em Gestalt terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae, curso de formação em Ecopsicologia e Ecologia Profunda pela Unipaz.

Gestáltica. Em espaços públicos as pessoas podem se aproximar, conversar sobre qualquer assunto, quer seja ele algo do cotidiano, um conflito, um questionamento, um sofrimento existencial. o Gestalt-terapeuta aqui deve lidar eficazmente com as situações do aqui e agora para que a pessoa possa tentar se autorregular e dessa forma ampliar a awareness. Essas situações podem se assemelhar ao trabalho da Clínica Ampliada trazido por Queiroz, M.A., 2015. Nesta roda de conversa pretendemos discutir, acolher e trocar experiências com os participantes de nossas vivências em Gestalt-terapia no parque e na praça bem como relacionando conceitos dessa abordagem. Como estratégia de conversa utilizaremos a metodologia ativa KWL (know, what e learn) como um pretexto para o nosso encontro.

**Palavras-chave:** Gestalt terapia. Plantão psicológico. Psicoterapia.

## REFERÊNCIAS

PINTO, T. Os pés descalços: um relato sobre a experiência Psicanálise na Rua. **Teoría y Crítica de la Psicología**, [S.l.], v. 12, p. 368–385, 2019. Disponível em: <http://www.teocripsi.com/ojs/>; <https://www.semanticscholar.org/paper/Os-p%C3%A9s-desca%C3%A7os.-Um-relato-sobre-a-experi%C3%Aancia-na-Pinto/b799f2c84c3598cf919a5cbd154cbe2c44d53d77>. (ISSN: 2116-3480)

QUEIROZ, M. A. Gestalt-terapia na clínica ampliada. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia**: a clínica, a relação terapêutica e o manejo. São Paulo: Summus, 2015.

REBOUÇAS, M.; DUTRA, E. **Plantão psicológico**: uma prática clínica da contemporaneidade. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&nrm=iso). ISSN 1809-6867.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e pessoa em gestalt-terapia**: revisitando o caminho. São Paulo: Summus, 2011.

## A clínica em gestalt-terapia de orientação breve num serviço-escola de Minas Gerais: interlocuções com o poder judiciário e articulação de redes de apoio

*Larissa Guimarães Martins Abrão<sup>94</sup>, Gabriela Franco de Almeida<sup>95</sup>*

### Resumo

Introdução: Como perspectiva teórica que nasce da necessidade científica da psicologia de alargar o universo de conhecimento hegemônico até meados do século XX, a Gestalt-terapia (GT) se apresenta como modalidade de intervenção clínica dialógica e holística, trazendo em seu arcabouço epistemológico vinculações com propostas teóricas reformuladoras (LIMA, 2005). Hoje, quase setenta anos depois da sistematização da GT, a clínica psicológica contemporânea tem enfrentado novos desafios, agora relacionados à sua capilaridade demográfica, em especial se confrontarmos o incremento do sofrimento psíquico da população em geral e as possibilidades financeiras que tem o cidadão médio de frequentar tratamento psicoterapêutico privado e individual (VIANA; DINIZ; COSTA; ZANELLO, 2012). Nesse cenário, ganha cada vez mais relevância social o papel dos serviços-escola em instituições de ensino superior, como instrumento de promoção de saúde mental para o público economicamente desassistido. Como supervisoras de estágio clínico em psicologia numa universidade pública do interior de Minas Gerais, as autoras deste trabalho têm entendido a necessidade premente de oferta deste serviço, suprimindo a lacuna do SUS que vem substituindo a proposta da psicoterapia individual por modalidades de atendimento

---

94 Graduação em Psicologia pela UFU, em 1994. Gestalt-terapeuta, com atuação clínica desde 1995. Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais desde 1997. Mestre e Doutora pela UnB, concluindo o doutoramento em 2009. Pesquisadora das áreas de Psicologia e Gênero, Psicologia Jurídica e Psicologia Clínica. Sócia fundadora da Clínica Margem da Palavra e do Instituto Verus: instituto de formação em Gestalt-terapia e psicoterapias existenciais-humanistas, em Uberlândia.

95 Psicóloga clínica, doutora em Ciências da Saúde, professora na UEMG e na Faculdade Pitágoras. É co-fundadora da clínica Margem da Palavra e idealizadora do Circuito Básico de Formação em Acompanhamento Terapêutico. Pesquisa e trabalha a partir da perspectiva existencial-humanista, com interesse especial por qualidade de vida e qualidade de morte.

em grupo. Objetivo: Mais especificamente, nosso objetivo neste texto é apresentar a interlocução que temos desenvolvido com o poder judiciário, em razão do grande volume de demanda por apoio psicológico para os mais variados segmentos populacionais: adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, famílias acolhedoras ou em processo de adoção, crianças e adolescentes em regime disciplinar na escola, mulheres vítimas de violência doméstica etc. Método: Como método de intervenção, temos optado por realizar atendimentos pela ótica da Gestalt-terapia de orientação breve, haja vista que nossa experiência de contato com o público que chega ao serviço demonstra, no mais das vezes, que a demanda principal é de escuta e acolhimento. Por isso, a fundamental prática terapêutica que adotamos se sustenta na proposta dialógica, em que o terapeuta se apresenta como presença disponível para o encontro (HYCNER; JACOBS, 1997), numa postura pouco comum em outros serviços pelos quais nosso cliente circula. Resultados e discussão: Em 2019, ano de início desta experiência, foram atendidas cerca de 120 pessoas apenas dentro deste estágio, a partir de uma perspectiva de atuação em rede, ou seja, criando espaços de articulação do serviço-escola de psicologia com outras ofertas públicas, privadas e filantrópicas, tais como programas de profissionalização, encaminhamentos públicos intersetoriais e agilização da inserção em serviços como CAPS, por exemplo. Os resultados até aqui apurados, apontam para o hiato de comunicação entre os setores dentro do serviço público e destes setores com outras vias de promoção de saúde e cidadania. Conclusão: Do ponto de vista terapêutico, e considerando a finalização dos casos e os feedbacks apresentados pelos clientes, é possível dizer que os atendimentos corroboram outras pesquisas no que tange ao menor abandono do tratamento (EENAS; FALEIROS; SÁ, 2000). Em se tratando da GT como aplicação clínica, foi possível perceber que os atendimentos representam um diferencial se comparados a serviços anteriores pelos quais transitaram os clientes, mais marcadamente pela dialogicidade presente na relação terapêutica. As intervenções, assim, alcançaram os fins a que se propunham, quais sejam, o de representar, de fato, um espaço de escuta e diálogo, de apresentar ao cliente possibilidades de contato consigo e com seus desejos, sensibilizando-o para o entendimento de si como sujeito de potencialidades que podem transformar seu estar-no-mundo.

**Palavras-chave:** Dialogicidade. Poder judiciário. Psicoterapia breve. Serviço-escola.

## REFERÊNCIAS

ENEAS, M. L. E.; FALEIROS, J. C.; SÁ A. C. A. Uso de psicoterapias breves em clínica-escola: caracterização dos processos com adultos. **Psicologia: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 9-30, 2000. Disponível em: [https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Editora/Revista\\_Psicologia/Teoria\\_e\\_Pratica\\_Volume\\_2\\_-\\_Numero\\_2/art1.pdf](https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_2_-_Numero_2/art1.pdf).

HYCNER, Richard; JACOBS, L. **Relação e cura em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

LIMA, P. V. de A. A gestalt-terapia no contexto científico e intelectual contemporâneo. *In*: HOLANDA, A. F; JÚLIO, Nilton de F. **Gestalt-terapia e contemporaneidade**: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica. Campinas: Livro Pleno, 2005.

VIANA, T. de C.; DINIZ, G. S.; COSTA, L. F.; ZANELLO (org.). **Psicologia clínica e cultura contemporânea**. Brasília: Liber Livros, 2012.

# Pelo direito de amar: uma escuta da dor silenciada das experiências afetivas de pessoas que vivem com HIV

Carla Machado Alegria<sup>96</sup>

## Resumo

Decorridas 40 décadas de convivência com a AIDS, a experiência de ter sorologia positiva para o HIV ainda é devastadora. Embora a AIDS tenha perdido o status de doença associada à morte, ganhou o status de uma doença crônica. Tal condição produziu outro mal: o arrefecimento do vírus nos discursos refletiram-se em um desinteresse sobre o tema, fenômeno que Inácio (2016) denomina de restrição discursiva sobre a epidemia. Assim a invisibilidade do vírus na ausência de manifestações sintomáticas facultou a pessoa a viver com o segredo como uma forma de enfrentamento do estigma. No entanto esse mesmo segredo continua ainda a matar algumas pessoas, mas agora, para os afetos, uma vez que permanecem presas na impossibilidade da autorrevelação. Urge, portanto, despertar a comunidade gestáltica para a escuta dessa dor silenciada que acompanha pessoas que vivem com HIV-aids. Após anos de atuação como psicóloga no Programa de IST-AIDS e de pesquisa de mestrado realizada sobre o tema, pretendo nesta da roda de diálogo compartilhar essa experiência apresentando os desafios do terapeuta na busca de contribuir com o outro na travessia dessa imposição da vida, ajudando-o a ampliar possibilidades de ressignificar e encontrar novas formas de cuidar de si que possam trazer ao seu campo de experiência a possibilidade de sentir-se com direito de amar. De modo geral, as pessoas que vivem com HIV chegam à terapia trazendo a angústia de conviver com o estigma e o autoestima, ambos refletidos no medo da violência e no desencorajamento de revelar sua condição sorológica que são traduzidos na desesperança de viver o amor. Torna-se especialmente importante, que o terapeuta esteja imbuído de uma concepção de cuidado que ofereça ao cliente a experiência viva do calor da confirmação, respeito, apreciação e uma forma de permanecer ao lado, aberto a testemunhar o medo da exclusão da convivência humana e de não ser amado incondicionalmente. Sedimenta-se assim as condições para que a pessoa possa entrar em contato com os sentimentos de medo, rejeição e morte e facilitar a *awareness* de projeções que antecipam perigos, ajudando-a a aproximar-se das dimensões reais dos riscos, vivenciando na relação segura

---

96 Psicóloga, CRP: 05.12629. Especialista em Neuropsicologia da Educação. Especialista em Educação em Saúde Pública. Mestre em Infecção HIV/AIDS pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Psicóloga concursada da Fundação Municipal de Saúde de São Gonçalo desde 1992 atuando há 5 anos no Programa de IST/AIDS. Autora de artigos em Gestalt-terapia. Coautora da coleção Teorias e Práticas em Gestalt-terapia. Professora da pós graduação em Gestalt -terapia da Universidade Veiga de Almeida.

da terapia, formas de enfrentá-los. A dimensão central da terapia consiste na tarefa de ajudar o cliente a relaxar a confluência com o estigma. Uma vez que ele introjeta características negativas relacionadas a sua condição sorológica esse padrão se reflete em sentimentos de ameaça de rejeição mediante a possibilidade de autorrevelação, levando ao retraimento de fronteira no contato afetivo-sexual. O segredo crônico faz com que ele viva em alerta, como em situações de emergência, perpetuando um mecanismo fixo de proteção o que favorece o aprisionamento a uma única forma de estar no mundo e a uma inflexibilidade de visão que realimenta essa estratégia percebendo-a como única saída. Assim, amar com HIV representa um grande desafio que não é enfrentado sem esforço e coragem. Compartilhando esses sentimentos com o terapeuta, ele tem oportunidade de fortalecer seu autossuporte e desenvolver o sentimento de consideração por si mesmo que possa lhe permitir afrouxar seu isolamento, flexibilizando suas fronteiras para o novo e assumindo o risco da autorrevelação. Desse modo, o cliente terá desenvolvido na terapia a confiança para que possa se entregar ao campo dando-se conta de que este é dinâmico e organizado em função da interação de fatores que se interconectam oferecendo a cada situação a surpresa do imprevisível e que, portanto, ao contrário do que as suas sábias defesas até agora lhe haviam ensinado ele pode experimentar a possibilidade de desfrutar da vida, sentindo-se digno de ser amado. A roda de diálogo será apresentada com uma pequena parte teórica e, em seguida, serão distribuídos para o grupo relatos de pacientes que serão lidos pelos participantes para dialogarmos.

**Palavras-chave:** Fronteira de contato. HIV. Relacionamento amoroso.

## REFERÊNCIAS

- ALEGRIA, M. C. **Os desafios de amar com HIV:** um estudo sobre os ajustamentos criativos realizados por pessoas que vivem com HIV acerca de relacionamentos amorosos. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional) - Programa de Pós-Graduação em Infecção HIV/AIDS e Hepatites Virais) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12797/Dissertacao%20-Infec%C3%A7%C3%A3o%20HIVAIDS%20e%20Hepatites%20Virais%20-%202018%20-%20ALEGRIA%2C%20Carla%20Machado%20-%20Os%20desafios%20de%20amar%20com%20HIV.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- NÁCIO, E. da C. Carga zerada: HIV/AIDS, discurso, desgaste, cultura. **Via Atlântica**, [S. l.], n. 29, p. 479-505, 2016. DOI: 10.11606/va.v0i29.118885. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/118885>.
- ROBINE, Jean-Marie. **O self desdobrado:** perspectiva de campo em gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2006.
- YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness:** ensaios em gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.

# A gestalt-terapia como clínica de situações contemporâneas

*Cheyenne von Arcosy<sup>97</sup>, Beatriz Araujo Sardenberg<sup>98</sup>, Isadora Gimenes Alves Couto<sup>99</sup>, Paulo Antonio de Oliveira Muniz<sup>100</sup>, Eduardo Cremer<sup>101</sup>*

## Resumo

A Gestalt-terapia apresenta uma proposta de psicoterapia que preconiza a experiência humana no mundo, compreendendo o sujeito como um ser-no-mundo, sempre considerado a partir de uma situação concreta. Dentro disso, de acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997), a dimensão social é parte intrínseca e indissociável da vivência do ser-no-mundo, e não apenas uma dimensão destacada a ser vista como contexto ou pano de fundo sem implicações na dinâmica deste sujeito. Por isso, para a Gestalt-terapia, saúde e doença são noções que não podem ser pensadas de maneira descolada deste campo, uma vez que estão relacionadas à forma com a qual se faz contato com o que se apresenta no mundo. Em movimentos de saúde, o sujeito sente, mobiliza, age e pensa frente à diferença, no sentido de restabelecer o equilíbrio no campo diante desse encontro e realizando ajustamentos criativos. Em contrapartida, o sintoma surge como produção do campo organismo/ambiente no momento em que o fluxo de contato se encontra impedido. Acreditamos que as formas de subjetivação e sofrimento observados na clínica estão implicadas e tecidas a partir de um campo singular/universal, não estando dissociadas, portanto, de uma situação contemporânea. Por essa razão, é de extrema importância para nós que o trabalho clínico situe o sujeito em sua dimensão social, histórica, política, econômica e cultural e, assim, adquira um novo olhar sobre o seu sofrimento trazido na clínica. Este trabalho apresenta o resumo de uma pesquisa que se propôs a realizar uma investigação sobre a complexidade das situações contemporâneas, tal como proposto por Alvim e Castro (2015), e as formas

---

97 Psicóloga Clínica na abordagem da Gestalt-terapia formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora no Laboratório Integrado de Pesquisa em Estresse, com o foco no Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS). Contato: cheymonteiro@gmail.com.

98 Graduada de Psicologia na UFRJ. Estagiária de Psicologia Clínica na abordagem da Gestalt Terapia. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS). Contato: beatriz.a.sardenberg@gmail.com.

99 Graduada de Psicologia na UFRJ. Estagiária de Psicologia Clínica na abordagem da Gestalt Terapia. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS). Contato: isadoragcouth@gmail.com.

100 Graduando de Psicologia na UFRJ. Estagiário de Psicologia Clínica na abordagem da Gestalt-terapia. Pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS). Contato: pauloantoniomuniz@outlook.com.

101 Mestrando em Psicologia na UFRJ, com a orientação da prof. Mônica Alvim. Formado em Gestalt-terapia pelo Encontro - Núcleo de Estudos e Treinamento em Gestalt-terapia; Especialista em Psicologia Clínica pelo IGT; Coordenador do Grupo Conhe-ser.

de subjetividade e sofrimento que se forjam a partir destas. A metodologia adotada foi a análise qualitativa fenomenológica, enfatizando as experiências singulares dos clientes, com foco em suas descrições das experiências vividas dentro de seus respectivos quadros clínicos, bem como as dimensões da situação contemporânea envolvidas. A compreensão das experiências se deu então a partir do sentido que elas assumiram para cada cliente que as vivenciou e como esse se relacionou com elas, percebendo-as ou não como dimensões sócio-histórico-político-econômico-culturais. A pesquisa se constituiu a partir do estudo dos prontuários dos pacientes da equipe de estágio clínico em Gestalt-Terapia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Como resultado preliminar de nossa pesquisa, foi possível observar algumas problemáticas contemporâneas relacionadas aos sintomas relatados na clínica, como: a velocidade e a pressa; dinâmicas no âmbito do trabalho, como a sobrecarga e a hiperprodutividade; dificuldades relacionadas ao contato com o outro e à vivência da alteridade, como as polarizações e as discriminações; além de elementos estruturais da situação que se refletem em opressões de gênero, raça e classe. Nesse sentido, faz-se necessário que o psicólogo se atente a essas dimensões contemporâneas e estruturais no fazer clínico e que, portanto, possa encontrar o cliente que chega ao consultório disposto a convidá-lo a compor também este espaço.

**Palavras-chave:** Clínica. Contemporaneidade. Gestalt-terapia. Sociedade. Subjetivação.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, MONICA BOTELHO. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ALVIM, MONICA BOTELHO. .; CASTRO, F.G. (org.). **Clínica de situações contemporâneas:** fenomenologia e interdisciplinaridade. Curitiba: Juruá, 2015.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997. cap.1.

# Transtorno do Estresse Pós-Traumático em foco: um olhar gestáltico sobre o adoecimento em decorrência do trauma

*Cheyenne von Arcosy<sup>102</sup>, Mônica Botelho Alvim<sup>103</sup>*

## Resumo

O Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT) tem acometido um largo número de pessoas nos últimos anos. Em um estudo de 2016 por Luz et col, se encontrou que 87% da população do Brasil é exposto a algum evento traumático ao longo da vida. Desses, 11% tende a apresentar o quadro de TEPT. O DSM-5 (APA) publicado em 2014, define o TEPT pela experiência de um evento traumático (ameaça de morte, lesão grave ou violência sexual) que acarrete em prejuízo social e funcional para o paciente, caracterizado por sintomas como a revivescência angustiante do evento, evitação persistente relacionada a pistas do evento traumático, alterações cognitivas e do humor negativas e alterações fisiológicas frente a algum fator disparador. Os sintomas devem persistir 30 dias após a ocorrência traumática. Segundo os principais manuais, a principal indicação para tratamento do TEPT é a psicoterapia. Porém, essa indicação se concentra na Terapia Cognitivo Comportamental. O argumento para isso é o número de publicações sobre o tema produzidas nessa linha e o modelo médico de pesquisa que seguem. Isso reduz as possibilidades de tratamento para os pacientes acometidos pelo transtorno. A partir de um trabalho monográfico em que investigamos o TEPT na perspectiva da Gestalt-terapia (GT), visando a começar a construir um aporte teórico dentro da linha a respeito desse transtorno, pretendemos aqui explorar os fenômenos do TEPT por uma linguagem e visão gestáltica. Adotando a metodologia da pesquisa teórica, percorremos os caminhos da teoria da GT para traçar o pano de fundo e começar a tecer as teorizações e as práticas em GT para tratar esse tipo de transtorno. Exploramos as classificações diagnósticas (DSM-I a 5), buscando desenvolver teoricamente uma compreensão gestáltica daquilo que se apresenta no processo de adoecimento do TEPT. Investigamos também a literatura da GT, principalmente no que conversa com o psicodiagnóstico fenomenológico, contato e

---

102 Psicóloga Clínica na abordagem da Gestalt-terapia, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora no Laboratório Integrado de Pesquisa em Estresse, com o foco no Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS). Contato: cheymonteiro@gmail.com.

103 Gestalt-terapeuta, atua no Programa de pós-graduação em Psicologia da UFRJ. Pós doutora em filosofia contemporânea (Paris 1 Panthéon-Sorbonne). Pesquisa a clínica comunitária em perspectivas decoloniais, fenomenologia e arte contemporânea. Coordena o NEIFeCS - Núcleo de estudos interdisciplinares em fenomenologia e clínica de situações contemporâneas, investiga fenômenos sociais estruturais, como raça, gênero e classe. Atua em pesquisa e extensão com crianças e jovens de favelas cariocas.

suas interrupções, neuroses e artigos sobre o TEPT. Na Gestalt-terapia todo o trabalho psicoterápico é realizado tendo como base que somos seres-no-mundo, integrando o que chamamos de campo organismo-ambiente, como aponta Alvim et col. (2010). Dessa forma, saúde e doença estão diretamente ligadas a como o ser se relaciona e faz contato com aquilo que é diferente dele mesmo. A saúde consiste em um fluxo desimpedido em direção ao mundo – que é espontâneo, e que no encontro com outras diferenças irá se repetir. Em saúde, o sujeito está presente no aqui-e-agora da situação e escolhe como agir. A doença então seria a não fluidez, a interrupção desse processo. A partir disso, a compreensão apropriada das noções de neurose e psicose se fazem prementes para que possamos observar o fenômeno do que é um transtorno. Schillings (2016) chama esse fenômeno de “sofrimento emocional agravado”, apontando que ele está entre neurose e psicose. Ele se mostra como uma interrupção exacerbada, que supera a neurose, porém sem ser tão comprometedor quanto na psicose – sujeito ainda compartilha da lógica do mundo, porém ocorrem fixações no momento da interação. Não é possível falar sobre o TEPT sem nos debruçarmos também sobre o tema da Violência e entendermos como ela pode impactar na forma como o ser se movimenta no mundo. De acordo com Schillings (2010;2011), a violência é a retirada pelo meio das possibilidades de satisfação das necessidades reais de uma pessoa – comida, bebida ou segurança. No trauma ocorre essa situação descrita da violência, e o self se vê necessitando convocar todos os recursos para garantir o mínimo para a sua manutenção frente à subjugação pelo meio. No trabalho há a ponte com a prática a partir da apresentação de um relato de caso de uma paciente acolhida no ambulatório de uma universidade do Rio de Janeiro. Por fim, o trabalho ressalta a importância do olhar atento para a publicização disso que chamamos de Gestalt-terapia e Psicologia, para ampliarmos o acesso a informação do que é o que estamos propondo.

**Palavras-chave:** Estresse. Gestalt-terapia. Pós-traumático. Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT). Trauma.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica Botelho; BOMBEN, Emmanuela; CARVALHO, Natália. Pode deixar que eu resolvo!: retroflexão e contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**,[S.l.], v. 16, n. 2, p. 183-188, 2010.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Rio de Janeiro: Artmed, 2014.

LUZ, Mariana Pires et al. Conditional risk for posttraumatic stress disorder in an epidemiological study of a Brazilian urban population. **Journal of psychiatric research**, [S.l.], v. 72, p. 51-57, 2016.

SCHILLINGS, Angela. Os sofrimentos emocionais agravados e o diagnóstico “borderline”. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. p. 117 – 140.

SCHILLINGS, Angela. A violência no contexto intrafamiliar e social: um olhar da Gestalt-terapia às vivências opressivas. **Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo**, n. 6, p. 45-51, 2010-2011.

# As dimensões gênero, raça e classe no contexto clínico da gestalt-terapia: reflexões preliminares

*Cheyenne Von Arcosy<sup>104</sup>, Isadora Gimenes Alves Couto<sup>105</sup>, Paulo Antonio de Oliveira Muniz<sup>106</sup>, Beatriz Araujo Sardenberg<sup>107</sup>, Flavia F. Silva<sup>108</sup>*

## Resumo

A Gestalt-terapia em sua proposta original concebeu a psicologia como ciência que estuda a operação da fronteira de contato no campo organismo-ambiente. Dentro disso, de acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997), a dimensão social é parte intrínseca e indissociável da vivência do ser-no-mundo, e não apenas uma dimensão destacada a ser vista como contexto ou pano de fundo sem implicações na dinâmica deste sujeito. Portanto, a Gestalt-terapia propõe um movimento de ampliar a percepção das relações que se dão em um campo social e modificar um fazer psicológico que historicamente tendeu a considerar sintomas e patologias a partir de uma ótica individualizante e psicopatologizante. Esse movimento preconiza a experiência do sujeito como um ser-no-mundo, isto é, um sujeito que é produzido a todo momento pelo mundo, ao passo que também o produz. Compreendendo o caráter político da clínica, coloca-se fundamental inserir uma noção de clínica ampliada, estabelecendo que a produção de sofrimento se apresenta a partir da imbricação indissociável entre sujeito e ambiente. Dessa maneira, formas de subjetivação e sofrimento observados na clínica estão implicadas e tecidas a partir de um singular/universal, não estando dissociadas da situação contemporânea e tampouco de dimensões estruturais de raça, classe e gênero. Seguindo esse escopo, este trabalho tem como objetivo investigar como as questões e formas de sofrimento que

---

104 Psicóloga Clínica na abordagem da Gestalt-terapia formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora no Laboratório Integrado de Pesquisa em Estresse, com o foco no Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS). Contato: cheymonteiro@gmail.com.

105 Graduada de Psicologia na UFRJ. Estagiária de Psicologia Clínica na abordagem da Gestalt Terapia. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS). Contato: isadoragcouto@gmail.com.

106 Graduando de Psicologia na UFRJ. Estagiário de Psicologia Clínica na abordagem da Gestalt-terapia. Pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS). Contato: pauloantoniomuniz@outlook.com.

107 Graduada de Psicologia na UFRJ. Estagiária de Psicologia Clínica na abordagem da Gestalt Terapia. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS). Contato: beatriz.a.sardenberg@gmail.com.

108 Psicóloga (IBMR), Gestalt-terapeuta (Lusofónia), mestre em Psicologia (UFRJ), doutoranda em Psicologia (UFRJ). Atualmente atua como profissional liberal em consultório de atendimento Psicológico. Tem experiência na área de Psicologia, sexualidade e gênero, com ênfase em Psicologia Clínica.

aparecem na clínica em formas de sintomas e patologias são produzidos em um campo sócio-histórico-político-econômico, ao qual nos referimos como situação presente. Acreditamos que as dimensões estruturais raça, gênero e classe não estão dissociadas dos sintomas relatados na clínica e se apresentam como fundamentais para a análise da situação contemporânea das queixas relatadas na clínica. Nesse sentido, compreendê-las como pilares nos processos de produção subjetiva e sofrimento é requisito para uma escuta clínica menos patologizante e mais atenta às dimensões presentes no ser em situação, ao seu contexto de vida e à sua relação com o outro. O método proposto neste recorte da pesquisa “Gestalt-Terapia como clínica de situações contemporâneas” é a análise dos prontuários dos pacientes da equipe de estágio clínico em Gestalt-terapia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, elaborada com base em cinco eixos principais que articulam o nosso olhar para a situação singular dos sujeitos: espacialidade, temporalidade, corporeidade, alteridade e dialogicidade. Dessa forma, procuramos identificar, a partir das experiências vividas pelos sujeitos e aos sintomas apresentados no contexto clínico, elementos envolvidos com as estruturas sócio-históricas que envolvem raça, classe e gênero, bem como suas atuações na produção subjetiva. Os resultados da pesquisa evidenciam o papel das estruturas sociais na produção de subjetividade dos sujeitos no contemporâneo, colaborando para a ampliação do olhar clínico para situações contemporâneas e suas possibilidades.

**Palavras-chave:** Classe. Clínica. Gestalt-terapia. Gênero. Raça.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, MONICA BOTELHO. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- ALVIM, MONICA BOTELHO. .; CASTRO, F.G. (org.). **Clínica de situações contemporâneas:** fenomenologia e interdisciplinaridade. Curitiba: Juruá, 2015.
- PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997. cap.1.

# Lugar de mulher é onde ela quiser?: perspectivas de ser mulher trabalhadas a partir do Projeto Adole-ser em Movimento

Mariana de Lima Braune<sup>109</sup>, Ana Carolina Braga França<sup>110</sup>

## Resumo

A psicologia carrega ainda hoje majoritariamente uma visão dicotômica de mente-corpo, sendo a Gestalt-Terapia uma das poucas abordagens que se baseia em outra perspectiva de se compreender o sujeito. Entendemos que mente e corpo estão integrados, fazendo parte de algo único e indissociável também do mundo, o que, com a noção de ambientalidade proposta no tema do congresso nos coloca numa perspectiva radical de campo. E com este olhar, compreendemos o sujeito como um corpo situado no mundo, que se faz por meio de gestos e movimento. Trabalhar corporeidade é entender os desafios de nos conectarmos com esse corpo esquecido e automatizado. É entendermos que a sociedade tem nos distanciado da nossa própria carne que nos sustenta. É viver em um mundo tão racional e calculista que se esquece de como é ser espontâneo. É ter tantas travas e rótulos de forma que nos tornamos limitados e mortos em vida. É perder a capacidade de se surpreender e maravilhar com as pequenas coisas que o mundo tem a nos oferecer. Trabalhar em 2019 com adolescentes no projeto Adole-ser em Movimento, coordenado por uma professora Gestalt-Terapeuta, evidenciou esse distanciamento do corpo quando, por exemplo, elas traziam para as atividades o funk com letras que racionalmente consideravam pesadas e incômodas, mas, ao mesmo tempo, sentiam vontade no corpo de dançar. Ou mesmo quando uma das adolescentes trouxe em um encontro a seguinte frase “lugar de mulher é onde ela quiser”, mas reproduzia nos desenhos, dramatizações e em seu próprio esquema corporal esse corpo mulher esperado pela sociedade. Tendo um corpo habitual introjetado no qual ser mulher é inseparável de “feminilidade”, as adolescentes apareciam com os cílios impecavelmente longos com o uso de rímel e se mostravam chocadas ao ver mulheres com pêlos crescendo livremente em suas pernas e axilas. A partir desses descentramentos que aconteciam durante as atividades e no diálogo entre elas e com a equipe de estudantes, iam se reconfigurando suas percepções e os incômodos com aquilo que era compreendido como ausência de

---

109 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia na UFRJ (março 2019 - março 2021). Graduada no curso de psicologia pela UFRJ (2010 - 2018). Co-coordenadora do Projeto de Pesquisa e Extensão Adole-ser em Movimento do Instituto de Psicologia da UFRJ coordenado pela professora doutora Mônica Botelho Alvim (2019).

110 Graduada do curso de psicologia pela UFRJ (2015 - 2020). Intercâmbio na Université Lumière Lyon 2 (setembro 2017 - janeiro 2018). Estagiou no Projeto de Pesquisa e Extensão Adole-ser em Movimento do Instituto de Psicologia da UFRJ, coordenado pela professora doutora Mônica Alvim (2019). Participa como aluna de Iniciação Científica do MograbiLab (2019 - 2020).

feminilidade. Dessa forma, novas possibilidades da compreensão de ser mulher surgiam dali. É a partir do encontro com a novidade do outro que se explicita que há diferença, e então posso me refazer como sujeito (ALVIM, 2017). Mas também é a partir das semelhanças com o outro que posso ressignificar sentidos com o encontro. Ao mesmo tempo em que as atividades provocavam mudanças nas formas delas enxergarem o mundo e ampliávamos suas bagagens de vida, conseguíamos nos aproximar pelas identificações que aconteciam. Identificações essas desde gostar de funk, até o cuidado com os cabelos cacheados. Nossos encontros com as adolescentes tinham a preocupação de proporcionar um espaço de escuta e fala, na dialogicidade do método (ALVIM, 2017), em que construímos atividades que se propuseram a acolher suas demandas trazidas. Além de compreendermos as práticas realizadas no projeto como uma clínica ampliada para a situação contemporânea. Ou seja, entendemos o sujeito como um ser situado no mundo, de forma que não é possível compreendê-lo em separado da realidade em que ele se encontra (ALVIM; CASTRO, 2015). De modo que não limitamos esse sujeito ao psicológico, mas sim trabalhamos questões bio-psico-socio-cultural-políticas a fim de ampliar seus horizontes. Neste trabalho, pretendo apresentar essa investigação das formas de ser mulher que surgiram no campo e expor alguns exemplos práticos de como isso foi trabalhado. Tendo o olhar da Fenomenologia de Merleau-Ponty e da Gestalt-Terapia como base para este projeto, irei aqui me debruçar sobre esse universo feminino que compõe o meu mundo e dessas adolescentes também. Entendendo que faço parte desse campo, não poderia deixar de me implicar e ter parte de mim nesta pesquisa. Proponho aqui pensar nessa ditadura estética em que vivemos e as repercussões disso situadas nessas adolescentes com seu modo de ser no mundo exacerbadamente feminino

**Palavras-chave:** Adolescente. Arte. Corporeidade. Estética. Feminismo.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Monica Botelho. **A poética da experiência:** Gestalt-terapia, fenomenologia e arte. **Rio de Janeiro:** Garamond, 2014.
- ALVIM, Monica Botelho. O projeto de extensão expressão e transformação: gestalt-terapia, fenomenologia e arte no trabalho com crianças e jovens. *In:* ALVIM, Monica Botelho. ; MOLAS, A. (org.). **A potência política do corpo:** expressão e transformação: arte e clínica com crianças e jovens na mangueira. Curitiba: CRV, 2017. v. 1.
- ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G. (org.). **Clínica de situações contemporâneas:** fenomenologia e interdisciplinaridade. Curitiba: Juruá, 2015.
- VIANNA, C. S. M. Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito UFPR, Paraná,** v. 64, n. 2, 2019. ISSN: 0104-3315
- WOLF, N. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

# O ritmo e a experiência estética: contribuições da gestalt-terapia e da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty para as práticas da psicologia e da musicoterapia

Bárbara Penteado Cabral<sup>111</sup>

## Resumo

Na presente comunicação oral, a proposta é levantar uma reflexão teórica interdisciplinar que dá continuidade à pesquisa da dissertação de mestrado em psicologia da autora que, enquanto musicoterapeuta e psicóloga, vem tecendo discussões acerca do ritmo e do corpo, em interlocução com a Gestalt-Terapia e a filosofia fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty como referenciais que fundamentam as práticas da Musicoterapia e da Psicologia. O objetivo é avançar na investigação sobre articulações possíveis entre a dimensão do ritmo - como uma categoria estética - e o fundo da experiência gestáltica, considerando a emergência do self como movimento de ajustamento criador, para tanto teremos como referência Gestalt-terapeutas contemporâneos tais como Alvim (2014, 2018), Frank (2018), Robine (2018), entre outros. Para isto, considera-se que os fundadores da Gestalt-Terapia se implicaram profundamente na afirmação experiencial e sensível da abordagem. O método descritivo fenomenológico apresenta notável contribuições para a prática em Psicologia ao passo em que dirige a escuta clínica para *como* a experiência do organismo se forma no mundo. Este foco da terapia envolve a premissa gestáltica de *campo organismo-ambiente*. O campo, ou a situação, compõe o fundo de onde organismo e ambiente emergem como uma totalidade. A arte e sua natureza traz uma íntima relação com os fundamentos da Gestalt-Terapia, chegando a serem pensados como conceitos estéticos por Laura Perls, isto significa que a própria expressão e a formação da forma tem um caráter estético tal como indica Miller (1980). Os critérios estéticos da abordagem, dando ênfase ao âmbito sensível da criação, consideram o fenômeno da corporeidade. Merleau-Ponty é central para concebermos a corporeidade como experiência intencional, sensível e expressiva do corpo que se temporaliza e se espacializa em situação, isto é, como corpo no mundo com o outro. Partimos do pensamento acerca do ritmo como uma configuração da experiência estética que está envolvida com o caráter temporal da música. Nesse sentido, a dimensão estética daquilo que se forma na experiência sonoro-musical em Musicoterapia é tratada no âmbito intersubjetivo que ocorre imediatamente no sensível e está implicada na noção

---

111 Bárbara Penteado Cabral é psicóloga e musicoterapeuta; mestre em psicologia pela UFRJ-CFCH-IP; professora na graduação em psicologia e na pós-graduação em musicoterapia das Faculdades Integradas Maria Thereza-RJ.

de intencionalidade, cuja forma se dá por meio de um coaparecimento que revela sujeito e objeto. Miller (1980) pensa que tanto a arte quanto a terapia trazem uma dimensão de novidade e diferença para a experiência. A hipótese é a de que no movimento de ajustamento criador, pensado na dimensão estética do ritmo como novidade e diferença, uma nova experiência se reorganiza e brota no plano da forma, emergindo originariamente do fundo para totalidade do campo organismo-ambiente. Compreendemos que isso comporta uma dimensão temporal da experiência estética, que, segundo Miller (1980), está diretamente envolvida com a produção de uma transformação daquilo que lhe era familiar, criando uma nova forma que une passado-presente e converge sentidos antes cristalizados para se atualizar em novas possibilidades de ressignificação. Consideramos, portanto, que o ritmo mobiliza o ser e pode mobilizar as barreiras entre os corpos, ação que se direciona ao outro e permite engajamentos intercorporais no espaço e tempo, no aqui e agora. Pretendemos assim, contribuir para o aprofundamento das discussões sobre os critérios estéticos na base da clínica da Gestalt-Terapia, tanto na prática em Psicologia quanto em Musicoterapia.

**Palavras-chave:** Estética. Gestalt-terapia. Merleau-Ponty. Musicoterapia. Psicologia.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, MONICA BOTELHO. O id da situação como fundo comum da experiência. *In:* ROBINE, Jean-Marie (org.). **Self:** uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos. São Paulo: Escuta, 2018. v. 1.

FRANK, R. Self em movimento. *In:* ROBINE, Jean-Marie (org.). **Self:** uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos. São Paulo: Escuta, 2018. v. 1.

MILLER, M.V. Notes on art and symptoms. **The Gestalt Journal**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 86-98, Spring, 1980.

ROBINE, Jean-Marie. O Self, artista do contato. *In:* ROBINE, Jean-Marie. (org.). **Self:** uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos. São Paulo: Escuta, 2018. v. 1.

# Gestalt-terapia e espiritualidade: uma análise sobre a dimensão espiritual do vínculo e da relação terapêutica no processo psicoterápico

*Leônia Maria Santiago Cavalcante<sup>112</sup>*

## Resumo

A sociedade atual está se tornando cada vez mais consumista, materialista e individualista, desenvolvendo atitudes de total descaso com a coletividade e priorizando a produção exacerbada e a competição, enquanto não demonstra preocupação alguma com a Terra. Desta forma, coloca em risco a sustentabilidade do planeta e as relações humanas. A Gestalt Terapia procura romper com o aspecto desumanizante da sociedade moderna, que enfatiza o individual e o isolamento, assumindo cada vez mais uma abordagem psicoterapêutica de base dialógica que considera o relacional e o inter-humano. Lucca (2012) diz ser necessário resgatar a visão global e o crescimento humano-espiritual, fazendo dialogar entre si todas as dimensões da existência humana: a intrapsíquica, a interpessoal e a transpessoal. Hycner (1995) defende a importância da dimensão transpessoal em psicoterapia referindo-se ao sagrado, incorporando o aspecto espiritual e a perfeita interdependência campo-organismo-meio. Segundo Ribeiro (2009), é preciso pensar a relação pessoa/ mundo como uma unidade de sentido, uma totalidade organizada (animalidade, racionalidade, ambientalidade). Nesta perspectiva Cardella (2002) reforça a atitude terapêutica voltada ao aspecto relacional da existência humana que se constrói consigo, com o outro e com o ambiente. Insere-se nesse contexto o existencialismo dialógico de Buber, quando a Gestalt Terapia enfatiza a relação terapêutica através do encontro “entre” terapeuta e cliente, reforçando a importância dessa filosofia. Somente esse encontro no setting terapêutico permite o verdadeiro contato, quando o “ser terapeuta” encontra o cliente no processo. No caso, aquele se torna a principal ferramenta de trabalho, cabendo a ele construir um campo onde aconteça uma relação dialógica genuína com o seu cliente, criando um espaço de transformação e cura intersubjetiva. Este artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre como a Gestalt Terapia e sua dimensão espiritual podem favorecer a experiência de contato e vínculo entre terapeuta e cliente. Assim, propõe-se a responder o seguinte questionamento: como a dimensão espiritual da Gestalt Terapia pode se tornar um meio para facilitar a construção do vínculo entre psicoterapeuta e cliente, determinando uma relação terapêutica mais dialógica e curativa? Faz um estudo teórico sobre o compromisso da Gestalt Terapia com a dimensão espiritual da existência

---

112 Graduada em Psicologia pela UFC (Universidade Federal do Ceará) Mestre em Administração de RH pela UFC. Psicóloga clínica concluindo em agosto /2020 a formação em Gestalt Terapia no Centro Gestáltico de Fortaleza.

humana, realizando a seguir uma reflexão sobre as atitudes necessárias ao terapeuta que fortalecem a relação terapêutica através da integração da dimensão espiritual em sua prática clínica. Sobre espiritualidade/religiosidade, a experiência gestáltica foca na natureza ecológica e holística, condição humana que conduz ao encontro pessoa-outro-mundo através da contemplação, transcendência, contato e totalidade plena. Essa perspectiva determina, por parte do terapeuta gestáltico, posturas indispensáveis ao processo dialógico para um contato pleno e para uma relação terapêutica “Eu-Tu” consigo mesmo, com o outro e com o universo. Fato é que a mudança holística na forma de ver o homem integra a psicoterapia à espiritualidade, à visão humanista fenomenológica existencial, ao existencialismo dialógico e ao pensamento oriental. A ênfase no contato pleno e na relação dialógica entre as duas partes (terapeuta-cliente) é, portanto, um fator de eficácia do processo psicoterápico. Por conseguinte, conclui que a dimensão da espiritualidade do terapeuta gestáltico é essencial para a relação e vínculo terapêuticos, muito mais que técnicas e experimentos; com a espiritualidade o vínculo transforma-se em uma forte aliança terapêutica.

**Palavras-chave:** Cliente. Espiritualidade. Relação. Terapeuta. Vínculo.

## REFERÊNCIAS

- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **A construção do psicoterapeuta:** uma abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2002.
- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa:** psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.
- LUCCA, Fernando J. **A estrutura da transformação:** teoria, vivência e atitude em gestalt-terapia á luz da sabedoria organísmica. São Paulo: Summus, 2012.
- RIBEIRO JORGE P. **Holismo, ecologia e espiritualidade.** Caminhos de uma gestalt plena. São Paulo: Summus, 2009.

# Gestalt-terapia e contemporaneidade: como fazer uma gestalt atual em um contexto de retrocessos?

Mariana Cella<sup>113</sup>

## Resumo

As reflexões acerca da evolução da Gestalt-terapia têm extensamente se debruçado sobre a busca por reafirmar seu fortalecimento nas arenas de produção científica da Psicologia. Sobre este pensamento, consideramos ser de fundamental importância, o avanço do debate sobre os aspectos sociais que compõem a vida do ser na contemporaneidade, para que, na tentativa de alcançar visibilidade e legitimação, não seja proposta uma prática ortopédica que atenda, precisamente, ao modelo estritamente biomédico e cartesiano, que ainda se coloca como hegemonia na produção de conhecimento na ciência mundial. A forma como a sociedade atual se organiza, centra-se no *ethos* do capital, baseado em uma lógica mercantil, que produz relações reificadas, e traz, como consequência, grandes perdas de capital social, que é, segundo Franco (2001), a expressão de virtudes sociais na coletividade humana, sendo a profunda consideração da vida em sociedade, e do outro como parte criadora desta vida. Vivemos em uma sociedade que tem se desenvolvido economicamente, em detrimento de inteiras classes de humanos. É fundamento e produto desta organização social, o fenômeno da pauperização que, como descrito por Paulo Netto (2011), diz de um crescimento econômico que não se traduz na melhora de condição de vida da população. Remetemo-nos, aqui, a um fenômeno que se tem aprofundado no contexto contemporâneo brasileiro, que vive um recorde histórico de aumento dos índices de desigualdade, segundo apontam os dados publicados por Neri (2019). Como retrata Yamamoto e Oliveira (2010), durante muito tempo os direitos sociais não fizeram parte do espectro de atuação do psicólogo, que se debruçava exclusivamente sobre os aspectos considerados “intrap síquicos” dos sujeitos, e, com isso, fazendo uma gestão do sofrimento e, quando com muito sucesso, promovendo bem-estar, mesmo que em meio a condições de vida insustentáveis. Já o *ethos* da Gestalt-terapia, é a morada do humanismo, do existencialismo, do ser livre, potente e socioambiental, que considera a ambientalidade, tal como proposta por Ribeiro (2011), enquanto dimensão existencial do humano. Assim, o fundamento gestáltico, não nos permite fragmentar o ser, na tentativa de observar e intervir em aspectos considerados internos e individuais, uma vez

---

113 Psicóloga (UFRN). Mestre em Psicologia (PPGpsi - UFRN). Sócia fundadora, professora formadora, supervisora e diretora do Grupo de Gestalt-Terapia de Natal (GESTALTEN). Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). Psicóloga clínica atuando com adolescentes, adultos e idosos. Rua Nélio Tavares, nº1719, CEP: 59056-590, Natal/RN. Tel.: (84)99116-6997. E-mail: mariana.cella@gmail.com.

que não comporta a ideia de que é possível alcançar uma dimensão, puramente, interna do fenômeno humano. A partir do resgate das origens históricas e dos fundamentos da abordagem gestáltica, é possível afirmar que: a visão da Gestalt-terapia é, por definição filosófica, comprometida socialmente. Diante das mudanças no contexto social, em especial do acirramento dos desdobramentos da questão social, é necessário que tal compromisso se traduza na prática do Gestalt-terapeuta. Para tanto, é premente a atualização das discussões da abordagem, proporcionando o avanço da produção de conhecimentos e práticas em seu escopo, abarcando a expansão de acesso a serviços psicológicos e a ampliação da dimensão política de atuação. O momento atual traz novos desafios à Gestalt-terapia, no sentido de manter-se coerente com seus fundamentos e compromissos ético-sociais. Vivemos uma onda conservadora, que se expressa em um momento hiperautoritário, no qual se fragmenta a noção de coletividade, e se impõe a moralização da questão social. Vemos o aprofundamento de violências simbólicas e materiais, voltadas a grupos que já estão, historicamente, marginalizados. Nesse momento histórico, os discursos de ódio, discriminação, segregação e opressão, ganham um espaço de emergência e se apresentam como uma via de desenvolvimento para a história. A Gestalt-terapia, assim, deve assumir a responsabilidade de não legitimar a referida via, e sim, de se constituir como um escudo humanista, que protege a humanidade em cada ser humano e na sua coletividade. A Gestalt-terapia deve manter-se e ajustar-se sempre afirmando a liberdade, a consciência e a defesa do humano como o rumo da história.

**Palavras-chave:** Ambientalidade. Contemporaneidade. Gestalt-terapia. Social.

## REFERÊNCIAS

FRANCO, Augusto. **Capital social**. Brasília: Millennium, 2001.

NERI, Marcelo C. A escalada da desigualdade: qual foi o impacto da crise sobre a distribuição de renda e a pobreza?. **FGV Social**, Rio de Janeiro, ago. 2019. Disponível em: <https://cps.fgv.br/desigualdade>. Acesso em: 8 nov. 2019.

PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo o caminho**. São Paulo: Summus, 1985.

YAMAMOTO, O. H.; OLIVEIRA, I. F. Política social e psicologia: uma trajetória de 25 anos. **Psicologia: teoria e pesquisa** (UnB. Impresso), Brasília, v. 26, p. 9-24, 2010.

# Segredos influenciando contatos: diferenciando segredos que dão suporte ao crescimento daqueles que o limitam

Adriano Barreto Cysneiros<sup>114</sup>

## Resumo

Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997), o contato é a realidade mais simples e primeira. Ainda segundo os mesmos autores, o contato é *awareness* da novidade assimilável e comportamento com relação a ela, e rejeição da novidade não assimilável. Muitos fatores podem influenciar a percepção orgânica acerca do que é ou não assimilável. Um segredo é uma delas. Segundo Imber-Black (1998), segredos constituem uma complicada teia que envolve família, história social, relações passadas e presentes, emoções poderosas, crenças arraigadas e um futuro imaginado. Segredos têm considerável impacto sobre o desenvolvimento daqueles que os carregam bem como sobre àqueles de quem é mantido. Segredos edificam e destroem, unem e separam. Segredos não são mentiras. Intimidade não é segredo. Segredos acompanham a humanidade desde o seu início e trazem em torno de si uma aura que remete ao poder e também à vergonha. Segredos podem esconder ou proteger. Abrir um segredo pode ser libertador ou aprisionante. Um segredo, escondido ou revelado, tem o poder de moldar o modo como um sujeito experimenta a sua realidade, ele pode contribuir para o esvaziamento/redução da camada de fantasia ou por sua expansão, ampliando ou reduzindo a percepção de liberdade. Dividimos, então, os segredos em três categorias: 1) os doces, que têm por característica principal o curto espaço de tempo em que se mantém; 2) os essenciais, são segredos duradouros que têm um papel importante na constituição da identidade do sujeito; e 3) os perigosos, que têm por principal característica os efeitos deletérios sobre a função personalidade e a diminuição ou cessação dos movimentos de crescimento do sujeito, o qual passa a operar principal ou exclusivamente no modo de sobrevivência. No processo de socialização aprendemos quem somos, e o nosso lugar no mundo, aprendemos o que devemos ou não, podemos ou não fazer. Enfim, aprendemos as normas que regem a vida no grupo social no qual estamos inseridos e aprendemos, também, acerca de suas sanções, que faces ou fragmentos de nós mesmos são apreciados nos espaços que transitamos e quais não podem ou não deverão jamais ser mostrados. Parte de nós tem acesso à dimensão da linguagem. Outra parte vive recolhida na dimensão dos afetos. Entre uma camada e outra está a zona intermediária da fantasia, segundo Perls (1977). Enquanto os segredos essenciais ajudam a conduzir o sujeito pela camada de fantasia até o contato consigo mesmo e com o mundo, os segredos perigosos preenchem esse

---

114 Psicólogo clínico; Mestre em Cultura e Sociedade pela UFBA; Especialista em Psicologia Clínica pelo CEGEST-Brasília; graduado pela UFRN.

caminho com obstáculos quase intransponíveis. Esta realidade, contudo, não é estática. É possível que um segredo perigoso se transforme ou se dilua num essencial, e segredos essenciais podem, mediante algum esforço, passar a compor a intimidade do sujeito, e não mais serem carregados como segredos. O objetivo dessa exposição é, considerando o processo terapêutico na Gestalt-terapia, se debruçar sobre o tema dos segredos e possíveis caminhos e obstáculos no curso de processos terapêuticos que trazem em seu cerne segredos perigosos. Visa-se, aqui, pontuar necessidades que estão em jogo quando dá constituição de um espaço mais amplo e libertário de intimidade, entendendo esta última como o espaço em que “nasce” a comunidade como espaço de acolhimento de si e do outro no sujeito, a comunidade que deixa de ser somente o espaço das regras e passa a ser o espaço do abrigo: o que considero de mais precioso em mim se abre para receber o outro e ocuparmos esse espaço de modo intermitente.

**Palavras-chave:** Contato. Crescimento. Segredo.

## REFERÊNCIAS

CYSNEIROS, A. B. **Awareness em sessenta anos de gestalt-terapia:** a trajetória de um conceito. 2011. 74fls. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica na Abordagem Gestáltica) - Centro de Estudos em Gestalt-terapia de Brasília, Brasília, 2011.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade 1:** a vontade e saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

IMBER-BLACK, E. **The secret live of families.** Nova York: Bantam, 1998.

PERLS, Frederick S. **Gestalt-terapia explicada.** 10. ed. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-therapy:** excitement and growth in the human personality. Highland: The Gestalt Journal, 1994.

# Violência sutil e awareness: a importância da emergência de espaços queer na integração do sujeito

Adriano Barreto Cysneiros<sup>115</sup>

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo o aprimoramento da compreensão acerca do fenômeno da violência social no âmbito molecular (“interno” ao sujeito). Desmistificando o fenômeno da violência como algo necessariamente mau, parte-se do conceito de violência originária ou inaugural de Judith Butler (1997) abordado em sua obra *The Psychic Life of Power*, mostrando como um determinado coeficiente de violência é necessário para a estruturação da sociedade e, igualmente, da psique. O efeito colateral desse uso da violência, contudo, é o surgimento de uma dupla valência do sujeito – tanto aquele que age, quanto o que se sujeita. A sujeição à norma é a condição da ação no campo social. Objetiva-se, aqui, fazer um diálogo entre Butler e a obra *Gestalt Terapia* (1951) quando cunha o conceito de “segunda natureza”. Segundo Pers, Hefferline e Goodman (1994), qualquer hábito não contatado é uma “segunda natureza”; fazendo parte do corpo, e não do self. O indivíduo divorcia-se do seu corpo, que passa a ser uma sede, uma posse, deixando de ser reconhecido como si mesmo. O indivíduo segue confuso, dividido, insensível, perdendo contato com a realidade à medida que perde contato consigo – uma vez que a realidade não é externa ao indivíduo. Os hábitos não contatados podem tornar-se segunda natureza em razão de sua pressão ou ‘tentativa’ para substituir o fluir natural dos processos seguintes, que passam a ser embarreirados, obstaculizados pelo hábito (CYSNEIROS, 2011, p. 21). Rompe-se com a própria inteireza a fim de se garantir a sobrevivência. É o intento dessa exposição provocar uma reflexão acerca da produção de subjetividades que tem horror a si mesmas, que, num triunfo da norma, percebem a si mesmas como um outro a ser dominado ou aniquilado, que constantemente põe em risco a si mesmo e o social, levando a uma manutenção permanente da vivência do jogo *top dog x under dog*, da qual Fritz (1977) trata no *Gestalt Terapia Explicada*. Para além do formato mínimo da violência estruturante, toda violência é potencialmente desestruturante. O que parece importante ser notado é que toda violência visível que testemunhamos no âmbito social é o desabrochar de uma violência mais sutil, que lhe é anterior e condição para seu surgimento. Segundo Arun Gandhi, em prefácio escrito para Rosenberg (2003), é a violência sutil, oculta, que alimenta o fogo da violência física, sendo porque não entendemos isto que todos os esforços para a paz não frutificam ou perduram. O combate à violência como fenômeno explícito (verbal, material e física) deixa

---

115 Psicólogo Clínico, Mestre em Cultura e Sociedade pela UFBA, Especialista em Psicologia Clínica na abordagem gestáltica pelo CEGEST-Brasília, graduado pela UFRN.

intactos os rizomas dessas práticas para que rebrotem logo adiante. Pensar a violência em sua perspectiva sutil, bem como os seus efeitos sobre a *awareness* do sujeito, nos fornece margem para pensar também a importância de espaços de experimentação de si, como aqueles em que a teoria gestáltica prosperou nas décadas de 1960 a 1990, e cujos traços podem ser reconhecidos em seus herdeiros, os espaços *queer*. Um espaço *queer* é um no qual o sujeito pode experimentar a si no estranhamento às normas sociais, agindo por uma lógica que difere da normativa, experimentando-se como outro até que sua experimentação esteja madura o suficiente para ganhar o mundo e, conseqüentemente, transformá-lo.

**Palavras-chave:** *Awareness*. Violência invisível. Violência sutil.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **The psychic life of power: theories in subjection**. Stanford: Stanford University, 2007.

CYSNEIROS, A. B. **Awareness em sessenta anos de gestalt-terapia: a trajetória de um conceito**. 2011. 74fls. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica na Abordagem Gestáltica) - Centro de Estudos em Gestalt-terapia de Brasília, Brasília, 2011.

PERLS, Frederick S. **Gestalt-terapia explicada**. 10. ed. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-therapy: excitement and growth in the human personality**. Highland: The Gestalt Journal, 1994.

ROSENBERG, Marshall B. **Nonviolent Communication: a language of live**. Encinitas: PuddleDancer, 2003.

# A abordagem gestáltica e a clínica ampliada no CRAS: um relato de experiência com grupo de mulheres

*Sofia Gláucia Gonçalves Dedini<sup>116</sup>, Rafael Renato Dos Santos<sup>117</sup>*

## Resumo

Este relato refere-se a uma experiência de estágio realizado no período de setembro a dezembro de 2019 com um grupo de 10 mulheres em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), na cidade de Taubaté/SP, como exigência para a finalização do curso de especialização “Gestalt-Terapia – Abordagem Clínica e Institucional” da Universidade Cruzeiro do Sul. O objetivo do trabalho foi desenvolver os aspectos socioemocionais das participantes, abrangendo algumas aquisições de ordem psicossocial e afetiva do PAIF (Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família), proporcionando um espaço de escuta, diálogo, reflexão, formação e fortalecimento dos laços comunitários. Foram realizados 6 encontros, ao longo dos quais foi proposto o trabalho com processos circulares. Como fundamentação teórica, além do material de processos circulares, foi utilizado o embasamento teórico da Gestalt-Terapia, principalmente no que tange à sua proposta de clínica ampliada e clínica de situações contemporâneas. Os encontros foram compostos por seis momentos: cerimônia de abertura, rodada de acolhimento, compartilhar histórias, temática central do círculo, plano de ação e cerimônia de encerramento, tendo cada encontro um objetivo, todos aliados à proposta central do trabalho. Durante o processo, as mulheres foram se sentindo pertencentes ao grupo, podendo compartilhar suas histórias. Observou-se que esta experiência trouxe benefícios, promovendo a convivência, a conscientização sobre aspectos alienados de suas vidas, o desenvolvimento da autoestima, da empatia e do senso de comunidade. Estes resultados vão ao encontro da proposta da clínica ampliada e do método da Gestalt-Terapia, o qual tem como ética, proporcionar um lugar de acolhimento, de vivência da autenticidade, de pertencimento e aceitação das diferenças, sem julgamentos. Desenvolver o Serviço de

---

116 Possui graduação em Administração de Empresas (2005) e graduação em Psicologia (2011) pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Tem especialização em Terapia Familiar e de Casal pela Universidade de Taubaté - UNITAU (2017) e em Gestalt-Terapia - Abordagem Clínica e Institucional pela Universidade Cruzeiro do Sul - SP (UNICSUL/2020). Atualmente é psicóloga no Centro de Referência de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Taubaté/SP (CRAS) e psicóloga clínica em consultório particular.

117 Magistério pelo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM/2005). Graduação em Psicologia pela UNIMAR (2005). Tem formação e aprofundamento em Gestalt-terapia pelo DASEIN (Marília/SP/2011). Foi psicólogo na Fundação CASA e tutor de Curso EaD (Unesp - Botucatu/SP). Atualmente cursa Mestrado em Estudos da Condição Humana pela UFSCAR. É psicólogo no CREAS da cidade de Itapetininga/SP, onde atua com medidas socioeducativas em meio aberto. Também atua em clínica particular.

Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) é desenvolver um lugar para promover encontros reais, mobilizadores da criatividade, dos afetos, emoções, sensações e sentimentos. Assim, o PAIF precisa oferecer um auxílio que transcenda à dimensão financeira, já que a desigualdade social no Brasil também produz sofrimento. Ao analisar a relação entre subjetividade e desigualdade social, Sawaia (2009) destaca os afetos e a imaginação como duas dimensões da subjetividade, defendendo a ideia de que trabalhar com esses elementos é uma ação política emancipadora. Para a autora, a exclusão social e a negação das necessidades básicas produzem o que ela chamou de sofrimento ético-político, o qual se mostra no corpo, pela dificuldade das pessoas expressarem seus desejos, pela perda de contato com as próprias identidades. Por isso, proporcionar espaços de atividade social compartilhada é apostar na transformação da realidade e ampliação dos horizontes existenciais (HOEPNER, 2011). Nesse sentido, Alvim (2015) afirma que a possibilidade do exercício da alteridade, de viver a diferença e obter a confirmação do outro está nos espaços coletivos. Esta ideia está na contra mão da sociedade contemporânea, a qual, segundo a autora, está articulada a mecanismos de controle que promovem a desarticulação do coletivo e o individualismo. Assim, torna-se fundamental repensar metodologias mais específicas de trabalhos nos CRAS para o desenvolvimento de grupos de PAIF, uma metodologia que trabalhe ao mesmo tempo com a coletividade e a individualidade e que compreenda os sofrimentos como fenômenos que se fazem na situação, envolvendo as dimensões sociais, históricas, políticas e econômicas (ALVIM; CASTRO, 2015). Nesses tempos em que o individualismo e a superficialidade nas relações humanas ganham proporções cada vez maiores, percebe-se a necessidade urgente de relacionamentos mais afetuosos e nutritivos. Faz-se necessário um olhar para o trabalho com as coletividades, para espaços de co-pertencimento, onde haja solidariedade e respeito às diferenças, tão necessárias ao desenvolvimento do potencial humano e à sua preservação.

**Palavras-chave:** Clínica ampliada. Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Gestalt-terapia. Grupo de mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Monica Botelho. Corporeidade e trabalho: o corpo-tempo que faz e se faz mundo. *In: ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G (org.). Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade. Paraná: Juruá Editora. 2015. p. 51-72.*
- ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G. O que define uma clínica de situações contemporâneas? Apontamentos a partir de J. P. Sartre e M. Merleau-Ponty. *In: ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G (org.). Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade. Paraná: Juruá Editora. 2015. p. 15-47.*
- HOEPNER, A. M. S. A clínica do sofrimento ético político como uma proposta de intervenção para a clínica ampliada na atenção básica do Sistema Único de Saúde – SUS. **Revista de Gestalt**, São Paulo, ano 16, v. 16, 2011.
- SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, dez. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822009000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 6 jan. 2020.

# O corpo e seus sentidos: explorando a sensopercepção através dos cinco sentidos

Ana Carolina Fernandes<sup>118</sup>, Maria Cristina Reis<sup>119</sup>

## Resumo

Pensando no contato como conceito central no corpo teórico da Gestalt-terapia, este workshop tem como objetivo explorar o autoconhecimento a partir da focalização no corpo e em suas sensações. A proposta é viver experimentos que auxiliem a despertar o sensorial para ampliar o contato consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Isto se justifica porque, segundo Ribeiro, para que haja um contato real entre duas pessoas, é necessário que antes a pessoa perceba a sua singularidade no universo, que consiga se perceber no aqui e agora, em sua totalidade, com a consciência de sua própria realidade e da do outro, encontrando assim, nesse contato, uma plenitude que possibilita a verdadeira mudança de vida. O corpo teórico que embasa a proposta vem da própria Gestalt-terapia que, desde seu surgimento, segundo Ginger e Ginger, tem se voltado mais pelo “como” do que pelo “porque” das coisas e dos comportamentos e, nesta lógica, visando mais observar e descrever os fenômenos com uma visão sem preconceitos, do que de tentar compreendê-los ou interpretá-los. Para tal, o workshop busca estimular o contato do indivíduo com os fenômenos presentes em si mesmo durante seu contato com o mundo sensorial. Neste sentido, práticas e filosofias orientais, fontes de onde a Gestalt-terapia muito bebeu em sua construção e que hoje tem uma vertente muito disseminada pelo mundo ocidental através do *Mindfulness*, também compõem nossas ferramentas de trabalho. Kabat-Zinn, quem sistematizou estas práticas e dinâmicas no corpo de programas de oito semanas, teve como finalidade de auxiliar o indivíduo a ampliar sua *awareness* de momento a momento, à medida que as coisas se desenrolem na própria consciência, sem julgamentos. Outra fonte muito preciosa da qual nos servimos para o desenvolvimento deste workshop foram as práticas de “rastreamento” das sensações corporais e das emoções, conforme ensinado por Levine, que enxerga toda a experiência humana como algo encarnado, isto é, algo que é vivido no corpo e a partir do

---

118 Psicóloga Clínica – UniCEUB Brasília/DF(2010)Especialista em Psicologia Clínica, experiência com atendimento individual, de casal e de grupo pelo Instituto de Gestalt Terapia de Brasília(2015). Formação em Experiência Somática® concluída (2020). Realizando Formação em Soma Embodiment. Atua com transtorno de stress pós-traumático. Realiza atendimento Psicoterápico individual com adulto, idoso e participa de círculos que trabalham com sagrado feminino.

119 Encontro Terapêutico – Psicologia e Terapias Integradas Ltda. E-mail: crisreis.psi@gmail.com Psicóloga Clínica – UniCEUB (2005); Socióloga – UnB (1990).Gestalt Terapia- Cegest (2006); CTC Veda (2017).EMDR® (2008);Experiência Somática (Somatic Experincing®) ;Brainspotting®;Instrutora do Programa Mindfulness para a Promoção de Saúde - MBHP – Instituto Mente Aberta / UNIFESP ;Instrutora Programa Terapia Cognitiva Baseada em Mindfulness – MBCT – Oxford Mindfulness Centre / University of Oxford.

corpo. Caminhando nesta direção, a intenção é auxiliar a ampliação das repercussões das experiências que o corpo experimenta e que, devido à nossa cultura ocidental, acabamos por perder, uma vez que nos deixamos levar por excesso de valores, pré-julgamentos e racionalizações, perdendo assim o contato com a nossa sensopercepção. A ideia é resgatar a percepção do funcionamento do ser em sua totalidade, integrando sua animalidade, racionalidade e ambientalidade. Com isso fortalecendo o eu, recuperando a orientação espacial com exercícios de orientação e devolvendo ao cliente sua autonomia pois, só assim, cada pessoa poderá lidar melhor com suas sensações e com os fenômenos percebidos em seu corpo. Essa é uma compreensão muito em consonância com a Gestalt-terapia: perceber o fenômeno, buscar junto ao cliente ampliar a sensopercepção no intuito de que a própria sabedoria organísmica comunique suas necessidades e, na medida em que amplia sua autopercepção, ele pode descobrir e compreender o que está no fundo e que desencadeia seus sintomas. A partir daí, ganhando mais espaço na sensopercepção o cliente passará a ter mais capacidade de auto regulação organísmica e assim buscar ajustamentos criativos e promover saúde. Este workshop se constituirá de seis experimentos, que sensibilizem a percepção dos cinco sentidos (audição, visão, olfato, paladar e tato) através do rastreamento das sensações e de sensopercepção da ambientalidade que, neste caso, será realizado uma experiência da orientação espacial. O grupo poderá ter até 20 pessoas, de preferência com tapetinhos ou colchonetes para cada um dos participantes (podemos conseguir este material). A sala deve ser ampla para comportar com conforto estas pessoas. Nesta impossibilidade, também pode ser feito em cadeiras “sem braço”.

**Palavras-chave:** Ambientalidade. *Awareness*. Contato. Sensopercepção. Sentidos.

## REFERÊNCIAS

GENDLIN, Eugene T. **Focalização:** uma vida de acesso à sabedoria corporal. São Paulo: Gaia, 2006.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt:** uma terapia do contato. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

KABAT-ZINN, Jon. **Viver a catástrofe total:** como utilizar a sabedoria do corpo e da mente para enfrentar o estresse, a dor e a doença. São Paulo: Palas Athena, 2017.

LEVINE, Peter A. **In an unspoken voice:** how the body releases trauma and restores goodness. CA: North Atlantic Books, 2010.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato:** temas básicos na abordagem gestáltica. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

# Gênero e saúde mental: um relato de experiência sob a perspectiva fenomenológica

*Débora de Alencar Figueiredo<sup>120</sup>*

## Resumo

O enfoque antimanicomial no Brasil atualmente preza, entre outras, pelas diretrizes da psiquiatria democrática italiana, que possui como referência Franco Rotelli (AMARANTE, 1998). Sua principal contribuição refere-se à mudança da instituição que se deseja pôr fim nas reivindicações da reforma psiquiátrica. Não se trata apenas de fechar os manicômios, é preciso que a doença, enquanto objeto fictício separado da existência global da pessoa e da sua relação com o corpo social, ceda o lugar de protagonista para as pessoas a serem cuidadas (ROTELLI, 1999). Entre as influências filosóficas que embasam a Psiquiatria Democrática Italiana está a Fenomenologia e o existencialismo, o que garante que se fale de um ser humano inseparável de seu mundo exterior e seu caráter relacional (SPORH; SCHNEIDER, 2009). Nesse sentido, é possível elencar e analisar marcadores dessa relação eu-mundo, por exemplo a identidade de gênero, tema abordado nesse trabalho. Alcoff (2005) defende, com base nos estudos de Merleau-Ponty, que a identidade social de gênero é relacional, contextual e fundamental para o self, implicando na forma como o mundo será habitado e experienciado. Ao observar em minha prática profissional a recorrência de histórias, sintomas e significados diante da vida tão parecidos entre mulheres em estado de sofrimento grave, surgiu o problema deste trabalho: o que, no processo de ser mulher na sociedade em que vivemos, se relaciona de forma tão íntima com os estados de sofrimento em que chegam nos serviços de saúde mental? Para isso, tem-se como objetivo geral relatar minha experiência de pós-graduação durante a realização de Residência Multiprofissional em Saúde Mental do Adulto. Os objetivos específicos são: (a) evidenciar elementos disponíveis na cultura que fazem parte da constituição subjetiva das mulheres atendidas nos diferentes serviços e se mostram como fator de risco para o sofrimento grave; (b) discutir a relação do sofrimento com os sintomas apresentados e suas repercussões nos serviços; e (c) contribuir teoricamente com o campo da fenomenologia feminista. O programa de residência teve a duração de dois anos e é vinculado à Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Nesse período trabalhei em um hospital psiquiátrico público, um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Álcool e Drogas e um CAPS Geral. Em todos os serviços, entre outras atividades, conduzi grupos de mulheres e realizei atendimentos individuais. Considerando minha formação prévia à residência na Abordagem Gestáltica, utilizava a redução fenomenológica como forma de buscar revelar os significados das realidades das pessoas que acompanhava. Desde o

---

120 Psicóloga pelo UniCEUB; Formada em Psicologia Clínica na Abordagem Gestáltica pelo Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília; Especialista em Saúde Mental do Adulto pela Escola Superior de Ciência da Saúde em convênio com a Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

início da residência, fazia diários de campo que continham os produtos dessas reduções fenomenológicas, pontos mais relevantes de reuniões de equipe e formulações dos casos que estava atendendo. Essas informações possibilitaram a criação de três categorias de resultados ao fim da residência. A primeira categoria é relativa à culpa, sensação que permeava o sofrimento grave das mulheres que atendia e se mostrava relacionada ao papel de mãe, aos cuidados com a casa e à sexualidade. A segunda categoria refere-se ao que chamei de Não Lugar da Mulher, em que problematizo a confluência com os filhos e a necessidade extrema de validação em relacionamentos abusivos como barreiras para a apropriação de suas potencialidades. Nessas duas categorias foi possível notar nuances desses fenômenos nos diferentes serviços relativos ao contexto da internação psiquiátrica, do uso abusivo de substâncias psicoativas e do sofrimento grave. Por fim, as violências compuseram a última categoria de resultados possibilitando a discussão do corpo dito feminino pouco apropriado da sexualidade e da agressividade em situações de naturalização das violências que sofriam. Foi possível analisar fenomenologicamente a forma de estar no mundo marcada pelo gênero e sua repercussão na saúde mental das mulheres, assim como resgatar possibilidades de transformações.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Gênero. Saúde mental.

## REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda Martin. **Visible identities:** race, gender, and the self. Oxford: Oxford University Press, 2005.

AMARANTE, Paulo. **Loucos pela vida:** a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

ROTELLI, Franco A instituição inventada. *In:* ROTELLI, Franco; LEONARDIS, Ota de; MAURI, Diana. **Desinstitucionalização.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 89-99.

SPORH, Bianca; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Bases epistemológicas da antipsiquiatria: a influência do Existencialismo de Sartre. **Revista da Abordagem Gestáltica [Online]:** Phenomenological Studies, v. 15, n. 2, p. 115-125, jul. dez. 2009. ISSN 1809-6867. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v15n2/v15n2a07.pdf>.

# Relato de intervenção de um projeto de extensão em acolhimento de grupos minoritários sociais entrando em contato com o machismo, o racismo e as experiências coletivas

Marcela Fernandes Fulgêncio<sup>121</sup>, Andrea dos Santos Nascimento<sup>122</sup>,  
Fábio Nogueira Pereira<sup>123</sup>, Maiara da Silva<sup>124</sup>

## Resumo

A Psicologia, enquanto ciência e profissão tem o compromisso de romper com todo e qualquer paradigma de exclusão ou patologização de pessoas e grupos sociais, promovendo o reconhecimento desses sujeitos de direitos. Alinhada a esse princípio, a Gestalt-Terapia é uma abordagem psicológica que possibilita o exercício e o reconhecimento da alteridade, em um processo empático de acolhimento, compreensão e ação transformadora. Com a identificação do aumento de sofrimento psíquico envolvendo situações de machismo, racismo e homofobia no momento sócio histórico atual, a abordagem gestáltica contribui como importante ferramenta para resgate e reforço da priorização do respeito à vivência do cliente, acolhendo as demandas apresentadas e trazendo-o para o protagonismo de sua história por meio de uma postura fenomenológica. A terapia em grupo pode ser um desafio, e oportunidade de crescimento, tanto para terapeuta como para clientes. A configuração e a dinâmica dos grupos criam contextos impossíveis em uma relação restrita do um a um. Mesmo que a terapia gestáltica tenha focado por muito tempo na noção de *hot seat* por influência de Fritz Perls e seus workshops, hoje sabe-se que existem outras orientações de manejo. Prezando-se, por exemplo, por uma clínica voltada para a recriação de sentidos, inclusive no âmbito social, uma proposta que ultrapassa o manejo

---

121 Graduada em Psicologia, Ufes. Facilitadora do subgrupo LGBTI+ do Projeto de Extensão “Gestalt-Terapia, escuta e acolhimento psicológico de grupos”. Contato: marcelafernandesfo@gmail.com.

122 Profa Dpto Psicologia, UFES. Coordenadora o Projeto de Extensão “Gestalt-Terapia, escuta e acolhimento psicológico de grupos” para três grupos distintos: a) Mulheres em situação de violência; b) LGBTI’s e c) Juventude Negra. Orienta 02 Iniciações Científicas, uma sobre Psicologia do Esporte e Abordagem Gestáltica e outra sobre autoestima de crianças negras. Oferece supervisão clínica em Gestalt-terapia desde 2017 para alunas(os) finalistas do Curso de Psicologia. Contato: andreas@gmail.com.

123 Psicólogo formado pela PUC Minas, doutor em Psicologia pela UFES, Gestalt-terapeuta formado pelo Instituto Sedes Sapientiae. Possui pesquisas publicadas em forma de capítulos de livros e artigos sobre carreira, educação, relacionamentos interpessoais e psicologia clínica em publicações brasileiras e internacionais. Atua como psicoterapeuta, pesquisador, professor universitário e palestrante. É diretor clínico e científico do Instituto SATI. Contato: contato@satiinstituto.com.br.

124 Graduada em Psicologia, Ufes. Facilitadora do subgrupo Juventude Negra do Projeto de Extensão “Gestalt-Terapia, escuta e acolhimento psicológico de grupos”. Contato: maisilvar@gmail.com.

clínico individualizado. A partir da apresentação dos trabalhos realizados e resultados obtidos pelo Projeto de Extensão em Gestalt-Terapia na Universidade Federal do Espírito Santo no período de 2017 a 2020, objetiva-se promover um debate que tenha como subtemas os três campos de atuação do projeto, sendo eles o acolhimento em grupo a: 1) comunidade LGBTI+, 2) Juventude negra e 3) Mulheres em situação de violência. Dentre alguns dos dados obtidos na extensão, as principais questões levantadas pelo primeiro grupo foram relativas ao preconceito, mercado de trabalho, dificuldades no relacionamento familiar, ansiedade e autoestima. No segundo, os temas mais trabalhados foram preconceito, racismo estrutural, autoestima, representatividade, identidade, saúde mental, mercado de trabalho e família. O terceiro grupo, cuja principal atividade foi um ciclo de “Rodas de Conversa”, três encontros com a participação de 22 mulheres universitárias, constatou-se que 100% das participantes já sofreram algum tipo de violência, seja física, patrimonial, sexual, psicológica ou moral, inclusive dentro do próprio campus universitário. Diante disso, é evidentemente importante reconhecer e acolher a experiência individual e única de sofrimento dos sujeitos que recorrem a um profissional psicólogo, mas também é inviável tentar compreendê-la sem se apropriar de uma visão sistêmica, característica do trabalho com grupos em Gestalt-Terapia. É na fronteira de contato que se dá a experiência e um campo dos sistemas em análise envolve a sociedade e seus aspectos políticos, históricos e culturais, que implicam na sustentação de normas e valores hegemônicos e, conseqüentemente, em desvios (“não desejáveis”) dos padrões estabelecidos. Portanto, busca-se fazer compreender a necessidade da busca contínua pelo desenvolvimento das habilidades e competências que entrelaçam a teoria, a formação e a intervenção prática, promovendo e sustentando uma ciência e uma clínica reconhecidamente política e voltada organicamente para as questões sociais de forma a propiciar a saúde mental de pessoas e grupos historicamente discriminados.

**Palavras-chave:** Acolhimento de grupos. Formação. Minorias sociais. Psicologia clínica.

## REFERÊNCIAS

- PEREIRA, F. N. Relacionamentos interpessoais e suas contribuições para o planejamento clínico em uma instituição de saúde mental: um relato de experiência. *In: GARCIA, A.; WILSON, J. E.; PEREIRA, F. N. (org.). Relacionamento interpessoal: temas contemporâneos.* Vitória: UFES, 2013. p. 54-65.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada.** São Paulo: Summus, 2001.
- TELLEGEN, T. A. **Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica.** São Paulo: Summus, 1984.
- YALOM, I. D.; LESZCZ, M. **Psicoterapia de grupo.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1998.

# A arte como caminho da saúde psíquica: uma análise gestáltica da obra de Frida Kahlo

Mariana de Castro Gonçalves<sup>125</sup>, Larissa Guimarães Martins Abrão<sup>126</sup>

## Resumo

Introdução: A pintura surgiu, na vida de Frida Kahlo, como distração no longo período que passou imobilizada em sua cama, em razão de um acidente que lhe rendeu graves traumas físicos (HERRERA, 2011). O que de início funcionou como entretenimento para amenizar as incontáveis horas de inércia passou, posteriormente, a assumir a principal via de expressão de suas experiências íntimas, o que nos remete à pessoalidade de sua obra e ao interesse pela arte como forma de concretizar a necessidade de humana viver num âmbito mais amplo e profundo (ZINKER, 2007). Objetivo: Neste trabalho, buscamos tecer uma análise psicológica relacionando alguns conceitos propostos pela Gestalt-terapia, tais como: *self*, *awareness* e função *id*, com obras da pintora mexicana Frida Kahlo, que possibilitaram a plena aplicação analítica da teoria escolhida. O trabalho artístico desta mulher parece ter sido um anteparo para experiências dolorosas que permearam toda sua vida, bem como uma resposta criativa que lhe possibilitou encontrar novos sentidos para suas experimentações angustiantes. Método: Foram analisadas três pinturas emblemáticas de Kahlo, produzidas entre 1944 e 1946: “A coluna partida”, “A árvore da esperança” e “O pequeno cervo”. Nossa escolha por estas obras se justifica pela representação tormentosa trazida pelo pincel da artista e pela força dramática com que a obra se apresenta. A análise envolveu uma interlocução com conceitos acima referidos, desenvolvidos pela Gestalt-terapia e aqui explorados a partir de sua manifestação na obra de Kahlo. Resultados e discussão: Evidenciamos a possibilidade de um intercâmbio entre a arte e psicologia, entendendo que a Gestalt pode favorecer a compreensão da experiência criativa ao emprestar seu “olhar” para a interpretação e utilização da arte (CIORNAI, 1997). As reflexões que aqui tecemos, apontam que para Kahlo a arte parece ter lhe oferecido um modo de ampliação do real que se inscrevia repleto de dores e tormentos. Além disso, a obra de Kahlo também pode nos revelar para nós mesmos, e talvez seja essa a razão por que tal obra ganhe cada vez mais repercussão e reconhecimento, pois, quem a vê pode, em uma experiência de contato, reconhecer-se nela. O recurso da criatividade, além de lhe favorecer uma apreensão maior e mais profunda das experiências,

---

125 Psicóloga graduada em 2013 pela Faculdade Pitágoras, em Uberlândia/MG. Psicóloga clínica, realizando atendimentos em Gestalt-terapia desde 2014. Concluiu o Curso de Formação em Gestalt-terapia pelo Instituto Verus em 2019 e além da atuação clínica, trabalha na rede municipal de Uberlândia.

126 Graduação em Psicologia pela UFU, em 1994. Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais desde 1997. Mestre e Doutora pela UnB, concluindo o doutoramento em 2009. Pesquisadora das áreas de Psicologia e Gênero, Psicologia Jurídica e Psicologia Clínica. Sócia fundadora da Clínica Margem da Palavra e do Instituto Verus: instituto de formação em Gestalt-terapia e psicoterapias existenciais-humanista, em Uberlândia. Gestalt-terapeuta, com atuação clínica desde 1995.

Ihe propiciou condições de criar combinações diferentes para as situações preestabelecidas, e deste modo, reinventar possibilidades. Conclusão: Reconhecemos como as pinturas de Kahlo permitem ao espectador, ao ser “tocado” pela obra, transformar-se pela via do contato e pela experiência da *awareness* (ALVIM,2011). Quanto ao efeito que a expressão artística produz na própria artista, entendemos que a pintura foi uma via que possibilitou a Kahlo a autorregulação de suas experiências, a capacidade de reconciliação consigo e com o mundo e a produção de uma obra autêntica e autorreveladora. Dessa forma, ressaltamos a arte como um importante recurso para a ressignificação e autonomia de quem faz e de contato e transformação para quem com ela interage.

**Palavras-chave:** Autorregulação. *Awareness*. Conceitos gestálticos. Expressão artística.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Monica Botelho. O lugar do corpo em gestat-terapia: dialogando com Merleau-Ponty. **Revista IGT na Rede**, [S.l.]. v.8, n. 15, p. 228-237, 2011.

CIORNAI, S. Relação entre criatividade e saúde na Gestalt- terapia. **Revista do ITGT (Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia)**, [S.l.], n. 1, 1995. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526. Acesso em: 8 jun. 2013.

HERRERA, H. **Frida: a biografia**. São Paulo: Brasil, 2011.

ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em gestalt-terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.

# Estado da arte de *awareness*: o conceito e o paradigma da tradução

*Sofia Silva Junqueira*<sup>127</sup>, *Magna Silvana da Silva Peçanha*<sup>128</sup>,  
*Mariana Marques Amorim*<sup>129</sup>, *Viviam Ajala Pasini*<sup>130</sup>

## Resumo

O objetivo deste trabalho é o de apresentar os resultados parciais e algumas considerações relativas à pesquisa “Estado da arte de *awareness*: o conceito e o paradigma da tradução” que vem sendo desenvolvida por um grupo de cinco pesquisadoras, tais quais: Magna Peçanha, Mariana Marques, Sofia Junqueira, Viviam Ajala; orientadas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patrícia Lima, do departamento de psicologia da UFF de Rio das Ostras. A presente equipe começou a se reunir em meados de setembro de 2020, em associação à pesquisa “Terapia e fenomenologia: o estado da arte da noção de corpo e *awareness* na Gestalt-terapia brasileira.” que já vinha sendo desenvolvida por pesquisadores orientados pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Monica Botelho Alvim, da UFRJ. A pesquisa em questão, tem como objetivo geral conceber o conceito de *awareness*. Assim como alguns objetivos específicos de elaborar um arcabouço teórico da noção de *awareness* a partir das obras físicas de Gestalt-terapia publicadas no Brasil; investigar definições de *awareness*; investigar as referências e citações de autores sobre o conceito de *awareness*; investigar o enraizamento do conceito de *awareness* a partir da epistemologia que fundamenta a Gestalt-terapia; mapear a conceituação de *awareness* na Gestalt-terapia brasileira; produzir uma análise crítica acerca da concepção do termo dentro da comunidade Gestáltica. Cara a abordagem Gestáltica, *awareness* se apresenta como o cerne da teoria, uma vez que é compreendida como o intuito do trabalho do Gestalt-terapeuta. Comumente mantido em

---

127 Psicóloga Clínica formada pela Universidade Federal Fluminense, Pós-Graduada em Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial (UFMG); Extensionista pelo Projeto Tecendo Redes, orientado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF), Extensionista pelo Projeto (Re)existir, orientado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa “A utilização da Gestalt-terapia no Contexto do Acolhimento Psicológico” coordenado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF).

128 Psicóloga Clínica formada pela Universidade Federal Fluminense Colaboradora do Projeto Tecendo Redes, orientado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF), Extensionista pelo Projeto (Re)existir, orientado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa “A utilização da Gestalt-terapia no Contexto do Acolhimento Psicológico” coordenado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF).

129 Psicóloga Clínica formada pela Universidade Federal Fluminense Colaboradoras do Projeto Tecendo Redes, orientado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF), Extensionista pelo Projeto (Re)existir, orientado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa “A utilização da Gestalt-terapia no Contexto do Acolhimento Psicológico” coordenado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF).

130 Psicóloga Clínica formada pela Universidade Federal Fluminense Colaboradoras do Projeto Tecendo Redes, orientado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF), Extensionista pelo Projeto (Re)existir, orientado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa “A utilização da Gestalt-terapia no Contexto do Acolhimento Psicológico” coordenado por Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Lima (UFF).

inglês, o conceito é atravessado pela disparidade da tradução, visto que não se encontra no dicionário português termos que expressem o sentido da palavra inglesa. Neste sentido, a pesquisa se utiliza das metodologias de Estado da Arte e Revisão Sistemática da Bibliografia para construir um arcabouço de definições e traçar um mapeamento da concepção do termo *awareness* dentro da comunidade gestáltica do Brasil. Para o recorte da amostragem foram utilizados critérios como delineamento cronológico; uso de obras inteiras, ou seja, não caracterizadas como compilados de textos; livros nacionais e traduzidos autorais e considerados mais influentes. A partir da seleção, investigou-se quantas vezes e de que modo o termo *awareness* aparecia nos livros, buscando compreender o conhecimento acerca da noção do conceito e a forma como é abordado na literatura. Compreendendo que o trabalho está em desenvolvimento, os resultados parciais apresentados até aqui permeiam a questão do paradigma da tradução, uma vez que encontra-se definições e traduções diferentes para o conceito de *awareness* ao longo da obras de Gestalt-terapia publicadas em português; tal como levanta questionamentos acerca da difusão da abordagem na sociedade gestáltica brasileira, uma vez que coloca a questão da conceituação frente à questão dos referenciais teóricos mais utilizados na bibliografia gestáltica brasileira; levanta-se também o interesse e o despertar da equipe para as considerações acerca dos processos de ensino e aprendizagem da abordagem, sobretudo nas primeiras gerações de gestalt-terapeutas no Brasil. Por fim, a presente pesquisa encontra-se na etapa de mapeamento e revisão sistemática das definições e referências de *awareness* coletadas a fim de traçar uma flexão da pergunta geral: “O que é *awareness*?”.

**Palavras-chave:** *Awareness*. Estado da arte. Fenomenologia. Gestalt- terapia.

## REFERÊNCIAS

GUEVARA PATIÑO, Ragnhild. El estado del arte en la investigación: ¿análisis de los conocimientos acumulados o indagación por nuevos sentidos?. **Revista Folios [en línea]**. 2016, n. 44, p. 165-179, 2016. [fecha de Consulta 23 de Febrero de 2022]. ISSN: 0123-4870. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=345945922011>

GALVÃO, Taís . PEREIRA, Mauricio. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, jan./mar. 2014. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742014000100018](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018)

VIANA FERREIRA, Rebeca. **A noção de presença no corpo conceitual da gestalt-terapia em diálogo com a fenomenologia**. Orientadora: Mônica Botelho Alvim. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

# O fenômeno do encontro/choque entre o Sistema Único de Assistência Social – SUAS e o fazer do psicólogo gestáltico um relato de experiência

*Daniela Kugelmeier<sup>131</sup>*

## Resumo

Este trabalho propõe uma discussão sobre o que emerge do fenômeno encontro/choque entre o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, e o meu fazer como psicóloga gestalista, atuando há sete anos no SUAS no estado de Santa Catarina. Fundamentada Política Nacional da Assistência Social- PNAS, caracterizo o que é SUAS, a quem se destina, qual a função do equipamento Centro de Referência de Assistência Social-CRAS, neste sistema de Proteção Social e qual a função do psicólogo na equipe multidisciplinar que executa o Trabalho Social com Famílias. Para além das necessárias e bem desenhadas paredes do consultório, que fazem fundo para a clínica tradicional, descrevo as linhas moles que turvam a visão e escapam aos pés, e os relevos e depressões em seu grau máximo, que fazem o fundo, e por muitas vezes são figura, do fazer do psicólogo no SUAS. Em uma gestalt que por vezes retornou, sem resolução, busquei com meus colegas de política pública, executar os objetivos de promoção de autonomia e emancipação da população em vulnerabilidade social, identificados aqui como Sujeitos do SUAS. Me deparei neste processo com o ajustamento cronificados das relações de poder, com fragilidades teórico-metodológicas na execução desta política pública e com o adoecimento dos Trabalhadores do SUAS em função dos afetos surgidos na relação com o campo aqui descrito e no contato com os Sujeitos do SUAS. Observo que estes elementos tem sua tensão intensificada, ao longo dos últimos 4 anos, pelo contexto político nacional. Hycner (1995), aponta que meu self é intrinsecamente parte do processo do meu fazer como psicóloga gestalista, portanto também sou atravessada por tal análise do campo, afetando-me já que dele faço parte. Evidencia-se então a necessidade de nutrir esta gestalt na busca de uma resolução sadia. Alvin e Molas (2017), iluminam a práxis do psicólogo no SUAS ao esclarecer que a prática psicológica não está em modelar condutas e sim na produção de condições para a expressão de singularidades, na criação de linhas de fuga, transversalizando as determinações subjetivas capitalísticas. Ao longo da experiência de trabalho, identifico estas determinações subjetivas capitalísticas nas relações de poder e de trabalho e nas letras frias da própria política pública. A construção

---

131 Graduada em Psicologia pela Faculdade Guilherme Guimbala - FGG em 2011. Especialista em Psicologia Clínica pela Abordagem Gestáltica pela Centro de Estudos de Gestalt-Terapia de Santa Catarina-CEG/SC em 2016. Pós Graduada em Política Nacional da Assistência Social pela UNINTER em 2019. Psicóloga Clínica Autônoma de 2012 à atual. Psicóloga na Prefeitura Municipal de São Bento do Sul de 2013 à 2015. Psicóloga na Prefeitura Municipal de Guaramirim de 2015 à atual.

de linhas de fugas, como potência de transformação de novas subjetividades estão em congruência com o objetivo da política pública do SUAS, e se dão no encontro de três elementos, constantemente atualizados e nutridos, são eles: o primeiro, já dado pelo campo, é o Sujeito do SUAS, população que historicamente passou e passa por processos de opressão, produzindo invisibilização social e existencial e que transita entre a sujeição do modus operandi do capital e a potência de vida que se retroalimenta na resiliência transgeracional; o segundo é o alinhamento ético político do trabalhador do SUAS, que nutre na agressão, conforme o sentido atribuído por Perls (2002), sua condição de trabalhador sadio; o terceiro elemento se encontra na letra viva da Política Pública do SUAS, quando estabelece as seguranças afiançadas, principalmente, a segurança da acolhida e da escuta qualificada. Com isso concluo propondo que a Abordagem Gestáltica oferece o suporte e aprofundamento metodológico necessário para dar sustentação a desafiadora tarefa de executar o SUAS.

**Palavras-chave:** Abordagem gestáltica. Encontro/choque. Sistema Único de Assistência Social. Vulnerabilidade social.

## REFERÊNCIAS

- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa:** psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.
- MOLAS, A.; ALVIM, B. M. **A potência política do corpo:** expressão e trans-form-ação: arte e clínica com crianças e jovens na Mangueira. Curitiba: CRV, 2017.
- PERLS, F. S. **Ego, fome e agressão:** uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.

# Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia

*Mariana Correia Lacerda<sup>132</sup>, Lílian Cherulli de Carvalho<sup>133</sup>, Jorge Ponciano Ribeiro<sup>134</sup>*

## Resumo

Nas instituições de saúde e também nos modelos terapêuticos comumente aceitos verifica-se que o ser humano adoecido é obrigado a deixar de lado seus sentimentos e aflições para se tornar “paciente”, posicionando-se de forma passiva durante o tratamento da doença. Deve-se levar em consideração, contudo, que além de sua individualidade, no curso de sua existência real e produtiva, existe uma diversidade de aspectos inter-determinados que envolvem o processo saúde-doença e que o indivíduo é composto por fatores biofisiológicos, psicológicos, espirituais, sociais, culturais e econômicos. A partir dessas considerações, pensa-se na presença fundamental do psicólogo durante o processo de adoecimento. Esse profissional oferece espaço para que a pessoa adoecida expresse seus sentimentos, fale sobre sua doença, seu sofrimento, posicionando-se de modo mais autônomo e empoderado diante da própria experiência de adoecer e de se tratar. Amplia as oportunidades para que o paciente possa ser mais do que um sujeito acometido por uma determinada patologia como, por exemplo, o câncer, e sim um indivíduo que pode manifestar suas emoções durante e após seu tratamento, a respeito de assuntos direta ou indiretamente relacionados à vivência do adoecimento. Nesses termos, há que se refletir sobre o fazer profissional do psicólogo inserido nas instituições de cuidado da saúde, considerando sua atuação segundo paradigmas da Psicologia da Saúde, da Psicologia Hospitalar e da Psico-oncologia. Inserimos, então, a Gestalt-terapia como um método de trabalho no processo saúde-doença, analisando a importância do atendimento, do acompanhamento, da intervenção psicológica e do trabalho em psicoterapia em todo o processo de adoecimento-tratamento, durante o tratamento oncológico. Sabemos que a doença física é acompanhada por manifestações emocionais, sendo a experiência de estar doente vivenciada e representada de forma única pela pessoa. A relação entre psique e câncer é evidente e tem sido estudado desde

---

132 Psicóloga pelo Centro Universitário UniCeub (2010), especialista em Gestalt-Terapia pelo Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília (2014). Psicóloga Clínica e Gestalt-Terapeuta. Psicóloga Técnica no CAEP/UnB.

133 Psicóloga pela Universidade de Brasília (2006), mestrado em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (2008). Docente do Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília e Analista Judiciária na Sessão Psicossocial da Vara de Execuções Penais/TJDFT.

134 Graduado em Filosofia e em Teologia, doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma/Itália, Professor Titular Emérito da Universidade de Brasília/DF e da Universidade Estadual de Montes Claros/MG. Dois Pós-doutorados na Inglaterra. Psicólogo Clínico e Gestalt-terapeuta. Autor de 12 livros e de vários artigos e capítulos de livros publicados no Brasil e no exterior. Fundador e Presidente do Instituto de Gestalt-terapia de Brasília/DF.

Hipócrates, como cita o oncologista, professor e pesquisador Weber (2012), e ainda hoje se buscam essas articulações. Para o oncologista, o estar com câncer não é um evento traumático: o que é traumático são os pensamentos e emoções associados ao adoecimento, como pensamentos de dor, morte, e debilidade, razão pela qual destacamos a importância do psicólogo no processo de adoecimento oncológico e introdução da Gestalt-terapia como método de trabalho nesse contexto. Adotar a Gestalt-terapia como uma metodologia de trabalho psicoterapêutico envolve estar disponível para a emergência de fenômenos que se desvelam no campo, entre as pessoas que se fazem presentes no momento dos atendimentos. A abordagem gestáltica, em última instância, visa à ampliação da *awareness*, da consciência de cada pessoa sobre si e sobre o mundo, em busca de autorregulação e realização. O encontro fecundo entre a Gestalt-terapia e a Oncologia se dá justamente pela necessidade de acolher esses indivíduos em seu aqui-e-agora, de atendê-los com base no olhar fenomenológico e humano, de acolher esse ser humano em adoecimento físico e psicológico. Esta é a razão de propormos a Gestalt-terapia como uma metodologia descritiva e compreensiva para os atendimentos psicológicos e psicoterapêuticos relacionados ao processo saúde-doença em oncologia. Por ser uma abordagem dinâmica, detém um conjunto de instrumentos para a ampliação de consciência sobre o adoecimento, com um olhar para a totalidade do ser humano adoecido e sua experiência. Considerando os atendimentos psicológicos e a psicoterapia realizados no processo saúde-doença, a Gestalt-terapia é um método de trabalho que orienta o acompanhamento psicológico, seja nos atendimentos realizados em momentos críticos do tratamento oncológico, como o processo cirúrgico ou a quimioterapia e em psicoterapia durante e após o tratamento médico-oncológico.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Oncologia. Psicologia da saúde. Psico-oncologia. Saúde-Doença.

## REFERÊNCIAS

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

HOLANDA, A. F. **Fenomenologia e humanismo: reflexões necessárias**. Curitiba: Juruá, 2014.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e de pessoa em gestalt-terapia: revisitando o caminho**. São Paulo: Summus, 2011.

VIANNA, K. S. **Gestalt-terapia: uma escolha em psicoterapia: histórico, fundamentos e conceitos**. Brasília: Kátia S. Vianna (publicação própria), 2009.

WEBER, W. **Esperança contra o câncer: a mente ajuda o corpo**. São Paulo: Europa, 2012.

# Gestalt-terapia e a comunicação não-violenta entendendo suas aproximações teórica e vivencialmente

*Karol Maes<sup>135</sup>*

## Resumo

Este Minicurso visa a trazer as aproximações teórico-práticas entre a Gestalt-terapia (GT) e a Comunicação Não-Violenta (CNV). No primeiro momento, a profissional trará um vasto estudo teórico sobre o tema e, posteriormente, convidará o público a uma vivência. Embora o trabalho possua um intenso aprofundamento, o Minicurso o abordará de maneira simples, atendendo a todos os tipos de público, por isso, classifica-se como nível básico. Inicialmente, abordar-se-ão as investigações a partir das histórias de ambas e dos seus respectivos fundadores, Fritz Perls e seus colaboradores e Marshall Rosenberg. Para colaborar com essa investigação, trar-se-ão citações de Juliano (2004) e da própria obra de Rosenberg (2006). A partir dos quais, através da análise histórica, percebe-se a influência da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), de Carl Rogers, nas aproximações entre GT e CNV. Dessa forma, nota-se que, além da história de Perls, Rosenberg e Rogers se cruzarem, a própria vida de cada um contribuiu para que eles criassem teorias que enfatizassem formas de se relacionar mais saudáveis e menos violentas. O primeiro, por exemplo, sofreu a violência tendo que fugir da Alemanha, seu próprio país, por conta da guerra. O segundo cresceu em um bairro turbulento de Detroit, Estados Unidos e, nesse meio, ele se interessou em criar alternativas pacíficas de diálogo que amenizassem o clima de violência com o qual conviveu. Por fim, o terceiro - um homem que falava na primeira pessoa do singular e privilegiava o vivido - vivenciava, na sua própria forma de ser, as teorias que contemplam relações pacíficas. Depois de explanada as aproximações históricas, as investigações dar-se-ão pelas bases epistemológicas, abordando a Fenomenologia, os Pressupostos Existenciais e a Psicologia Humanista. Para sustentar essa investigação, citar-se-á Mendonça (2013), o qual contribuiu para este trabalho chegar à conclusão de que mesmo que o método da CNV não seja sustentado diretamente pela abordagem da GT, e sim pela ACP, todas elas se convergem na Psicologia Humanista. Sendo esta, um conjunto de diversas correntes teóricas, na qual a potencialidade do ser humano é valorizada; a visão da totalidade da pessoa na relação organismo/meio é frisada; e a responsabilidade do homem por suas

---

135 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, com mobilidade acadêmica na Universidade de Coimbra/Portugal; especialista em Gestalt-terapia pela Clínica Escola Comunidade Gestáltica de Florianópolis/SC. Atualmente realiza supervisão e atendimento clínico infantil/adolescente/adulto; faz parte da equipe e do corpo docente da Clínica Escola Comunidade Gestáltica; e ministra Workshop sobre Comunicação Não-Violenta e Gestalt-terapia.

necessidades e sentimentos é influenciada. Essas ideias são pautadas nas influências filosóficas da Fenomenologia e dos Pressupostos Existenciais. Por fim, dialogar-se-á sobre os principais conceitos e como eles se aproximam. Referentemente à GT, abordar-se-á o conceito de Ajustamento Criativo e suas formas confluência, introjeção, projeção, retroflexão e egotismo; e, referentemente à CNV, abordar-se-ão os componentes observação, sentimento, necessidade e pedido. Para sustentar os conceitos da CNV, será trazido, novamente, Rosenberg (2006) e, para GT, dentre as colaboradoras estão Ciornai (1995) e Frazão (2015). Esses autores contribuíram para a conclusão de que as relações entre os conceitos da CNV e da GT se aproximam no sentido de ambos defenderem a importância do indivíduo estar consciente, para, assim, observar o que acontece consigo e com outro, conectado com o seu próprio sentimento. Atendendo, portanto, de forma responsável e criativa, as suas necessidades e as do meio, alternadamente, conforme a dominância de cada necessidade: indo ao meio e fazendo pedidos quando necessário, de uma forma que não prejudique a si e ao outro, pelo contrário, que haja empatia entre ambos. Logo, quando isso não acontece, não há uma conscientização das necessidades do indivíduo e do outro, o que torna a ação e a comunicação estereotipada, desconectada e, muitas vezes, violenta com a própria pessoa e com o seu meio. Depois da abordagem teórica, trar-se-á, no Minicurso, o jogo Grok para os participantes vivenciarem o que a GT e a CNV acreditam. O Grok é um jogo de cartas, baseado na Comunicação Não-Violenta, que todos os participantes ganham e ainda experimentam uma conexão mais profunda consigo e com os outros. Com engajamento, o jogo promove diversão, reflexão, aprendizado e ajuda a escutar os valores, necessidades, desejos, esperanças e sonhos uns dos outros, além de escutar a si mesmo para maior clareza e autoconexão.

**Palavras-chave:** Comunicação não-violenta. Gestalt-terapia. Psicologia.

## REFERÊNCIAS

- CIORNAI, S. Relação entre criatividade e saúde na gestalt-terapia. **Revista do ITGT**, [S.l.] v. 1, n. 1, p. 72 -75, jan./mar., 1995. Disponível em: [http://www.nuted.ufrgs.br/oa/criativas/midiateca/modulo\\_1/Criatividade\\_na\\_perspectiva\\_da\\_Gestalt.pdf](http://www.nuted.ufrgs.br/oa/criativas/midiateca/modulo_1/Criatividade_na_perspectiva_da_Gestalt.pdf). Acesso em: 2 jul. 2019.
- FRAZÃO, Lilian Meyer. Compreensão clínica em gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. p. 83 -102.
- JULIANO, J. C. Gestalt-terapia: revisitando as nossas histórias. **Revista IGT na Rede**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2004. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=33&layout=html>. Acesso em: 2 jul. 2019.
- MENDONÇA, M. M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU K. O. (org.). **Gestalt terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2013. p. 76-98.
- ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. 4. ed. São Paulo: Ágora, 2006.

# Adole-ser em movimento um passeio pela adolescência através da gestalt-terapia

Luíza Coelho Mastrangelo<sup>136</sup>, Mariana de Lima Braune<sup>137</sup>, Ana Carolina Braga França<sup>138</sup>

## Resumo

O Projeto de Pesquisa e Extensão *Adole-ser em Movimento*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem como base a ideia de que a existência humana é temporalidade, um movimento infinito de transformação do mundo e pelo mundo, transformando também o outro e os territórios onde vivemos. Entende-se a vida como movimento de tornar-se, transformar-se, sempre em relação com o mundo, a partir do corpo e com o outro em situação (ALVIM, 2017). Dessa forma, pensamos a adolescência a partir de situações concretas, atentando para a complexidade das dimensões e forças que compõem tais situações em suas diferentes nuances e perspectivas. Neste trabalho, seguimos o arcabouço da Fenomenologia e Gestalt-terapia, debruçando-nos sobre as questões contemporâneas a partir das dimensões corporeidade, temporalidade, espacialidade, alteridade e dialogicidade (ALVIM, 2017). Articula-se em campo estes cinco pilares através da exploração do lúdico, do corpo, do movimento e da arte. Como a própria noção de Extensão traz, o Projeto surgiu de um incômodo; de uma demanda da sociedade que exigiu o corpo acadêmico a se movimentar. Mais especificamente, foi a partir de uma visita a Escola Municipal Coelho Neto, situada em Ricardo de Albuquerque, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, que alunas de graduação em Psicologia pela UFRJ se sentiram mobilizadas com as falas dos adolescentes que traziam questões que exigiam uma escuta mais atenta para assuntos como auto-lesão, violência, depressão e questões de gênero. A esse movimento também se juntou a vontade de estudar o corpo adolescente e a favela, tema de mestrado de Mariana Germano (formada em psicologia pela UNB). Sendo assim, o Projeto, em 2019, atuou com duas frentes: uma em Ricardo de Albuquerque, na Escola Municipal Coelho Neto e a outra, em vínculo com

---

136 Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016-2021). Participa do Projeto de Pesquisa e Extensão "Adole-ser em Movimento" do Instituto de Psicologia da UFRJ coordenado pela professora doutora Mônica Botelho Alvim. Estágio no Serviço de Infância e Adolescência do IPUB-UFRJ no Programa de Violência Doméstica e Psicanálise coordenado pela professora doutora Leila Maria Amaral Ribeiro. (2019-2020).

137 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia na UFRJ (março 2019 - março 2021). Graduada no curso de Psicologia pela UFRJ (2010 - 2018). Co-coordenadora em 2019 do Projeto de Pesquisa e Extensão Adole-ser em Movimento do Instituto de Psicologia da UFRJ coordenado pela professora doutora Mônica Botelho Alvim.

138 Graduanda do curso de Psicologia pela UFRJ (2015-2020). Intercâmbio na Université Lumière Lyon 2 (Setembro de 2017 - Janeiro 2018). Estágio no Projeto de Pesquisa e Extensão "Adole-ser em Movimento" do Instituto de Psicologia da UFRJ, coordenado pela professora doutora Mônica Botelho Alvim (2019). Participa como aluna de Iniciação Científica do MograbiLab (2019-2020).

a ONG EDUCAP, em Escolas Municipais no Complexo do Alemão. Orientado por uma professora Gestalt-Terapia, a metodologia do Projeto *Adole-ser em Movimento* consiste em uma pesquisa-ação existencial - na qual o pesquisador está implicado na situação presente como sujeito corporal ativo e onde tanto afeta como é afetado; transforma e é transformado (ALVIM, 2017) - associada ao referencial metodológico da experimentação. Ambos referenciais metodológicos envolvem uma construção de saberes que parte da ação espontânea, criativa e expressiva, oferecendo aos participantes um espaço de significação e ressignificação de suas experiências, instaurando sentidos e refletindo sobre a realidade bio-psico-sócio-cultural-política. Além disso, a pesquisa-ação (BARBIER, 2007) é construída no espaço-tempo vivido pelas adolescentes, implicando-nos nessa situação e nas questões que ali emergirem. A partir disso, o trabalho realizado em 2019 com o Projeto tem como objetivo desenvolver atividades artísticas multiculturais com tais adolescentes, oferecendo aos participantes espaços de acolhimento, escuta, diálogo, expressão e criação, visando um processo de produção cultural que se dê como produção de subjetividades, possibilitando movimentos instituintes que advenham da ampliação de sua capacidade crítica e inventiva. Nossa intenção então, com este trabalho, é apresentar o desenho desse Projeto de Pesquisa e Extensão e apresentar o que observamos ao longo do ano de 2019. É importante salientar que não traremos respostas fechadas de forma que limite os olhares sobre os dados da pesquisa, mas sim respostas que tragam possibilidades e abertura para passos futuros. O trabalho aponta para nossas impressões e percepções do que vivemos, por isso não viemos com respostas concretas e determinantes sobre o campo, mas sim sobre nossos afetos e os fenômenos observados.

**Palavras-chave:** Adolescência; Arte; Corpo; Expressão; Processos de subjetivação.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Monica Botelho. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ALVIM, Monica Botelho. O projeto de extensão expressão e transformação: Gestalt-terapia, fenomenologia e arte no trabalho com crianças e jovens. *In:* ALVIM, Monica Botelho; Molas, A. (org.). **A potência política do corpo:** expressão e transformação: arte e clínica com crianças e jovens na mangueira. Curitiba: CRV, 2017. v. 1.

ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G. (org.). **Clínica de situações contemporâneas:** fenomenologia e interdisciplinaridade. Curitiba: Juruá, 2015.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação.** Brasília: Liber Livro, 2007.

# Projeto de pesquisa e extensão “Palavras em Movimento”: produção de oficina de Slam a partir de uma metodologia gestáltica

Luíza Coelho Mastrangelo<sup>139</sup>, Youssef Olivier Madlum<sup>140</sup>, Lis Simões da Silva<sup>141</sup>,  
Jessé Guimarães Silva<sup>142</sup>, Thaís de Freitas Borges Ribeiro de Paiva<sup>143</sup>

## Resumo

Ao escrever, ler, cantar e até quando, poucos minutos antes de dormir, já deitado na cama, planejando o que será feito no dia seguinte, palavras correm pelo corpo como uma leve correnteza de um rio tranquilo. Mas e quando se está em uma roda de *Slam*? Tais palavras ganham corpo, ganham voz própria, como se quisessem ser exorcizadas daquele sujeito que vos cita. É a partir dessa ideia que o presente trabalho pretende falar sobre essas “Palavras em Movimento”, ciclo de oficinas que ocorre na interface entre a pesquisa de pós doutorado, desenvolvida ao longo do ano de 2020, sob o título “Slam Poetry no espaço da favela: o olhar gestáltico sobre práticas estético-políticas” e o Projeto de Pesquisa e Extensão *Adole-ser em Movimento* do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro com base na abordagem gestáltica. Mais especificamente, este resumo pretende apresentar o processo de construção metodológica de tais oficinas. Entende-se o *Slam* como uma competição de poesia, um espaço livre para fazer denúncias políticas e sociais ou podendo simplesmente ser um espaço de entretenimento (D’ALVA, 2011;2019).

---

139 Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016-2021). Participa do Projeto de Pesquisa e Extensão “Adole-ser em Movimento” do Instituto de Psicologia da UFRJ coordenado pela professora doutora Mônica Botelho Alvim. Estágio no Serviço de Infância e Adolescência do IPUB-UFRJ no Programa de Violência Doméstica e Psicanálise coordenado pela professora doutora Leila Maria Amaral Ribeiro. (2019-2020).

140 Graduando de Psicologia na UFRJ, atualmente cursando o 8º período. Participa de dois estágios na área clínica no Departamento de Psicologia Aplicada da UFRJ um com a vertente fenomenológica existencial, outro com a análise institucional francesa. Participa de um grupo de Pesquisa dentro da área da Gestalt-Terapia, que se propõe a investigar as relações e contribuições entre os conceitos da Fenomenologia com o da Gestalt-Terapia.

141 Possui graduação Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense UFF-VR (2014-2019), Mestranda Programa de Pós Graduação em Psicologia UFRJ (2020-2022).

142 Formação: Psicologia (UERJ/ 2003); Mestrado e Doutorado (PUCRJ/2007 e 2014); Especialista em Psicologia Clínica (IGT/ 2004-2007).Atuação profissional: Grupo Parentalidade (UERJ/ 2006-2011); Presídio da Marinha (2011-2014); Hospital Naval Marcílio Dias (2014-2019); Docente e Coordenador do Curso de Extensão em Psicologia Jurídica (2008-2015); Docente da UNESA (desde 2013) e USU (desde 2019);Psicólogo Clínico; Colaborador do Projeto de Extensão e Pesquisa Adole-ser em movimento (UFRJ/ 2018).

143 Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018-2022). Atualmente, participa de um estágio em clínica grupal junto a pacientes com a doença de Parkinson, no Instituto Deolindo Couto, com uma vertente em Análise Institucional Francesa.

Se vê então como ele encontra sua potência no espaço da favela, principalmente no sujeito adolescente, encontrando um campo propício para a produção de dispositivos culturais e políticos que sejam cúmplices de uma realidade local aberta a processos de transformação dessa realidade bio-psico-sócio-cultural-política. Com isso, “Palavras em Movimento”, ao longo do ano de 2020, tem feito seu espaço na ONG EDUCAP, localizada no Complexo do Alemão, Zona Norte do Rio de Janeiro e vê nos adolescentes desse Complexo a possibilidade de trabalhar, em conjunto, ciclos de oficinas com duração de três meses. Com esses adolescentes estão na condução das oficinas, além de psicólogos e alunos de pós-graduação em Psicologia, alunos dos cursos de graduação de Psicologia e Letras. A própria ideia de *Slam Poetry* traz a noção de um trabalho multidisciplinar, uma vez que *Slam* não se trata apenas de ler uma poesia de sua autoria, mas sim dar corpo para aquilo que está sendo dito. Em outras palavras, ao se pensar *Slam*, pensamos nas dimensões corpo, voz e escrita e, para isso, apenas a Psicologia não contemplaria sozinha de forma plena todas as dimensões. O dispositivo metodológico das oficinas tem por base a pesquisa-ação existencial que parte do princípio de que os encontros entre pesquisador e pesquisado refletem uma relação dialética que encontra na implicação, no cotidiano e na afetividade, entre outros, condições indispensáveis para a produção progressiva de um saber local e partilhado (BARBIER, 1985; 2002). Além disso, também se é utilizado a noção gestáltica de *experimentação*, em que se entende que os processos de significação e ressignificação se dão em relação com o mundo, a partir do corpo e com o outro em situação (ALVIM, 2017). Essa metodologia utilizada possibilita que tanto pesquisador quanto pesquisado estejam em contato com o campo que os circunda, fazendo os mesmo se tornarem *aware*. Em outras palavras, não se poderia pensar em uma pesquisa dentro da Gestalt-Terapia em que tanto pesquisador quanto pesquisado não fossem ativos e passivos em situação.

**Palavras-chave:** Corpo. Gestalt-terapia. Metodologia. Slam. Voz.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, MONICA BOTELHO. O projeto de extensão expressão e transformação: gestalt-terapia, fenomenologia e arte no trabalho com crianças e jovens. *In: ALVIM, Monica Botelho; MOLAS, A. (org.). A potência política do corpo: expressão e transformação: arte e clínica com crianças e jovens na mangueira*. Curitiba: CRV, 2017. v. 1. p. 19-41.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.
- D’ALVA, R. E. SLAM: voz de levante. **Rebento**, São Paulo, n. 10, p. 268-286, jun. 2019.
- D’ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, São Paulo, n. 9, p. 119-126, 2011.

# Migração forçada, mulheres e o encontro de alteridades e comunalidades: um relato de experiência

*Elis Moura Marques<sup>144</sup>*

## Resumo

A migração forçada vem se apresentando como um fenômeno social em ascensão em contexto mundial, sobretudo na última década. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) mais de 70 milhões de pessoas no mundo tiveram que deixar seus locais de moradia. O Brasil também apresenta esse cenário de fluxo migratório internacional. Segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), nos últimos 8 anos o Brasil recebeu 206.737 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, sendo que 52% dos solicitantes são de nacionalidade venezuelana, e 81% das solicitações em 2018 foram apresentadas no estado de Roraima. Em Roraima, estado fronteiro com a Venezuela, o cenário da migração massiva ganhou visibilidade nas ruas, comércios e na mídia, tornando-se ainda pauta de conversas nos bares, lanchonetes e filas de espera. Seus impactos tomaram as discussões nas universidades, escolas e unidades de saúde. O estado vem recebendo diversas instituições e organizações de ajuda humanitária, que atuam sobretudo em Pacaraima, cidade fronteira com a Venezuela, e em Boa Vista, capital do estado. No entanto, a sociedade civil teve e tem um papel fundamental no acolhimento dessas pessoas, afinal elas não apresentam apenas demandas de subsistência, mas sobretudo de afeto. As ações voluntárias de solidariedade fornecem muito mais que recursos de subsistência, oferecem sobretudo afeto, e sentimentos de aceitação e acolhimento. Nesse sentido, ações que possibilitam o encontro de brasileiras/brasileiros e venezuelanas/venezuelanos, estimulam a integração de pessoas de grupos sociais diversos culturalmente que estão dispostas na comunidade local e facilita a adaptação dessas pessoas que tanto sofrem com o deslocamento forçado e com o impacto da mudança de realidade ao chegar ao novo destino. As mulheres em contexto de migração são expostas a condições de vulnerabilidade específicas, necessitando desenvolver uma rede de afeto e suporte que possibilite encontrar recursos para atravessar as adversidades. Nesse sentido, o projeto para a integração de mulheres maranhenses, venezuelanas e indígenas, desenvolvido na zona oeste da cidade de Boa Vista, se propôs a construir espaços solidários de encontros e diálogos entre esses universos culturais distintos, abrindo espaços formativos nos quais

---

144 Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) e Gestalt-Terapeuta em formação. Especialista em Neurociência Clínica e especializando em Saúde Mental. Atua como docente no curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e como Psicóloga Clínica no Instituto de Gestalt-Terapia de Roraima (IGTRR).

elas pudessem refletir sobre as relações de gênero, além de conhecerem seus direitos, e desenvolver através da integração com mulheres com identidades étnicas distintas que compõe os setores populares, laços e rede de apoio. A zona oeste de Boa Vista engloba os bairros formados a partir dos projetos de urbanização implantados a partir da criação do estado em 1988. Inicialmente neles se instalaram as (os) maranhenses e indígenas que migraram para a cidade. Recentemente as venezuelanas e venezuelanos tem se instalado nesses bairros, em virtude das oportunidades de moradia e o baixo custo de vida. Este trabalho consiste em um relato de experiência vivenciado pela autora como facilitadora das oficinas de gênero. Tem como proposta discutir as implicações dessa prática na construção pessoal e social das mulheres, apoiado no compromisso político com a transformação social, mas também um compromisso ético e sensível frente a dimensão da experiência humana, e logo, do respeito as suas nuances e expressões de sofrimento. Através de atividades de ampliação de *awareness*, foi possível entrar em contato com construções sociais introjetadas do ser homem e ser mulher, abrindo espaço para ressignificação de conceitos e comportamentos, e para a atualização necessária ao crescimento, situado na fronteira de contato com a alteridade e com a comunalidade, dimensões essenciais para o ajustar-se criativamente a realidade.

**Palavras-chave:** Gênero. Gestalt-terapia. Migração.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, MONICA BOTELHO. Awareness: experiência e saber da experiência. *In:* FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.
- CARDELA, B. H. P. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. *In:* FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. (org.). São Paulo: Summus, 2014.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **De volta para casa: ética e poética na clínica gestáltica contemporânea**. Ampáro: Foca, 2017.
- REIS, A. V.; ALVIM, Monica Botelho. Estrangeirismos na cidade: inventando o comum em zonas urbanas fronteiriças. *In:* ALVIM, Monica Botelho; MOLAS, A. **A potência política do corpo: expressão e trans-form-ação: arte e clínica com crianças e jovens na Mangueira**. Curitiba: CRV, 2017.
- ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

# Especificidades do atendimento psicoterápico na abordagem gestáltica em casos de transtorno mental: dependência de substâncias químicas

Guilherme Nogueira<sup>145</sup>, Celana Cardoso Andrade<sup>146</sup>

## Resumo

Pelo referencial da Gestalt-terapia, o psicoterapeuta busca relacionar-se genuinamente com seu cliente. Nesse intuito, cabe ao Gestalt-terapeuta estar aberto para investigar e compreender a experiência do cliente conhecendo o campo existencial dele. Por isso, em casos com demandas específicas, a relação com o cliente exige que o Gestalt-terapeuta analise sua fundamentação em Gestalt-terapia para conduzir o processo na abordagem, mas também a sua disponibilidade para se envolver com o cliente que traz essa demanda bem como seu conhecimento sobre o tema em questão. Essas exigências surgem, por exemplo, para os atendimentos de clientes diagnosticados com transtorno mental, que, conforme a Organização Mundial de Saúde, pode englobar as enfermidades mentais, os retardos mentais, os transtornos de personalidade e a dependência de substâncias químicas, por serem uma clientela com características e necessidades próprias do seu transtorno, que exige cuidados profissionais específicos. Desse modo, o presente estudo visa apresentar alguns fatores essenciais a serem analisados pelo Gestalt-terapeuta para a prática clínica de clientes com transtorno mental. Como ilustração, será apresentada uma pesquisa realizada por meio de entrevista com seis Gestalt-terapeutas de Goiânia acerca do atendimento de clientes diagnosticados com dependência química. Os participantes foram divididos em três grupos: (A) trabalham com dependentes químicos atualmente; (B) atenderam dependentes químicos e não atendiam no momento da pesquisa; (C) nunca atenderam dependentes químicos. A dependência química foi escolhida por esta ser um transtorno mental com grande incidência na população mundial (0,6% da população) e por ser um tema ainda acompanhado de preconceitos muito enraizados, até mesmo dos próprios profissionais de saúde. Ao analisar a essência das respostas das colaboradoras, foi possível perceber que, conforme suas vivências pessoais, interesses e aptidões,

---

145 Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Gestalt-terapia, pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT). Coordenador do "Grupo de estudos em Psicopatologia Fenomenológica" e instrutor-supervisor do "Grupo de estudos em gestalt-terapia: práticas fenomenológico existenciais", da Universidade Federal de Goiás. Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Professor no Centro Universitário Alves Faria.

146 Psicóloga pela Universidade Católica de Goiás; Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia - ITGT; Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás; Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília - UnB. Professora no Curso de Psicologia da UFG; Editora associada da Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies; Membro fundadora da Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica (ABG).

cada Gestalt-terapeuta especializou-se em um tipo de atendimento, como: criança, adolescente, casal, dependência química entre outros. Embora o referencial filosófico, teórico e metodológico da Gestalt-terapia seja o mesmo, cada uma das especificidades citadas pelas colaboradoras requer uma postura e formação complementar para a condução do processo psicoterápico. Quando essa especialização é prévia, o Gestalt-terapeuta consegue realizar a compreensão diagnóstica do caso com mais facilidade, pois distingue com agilidade e precisão os sintomas físicos e psicológicos específicos do transtorno, e trabalha-os obedecendo o arcabouço da Abordagem Gestáltica. Todavia, em alguns casos o psicoterapeuta começa a atender o dependente químico sem possuir especialização específica, e precisa buscar o conhecimento específico ao longo do processo. Na pesquisa ficou evidente que a psicoterapeuta que iniciou o atendimento sem o suporte adequado e continuou a atender essa clientela buscou se especializar no tema, pois entendeu que havia sintomas próprios do transtorno que demandam intervenção urgente e que o conhecimento da ação da droga na pessoa permite discriminar os sintomas próprios do uso da substância e as questões existenciais da pessoa. É possível concluir, por meio da pesquisa, que o conhecimento do Gestalt-terapeuta, ao aceitar um caso com demandas específicas, precisa ir além dos conceitos gestálticos para conhecer os sintomas e necessidades próprios dessas demandas, o que abre possibilidades de intervenção ao saber possível para aquele contexto e indica os limites próprios daquele prognóstico, e assim a condução do processo psicoterápico acontece com mais assertividade.

**Palavras-chave:** Formação do psicoterapeuta. Relação psicoterápica. Transtorno mental.

## REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. Campinas: Alínea, 2001.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)**. 5. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2013.
- ANTUNES, L. O uso de drogas sob o enfoque da gestalt terapia.  **Aware**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 30-36, 2011. Disponível em: <http://www.aware.psc.br/V2N1/v2n1.html>. Acesso em: 24 out. 2016.
- AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BELMIRO, M. C. Frustração habilidosa: uma forma de intervenção gestáltica em ajustamento evitativo. In: BELMIRO, M. C. **Gestalt-terapia e atenção psicossocial**. Fortaleza: Premium, 2015. v. 1.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BULCÃO, R. S. L. O terapeuta afetado: hermenêutica como posição clínica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 147-153, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v16n1/11.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **A construção do psicoterapeuta**: uma abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2002.

- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **Laços e nós: amor e intimidade nas relações humanas**. São Paulo: Ágora, 2009.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica**. São Paulo: Summus, 1994.
- DARTIGUES, A. Um positivismo superior. *In*: DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Moraes, 1992. p. 7-28.
- FAGAN, J. As tarefas do terapeuta. *In*: FAGAN, J.; SHEPHERD, I. L. **Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Psicologia estrutural em Kurt Lewin**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.
- GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological method. *In*: GIORGI, A. (ed.). **Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press, 1985. p. 8-22.
- GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim do Século, 2010.
- HOLANDA, A. F. **Fenomenologia e humanismo: reflexões necessárias**. Curitiba: Juruá, 2014.
- HYCNER, Richard. A base dialógica. *In* HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e cura em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997. p. 29-49.
- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.
- JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em gestalt: aconselhamento e psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- JULIANO, J. C. **A arte de restaurar histórias: o diálogo criativo no caminho pessoal**. São Paulo: Summus, 1999.
- JULIANO, J. C. **A vida, o tempo, a psicoterapia**. São Paulo: Summus, 2010.
- LEWIN, K. **Princípios de psicologia topológica**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1965.
- LEWIN, K. **Teoria dinâmica da personalidade**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OLIVEIRA, I. B. S. **Tecendo saberes: fenomenologia do tratamento da dependência química**. 2007. (Dissertação em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. Disponível em: <http://www.ppgp.ufpa.br/dissert/Ingrid.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- PASSOS, E. Pensar diferente o tema das drogas e o campo da saúde mental. *In*: SANTOS, L. M. B. **Outras palavras: sobre o cuidado de pessoas que usam drogas**. Porto Alegre, 2010. p. 7-14. Disponível em: [http://www.crprs.org.br/upload/files\\_publications/arquivo48.pdf](http://www.crprs.org.br/upload/files_publications/arquivo48.pdf). Acesso em: 22 abr. 2016.

- PERLS, F. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. São Paulo: Summus, 2015.
- PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- PERLS, L. **Viviendo en los límites**. Valencia: Promolibro, 1994.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.
- REHFELD, A. Fenomenologia e gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 24-33.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 5. ed. São Paulo: Summus, 2007.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de gestalt-terapia: conceitos básicos**. São Paulo: Summus, 2006.
- ROBINE, Jean-Marie. **O self desdobrado: perspectiva de campo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2006.
- RODRIGUES, H. E. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 114-144.
- TESSARO, L. G. S.; RATTO, C. G. Pessoas que dependem de drogas: ensaio de figuras e fechamentos. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 83-94, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v21n1/v21n1a09.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World drug report**. Nova York: World Health Organization, 2015. Disponível em: [https://www.unodc.org/documents/wdr2015/World\\_Drug\\_Report\\_2015.pdf](https://www.unodc.org/documents/wdr2015/World_Drug_Report_2015.pdf). Acesso em: 22 abr. 2016.
- YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.
- ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em gestalt-terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.

# Espirais rítmicas de cuidado: autorregulação organísmica como movimento para a vida

Ludimila Mota Nunes<sup>147</sup>

## Resumo

Ao observar as formas e os modos de cuidado na atualidade, uma de minhas inquietações foi buscar compreender o que aconteceu com o sentido do cuidar. Precisamos de inúmeras campanhas de cuidados relativos à ecologia, à saúde, às emoções, ao corpo etc. Muitas delas buscam imprimir modelos prontos, de como cuidar, sem considerar a singularidade de cada indivíduo. É um contrassenso pois há um afastamento de si, do autorreferencial, passando a acreditar que o outro sempre sabe mais sobre a pessoa do que ela mesma. Conseqüentemente, entramos em processos repetitivos de introjeção que adentra nossos corpos e impede nossa “emancipação somática” (FERNANDES, 2015) que visa respeitar o ritmo, a autorregulação e a expressividade orgânicos de cada pessoa.

Para a Gestalt-terapia (GT) a autorregulação organísmica é um tema central, pois como organismos vivos estamos sempre nos equilibrando e desequilibrando dinamicamente. Essa sabedoria inata permite que organismo se estruture para buscar modos eficientes e criativos de satisfazer suas necessidades (LIMA, 2014). Esse conceito foi cunhado por Kurt Goldstein a partir de suas pesquisas sobre disfunções cerebrais, é a sabedoria que temos de buscar sempre a saúde do nosso sistema (LUCCA, 2015). Essa dinâmica, ordem e desordem, abertura e fechamento de gestalt, contato e separação aparece em diferentes ritmos e movimentações em nossa vida. E isso me fez levantar uma das hipóteses da minha pesquisa doutoral que conectar com os nossos ritmos internos e os ritmos da natureza ativa e equaliza nossa capacidade de autorregulação e por conseguinte nossa capacidade de cuidar e ser cuidado. Esse workshop é um convite para mover através dos ritmos elementais propostos no Movimento para a Vida (*Movement for Life – MFL*) pautados no 5 Ritmos de Gabrielle Roth (1998). O MFL é um método de movimento consciente que integra arte, ciência e espiritualidade com ritmos e autoconhecimento. Criado por Gisela Rocha dançarina e coreógrafa baiana, que mora a mais de 20 anos na Suíça e tem na sua bagagem 35 anos de práticas, disciplina e autotransformação. A prática principal é a onda (*wave*), nome dado por Roth para um ciclo de experimentação dos ritmos que nos ajudam a entender a natureza cíclica e movente de nós mesmos e da vida. O primeiro ritmo, estruturado pela própria Rocha, é o receptivo, conectar com o presente e abrir-se para a formação de novas *gestalten*. É dizer sim e dar boas-vindas

---

147 Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Lumière Lyon 2, Gestalt-terapeuta pelo Instituto de Gestalt-terapia de Brasília. Professora de Psicologia Clínica na Universidade Estadual da Bahia, Supervisora Clínica, Dançarina-performer, Terapeuta Integrativa, atua como psicóloga clínica há 15 anos.

ao espaço-tempo sagrado de dedicar-se ao encontro de você mesmo através da relação com o outro movendo-se conscientemente. Depois seguem os 5 ritmos da Roth (1997) revisitados por Rocha. O Fluxo, ritmo da fluidez, continuidade, não tem início nem fim. São movimentos circulares e espiralados que caminham por todo o corpo. Após vem o ritmo Destacado, objetivo, focado e direcionado; impulsionam movimentos cortantes, angulados e precisos. O caos, é o ritmo da criatividade, de soltar o controle, soltar o mental, mover em diferentes direções, deixar o corpo fazer o que ele quiser, sem julgar, desorganizar para transformar. Depois vem o lírico, ritmo dos sonhos, da fantasia, leve como o ar; deixa a imaginação criar asas e inspira a integração. Por fim o ritmo da quietude, sentir satisfação pelo vivido, silenciosamente acolher, aceitar e confiar. Cada onda é uma espiral, saímos dela modificados de alguma forma. Convocamos todo o nosso organismo a vibrar com o que ele precisa, ampliar a *awareness*, vivenciar os ritmos e perceber o que é fundamental para o cuidado.

**Palavras-chave:** Autorregulação organísmica. Cuidado. Dança. Gestalt-terapia. Movimento para vida.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Ciane. Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, sincronicidade. **Art Research Journal – ARJ**, Brasil, v. 1, n.1, Jan./Jun. p. 103-123, 2014.

LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Autorregulação organísmica e homeostase. *In*: FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 88-103.

LUCCA, Fernando J. de. **Estrutura da transformação: teoria, vivência e atitude em gestalt-terapia à luz da sabedoria organísmica**. São Paulo: Summus, 2015.

ROCHA, Gisela. **Aulas da formação em Movement for Life**. Bahia, 2018-2020. (Material não publicado)

ROTH, Gabrielle. **Sweat your prayes: movement as spiritual practice**. Nova Iorque: Jeremy P. Tarcher/Putnam, 1998.

# Gestalt-terapia: uma experiência entre caminhos e vales, um encontro de super-ação

*Elenrose de Paula Paesante*<sup>148</sup>

## Resumo

O Gestalt-terapeuta “é um caminhante, diz Jorge Ponciano Ribeiro (2019)” em seu artigo que trás o tema deste congresso. Analogamente, caminhar é como percorrer a própria existência, é caminhar dentro de si mesmo, ao encontro do desconhecido. Reporto-me aqui a sua experiência vivida “No Caminho de Santiago de Compostela, título do capítulo do livro Ruídos: contato, luz e liberdade (2006)”, de sua autoria. Ser um gestalt-terapeuta vai para além de ter uma formação curricular, “é uma forma de vida, como diz Fritz Perls (1977)”. Assim como Ribeiro, muitos caminhantes se disponibilizam ao caminho, cada um com os mais distintos objetivos. Situado no coração do Parque Nacional da Chapada Diamantina (BA) está o Vale do Pati, um lugar de extrema exuberância, de magia e encantamento. Para se chegar até lá, é necessário muito mais do que vontade, é preciso preparo físico, emocional e psicológico para percorrer os quilômetros exigidos passando por entre vales, montanhas e vegetação densa de mata atlântica. O acesso ao Vale não é fácil, levar na bagagem apenas o que for possível carregar com o peso do próprio corpo, é um dos obstáculos a enfrentar, pois o único transporte para se chegar até lá, é a mula. Mas em contrapartida, o que se permite viver ali é um lindo processo de individuação e coletividade, com o testemunho das mais belas e incríveis paisagens e arquiteturas naturais. O que pretendemos aqui é partilhar uma rica e vívida experiência de corpo e alma, de travessia e de contato pleno com a mãe-natureza. Uma experiência de ambientalidade. E foi inspirada na vivência e nos escritos desse autor que uma gestalt-terapeuta relata sua experiência por um desses caminhos, mostrando os alinhavos e fendas do processo experienciado, a dor e a delícia de uma experiência de co-existência. Uma jornada de crescimento e transformação, de força e aprendizado. O Vale do Pati é um dos caminhos mais lindos e repletos de significados gestálticos. E o que é o viver senão um eterno estado de travessia? Para se chegar ao Vale existe um longo caminho a percorrer, mas a cada momento o caminhante é recompensado com uma vista de tirar o fôlego. Do Mirante do Pati, parada obrigatória, é possível enxergar grande parte do Vale, os diversos caminhos tão longínquos e também algumas casas onde se pode pernoitar. Assim como na vida, no Vale do Pati não há apenas um caminho a percorrer, é preciso fazer escolhas, procurar o melhor caminho, a melhor forma e o melhor contato. Devido a sua complexidade, é necessário à ajuda de um guia e, apesar do grupo e da

---

148 Psicóloga, Gestalt-terapeuta e Arteterapeuta. Psicoterapeuta de adolescentes e adultos. Supervisora clínica em Gestalt-terapia da Universidade Tiradentes ; Coordenadora do curso de pós-graduação em Gestalt-terapia da Universidade Tiradentes. Docente em cursos de Pós-graduação em Gestalt-terapia e Arteterapia.

diversidade de caminhos, o caminho é individual, é dentro, silencioso, contemplativo. Pelo pouco que se pode levar, é um caminho sem vaidades, de simplicidade e humildade, um peregrinar de corpo e alma em um ambiente a qual somos constituídos. É preciso força e coragem, presença ativa, mantendo olhos e ouvidos abertos para mergulhar não somente no mistério que é a mãe-terra, mas no mistério de nossa própria existência. Longe do cotidiano, sem comunicação com o mundo lá fora, é possível esvaziar-se das crenças do que é ser si mesmo, para se preencher com a novidade. São dias de superação. As acomodações são simples, os anfitriões são os nativos daquela região. Estar no Vale é um convite a se olhar, é se sentir pertencente, parte integrante de uma totalidade maior, é estar em um permanente estado de ampliação de consciência. É liberdade e ao mesmo tempo solidão, solitude. Uma experiência de “encantamento ao se deparar com a totalidade que chega até nós como uma linda obra de arte construída pelo universo, como nos aponta Ribeiro (2019)”. É fazer ajustamentos criativos a cada momento, é preciso olhar o caminho aqui e agora exatamente como ele se apresenta. É estar vigilante a si e ao outro nessa jornada, pois o caminho exige atenção e cuidado, é preciso olhar para onde vai, mas sem perder a perspectiva do encontro. É estar em casa, “de volta para casa, como diz Cardella (2017)”, um resgate a nossa própria natureza.

**Palavras-chave:** Caminho. Experiência. Gestalt-terapia. Super-ação. Vale do pati.

## REFERÊNCIAS

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **De volta para casa:** ética e poética na clínica gestáltica contemporânea. Amparo: Foca, 2017.

DOCA, Fernanda Nascimento Pereira; BILIBIO, Marco Aurélio. A (des)conexão criança e natureza sob o olhar da gestalt-terapia e ecopsicologia. **Rev. abordagem gestalt.** [S.l.], v. 24, n. 3, p. 379-387, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.12>.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade: uma gestalt em movimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia.** [S.l.], v. 19, n. 4, p. 896-914. 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.49291>.

RIBEIRO, P. **Ruídos:** contato, luz, liberdade. São Paulo: Summus, 2006.

# O ciclo interrompido das relações abusivas: mecanismos de interrupção de contato na clínica de mulheres na atualidade

*Paula Sampaio Parreiras<sup>149</sup>, Igor Dutra Santos<sup>150</sup>*

## Resumo

Atualmente, em contexto clínico, se observa frequentemente o fenômeno do sofrimento feminino nas relações amorosas abusivas. Diante disso, se faz necessária uma compreensão da situação vivenciada nessas relações e quais as contribuições possíveis para o fortalecimento e a promoção de autonomia dessas mulheres no processo terapêutico. Tal fenômeno se apresenta através de relações em que, usualmente, a mulher se vê diante de um companheiro que a despreza e, em decorrência, tende a controlar suas atitudes e mesmo seus desejos, impedindo que ela possa exercer sua espontaneidade ou cuidado de si. A estrutura conjugal que se estabelece é de responsabilidade do casal e só se apresenta enquanto fenômeno na relação dessas duas pessoas, sendo necessária a compreensão do papel de cada um na sustentação da situação. Buscou-se com este trabalho compreender o fenômeno da vivência de relacionamentos abusivos observado em clientes atendidas em consultório à luz da abordagem gestáltica e refletir sobre o papel do Gestalt-terapeuta diante dessas clientes. Para tal, realizou-se estudo teórico a partir da revisão da literatura gestáltica e fenomenológica acerca do tema da vivência feminina nos relacionamentos amorosos, traçando uma conexão com os conceitos de Eu-tu e Eu-isso de Martin Buber e com contribuições de Alice Miller sobre os ecos de situações de desprezo vivenciadas durante a infância no mundo do adulto. Foram elencadas narrativas coletadas em atendimentos com pacientes que apresentavam contextos condizentes com o tema do estudo e buscou-se compreender tais narrativas a partir das construções teóricas elaboradas. Percebe-se através da literatura gestáltica, em consonância com a experiência clínica, quais mecanismos de ajustamento criativo se apresentam nas pacientes que se deparam em relacionamentos abusivos, de forma a demonstrarem ajustamentos neuróticos e interrupções no ciclo de contato, tornando a relação com o companheiro destituída da presença autêntica e do contato real. Tais relações demonstram um caráter de objetificação do outro como maneira de satisfação de necessidades emocionais cristalizadas desde a infância tanto do homem quanto da

---

149 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; Especialista em psicologia clínica existencial e gestáltica pela FEAD-MG; Especialista em psicologia hospitalar pelo programa de Residência Multiprofissional em Saúde Cardiovascular pelo Hospital das Clínicas da UFMG; Especialista em psicologia hospitalar pelo programa de Residência Multiprofissional em Intensivismo da Santa Casa de Belo Horizonte.

150 Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; Especialista em psicologia clínica existencial e gestáltica pela FEAD-MG; Psicólogo infanto-juvenil no CERSAMI-BETIM/MG.

mulher e tornando o contato caracterizado pela dinâmica da “relação Eu-isso”. Situações sofridas ao longo da vida das pessoas que constituem o casal sustentam, enquanto fundo, ajustamentos neuróticos cristalizados, constituindo cenas ensaiadas e repetitivas, constantes expressões de desprezo projetado e introjetado em uma trágica tentativa de se proteger da ameaça que a outra pessoa representa à autenticidade de si. Isso se associa ao contexto histórico-cultural que pressupõe determinados papéis para a mulher e para o homem em uma relação que já não demonstra espaço propício para o criar. Como consequência ambos se vêm presos a ciclos viciosos em que alimentam suas inseguranças e temores mutuamente, sem conseguir desenhar uma saída satisfatória. Com base na compreensão possibilitada pelas teorias da abordagem Gestáltica, enriquecidas pelo aporte teórico dos autores supracitados, se torna clara a importância da abordagem em psicoterapia das atualizações de situações infantis estruturantes que sustentam as maneiras neuróticas da paciente se relacionar com seu companheiro. As crenças de menos-valia aprendidas introjetivamente na infância seguem cristalizadas nas relações abusivas que as pacientes estabelecem, sendo necessária a abordagem das mesmas através da presentificação da experiência e estabelecimento de uma relação de respeito e sem julgamentos no sentido de criar um experimento para que a pessoa se permita outras formas de estar-no-mundo-com-o-outro.

**Palavras-chave:** Desprezo. Gestalt-terapia. Relacionamento abusivo.

## REFERÊNCIAS

GOMES, Pedro Braga. A Filosofia do Relacionamento. **Periódico de Divulgação Científica da FALS**, [S.l.], v. 3, n. 6, 2010.

MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada**: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos. São Paulo: Summus, 1997.

MOLLER, Cíntia Vieira; ANDRADE, Celana Cardoso. A sexualidade feminina pela perspectiva da Gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 8-17, jun. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000100003&lng=pt&nr m=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100003&lng=pt&nr m=iso). Acesso em: 25 set. 2019.

OLIVEIRA, C. H. C. Resenha: BUBER, Martin. Eu e Tu. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 170 p. **InterEspaço**, Maranhão, v. 2, n. 4, p. 210-213, 2016. (Edição Especial: Dossiê: filosofia contemporânea: reflexões sobre os dias atuais).

YANO, Luciane Patrícia; MENDES, Alysson de Oliveira. Rosa: da ansiedade pela perda do outro à *awareness* sobre a perda de si: situações clínicas em gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Situações clínicas em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2019.

# Um olhar da gestalt-terapia sobre o sofrimento do profissional de saúde no contexto do transplante de medula óssea

*Paula Sampaio Parreiras<sup>151</sup>*

## **Resumo**

O transplante de medula óssea (TMO) é um procedimento de alta complexidade realizado em pacientes que apresentam quadros de câncer hematológico ou outras doenças hematológicas graves e frequentemente impõe aos pacientes internações prolongadas, alto risco de complicações e efeitos colaterais associados a mal-estar intenso. Com isso, compreende-se o TMO como causador de angústia e sofrimento para os pacientes. Os profissionais de saúde que prestam assistência nesse contexto entram em contato direto com o sofrimento vivido pelo paciente e com suas próprias vivências de angústia diante dos desafios dessa clínica (RODRIGUES; LABATE, 2012). Objetiva-se com esse trabalho, a partir de revisão da literatura, refletir acerca da contribuição do Gestalt-terapeuta para o processo dos profissionais da saúde do TMO e respaldar projeto de intervenção em formato de grupos com os profissionais do setor de TMO de um Cancer Center em Belo Horizonte. Foi realizada revisão integrativa da literatura a partir dos descritores “Sofrimento” “profissionais da saúde” e “hospital”. A busca foi realizada nas bases de dados PubMed, CAPES e BVS Saúde. Foi também realizada leitura de textos de referência no campo da Gestalt-terapia e Gestalt-terapia aplicada ao contexto hospitalar. A pesquisa bibliográfica resultou em 129 artigos, dos quais foram selecionados 7 estudos acerca da experiência de sofrimento e sentidos atribuídos pelos profissionais em setores hospitalares, sendo que somente 2 deles contemplavam o ambiente do TMO especificamente. Todos os trabalhos apresentaram metodologia de pesquisa qualitativa. Dentre os temas elencados nos estudos, percebe-se recorrência em todos os trabalhos da temática do conflito entre os sentimentos positivos relacionados ao cuidado aos pacientes e os sentimentos negativos relacionados à impotência e vulnerabilidade diante de desfechos negativos (finitude e perdas). Também aparece em todos os estudos a temática das estratégias de enfrentamento utilizadas pelos profissionais diante da vulnerabilidade inerente ao trabalho realizado. Diante disso, faz-se pertinente a reflexão acerca das maneiras de interrupção de ciclo de contato (RIBEIRO, 2007) desses profissionais diante da própria fragilidade nesse contexto. Compreende-se que as

---

151 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; Especialista em psicologia clínica existencial e gestáltica pela FEAD-MG; Especialista em psicologia hospitalar pelo programa de Residência Multiprofissional em Saúde Cardiovascular pelo Hospital das Clínicas da UFMG; Especialista em psicologia hospitalar pelo programa de Residência Multiprofissional em Intensivismo da Santa Casa de Belo Horizonte.

diversas maneiras de estabelecer contato com tais frustrações, mesmo que consideradas mal adaptativas pela pessoa, dizem respeito às características e possibilidades de existir de cada indivíduo. Tratam-se de ajustamentos criativos que permitem a cada pessoa a busca de seu existir conforme o conjunto de sentidos que compõem seu fundo (GINGER, 2007). Percebe-se a escassez na literatura de estudos sobre a vivência de sofrimento dos profissionais da saúde, sendo mais frequente o interesse pela vivência do paciente e familiares. No entanto, segundo Fukumitsu (2010), os profissionais em um hospital também entram em contato com sentimentos de angústia ao estabelecerem relação com os pacientes. Segundo a autora, a dificuldade de lidar com a dor e a angústia reflete no manejo do cuidado pelos profissionais, podendo levar à ausência do afeto nas relações estabelecidas e, conseqüentemente, à impessoalidade da assistência. Conclui-se diante dos resultados desta pesquisa e das vivências profissionais da autora em um Cancer Center de Belo Horizonte, que se mostra pertinente a abordagem dos temas da angústia e do sofrimento em rodas de conversa com os profissionais da assistência no setor de TMO. Percebe-se nessa prática uma correspondência com os relatos encontrados na bibliografia, especialmente diante de óbitos e da constatação das limitações da equipe no decorrer da doença. Diante disso, foi implantado desde janeiro de 2020 o projeto de encontros mensais com a participação desses profissionais com o objetivo de proporcionar o acolhimento à angústia existencial, pois viver a dor e elaborá-la é integrador, possibilitando o cuidado ao paciente a partir do cuidado de si.

**Palavras-chave:** Profissionais de saúde. Sofrimento. Transplante de medula óssea.

## REFERÊNCIAS

FUKUMITSU, Karina Okajima. Dilemas do profissional de saúde: considerações sobre angústia e cuidado. In: RIBEIRO, A. L. A.; GAGLIANI, M. L. (org.) **Psicologia e cardiologia: um desafio que deu certo**. São Paulo: Atheneu, 2010. p. 191-199.

GINGER, Serge. **Gestalt: a arte do contato: nova abordagem otimista das relações humanas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 5. ed. São Paulo: Summus, 2007.

RODRIGUES, R. P.; LABATE, R. C. Luto de profissionais em uma unidade de transplante de células-tronco hematopoéticas. **Revista Ciência & Saúde**, [S.l.], v. 5 n. 1, p. 26-32, 2012.

SANTOS, M. A.; AOKI, F. C. O. S.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. Significado da morte para médicos frente à situação de terminalidade de pacientes submetidos ao Transplante de Medula Óssea. **Ciência e Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 18 n. 9, p. 2625-2634, 2013.

# O processo de tornar-se adulto: contribuições da teoria de campo e do existencialismo

*Ludimila Gabriela Corrêa de Paula<sup>152</sup>, Celana Cardoso Andrade<sup>153</sup>,  
Nadine Botelho Santos<sup>154</sup>, Débora Marques Silva<sup>155</sup>*

## Resumo

A adolescência é um fenômeno social recente, por esta razão, ainda existem muitas lacunas e questionamentos sobre esse momento da vida. Na modernidade, a adolescência foi analisada por uma perspectiva cronologizante, em que se tentava estabelecer o início, meio e fim desta etapa da vida. A pós-modernidade, ao contrário, aponta para uma descronologização da vida. As mudanças no processo produtivo e nas configurações familiares, bem como o desenvolvimento tecnológico atual, não comportam pensar em etapas sequenciadas e divididas de forma rigorosa. Se no período pós-guerra características como criatividade, dinamismo, rebeldia, transição e desajustes eram associadas exclusivamente à adolescência, com o redesenhamento dos estágios da vida elas passam também a se estender para a vida adulta, gerando uma nebulosidade na fronteira entre idades e entre estas duas fases da vida (BARONCELLI, 2012). As crises de identidade apontam para uma juventude interminável e para uma perspectiva de aposentadoria precoce em que se possa aproveitar a vida. O curso da vida é significativamente desconstruído a partir dessa mudança e torna-se cada vez mais

---

152 CRP 09/11801 – Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em parceria com a Universidade de Zagreb (UNIZG); Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia (ITGT); Bolsista do Programa Jovens Talentos para a Ciência de 2012 a 2013; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) de 2013 a 2014; Bolsista do Programa de Bolsas de Extensão e Cultura (PROBEC) de 2016 a 2017. Todos os programas foram financiados pela CAPES. Psicóloga clínica de crianças, adolescentes e adultos.

153 CRP 09/1121 – Psicóloga pela Universidade Católica de Goiás (UCG); Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia (ITGT); Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Goiás (UCG); Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB); Professora na Universidade Federal de Goiás (UFG) – Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação (FE); Editora Associada da Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies (RAG); Membro fundadora e atualmente membro das diretorias da Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica (ABG) e Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica (ABRAPFE).

154 CRP 09/011960 – Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa de Goiânia (ITGT). Professora no curso de graduação em Psicologia da Faculdade Cambury. Mestranda em Educação Básica pelo Instituto Federal Goiano. Ex-bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID financiado pela CAPES de 2014/01 a 2017/2. Psicóloga clínica de adolescentes e adultos e orientadora profissional.

155 CRP 09/012104 – Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa de Goiânia (ITGT). Ex-bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID financiado pela CAPES em 2017. Psicóloga clínica de adultos.

complexo o processo de entender e localizar as pessoas em fases da vida (DEBERT, 2010). Nesse cenário, a perspectiva fenomenológico-existencial da clínica com embasamento gestáltico carrega uma visão de mundo que permite trabalhar com o ser humano pós-moderno. A Gestalt-terapia não se prende à etapas do desenvolvimento ao mesmo tempo em que considera a concretude de cada adolescente, enxergando como um ser humano total no mundo, o que pode ser um importante recurso no enfrentamento da transição entre a adolescência e a fase adulta. Além disso, afirma que o campo em que o adolescente está inserido irá influenciar diretamente na forma como ele vivencia a adolescência e a transição para a vida adulta e que todos os seres humanos, independente da fase da vida em que se encontram, são existências a serem compreendidas. Partindo desse pressuposto, foi realizada uma pesquisa que buscou compreender, através do método fenomenológico de Giorgi (2010), como ocorre essa mudança de percepção da pessoa e quais elementos presentes no espaço vital favorecem a reconfiguração perceptual do campo, de modo que os adolescentes comecem a se enxergar como adultos. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas mulheres e dois homens entre 25 e 35 anos. Foram investigados os marcos biológicos, emocionais e sociais que contribuíram para a mudança de percepção dos sujeitos e as dificuldades enfrentadas na transição entre as fases da adolescência e vida adulta. Foram alcançadas duas categorias na pesquisa. A primeira relativa ao processo de transição em que foram relatadas as mudanças corporais, emocionais e sociais enfrentadas pelos participantes que contribuíram para a reconfiguração do campo perceptual. A segunda relacionada à vivência da vida adulta a partir de mudanças existenciais nos sujeitos. A compreensão fenomenológica da transição entre adolescência e vida adulta permitiu, a partir das categorias alcançadas, confirmar pressupostos da teoria de campo de Kurt Lewin e, como afirma Ribeiro (2007), através do existencialismo refletir e penetrar nos pensamentos concretos, angústias, preocupações, emoções interiores e satisfações humanas de cada um dos sujeitos participantes. O processo de tornar-se adulto, tal qual apreendido na pesquisa, tem a ver com a capacidade de resgatar o existir sem definições prévias, com a liberdade de criar um projeto de vida, de fazer escolhas e de se responsabilizar pela própria existência. Como seres de possibilidades, à medida que os sujeitos começam a adquirir consciência das próprias escolhas e dos rumos que querem tomar sentem-se responsáveis pela própria vida e inaugurados na fase adulta.

**Palavras-chave:** Adolescência. Existencialismo. Gestalt-terapia. Teoria de campo. Vida adulta.

## REFERÊNCIAS

BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. *Rev. Abordagem Gestalt.*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 188-196, dez. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 21 mar. 2020.

DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, [S.l.], v. 16, n. 34, p. 49-70, 2010.

GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological Method. *In*: AANSTOOS, C.; FISCHER, W. F.; GIORGI, A.; WERTZ, F. J. (org). **Phenomenology and psychological research**. Duquesne University Press: Pittsburgh, PA, 2010. p. 8-22.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 5. ed. São Paulo: Summus, 2007.

# Gestalt-pedagogia, ambientalidade e neuroeducação: a formação de professores, contatos vitais e a construção de ambientes de vida

Ana Carolina Modal Nunes de Castro Peixoto<sup>156</sup>

## Resumo

Perls, Hefferline e Goodman (1997) nos apresentam uma visão de mundo, uma visão das relações onde as experiências são tecidas pelo campo organismo-ambiente de forma complexa. A palavra 'complexo' advém do latim, *complexus*, significando aquilo que se tece junto. Desta forma, a visão do campo organismo-ambiente que Perls, Hefferline e Goodman nos apresenta é aquela que diz respeito à inseparabilidade deste processo onde organismo-ambiente formam uma unidade, formando um ambiente de vida que não pode ser explicado pela soma de suas partes, mas, sim, através das suas capacidades de se comporem de um para o outro. A visão de mundo e de vida proporcionada por estes autores nos encaminham à perspectiva de Vigotsky (1999) quando este nos apresenta o processo de produção do conhecimento. Este somente sendo produzido 'em relação', a partir de campos de experiências onde o conhecimento se tece de forma coexistencial. Desta forma, vemos que o processo de ensino-aprendizagem é a expressão de um processo político. Processo pelo qual diversos atores, tais como educadores, alunos, escola como um todo, família e comunidade podem, de forma complexa, construir ambientes de vida, ou como nos diz Jorge Ponciano Ribeiro (2020), expressar a 'dimensão ambientalidade' que faz parte do humano, para a produção de conhecimentos que não se reduzam àqueles já preestabelecidos pelos conteúdos programáticos. Trazer em cena a questão da Gestalt-pedagogia e Neuroeducação será apresentar o papel da Gestalt com a sua visão de homem, de mundo, através dos conceitos de campo, de contato, de ajustamento criador, de *awareness*, de experimento-experiência, de sua psicopatologia de campo, para além dos diagnósticos clássicos, de sua fenomenologia voltada às experiências e suas relações com a perspectiva da neuroeducação na formação de professores. Por outro lado, vemos os alunos vivendo a 'ansiedade paranoide' pelo fato de mal assimilarem um conteúdo e, em seguida, 'introjetarem' um novo. Sentimento de impotência de nunca se ter tempo para assimilar a experiência de um conhecimento para, no momento oportuno,

---

156 Graduada em Psicologia – Faculdades Salesianas – Macaé (RJ). Graduada em Pedagogia – FAFIMA. Graduada em Administração em Processos Gerenciais – FGV (RJ). Pós-graduada em Neuropsicopedagogia (UCAM). Formação em Gestalt-Pedagogia (2007) – Centro de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares – Coord.: Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto. Associação Brasileira de Neuropsicopedagogia – SBNP 01.217. Profa. da Universidade Livre e da Pós-grad. em de Gestão Pública – Sec. de Ensino Superior – Pref. de Macaé.

ingressar num outro. Paisagem de contatos que desvitalizam a vida dos alunos. A Gestalt-Pedagogia e suas relações com a neuroeducação pode conduzir à construção de estratégias pedagógicas onde o campo processual ensino-aprendizagem aluno-escola não se restrinja à racionalidade de uma educação voltada para resultados e avaliações. A perspectiva de campo da Gestalt nos encaminha à compreensão da complexidade do organismo que se tece na relação permanente e indissociável de um campo. O campo aluno-escola funcionando a partir da lógica do corpo-cérebro (CHANGEUX, 2012), pois o corpo como um todo expressa conectividades entre partes diversas que se comunicam em direção de um objetivo comum: a produção da vida! Como seria vislumbrar o campo ensino-aprendizagem, aluno-escola-comunidade na construção deste corpo-ambiente-cérebro que, ao mesmo tempo, proporciona o crescimento, a criação de um campo onde todos se expandem, não somente, na produção de conhecimentos, mas, na produção da vida comum? A Gestalt-pedagogia e as perspectivas da neuroeducação poderiam contribuir na construção deste campo de experiências em nome da vida comum? O objetivo deste tema-livre é o de visibilizar a fragmentação dos processos ensino-aprendizagem, ou seja, do campo aluno-escola, buscando apresentar as relações possíveis entre a Gestalt-Pedagogia e o campo da neuroeducação para a produção de espaços e de contatos estéticos de conhecimentos onde a dimensão ambientalidade (RIBEIRO, 2020) se expresse. Conhecimentos que são tecidos de forma complexa, ou seja, a partir de conexões de afetos, experiências de vida, sensibilidades que produzam o que Vigotsky (1999) nos propõe a partir de sua perspectiva política de produção de conhecimentos.

**Palavras-chave:** Ambientalidade. Gestalt-pedagogia. Neuroeducação.

## REFERÊNCIAS

BUROW, Olaf. Axel; SCHERPP, Karlheinz. **Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação.** São Paulo: Summus, 1985.

CHANGEUX, Jean-Pierre. **La vie des formes et les formes de la vie.** França: Odile Jacob, 2012.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade: uma gestalt em movimento.** Gestalt 2020. Disponível em: <https://gestalt2020.com.br/>. Acesso em: 1 mar. 2020.

VYGOTSKY, L. S. A. **Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

# Clínica gestáltica da pessoa em depressão: um estudo de caso

*Christine Vieira Pereira*<sup>157</sup>

## Resumo

O presente trabalho objetiva expor estudo de caso clínico de uma pessoa em depressão, realizado no Curso de Especialização em Psicologia Clínica – Abordagem Gestáltica, da Universidade Santa Úrsula. O referido estudo se propôs a apresentar os desdobramentos de acompanhamento psicoterápico fundamentado na Abordagem Gestáltica, realizado ao longo de dois anos (2017-2018), com pessoa que apresentava quadro depressivo e fazia uso de medicação antidepressiva, desde o início da psicoterapia. Na introdução do estudo de caso, são apresentados aspectos referentes ao fenômeno da depressão na atualidade, problematizando-se as compreensões acerca dos altos índices da supracitada psicopatologia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), bem como o campo social contemporâneo, denominado por Han (2017) como Sociedade do cansaço e do desempenho, e sua relação com a construção de subjetividades, já que o conceito “campo organismo/ambiente” (ALVIM, 2007) é estruturante de todo pensar e fazer gestáltico. A metodologia para a realização do estudo do caso foi a seguinte: por meio da análise de 70 (setenta) relatórios-síntese de atendimento, foram escolhidos 5 (cinco) temas-figura mais abordados pela cliente, ao longo de 2 (dois) anos de psicoterapia. A pessoa atendida teve por nome fictício Mariana (M.) para que sua identidade fosse mantida sob sigilo. Mariana autorizou por escrito a realização deste estudo preenchendo e assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Dentre os temas-figura mais demandados por M. e trabalhados nos encontros psicoterapêuticos, estiveram: 1) relação com pai e mãe; 2) solidão; 3) medo de enlouquecer; 4) relação com o marido e 5) relação com o trabalho. A análise dos temas-figura foi realizada a partir de discussão embasada nos conceitos fundamentais de autossuporte e heterossuporte (ANDRADE, 2014) também conhecidos como “autopoio” e “apoio ambiental” (PERLS, 1977, p. 49), em conjunto com os correlatos conceituais compreensão diagnóstica gestáltica (PEREIRA, 2013) e relação terapêutica dialógica. Cada tema-figura foi analisado levando-se em consideração as interrelações entre a história de vida de Mariana, seu campo sociofamiliar e o caminho escolhido por M. na relação terapêutica para abordar as figuras pregnantes que surgiram ao longo da psicoterapia. Vale situar que todos os temas-figura apareciam, desapareciam, apareciam novamente, durante o acompanhamento psicoterápico, conforme demandava M. A

---

157 Psicóloga – CRP 05/30809; mestre em Psicologia Social/UERJ; especialista em Psicologia Jurídica/UERJ; especialista em Psicologia Clínica – Abordagem Gestáltica/USU/2018, gestalt-terapeuta atuando na clínica com adolescentes, adultos, casais e famílias; professora convidada do Curso de Especialização em Psicologia Clínica – Gestalt-terapia do IGT; professora e supervisora de Gestalt-terapia do Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá (UNESA).E-mail: psychristinevieirapereira@gmail.com.

enumeração apresentada, neste trabalho, possui somente caráter didático, não havendo tema-figura mais importante do que outro. O estudo de caso efetuado demonstrou a relevância da relação terapêutica dialógica como propiciadora de heterossuporte de referência, no acompanhamento de homens e mulheres em estado depressivo. O método fenomenológico de investigação, presente na compreensão diagnóstica gestáltica, também foi observado como recurso teórico-prático responsável por facilitar os processos de autoconhecimento e autoaceitação tão importantes para a constituição e fortalecimento de autossuporte, bem como a avaliação acerca da necessidade ou não da busca de heterossuportes pela pessoa acompanhada. A clínica gestáltica com pessoas em depressão deve levar em conta a interação organismo-ambiente ampliando sua perspectiva compreensiva para o campo contemporâneo. Tal observação evidencia a necessidade da realização de novos estudos e pesquisas na Abordagem Gestáltica que tratem da noção de campo depressivo e campo psicopatológico

**Palavras-chave:** Autossuporte. Depressão. Gestalt-terapia. Heterossuporte.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica B. Teoria organísmica, organismo, campo organismo/ambiente. *In: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de gestalt-terapia: "Gestaltês"**. São Paulo: Summus, 2007. p.211-213.*

ANDRADE, Celana Cardoso. Autossuporte e heterossuporte. *In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p.147-162.*

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

PEREIRA, Christine V. **Psicologia jurídica e abordagem gestáltica: um encontro nas Varas de Família**. Curitiba: Juruá, 2013.

PERLS, Frederick S. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

# Gestalt-terapia e psicologia budista: um (re)encontro possível?

Fábio Nogueira Pereira<sup>158</sup>

## Resumo

**INTRODUÇÃO:** As mudanças acarretadas pela vida contemporânea têm repercutido em nossa qualidade de vida, na saúde, nas interações sociais e na relação com a natureza. Também observamos nas últimas décadas uma maior procura por e tentativa de apropriação de filosofias, teorias e técnicas orientais. Alguns autores contemporâneos pontuam que o budismo não se caracteriza como uma religião, nem uma filosofia, mas uma ciência empírica (FULTON; SIEGEL, 2016; GOLD; ZAHM, 2018). O próprio Zen Budismo que veio a influenciar os desenvolvedores iniciais da Gestalt-terapia, por exemplo, se apresenta como uma metodologia para o treinamento da mente buscando o desenvolvimento pessoal a partir da percepção da realidade como ela é. A meditação é também considerada em algumas perspectivas clínicas como um recurso promotor de saúde desenvolvido ao longo de muitos séculos através de observação direta e rigoroso controle empírico (OLENDZKI, 2016). Dentre as diversas influências orientais no Ocidente, destacam-se as práticas meditativas budistas sistematizadas em protocolos de atenção plena, ou *mindfulness*, como também são conhecidos. A abordagem gestáltica também é atravessada, desde as discussões para seu desenvolvimento na virada das décadas de 1940 para 1950, por esta e outras tradições orientais (GOLD; ZAHM, 2018; VERAS, 2005). Muitos autores têm se preocupado com a maneira que sua cultura natal é apropriada e transmitida, ou mesmo extirpada na tentativa de marcar um posicionamento científico na veiculação dessas práticas com um verniz científico. A perspectiva epistemológica e o objetivo daquele que pratica qualquer técnica não poderiam, assim, ser desvinculado do posicionamento ideológico e da herança histórica desses grupos étnicos. Contudo, ao se desconsiderar aspectos políticos, sociais, históricos, simbólicos e espirituais a fim de delinear tais técnicas como científicas, corremos o risco de negligenciar a dimensão relacional-processual e nossa inserção/participação no todo, produzindo atitudes alienadoras e ainda mais adoecedoras. Tal discussão se torna ainda mais relevante, quando além da banalização dessas metodologias por pessoas que não se comprometem com o estudo do fundo a partir do qual as práticas emergem. A Psicologia moderna ocidental apreende e endossa o uso dessas técnicas sem o devido cuidado com seu efeito individual e societal, contribuindo para a manutenção de uma sociedade egotista, insular e que

---

158 Psicólogo formado pela PUC Minas, doutor em Psicologia pela UFES, Gestalt-terapeuta formado pelo Instituto Sedes Sapientiae. Possui pesquisas publicadas em forma de capítulos de livros e artigos sobre carreira, educação, relacionamentos interpessoais e psicologia clínica em publicações brasileiras e internacionais. Atua como psicoterapeuta, pesquisador, professor universitário e palestrante. É diretor clínico e científico do Instituto SATI.

nega sua animalidade, sua ambientalidade, sua racionalidade, e inserção sustentável no campo como parte integrante do todo-natureza. Desde o surgimento de programas de *mindfulness* décadas atrás, o movimento tem ganhado força no contexto clínico da psicologia e na promoção de saúde mental. Esses programas têm sido associados a terapias cognitivas, comportamentais, psicodinâmicas, à psicologia positiva e até mesmo em escolas humanistas. Acreditamos na possibilidade de tal debate tomando uma perspectiva gestáltica para fomentar uma reflexão por parte dos profissionais de saúde, em especial psicólogos, a fim de que exerçam uma intervenção consciente, recuperando as dimensões humanas, sociais e ecológicas das relações estabelecidas e inspirando o engajamento no desenvolvimento comunitário sustentável. **OBJETIVO:** Apresentar aspectos fundantes da psicologia budista e seu possível diálogo com a Gestalt-terapia a fim de desenvolver um contexto de debate e reflexão sobre a prática clínica gestáltica. **PLANO GERAL:** Inicialmente serão apresentados o budismo e sua compreensão sobre o homem, o mundo e sua relação. A seguir, delinearemos pontos de aproximação e distanciamento com a Gestalt-terapia, bem como as implicações do uso de aspectos teóricos e metodológicos budistas na psicoterapia. Ao final, será realizada uma breve prática e aberto espaço para discussão. **RECURSOS NECESSÁRIOS:** Equipamento de sonorização, cadeiras, data show. **NÚMERO MÁXIMO DE PARTICIPANTES:** 40 pessoas.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Meditação. *Mindfulness*. Psicologia budista.

## REFERÊNCIAS

- BARENDREGT, H. Buddhist phenomenology. *In:* CHIARA, M. Dalla (ed.). **Filosofia della scienza e fondamenti della probabilità e della statistica:** Congresso Temi e prospettive della logica e della filosofia della scienza contemporanee. Cesena, jan. 7-10, gennaio 1987. Bologna: CLUEB. 1987. v. 2. p. 37-55. Disponível em: <https://repository.ubn.ru.nl/bitstream/handle/2066/17299/13374.pdf?sequence=1>. Acesso em: 6 ago. 2018.
- FULTON, P. R.; SIEGEL, R. D. Psicologia budista e psicologia ocidental: buscando pontos em comum. *In:* GERMER, C. K.; SIEGEL, R. D.; FULTON P. R. (org.). **Mindfulness e psicoterapia.** Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 37-58.
- GOLD, E.; ZAHM, S. **Buddhist psychology and gestalt therapy integrated:** psychotherapy for the 21<sup>st</sup> century. Portland, OR: Metta Press, 2018.
- OLENDZKI, A. As raízes de mindfulness. *In:* GERMER, C. K.; SIEGEL, R. D.; FULTON, P. R. (org.). **Mindfulness e psicoterapia.** Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 268-289.
- VERAS, R. P. **Ilumina-ação:** diálogos entre Gestalt-terapia e Zen-Budismo. 2005. Mestrado (Dissertação em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

# Meu pai que nunca chega: temos nosso próprio tempo

Lia Pinheiro<sup>159</sup>, Ernane Rodrigues Rijo Borges<sup>160</sup>

## Resumo

O uso da internet é uma realidade mundial, isso é fato! As tecnologias de informação e comunicação (TICs) modernas, como o uso de tablets, computadores e telefones celulares estão revolucionando a forma das pessoas se comunicarem, seja no trabalho ou na interação familiar. A realidade é que todos devem fazer o uso consciente das redes, não trocar nossa interação real pela interação virtual. A internet está muito ligada aos jovens, sendo motivo de discussões acaloradas..., mas será que os pais também influenciam o uso dos aparelhos eletrônicos em seus filhos? Será que estimulam os filhos a fazerem uso do seu tempo nas mídias sociais? Evangelista (2016) fala sobre Cronos e Kairós, palavras de origem grega usadas para definir o tempo. O motivo de toda essa explicação a respeito do tempo, é para contar o caso clínico de um adolescente de 13 anos, do sexo masculino, que iremos chama-lo pelo nome de "Igor" para preservar a sua identidade. O motivo da procura pelo processo psicoterápico, segundo a sua mãe, foi por indicação da escola por questões comportamentais como: desinteresse pelos estudos, sono durante as aulas, notas baixas e, o adolescente também sofria *bullying* por parte dos colegas por estar acima do peso. Igor mora com os pais, é filho único, e não apresenta uma vida muito ativa, pois fica a maior parte do dia sozinho em casa. O pai sai de casa para trabalhar bem cedo, a mãe fica com ele na parte da manhã até a ida dele para a escola. No primeiro dia de consulta o adolescente chega ao consultório e se apresenta de forma tímida, e está acompanhado pela mãe. É um garoto fora do seu peso ideal, não demonstra vaidade, seus cabelos estão bagunçados, as roupas amassadas, não demonstrando cuidado consigo mesmo. Sua fala é quase inaudível, sendo muito difícil escutar o que dizia. Segundo a mãe, esta "não sabia o que está acontecendo com o seu filho". No primeiro contato, a mãe falava mais que o adolescente. Enquanto a mãe falava I. permanecia sentado de cabeça baixa, não esboçando nenhuma reação. Após uns minutos pedi para ficar só com o Igor, para que pudéssemos conversar mais à vontade. Assim que a mãe saiu perguntei se ele concordava com o que ela disse. Este disse que concordava, mostrando dessa forma que estava consciente dos acontecimentos, do que

---

159 Psicóloga, psicoterapeuta, mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especialista em Gestalt terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae. Prof<sup>a</sup> do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas-Coordenadora e Supervisora do Programa "Dá Pra Atender?" na Casa do Adolescente de Pinheiros- Secretária Estadual de Saúde de São Paulo.

160 Psicólogo, psicoterapeuta. Membro da Equipe Técnica do Programa Saúde do Adolescente da Secretaria Estadual de Saúde São Paulo. Psicólogo do Programa "Dá pra Atender?" na Casa do Adolescente de Pinheiros- Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo.

foi dito a seu respeito. Depois de uns minutos de conversa o jovem começa a se soltar e disse que passava as noites jogando online pelo computador. I. disse que é incentivado pelo pai. O pai ao chegar em casa vai direto para o notebook- só tem um, e após o pai jogar chegava sua vez. O adolescente passava as noites em claro jogando, e por esse motivo não tinha disposição para permanecer acordado durante as aulas. O jogo começava as 21:00 e terminava as 04:00 da manhã. O adolescente dizia nas sessões a seguinte frase: *“meu pai nunca chega”*, ou seja, a primeira coisa que o pai fazia ao chegar em casa depois de um dia de trabalho era se dedicar ao jogo e o jovem sentia falta do contato do pai, e disse que a única forma de interação entre eles era o jogo. Nesse momento do processo psicoterápico o adolescente se tornou consciente sobre a ineficiência do tempo gasto com o jogo, e se tornou *aware* da situação escolhendo não competir mais com o pai, e passou a buscar novas formas de contato em relação ao meio e com o outro. Com essa tomada de consciência do filho, o pai conseguiu observar para onde estava caminhando a relação entre eles e resolveu mudar seu comportamento. A tomada de consciência, *awareness*, fez com que o adolescente se deparasse com o aprendizado imediato e ele compreendeu sua relação com o mundo em um espaço-tempo presente, aqui e agora. Pois temos o nosso próprio tempo.

**Palavras-chave:** Adolescente. Contato. Internet. Relação familiar. Tempo.

## REFERÊNCIAS

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. Temporalidade kairológica do Dasein e plantão psicológico. *In*: MORATO, Henriette Tognetti Penha; EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves; MILANESI, Pedro Vitor Barnabé (org.). **Fenomenologia existencial e prática em psicologia**: alguns estudos. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016. v. 1. p. 147-158.

# O contato com a natureza move o despertar da consciência: experiências de reconexão na clínica gestáltica

Ana Paula Cavalcante Pinto<sup>161</sup>, Monica Hava de Jesus<sup>162</sup>, Honey Stern<sup>163</sup>

## Resumo

A Gestalt-terapia compreende holisticamente “homem” e “mundo” como uma unidade indivisível, cujas partes existem em constante interação e interdependência. Somos seres que se constroem nas relações, no contato com o meio em que estamos inseridos. Pertencendo a este Planeta, somos parte de sua imensa rede de vida: somos natureza! Quando, porém, esquecemos essa dimensão existencial, perdemos nossa unidade de sentido e nos tornamos disfuncionais e incapazes de vivenciarmos relações sustentáveis, plenas, harmoniosas e felizes. É isso que temos construído em nossa trajetória tecnológica: um sistema de crenças disfuncionais que diminui o valor da vida negando essa interdependência. A humanidade está diante da escolha entre extinguir-se ou transformar-se. Considerando a problemática ambiental atual, mais do que nunca, somos convocados à mudanças emergenciais e potentes para efetivar uma grande virada, reconfigurando nossas referências e ajustando criativamente nossa relação com o mundo para assegurar nossa sobrevivência. Acreditamos que o trabalho terapêutico deva propiciar experiências de contato e reconexão que restabeleçam e ampliem a capacidade e a forma do sujeito se relacionar com os seres humanos e não humanos, nesse mundo, em busca de sentido, ampliação da consciência e atualização de suas potencialidades existenciais. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas em contato com a natureza e seus elementos propiciam experiências de relaxamento, integração e pertencimento que se convertem em recursos de auto-suporte que podem ser acessados pela pessoa em situações de estresse que exijam maior tranquilidade e equilíbrio, facilitando os processos de autorregulação, promovendo saúde e bem-estar. Desse modo, compartilhamos nossas experiências como gestalt-terapeutas,

---

161 CRP: 05/36451 Psicóloga; Pós graduada em Gestalt-Terapia pelo Instituto de Gestalt Terapia e Atendimento Familiar - IGT; Especialista em Psicologia Clínica pelo CRP-RJ; Possui formação em Ecopsicologia e Ecologia Profunda pelo Instituto Brasileiro de Ecopsicologia; Desenvolve trabalho clínico, é também Terapeuta de casais e membro do grupo EcopsiRio.

162 CPR: 05/51689 Psicóloga graduada na UFRRJ, Gestalt-terapeuta pelo ICGT/RJ, com formação em Ecopsicologia e Ecologia Profunda pelo Instituto Brasileiro de Ecopsicologia – Unipaz/DF. Membro do Grupo EcopsiRio e responsável pelo Espaço de Ser – Psicologia e Práticas Integrativas (RJ), onde desenvolve trabalho clínico individual e em grupo, com jovens e adultos.

163 CRP: 06/123645 Psicóloga, graduada pela Unip; Possui formação em Gestalt Terapia pelo Instituto Sedes Sapient; e com formação em Ecopsicologia e Ecologia Profunda pelo Instituto Brasileiro de Ecopsicologia.

vivenciadas com base nas propostas da Ecopsicologia e princípios da Ecologia Profunda, através (1) de interações profundas com a natureza, utilizando experimentos em meio a espaços naturais propriamente ditos, ou mesmo no consultório tradicional ou virtual, incluindo mais elementos naturais que privilegiam diferentes sentidos e ampliam a percepção da pessoa sobre si mesma e seu lugar na teia da vida; (2) da consciência de estar e ser-no-mundo vivendo entre fronteiras do egocentrismo e do ecocentrismo, e, entre incômodos e incoerências, experienciar a transição de comprometer-se com novos hábitos e atualizar formas de consumo, organização do ambiente doméstico e adoção de modos de vida mais saudáveis; e (3) de atuar nas mídias digitais através de comunicações em diferentes formatos, promovendo provocações, reflexões e ações em direção à consciência ecológica e formas criativas de viver, mais integradas e sustentáveis. O ser humano está sempre buscando e mudando, com isso, evolui e transcende a si mesmo, promovendo atualizações que se caracterizam como movimentos para a vida. Nosso trabalho é em prol desse movimento, do reencontro homem-natureza, acreditando que, ao restaurar nosso sentido de pertencimento ao meio natural, ampliaremos a percepção de que o cuidado, o respeito às singularidades e liberdades de cada ser, configura-se também como prática de auto-cuidado. Esperamos, assim, ampliar o diálogo, aprofundar, aperfeiçoar e co-criar cada vez mais vivências, aplicáveis à prática clínica e para além dela, reconectando o “Humano” à sua “Natureza” de, potencialmente, “Ser-Mundo”.

**Palavras-chave:** Consciência ecológica. Ecopsicologia. Gestalt-terapia. Relação homem-natureza.

## REFERÊNCIAS

BILIBIO, M. A. **De frente para o espelho:** ecopsicologia e sustentabilidade. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento sustentável, área de concentração em Políticas e Gestão Ambiental) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade Brasília, Brasília, 2013.

MACY, J.; BROWN, M. Y. **Nossa vida como Gaia:** práticas para reconectar nossas vidas e nosso mundo. São Paulo: Gaia, 2004.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e de pessoa em gestalt-terapia:** revisitando o caminho. São Paulo: Summus, 2011.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Holismo, ecologia e espiritualidade:** caminhos para uma gestalt plena. São Paulo: Summus, 2009.

# A atuação do gestalt-terapeuta no contexto hospitalar: uma proposta reflexão, cuidado e vivência

*Raquel de Sousa Ribeiro<sup>164</sup>*

## **Resumo**

A Gestalt-Terapia possibilita, através da teoria de campo, não somente a compreensão ampla e contextualizada do adoecimento da pessoa no mundo, como também subsidia tecnicamente o acompanhamento psicológico. O presente trabalho tem como objetivo elucidar, difundir e discutir, a compreensão da hospitalização através do olhar do Gestalt-Terapeuta para o campo, se incluindo neste. Trata-se de um workshop fundamentado na reflexão, cuidado e vivência para abordar o tema “saúde, sofrimento e adoecimento na perspectiva de campo” aplicada à atuação do psicólogo no contexto hospitalar. O hospital é local de diagnóstico, tratamento e reabilitação de alta complexidade para os pacientes que requerem internamento e, comumente, sofrem com o adoecimento, hospitalização e risco de morte. Considerando a teoria de campo apresentada por Lewin (1965), o internamento hospitalar pode ser compreendido pelo Gestalt-Terapeuta como um fenômeno que se revela em um campo denso, onde as forças presentes somam-se às intenções de paciente, familiares, amigos e equipe multiprofissional. As nuances dessas forças (referente a forma, tempo ou resultados esperados do tratamento) são diversas e, por vezes, conflituosas ou contraditórias, gerando tensões e sofrimentos importantes advindas do campo (revelados pelo comportamento das pessoas em função do meio). Além das forças do campo do hospital soma-se ainda as forças do ambiente externo, anterior ao internamento, uma vez que de acordo com a perspectiva de campo, a saúde das pessoas é influenciada e influencia as condições do ambiente ao seu redor. A história de cada pessoa no ambiente hospitalar e suas expectativas de vida se presentificam diante de um adoecimento que ameaça/prejudica a vida de alguém (o passado e o futuro influenciam o campo presente). Podem-se destacar como exemplo dessa totalidade, os índices recentes das doenças oncológicas: A incidência global do câncer até 2040 deve atingir um aumento médio de 60% em comparação ao número de pessoas diagnosticadas com tumores malignos no mundo em 2018 (OMS, 2020). A constatação da influência do ambiente fica ainda mais evidente ao ser considerado

---

164 Psicóloga, formada pela Faculdade Ruy Barbosa em 2010, pós-graduada em psicologia clínica com ênfase em Psicoterapia Breve pela Faculdade Castelo Branco (2012), Especialista em Gestalt-Terapia pelo IGTBa (2016), com formação em Psicoterapia Infanto Juvenil na Abordagem Integrativa (2019). Psicóloga clínica e hospitalar desde 2011, trabalha atualmente em UTI e em consultório. É uma das idealizadoras e professora do Workshop de Psicologia Hospitalar: uma proposta de reflexão, cuidado e vivência

somente os casos de países em desenvolvimento. Neles o crescimento dos casos de câncer deve chegar a 81% nas próximas duas décadas, seguidos também de maiores taxas de mortalidade em decorrência da condição desses países. Compreende-se ainda que, as condições da qualidade do cuidado hospitalar são como forças no campo e repercutem no sofrimento de todos envolvidos. O Gestalt-terapeuta participa de discussões de caso e planejamento terapêutico, sendo parte também deste campo fluido, dinâmico, de possíveis intercorrências com forte carga emocional. Para tanto, o próprio campo é recurso para o trabalho, que sente as possibilidades e se guia considerando as forças do campo. Na escolha de prioridades, de condutas, de intervenções e manejos clínicos. Com o enfoque no olhar humanista e existencialista, será proposto através do workshop, o uso da metodologia fenomenológica na atuação do Psicólogo Hospitalar. Espera-se que, a partir da vivência proposta, que o participante se veja no campo da saúde, se possível identificando-se com um desses “personagens” do campo hospitalar, entrando cuidadosamente em contato com sua presença, com o seu passado e futuro. Uma possibilidade de ampliação das contribuições da Gestalt-Terapia para a Psicologia Hospitalar com foco na teoria de campo. Soma-se à proposta também, instigar aos participantes, durante a reflexão, a integração dos demais conceitos da Gestalt-Terapia à Psicologia Hospitalar, que são relacionados com a perspectiva de campo.

#### **Plano Geral do workshop:**

Abertura: apresentação da proposta, alinhamento, reconhecimento do grupo;

Vivência: saúde, sofrimento e adoecimento hospitalar: “você no campo”;

Momento de trocas, acolhimento e reflexão: como faz o GT nesse campo?

Breve explanação teórica costurando com a prática através de relatos de experiência;

Fechamento.

**Palavras-chave:** Cuidado. Gestalt-terapia. Psicologia hospitalar. Teoria de campo. Vivência.

#### **REFERÊNCIAS**

D’ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; OGLER, Sheila. **Dicionário de gestalt-terapia: “Gestaltês”**. São Paulo: Summus, 2007.

FREITAS, Joanneliese de Lucas; STROIEK, Nutty Nadir; BOTIN, Débora. Gestalt-terapia e o diálogo psicológico no hospital: uma reflexão. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 141-147, dez. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 nov. 2018.

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672019000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 6 nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25.4>.

PRESSE, F. **Casos de câncer devem aumentar 81% nos países pobres até 2040, alerta OMS**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/04/casos->

de-cancer-devem-aumentar-81-nos-paises-pobres-ate-2040-alerta-oms.ghtml.  
Acesso em: 14 mar. 2020.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia refazendo um caminho**. 8. ed. São Paulo: Sannus, 2012.

# Desenvolvimento emocional infantil e a importância da família como heterossuporte: um olhar da gestalt-terapia

*Rúbia Janelo da Rocha<sup>165</sup>, Laís Nadai Tavares<sup>166</sup>*

## Resumo

Para a Gestalt-terapia o ser humano é um ser de relações, relação essa consigo mesmo, com o outro e com o mundo (ambiente), e, são nessas relações que ele adoece e também se cura e se desenvolve. E assim como afirma Silva e Gontijo (2016) as primeiras experiências da criança acontecem no seio familiar e é nesse ambiente que se inicia a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança, formando seu senso de self. Sendo assim, a criança é marcada e também marca, afeta e é afetada nas diversas relações como também na relação familiar. De um ponto de vista gestáltico, Aguiar (2015) define desenvolvimento como o processo pelo qual o ser humano desloca-se gradativamente da utilização de um suporte ambiental (heterossuporte) para a satisfação de suas necessidades e escolhas no mundo para um parâmetro pessoal e singular (autossuporte). Ou seja, a pessoa nasce tendo total dependência do outro e vai adquirindo recursos para satisfazer suas necessidades, buscando os ajustamentos criativos mais saudáveis. Trazendo a ideia de Fernandes (2016), a criança forma seus vínculos com quem a cerca, e o desenvolvimento emocional vem como resultado dessa interação da criança com o ambiente e dos ajustamentos criativos feitos por ela na relação eu-mundo. No contato com o outro e com o ambiente, a relação, pode ser um facilitador no desenvolvimento da criança, mas também pode atrapalhá-la, ao exigir obediência e adequação à uma determinada forma, à um jeito de ser-no-mundo. E com isso, como diz Andrade (2014) a pessoa na ânsia de ser aceita, protegida e amada, a tudo se submete, em busca da sobrevivência emocional. Geralmente a família não tem consciência da influência e do impacto dessa influência na formação integral da criança, e como Silva e Gontijo (2016) trazem, tanto a falta quanto o excesso de estimulação da família influenciam no desenvolvimento da criança e suas relações. É importante esclarecer que, ao falar de “família”, a explicação vem de

---

165 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Maringá- UniCesumar; Estudante de formação em Gestalt-terapia pela Escola Paranaense de Gestalt-terapia; Possui Curso de Férias em Psicologia Hospitalar pelo Hospital Pequeno Príncipe; Participou do Projeto de Extensão “Psicologia hospitalar e equipe multiprofissional – interdisciplinaridade na promoção de saúde” no Hospital Universitário Regional de Maringá (HUM/UEM).

166 Psicóloga clínica CRP 08/21107, Mestre em Psicologia pela UEM com ênfase em Existencialismo, Fenomenologia e trabalho com idosos; Gestalt-terapeuta pela Escola Paranaense de Gestalt-terapia e Especialista em Docência no Ensino Superior pela UniCesumar. Possui treinamento em trabalho com crianças e adolescentes no modelo Violet Oaklander. Pós-Graduada do curso Ead e novas tecnologias educacionais e Criadora do Canal FechandoaGestalt/GestaltParana.

Aguiar (2016) que diz que, para a Gestalt-terapia a definição de família saudável não é necessariamente o modelo nuclear, não são os elementos que dão o caráter saudável, mas sim sua configuração, ou seja, os lugares que cada um ocupa dentro da sua dinâmica familiar. O que importa é como as pessoas se relacionam entre si e com a criança, e o que e como ela se ajusta a fim de satisfazer suas necessidades nesse contexto. Assim torna-se fundamental investigar como o desenvolvimento emocional infantil é entendido pela Gestalt-terapia e como a família pode ser um heterossuporte de qualidade, já que em Gestalt-terapia a psicologia do desenvolvimento acabou por muito tempo sendo um tabu, visto que não trabalha com a demarcação definitiva de fases. Desta maneira, segundo Aguiar (2016) é possível pensar a família como um heterossuporte saudável, desde que as pessoas exerçam a confirmação da criança em sua especificidade (todos os sentimentos e necessidades da criança), promovendo sua diferenciação do outro e manter a coesão e a unidade entre os membros. Além de acolher, satisfazer e proteger seus familiares, devendo também frustrá-los, aceitar suas diferenças e respeitar seus limites. Confirmar não implica em concordar, mas o adulto deve mostrar a criança que todos os sentimentos são válidos e tudo bem ela sentir o que está sentindo, cabe ao adulto ajudar a criança lidar com a situação e ser suporte para que ela desenvolva recursos, ajustamentos criativos mais funcionais e saudáveis para satisfazer suas necessidades.

**Palavras-chave:** Ajustamento criativo. Desenvolvimento infantil. Família. Heterossuporte.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças:** teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Summus, 2015. ISBN 978-85-323-0944-0.

ANDRADE, Celana Cardoso. Autossuporte e Heterossuporte. *In:* FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Coleção Gestalt-terapia:** fundamentos e práticas: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2016. v. 2, cap. 8, p. 147-162. ISBN 978-85-323-0940-2.

FERNANDES, Myrian Bove. Psicoterapia com crianças. *In:* FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Coleção gestalt-terapia :** fundamentos e práticas: modalidade de intervenção clínica em gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2016. v. 4, cap. 3, p. 56-82. ISBN 978-85-323-1050-7.

SILVA, Thalita Rodrigues; GONTIJO, Cristina Silva. A família e o desenvolvimento infantil sob a ótica da gestalt-terapia. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 15-36, 2016.

# Interlocuções entre o temazkal e a gestalt-terapia: uma tradição nativo-americana de auxílio na awareness da ambientalidade

Montserrat Gasull Sanglas<sup>167</sup>, Rodrigo Bastos<sup>168</sup>

## Resumo

Este tema livre visa estabelecer um diálogo entre a proposta do ritual nativo-americano da tenda de suor e sua relação com a procura da tomada de consciência da dimensão ambiental do ser humano. Compreendemos aqui a ambientalidade tal como apresentada por Ponciano (2019), como algo essencial ao ser humano que, pertencendo ao universo é composto dos mesmos elementos que o constituem, ou seja, ar, fogo, terra e água. A *awareness* desta ambientalidade acontece quando tomamos consciência de que somos formados pelo universo e ao mesmo tempo formamos parte dele, e com o qual estabelecemos uma relação de diálogo, coligação e intercâmbio. Podemos descrever fenomenologicamente o *temazkal* como uma tenda, construída seguindo uma geometria sagrada, feita com varas e coberta com panos, barro ou pedras, onde são introduzidas pedras quentes sobre as quais é jogada água e ervas. As pessoas se encontram assentadas ao redor do centro dentro deste espaço enquanto um chefe de cerimônias comanda cada etapa do ritual, que também é composta por cantos, tambores e outros instrumentos. Em frente ao *temazkal* encontramos uma fogueira, que esquenta as pedras, e também um altar. Simbolicamente, como explicado por Tekpankalli (1996), a tenda de suor representa o ventre da mãe terra do qual todos nascemos e um espaço para se purificar e contatar com os quatro elementos (ar, fogo, terra e água). A estética do ritual, e a compreensão dos signos a ela relacionados, torna-se relevante para entender como este processo pode nos levar para uma *awareness* da nossa ambientalidade. Assentados em contato com a terra, recebemos através do ar o vapor quente gerado pelo encontro do fogo com a água por intermédio das pedras. Cada etapa da cerimônia é conhecida como

---

167 Graduanda em psicologia pela Universidade Estácio de Sá de Juiz de Fora. Professora de espanhol e catalão como língua estrangeira. Intérprete simultânea português-espanhol-catalão. Palhaça. Ministra cursos de formação em Clownterapia. Sócia na empresa A Arte de Ser Grande aonde é produtora dos cursos, workshops e oficinas em Gestalt. Estudo da máscara neutra (Barcelona) com Javier Villena. Estudos e práticas em Palhaçaria influenciados pela pedagogia de Jacques Lecoq e Philippe Gaulier.

168 Mestre em Ciências Sociais pela UFJF. Pós-graduado em Psicologia Clínica na Abordagem Gestáltica (IPGL). Psicólogo pelo CES. Palhaço. Membro da ABGT. Coordenador da Pós-graduação em Gestalt-terapia na USU. Psicólogo clínico. Professor em Pós-Graduações em Psicologia pela Abordagem Gestáltica. Autor do Livro "O Clown Terapêutico". Ministra cursos de formação em Clownterapia. Estudos em Palhaçaria influenciados pela pedagogia de Jacques Lecoq e Philippe Gaulier do qual foi aluno.

“porta” e está relacionada com um dos quatro elementos já citados, assim como os pontos cardeais, emoções, qualidades, etapas do desenvolvimento humano, transformando todo este processo num percurso holístico que busca a integração das polaridades do universo no ser humano e o contrário respectivamente. Na cerimônia tradicional os participantes saem do *temazkal* buscando suas próprias elaborações, enquanto que, realizado em contexto de workshop terapêutico, os elementos colhidos durante e após a prática se transformam em material a ser elaborado individualmente ou em grupo sob a supervisão do terapeuta. Não é a proposta aqui, que o *temazkal* seja usado como ferramenta psicoterapêutica de forma contínua, pois se faz necessário um tempo para a elaboração das questões surgidas durante a vivência. Propõe-se este trabalho, a partir da demanda apresentada pelo cliente, quando este se revela desconectado da sua própria existência, com necessidade de conexão espiritual e com o seu próprio corpo, e avaliando se o cliente tem abertura e afinidade com a proposta. Antes de apresentar a vivência, analisaremos as condições físicas e psíquicas do cliente pelo mesmo viés com qual avaliamos a aplicabilidade de outros exercícios em Gestalt-terapia, ou seja, a observação do auto-suporte do cliente. Devido ao calor produzido no espaço de trabalho (similar ao de uma sauna), não é indicado para pessoas com problemas cardíacos, pressão alta e diabetes não controladas e gravidez de risco, assim como, é preciso um cuidado maior com pacientes oncológicos os quais necessitam de autorização médica. A permissão para se guiar um *temazkal* não é recebida através de um curso de formação e sim, mediante um caminho que é seguido junto aos guardiões da tradição. Se faz necessário respeitar e zelar por manter a forma e a estética originária, cuidar do sentido e a ética com que é guiado por pessoas que fazem parte da tradição para evitar que *temazkal* perca seu sentido original. No *temazkal* somos chamados a observar e reconhecer como cada elemento e suas representações se encontram integrados na nossa vida e nos convida a compreender a dimensão ambiental de nós seres humanos e o quanto esta mesma vida faz parte a um todo (do universo)

**Palavras-chave:** Ambientabilidade. Ambientalidade. *Awareness*. *Temazkal*.

## REFERÊNCIAS

- RIBEIRO, Jorge Ponciano. Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade: uma gestalt em movimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. [S.l.], v. 19, n. 4, p. 896-914. 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.49291>.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Holismo, ecologia e espiritualidade**: caminhos de uma gestalt plena. São Paulo: Summus, 2009.
- SPANGENBERG, A. **Conversaciones con una mariposa**. Montevidéo: Ediciones Cruz del Sur, 2010.
- SPANGENBERG, A. **Terapia gestalt**: un camino de vuelta a casa. Montevidéo: Psicolibros-Universidad, 2006.
- TEKPAKALLI, Aurelio Diaz. **Una voz para los hijos de la tierra**. Tradicion oral del Camino Rojo. [S.l.: s.n.] 1996.

# Grupo terapêutico afeto & cumplicidade: relato de vivências e experiências de pais de crianças diagnosticadas com TEA na Instituição APAE, Caicó/RN

*Ana Paula de Camara Santos<sup>169</sup>, Lillian Argolo Amaral<sup>170</sup>, Chrystianne  
Maria Rocha Pontes<sup>171</sup>, Ciro de Almeida Sampaio<sup>172</sup>*

## Resumo

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE em Caicó/RN atende um público de pessoas portadoras de deficiências e transtornos variados. Considerando a demanda de crianças e adolescentes diagnosticados ou em processo diagnóstico no Transtorno do Espectro Autista - TEA no ano de 2019 suscitou-se a ideia de formar um grupo terapêutico destinado a esse público, onde os responsáveis e cuidadores pudessem compartilhar experiências, dividir angústias e dificuldades no acompanhamento do desenvolvimento de seus filhos enquadrados no espectro. Fundamentado na abordagem gestáltica, este grupo propõe-se a ampliar a compreensão sobre aspectos ligados às peculiaridades das relações de contato no sistema familiar de crianças e adolescentes com TEA bem como, promover reflexões e possibilitar mudanças acerca dessas relações, destacando-se a importância do acompanhamento terapêutico de seus responsáveis e cuidadores, dando a eles suporte para lidar com suas questões em relação ao seu papel

---

169 CRP 17/1454. Graduada pela Universidade Potiguar-UNP (Natal/RN). Psicóloga Clínica. Especialização: Psicopedagogia pela FIP (2010, Patos/PB) e Psicologia Clínica em Gestaltterapia pelo instituto natalense de Gestaltterapia-ING (2019, Natal/RN). Aluna do curso de formação em Gestaltterapia com Crianças e Adolescentes (Centro Gestáltico de Fortaleza/CE) e na disciplina Educação de Alunos Com TEA, pela UFRN. Ministra aulas nos cursos de graduação e pós graduação da FACESA/FVJ.

170 CRP 17/2963. Graduada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Formação em Gestaltterapia no IGT-RJ (2013) e Formação em atendimento de crianças e adolescentes em Gestáltica pelo Centro Gestáltico de Fortaleza (2020). Especialista em Psicopedagogia pela UNINTER (2020). Cursa especialização em Psicologia Clínica no IGT-RJ e Neuropsicologia na Universidade Potiguar. Psicóloga clínica, supervisora clínica e professora de cursos de psicologia.

171 CRP 17/0401 Graduada pela UFRN Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Psicóloga clínica com especialidade em psicoterapia infanto juvenil, psicoterapia corporal, psicoterapia de casal e família, e formação em Gestalt-terapia pelo centro de Desenvolvimento Humano, 2007. Pós-graduação em psicopedagogia pela UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Experiência clínica, facilitadora de cursos de formação e pós-graduação.

172 CRP 17/2795. Graduado em Psicologia pela Uni-RN (Natal). Servidor Municipal (SEMTAS, Natal/RN) na Proteção Social Básica. Especialização: Docência Superior (2013); Terapia Familiar (2015); Psicologia Clínica Gestalt-terapia (Indivíduo, Família e Grupo, 2018), pelo ING - Instituto Natalense de Gestalt-terapia. Aluno do curso de Formação em Fenomenologia-Existencial (Núcleo Poesis, Natal-RN). Professor substituto UFRN, facilita disciplinas na pós graduação do ING.

como cuidadores. Assim, o grupo tem como objetivo ouvir os responsáveis e possibilitar a abertura de um espaço, interno e externo à instituição, para conversarem sobre suas experiências de campo comuns ou não, acreditando que assim terão maior conhecimento de si e do seu lugar parental. Pensa-se, que a negação, um dos primeiros e mais intenso comportamento vivenciado ao receber o diagnóstico, seja um momento dolorido e vivido pelos participantes, pois, em muitos momentos os diagnosticados não os olham nos olhos, não os escutam, não cumprem alguns combinados e não correspondem a suas comunicações e expectativas, ou seja, não podem reconhecê-los em seus lugares parentais, na tarefa de educá-los. E, desse modo, promover o compartilhamento de estratégias com o intuito de refletir e provocar mudanças no que concerne às relações familiares dos participantes, torna-se relevante. Nas últimas décadas, tem-se verificado um crescente número de pessoas diagnosticadas com TEA, e essa classificação envolve diversos quadros clínicos que podem variar quanto à intensidade dos sintomas e prejuízo gerados à rotina do indivíduo. Destaca-se que com frequência esse diagnóstico é realizado na infância, devido ao fato de ser este um transtorno do neurodesenvolvimento e envolve limitações nos domínios de comunicação e interação social e na existência de padrões restritos e repetitivos de comportamento, percebidos desde tenra infância. O grupo acontece semanalmente, durante 1 hora e 30 minutos, ainda em andamento, no momento atual. Evidencia-se uma melhora no entrosamento e na ambientalidade no processo de articulação das atividades propostas. Acredita-se que este trabalho com as famílias e cuidadores destas crianças seja muito relevante para uma evolução dos papéis parentais neste tipo de família, bem como para melhor desenvolvimento do portador do TEA, o que pode levar à estruturação de um lugar no qual conseguiriam se ajustar de forma diferente. Daí a importância deste trabalho para um melhor prognóstico destes casos.

**Palavras-chave:** Família. Grupo de pais. Grupo terapêutico. TEA.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Josiane M. T. de. Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente. **Rev. Abordagem Gestalt**, dez. 2010, Goiânia, v. 16, n. 2.
- ARRUDA, N.; FERNADES, M. B. Awareness. *In: D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de Gestaltterapia***. São Paulo: Summuus, 2007. p. 32-34.
- ASSUMPCAO JUNIOR, Francisco B.; PIMENTEL, Ana C. M. Autismo infantil. **Rev. Bras. Psiquiatria**, [S.l.], v. 22, 2000.
- GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia de contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.
- GRANDIN, T. **O cérebro autista**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- KIYAN, A. M. M. O que é a Gestaltterapia. *In: KIYAN, A. M. M. **E a gestalt emerge***. 2. ed. São Paulo: Altana, 2006. P. 146-150.
- MENDONÇA, M. M. Ajustamento criativo. *In: D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de gestaltterapia***. São Paulo: Summus, 2007. p. 20-22.

- PINTO, Ênio B. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia: ciclo de contato e os modos de ser.** São Paulo: Summus, 2015.
- RAMALHO, Náíade Cristina Pereira; SARMENTO, Stella Maria de Sá. LEGO® therapy as an intervention in autism spectrum disorders: an integrative literature review. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 21, n. 2, 2019.
- SILVA, Ana Beatriz B.; GAIATO, Mayara B.; REVELES, Leandro Thadeu. **O mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.
- VOGEL, Andréa Rodrigues. O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista. *Social. IGT Rede*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 97-152, 2012.
- ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em gestalt-terapia.** 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.

# Os passos éticos e estéticos da atenção psicossocial infantojuvenil desafios nos limites da gestalt-terapia em um CAPSI

Igor Dutra Santos<sup>173</sup>

## Resumo

A vivência do cuidado de crianças e adolescentes em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSi) força os limites de uma visão superficial dos conceitos e teorias clássicas da Gestalt-terapia, diante de fenômenos aparentemente incongruentes, contextos sociofamiliares de pobreza extrema, estruturas sociais ativamente marginalizantes. Ao lidar com esse público novos desafios surgem na compreensão do imperscrutável, nos ajustes criativos impensáveis, no acesso a um fundo restrito, na abordagem de um campo com poucos recursos (psicológicos ou materiais). Neste trabalho são analisadas as estruturas teóricas e práticas que vêm tornando possível a abordagem de casos graves de transtornos mentais infanto-juvenis. A partir da experiência de trabalho no CAPSi de Betim/MG e de compreensões teóricas da Gestalt-terapia sobre a abordagem das psicoses, em especial a partir do funcionamento do *self*, o objetivo é promover o debate desse campo de atuação. Os CAPSi fazem parte da rede de serviços substitutivos criados após a reforma antimanicomial de forma a propor tratamento de pacientes graves fora da lógica segregadora e punitiva dos manicômios (MINAS GERAIS, 2006). Existem dentro do modelo do SUS, universal, integral e equânime e com diretrizes de regionalização, descentralização e controle popular. Uma concepção antropológica próxima à que sustenta a Gestalt-terapia: um ser humano integral em suas dimensões vivências, individual em sua história, indissociável do meio em que habita e capaz de se autogerir e afetar o meio de forma dialética. O compasso entre as duas propostas parece harmonioso. A produção nacional sobre o tema da clínica das psicoses vem crescendo, em especial após das construções de Muller-Granzotto e Muller-Granzotto (2012) pensando o sofrimento psicótico a partir do conceito do *self* e as consequências que um meio pouco responsivo, difuso, invasivo têm no desenvolvimento de ajustamentos em que a pessoa busca na fronteira de contato por elementos que não consegue acessar por seus próprios meios. Os autores atentam para o aspecto ético-político da abordagem de casos complexos dentro do ambiente da saúde pública: equipar o usuário com ferramental de circulação social, para que possa acessar equipamentos públicos e outras formas de exercer sua posição de cidadão autônomo, criativo, potente. É um passo ético da atenção psicossocial. Tomando uma rota diferente, Cardoso (2019), Francesetti (2018), Spagnuolo-Lobb (2018) dentre outros, postulam a importância da atenção ao contato

---

173 Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas gerais; Especialista em psicologia clínica existencial e gestáltica pela FEAD-MG; Psicólogo infanto-juvenil no CERSAM-BETIM/MG.

com o paciente, a compreensão de que a psicopatologia surge como fenômeno de campo, no qual o terapeuta está incluído, e na atenção ao processo de distinção figura-fundo, precarizado nesses casos. Relembrem que a compreensão do adoecimento é construída a partir da forma como se apresenta, mais que do conteúdo que ajuda a preencher essa experiência. É um passo estético da atenção psicossocial. Diante de propostas algo diferentes, apesar do foco sempre em torno do processo de contato do *self*, se percebe o lugar de cada passo na dança da atenção psicossocial às crianças e adolescentes. As famílias se mostram como peça fundamental do campo, na experiência de mundo desses jovens, que vão tomando para si aspectos mais profundos do papel reivindicatório de cidadão, por vezes de forma que a própria família não consegue sustentar. Gritam sobre seu sofrimento! Escancaram as negligências que sofrem, a incapacidade de se fazer entendidos, as dores de amor e as paixões da disputa por um lugar ao sol. É necessário o fortalecimento do fundo dos pacientes e responsáveis enquanto cidadãos que cumprem seu papel de exigirem serem percebidos enquanto figuras. Contudo a escuta ao pé do ouvido, de um sofrimento menos externalizado, das crises existenciais, da descoberta de si, da negação da própria subjetividade pelo outro, deve ser também atentada. A dança é por vezes estridente, raivosa, revoltosa, mas também chora, pede ouvido, precisa de presença próxima.

**Palavras-chave:** Campo. Infanto-juvenil. Psicopatologia. Self.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Claudia Lins. Sobre as dores de existir: uma introdução à psicopatologia em Gestalt-terapia. *In:* CARDOSO, Claudia Lins; GIOVANETTI, José Paulo (org.), **Sofrimento humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã, 2019. p. 75-110.

FRANCESETTI, Gianni. “Você chora, eu sinto dor”: o self emergente, cocriado, com o fundamento da antropologia, psicopatologia e psicoterapia na Gestalt-terapia. *In:* ROBINE, Jean-Marie. (org.) **Self: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos; coordenação e revisão técnica da tradução para a versão brasileira Monica Botelho Alvim**. São Paulo: Escuta, 2018. p. 147-167.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Atenção em saúde mental**. Maria Elizabeth de Souza. Belo Horizonte, 2006.

MULLER-GRANZOTTO, Marcos José; GRANZOTTO, Rosane Lorena. **Psicose e sofrimento**. São Paulo: Summus, 2012.

SPAGNUOLLO-LOBB, Margherita. O *self* como contato: o contato como *self*: uma contribuição à fundamentação da experiência na teoria do *self* em Gestalt-terapia. *In:* ROBINE, Jean-Marie. (org.) **Self: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos; coordenação e revisão técnica da tradução para a versão brasileira Monica Botelho Alvim**. São Paulo: Escuta, 2018. p. 271-302.

# A clínica ampliada e a orientação profissional: uma pesquisa fenomenológica com adolescentes

*Nadine Botelho Santos<sup>174</sup>, Ludimila Gabriela Corrêa de Paula<sup>175</sup>, Débora Marques Silva<sup>176</sup>*

## Resumo

Atualmente, a formação em Psicologia tem enfatizado o estudo e a atuação de seus alunos na clínica ampliada. Essa compreensão tem intermediado a atuação dos profissionais da Psicologia em novos espaços, tais como empresas, hospitais e escolas, além de novas áreas de atuação, como a orientação profissional (OP) (BOHOSLAVSKY, 2007), objeto de estudo dessa apresentação. A visão filosófica e teórica da Gestalt-terapia contribui para compreendermos que essa atuação ampliada se torna possível à medida que entendemos o homem como um ser social, que se constitui na relação com o mundo. Essa relação ontológica, de ser-no-mundo, é o que representa o sujeito como um ser em formação no contato consigo, com o outro e com o mundo. Essa visão corrobora com a filosofia existencialista que defende o homem como um ser de escolhas, possibilidades, liberdade, responsabilidade, projeto e angústia no seu existir (SARTRE, 2014). A orientação profissional se sustenta no pressuposto de que os jovens podem realizar suas escolhas profissionais quando compreendem seus projetos, possibilidades e crenças (pessoais e sociais) dando a oportunidade de escolhas mais assertivas e conscientes. Portanto, esta apresentação tem como objetivo discutir a relação entre o exercício clínico ampliado da OP, segundo a ontologia e epistemologia da Gestalt-terapia e apresentar os resultados de uma pesquisa acerca da compreensão da vivência de adolescentes que realizaram a orientação profissional. Para a realização desta pesquisa, fizemos a submissão do projeto e, com a devida aprovação pelo Comitê de Ética, seguimos todas as normativas e pré-requisitos do mesmo. Os dados foram colhidos por meio de uma entrevista semiestruturada com três jovens, maiores de 18 anos,

---

174 CRP 09/011960 – Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa de Goiânia (ITGT). Professora no curso de graduação em Psicologia da Faculdade Cambury. Mestranda em Educação Básica pelo Instituto Federal Goiano. Ex-bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID financiado pela CAPES de 2014/01 a 2017/2. Psicóloga clínica de adolescentes e adultos e orientadora profissional.

175 CRP 09/11801 – Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em parceria com a Universidade de Zagreb (UNIZG); Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia (ITGT); Bolsista do Programa Jovens Talentos para a Ciência de 2012 a 2013; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) de 2013 a 2014; Bolsista do Programa de Bolsas de Extensão e Cultura (PROBEC) de 2016 a 2017. Todos os programas foram financiados pela CAPES. Psicóloga clínica de crianças, adolescentes e adultos.

176 CRP 09/012104 – Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa de Goiânia (ITGT). Ex-bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID financiado pela CAPES em 2017. Psicóloga clínica de adultos.

que fizeram o processo de orientação profissional nos últimos dois anos. A entrevista buscava compreender as experiências, as contribuições e as dificuldades vivenciadas no processo de OP. Para análise dos dados coletados utilizamos o método fenomenológico de Giorgi (2010). Como resultado, identificamos unidades de sentido que, organizadas em formato de categorias, possibilitaram a compreensão do processo de desenvolvimento do cliente durante a OP em quatro etapas (ANDRADE, 2019). A primeira categoria revelou como os clientes buscam e iniciam a OP. Eles evidenciaram sentimentos de angústia, dúvida e conflitos, tendo acesso a OP muitas vezes por indicações. A segunda categoria demonstrou como o exercício da OP acolhe e orienta esses jovens, ou seja, como se dá o processo de OP. Uma das características destacadas foi a importância da experiência em entrevistar profissionais das áreas de interesse. A terceira categoria apresentou as contribuições e os desafios vivenciados e desenvolvidos neste processo, tais como clareza e conhecimento das profissões. Por fim, a quarta categoria evidenciou como os jovens finalizavam esse acompanhamento, quais eram as características, vivências e conhecimentos alcançados a partir da OP. A compreensão da experiência desses jovens no processo de OP, abre espaço para a discussão sobre técnicas, atendimentos e objetivos da atuação do psicólogo nessa área da clínica ampliada. Além disso, a abordagem gestáltica nos auxilia a abarcar novas perspectivas a essa atuação. Ao compreendermos o jovem como um ser de possibilidades, pela nossa base existencialista, podemos discutir o processo de OP como um espaço de formação continuada que o auxilie na elaboração de seus projetos e realização de escolhas

**Palavras-chave:** Clínica ampliada. Existencialismo. Orientação profissional.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Celana Cardoso. **Sentidos da psicoterapia:** teoria e prática da gestalt-terapia. Curitiba: Juruá, 2019.
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional:** a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological method, *In:* AANSTOOS, C.; FISCHER, W. F.; GIORGI, A.; WERTZ, F. J. (org). **Phenomenology and psychological research.** Duquesne University Press: Pittsburgh, PA, 2010. p. 8-22.
- SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo.** 4. ed. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014. (Vozes de Bolso). ISBN 978-85-326-4286-8.

# A gestalt-terapia e a educação ambiental: um olhar para a transdisciplinaridade

Roger Asevedo dos Santos<sup>177</sup>, Lilian Vanessa Nicácio Gusmão<sup>178</sup>

## Resumo

Pensar o ciclo do contato como um paradigma em psicoterapia tal qual descreve Jorge Ponciano Ribeiro (2019), abre a possibilidade de ampliarmos e estendermos o fazer gestáltico para outras áreas da psicologia, ou mesmo para além dela. Considerar este modelo teórico/prático em consonância com uma visão de homem como ser ambiental-animal-racional abre caminhos para que a abordagem gestáltica olhe para o ser humano como agente de transformação no meio ambiente em busca de sua sustentabilidade. Dessa forma, o presente trabalho pretende estabelecer um diálogo entre o Paradigma do Ciclo do Contato com modelos teóricos de outras abordagens psicológicas, ou mesmo, de outras áreas do conhecimento que possa evidenciar o potencial da Gestalt-terapia para contribuir de forma significativa com a conservação ambiental. Ao considerarmos os pressupostos teóricos e filosóficos da abordagem gestáltica e sua natureza holística percebemos sua proximidade com o Paradigma da Complexidade e vemos nos “sete saberes necessários à educação do futuro” de Edgar Morin (2014), em especial o terceiro e o quarto, como um caminho de atuação da gestalt-terapia. Assim, “ensinar a condição humana” e “ensinar a identidade terrena” passam a ser objetivos da abordagem gestáltica em seu papel no campo da educação ambiental. A Gestalt-terapia permite que o contato pleno nos permita resgatar a força da interioridade e da autocontemplação, uma vez que cuidar de si é cuidar do universo. Como exposto por Jorge Ponciano Ribeiro (2009), uma experiência gestáltica e holística do universo permite uma atitude de uma inter ou intradependência de todas as coisas entre si. No ciclo do contato a interrupção pode ser reconhecida como uma forma de olhar a psicopatologia como uma neurose do social e aqui a deflexão é abordada como interrupção de contato, o que torna mais difícil um processo de tomada de consciência para as questões ambientais. É nesse contexto de transdisciplinaridade que a abordagem gestáltica considera a não-disjunção entre o homem e o seu ambiente natural, considerando também o todo da relação e assim, pode

---

177 Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. Graduado em Ciências Biológicas e mestre em Biologia Experimental pela Universidade Federal de Rondônia. Estudante do curso de Psicologia e da Pós-graduação em Gestalt-terapia da Faculdade Panamericana de Ji-Paraná - UNIJIPA. Sócio-fundador e membro do Grupo de Estudos em Gestalt-terapia de Rondônia, Figura Viva.

178 Professora do curso de graduação em Psicologia e da pós-graduação em Gestalt-terapia da Faculdade Panamericana de Ji-Paraná - UNIJIPA. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Gestalt-terapia da Bahia. Mestra em Ciências Ambientais pela Universidade de Taubaté. Coordenadora da clínica escola de psicologia da UNIJIPA. Sócia-fundadora e membra do Grupo de Estudos em Gestalt-terapia de Rondônia, Figura Viva.

pensar e atuar as questões ambientais como Edgar Morin expõe, tomando para si seu importante papel na educação socioambiental. Mostra-se como caminho, uma atuação da Gestalt-terapia dentro de outras vertentes da Psicologia (além da clínica) como a Psicologia Social e Comunitária, ao estabelecer relações entre o ciclo do contato e o materialismo histórico dialético, conforme sugere Hoepfner (2002); a Gestaltpedagogia, ao considerar o aprendizado como “fazer contato” com o objeto de aprendizagem; e a Psicologia Organizacional, que ao considerar a organização como um organismo vivo, pode atuar no sentido de ampliar sua *awareness* em relação a sustentabilidade ambiental. Enquanto seres de relação, somos e estamos no mundo e a forma como estamos no mundo determina as possibilidades de vir-a-ser, na medida em que o processo de tomada de consciência avança, com ele também a esperança de uma postura sustentável.

**Palavras-chave:** Ciclo do contato. Educação ambiental. Gestalt-terapia. Sustentabilidade. Transdisciplinaridade.

## REFERÊNCIAS

HOEPFNER, A. M. **Arte da gestalt-terapia no trabalho em psicologia social e comunitária**. 2002. Disponível em: [https://www.academia.edu/9189894/A\\_ARTE\\_DA\\_GESTALT-TERAPIA\\_NO\\_TRABALHO\\_EM\\_PSIKOLOGIA\\_SOCIAL\\_E\\_COMUNIT%C3%81RIA\\_1](https://www.academia.edu/9189894/A_ARTE_DA_GESTALT-TERAPIA_NO_TRABALHO_EM_PSIKOLOGIA_SOCIAL_E_COMUNIT%C3%81RIA_1). Acesso em: 20 mar. 2020.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. Brasília: Cortez, 2011.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Holismo, ecologia e espiritualidade**: caminhos de uma gestalt plena. São Paulo: Summus, 2009.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2019.

# O encontro entre sociedade e natureza pela perspectiva gestáltica

Beatriz Araujo Sardenberg<sup>179</sup>

## Resumo

A Gestalt terapia é, dentre as correntes da psicologia, uma das que mais enfatiza considerar o campo, propondo uma terapia da experiência humana no mundo (ALVIM, 2007). Seus conceitos têm grande potencial para trabalhar a discussão proposta da relação do homem com a natureza. As necessidades que colocamos em dado momento histórico, como indivíduos e como sociedade, nossa moral e ideais, nosso conceito de desenvolvimento, tudo isto se entretetece ao meio natural e aos nossos vínculos a este (SOARES, 2015). A partir de um recorte da pesquisa e trabalho monográfico desenvolvido no curso de psicologia da UFRJ, este trabalho tem como objetivo pensar então que tipos de narrativas criam a disfuncionalidade atual desta relação e como tal disfunção surge também nas variadas relações do indivíduo, com o meio e consigo. Objetiva-se também refletir sobre futuros direcionamentos dentro do tema, a partir da Gestalt-terapia. Metodologicamente, realizou-se uma revisão bibliográfica a partir de apontamentos fenomenológicos e da Gestalt-terapia que fossem capazes de contextualizar a situação contemporânea relacionada à manutenção da configuração do vínculo entre sociedade e natureza. Situa-se o contexto contemporâneo através de noções trazidas da fenomenologia, como a técnica de Heidegger. A técnica moderna cria com a natureza uma relação exclusiva de extração de recursos, inclusive recursos referentes à natureza humana (SILVA; FREITAS, 2019). Coloca-se a necessidade de desenvolver-se uma relação diferente com o mundo, onde a possibilidade de maravilhamento e espanto com este e com a existência permitem de fato um contato com o que se relaciona e permite a produção criativa de outras verdades e outras formas desta. Acrescenta-se a isso a importância da vivência através do corpo para experienciar o mundo como se apresenta, conforme Merleau-Ponty. É a partir do corpo, como coloca, que experiencia-se o mundo de forma potencialmente criativa (PEIXOTO, 2012). O corpo como natureza e ao mesmo tempo cultura permite transcender as falsas dualidades impostas no contexto contemporâneo, como entre sociedade e natureza, que precisam ser superadas para se poder compreender de fato a relação existente entre as partes até então polarizadas. A partir da Gestalt-terapia trabalhou-se a visão dessa dicotomia como uma vivência neurótica, desenvolvendo as formas de fixação percebidas na relação. Pensando em

---

179 Graduanda em Psicologia com previsão de conclusão de curso em 2020. Estagiária clínica sob supervisão da professora doutora Mônica Alvim. Experiência de apresentações passadas nas Semanas de Integração Acadêmica de 2017, 2018 e 2019, tendo recebido menção honrosa nos dois primeiros anos; e no Congresso de Gestalt-Terapia do Rio de Janeiro de 2019, com trabalho sob a temática de Clínica de Situações Contemporâneas.

settings terapêuticos, outras potencialidades e em como a gestalt-terapia vê a terapia como uma arena de mudança social e investimento no futuro (FRANCESETTI, 2018), é lógico trazer a este campo também a relação a qual tem se mostrado mais custosa de se atualizar para a humanidade como um todo, que é a desta com a natureza. A partir dos escassos exemplos dentro da literatura gestáltica, analisaram-se potencialidades clínicas deste vínculo e rumos de pesquisa futuros. Para análise do tema, desenvolveu-se também sua ligação com outros conceitos gestálticos como de *awareness*, contato, campo e self. A partir do coletado, foi possível realizar uma avaliação global dessa relação sujeito-natureza, sublinhada por Ribeiro (2019) como ambientalidade, bem como projeções para mudanças nessa relação, inclusive a partir de um contexto terapêutico. Concluiu-se que a fixação inflexível na relação com a natureza e o viés coisificador desta leva a uma redução na sensação de fluidez com o meio, de forma neurótica. Foi possível encontrar potencialidades terapêuticas em alimentar-se uma relação menos dualista entre tais partes, dentro e fora de um contexto clínico. Percebeu-se uma defasagem de produções experimentais baseadas na Gestalt-terapia, que poderiam melhor demonstrar em termos práticos as diferenças de uma proposta mais integrativa com o meio natural na vivência do indivíduo. Percebeu-se esta como uma boa direção para pesquisas futuras que embasem a teoria já vista, apesar de haver também espaço para desenvolvimento teórico maior do tema.

**Palavras-chave:** Natureza. Sustentabilidade. Gestalt-terapia.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Mônica Botelho. O fundo estético da Gestalt-Terapia. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 13-24, jun. 2007. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 4 jan. 2020.
- FRANCESETTI, G. “Você chora, eu sinto dor” o self emergente, cocriado, como o fundamento da antropologia, psicopatologia e psicoterapia na gestalt-terapia. *In*: ROBINE, Jean-Marie (org). **Self**: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos. São Paulo: Escuta, 2018.
- PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 43-51, jun. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100007&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 14 mar. 2020.
- SILVA, Nayane Aparecida da Costa; FREITAS, Joanneliese de Lucas. “A questão da técnica” em Heidegger: considerações sobre a clínica psicológica. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 11, n. 1, p. 137-156, abr. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912019000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 mar. 2020. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01ensaio46>.
- SOARES, Brígida Vanessa Dantas. **Gestalt-terapia e sustentabilidade**: uma abordagem pluricêntrica do meio ambiente. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19754/1/2015\\_Br%c3%adgidaVanessaDantasSoares.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19754/1/2015_Br%c3%adgidaVanessaDantasSoares.pdf). Acesso em: 12 dez. 2019.

# Mulheres em rede: o experienciar do gênero feminino

Adriana Moraes Schoenacher<sup>180</sup>, Luanna Simas Velloso<sup>181</sup>

## Resumo

Propomos uma reflexão sobre o campo que constitui a experiência de ser-mulher-no-mundo. Ao falarmos de gênero, entendemos que “houve uma socialização do biológico e uma “biologização” do social” (BOURDIEU *apud* LIZÍAS, 2005) em que crenças em identidades fixas, “biologicamente naturais”, interrompem a fluidez do crescimento e, em nossa sociedade, subalternizam a mulher. Acreditamos que a clínica sem uma profunda crítica de gênero dá as costas às mudanças e urgências sociais. O silêncio despolitiza a atuação clínica e engessa a articulação entre o cultural, o social, o político e o psíquico. Sem a crítica de gênero reafirmamos a violência teórica e institucional. A Gestalt-Terapia (GT) traz importante contribuição nesta temática tanto como referencial teórico quanto, como nos diz Lizías (2005), projeto político de contestação social. Iluminamos o conceito ‘teoria de campo’ da GT na busca de compreender como o gênero é construído observando o “campo organismo/ambiente” onde os comportamentos de homem e mulher se desenvolvem” (LIZÍAS, 2005). Neste recorte testemunhamos o gênero feminino moldado nas violências e apagamentos cotidianos que deslegitimam sua existência autêntica em nome de um determinado esteriótipo. Segundo Schilling (2017), “a retirada, pelo meio, das possibilidades de fechamento das necessidades reais de uma pessoa constitui uma modalidade de violência” e esta violência age “na desconstrução do humano e assume os mais variados formatos, (des)organizando o fundo que sustenta nossas ações no mundo”. A experiência de ser-mulher-no-mundo é construída no espaço organismo-ambiente em toda complexidade e desdobramentos das relações indivíduo-sociedade e articula os níveis biológico, psicológico e sócio-cultural. Compreendendo que a personalidade se constitui em fundações experienciais, propomos a seguinte provocação: como se constrói a realidade de ser-mulher-no-mundo? Através das funções de contato organizamos nossas percepções e damos significados aos nossos sentimentos. Então, propomos uma

---

180 Psicóloga (IBMR), CRP: 05/54487, pós graduanda em Gestalt-terapia Teresinha de Mello (USU) término ago/2020. Terapeuta clínica, coordenadora do núcleo de acolhimento perinatal e da mulher do NIPCH/SCMRJ nos anos de 2018 e 2019, idealizadora e organizadora do I Simpósio MulheRio: Não se nasce mulher, torna-se, Mulher, palestrante e mediadora de vivências no IBMR, NEPC, PUC/RJ. Especialista em Neurociências (IPUB/UFRJ); Arte, educação e saúde (AVM); Orientadora Educacional e Pedagógica (AVM).

181 Psicóloga (IBMR), CRP: 05/53300, em formação em Gestalt-terapia pelo Instituto de Psicologia Gestalt em Figura, previsão de término jan/2020, terapeuta clínica, psicóloga do núcleo de acolhimento perinatal do NIPCH/SCMRJ, idealizadora e organizadora do I Simpósio MulheRio: Não se nasce mulher, torna-se, Mulher. palestrante e mediadora de vivências no IBMR, NEPC, PUC/RJ, vellosoluanna@gmail.com.

“vivência de gênero”. Receberemos a todes com placas descrevendo situações cotidianas vividas por mulheres e convidaremos a explorar como é estar nesse ambiente. Na sequência, exibiremos o vídeo “É menina”, de “Put some farofa” de Gregório Duvivier. Uma crônica dos comportamentos de uma Menina. Em seguida faremos um convite para que acessem suas memórias de vivência e reconhecimento do gênero feminino. Em pares, compartilharão a experiência marcante. Em roda, na potência do encontro, convidaremos a compartilharem como foi a experiência de ouvir e ser ouvida. Para concretizar a grande teia de mulheres na sala, será entregue um novelo àquela que se dispuser a começar contando seu relato da experiência. Ao terminar sua narrativa, mantendo uma ponta do fio do novelo, implicada na teia, entregará a uma próxima participante que manifestar desejo de seguir até que todas estejam interligadas na teia. Fechando, materiais serão oferecidos para, individualmente, confeccionem mensagens para jogarem “ao mar”: O que você gostaria de dividir com outras mulheres? As mensagens irão se misturar num mar, representado por uma caixa, onde, para cada uma escolher uma mensagem para levar. Utilizaremos música e vídeo, novelo de lã, miniatura de garrafinhas, papel, canetas e lápis. A sugestão do experimento visa provocar e ampliar comportamentos e novas percepções. Com essa prática, convocamos a potência do encontro, do acolhimento, da identidade e da cura nas relações. Reconhecimento, aceitação, acolhimento e admiração são valores fundantes de uma personalidade e adaptamo-nos não apenas para sobreviver, mas para encontrar algum bem-estar. O caráter mutável da experiência possibilita um despertar da consciência para a necessidade de recriar incessantemente nossas percepções da realidade.

**Palavras-chave:** Gênero. Mulher. Saúde mental. Sexo.

## REFERÊNCIAS

- FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais: fundamentos e práticas 2**. São Paulo: Summus, 2014.
- LIZÍAS, Sérgio. Gestalt e relações de gênero: a emergência de novas masculinidades e feminilidades nos modos de ser homem e ser mulher hoje. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; ROCHA, S. L. C. de O. (org.). **Gestalt e gênero: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade**. Campinas: Livro Pleno, 2005.
- PONCIANO, Jorge R. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2007.
- SCHILLINGS, Angela. Os sofrimentos mentais agravados e o diagnóstico “borderline”. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017.
- SERRES, M. **Tempo de crise**. Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 2017.
- TIBURI, M. **Feminismo em comum para todas, todes e todos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- VALENTI, J. **Objeto sexual: memórias de uma feminista**. São Paulo: Cultrix, 2018.

# Ser-mulher-no-mundo: um gênero como resistência

Adriana Moraes Schoenacher<sup>182</sup>, Luanna Simas Velloso<sup>183</sup>

## Resumo

O presente trabalho expõe inquietações quanto à socialização do biológico e à “biologização” do social, descrita por Bourdieu (*apud* LIZÍAS, 2005), e seus desdobramentos no ser-mulher-no-mundo. O conceito gênero começou a ser utilizado pelo movimento feminista nos anos 80, na tentativa de resistência ao determinismo biológico e o caráter social das distinções baseadas no sexo. Entretanto, até o DSM-IV transtornos sexuais e de gênero seguiam no mesmo capítulo. O perigo disso é reafirmarmos práticas heteronormativas no cuidado à saúde mental e sofrimento emocional, restringindo a potência das reflexões sobre o tema e desconsiderando a participação do gênero na formação de certos sintomas, na vulnerabilidade e como determinante de vida e morte. Perls (1997) afirma que o homem sadio é aquele sem características fixas. Como estar sadio numa cultura que fixa as formas de existência ao aparelho genital? A cultura tem um papel no processo de configuração afetivo-emocional e de performances comportamentais alinhados às determinâncias do gênero. Pelo mundo, expressões de violência contra mulheres estão em todo o tecido social e violam os direitos humanos. Um sistema de crenças em identidades fixas, “biologicamente naturais”, que subalterniza a mulher. Compreender os marcadores de opressão, entendendo-os como o campo de violência ao qual a mulher é submetida, nos faz crer na inibição de excitação, potência e autenticidade. A Gestalt-Terapia contribui nesta compreensão como referencial teórico e como projeto político de contestação social (LIZIAS, 2005). É 32,5% maior a incidência de transtorno de ansiedade em mulheres (COSTA, 2019) e entendendo ansiedade como inibição do excitamento criativo, segundo Perls (1997), esse dado nos fala da experiência de ser-mulher-no-mundo. A insidiosa exposição à violência promove uma interrupção de contato que transforma o fluxo espontâneo em um fluxo adaptativo às situações de impedimento experienciadas.

---

182 Psicóloga (IBMR), CRP: 05/54487, pós graduanda em Gestalt-terapia Teresinha de Mello (USU) término ago/2020. Terapeuta clínica, coordenadora do núcleo de acolhimento perinatal e da mulher do NIPCH/SCMRJ nos anos de 2018 e 2019, idealizadora e organizadora do I Simpósio MulheRio: Não se nasce mulher, torna-se, Mulher, palestrante e mediadora de vivências no IBMR, NEPC, PUC/RJ. Especialista em Neurociências (IPUB/UFRJ); Arte, educação e saúde (AVM); Orientadora Educacional e Pedagógica (AVM).

183 Psicóloga (IBMR), CRP: 05/53300, em formação em Gestalt-terapia pelo Instituto de Psicologia Gestalt em Figura, previsão de término jan/2020, terapeuta clínica, psicóloga do núcleo de acolhimento perinatal do NIPCH/SCMRJ, idealizadora e organizadora do I Simpósio MulheRio: Não se nasce mulher, torna-se, Mulher. palestrante e mediadora de vivências no IBMR, NEPC, PUC/RJ.

Exposta às exigências do gênero, a liberdade diminui ou é ceifada: comporte-se, não corra, sinta direito, arrume-se, fale baixo. Potencialidades desqualificadas e a singularidade resumida ao diário ato de violência que retira a possibilidade de se reconhecer como é, empobrecendo o repertório de respostas, alienando a autenticidade e a abertura para a fronteira de contato, colonizando a psique, refém de padrões antecipatórios ao próprio contato, inibindo a possibilidade de assimilação criativa, e, portanto, o crescimento do organismo saudável. O organismo feminino é exposto a um campo rígido, desde a mais tenra infância, que estreita a espontaneidade de eleger figuras, no aqui-e-agora e ir em direção, no sentido de assimilá-lo. Debruçamo-nos a problematizar gênero considerando o campo organismo/ambiente onde os comportamentos de homem e mulher se dão, visto que estar no campo pressupõe a introjeção de conceitos culturais como língua, vestuário, normas sociais. Nessa interação, a mulher tem o apetite potencial substituído pela aceitação e sobrevivência, seu comportamento é envelopado pelas violências cotidianas em cada sutileza que deslegitima sua existência autêntica em nome de um esteriótipo. Por violência entendemos a retirada, pelo meio ambiente, das possibilidades de fechamento das necessidades reais de uma pessoa que passa a agir na desqualificação e no fundo turvo que sustenta suas ações no mundo (SCHILLINGS, 2017). Considerando o exposto anteriormente, desejamos provocar com os seguintes questionamentos: podemos acreditar na autenticidade das escolhas do organismo feminino ao longo da vida? Estas escolhas expressariam processos naturais de contato e assimilação de elementos ao crescimento? A prática clínica necessita se implicar e cuidar de entender a relação entre o impacto da designação de gênero nos mecanismos de funcionamento, confiando na possibilidade da retomada do autossuporte, abrindo espaço para a autenticidade, autorizando e apoiando o desabrochar do ser-criativo.

**Palavras-chave:** Gênero. Misoginia. Mulher. Sexo.

## REFERÊNCIAS

- COSTA, Camilla Oleiro da *et al.* Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 92-100, jun. 2019. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852019000200092&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852019000200092&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 8 mar. 2020
- LIZÍAS, Sérgio. Gestalt e relações de gênero: a emergência de novas masculinidades e feminilidades nos modos de ser homem e ser mulher hoje. *In:* FRAZÃO, Lilian Meyer; ROCHA, S. L. C. de O. (org.) **Gestalt e gênero**: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade. Campinas: Livro Pleno, 2005.
- PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- SCHILLINGS, Angela. Os sofrimentos mentais agravados e o diagnóstico "borderline". *In:* FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017.

# O processo de adoecimento e a compreensão diagnóstica à luz da gestalt-terapia: um diálogo entre teoria de campo, adoecimento e psicodiagnóstico

*Juliana França e Silva<sup>184</sup>, Mariana Cela<sup>185</sup>*

## Resumo

O psicodiagnóstico tradicional compreende os conceitos de saúde e doença de modo fragmentado, sendo essa leitura intimamente relacionada à influência do pensamento cartesiano na ciência. No entanto, na psicologia, essa compreensão fragmentada, afeta diretamente o modo de perceber o processo do cliente, pois uma vez que o terapeuta elege a doença como foco, esse acaba por se distanciar da totalidade do processo experiencial e da construção de sentido da pessoa que sofre. Desse modo, essa leitura psicodiagnóstica, acaba por deixar de lado a compreensão do modo de ser do cliente, naquele momento, sua relação com campo e com a fronteira de contato, focando apenas no sintoma desvinculado do contexto no qual o fenômeno emerge. Diante deste cenário, a pesquisa se propõe problematizar a desintegração e a polarização dos conceitos de saúde e doença e indicar possibilidades de compreensão psicodiagnóstica na Gestalt-terapia. O método utilizado foi o levantamento bibliográfico nas bases de dados: Scielo, Lilacs e PePsic utilizando os seguintes descritores: Adoecimento; saúde; doença; fenomenologia; fronteira de contato; Gestalt-terapia; psicodiagnóstico. Os principais conceitos teóricos que embasaram o trabalho foram: campo, contato, fronteira de contato, autorregulação e ajustamento criativo. Utilizando a Gestalt-terapia, como base epistemológica, é possível compreender que todo processo de adoecimento, não só surge, como também encontra-se a todo momento vinculado ao campo, sendo esse parte integral de um processo de autorregulação. Logo, o psicoterapeuta não deve de maneira alguma dissociar o modo no qual o sujeito se apresenta naquele momento no mundo, de sua vivência particular de afetação com o campo e com o outro. A partir desta pesquisa, observamos que o Gestalt-terapeuta compreende o processo de saúde e doença, não de modo estático e fragmentado, mas como partes integrantes do processo de autorregulação. Desse

---

184 Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). Atualmente atua como psicóloga na clínica, realiza formação em gestalt-terapia pelo Gestalten e possui capacitação em Gestalt-terapia pela Dialogus.

185 Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014). Atualmente é professor do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). Atua desde 2011 na área da Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica e Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Terapia humanista existencial; Gestalt-terapia; Políticas sociais; Políticas da Saúde; Formação de psicólogos

modo, a constituição e a compreensão do psicodiagnóstico ocorrerão por meio da relação e do contato com o cliente, sendo esse um elemento que deve ser construído de modo contínuo e dinâmico que jamais se encontrará fechado, pois se existência é processo, não existe um modo imutável de ser. Diante dessa compreensão, doença passa a não significar ausência de saúde, mas uma interrupção temporária no fluxo criativo do sujeito, estando em constante relação com o campo. Logo, como tempo e espaço é fluxo, qualquer adoecimento é temporário, sendo a constituição do psicodiagnóstico realizada desde o primeiro momento ao último do processo psicoterapêutico. Por fim a compreensão do processo de adoecimento vinculado à perspectiva de campo é essencial, pois é a partir do que surge no campo do cliente, no campo do terapeuta e no campo da relação terapêutica que se torna possível acessar o fenômeno no aqui-agora. Quando o terapeuta está sensível ao campo e ao fenômeno que surge naquele momento na relação, esse pode se tornar um recurso potente para esclarecer ao cliente não só o modo de ser dele no mundo, mas o modo que está surgindo ali, naquele momento na relação não com o outro, mas com o próprio terapeuta. Portanto, se é no campo e na relação que o processo de autorregulação se estabelece, será por meio deles que entraremos em contato com o modo de ser do cliente naquele momento. Uma vez que o modo de ser no mundo é algo singular e dinâmico, devemos ter dimensão que todo psicodiagnóstico deve ser compreendido de modo processual, pois, essa noção possibilita o Gestalt-terapeuta compreender que se existência é fluxo e contato, nenhum diagnóstico deve ser cristalizado, sob pena de entrarmos em uma contradição epistemológica e perdermos a dimensão existencial e o fluxo processual do cliente.

**Palavras-chave:** Adoecimento. Campo. Fronteira de contato. Gestalt-terapia. Psicodiagnóstico.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO JUNIOR, K. R. As armadilhas da concepção positiva de saúde. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 63-76, 2007.

MARTINS, F. O que é pathos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 62-80, dez. 1999.

PINTO, Ênio Brito. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia: o ciclo de contato e os modos de ser**. São Paulo: Summus, 2015.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e de pessoa em gestalt-terapia: revisitando o caminho**. São Paulo: Summus, 2011.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**. São Paulo: Summus, 2007.

# Escuta e acolhimento de pessoas negras: gestalt-terapia e o enfrentamento do racismo

Maiara da Silva<sup>186</sup>, Andrea dos Santos Nascimento<sup>187</sup>

## Resumo

Trata-se de um relato acerca do trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão “Gestalt-Terapia, escuta e acolhimento psicológico de grupos”, realizado por estudantes negros do curso de psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. O objetivo principal do projeto consiste em promover um espaço de acolhimento psicológico para pessoas negras, buscando fortalecer o enfrentamento ao racismo e a afirmação da identidade negra. A delimitação do público-alvo baseou-se na percepção de que o racismo é promotor de sofrimento psíquico também no espaço universitário. A condução do grupo teve como base os fundamentos da Gestalt-terapia, além dos estudos desenvolvidos por intelectuais negras, tais como Angela Davis, Djamila Ribeiro e Bell Hooks. A associação desses conhecimentos foi imprescindível para o desenvolvimento de uma escuta específica, capaz de compreender os afetos – verbalizados e não verbalizados – dos participantes. Foram realizados 07 encontros no ano de 2018 e 15 encontros no ano de 2019, com um total de 07 participantes. O conteúdo produzido durante os encontros foi sistematizado por meio do registro em diários de campo e discutido em supervisão com a professora responsável pelo projeto. O grupo de acolhimento para pessoas negras, por meio da condução fenomenológica, buscou criar um espaço seguro, empenhando-se em acolher a experiência dos participantes sem julgamentos, análises ou interpretações, processo denominado por Yontef (1998) de inclusão da experiência imediata do participante. O espaço grupal, fenomenológico e dialógico, proporcionou um ambiente em que o sofrimento psíquico vivenciado pela população negra pôde ser acolhido e manejado. O acolhimento em grupo foi a estratégia terapêutica escolhida, ancoradas pela aposta no grupo de Fritz Perls e por afirmações de autoras como Kilomba (2010) que defende que a população negra vivencia em seu cotidiano sofrimentos oriundos de uma experiência que é coletiva e comum: o contato com a brutalidade do racismo. O conteúdo acessado durante os encontros do grupo evidenciou que o racismo afeta as pessoas vítimas desse sistema de opressão de forma significativa e prejudicial, interferindo na autoimagem, nas relações interpessoais e na relação do sujeito com o meio

---

186 Graduada em Psicologia, UFES. Facilitadora do subgrupo Juventude Negra do Projeto de Extensão “Gestalt-Terapia, escuta e acolhimento psicológico de grupos” desde 2018.2.

187 Professora Departamento Psicologia, UFES. Coordenadora do Projeto de Extensão “Gestalt-Terapia, escuta e acolhimento psicológico de grupos” para três grupos distintos: a) Mulheres em situação de violência; b) LGBTI’s e c) Juventude Negra. Orienta 02 Iniciações Científicas, uma sobre Psicologia do Esporte e Abordagem Gestáltica e outra sobre autoestima de crianças negras. Oferece supervisão clínica em Gestalt-terapia desde 2017 para alunas(os) finalistas do Curso de Psicologia.

que o circunda. Almeida (2018) quando discorre do impacto social do racismo estrutural nas pessoas negras parte do mesmo entendimento. No decorrer do projeto, foi possível perceber que o contato efetivo com as experiências marcadas pelo racismo em um espaço terapêutico contribuiu com ajustamentos que proporcionaram movimentos de superação de imposições racistas e a positividade da autoimagem e da imagem de outras pessoas negras. A condução do grupo de acolhimento de pessoas negras, alicerçada em uma postura acolhedora, dialógica e fenomenológica, evidenciou que o cuidado com o outro deve considerar, imprescindivelmente, sua totalidade e suas relações com o meio no qual se insere. Diante de um contexto social permeado por múltiplas violências, o fortalecimento de uma prática profissional que não desqualifica, generaliza ou minimiza o sofrimento e adoecimento mental causado por essas violências é essencial e urgente. A gestalt-terapia pode contribuir para que as pessoas negras possam tomar consciência da experiência presente, ressignificando-a e tornando-se capazes de lidar com os sentimentos e emoções envolvidas no contato com o racismo, para a partir disso serem protagonistas de processos de mudança e transformação. Diante da experiência relatada é importante ressaltar que, atrelado ao cuidado das pessoas em sofrimento, abordar o adoecimento causado pelo racismo envolve ainda o engajamento na luta antirracista e a construção de uma realidade social mais igualitária e menos opressora.

**Palavras-chave:** Acolhimento psicológico. Gestalt-terapia. Racismo

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- KILOMBA, Grada. **Plantation memories: episodes of everyday racism.** Münster: Unrest Verlag, 2010.
- YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia.** 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

# Grupo de estudos práticos e vivenciais em gestalt-terapia como recurso na formação de acadêmicos da Universidade Federal do Acre

Edgar da Silva Junior<sup>188</sup>, Renato Gomes Leite<sup>189</sup>

## Resumo

Apresentando-se como uma abordagem de base fenomenológica-existencial, a Gestalt-terapia busca promover o processo de crescimento e desenvolvimento do potencial humano. Por meio da psicoterapia vivencial, com foco no aqui-e-agora, é possível apreender o fenômeno tal como nos é apresentado. Como nos ressalta Ribeiro (1994), a Gestalt-terapia percebe as pessoas como seres de relação, tal relação é estabelecida através do contato genuíno. Preparar-se para atuação clínica nos preceitos desta abordagem requer que o terapeuta em formação esteja disponível para superar os obstáculos de suas inseguranças e anseios, possibilitando colocar-se diante do outro com uma postura acolhedora. Somente conhecendo, compreendendo e aceitando esse papel é que o futuro profissional irá sentir-se seguro para desempenhá-lo. Nesse sentido, os grupos de estudos se apresentam como um recurso auxiliar à formação, permitindo que o acadêmico aprimore seus conhecimentos acerca da abordagem gestáltica, integrando-os a prática clínica, exercite técnicas e experimentos vivenciais em um ambiente seguro, de forma a se apropriarem dos recursos terapêuticos disponíveis. Há também a possibilidade de reconhecer a si mesmos durante o processo de estudo, uma vez que, para a Gestalt-terapia, devemos lembrar que o profissional também é um ser humano, e como tal possui suas complexidades, estar *aware* delas é importante para poder ajudar o outro em suas necessidades. Diante disso, o presente trabalho refere-se ao relato de experiência obtida através de um grupo de estudos práticos e vivências em Gestalt-terapia, que teve como objetivo principal proporcionar aos acadêmicos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Acre um contato com a abordagem gestáltica, visando contribuir na preparação destes para a prática clínica. O grupo ocorreu em um período total de dez encontros semanais, com média de 3h de duração cada. Contou com a participação de 33 pessoas, dentre elas estudantes do 5º ao 9º período de Psicologia e três psicólogos atuantes na área da psicologia clínica em Gestalt-terapia. Em cada encontro foi debatido um tema específico, obedecendo a seguinte configuração: acolhimento; discussão teórica do conteúdo programado; realização de um experimento relacionado a temática do encontro; fechamento. Considera-se que a

188 Acadêmico de Psicologia - Ênfase em Avaliação Psicológica, na Universidade Federal do Acre. Estagiário no campo da Psicologia Clínica sob orientação da abordagem Gestalt-terapia.

189 Acadêmico de Psicologia - Ênfase em Avaliação Psicológica, na Universidade Federal do Acre. Estagiário no campo da Psicologia Clínica sob orientação da abordagem Gestalt-terapia.

proposta desse grupo de estudos demonstrou ser um recurso eficaz na facilitação do aprendizado acerca da prática clínica em Gestalt-terapia. A partir das discussões teóricas e dos trabalhos vivenciais, os participantes se familiarizaram com alguns dos principais conceitos da abordagem e suas aplicações práticas, sanaram dúvidas e inseguranças quanto a atuação e postura ética profissional, questionaram o papel do psicólogo gestáltico frente as diversas formas de sofrimento psíquico e sua relação com o ser-no-mundo, bem como discutiu-se maneiras de propiciar a si e a outros ajustamentos criativos funcionais. Ao longo dos encontros, observou-se, ainda, a configuração de uma atmosfera de companheirismo genuíno entre os participantes através da interação e da troca de experiências pessoais, viabilizando um diálogo rico e influenciando uns aos outros de modo significativo. Verificou-se uma grande qualidade de presença e assiduidade dos participantes, dos quais 24 permaneceram do início ao encerramento do grupo. Por fim, dado o sucesso e interesse geral observados no projeto como um todo, espera-se que sejam desenvolvidas outras propostas semelhantes, abordando novas temáticas, acrescentando perspectivas e aprendizagens acerca da Gestalt-terapia que reflitam no aprimoramento da atuação de psicoterapeutas em formação, tanto no contexto da academia como profissional, tendo em vista que esta abordagem é pouco explorada no decorrer das graduações nesta região.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Grupo de estudos. Psicologia clínica.

## REFERÊNCIAS

- BORIS, G. D. J. B. Grupos gestálticos: uma proposta fenomenológica de facilitação da cooperação. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 1124-1158, dez. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812013000300017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000300017&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 9 mar. 2020.
- CANEDO, I. R. Contribuições da gestalt -terapia para o referencial teórico da orientação profissional. **Revista da ABOP**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 59-67, 1997.
- GINGER, Serge. **A arte do contato**. São Paulo: Vozes. 2007.
- JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em gestalt: aconselhamento e psicoterapia**. São Paulo: Vozes, 2016.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

# Possibilidades clínicas do plantão psicológico em clínica-escola: a experiência de uma plantonista

*Maria Clara Rabelo Ferreira Silva<sup>190</sup>, Claudia Lins Cardoso<sup>191</sup>*

## Resumo

O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento psicológico de caráter emergencial constituída pelo atendimento imediato à procura por tal serviço, podendo assim ter um efeito preventivo devido a sua ação rápida. Alguns autores apontam que nem mesmo uma “queixa” explícita é necessária, basta a procura por uma escuta, configurando-se mais como uma atitude clínica. Nesse sentido, evidencia-se a escuta como ferramenta característica do plantonista uma vez que ela é a grande facilitadora que permite ao profissional acolher seu cliente, fazendo-se presente e disponível para ele. Não é possível saber de que maneira ou o que vai surgir na escuta, mas é apenas com ela e por ela que é possível sustentar e suportar o desvelar-se de uma pessoa e do seu modo de ser-no-mundo. Ao ser atendida com disponibilidade e escuta atenta, a pessoa que procurou o Plantão Psicológico passa a experimentar um ambiente seguro no qual ela pode falar de si e daquilo que a angústia ao mesmo tempo em que também se ouve. Assim, ela tem a oportunidade de integrar os fragmentos da sua história e elaborar a sua vivência iminente, de modo que novas compreensões sobre si e sobre sua situação possam surgir, dando-lhe a chance de se posicionar existencialmente de modo diferente e retomar sua autonomia perante sua própria vida e história. Quando o que a leva a procurar ajuda psicológica estiver esclarecido, abre-se para as diferentes possibilidades de ação e escolha. Porém quem escolhe, quando, como e qual rumo tomar é o cliente de modo que o Plantão Psicológico exerce o papel de cultivar a responsabilidade do cliente pelo cuidado com seu existir. Apesar de ter algumas condições indispensáveis para ser considerado um atendimento de Plantão Psicológico, sua estrutura é flexível de modo a moldar-se de acordo com a demanda e necessidade daquele que o procura e da instituição que o oferta. Ainda sobre essa plasticidade, evidencia-se como um mesmo serviço pode ajustar-se de modo a atender as demandas psicológicas de pessoas distintas com demandas específicas. Isto pois o esclarecimento da situação existencial vivenciada é o fim último do plantão psicológico e não o seu formato. Portanto, exemplificar essa característica plástica com um relato de caso se faz importante. Como é possível cumprir a finalidade do plantão em um atendimento, fugindo às regras já flexibilizadas

---

190 Graduada em Psicologia pela UFMG e mestranda em Psicologia Social na UFMG.

191 Graduação em Psicologia pela UFRJ, Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Gama Filho e Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC do Rio de Janeiro. Professora Associada do Departamento de Psicologia da UFMG. Coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial do Departamento de Psicologia. Vice-diretora do Serviço de Psicologia Aplicada - SPA FAFICH/UFMG. Coordenadora do Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade.

e planejadas para aquela instituição? O que é verdadeiramente o plantão psicológico? Recorremos, neste trabalho, a uma situação vivenciada no Plantão Psicológico da clínica-escola da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, na UFMG, a fim de ilustração. Esperamos deixar clara a plasticidade exigida do serviço e dos plantonistas na escuta e correspondência à demanda psicológico-existencial daqueles que buscam o serviço. Muitas vezes, é necessário transcender as delimitações de setting do serviço para alcançar seu potencial de atenção psicológica. Consideramos que este relato da experiência da plantonista no encontro com uma cliente em sofrimento existencial intenso ilustra uma possibilidade do plantão psicológico, que é o resgate de uma familiaridade com o mundo em torno que pode estar afligida, motivando a procurando pelo atendimento psicológico. Durante o atendimento relatado, a sensibilidade, a prontidão e a flexibilidade para lidar com o inesperado da plantonista propiciaram um encontro entre existências que devolveu à cliente sua responsabilidade por ser si-mesmo tal como singularmente possível.

**Palavras-chave:** Plantão psicológico. Relato de experiência. Psicologia clínica.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, C.; MORATO, H.T.P. Ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. *In:* MORATO, H.T.P.; BARRETO, C.; NUNES, A. (org.). **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- EVANGELISTA, P. E. R. A. **Psicologia fenomenológica existencial**: a prática psicológica à luz de Heidegger. Curitiba: Juruá, 2016.
- MAHFOUD, M. Vivência de um desafio: plantão psicológico. *In:* DRUMMOND, Daniel Marinho. **Plantão psicológico**: novos horizontes. 2. ed. São Paulo: Companhia ilimitada, 2012. p. 17-29.
- MORATO, H. T. P. **Plantão psicológico**: inventividade e plasticidade. *In:* SIMPÓSIO DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES: atenção psicológica: fundamentos, pesquisa e prática, 9., 2009, Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2009. p. 1-15. Disponível em: <https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-henriette.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. **Estud. Psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 173-192, dez. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2004000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2004000300003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 1 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2004000300003>.

# A vivência do aborto auto induzido: uma pesquisa fenomenológica sob a ótica da gestalt-terapia

*Débora Marques Silva<sup>192</sup>, Celana Cardoso Andrade<sup>193</sup>, Ludimila Gabriela Corrêa de Paula<sup>194</sup>, Nadine Botelho Santos<sup>195</sup>*

## Resumo

O aborto provocado no Brasil, apesar de ser considerado crime, é uma realidade. Aos quarenta anos, ao menos uma mulher dentre cinco já realizou ao menos um aborto. Por ser um ato proibido e criminalizado no Brasil, as mulheres recorrem a formas ilegais e inseguras de realizar o aborto, fazendo com que sejam privadas de condições plenas de atenção à saúde. Esse fato coloca o aborto como um dos maiores problemas de saúde pública no Brasil (DINIZ; MEDEIROS; MADEIRO, 2017). Além de ser um problema de saúde pública e por isso merecer atenção, é importante considerar não somente a saúde física, mas também a saúde mental das mulheres que passam por essa experiência. Culturalmente, diversas questões religiosas e morais são naturalizadas como papel da mulher, um desses papéis é a função de mãe. A mulher que escolhe ir contra esses “destinos” socialmente impostos sofre diversas consequências físicas e psicológicas, sendo estigmatizada como uma criminosa, uma pecadora e uma pessoa fria e sem sentimentos (REBOUÇAS; DUTRA, 2012). A importância de se abordar o aborto através da visão da Fenomenologia e da Gestalt-terapia é de compreender a vivência do aborto em seus diferentes contextos e aprofundar o olhar clínico

---

192 CRP 09/012104 – Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa de Goiânia (ITGT). Ex-bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID financiado pela CAPES em 2017. Psicóloga clínica de adultos.

193 CRP 09/1121 – Psicóloga pela Universidade Católica de Goiás (UCG); Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia (ITGT); Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Goiás (UCG); Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB); Professora na Universidade Federal de Goiás (UFG)- Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação (FE); Editora Associada da Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies (RAG); Membro fundadora e atualmente membro das diretorias da Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica (ABG) e Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica (ABRAPFE).

194 CRP 09/11801 – Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em parceria com a Universidade de Zagreb (UNIZG); Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia (ITGT); Bolsista do Programa Jovens Talentos para a Ciência de 2012 a 2013; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) de 2013 a 2014; Bolsista do Programa de Bolsas de Extensão e Cultura (PROBEC) de 2016 a 2017. Todos os programas foram financiados pela CAPES. Psicóloga clínica de crianças, adolescentes e adultos.

195 CRP 09/011960 – Psicóloga pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa de Goiânia (ITGT). Professora no curso de graduação em Psicologia da Faculdade Cambury. Mestranda em Educação Básica pelo Instituto Federal Goiano. Ex-bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID financiado pela CAPES de 2014/01 a 2017/2. Psicóloga clínica de adolescentes e adultos e orientadora profissional.

para os processos psicológicos pelos quais a mulher que provoca um aborto passa e de quais recursos psicológicos e terapêuticos ela utiliza e desenvolve. A abordagem gestáltica traz em seu arcabouço filosófico e teórico conceitos que enfocam o aborto como função do campo vital e que permitem compreender os processos de autorregulação e ajustamento criativo desenvolvidos para lidar com essa experiência. Através da teoria de campo de Kurt Lewin, o aborto pode ser compreendido como um produto de uma totalidade de fatos presentes naquele momento e contexto (YONTEF, 1998). Além disso, os conceitos de autorregulação orgânica e de ajustamento criativo, permitem perceber como essa mulher lidou com o aborto, pensando em vias de elaboração e superação dessa experiência. O presente trabalho busca compreender, através do método fenomenológico, a vivência da mulher que teve um aborto induzido e quais sentimentos ela experimenta. A pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética e todas as normas foram seguidas de acordo com as resoluções. Portanto, foram realizadas entrevistas com três mulheres maiores de 18 anos que já passaram pela experiência de ter ao menos um aborto provocado há mais de 2 anos. As entrevistas semiestruturadas tinham algumas perguntas norteadoras: “Como foi a vivência de provocar um aborto?”; “Quais sentimentos foram vivenciados no processo?”; “Quais recursos você percebe que te ajudaram a passar por essa experiência?”. Os resultados das entrevistas foram analisados através do método de Amadeo Giorgi (2010) e, através das unidades de sentido obtidas com a redução fenomenológica, foram formadas quatro categorias que representam como se dá a vivência do aborto. A primeira categoria diz respeito ao processo de decisão pelo aborto. Na segunda, são explorados os sentimentos e acontecimentos vivenciados durante a experiência do aborto em si. A terceira categoria explora os recursos que ajudaram as mulheres a passar pela experiência do aborto. Já a quarta categoria, diz respeito ao processo posterior ao aborto, sua elaboração e vivência após essa vivência. A compreensão fenomenológica da vivência do aborto abre possibilidades de refletir sobre a mulher que aborta e o que ela experimenta, além de compreender qual é o contexto social e individual que a leva a abortar. A pesquisa permite que avancemos além do discurso do senso comum, como se a mulher escolhesse o caminho mais fácil e não houvesse muita reflexão e diversos sentimentos envolvidos. Mais ainda, a compreensão através da Gestalt-terapia possibilita que acreditemos no potencial da mulher, enquanto organismo e ser criativo, de se autorregular e de se ajustar criativamente à sua realidade, podendo criar caminhos de superação nas suas circunstâncias.

**Palavras-chave:** Aborto provocado. Fenomenologia. Gestalt-terapia.

## REFERÊNCIAS

- DINIZ, D.; MEDEIROS, M.; MADEIRO, A. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. **Ciência & Saúde Coletiva (Online)**, v. 22, n. 2, p. 653–660, 2017.
- GIORGI, A; SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.
- REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. M. S. O aborto provocado como uma possibilidade na existência da mulher: reflexões fenomenológico-existenciais. **Natureza humana. [online]**, v. 14, n. 2, p. 192–219, 2012.
- YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.

# O que será que tem nesta mala, hoje?: experiências de contação de histórias com idosas como dispositivo de produção de novas narrativas de vida

*Jessé Guimarães da Silva<sup>196</sup>, Mariana Carvalho Aguiar<sup>197</sup>, Paula Cecília da Anunciação Falcão<sup>198</sup>, Waleska Mattos Martins Fernandes<sup>199</sup>, Cláudia David Moledo<sup>200</sup>*

## Resumo

O presente trabalho é inspirado na realização de um Projeto de Extensão Social, organizado pela Universidade Estácio de Sá, intitulado “Contação de histórias: construção de novas narrativas de vida em experiências com pessoas idosas”. Tal iniciativa conta com o apoio do Programa Institucional de Extensão da UNESA. Nestes termos, inspirado na abordagem gestáltica, o trabalho visa a apresentação de determinadas narrativas de vida no contexto da terceira idade, assim como algumas reflexões em torno da contação de histórias enquanto dispositivo promotor de uma escuta clínica e de uma abertura sensível e permanente para (re)contar experiências de vida. A metodologia adotada neste trabalho trata-se da organização e condução de eventos semanais nos quais, durante 1 (uma) hora, são narradas duas pequenas histórias retiradas de livros infantis para um grupo de 7 (sete) idosas, aproximadamente. Destaca-se o fato de que tais encontros são conduzidos pelo docente responsável pelo trabalho e 4 (quatro) estudantes de Psicologia, oriundos da unidade Norteshopping e pertencentes ao projeto. Desde fevereiro de 2020, os encontros ocorrem na própria instituição na qual elas se encontram internadas, a saber, em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), chamada

---

196 Formação: Psicologia (UERJ/ 2003); Mestrado e Doutorado (PUCRJ/ 2007 e 2014); Especialista em Psicologia Clínica (IGT/ 2004-2007). Atuação profissional: Grupo Parentalidade (UERJ/ 2006-2011); Presídio da Marinha (2011-2014); Hospital Naval Marcílio Dias (2014-2019); Docente e Coordenador do Curso de Extensão em Psicologia Jurídica (2008-2015); Docente da UNESA (desde 2013) e USU (desde 2019); Psicólogo Clínico; Colaborador do Projeto de Extensão e Pesquisa Adole-ser em movimento (UFRJ/ 2018).

197 Graduada de Psicologia, pelo Curso de Graduação em Psicologia, na Universidade Estácio de Sá/ Unidade Norteshopping, Rio de Janeiro, desde 2017. Experiência em estágios supervisionados nas áreas de Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Escolar.

198 Graduada de Psicologia, pelo Curso de Graduação em Psicologia, na Universidade Estácio de Sá/ Unidade Norteshopping, Rio de Janeiro, desde 2018. Experiência em estágios supervisionados nas áreas de Orientação Profissional e Terapia Família e Casal.

199 Graduada de Psicologia, pelo Curso de Graduação em Psicologia, na Universidade Estácio de Sá/ Unidade Norteshopping, Rio de Janeiro, desde 2018.

200 Formada em Design Gráfico (2005), pela Universidade Estácio de Sá, e graduanda de Psicologia, pelo Curso de Graduação em Psicologia, na Universidade Estácio de Sá/ Unidade Norteshopping, Rio de Janeiro, desde 2015. Experiência em estágios supervisionados nas áreas de Gestalt-Terapia.

Recolhimento Betel, situada no bairro do Rocha, na cidade do Rio de Janeiro. Importante frisar, além disso, que as histórias são contadas a partir da utilização direta do livro de origem, assim como através do uso de objetos lúdicos que venham a acrescentar novos elementos novos a linguagem adotada. Enquanto dispositivo que favorece a revisão da vida, a presentificação do passado e a tomada de consciência de situações inacabadas (MENDONÇA; BRITO, 2019), verifica-se que a potência da contação de histórias favorece um contexto no qual as idosas acabam por produzir novas narrativas orais que emergem de suas próprias experiências de vida (BEDRAN, 2012). Não se trata aqui de retomar uma vivência distante e localizada no passado, mas fazer existir uma vivência-corpo, uma experiência que desloca o corpo para uma relação ser-no-mundo, imerso em uma dialética pessoa-ambiente cuja escuta e abertura ao mundo tornam-se disponíveis para a produção de novos sentidos de existência (MERLEAU-PONTY, 1999). O que insere a memória não como um calabouço no qual são lançados os registros do passado, mas enquanto possibilidade de enriquecimento constante de suas narrativas a partir de novas experiências de vida (BENJAMIN, 1994; BOSI, 1994). Com base neste dispositivo metodológico torna-se possível observar a dimensão da alteridade como espaço de (re)significação de registros mnemônicos, de *gestalten* abertas, por exemplo, através de narrativas atinentes a relações afetivas, conflitos vivenciados em grupo, lembranças da infância, entre outros. Cenário este que sublinha a importância de um projeto de extensão que, através da narrativa oral circunscrita a terceira idade, possibilita a construção de estratégias metodológicas capazes de forjar encontros, cuja dialogicidade é responsável por conduzir a memória a um campo de novas significações de existência.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Escuta. Memória. Relação dialógica. Terceira idade.

## REFERÊNCIAS

BEDRAN, B. **A arte de cantar e contar histórias:** narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas I).

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MENDONÇA, B. I. de O.; BRITO, M. A. Q. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. *In: Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica*, [S.l.], n.15, n. 1, p. 26-37, 2019.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

# Performance, corpos, vozes... e o recado foi dado: reflexões entre a gestalt-terapia e a fenomenologia de Merleau-Ponty acerca da prática do slam protagonizada por adolescentes

Jessé Guimarães da Silva<sup>201</sup>, Mônica Botelho Alvim<sup>202</sup>, Luíza Coelho Mastrangelo<sup>203</sup>

## Resumo

O presente trabalho é fruto das reflexões realizadas em torno de uma pesquisa de pós-doutorado, desenvolvida ao longo do ano de 2020, sob o título “Slam Poetry no espaço da favela: o olhar gestáltico sobre práticas estético- políticas”. Circunscrito a um Projeto de Pesquisa e Extensão intitulado “Adole-ser em Movimento”, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a condução de uma professora de Gestalt-Terapia e com participação de graduandos de Psicologia e Letras, o presente trabalho visa construir algumas reflexões em torno de práticas artísticas e expressivas, mais especificamente o slam, no espaço da favela, e que encontram na adolescência um campo propício para a produção de dispositivos culturais e políticos que sejam cúmplices de uma realidade local aberta a processos de transformação dessa realidade bio-psico-sócio-cultural-política. Para a metodologia empreendida neste trabalho foram construídas oficinas de slam realizadas no Complexo do Alemão, na ONG EDUCAP, situada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, com o público adolescente (12 a 18 anos) e com duração de 3 (três) meses, de maneira a fomentar a produção de performances-literárias inspiradas em suas próprias experiências vividas. Este dispositivo metodológico tem

---

201 Formação: Psicologia (UERJ/ 2003); Mestrado e Doutorado (PUCRJ/ 2007 e 2014); Especialista em Psicologia Clínica (IGT/ 2004-2007). Atuação profissional: Grupo Parentalidade (UERJ/ 2006-2011); Presídio da Marinha (2011-2014); Hospital Naval Marcílio Dias (2014-2019); Docente e Coordenador do Curso de Extensão em Psicologia Jurídica (2008-2015); Docente da UNESA (desde 2013) e USU (desde 2019); Psicólogo Clínico; Colaborador do Projeto de Extensão e Pesquisa Adole-ser em movimento (UFRJ/ 2018).

202 Professora adjunta do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFRJ). Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia, todos pela UnB. Especialista em psicologia clínica e em Psicoterapia de grupos em Gestalt-Terapia (1996). Pesquisadora vinculada ao NEIFECs – Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas, atua na pós graduação na linha de pesquisas Processos Psicossociais, Históricos e Coletivos e na extensão universitária.

203 Graduada do curso de Psicologia pela UFRJ (2016-2021). Atuou no Projeto de Extensão Faz e Acontece da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ coordenado pela professora Ana Lúcia de Almeida Coelho. (2017-2018). Atua no Projeto de Pesquisa e Extensão “Adole-ser em Movimento” do Instituto de Psicologia da UFRJ, sob a coordenação da professora Monica Botelho Alvim. Estágio no Serviço de Infância e Adolescência do IPUB-UFRJ no Programa de Violência Doméstica e Psicanálise (2019-2020).

por base a pesquisa-ação existencial que parte do princípio de que os encontros entre pesquisador e pesquisado refletem uma relação dialética que encontra na implicação, no cotidiano e na afetividade, entre outros, condições indispensáveis para a produção progressiva de um saber local e partilhado (BARBIER, 1985; 2002). As análises presentes neste ensaio, debruçadas sobre o slam enquanto construção de uma intertextualidade corpo-poesia- voz-gesto, não partem da premissa de corpos individualizados situados em uma esfera temporal-espacial e dotados de uma capacidade de produzir sentidos sobre a vida e o mundo de maneira totalitarista e perene. Foca-se aqui a noção de uma experiência intercorporal capaz de suscitar aberturas sensíveis e espontâneas para as significações de existência. Experiências estas que fazem valer da voz, da palavra falada enquanto vivência-corpo que liga a pessoa consigo própria e, ao mesmo tempo, com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999; 1999a). Antes de mais nada, aborda-se o homem enquanto ser- no-mundo, cujas relações de alteridade e de espacialidade o conduzem a uma contínua experiência de aware sempre a partir de uma situação ali presente e que se desdobra em uma constante transformação da pessoa e do mundo (Alvim, 2014). É de extrema importância pontuar que, devido ao fato da pesquisa de campo ainda situar-se em suas etapas iniciais, não é possível apresentar resultados melhor estruturados. Todavia, isso não impede que o presente trabalho seja capaz de enunciar a dimensão artística da linguagem poética, assim como a dimensão dialógica de narrativas que se lançam no mundo e são acolhidas por uma escuta disponível, sensível e compreensível diante de uma polifonia de vivências múltiplas.

**Palavras-chave:** Corpo. Performance. Poesia. Slam. Voz.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, MONICA BOTELHO. *Awareness: experiência e saber da experiência*. In: FRAZAO, L. M.; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v. 2. p. 13-30.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1999a.

# Contato como forma de resgate da totalidade humana na atuação com dependentes químicos

Karla Ferreira Sindeaux<sup>204</sup>, Bruna Caricatti Capozzi<sup>205</sup>

## Resumo

A Dependência Química é uma forma particular de relação entre o homem e as substâncias químicas psicoativas que apresentam ação definida sobre o Sistema Nervoso Central (SNC). Ação essa que causa geralmente sensações de prazer e excitação, atingindo as áreas de recompensa do cérebro. Em contrapartida, traz inúmeras problemáticas sociais e familiares que exclui o dependente das suas possibilidades de estar no mundo de forma autêntica, estando alheio à sua ambientalidade. Para a Gestalt-Terapia a adicção é uma substituição da *awareness* pelo consumo, de forma que o sujeito se destitui da possibilidade de sentir, desejar e assumir identidades e relações sociais. O dependente químico apresenta dificuldade de estar consciente de seu corpo, sentimentos e necessidades, criando uma inversão de hierarquias de necessidades que põe a substância em ordem prioritária em relação a outros aspectos da vida. Ele irá apresentar uma forma de agir rígida e previsível, estando impedido de lidar com o meio através de outros recursos. Essa perda de controle está ligada ao funcionamento neurobiológico que as substâncias provocam. É como se apenas pelo uso de substância e pelas sensações que elas lhe causam o sujeito pudesse existir, lidar com o ambiente, com as alegrias e as frustrações da vida. Para Ribeiro, contato é saúde e qualquer interrupção do contato implica na perda de saúde. A doença é relacional, assim, a doença ou o sintoma não deve ser o foco da psicoterapia. Deve-se tratar a pessoa adoecida, auxiliando-a a perceber seu modo de funcionamento, ou seja, de fazer contato, e fazê-la caminhar ao longo do ciclo do contato, fechando as gestalten. Assim, fechar gestalten deve ser o caminho da saúde, buscando encontrar a forma de atender às suas necessidades, sem buscar a substância como recurso. Acreditando na relevância do tema, realizamos um estudo bibliográfico sobre as formas de atuação do Gestalt-Terapeuta na clínica com o dependente químico a partir de autores de referência nesses temas. Foram identificados possíveis mecanismos de bloqueio do contato que podem embasar a compreensão da dependência química para a Gestalt-Terapia, a importância do uso da técnica “Entrevista Motivacional” para estimular a mudança de comportamento e a compreensão do “estágio de mudança” para

---

204 Psicóloga graduada pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Gestalt Terapeuta formada pelo Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília – IGTB. Especialista em Dependência Química pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP e Especialista em Saúde Mental pela Universidade Estácio de Sá.

205 Psicóloga graduada pelo Centro Universitário – IESB. Gestalt-Terapeuta formada pelo Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília – IGTB. Especialista em Gestão de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas – FGV. Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Católica de Brasília – UCB. cursando MBA em Liderança Inovadora na Fundação Getúlio Vargas – FGV.

direcionar a forma de atuação. Durante a atuação clínica é necessário compreender em que “estágio de mudança” o paciente se encontra, pois cada fase demanda do profissional uma forma diferente de atuação. As fases são: a) pré-contemplação; b) contemplação; c) preparação; d) ação; e) manutenção. Neste sentido, algumas atitudes terapêuticas são importantes neste trabalho. Dentre estas se destaca a “Entrevista Motivacional” que é baseada na ideia de que a motivação é uma força que move as pessoas para a mudança, tendo como objetivo a modificação do comportamento de risco por meio da exploração e resolução da ambivalência. A Entrevista Motivacional pode ajudar os pacientes que não pensam ainda em mudar, ou que estão muito indecisos. O dependente químico, por vezes, possui vínculos sociais e familiares muito fragilizados, necessitando de um apoio externo inicial a fim de que possa encontrar em si mesmo o suporte no tempo necessário. Para a Gestalt-Terapia é necessário auxiliar o indivíduo a restabelecer o atendimento pleno de suas necessidades, uma vez que este perde a fluidez, não encontra em si os recursos necessários para o fluir autêntico. Nós, Gestalt-terapeutas precisamos estar atentos para não nos tornarmos o próximo objeto de dependência do paciente, pois é necessário ajudá-lo a tornar-se protagonista de sua própria história, sem reproduzir o ciclo de dependência, trabalhando o fortalecimento do auto suporte. O ponto de partida para o auto suporte é feito através do trabalho de ampliação de consciência, no resgate da sua totalidade, entendendo a ambientalidade como uma dimensão importante para a busca da sua inteireza e força vital. Concluímos enfatizando a importância da atuação especializada do psicólogo clínico junto a este público, apoiando o processo de consciência do indivíduo sobre a sua forma de fazer contato com o ambiente e atender às suas necessidades de uma forma saudável, não utilizando a droga como recurso. Resgatar a totalidade do indivíduo e a sua conexão com ambientalidade é restaurar a possibilidade de contatos verdadeiros e autênticos.

**Palavras-chave:** Ambientalidade. Contato. Dependência química. Gestalt-terapia.

## REFERÊNCIAS

- DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia, e semiologia dos transtornos mentais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FIGLIE, Neliana Buzi; BORDIN, Selma; LARANJEIRA, Ronaldo. **Aconselhamento em dependência**. 2. Ed. São Paulo: Roca, 2010.
- FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Sumus, 2017.
- PINTO, Ênio Brito. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia: o ciclo do contato e os modos de ser**. São Paulo: Summus, 2015.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 6. ed. São Paulo: Summus, 2007.

# A intervenção com crianças a partir da gestalt-terapia: uma compreensão clínica

Ivone Azevedo de Souza<sup>206</sup>, Renata Rosa da Cruz<sup>207</sup>, Hebe Cristina Bastos Regis<sup>208</sup>

## Resumo

O trabalho em questão pretende discutir, através da literatura, a clínica infantil na perspectiva da Gestalt Terapia. A Gestalt-Terapia com crianças tem a função de promover o desenvolvimento infantil, oportunizando o pleno contato com o mundo através da liberação de seus sentidos, do autoconhecimento e de expressar seus sentimentos. Por meio da abordagem fenomenológica é possível estabelecer uma relação íntima com a criança, utilizando-se de recursos lúdicos que facilitam a intervenção e promovem o desenvolvimento de forma contínua. O objetivo geral é compreender, através da literatura específica, as possibilidades de intervenção da Gestalt-Terapia com o público infantil e sistemas íntimos familiares. Objetivos específicos: Resgatar os fundamentos históricos e filosóficos da Gestalt-Terapia. Compreender, qual o lugar da criança no processo psicoterápico e também em Gestalt-Terapia. Identificar as técnicas da teoria, descritas na literatura, que estão comumente envolvidas no atendimento infantil. O estudo em questão é descritivo, de cunho bibliográfico, no qual é embasado em pesquisas bibliográficas artigos acadêmicos, revistas científicas e em plataformas como o Scielo e BVS psi. As palavras chaves utilizadas para pesquisa foram: Gestalt Terapia; Atendimento Infantil e Clínica Gestáltica com crianças. De acordo com Noronha e Barreira (2016), na Gestalt Terapia, o psicoterapeuta utiliza-se do brincar e da ludicidade de forma totalizada, incorporando, através de seus recursos como sendo formas que auxiliam no direcionamento até a criança, utilizando-se de “uma conduta terapêutica baseada no método dialógico onde seu mundo interno e externo estejam em constante interação, já que se deparam em pleno desenvolvimento”. A Gestalt-Terapia aposta na metodologia fenomenológica, um método de abordagem caracterizado pelo uso da linguagem descritiva, no qual, o significado do material desenvolvido pela criança ou terapeuta é

---

206 Graduada em Psicologia pela Estácio de Sá de Santa Catarina. Atuou como estagiária na Delegacia especializada da Mulher. Atualmente trabalha como Monitora e Recepcionista no Colégio Educandário Imaculada Conceição.

207 Graduada em Psicologia pela Estácio de Sá de Santa Catarina. Atuou como estagiária em Gestão de Pessoas no Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina. Atualmente atua como Digitadora no Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina.

208 Graduação e Mestrado em Psicologia pela UFSC, e especialização em Gestalt-Terapia pelo Instituto Granzotto. Professora da Universidade do Vale do Itajaí de 2002 à 2012 e da Faculdade Estácio de Sá - Santa Catarina de 2018 até o presente momento. Psicóloga Clínica com experiência de mais de vinte anos.

construído gradativamente, conseqüentemente fomenta o desenvolvimento infantil. Dessa forma, as técnicas gestálticas colaboram na criação de “um espaço seguro, permissivo, acolhedor e confirmador com aquilo que ela queira escolher, da forma como o fizer”. (AGUIAR, 2014). Essa prática possibilita um processo de reconfiguração na criança, auxiliando-a a atingir um bem-estar e a melhorar sua interação com o mundo. Através da imersão na literatura que fundamenta a clínica infantil na perspectiva da Gestalt- Terapia, observou-se a importância que o clássico “Descobrendo Crianças” de Violet Oaklander tem para a literatura de base, considerando que essa obra é referência constante nos artigos pesquisados. No que diz respeito a prática da psicoterapia com crianças foi possível identificar os principais aspectos descritos na literatura, especialmente no que diz respeito a compreensão do sistema familiar como um sistema íntimo, portanto deve ser assim concebido para fins de intervenção. Assim como em outras abordagens, na Gestalt-Terapia o recurso da ludicidade assume um caráter significativo na clínica com crianças.

**Palavras-chave:** Crianças; Gestalt-terapia; Teoria e prática.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Summus, 2014.

NORONHA, Fátima Maria Campelo; BARREIRA, Marília Maia Lincoln. O uso de recursos lúdicos na gestalt-terapia: possibilidades de intervenção clínica em psicoterapia infantil. **Revista Eletrônica Saúde em Diálogo**, [S.l.], p. 26-39, 2015.

OAKLANDER, Violet. **Descobrendo crianças.** Summus, 1978.

# O corpo como sede do expressivo: uma proposta de diálogo entre a literatura e a gestalt-terapia

Renata Balieiro Diniz Teixeira<sup>209</sup>, Maria Madalena Magnabosco<sup>210</sup>

## Resumo

Partindo do pressuposto fenomenológico-existencial de que o corpo é a sede do expressivo e do encontro sujeito-mundo, proponho neste trabalho uma reflexão sobre a corporeidade enquanto a vivência do corpo que somos em contato com o mundo, experimentando a realidade vivida e descobrindo necessidades e possibilidades, assim como limites e interrupções. Para tanto, faço uso da arte literária por considerar a literatura uma importante forma de expressão artística que possibilita às pessoas a reflexão sobre o seu modo de ver a vida e de estar no mundo e, ainda, que fornece elementos de construção do pensamento social, já que evidencia valores culturais, crenças e percepções de determinado contexto histórico e social (SANTOS, 2012). Alvim (2014) relembra que boa parte da teoria da Gestalt-terapia foi formulada a partir de categorias usualmente associadas à arte (literatura, música, dança, teatro), já que Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman, os principais formuladores da Gestalt-terapia, eram profundamente envolvidos com as artes ao longo da vida. Assim, utilizo uma obra de Xavier (2007) onde são propostas reflexões sobre a representação do corpo no imaginário feminino a partir da narrativa de escritoras brasileiras. Partindo de uma visão sociológica, a autora apresenta pressupostos que corroboram ao pensamento gestáltico sobre corporeidade, por exemplo, quando recusa o dualismo mente/corpo e aponta o corpo como lugar de inscrições, contestações e produções. São apresentados dez tipos de corpos, sendo um deles denominado “corpo refletido”. O conto *Finisterre* de Piñon (1980) é utilizado na discussão desse conceito e foi o escolhido para o diálogo aqui realizado. Pela perspectiva da Gestalt-terapia, esses tipos de corpos podem ser entendidos como os modos de expressão do ser-no-mundo a partir da fronteira de contato. Pois, tal como define Alvim (2014), a partir de Merlau-Ponty, o corpo é origem, experiência expressiva no e do campo e, deste modo, a Gestalt-terapia visa ampliar a capacidade de *awareness* a

---

209 Graduação em Psicologia pela Universidade de Taubaté; Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial pela Universidade Federal de Minas Gerais. Psicoterapeuta de adolescentes, adultos e casais no Núcleo Gestáltico – Clínica de Psicologia em Belo Horizonte/M.G.

210 Graduação em Psicologia, Mestrado em Estudos Literários e Doutorado em Literatura Comparada pela UFMG; Pós Doutorado em Estudos Culturais pela UFRJ. Formação e Especialização em Psicologia Clínica, Psicopedagogia e em Ensino a Distância. Psicóloga Clínica. Professora de Psicologia na Fumec e na Pós-graduação em Gestalt-terapia e Análise Existencial na UFMG. Coordenadora do Núcleo ABRAPSO de Belo Horizonte – Gestão 2015. Membro da Associação Latino-americana de Psicoterapia Existencial.

partir desse corpo que sente, se excita e vibra com a novidade e a diferença percebidas pelo contato com o mundo e com o outro. Ao falar da corporeidade como suporte do contato, Alvim (2014) aponta que é como corpo que posso perceber as necessidades dominantes no campo, sentir, me orientar e movimentar para manipular a situação e retomar o equilíbrio e a integração, assimilando a novidade. Buscando compreender o estilo de contato que a personagem de Piñon (1980) experimenta, associando o conceito de “corpo refletido” apresentado por Xavier (2007) e o ciclo do contato de Ribeiro (2017) constato que a vivência de um “corpo refletido” vai ao encontro do que denominamos Introjeção na abordagem gestáltica. Mas, mais do que a apreensão sobre um mecanismo de defesa, o conto apresenta um movimento da personagem em direção a um caminho para a cura a partir do contato com as experiências, de forma a assimilá-las e digerir-las, integrando-as e fazendo escolhas mais autênticas. Foi possível acompanhar a personagem alcançando ajustamentos mais criativos e menos sintomáticos, com mais capacidade de *awareness*. Outras variáveis podem ser exploradas e mais narrativas usadas por Xavier (2007) cabem como referencial para ampliar a abrangência do diálogo, mas o conjunto de ideias aqui apresentado já serve como um convite a outras investigações que tenham como objetos de interesse a corporeidade, o feminino e a arte literária. Além disso, nos leva a reafirmar a proximidade da Gestalt-terapia com as artes e, nesse sentido, que elas são um importante meio de ligação entre o ser e o mundo, já que ultrapassando a compreensão intelectual, nos colocam em contato com o poder da contemplação, com o sensível, com a experiência estética e com a capacidade criativa e de renovação, contribuindo para o livre fluir da criação e permitindo um melhor fluxo no encontro pessoa-mundo.

**Palavras-chave:** Arte literária. Ciclo do contato. Corpo. Corporeidade. Introjeção.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, MONICA BOTELHO. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

PIÑON, N. **O calor das coisas:** contos. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. (1.ed - 1980).

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato:** temas básicos na abordagem gestáltica. 7. ed. São Paulo: Summus, 2017.

SANTOS, A. R. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **Examapaku:** Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais, São Paulo, v. 1, n. 1. p. 1-10, 2008. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/1466>. Acesso em: 20 jul. 2019.

XAVIER, E. **Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino.** Florianópolis: Mulheres, 2007.

# Descobririndo sentidos de vida e opção profissional: reflexões sobre o papel do projeto de vida na formação profissional e subjetividade do psicólogo

Ana Emília Terceiro e Teixeira<sup>211</sup>

## Resumo

A formação do psicólogo no Brasil vem passando por transformações, subjetivas, políticas, econômicas, sociais e ambientais que refletem no modelo de atuação. A justificativa deste estudo decorre, principalmente, da influência do meu trabalho como psicóloga, Gestalt-terapeuta, professora e supervisora de psicólogos, considerando que o autoconhecimento acompanha e promove mudanças individuais, sociais e profissionais. Estas percepções promoveram inquietações diante das observações sobre o percurso da formação e da prática de psicólogos, demonstrando a necessidade pessoal e profissional de articulação do projeto de vida com as demandas atuais, diante de muitas expectativas e inquietações. Tem-se como objetivo geral analisar o papel do Projeto de Vida na formação profissional e subjetividade do psicólogo na atualidade. E como objetivos específicos: discutir a formação profissional do psicólogo; identificar relações do projeto de vida e projeto profissional; compreender o papel da subjetividade na formação da identidade profissional. Como opção metodológica a pesquisa bibliográfica, grupos focais, a observação direta intensiva e através de rodas de diálogos. Constata-se que a formação do psicólogo brasileiro está conectada a fatores macrossociais, globais e geopolíticos, pautada em sólida base teórico-prática em psicologia e articulada às áreas afins, à realidade social. O Projeto de Vida e Projeto Profissional articulam-se diante do “fazer” e “quem deseja ser” e a formação profissional é considerada como meio para compreensão da realidade e realização do futuro profissional. Conclui-se que o Projeto de Vida quando pautado nos quatro pilares do conhecimento (*aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*) dá novos sentidos ao trabalho, promove crescimento pessoal de forma holística e escolha profissional mais saudável e acertada. Possibilita também formação cuidadosa do psicólogo com rigor conceitual e implicações ético-políticas da profissão; desenvolvimento da consciência de que pessoas

---

211 Psicóloga e supervisora na Área Clínica; Professora de graduação, formação e pós-graduação; Mestrado Profissional Multidisciplinar em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social-Centro de Pós Graduação e Pesquisa Visconde de Cairu-FVC; Aperfeiçoamento em Dinâmica Energética do Psiquismo pelo Inst. Dinâmica Energética do Psiquismo; Espec. em Psic. Organizacional-UNIFACS; Formação em GT pelo Inst. de GT do Nordeste; Bach., Lic. e Formação em Psicólogo pela Universidade Federal da Bahia - UFBA.

precisam estar em ocupações que exercitem suas aptidões e interesses; percepção de que o ser humano é livre para fazer escolhas diante de possibilidades e limitações.

**Palavras-chave:** Formação do psicólogo. Projeto de vida. Subjetividade.

## REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BRITO, M. A. Q. Gestalt-terapia na clínica ampliada. *In:* FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2015.

DELORS, J. *et al.* Educação um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI.** São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2000.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Holismo, ecologia e espiritualidade: caminhos de uma gestalt plena.** São Paulo: Summus, 2009.

SOARES, N. S. **Educação transdisciplinar e a arte de aprender: a pedagogia do autoconhecimento para o desenvolvimento humano.** Salvador: EDUFBA, 2007.

# O estado da arte da noção de awareness na gestalt-terapia brasileira

Maria Clara Germano Quintino Conforto Teldeschi<sup>212</sup>, Youssef Olivier Madlum<sup>213</sup>,  
Simões da Cruz Secco<sup>214</sup>, Maria Eduarda Nicoll Rebeca Ferreira Viana<sup>215</sup>

## Resumo

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento que propõe analisar na literatura da Gestalt-terapia alguns de seus principais conceitos e noções. O grupo de pesquisa é formado por cinco estudantes da graduação de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro orientados por uma mestrande e uma professora da pós graduação do Instituto de Psicologia da UFRJ. A partir da combinação de duas metodologias, o Estado da Arte e a Revisão Sistemática, pretende-se realizar na pesquisa um mapeamento geral de estudos, trabalhos e publicações científicos que abordam cada noção, buscando compreender como ela aparece na literatura da Gestalt-terapia e investigando seu diálogo com a Fenomenologia. A pesquisa busca investigar se nas definições encontradas há referências e influências de autores da fenomenologia e mapear essas referências. A metodologia é composta por duas etapas. Em um primeiro momento, com a ferramenta metodológica do Estado da Arte, realiza-se um processo sistematizado de coleta de dados, que culmina em um panorama geral dos estudos que fazem referência à noção em foco. O processo começa com a utilização da base de dados

---

212 Graduanda de Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atualmente cursando o 7º período e participando de um estágio na área da saúde mental no CAPSi Carim, no IPUB-UFRJ, também de um estágio na área da psicologia escolar na Escola Parque e participando do projeto de pesquisa "Gestalt-Terapia e Fenomenologia: múltiplas perspectivas de um diálogo" coordenado por Mônica B. Alvim, que pretende investigar as relações e aproximações entre Gestalt-terapia e Fenomenologia.

213 Graduando de psicologia na UFRJ, atualmente cursando o 8º período e participando de dois estágios na área clínica no Departamento de Psicologia Aplicada da UFRJ um com a vertente fenomenológica existencial, outro com a análise institucional francesa, além de participar do projeto de pesquisa "Gestalt-Terapia e Fenomenologia: múltiplas perspectivas de um diálogo" coordenado por Mônica B. Alvim, que pretende investigar as relações e aproximações entre Gestalt-terapia e Fenomenologia.

214 Graduanda de Psicologia na UFRJ, atualmente cursando o 7º período, participando de um estágio no CAPSi Carim, no IPUB-UFRJ, também do Projeto de extensão REDE, TERRITÓRIO E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: Estratégias para a promoção de saúde mental, do NUPPSAM-IPUB. E integrante do projeto de pesquisa "Gestalt-Terapia e Fenomenologia: múltiplas perspectivas de um diálogo" coordenado por Mônica B. Alvim, que pretende investigar as relações entre Gestalt-terapia e Fenomenologia.

215 Mestranda em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Mônica Botelho Alvim. Psicóloga, graduada em Psicologia, pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais de Volta Redonda - ICHSVR da Universidade Federal Fluminense - UFF. Integrante do projeto de pesquisa "Gestalt-Terapia e Fenomenologia: múltiplas perspectivas de um diálogo" coordenado por Mônica B. Alvim, que pretende investigar as relações e aproximações entre Gestalt-terapia e Fenomenologia.

do “Google Acadêmico”, realizando uma busca por palavras-chave que combina o conceito escolhido e o termo “gestalt-terapia”. Em seguida é realizado um trabalho manual de refinamento do conteúdo coletado, havendo uma seleção de artigos científicos de revistas indexadas que abordam aquele conceito dentro do arcabouço teórico da Gestalt-Terapia. Com tal processo primário da pesquisa, os conteúdos são organizados de duas maneiras: uma primeira parte sistematiza informações principais do artigo, como Título, Autores, Ano de publicação, Revista onde está indexado e uma segunda parte na qual se pretende caracterizar o modo como aquele conceito aparece em cada artigo: se aparece como uma referência para a discussão de outra noção ou se o termo aparece enquanto uma definição da noção, seja a partir de referenciais próprios ou de outros autores e teorias. Em um segundo momento, realiza-se uma Revisão Sistemática do conteúdo, que trata de uma análise qualitativa do Estado da Arte do conceito, construindo possíveis categorizações e destacando relações, especificamente com a Fenomenologia. Neste pôster temos como objetivo apresentar o estado da arte da noção de *awareness* em Gestalt-Terapia, resultante da primeira parte desse método de pesquisa descrito. A escolha dessa noção se justifica pela importância que ela assume no corpo teórico da abordagem. Sendo uma noção central e de difícil compreensão, encontramos na literatura gestáltica distintas perspectivas, definições e nuances, algumas vezes refletindo contradições entre si. Tal como discute Robine (2006) o problema tem início com a própria dificuldade dos que não tem a língua inglesa como língua mãe, não sendo fácil distinguir “*awareness*” de “*consciousness*”. O autor distingue consciência e *awareness*. Alvim (2014) igualmente propõe essa distinção, enfatizando uma contraposição à compreensão de *awareness* como tomada de consciência, sublinhando o corpo e a dimensão pré-reflexiva da experiência como dimensões implicadas diretamente na compreensão da noção de *awareness*. Já Yontef (1998) refere-se à *awareness* direta e *awareness* reflexiva, esta última permitindo alcançar uma compreensão do seu próprio processo geral de *awareness*. A sistematização do corpo conceitual da noção de *awareness*, tal como está apresentado na amostra pesquisada, poderá nos oferecer a oportunidade de identificar influências, fundamentos e autores mais referenciados, assim como observar possíveis lacunas, contribuindo para o desenvolvimento teórico da abordagem.

**Palavras-chave:** *Awareness*. Estado da arte. Fenomenologia. Gestalt-terapia. Revisão sistemática.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica Botelho. *Awareness: experiência e saber da experiência*. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v. 2. p. 13-30.

PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Tradução Fernando Rosa Ribeiro. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.

ROBINE, Jean-Marie. *A awareness: conhecimento imediato e implícito do campo*. In: ROBINE, Jean-Marie. **O self desdobrado: perspectiva de campo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2006.

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt terapia**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

# Arte e ecologia à luz da gestalt-terapia: criando pontes para sonhar o futuro

*Luciana Costa Teruz*<sup>216</sup>

## Resumo

Diante de uma sociedade que promove a dicotomia entre homem e natureza, onde as pessoas estão cada vez mais apartadas do mundo natural, percebe-se a necessidade de ações no sentido de integrar o indivíduo a seu meio ambiente, oferecendo condições de desenvolvimento de suas dimensões biopsicossocial e espiritual. Nessa perspectiva, o presente trabalho, utilizando um recorte da Gestalt-terapia, busca construir pontes entre Psicologia, Arte e Natureza, contribuindo para a reflexão das grandes questões ambientais da atualidade, cujo foco na sustentabilidade pressupõe a compreensão da interdependência entre homem e natureza. O referido trabalho tem como objetivo mostrar como uma oficina de artes, com viés ecológico, pode constituir-se em potente ferramenta para se trabalhar a autoestima, o autoconhecimento, a consciência ecológica, as relações interpessoais e com o meio ambiente e o sentimento de pertença do indivíduo em sua comunidade. O desenhar, para Zinker (2007), é terapêutico, possibilitando ao artista se perceber como uma pessoa inteira. O trabalho voluntário foi realizado numa comunidade da zona oeste do Rio de Janeiro, a partir de observações feitas numa oficina de artes. Como método, foram observadas 14 crianças entre 7 e 10 anos, em encontros semanais com 3 horas de duração, durante um ano. Nessas oficinas, as crianças fizeram desenhos representando o ecossistema da Mata Atlântica. Em cada encontro foram apresentadas imagens (fotos e vídeos) de uma espécie de animal e vegetal. Em seguida, em um quadro negro, a espécie a ser observada e interpretada pelas crianças era desenhada por mim com giz colorido. Além disso, foi realizada uma visita a uma reserva ecológica municipal, com a presença de um biólogo, para falar sobre a fauna e a flora local. No final do ano, a produção das crianças foi reunida em um livro e cada uma ganhou seu exemplar. O trabalho na oficina de arte apresentou como resultado a edição do livro “No coração da Mata Atlântica”. Como tema para discussões, a arte, pela perspectiva da Gestalt-terapia, constitui-se em um poderoso instrumento de elaboração das emoções. Por meio das produções plásticas, o indivíduo tem a possibilidade de revelar o seu mundo interior por múltiplas formas de linguagem e buscar sua própria maneira de ser, descobrindo-se em sua singularidade e tendo uma maior consciência de si mesmo. No entanto, é preciso que a pessoa se veja também como pertencente a um mundo,

---

216 CRP 05/53306, é graduada em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida – UVA – RJ e pós-graduada em Gestalt-terapia pela Pontifícia Universidade Católica – PUC – RJ em 2019. Atua em clínica, em consultório particular, atendendo jovens e adultos em psicoterapia individual e de família na abordagem gestáltica. É também artista plástica. Vem realizando trabalho voluntário, no campo das artes, junto à crianças em comunidades do Rio de Janeiro. luteruz@gmail.com.

estando imbuída de responsabilidade e compromisso para com ele, despertando a sua consciência ecológica. Ao trabalhar a inter-relação entre ser humano e meio ambiente, pode-se abrir um espaço para repensar a interdependência entre Homem e Natureza. Para Ponciano (2009), assim o indivíduo dá sentido a si mesmo e ao universo que o rodeia. Pode-se concluir que o tema é de extrema relevância para discussão e estudo pelos profissionais da área da psicologia, pois visa a promover uma melhor qualidade de vida do indivíduo, ao possibilitar a elaboração de seus conteúdos internos e a apropriação de seus recursos, contribuindo para o seu processo de autoconhecimento. Além disso, constitui-se em um trabalho de educação ambiental: ao proporcionar um maior conhecimento do ecossistema em que as pessoas estão inseridas, estará promovendo uma ampliação da consciência ecológica. Nesse cenário, assume caráter interdisciplinar e afina-se aos novos paradigmas de sustentabilidade da contemporaneidade. A oportunidade de desenvolver esse trabalho com as crianças na oficina foi uma experiência fundamental em minha vida. As trocas que fizemos foram muito ricas; posso dizer que essa vivência ampliou a minha visão e afetou tanto o meu trabalho como artista plástica, como meu caminho dentro da Gestalt-terapia. Naquele micro sistema dentro da comunidade, experimentamos um mundo mais humano, acolhedor das diferenças, humanas e ambientais, onde pudemos perceber que a própria diversidade se constitui em motor da vida.

**Palavras-chave:** Arte. Ecologia. Educação ambiental. Gestalt-terapia. Sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt-terapia do contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

PERLS, Fritz. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Holismo, ecologia e espiritualidade: caminhos de uma gestalt plena**. São Paulo: Summus, 2009.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em gestalt-terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.

# Depressão infantil: ressignificação do brincar através do uso da sucata

Débora Cristina Guerra de Araújo Vale<sup>217</sup>

## Resumo

1. Introdução: Na brincadeira, a criança conhece através da linguagem do brincar elementos de sua subjetividade e individualidade, reconhecendo a si mesma e ao outro como autores de sua própria história, saindo de um papel de indivíduo para sujeito de suas relações. O objetivo do trabalho é expor um quadro depressivo e seu percurso terapêutico: uma criança, que se sente bloqueada em seus sintomas, angustiada pela sua aparente perda de possibilidades de escolhas, abalada pela desorganização de si e de seu ser-no-mundo, recebe o convite de, em *setting terapêutico*, trabalhar seu sentimento de menos valia através de algo que foi retirado do lixo e que poderá ser limpo, cuidado e ressignificado de forma criativa. Existe um resgate simbólico do que pode ser transformado em sua vida e do brincar essencial da criança, que é justamente aquele que está a serviço da compreensão da sua realidade e da manipulação de fenômenos externos para colocá-los a serviço de suas demandas. 2. Metodologia: Este estudo de caso configura-se como pesquisa fenomenológica-hermenêutica, possibilitando a clareira que acontece no desvelamento do sentido (STEIN, 1983). Na pesquisa fenomenológica, a natureza do conhecimento está voltada para a experiência, para o mundo vivido por cada pessoa, no desvelamento das angústias. Sob essa ótica, observaremos os fenômenos inspirados na perspectiva heideggeriana que afirma que o conhecimento de si no mundo é um modo de ser do *Dasein* e um modo de ser que está onticamente fundado em sua constituição fundamental, o ser-no-mundo (HEIDEGGER, 1927/1988). Assim, o esclarecimento do objeto de estudo em questão requer um ato de compreensão do investigador, que coloca-se não como analisador, mas está inspirado pela vontade de compreender, de recolher experiências. A pesquisa fenomenológico-existencial se encaminha na perspectiva de enfatizar a dimensão existencial do viver humano e os significados vivenciados pelo indivíduo no *estar-no-mundo* Dutra (2002). Nessa pesquisa discutiremos, a partir da perspectiva da criança, a compreensão de sua experiência diante de um diagnóstico em depressão infantil. Segundo Francischini e Campos (*apud* CRUZ, 2008), mesmo na assimetria sujeito-pesquisador, a criança pode produzir discursos sobre os eventos, sobre os outros, e sobre elas mesmas, na sua maneira própria de ver e pensar; e a partir

---

217 Psicóloga UFRN 2005.2; CRP/17-1263, Mestranda em Psicologia na UFRN com ênfase na perspectiva Fenomenológica-Heideggeriana. Especialista em Psicologia Clínica pela UFRN (2015), Especialista em Gestalt-Terapia pelo IGT-PE (2011). Psicoterapeuta clínica e sócia-fundadora do Gestalten: Grupo de Gestalt-Terapia de Natal RN.

de seus discursos, poderemos usar os recursos de sucata. 3. Marco teórico: Na relação dialógica Eu-Tu, o terapeuta precisa fazer um movimento de doação: como alguém que capta o seu próprio ser, plenamente presente de forma espontânea e verdadeiramente sincera (BUBER, 2001). Na reciclagem criativa, a criança encontra um material que pode ser objeto das projeções de seu estado atual, encontrando expressão livre de seus sentimentos sem as limitações relacionadas às expressões destrutivas (OAKLANDER, 1980). 4. Resultados obtidos e/ou esperados: Observamos que, através da transformação de um objeto que outrora seria descartado, a criança vai tomando consciência de si e de seus campos, trazendo aspectos de sua dor existencial que gostaria de largar ao esquecimento. Abriu-se um espaço de brincar terapêutico e, conseqüentemente, uma oportunidade de ressignificação de suas histórias. 5. Considerações finais: O uso da reciclagem favoreceu a autoexpressão do paciente, possibilitando o movimento para sua integração e autorregulação.

**Palavras-chave:** Brincar. Depressão infantil. Gestalt-terapia. Sucata.

## REFERÊNCIAS

- ANTONY, S. M. R. **Gestalt-terapia: cuidando de crianças: teoria e arte.** Curitiba: Juruá, 2015.
- BUBER, Martin. **Eu e tu.** Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2018.
- DUTRA, E. A narrativa como técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia,** Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.
- DUTRA, E. Depressão e suicídio em crianças e adolescentes. **Mudanças (IMS),** [S.l.], v. 9, n. 15, p. 27-35, 2001.
- FORGHIERI, Y.C. **Fenomenologia, existência e psicoterapia.** São Paulo: Cortez, 1984.
- LEONTIEV. Uma contribuição a teoria do desenvolvimento da psique infantil. *In:* VYGOTSKY. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Icone, 1998.
- OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes.** São Paulo: Summus, 1980.
- PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1970.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de gestalt-terapia: conceitos básicos.** São Paulo: Summus, 2006.
- RODRIGUES, H. E. **Introdução à gestalt-terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica.** Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- STEIN, E. **A questão do método em filosofia: um estudo do modelo heideggeriano.** Porto Alegre: Movimento, 1983.
- VYGOTSKY, L. S. A. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

# O estado da arte da noção de corpo na gestalt-terapia brasileira

*Juliana de Moura Veras<sup>218</sup>, Luiza Contreira Pereira Mendes<sup>219</sup>, Rebeca Ferreira Viana<sup>220</sup>*

## Resumo

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento que propõe analisar na literatura da Gestalt-terapia alguns de seus principais conceitos e noções. O grupo de pesquisa é formado por cinco estudantes da graduação de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro orientados por uma mestrande e uma professora da pós graduação do Instituto de Psicologia da UFRJ. A partir da combinação de duas metodologias, o Estado da Arte e a Revisão Sistemática, pretende-se realizar um mapeamento geral de estudos, trabalhos e publicações científicos que abordam cada noção, buscando compreender como ela aparece na literatura da Gestalt-terapia e investigando seu diálogo com a Fenomenologia. A pesquisa busca investigar se nas definições encontradas há referências e influências de autores da fenomenologia e mapear essas referências. A metodologia é composta por duas etapas. Em um primeiro momento, com a ferramenta metodológica do Estado da Arte, realiza-se um processo sistematizado de coleta de dados, que culmina em um panorama geral dos estudos que fazem referência à noção em foco. O processo começa com a utilização da ferramenta do "Google Acadêmico" como banco de dados, realizando uma busca por palavras-chave que combina o conceito escolhido e o termo "gestalt-terapia". Em seguida é realizado um trabalho manual de refinamento do conteúdo coletado, havendo uma seleção de artigos científicos de revistas indexadas que abordam aquele conceito dentro do arcabouço teórico da Gestalt-Terapia. Com tal processo primário da pesquisa, os conteúdos são organizados de duas maneiras: uma primeira parte sistematiza informações principais do artigo, como Título, Autores, Ano de publicação, Revista onde está indexado e uma segunda parte na qual se

---

218 Estudante de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, atualmente cursando o 7º período e participando de um estágio na área de saúde mental com Centros de Convivência no Rio de Janeiro, e de um grupo de pesquisa dentro da área da Gestalt-terapia, que se propõe a investigar as relações entre seus conceitos e a Fenomenologia.

219 Estudante da graduação de Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Extensionista do programa Psicologia e Justiça: construção de outros processos, e atualmente estagiando no Centro de Referência para Mulheres Suely Souza de Almeida. Parte do grupo de pesquisa da prof. Mônica Alvim, que se propõe a investigar as relações entre Gestalt-Terapia e Fenomenologia.

220 Mestranda em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Mônica Botelho Alvim. Psicóloga, graduada em Psicologia, pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais de Volta Redonda - ICHSVR da Universidade Federal Fluminense - UFF. Integrante do projeto de pesquisa "Gestalt-Terapia e Fenomenologia: múltiplas perspectivas de um diálogo" coordenado por Mônica B. Alvim, que pretende investigar as relações e aproximações entre Gestalt-terapia e Fenomenologia.

pretende caracterizar o modo como aquele conceito aparece em cada artigo: se aparece como uma referência para a discussão de outra noção ou se o termo aparece enquanto uma definição da noção, seja a partir de referenciais próprios ou de outros autores e teorias. Em um segundo momento, realiza-se uma Revisão Sistemática do conteúdo, que trata de uma análise qualitativa do Estado da Arte do conceito, construindo possíveis categorizações e destacando relações, especificamente com a Fenomenologia. Neste pôster temos como objetivo apresentar o estado da arte da noção de corpo em Gestalt-Terapia resultante da primeira parte desse método de pesquisa descrito. A escolha da noção de corpo se justifica pelo fato de que, mesmo não se constituindo como parte do conjunto de conceitos básicos da abordagem, essa noção está implicitamente presente no desenvolvimento conceitual da abordagem, como por exemplo, na noção de organismo, na teoria do self, na discussão da neurose e na estratégia terapêutica. Tal como discute Alvim (2016), há no livro Gestalt-Terapia (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997) pistas para pensar o corpo que podem ser encontradas na noção de contato como *awareness* e resposta motora. Assim, ao discutir a corporeidade como suporte do contato, a autora explora o lugar do corpo na teoria do self, na neurose e na terapia. Buscamos, com essa exploração mais ampla da literatura brasileira proposta na pesquisa, investigar outras perspectivas para a compreensão da noção de corpo em Gestalt-Terapia. Além disso, no contemporâneo o corpo tem assumido protagonismo nas discussões em psicologia e consideramos muito relevante contribuir para que a Gestalt-Terapia, como uma clínica da experiência, possa dar mais visibilidade a essa noção.

**Palavras-chave:** Corpo. Estado da arte. Fenomenologia. Gestalt-terapia. Revisão sistemática.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Monica Botelho. O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Modalidades de intervenção clínica em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

# O estado da arte da noção de presença na gestalt-terapia brasileira

*Rebeca Ferreira Viana*<sup>221</sup>

## Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento que propõe analisar na literatura da Gestalt-terapia alguns de seus principais conceitos e noções. O grupo de pesquisa é formado por 5 estudantes da graduação de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro orientados por uma mestrande e uma professora da pós graduação do Instituto de Psicologia da UFRJ. A partir da combinação de duas metodologias, o Estado da Arte e a Revisão Sistemática, pretende-se realizar um mapeamento geral de publicações científicas que abordem cada noção, buscando compreender como ela aparece na literatura da Gestalt-terapia e investigando seu diálogo com a Fenomenologia. A pesquisa busca investigar se nas definições encontradas há referências e influências de autores da fenomenologia e mapear essas referências. A metodologia é composta por duas etapas. Em um primeiro momento, com a ferramenta metodológica do Estado da Arte, realiza-se um processo sistematizado de coleta de dados, que culmina em um panorama geral dos estudos que fazem referência à noção em foco. O processo começa com a utilização da ferramenta do “Google Acadêmico” como banco de dados, realizando uma busca por palavras-chave que combina o conceito escolhido e o termo “gestalt-terapia”. Em seguida é realizado um trabalho manual de refinamento do conteúdo coletado, havendo uma seleção de artigos científicos de revistas indexadas que abordam aquele conceito dentro do arcabouço teórico da Gestalt-Terapia. Com tal processo primário da pesquisa, os conteúdos são organizados de duas maneiras: uma primeira parte sistematiza informações principais do artigo, como Título, Autores, Ano de publicação, Revista onde está indexado e uma segunda parte na qual se pretende caracterizar o modo como aquele conceito aparece em cada artigo: se aparece como uma referência para a discussão de outra noção ou se o termo aparece enquanto uma definição da noção, seja a partir de referenciais próprios ou de outros autores e teorias. Em um segundo momento, realiza-se uma Revisão Sistemática do conteúdo, que trata de uma análise qualitativa do Estado da Arte do conceito, construindo possíveis categorizações e destacando relações, especificamente com a Fenomenologia. Neste pôster temos como objetivo apresentar o estado da arte da noção de presença para a Gestalt-Terapia. A noção de

---

221 Mestranda em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob orientação da Prof. Mônica Botelho Alvim. Psicóloga, graduada em Psicologia, pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais de Volta Redonda - ICHSVR da Universidade Federal Fluminense - UFF. Integrante do projeto de pesquisa "Gestalt-Terapia e Fenomenologia: múltiplas perspectivas de um diálogo", coordenado por Mônica Botelho Alvim, que pretende investigar as aproximações e relações entre gestalt-terapia e fenomenologia.

presença ocupa centralidade no pensamento fenomenológico e notamos que, apesar de a noção de presença não se constituir como um conceito sistematizado no arcabouço teórico da Gestalt-Terapia, ela aparece, mesmo que de modo implícito, nas construções conceituais da Gestalt-terapia, como por exemplo em *awareness*, contato, self, campo/organismo/ambiente, aqui-e-agora. Etimologicamente a palavra PRESENÇA tem origem latina, *praesentia*, advinda da contração da palavra *prae-sens* (presente). É formada pelo prefixo *prae* e do radical *sentia*. De acordo com o estudo morfológico realizado por Silva (2014) tem-se considerado o prefixo *prae* (pré) como indicador de algo que está “em frente de”, ou “algo que vem antes de”. No entanto, Silva denota que originalmente o prefixo “*prae*” está relacionado a uma anterioridade frente a algo, mas, não como pura antecipação, mas, como continuidade ao mesmo. Já o radical *sentia*, contraído da palavra *sens*, nos remete à existência do ser. Assim, etimologicamente, presença pode ser entendida como uma existência contígua consigo e com o mundo. Alvim (2011) nos dá pistas de que a concepção desse modo de existir é discutida por Merleau-Ponty (1994) como corpo-presença, encarnando no corpo a ideia de uma presença engajada e implicada na situação. A sistematização dessa pesquisa, pretende investigar as diversas perspectivas para a compreensão da noção de presença em Gestalt-Terapia. A partir da exploração da noção de presença, este trabalho objetiva mapear as possíveis influências da fenomenologia na Gestalt-Terapia, contribuindo, portanto, para ampliação da fundamentação dos conceitos e método dessa abordagem.

**Palavras-chave:** Estado da Arte. Fenomenologia. Gestalt-terapia. Presença. Revisão Sistemática.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Monica Botelho. A ontologia da carne em Merleau-Ponty e a situação clínica na Gestalt-terapia: entrelaçamentos. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 143-151, dez. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 jan. 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, Flávia Santos. **Das preposições “pro” e “prae”**: a conservação do latim no português. SIELP - SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, 4., Uberlândia - MG, 2014.

## O clown terapêutico: a vulnerabilidade como acesso às potências

Rodrigo Bastos<sup>222</sup>, Montserrat Gasull Sanglas<sup>223</sup>

### Resumo

Neste workshop buscamos compartilhar nossa experiência no campo da Clownterapia, desde uma perspectiva gestáltica, sobre o estado de vulnerabilidade como princípio de partida para o acesso das potências pessoais e sentimentos interiores. A *Clownterapia*, assim com a Gestalt-terapia, partem da premissa que o ser humano é um ser potente em sua natureza, fonte da própria criatividade e tem em si a capacidade de gerir a si mesmo e também de ser responsável pelos próprios processos de transformação e crescimento. Hycner e Jacobs (1997), citam que o homem busca ser reconhecido pelos outros por sua singularidade, potência e vulnerabilidade, e, por conseguinte alcançar uma qualidade de contato mais plena. Porém, o medo de não ser reconhecido faz com que o mesmo coloque barreiras e disfarces sobre si, como um mecanismo de “proteção”, e se adeque aos processos deverísticos como forma de ajustamento. Neste ponto, temos um ser humano adoecido e com medo de revelar quem se é. Com o trabalho do Clown Terapêutico buscamos provocar os participantes deste processo a reconhecerem tais forças pessoais através da ida aos seus espaços mais recônditos e trazê-los à tona para serem olhados e experimentados através de modelos arte-terapêuticos *clownescos* e que em muito se assemelham com a maneira de trabalhar gestáltica. O jogo proposto

---

222 Mestre em Ciências Sociais pela UFJF . Pós-graduado em Psicologia Clínica na Abordagem Gestáltica (IPGL). Psicólogo pelo CES. Palhaço. Membro da ABGT. Coordenador da Pós-graduação em Gestalt-terapia na USU. Psicólogo clínico. Professor em Pós-Graduações em Psicologia pela Abordagem Gestáltica. Autor do Livro "O Clown Terapêutico". Ministra cursos de formação em Clownterapia. Estudos em Palhaçaria influenciados pela pedagogia de Jacques Lecoq e Philippe Gaulier do qual foi aluno.

223 Graduanda em psicologia pela Universidade Estácio de Sá de Juiz de Fora. Professora de espanhol e catalão como língua estrangeira. Intérprete simultânea português - espanhol - catalão. Palhaça. Ministra cursos de formação em Clownterapia. Sócia na empresa A Arte de Ser Grande aonde é produtora dos cursos, workshops e oficinas em Gestalt. Estudo da máscara neutra (Barcelona) com Javier Villena. Estudos e práticas em Palhaçaria influenciados pela pedagogia de Jacques Lecoq e Philippe Gaulier.

para este trabalho se denomina Picadeiro, que é o espaço tradicional do circo onde o palhaço se apresenta com seus tombos, erros e graças, e trata-se de uma sequência de provocações físicas e emocionais, auxiliados por elementos do psicodrama, da arte-terapia e do teatro terapêutico que se encontram presentes em todos os momentos. Tais provocações buscam levar os participantes para um estado de vulnerabilidade, onde as máscaras, introjeções e ideais do ego possam ser colocadas de lado auxiliando, assim, o aparecimento de manifestações de autenticidade. O intuito é que ao tirar a pessoa de um estado de inércia para um de movimento, ela possa perceber o quanto de produção criativa e potente possui e que por não ter consciência disso, se cristaliza neuroticamente em suas ações. Para vivenciar este momento busca-se criar um espaço seguro, de empatia e aceitação por parte de todos em relação àquele que nesse instante está se “des-cobrando”. A sequência de movimentos proposta por este método denominou-se “O Ciclo do Picadeiro”. A intervenção grupal consiste em cinco etapas sendo as quatro primeiras através de jogos lúdicos: (1) Aquecimento, (2) Sensibilização (3) Provocação, (4) Processo Criativo e o (5) Feedback e finalização. Todas as fases se utilizam dos aportes teóricos apresentados acima. A relevância deste trabalho encontra-se no fato de que a partir do estado de vulnerabilidade, através da metodologia do Clown Terapêutico, podemos auxiliar na manifestação da multiplicidade de forças que existem em cada indivíduo e que muitas vezes não são sentidas nem vistas pelo mesmo e estas, ou seja, as forças, visam garantir ajustamentos satisfatórios para o sujeito.

**Palavras-chave:** *Clown* terapêutico. Lúdico. Picadeiro. Potências.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, R. **O clown terapêutico**. Juiz de Fora: Bartlebee, 2017.

HYCNER, Richard; JACOBS, L. **Relação e cura em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

VIGNEAU, A. **El clown esencial: el arte de reírse de sí mismo**. Barcelona: Ediciones la Llave, 2010.

ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

# Manifestações da ansiedade em crianças e adolescentes: um contorno conceitual e uma compreensão de campo

*Cintia Lavratti Brandão*<sup>224</sup>

## Resumo

Ansiedade, na escrita psiquiátrica, é definida como um sentimento desagradável que está associado a uma sensação de antecipação a um perigo, iminente ou futuro. Trata-se de uma resposta emocional relacionada ao instinto de luta ou fuga, podendo conduzir à tensão muscular e comportamentos de evitação (APA, 2013). Historicamente a ansiedade tem um caráter adaptativo, tendo como finalidade preparar o indivíduo para o enfrentamento de possíveis ameaças, sejam elas reais ou percebidas como riscos potenciais. Fisiologicamente, a ansiedade pode estar associada a manifestações motoras e viscerais, assim como pode causar distorções na percepção que o indivíduo tem do mundo, dos acontecimentos e dos significados que atribui a eles. Em Gestalt-terapia entendemos que qualquer manifestação da pessoa é sempre consequência de uma interação indissociável de um corpo no mundo e seus atravessamentos na vivência da situação atual. O que implica em dizer que reconhecemos a ansiedade como um evento que se processa na fronteira de contato, não sendo atribuível a uma interioridade adoecida ou disfuncional, e sim a uma interação no campo organismo/ambiente que traz a marca da mobilização dos excitamentos em direção a um horizonte de futuro. A ansiedade pode trazer um contorno disfuncional quando nossos corpos não são capazes de descarregar adequadamente as excitações provocadas pelo processo de contatar (PERLS, 1942). Causando interrupções no fluxo espontâneo de aproximação e retraimento, bloqueando e represando a energia dos excitamentos no corpo e impedindo o crescimento criativo. Na clínica infanto-juvenil as queixas relacionadas ao contorno disfuncional da ansiedade, tem crescido de forma exponencial, crianças e adolescentes trazidos aos consultórios com sintomas bastante pronunciados desta energia de excitamentos contida e retrofletida para seus corpos. Diante desta realidade nos parece extremamente salutar esclarecer tanto aos familiares quanto aos clientes, que suas formas de ajustamento refletem uma inserção contextual, nada que se manifesta no mundo, escapa a ordem do campo, tudo se constrói na tessitura coletiva entre e com outros corpos, o que aponta

---

224 Gestalt terapeuta. Psicoterapeuta e Supervisora clínica. Formação em Terapia Familiar Sistêmica. Mestre em Psicologia pela (UFPA). Foi professora e Supervisora Clínica da Universidade da Amazônia durante 19 anos; Sócia fundadora e Diretora acadêmica do CCGT - Centro de Capacitação em Gestalt Terapia; Professora convidada em diversos institutos de Gestalt-terapia em âmbito nacional. Organizadora e autora de livros e co-autora em outras publicações em Gestalt-terapia. Membro diretora da Associação Brasileira de Gestalt-terapia. (biênios 2017-2018 e 2019-2020).

para um manejo destes sintomas ansiosos sempre incluído as crianças e os adolescentes e seu sistema de cuidadores, objetivando o redesenho das relações e conexões, e não a classificação, patologização e cura da ansiedade do/a cliente. Uma clínica infanto juvenil direcionada ao manejo de sintomas ansiosos é, em última instancia, uma convocação a reconstrução de relações restritivas, violentas e pouco facilitadoras, tanto no nível privado como no coletivo. Vivemos um contorno social amputador de nossas possibilidades de desenvolvimento e crescimento; o aumento da ansiedade na clínica infantojuvenil é um reflexo deste cenário adoece-dor.

**Palavras-chave:** Adolescentes. Ansiedade. Campo. Corpo. Crianças.

## REFERÊNCIAS

APA: American Psychiatric Association. DSM 5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5a ed. Porto Alegre: Artmed: APA, 2013.

BRANDÃO, C. L. Reflexões sobre a prática clínica com crianças em Gestalt-terapia: as vicissitudes de um caminho. *In*: BRANDÃO, C. L. (org.). **Gestalt-terapia infantojuvenil: práticas clínicas contemporâneas**. Curitiba: Juruá, 2018. p.53-63.

PERLS, Frederick S. **Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud**. São Paulo: Summus, 2002.

PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PINTO, Ênio Brito. A ansiedade e seus transtornos na visão de um Gestalt-terapeuta. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. p. 93-115.

# O planeta na cadeira vazia

Marco Aurélio Bilibio Carvalho<sup>225</sup>

## Resumo

Este trabalho focaliza a prática terapêutica dirigida à temática contemporânea das incertezas quanto ao futuro. Busca fazer uma ponte entre os alertas da ciência sobre mudanças climáticas, a modificação acelerada dos cenários naturais, a rápida extinção de espécies e chegada de pandemias que surgem como ameaças concretas ao futuro dessa e das futuras gerações. Esses temas, até recentemente, raramente surgiam nos consultórios de psicoterapia. O agravamento da crise climática, com episódios de clima extremo, desalojamentos e mortes vai ganhando gradualmente mais presença na consciência do público não especializado, que pelas evidências vive um tensionamento da tendência deflexiva ainda presente de forma generalizada sobre as causas dessa crise anunciada (CHALQUIST; BUZZEL, 2009). Alguns termos definidores do quadro de incerteza ganham crescente atenção da mídia, entre eles eco-ansiedade e ecocídio. Referem-se a diferentes tipos de sofrimento que surgem como reação saudável ao quadro de incertezas derivado do atual estilo de relação com a natureza. Esse estilo de relação pesa brutalmente sobre o equilíbrio dos sistemas vivos, e torna o campo das relações ser humano/natureza um campo potencialmente tão importante quanto o das relações disfuncionais na esfera interpessoal e grupal. Olhar para as relações com o mundo não-humano com uma perspectiva clínica oferece muitos *insights* sobre a origem, o desenvolvimento e superação da crise climática/ambiental (ROSZAK, 1992). O olhar gestáltico sobre o ser-no-mundo, as relações na perspectiva de campo e fenomenologia do encontro com o não-humano representam uma perspectiva privilegiada para compreender a dimensão psicológica da crise de sustentabilidade. Ao mesmo tempo, na medida em que esse tema se torna espaço de sofrimento – ainda em seus primeiros lampejos – e de uma crise coletiva extremamente desafiadora, a clínica psicológica e em particular a clínica gestáltica são chamadas a refletir sobre como aplicar seus recursos clínicos a esse novo cenário subjetivo e comportamental. A busca de *awareness* sobre a experiência de ser-no-mundo levanta a questão clínica sobre até onde esse “mundo-planeta” tem algo a dizer a nós humanos. O que nossos sentimentos mais profundos dizem sobre nossos vínculos com esse mundo “vivo”? Despidos de qualquer tendência deflexiva, o que descobrimos quando olhamos a totalidade de nossa experiência como membros da comunidade viva desse planeta? E as ameaças pelas quais essa comunidade passa, de que forma são sentidas? Como os sofrimentos diários de humanos e não-

---

225 Gestalt-Terapeuta atuando em clínica privada em Brasília/DF desde 1987. Membro da ABG. Membro do corpo docente do Comunidade Gestática (Florianópolis) e do IGTB (Brasília). Mestre de Psicologia Clínica e Cultura e Doutor em Desenvolvimento Sustentável (com tese sobre psicologia e sustentabilidade) pela Universidade de Brasília. Presidente da *International Ecopsychology Society* e diretor do Instituto Brasileiro de Ecopsicologia.

humanos envolvidos nos atingem? Para a GT a tomada de consciência da experiência presente é o início e o que qualifica o crescimento (PERLS; GOODMAN; HEFFERLINE, 1997). A área da experiência humana focalizada neste workshop é uma que exige crescimento, pessoal e coletivo. Autores que inspiraram este workshop ressaltam que a atitude humana – consubstanciada numa visão de mundo e numa prática social e econômica – que nos levou até essa crise pode estar associada a bloqueios do amadurecimento ontogenético, levando-nos a escolhas temerárias à semelhança da fase adolescente de desenvolvimento (SHEPPARD, 1982). Outra leitura fala da alienação de nosso senso de pertencimento a esse mundo vivo. Outra diz de nossa psicopatia em relação ao que não é humano. Gradualmente surge uma nova teorização sobre a fenomenologia da desconexão de nossa espécie frente à sua origem biológica. Em GT, uma alienação dessa espécie, como toda a alienação, nos posiciona frente ao mundo em termos potencialmente neuróticos. No entanto, para além dos exercícios teóricos é necessária uma prática que amplie a *awareness* para essas questões centrais da contemporaneidade. Buscamos nesse workshop refletir e experimentar possibilidades de trabalho sobre esse tema. Faremos um contraponto entre a literatura gestáltica e a literatura da *ecotherapy*. Mas acima de tudo buscaremos experimentar como os instrumentos e atitudes da prática gestáltica podem acolher (BUBER, 2004) e ajudar a trabalhar o tema das relações com o não-humano como tema central da psicoterapia.

**Palavras-chave:** Ecologia. Ecopsicoterapia. Gestalt. Mudanças climáticas. Psicoterapia.

## REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu-tu**. São Paulo: Centauro, 2004.

CHALQUIST, Craig; BUZZEL Linda. **Ecotherapy: healing with nature in mind**. São Francisco: Sierra Club Books, 2009.

PERLS, Fritz; GOODMAN, Paul; HEFFERLINE, Ralph. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

ROSZAK, Theodore. **The voice of the earth: an essay of ecopsychology**. 2. ed. Michigan: Grand Rapids; Phane Press, 1992.

SHEPPARD, Paul. **Nature and madness**, Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1982.

# Ambientalidade e meditação intersubjetiva

Jean-Marie Delacroix<sup>226</sup>

## Resumo

Em 1947, F. Perls (1978) escreveu a respeito da “terapia de concentração” em “O ego, a fome, a agressão”. Em 1951, F. Perls, Hefferline e P. Goodman (1951) dedicam 4 capítulos do volume 1 da terapia Gestalt à consciência colocada sobre si no processo da experiência. Eles são os primeiros a introduzir o uso de “estar em plena consciência de ...” em psicoterapia. Eles trazem uma grande novidade na história da psicoterapia: deixar o paradigma psicanalítico do inconsciente para entrar no paradigma fenomenológico e existencial do “estar na consciência do” que está acontecendo no campo do paciente-terapeuta. Os criadores da Gestalt explicitamente introduziram a atitude meditativa no processo terapêutico através do que Perls chamou de terapia de concentração. Eles atribuem uma importância particular à *awareness*, a essa consciência do campo e no campo, ainda não explícita e da qual podemos ter consciência, concentrando nossa atenção na sensorialidade corporal, na expressão artística, irracional e na fantasia. Entrar na ‘pura observação de si’, experimentar o ‘silêncio interior’. Decorre daí que eles são os precursores do grande movimento mundial que traz à tona a atenção plena e a meditação como um fator de mudança e cura. Ao longo dos anos, uma importante perspectiva se desenvolveu: a da Gestalt relacional. A Gestalt é de natureza relacional, pois lida com o relacionamento entre nós e o outro. A perspectiva da ‘ambientalidade’ (RIBEIRO, 2020), considerada como uma ‘dimensão do humano’ está no coração da experiência da plena consciência ou do que Perls, Hefferline e Goodman conceberam como ‘*awareness*’. Desenvolver a plena consciência naquilo que está acontecendo aqui-e-agora, num processo de co-existência entre paciente-terapeuta, um diante do outro. Portanto, há momentos em que o paciente e o terapeuta entram em uma espécie de “meditação intersubjetiva” na relação com o pano de fundo do problema do paciente, que possui suas relações com o ambiente. Deixamos, então, a dimensão psicológica individualista para entrar numa dimensão social, energética e transpessoal. O tema deste workshop apresenta: como desenvolver a consciência no centro do relacionamento. Isso diz respeito, em primeiro lugar, ao terapeuta: 1 - que desenvolve nele mesmo uma atitude meditativa, concentrando sua atenção nele e na relação com o paciente; 2 - ajudando o paciente a entrar na consciência de sua experiência, bem na forma sobre como ele conta a sua história, 3 - prestando atenção ao que está acontecendo entre os dois, restituindo-se esta experiência ao paciente. O workshop terá como plano metodológico:

---

226 Psicólogo clínico especializado em psicopatologia, formado em Paris e em Montréal (Canadá). Possui mais de 40 anos de experiência como Gestalt-Terapeuta, formador, supervisor e conferencista a nível nacional e internacional. Autor de várias obras e de 40 artigos da área. Possui um papel importante no campo da Gestalt-Terapia na França, introduzindo e desenvolvendo a Gestalt com outros pioneiros naquele país. Autor de obras no campo da Gestalt-Terapia.

1 - Apresentação da meditação intersubjetiva no processo psicoterapêutico; 2 - Práticas intersubjetivas de meditação; 3 - Reflexão sobre a prática. O coordenador do workshop se inspirará em seu último livro "*La pleine conscience en psychothérapie*": no coração da relação paciente-terapeuta (2020) a ser publicado no Brasil (2021). Durante este workshop, o coordenador apresentará a prática da meditação intersubjetiva no processo psicoterapêutico e, em seguida, proporá diferentes práticas de conscientização em relação.

**Palavras-chave:** *Awareness*. Consciência. Meditação intersubjetiva. Relação terapeuta-paciente.

## REFERÊNCIAS

DELACROIX, Jean-Marie. **La pleine conscience en psychothérapie**. França: Dangles Éditions, 2020.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-therapy**. New York: Julian Press, 1951.

PERLS, Frederick S. **Le moi, la faim, l'agressivité**. França: Tchou, 1978.

PERLS, Laura. **Vivre à la frontière**, Montréal: Du Reflet, 1993.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade**: uma gestalt em movimento. Gestalt 2020. Disponível em: <https://gestalt2020.com.br/>. Acesso em: 1 mar. 2020.

# Sentir-se apenas flor ou primavera?: uma reflexão vivencial sobre os desafios e bênçãos na dança parte-todo de co-pertencer e transformar-se

Adriana Fittipaldi<sup>227</sup>

## Resumo

Na discussão da minha dissertação de mestrado intitulada *Construindo uma cultura de paz: a abordagem gestáltica como um instrumento* (FITTIPALDI, 2007), refletindo sobre os obstáculos para a paz, apresentei a hipótese de que é possível que permaneçamos numa atitude violenta - que ofende dentre muitos princípios, também a ambientalidade, co-existência e sustentabilidade - devido ao desafio que implica utilizar nossa agressão para enfrentar tanto os incômodos quanto o comodismo que se apresentam no campo e avançar ousando criar novas configurações que ressignificam nossas compreensões existenciais anteriormente estabelecidas. As demandas contemporâneas explicitadas por todas as disciplinas que dialogam com uma perspectiva de Ecologia Profunda sinalizam a necessidade de nos abirmos para mudanças que muitas vezes confrontam nossos padrões e hábitos concebidos como vitória, conquista e conforto pessoal. Estamos prontos para exercitar esse desapego? Será que nossas maiores dificuldades dizem respeito à mudança de atitudes específicas ou ao processo de transformação como um todo? Como alertaram Perls, Goodman e Hefferline (1951/1997) quando negligenciamos a oportunidade de enfrentar a oposição difícil, a agressão disponível para a transformação em um novo self pode voltar-se contra ele próprio ou se exteriorizar de maneira desgovernada. Empregar a agressão para atravessar o conflito significa colocarmo-nos diante da angústia do desprendimento criativo que requer entrega e disponibilidade para correr riscos. Como nos sentimos diante dessa vulnerabilidade? O presente trabalho tem como objetivo convidar os participantes - no máximo 21 pessoas - para ampliar consciência sobre as percepções, sensações e emoções que emergem diante da necessidade de realizar transformações significativas para co-existirmos de forma mais saudável e sustentável. Quais são experienciadas como facilitadoras do processo? Quais são sentidas como obstáculo? A metodologia escolhida visa criar um campo incentivador do desprendimento criativo e utilizará, além de breve exposição teórico-reflexiva para contextualização do tema, uma dança circular articulada à contação de uma estória de Clarissa Pinkola Estés que aborda o tema da transformação vida-morte-

---

227 Psicóloga e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília - UnB. Psicoterapeuta especialista em Gestalt-terapia individual e grupal, com formação em Síntese Transacional e Ecologia do Ser. Membro docente do Instituto de Gestalt Terapia de Brasília - IGTB e do EduGaia. Idealizadora e fundadora do Clã das 13 Luas e da Jornada das Lobas. Bailarina Clássica - ACDB. Facilitadora do seminário *A Arte de Viver em Paz - UNIPAZ. Mãe de Isabela e Gabriel.*

vida: o que não pode morrer nunca (ESTÉS, 1995). Essa proposição visará introduzir na situação uma diferença que provocará a implicação corporal das pessoas, privilegiando o fluxo de vividos no campo, tecendo a vivência como experimentação (ALVIM, 2014) que buscará integrar a construção de um diálogo verdadeiramente criativo a partir da função id da situação, caracterizada pelos sentidos e pela presença espontânea no campo da experiência compartilhada. Compreendo que para além de argumentações racionais, mais conectadas à função personalidade do self, é justamente na dimensão da experiência sentida e corporal que a Gestalt-Terapia mais pode co-laborar na tessitura de uma nova realidade. O foco do workshop é a obtenção de *awareness*, reconhecendo-a em consonância com Ribeiro (2006) como a forma mais completa de contato que consiste em algo integrador e transformador. A conclusão do trabalho ocorrerá com uma outra dança circular que enfatiza a experiência parte-todo, flor-primavera, indivíduo-natureza em que cada participante e todos juntos poderão manifestar por meio de gestos e sons sua síntese individual e contemplar a co-criação grupal que acontecerá a partir do encontro. A atual conjuntura planetária escancara grandes contradições, danos e perigos que a humanidade tem construído nas suas relações com todos os seres. Não nos faltam evidências nos âmbitos individual, coletivo e global de que muitas transformações precisam ocorrer para que consigamos estabelecer uma convivência harmônica com os ecossistemas que compõem nossa realidade. A comunidade gestáltica tem muito a contribuir nesse cenário vivo e complexo do qual somos parte. Esse workshop é um convite para que possamos começar a partir de nós mesmos.

**Palavras-chave:** Agressão. *Awareness*. Experimentação. Parte-todo. Vida-morte-vida.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, MONICA BOTELHO. **A poética da experiência:** gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- ESTÉS, C. P. **O jardineiro que tinha fé.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- FITTIPALDI, A. Q. **Construindo uma cultura de paz:** a abordagem gestáltica como um instrumento. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1951/1997.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vademecum de gestalt-terapia:** conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.

# A psicossomática: uma visão da saúde

Silvia Ivancko<sup>228</sup>

## Resumo

O objetivo da Gestalt-terapia, basicamente, é resgatar a harmonia e o bom funcionamento do organismo, seja no aspecto emocional, no físico, ou melhor, em ambos, pois não há como alterar uma parte sem modificar o todo. Com a visão holística do Ser Humano, hoje ampliada pela Psiconeuroimunologia, podemos perceber que focar a parte da saúde biológica é somente um recorte para um olhar cuidadoso sobre um aspecto, mas que não perde de vista o caráter da totalidade. Para Perls, o viver harmônico e saudável implica em prestar atenção, estar *aware* de nossas necessidades e na medida do possível tentar satisfazê-las. O presente trabalho tem como objetivo aproximar as pessoas do contato consigo, fazer parte do mundo contemporâneo sem que se perca a verdadeira essência. Enquanto Perls, nos anos 60, exercitava o livre expressar, sentir e agir, num período histórico onde o Ser Humano conquistava a liberdade; hoje, lutamos para preservar nosso ego, maculado pela força da massificação, conjuntura, momento sócio histórico político e da influência da mídia que representa interesses outros e não o bem estar individual e coletivo. Fazemos parte, respeitamos regras, leis e muitas vezes nos perdemos de nós mesmos em detrimento de estarmos de acordo com a “maioria”. O preço que pagamos reflete-se em distúrbios alimentares, aumento da violência, doenças psicossomáticas, insatisfação, depressão, ansiedade, vazio, insaciedade, stress, num mundo competitivo que exige cada vez mais em quantidade e oferece cada vez menos em qualidade. O que fazer com nossa autorregulação, saciar nossas necessidades, numa sociedade que nos cobra resultados, perfeição, rapidez, eficiência, mesmo que isso possa custar nossa hora de sono, um fast food ao invés de uma refeição, um fim de semana trabalhando abrindo mão do convívio familiar, da “sagrada” hora do banheiro... Enfim, temos que nos adaptar, mas o quanto podemos ceder, sem nos prejudicar? Onde fica o Eu que sente, pensa, quer, deseja, necessita? A doença, como foco deste estudo, viria como uma manifestação das nossas insatisfações tanto pessoais quanto de nossas relações com o mundo, uma expressão do sofrimento ou um ajustamento criativo. Muitas vezes é a melhor forma que temos para enfrentar ou não uma situação da qual não estamos preparados ou temos dificuldade. Portanto a doença não é um “mal”, mas de certa forma, nos protege de outras situações ou expressa insatisfações temporárias. No nosso cotidiano, convivemos com enxaquecas, gripes, gastrites, alergias, viroses, dermatites, constipação, diarreia, amidalite etc., que se manifestam, expressam-se e muitas vezes desaparecem como

---

228 Formação em Gestalt Terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae – SP – 1985, Mestre em Psicossomática e Psicologia Hospitalar – PUC-SP – 2006, Especialista em Psicossomática Chinesa Brasil Pequim – 2000 Professora colaboradora nos cursos de formação em Gestalt: no Sedes Sapientiae – SP, IGSP – SP, Comunidade Gestáltica – SC, IGT de Roraima –RR, Escola Paranaense de Gestalt Terapia – Maringá PR, Gestalt Juiz de Fora – MG, SATI – Vitória ES, Encuentro Gestalt Uruguai, etc.

que por “encanto”, quando o conflito que as desencadeou, desaparece. A doença assume características de figura e assume grandes proporções, mal configurada, sem a nitidez da boa forma, só temos olhos para ela, emerge a todo momento e pensamos em como destruí-la. Entretanto, a destruição da figura/doença só é possível na medida em que a olhamos, deixamos que se torne nítida, que “fale”. Para que esta figura se torne nítida e transmita a sua mensagem, é necessário melhorar o contato. Vê-la, ouvi-la, senti-la até que se torne uma figura forte e se possa ficar *aware* de seu desejo. Escutar, dialogar com uma figura indesejável com amor, compreensão e paciência não é uma tarefa fácil. Mas se compreendermos que a doença não é uma inimiga, e sim uma aliada que quer nos dizer (ou gritar) que algo não está bem no nosso funcionamento, participaremos da nossa saúde. Para compreendermos as mensagens enviadas pelas nossas dores/ doenças, nos utilizamos da técnica da cadeira vazia, tão usada pelo nosso mestre. Assim, colocaremos o órgão em questão na cadeira à frente revelando o diálogo entre as partes, incluindo a troca de papéis, trabalhando as projeções até que se decifre fenomenologicamente a mensagem oculta na dor.

**Palavras-chave:** Cadeira vazia. Figura fundo. Gestalt. Polaridades. Saúde.

## REFERÊNCIAS

IVANCKO, Silvia M. **Uma compreensão psicossomática do órgão de choque através do trabalho com polaridades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

IVANCKO, Silvia M. Prevenção e manutenção da saúde através da compreensão do órgão de choque. *In*: PINTO, Ênio Brito (org.). **Gestalt-terapia: encontros**. São Paulo: Instituto Gestalt de São Paulo, 2009. p. 105 – 139.

PERLS, Frederick S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PERLS, Frederick S. **Escarafunchando Fritz dentro e fora da lata do lixo**. São Paulo: Summus, 1979.

# Questões étnicorraciais e saúde mental: mais empatia para a Gestalt-terapia? Reflexões contemporâneas para uma clínica antirracista

*Andrea dos Santos Nascimento<sup>229</sup>, Maiara da Silva<sup>230</sup>*

## Resumo

Em dois pilares principais da abordagem gestáltica identificamos os conceitos de empatia, entrar em contato e awareness. Diversos autores da “gestalt”, dentre eles destacamos Serge e Anne Ginger (1995), Yontef (1998), Erving e Miriam Polster (2001) trazem a importância da vivência e da experiência do cliente para o fazer terapêutico, seja no consultório particular, escolas, empresas, hospitais, políticas públicas e sociais, etc. Contudo as perguntas que nos cercam são: Somos todos sensíveis às experiências dos nossos clientes, de forma a compreendê-los? Até onde é possível se afirmar empático quando a vivência que se apresenta não é, nem de perto, parecida com a nossa? Como validamos o sofrimento do nosso cliente, em um caso específico de racismo? É possível entrar em contato com o racismo, a misoginia, a exclusão a que mulheres e homens, negros e indígenas, são submetidos cotidianamente? Como se constrói uma prática empática que acolha a cultura, o saber, a dor e a existência das minorias sociais? De qual forma podemos propor um fazer gestáltico amoroso, fenomenológico, existencial e compreensivo que permita o encontro com a diferença e com o outro para além dos estereótipos sociais, afirmando a existência e a resistência desses grupos? Há uma urgência em reconhecer as diferenças, percebendo-as para o campo da escuta clínica, não mais como algo negativo, mas como complementar e único. As diferenças têm sido tratadas historicamente de forma negativa, contribuindo para a manutenção de desigualdades diversas – uns possuem mais possibilidades, voz e direito à humanidade que outros. Uma clínica humanista não pode negar o fato de ocuparmos e partirmos de referenciais diferentes e um fazer que não se estabelece a partir da realidade do outro, e que não dá vazão a isso, corre o risco de legitimar um discurso excludente, classista, racista, elitista e adoecedor. A partir dos dados apresentados por Tavares e Kuratani (2019) que mostram que uma boa parte dos psicólogos não estão preparados para lidar

---

229 Profa Dpto Psicologia, UFES. Coordenadora o Projeto de Extensão “Gestalt-Terapia, escuta e acolhimento psicológico de grupos” para três grupos distintos: a) Mulheres em situação de violência; b) LGBTI’s e c) Juventude Negra. Orienta 02 Iniciações Científicas, uma sobre Psicologia do Esporte e Abordagem Gestáltica e outra sobre autoestima de crianças negras. Oferece supervisão clínica em Gestalt-terapia desde 2017 para alunas(os) finalistas do Curso de Psicologia. Contato: andreas@gmail.com.

230 Graduanda em Psicologia, Ufes. Moderadora do subgrupo Juventude Negra do Projeto de Extensão “Gestalt-Terapia, escuta e acolhimento psicológico de grupos” desde 2018.2. E-mail de contato: maisilvar@gmail.com.

com o racismo estrutural e o sofrimento advindos deste, esse workshop foi desenvolvido para que as psicólogas e os psicólogos presentes possam refletir criticamente, e sensivelmente, sobre a sua prática por meio de vivências e experimentos que envolvam as questões e desafios contemporâneos de uma clínica gestáltica antirracista, em especial. Para tanto serão utilizadas músicas, frases, poemas e escritos de autoras negras como Angela Davis, Djamila Ribeiro, Joice Berth, bell hooks, e de mulheres indígenas como Eliane Potiguara, Lia Minapoty e Graça Graúna para a promoção de reflexões acerca da nossa prática e escuta clínica, possibilitando que as/os participantes entrem em contato com suas experiências, e quem sabe, com a sua própria ancestralidade. São esperadas 20 mulheres e 10 homens, cis ou transgêneros, para essa atividade. A categoria gênero se justifica a partir do pressuposto de que as mulheres são maioria em nossa profissão, de acordo com dados do Conselho Federal de Psicologia do ano de 2012. Espera-se com esse workshop vivencial a promoção de uma reflexão crítica acerca de um sistema discursivo que também existe em nossa profissão, cujas narrativas estruturam o imaginário social do profissional de psicologia, calcado em relações de poder e de controle; assim como espera-se a compreensão de que forma a empatia e a escuta compreensiva podem reduzir os efeitos negativos do racismo, da misoginia e do patriarcado no adoecimento mental e na subjetividade das pessoas negras e indígenas.

**Palavras-chave:** Adoecimento mental. Escuta empática. Grupos étnico-raciais. Intervenção.

## REFERÊNCIAS

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia de contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

POLSTER, E; POLSTER. M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

TAVARES, J. S. C.; KURATANI, S. M. A. Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se “tornaram negras”. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, e184764, 2019.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus; Polster, 1998.

# Musicoterapia, gestalt-terapia e o ‘trem da situação’: superfícies artístico-estéticas na criação de ‘ambientalidades biomusicais’

Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto<sup>231</sup>

## Resumo

Ao longo de milênios as artes, em suas diversas manifestações, expressam, ao lado de tantos outros processos, o *ethos* de cada povo, seus hábitos, suas formas de lidar com as questões intempestivas da vida, suas dores, amores, paixões, a relação com a finitude e a eternidade, a vida política, a vida no planeta. Durante uma vida inteira a questão da arte sempre me afetou. Vindo de uma família de artistas (avó paterna pianista de cinema mudo; avó materna pianista), recebendo esta herança através das mãos de minha mãe, também pianista. Todas as tardes às quatro horas da tarde, meu corpo-subjetividade sendo atravessado pelos signos-perfumes do bolo e do café que chegam da cozinha... Tudo isto fazendo contrapontos com o ‘berço sonoro’ das melodias que brotam do contato dos afetos-mãos de minha mãe no corpo-teclas do piano: ‘ambientalidades (RIBEIRO, 2020) biomusicais’ (PEIXOTO, 2018). Eu estou ali, presente, com seis anos, sentindo... simplesmente, sentindo... Mas, algo dimana deste ‘meu fundo-corpo’ a cada instante fugidio da música... ‘um trem nasce desta situação’, manifestando-se do ‘-fundo-corpo-tão-meu,-mas-,-tão-dela-...-tão-nosso-’... Este foi o campo matricial de infância que pulsa, há quase 30 anos, a necessidade ontológica de investigação dos processos de intercorporeidade e de intersubjetividade em diversos campos de experiências institucionais nas políticas públicas (campo da saúde mental, da educação, da assistência social, da arte e da cultura), em consultório-atelier e nas praças públicas. Quais seriam as funções das artes nos processos de produção de subjetividade e de não assujeitamento às lógicas de Estado? Como articular os campos da musicoterapia, da Gestalt-terapia e das filosofias da imanência, ou seja, aquelas ligadas às experiências-processos? (Merleau-Ponty, John Dewey, Spinoza, Deleuze & Guattari, Lao-Tsé, Lie-Tsé, Heráclito, Nietzsche, dentre outros). A arte teria a potência de ativar as potências de vida, as ‘pulsações de vida’ (PEIXOTO, 2018) para a expressão, emergência e composição de um ‘fundo comum’ (ALVIM, 2016) dirigidas à construção de ambientalidades tecidas por processos de co-existência? Um dos objetivos fundamentais deste workshop será o de proporcionar ao público experiências teórico-páticas-práticas que proporcionem

---

231 Pós-doutorando em Psicologia (UFRJ) Pós-doutor em Filosofia (UFRJ e Paris-Est Créteil) Mestre e doutor em Psicologia (UFF) Graduado em Filosofia (UNIMES) e em Musicoterapia (CBM – RJ) Formação: Teresinha Mello da Silveira (1994) Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro (273/1). Coordenador da Universidade Livre – Prefeitura de Macaé (RJ); Professor de cursos de GT pelo Brasil; atendimento em atelier-consultório Musicoterapia Gestáltica. paulo.tarso.peixoto@gmail.com.

a expressão deste 'fundo comum'. Um corpo-fundo-coletivo onde inúmeros 'dados' [afetos, imagens, desejos, pulsações de vida, hábitos, memórias, apetites, lealdades às antigas formas de ser] entrem em estado de arte, mediados pelos processos de intercorporeidade e intersubjetividade, atravessados pelo ambiente sonoro-afetivo-afetante-percussivo-musical. Um fundo comum que expressa de forma polifônica e polimórfica o 'Id da situação' (PERLS; GOODMAN, 1997; ROBINE, 2016, ALVIM, 2016) ou seja, aquilo que advém dos processos de intercorporeidade e de intersubjetividade como dados, signos afetivos que escrevem 'as partituras' do processo emergente de contatar. 'Tem um 'trem' querendo sair aqui de dentro de mim...'. Foi assim que, durante uma aula de Pós-graduação em Gestalt-Terapia em Juiz de Fora, demos forma àquilo que se expressa como Id da situação e que só pode emergir em relação, em campos de afetação que emergem com os outros, ou seja, de forma coletiva. A música, os corpos que se tecem aos movimentos da música vêm compor a expressão coletiva de uma 'ambientalidade biomusical'. Processo que emerge o 'trem da situação' que dimana deste fundo-corpo-coletivo-comum a partir dos campos afetantes. Workshop que proporcionará a feitura desta 'ambientalidade biomusical' para o para o 'parto coletivo' deste 'trem', tão de cada um, mas, tão de todos nós.

**Palavras-chave:** Ambientalidade. Biomusicalidade. Fundo-comum. Gestalt-terapia. Musicoterapia.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica Botelho. Le ça de la situation, fond commun de l'expérience. *In.* ROBINE, Jean-Marie. (org.). **Self: une polyphonie de gestalts-thérapeutes contemporains**. França: Bordeaux, L'exprimerie, 2016.

PEIXOTO, Paulo-de-Tarso. **Gestalt-terapia e contatologia: filosofia, arte e clínica dos processos de formação das superfícies contatuais**. Rio de Janeiro: Paulo-de-Tarso, 2018.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade: uma gestalt em movimento**. Gestalt 2020. Disponível em: <https://gestalt2020.com.br/>. Acesso em: 1 mar. 2020.

ROBINE, Jean-Marie. **S'apparaître à l'occasion d'un autre: etudes pour la psychothérapie**. Bordeaux: L'exprimerie, 2004.

# Práticas meditativas e experientiação: o dedo que aponta a lua?

Fábio Nogueira Pereira<sup>232</sup>

## Resumo

INTRODUÇÃO: Na virada dos séculos XIX e XX ocorre maior interesse entre intelectuais ocidentais nas religiões e filosofias do Oriente. Alguns autores deste período e alguns contemporâneos nossos pontuam que o budismo não se caracteriza como uma religião, nem uma filosofia, mas uma ciência empírica (FULTON; SIEGEL, 2016). O próprio Zen Budismo se apresenta como uma metodologia para o treinamento da mente buscando o desenvolvimento pessoal a partir da percepção da realidade como ela é. A meditação é um recurso promotor de saúde desenvolvido ao longo de muitos séculos através de observação direta e rigoroso controle empírico (OLENDZKI, 2016). Em meados do último século, a Gestalt-terapia emergiu em meio ao diálogo das ciências ocidentais com diversas influências orientais. As técnicas em Gestalt-terapia abrangem uma amplitude de possibilidades. Naranjo (2013) destaca que abordamos aspectos verbais e não-verbais, introspectivas e interpessoais, bem como intervenções mais estruturadas e não estruturadas. Naranjo lembra que o Gestalt-terapeuta usa de técnicas desenvolvidas por colegas de abordagem, mas também importa e adapta de outras escolas psicoterápicas e mesmo de tradições espirituais. O que caracterizaria a intervenção como gestáltica, enfatiza o autor, é o enfoque dado nos pilares atualidade, *awareness* e responsabilidade. Logo, o experimento deve possibilitar a retomada do contato, seu enriquecimento e inovação. Não buscamos a estimulação para crescer de fora para dentro, mas a sensibilidade para reconhecer a relação consigo e com o mundo e crescer de dentro para fora (NARANJO, 2013). Afinal, eu, outro e mundo são dimensões indissociáveis da existência consideradas por ambas tradições que fundamentam este workshop. A própria relação terapêutica na Gestalt-terapia segue um viés meditativo, de atenção plena, uma vez que vislumbra o contexto relacional, o treino de estar *aware*, a suspensão da interpretação e da conceitualização, privilegiando a autenticidade, a expressividade e o autossuporte (NARANJO, 2013). Atualmente, temos poucas publicações brasileiras que abordam as interfaces entre estas duas tradições, bem como poucos treinamentos ofertados que considerem tal interface. Sabemos que meditação e psicoterapia gestáltica são caminhos distintos, porém observamos algumas aproximações que denotam a possibilidade dessas tradições serem complementares para o desenvolvimento pessoal. A compreensão das

---

232 Psicólogo formado pela PUC Minas, doutor em Psicologia pela UFES, Gestalt-terapeuta formado pelo Instituto Sedes Sapientiae. Possui pesquisas publicadas em forma de capítulos de livros e artigos sobre carreira, educação, relacionamentos interpessoais e psicologia clínica em publicações brasileiras e internacionais. Atua como psicoterapeuta, pesquisador, professor universitário e palestrante. É diretor clínico e científico do Instituto SATI.

naturezas de *self* e do sofrimento necessita da prática concreta da auto-observação, um estudo empírico direto, não podendo jamais se limitar à teoria gestáltica ou dos cânones ou debatedores budistas. Barendregt (1987) faz uma analogia da prática meditativa com aprender a nadar: podemos ler, assistir uma aula e conversar sobre fundamentos da natação, mas nada se compara a cair na água e nadar, pois obtemos progresso apenas se nos exercitarmos de fato. Gold e Zahm (2018) reiteram que, igualmente como no budismo, a Gestalt-terapia preconiza a ideia de que aprendemos e crescemos ao experienciar. OBJETIVO: Oferecer experimentos com/como práticas meditativas e proporcionar espaço de reflexão sobre o uso desta possibilidade de experimentação. PLANO GERAL: Apresentaremos brevemente a história, alguns pressupostos, conceitos e práticas essenciais do Zen Budismo. Posteriormente, serão propostas práticas distintas, seguidas de espaço para compartilhamento e reflexão sobre as possibilidades de uso da meditação como prática experiencial e experimental.

**Palavras-chave:** Experimento. Kinhin. Meditação. Zazen. Zen budismo.

## REFERÊNCIAS

- BARENDREGT, H. Buddhist phenomenology. *In*: CHIARA, M. Dalla (ed.). **Filosofia della scienza e fondamenti della probabilità e della statistica**: Congresso Temi e prospettive della logica e della filosofia della scienza contemporanea, Cesena, Jan. 7-10, 1987. Bologna: CLUEB, 1987. p. 37-55. v. 2. Disponível em: <https://repository.ubn.ru.nl/bitstream/handle/2066/17299/13374.pdf?sequence=1>. Acesso em: 6 ago. 2018.
- FULTON, P.R.; SIEGEL, R. D. Psicologia budista e psicologia ocidental: buscando pontos em comum. *In*: GERMER, C. K.; SIEGEL, R. D.; FULTON, P.R. (org.). **Mindfulness e psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 37-58.
- GOLD, E.; ZAHM, S. **Buddhist psychology and gestalt therapy integrated**: psychotherapy for the 21<sup>st</sup> century. Portland, OR: Metta Press, 2018.
- NARANJO, C. **La vieja y novísima gestalt**: actitud y práctica de un experiencialismo ateu. Santiago: Cuatro Vientos, 2013.
- OLENDZKI, A. As raízes de *mindfulness*. *In*: GERMER, C. K.; SIEGEL, R. D.; FULTON, P.R. (org.). **Mindfulness e psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 268-289.

# Olhar, escuta, contato e ação: um diálogo entre comunicação não violenta e gestalt-terapia

Bruna Kelly Perillo<sup>233</sup>

## Resumo

Na busca por um diálogo entre comunicação não violenta (CNV), desenvolvida por Rosenberg (2006), com a Gestalt-terapia e o conceito de contato proposto por Perls; Hefferline; Goodman (1997) propõe-se este workshop. A proposta é buscar uma mudança de atitude, da natural para a fenomenológica, ou seja, exercitar olhar para a coisa “em si”, suspendendo os julgamentos e “pré-conceitos”. Procurar, por meio da descrição do que se vê, compreender e distinguir “o fato observado” dos sentimentos e avaliações naturalizados, para que eu e o outro possamos coexistir de forma mais plena e autêntica a partir do que se apresenta aqui-agora. A escuta autêntica é parte do processo de comunicação entendido como uma relação dialógica, que se dá na conexão com o outro e necessita da totalidade desses seres na relação. A partir dessa reflexão, experienciar a escuta, torná-la consciente e comunicá-la de forma empática. A Gestalt-terapia tem o contato como o paradigma fundamental. Segundo Perls; Hefferline; Goodman (1997), o contato é a realidade mais simples e primeira, envolvendo awareness e comportamento motor. É no contato que se abre a condição de crescimento, mudança e transformação por meio de ajustamentos criativos. Para Alvim (2015) contato é a experiência no mundo com o outro, um processo que envolve oscilação, com movimentos de aproximação e afastamento, abertura para outro e fechamento para si. Nesse encontro com o outro e sua diferença é que se dá o diálogo. A CNV propõe a ferramenta do diálogo como caminho de uma linguagem da paz, potencializando a alteridade, a relação, fazer do conflito um lugar de mudança e não de combate. O processo de investigar as minhas necessidades e as do outro, abre o espaço para que criativamente possamos buscar formas mais saudáveis de atender as necessidades de todos mutuamente. Necessidades aqui, são recursos exigidos pela vida para que esta possa se sustentar. São universais, sendo individuais as estratégias ou comportamentos que usamos para atendê-las. O foco nas estratégias traz chances de transformar um conflito em combate, gerando violência, visto que são voltadas para o individual. Porém, o foco em disponibilizar a escuta para compreender a necessidade não atendida, traz condições de encontrar uma forma criativa de atender essa necessidade de maneira mais compassiva e congruente com a relação. Da concepção holística de sujeito proposta pela Gestalt, entende-se o sujeito

---

233 Psicóloga, formada pela Universidade Newton Paiva 2006. Praticante da abordagem gestáltica, atua na área clínica e como facilitadora de *workshop*, cursos e oficinas, abertos ao público ou direcionados para empresas e escolas, com temas relacionados à empatia, comunicação não violenta e escuta ativa. Co-criadora da Escola de Empatia e do vivencial Escutatória, que já está em sua 19ª edição, passando pelas cidades de Belo Horizonte, Brumadinho, São Paulo, Curitiba, Ponta Grossa e Rio de Janeiro.

como uma totalidade (biopsicosocioespiritual) em constante relação com o mundo em que vive. Quaisquer alterações neste sujeito, em qualquer das suas partes, geram uma reconfiguração no todo. Do conceito humanista da CNV, agrega-se a ideia de que as habilidades de comunicação são fortalecedoras da capacidade de permanecermos humanos, mesmo em situações conflituosas. Se mudarmos a nós mesmos, mudamos o mundo. O objetivo do workshop é ampliar a *awareness* por meio de vivências que despertam a percepção para a forma como observamos a nós, aos outros e ao mundo. Desenvolver e exercitar a habilidade de Escuta Ativa, uma escolha intencional em se disponibilizar para o outro em sua totalidade, que conseqüentemente proporciona mais empatia e autenticidade na comunicação. O *workshop* é um recorte do Curso Básico de CNV, facilitado pela autora. Nesta vivência utiliza-se o método fenomenológico, para, a partir da experiência, buscar ampliação da *awareness* na ação de diálogo, proposta por meio de dinâmicas e jogos vivenciais, seguidas por discussão do tema a partir das vivências. Participantes: até 40 pessoas. Acredita-se que este trabalho pode contribuir para a transformação do processo de comunicação, ampliando a consciência da relação e da forma de ser e estar no mundo, gerando mais saúde e autenticidade e construindo uma linguagem da paz e fomentando um mundo onde ambientalidade e co-existência se façam presentes em nossos modos de vida.

**Palavras-chave:** Comunicação não violenta. Contato. Gestalt-terapia.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, MONICA BOTELHO. O corpo-tempo e o contato: situações contemporâneas. *In*: PRESTRELO, E. T. ; QUADROS, L.C.T. **O tempo e a escuta da vida**: configurações gestálticas e práticas contemporâneas. Rio de Janeiro: Quartet, 2014.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2019.
- ROSENBERG, Marshall B. **A linguagem da paz em um mundo de conflitos**. São Paulo: Palas Athena, 2019.
- ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 4. ed. São Paulo: Ágora, 2006.

# O contato na era do novo Coronavírus: quando a forma mais efetiva de prevenção é o isolamento social

Maria Cristina Reis<sup>234</sup>

## Resumo

Em um ano em que a humanidade está vivendo uma pandemia, o isolamento social se tornou uma medida impositiva, mas necessária, vivida por praticamente todas as nações. A psicologia, e no nosso caso, a Gestalt-terapia é convocada a responder às inúmeras questões de sofrimento humano que se impõem. Quarentena é uma medida da qual a humanidade lança mão quando percebe que o contato social ajuda a disseminar o adoecimento. Na história recente, cidades do Canadá e da China fizeram quarentena durante o surto de 2003 de SARS e no surto de ebola na África ocidental, em 2014. Agora em 2020, vivemos uma quarentena por causa do novo coronavírus. Em um artigo recente de revisão bibliográfica pelo *King's College of London* (2020), fica evidente que as experiências negativas provocadas pelo isolamento social, como a separação de entes queridos, perda de liberdade, insegurança com relação à evolução do adoecimento e tédio podem ocasionar efeitos psicológicos dramáticos nas pessoas, tais como o aumento no índice de suicídios, de processos litigiosos em alguns países em função da imposição da restrição de liberdade, de raiva, humor rebaixado, irritabilidade e sintomas de estresse pós-traumático, além de comportamentos de evitação de pessoas tossindo, de lugares fechados ou de espaços abertos. Experiências como quarentena podem traumatizar. No trauma, o evento desafia e subjuga nossa capacidade de reagir (lutar ou fugir). Nossa unidade corpo/mente fica limitada à sobrevivência e nos tornamos incapazes de recuperar nosso movimento no processo autorregulação orgânica. Autores atuais falam sobre a importância de reduzir os efeitos negativos do trauma o mais rápido possível, de modo a minimizar suas consequências. O trauma mora no corpo. Uma via de contato destas emoções são as sensações físicas e uma porta para a liberação é a simples permanência nas sensações enquanto acompanha a auto regulação do sistema nervoso autônomo (o equilíbrio simpático/parassimpático). As milenares práticas de Atenção Plena do oriente trabalham justamente nesta modulação entre o sistema nervoso simpático e o parassimpático. E Fritz Perls bebeu desta fonte. Nós da Gestalt-terapia temos que estudar o processo da autorregulação orgânica em uma situação na qual o ambiente

---

234 CRP 01/10480 Encontro Terapêutico. [crisreis.psi@gmail.com](mailto:crisreis.psi@gmail.com) Psicologia – UniCEUB (2005); Sociologia – UnB (1990). Gestalt-terapia – Cegest (2006); TCC – CTC Veda (2017). EMDR (2008); Experiência Somática (2011); Brainspotting (2009); Instrutora do Programa Mindfulness para a Promoção de Saúde (MBHP) – Instituto Mente Aberta / UNIFESP (2018); Instrutora Programa Terapia Cognitiva Baseada em Mindfulness (MBCT) – Oxford Mindfulness Centre / University of Oxford (2019).

social se torna hostil e o indivíduo é obrigado a se recolher por um tempo considerável. Nosso trabalho exige que tenhamos instrumentos para entrar em contato com emoções desafiadoras que podem perdurar após esta experiência, como a dificuldade de contato deste indivíduo consigo mesmo, com o outro e/ou com o ambiente. Um ambiente que é sua fonte de nutrição e crescimento e, ao mesmo tempo, fonte de estresse e ameaça à sobrevivência. Perls vem em nosso auxílio propondo entrar em contato com aquilo que evitamos, com a nossa dor, nossa fragilidade para que o organismo possa, criativamente, encontrar sua resolução. A proposta deste workshop, é promover uma aproximação gradual a estas emoções e sensações difíceis que costumamos evitar. Isto se dará através da auto-observação: um suave aproximar e afastar, de modo que o sistema tenha tempo para se autorregular. O grupo pode ter até 12 participantes. É necessária uma sala espaçosa para comportar as pessoas com folga e tapetes para as práticas. Foram escolhidas práticas de *Mindfulness* conforme utilizadas nos programas de oito semanas difundidos pelo ocidente.

Plano Geral:

Assentamento;

Breve explanação sobre nossa tendência de ir em direção ao que é confortável e fugir do que é desconfortável, e da estrutura do workshop;

Prática de entrar em contato com os recursos internos;

Breve partilha das experiências vividas;

Entrar em contato com a dificuldade:

Breve partilha das experiências vividas;

Fechamento.

**Palavras-chave:** Autorregulação. *Awareness*. Isolamento. *Mindfulness*. Trauma.

## REFERÊNCIAS

BROOKS, Samantha K. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet** 2020, London, v. 395, p. 912–920, Fev. 26, 2020. Published Online. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8). Department of Psychological Medicine, King's College; London, London, UK. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2930460-8>.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de gestalt-terapia: conceitos básicos**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2006.

ROSS, Gina. **Do trauma à cura: um guia para você**. São Paulo: Summus, 2014.

SEGAL, Zindel; WILLIAMS, Mark; TEASDALE, John. **Mindfulness-based cognitive therapy for depression**. New York: The Guilford press, 2013.

# O mito de organização do mundo no Brasil de 2020

Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva<sup>235</sup>, Hugo Elídio Rodrigues<sup>236</sup>

## Resumo

Na obra Gestalt-terapia, os autores desenvolvem uma compreensão da dinâmica do self nos processos de contato, tendo em mente a perspectiva de campo, e descrevem de que forma a awareness se desdobra na relação entre o ser e o mundo, tomando as emoções como uma função integrativa do self no campo. Também propõem compreender a neurose como a “perda” das funções de contato para uma fisiologia secundária, entendendo-se esta fisiologia como hábitos esquecidos em função de uma inibição socialmente necessária. E desta forma concluem que os comportamentos neuróticos são ajustamentos criativos de um campo onde há repressão. Mas diferentemente de Freud, os autores da Gestalt-terapia postulam que a repressão pode ser compreendida através do processo de formação de uma fisiologia secundária, supressão deliberada, seguida da formação de hábito e do esquecimento, com o simultâneo comprometimento da atividade espontânea, interrompendo a fluidez da formação figura-fundo. O que faz com que o self confronte novos problemas sob condições antigas. (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Yontef (1998) afirma o potencial da teoria de campo para a Gestalt-terapia ao ressaltar que propicia suporte teórico para a integração de uma teoria que abrange o corpo, a mente, as emoções, as interações sociais e os aspectos espirituais e transpessoais. Segundo o autor, embora a teoria de campo tenha grande importância para a Gestalt terapia, ela é pouco explorada e sua discussão não é clara, nem consistente. Porém, não pensar sobre a perspectiva de campo, deixa espaço para inconsistências,

---

235 CRP 05-13042, Psicóloga/ UERJ/1987. Gestalt-terapeuta/ Vita Clínica/1988. Mestre em Psicologia Social/ UERJ/2008. Especialização em Prevenção à VDCA/ USP/2002. Especialização em Psicologia Médica FCM/UERJ/1998. Formação em Constelação Familiar com Guillermo Leone/IPGF/2017. Sócia fundadora, professora formadora, supervisora e responsável técnica do Instituto de Psicologia Gestalt em Figura (IPGF) desde 2003. Membro da Comissão Organizadora do Congresso de Gestalt-terapia do Estado do Rio de Janeiro 2005, 2008, 2010, 2014, 2019 e membro da Comissão Organizadora do XI Encontro Nacional e VIII Congresso Nacional de Gestalt-terapia, 2007.

236 CRP 05/21207. Psicólogo graduado pela UERJ formação em Gestalt-terapia, realizada com a prof<sup>a</sup> Sandra Salomão concluída em 1997; formação em Constelação Familiar na abordagem Gestáltica, com o Prof. Guillermo Leone (IPGF/2017). Atua clinicamente atendendo em consultório particular adultos, casais e grupos. Autor do livro “Introdução à Gestalt-terapia” – Editora Vozes. Autor do capítulo sobre Teoria de Campo e Gestalt-terapia no livro “Gestalt-terapia – Fundamentos epistemológicos e Influências filosóficas” – Editora Summus. Autor do texto referente ao vocábulo “Teoria de Campo”, do livro “Dicionário de Gestalt-terapia” – Editora Summus. Autor do capítulo sobre o conceito do “aqui estendido e agora, na Gestalt-terapia on line”, do livro “Vozes em Letras” publicado pela Associação Brasileira de Gestalt-terapia. Mestre em Psicologia Social pela UERJ (2005). Professor convidado pela UERJ (2006 a 2008). Sócio-fundador da Associação Brasileira de Gestalt-terapia e abordagem gestáltica (ABG). Diretor e professor formador no Instituto de Psicologia Gestalt em Figura. Palestrante em diversos temas referentes à abordagem gestáltica.

superficialidade e limitações, que podem ter consequências para a abordagem. Yontef critica a orientação individualista de Perls, e destaca que a compreensão de campo inclui o campo familiar, os grupos e os processos sociais para dialogar com uma concepção excessivamente individualista. Entendendo que o campo comum vivido por todos nós neste momento é o Brasil do século XXI atravessado por uma pandemia, que já contabiliza mais de meio milhão de mortes em nosso país, bem como uma situação política-social-econômica-espiritual de crise. Reconhecendo a necessidade de desenvolver uma reflexão crítica sobre nossas lealdades invisíveis ao passado e reunindo as ideias destes autores citados, nosso workshop visa promover uma reflexão com o tema “O mito de organização do mundo no Brasil de 2020.” Tomaremos como elemento de sensibilização um mito de criação de mundo dos povos originários que será lido pelos coordenadores. Após isto, proporemos que cada participante olhe para sua origem de família, classe social, cor da pele, religião, e partir deste olhar, formule algumas afirmativas sobre seus valores e procure descrever o campo de seu mito de organização do mundo e de que forma este mito se presentifica. A partir desta descrição cada um será estimulado a se questionar de que forma o Brasil de 2020-2021 promoveu saúde ou sofrimento e adoecimento em seu campo e de que forma esta experiência dialogou com seu mito pessoal de organização do mundo. Em seguida dividiremos o grupo em subgrupos para que possam trocar um pouco sobre estas experiências e retornaremos para comentários e avaliação sobre o tema no grupo maior.

**Palavras-chave:** Campo. Doença. Repressão. Saúde.

## REFERÊNCIAS

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. Tradução Fernando Rosa Ribeiro. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em gestalt terapia. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

# Ressentimento e servidão: um impedimento ao cuidado?

Maria das Graças Gouvêa Neco da Silva<sup>237</sup>, Hugo Elídio Rodrigues<sup>238</sup>

## Resumo

Segundo Maria Rita Kehl (1977) ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer. Um outro a quem delegamos o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha a fracassar. O tema do ressentimento tem um valor clínico e político, e neste trabalho objetivamos focalizar a dinâmica ressentimento-cuidado, como polos opostos nas relações, no âmbito das relações dos seres consigo mesmos, entre si e com o mundo que coabitamos. Nietzsche em *Genealogia da Moral* desenvolve uma análise do homem contemporâneo dando destaque ao tema do ressentimento e de que forma este é um sintoma social. Descreve os tipos vitais do senhor, do escravo e do sacerdote em uma dinâmica relacionada à vontade de poder. Relaciona cada um destes tipos vitais a um *páthos* predominante: ao senhor, o páthos da distância; ao escravo, o páthos do ressentimento; ao sacerdote, o páthos do ascetismo. Importante esclarecer que esta tipologia distingue tipo vitais, e nada tem a ver com profissão, ou credo, ou posição social, ou cor da pele, etc. O senhor, é senhor de si mesmo, aquele que busca a distinção e a singularização; enquanto o sacerdote é todo aquele que pretende corrigir a vida, e assim a matriz de sua identidade passa por negar o senhor, na medida em que este é afirmativo da vida e da singularização. Quando a vida se faz senhorial, ela jamais se vê subtraível, por mais que o processo da vida seja relacional, jamais se torna homogeneizante. A função do

---

237 CRP 05-13042, Psicóloga/ UERJ/1987. Gestalt-terapeuta/ Vita Clínica/1988. Mestre em Psicologia Social/ UERJ/2008. Especialização em Prevenção à VDCA/ USP/2002. Especialização em Psicologia Médica FCM/UERJ/1998. Formação em Constelação Familiar com Guillermo Leone/IPGF/2017. Sócia fundadora, professora formadora, supervisora e responsável técnica do Instituto de Psicologia Gestalt em Figura (IPGF) desde 2003. Membro da Comissão Organizadora do Congresso de Gestalt-terapia do Estado do Rio de Janeiro 2005, 2008, 2010, 2014, 2019 e membro da Comissão Organizadora do XI Encontro Nacional e VIII Congresso Nacional de Gestalt-terapia, 2007.

238 CRP 05/21207. Psicólogo graduado pela UERJ formação em Gestalt-terapia, realizada com a prof.ª Sandra Salomão concluída em 1997; formação em Constelação Familiar na abordagem Gestáltica, com o Prof. Guillermo Leone (IPGF/2017). Atua clinicamente atendendo em consultório particular adultos, casais e grupos. Autor do livro "Introdução à Gestalt-terapia" – Editora Vozes. Autor do capítulo sobre Teoria de Campo e Gestalt-terapia no livro "Gestalt-terapia – Fundamentos epistemológicos e Influências filosóficas" – Editora Summus. Autor do texto referente ao vocábulo "Teoria de Campo", do livro "Dicionário de Gestalt-terapia" – Editora Summus. Autor do capítulo sobre o conceito do "aqui estendido e agora, na Gestalt-terapia on line", do livro "Vozes em Letras" publicado pela Associação Brasileira de Gestalt-terapia. Mestre em Psicologia Social pela UERJ (2005). Professor convidado pela UERJ (2006 a 2008). Sócio-fundador da Associação Brasileira de Gestalt-terapia e abordagem gestáltica (ABG). Diretor e professor formador no Instituto de Psicologia Gestalt em Figura. Palestrante em diversos temas referentes à abordagem gestáltica.

sacerdote é produzir a homogeneidade, no lugar da singularização, e deste modo atua na produção do rebanho. Quanto mais os tipos sacerdotais ganham poder, menos afirma-se a alteridade. O sacerdote se distingue por sua supremacia, o que só é possível se mantém a homogeneidade do seu rebanho, dos escravos. O escravo vive então predominantemente o páthos do ressentimento, o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, e que apenas obtêm reparação por uma vingança imaginária. (NIETZSCHE, 2013) O ressentimento produz valores que serão repressivos na cultura, criando um espectro característico: homogeneidade, fixidez e o mesmo. Segundo Perls a relação dominador-dominado é intrínseca a nossa cultura, e desenvolvemos uma personalidade que usa da deliberação não para o apoio, mas para frear o comportamento vital (PERLS, 1977). Entendendo que esta é uma atitude aprendida a partir da cultura, dos modelos familiares e sociais, nos deparamos com o fato de que é a infância o período em que cada um de nós vive intensamente o aprendizado da dominação, da padronização e do controle, no que diz respeito à criatividade, ao ato espontâneo, enfim, ao comportamento vital. Após breve apresentação do tema promovido pelos coordenadores, tomaremos como elemento de sensibilização a exibição de um pequeno vídeo e a partir deste, proporemos que cada participante faça um contato retrospectivo com sua infância e as experiências da relação dominador-dominado da criança diante do adulto, memórias do que aprendeu sobre quem não deve ser, e experiências associadas a não-afirmação da vida. A partir desta retrospectiva pediremos que complete algumas frases sobre “o que eu queria ser quando crescer”. Em seguida dividiremos o grupo em subgrupos para que possam trocar um pouco sobre estas experiências e retornaremos em seguida para comentários e avaliação sobre o tema no grupo maior, com o foco na pergunta que dá título ao workshop: Ressentimento e servidão são um impedimento ao cuidado ?

**Palavras-chave:** Cuidado. Dominador-dominado. Ressentimento.

## REFERÊNCIAS

- PERLS, Frederick S. Teoria e técnica de integração da personalidade. *In*: STEVENS, J. O.; STEVENS, B. **Isto é gestalt**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1977. p. 69-98.
- KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

# Vivenciando o aqui-agora: um experimento através de mandalas

Ana Emília Terceiro e Teixeira<sup>239</sup>

## Resumo

Introdução: A *mandala* é um símbolo de integração; uma representação geométrica da relação dinâmica entre o ser humano e o cosmo. O trabalho com as *mandalas* tem como proposta o desenvolvimento do potencial humano através da consciência sobre sua essência, suas expectativas e perspectivas. Consiste num processo de busca, possibilitando o contato no aqui-agora, levando a um maior autoconhecimento e aprofundamento nos interesses, desejos e necessidades; avaliando dificuldades e ansiedades; percebendo influências sociais, integrando as experiências psíquicas, sensoriais e motoras. Apresenta como objetivos: Vivenciar o *aqui-agora*; Experimentar possibilidades de contato com ações que buscam a promoção de saúde na interface das práticas das Psicologias Escolar, Social, Clínica e Organizacional; Possibilitar a *awareness* através de experimentos individuais ou grupais; Promover o desenvolvimento do potencial humano através de escolhas conscientes. A metodologia proposta para oficina consiste numa exposição dialogada e uma experiência vivencial. Fundamenta-se na Gestalt-terapia focando em conceitos como: *aqui-agora* numa perspectiva fenomenológica das histórias de vida passadas, do presente e os planos de futuro; *figura-fundo*: compreensão do que consiste como figura para as experiências e as escolhas na vida e todo o fundo que se configura; *awareness*: na promoção do contato com cada uma de suas partes, percebendo o seu sentido de vida; *auto-regulação organísmica*: a possibilidade natural do ser humano de se auto-regular, fazendo ajustamentos criativos à partir de escolhas conscientes; *conceito de campo*: o corpo, o mundo, a cultura, a arte, a espiritualidade, as relações sociais como agentes influenciadores no curso de uma vida. Resultados: O trabalho com *mandalas* no método fenomenológico existencial possibilita reflexões sobre “*Quem sou? Como estou? Para onde vou?...*” Podendo ser desenvolvido com crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, possibilitando *awareness*, (re) definindo caminhos; (re) descobrindo potenciais produtivos, podendo ser vivenciado individualmente ou em pequenos grupos. Equipamentos e materiais: Espaço amplo; Datashow com caixa de som Público: até 25 pessoas.

**Palavras-chave:** Aqui-agora. Autoconhecimento. *Awareness*. Contato.

---

239 Psicóloga e Supervisora na Área Clínica; Professora de graduação, formação e pós-graduação; Mestrado Profissional Multidisciplinar em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa Visconde de Cairu-FVC; Aperfeiçoamento em Dinâmica Energética do Psiquismo pelo Inst. Dinâmica Energética do Psiquismo; Espec. em Psic. Organizacional-UNIFACS; Formação em GT pelo Instituto de GT do Nordeste; Bach., Lic. e Formação em Psicólogo pela Univers. Fed. da Bahia-UFBA.

## REFERÊNCIAS

CIORNAI, S. (org). **Percursos em arteterapia**: ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte. São Paulo: Summus, 2004.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Modalidades de intervenção clínica em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016.

MENDONÇA, B. I. de O.; BRITO, M. A. Q. Mandalas como recurso terapêutico na prática da gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, [online], v. 14, n. 27, p. 273 – 290, 2017. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs> ISSN: 1807-2526.

RHYNE, J. **Arte e gestalt**: padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000.

STEVENS, J. O. **Tornar-se presente**: experimentos em gestaltterapia, São Paulo: Summus, 1976.

## REFERÊNCIAS DE TODOS OS TRABALHOS

- AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças**: teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Summus, 2015. ISBN 978-85-323-0944-0.
- AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Summus, 2014.
- ALCOFF, Linda Martin. **Visible identities**: race, gender, and the self. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- ALEGRIA, M. C. **Os desafios de amar com HIV**: um estudo sobre os ajustamentos criativos realizados por pessoas que vivem com HIV acerca de relacionamentos amorosos. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional) - Programa de Pós-Graduação em Infecção HIV/AIDS e Hepatites Virais) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12797/Dissertacao%20-Infec%C3%A7%C3%A3o%20HIVAIDS%20e%20Hepatites%20Virais%20-%202018%20-%20ALEGRIA%2C%20Carla%20Machado%20-%20Os%20desafios%20de%20amar%20com%20HIV.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- ALMEIDA, Josiane M. T. de. Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente. **Rev. Abordagem Gestalt**, dez. 2010, Goiânia, v. 16, n. 2.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.
- ALVIM, Monica Botelho. O corpo-tempo e o contato: situações contemporâneas. *In*: PRESTRELO, E. T.; QUADROS, L.C.T. **O tempo e a escuta da vida**: configurações gestálticas e práticas contemporâneas. Rio de Janeiro: Quartet, 2014.
- ALVIM, Monica Botelho. A ontologia da carne em Merleau-Ponty e a situação clínica na Gestalt-terapia: entrelaçamentos. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 143-151, dez. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 jan. 2020.
- ALVIM, Monica Botelho. **A poética da experiência**: gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- ALVIM, Mônica Botelho. *Awareness*: experiência e saber da experiência. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. v. 2. p. 13-30.
- ALVIM, Monica Botelho. Corporeidade e trabalho: o corpo-tempo que faz e se faz mundo. *In*: ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G (org.). **Clínica de situações contemporâneas**: fenomenologia e interdisciplinaridade. Paraná: Juruá Editora. 2015. p. 51-72.
- ALVIM, Mônica Botelho. Experiência estética e corporeidade: fragmentos de um diálogo entre gestalt-terapia, arte e fenomenologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.135-143, jul. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v7n1/v7n1a12.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2020.

ALVIM, Mônica Botelho. Intercorporeidade, id da situação e diálogo clínico: o gesto fenomenológico como pathos e movimento expressivo. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. M. F. (org.). **O gesto fenomenológico: corpo, afeto e discurso na clínica**. Rio de Janeiro: IFEN, 2019.

ALVIM, Mônica Botelho. Le ça de la situation, fond commun de l'expérience. *In*: ROBINE, Jean-Marie (org.). **Self: une polyphonie de gestalts-thérapeutes contemporains**. França: Bordeaux, L'exprimerie, 2016.

ALVIM, Mônica Botelho. O fundo estético da Gestalt-Terapia. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 13-24, jun. 2007. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 4 jan. 2020.

ALVIM, Monica Botelho. O id da situação como fundo comum da experiência. *In*: ROBINE, Jean-Marie (org.). **Self: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos**. São Paulo: Escuta, 2018. v. 1.

ALVIM, Monica Botelho. O id da situação. *In*: ROBINE, Jean-Marie (org.). **Self: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos**. São Paulo: Escuta, 2018.

ALVIM, Monica Botelho. O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Modalidades de intervenção clínica em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016.

ALVIM, Monica Botelho. O lugar do corpo em gestat-terapia: dialogando com Merleau-Ponty. **Revista IGT na Rede**, [S.l.]. v.8, n. 15, p. 228-237, 2011.

ALVIM, Monica Botelho. O projeto de extensão expressão e transformação: gestalt-terapia, fenomenologia e arte no trabalho com crianças e jovens. *In*: ALVIM, Monica Botelho; MOLAS, A. (org.). **A potência política do corpo: expressão e transform-ção: arte e clínica com crianças e jovens na mangueira**. Curitiba: CRV, 2017. v. 1.

ALVIM, Monica Botelho. Teoria organísmica, organismo, campo organismo/ambiente. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de gestalt-terapia: "Gestaltês"**. São Paulo: Summus, 2007. p.211-213.

ALVIM, Mônica Botelho; BOMBEN, Emmanuela; CARVALHO, Natália. Pode deixar que eu resolvo!: retroflexão e contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**,[S.l.], v. 16, n. 2, p. 183-188, 2010.

ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G. (org.). **Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade**. Curitiba: Juruá, 2015.

ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G. O que define uma clínica de situações contemporâneas? Apontamentos a partir de J. P. Sartre e M. Merleau-Ponty. *In*: ALVIM, Monica Botelho; CASTRO, F. G (org.). **Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade**. Paraná: Juruá Editora. 2015. p. 15-47.

- ALVIM, Mônica Botelho; RIBEIRO, Jorge Ponciano. O lugar da experimentação no trabalho clínico em Gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p.37-58, jul. 2009. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a05.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2020.
- AMARANTE, Paulo. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.
- AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. Campinas: Alínea, 2001.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)**. 5. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2013.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Rio de Janeiro: Artmed, 2014.
- AMESCUA, G. Autismo na teoria gestalt: em direção a uma teoria gestalt da personalidade. **Gestalt Review**, [S.l.], v. 3, n. 3. p. 226-238, 1999.
- AMMANN, R. A. **Terapia do jogo de areia**. São Paulo: Paulus, 2002.
- ANDRADE, Celana Cardoso. Autossuporte e Heterossuporte. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2016. v. 2, cap. 8, p. 147-162. ISBN 978-85-323-0940-2.
- ANDRADE, Celana Cardoso. **Sentidos da psicoterapia: teoria e prática da gestalt-terapia**. Curitiba: Juruá, 2019.
- ANTONY, S. (org.). **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010.
- ANTONY, S. M. R. **Gestalt-terapia: cuidando de crianças: teoria e arte**. Curitiba: Juruá, 2015.
- ANTONY, S. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da Gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Revista Estudo e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2009. Disponível em: [www.revispsi.uerj.br](http://www.revispsi.uerj.br).
- ANTUNES, L. O uso de drogas sob o enfoque da gestalt terapia. **Aware**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 30-36, 2011. Disponível em: <http://www.aware.psc.br/V2N1/v2n1.html>. Acesso em: 24 out. 2016.
- APA: American Psychiatric Association. **DSM 5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed: APA; 2013.
- ARIÉS, P. **A história da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARRUDA, N.; FERNADES, M. B. Awareness. *In*: D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de Gestalterapia**. São Paulo: Summuus, 2007. p. 32-34.
- ASPESI, C. C.; DESSEN, M. A.; CHAGAS, J. F. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. *In*: DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA JUNIOR, Áderson Luiz (org.), **A ciência do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 19-36.
- ASSUMPCAO JUNIOR, Francisco B.; PIMENTEL, Ana C. M. Autismo infantil. **Rev. Bras. Psiquiatria**, [S.l.], v. 22, 2000.

- AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.
- BARENDREGT, H. Buddhist phenomenology. *In*: CHIARA, M. Dalla (ed.). **Filosofia della scienza e fondamenti della probabilità e della statistica**: Congresso Temi e prospettive della logica e della filosofia della scienza contemporanee, Cesena, Jan. 7-10, 1987. Bologna: CLUEB, 1987. p. 37-55. v. 2. Disponível em: <https://repository.uibn.ru.nl/bitstream/handle/2066/17299/13374.pdf?sequence=1>. Acesso em: 6 ago. 2018.
- BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 188-196, dez. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 21 mar. 2020.
- BARRETO, C.; MORATO, H.T.P. Ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. *In*: MORATO, H.T.P.; BARRETO, C.; NUNES, A. (org.). **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- BASSO, Fabrício Siqueira. Reflexões sobre a internet à luz da Gestalt-terapia. **Igt na Rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p.273-297, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v13n25/v13n25a7.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- BASTOS, R. **O clown terapêutico**. Juiz de Fora: Bartlebee, 2017.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.
- BEDRAN, B. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BEISSER, A. R. A teoria paradoxal da mudança. *In*: FAGAN, J.; SHEPHERD, I. L.(org.). **Gestalt-terapia: teorias, técnicas e aplicações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BELMINO, Marcus César. **Gestalt-terapia e experiência de campo**: dos fundamentos à prática clínica. Jundiaí-SP: Paco, 2020.
- BELMINO, Marcus César. **Gestalt-terapia em tempos de internet e política**. 2010. Disponível em: <http://ajustamentocriativo.blogspot.com/2010/10/gestalt-terapia-em-tempos-de-internet-e.html>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- BELMIRO, M. C. Frustração habilidosa: uma forma de intervenção gestáltica em ajustamento evitativo. *In*: BELMIRO, M. C. **Gestalt-terapia e atenção psicossocial**. Fortaleza: Premium, 2015. v. 1.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas I).

- BILIBIO, M. A. **De frente para o espelho:** ecopsicologia e sustentabilidade. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento sustentável, área de concentração em Políticas e Gestão Ambiental) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade Brasília, Brasília, 2013.
- BOFF, L. **Saber cuidar:** ética do humano. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional:** a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BORGES, C. N. L. O. **À flor da pele:** algumas reflexões a propósito de estudo de caso sobre autolesão. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) – Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2282/1/14892.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2021.
- BORIS, G. D. J. B. Grupos gestálticos: uma proposta fenomenológica de facilitação da cooperação. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 1124-1158, dez. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812013000300017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000300017&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 9 mar. 2020.
- BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOZZA, Maria da Glória Cracco. **Argila:** espelho da auto-expressão: apostila do curso III. Curitiba-PR: Autor, 2014.
- BRADSHAW, J. **Volta ao lar:** como resgatar e defender sua criança interior. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BRANDÃO, C. L. Reflexões sobre a prática clínica com crianças em Gestalt-terapia: as vicissitudes de um caminho. In: BRANDÃO, C. L. (org.). **Gestalt-terapia infantojuvenil:** práticas clínicas contemporâneas. Curitiba: Juruá, 2018. p. 53-63.
- BRANDÃO, C. L. Transtorno do espectro do autista: um mundo visto através do caleidoscópio. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde **Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal:** versão resumida: recuperado em 29 de janeiro, 2018. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_assistencia\\_parto\\_normal.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf).
- BRIGGS, Dorothy Korkille. **Criança feliz:** o desenvolvimento da autoconfiança. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- BRITO, M. A. Q. Gestalt-terapia na clínica ampliada. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2015.
- BRITO, M. A. Q. O Jogo de Areia na abordagem gestáltica: uma proposta de experimento. In: CONGRESSO E XI ENCONTRO NACIONAL DE GESTALT-TERAPIA, 8., 2007, Rio de Janeiro, p. 27-30. **Anais [...]**, Rio de Janeiro, set. 2007.
- BRITO, M. A. Q. O trauma segundo o enfoque da gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Enfrentando crises e fechando gestalten.** São Paulo: Summus, 2016.

- BROOKS, Samantha K. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet** 2020, London, v. 395, p. 912–920, Fev. 26, 2020. Published Online. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8). Department of Psychological Medicine, King's College; London, London, UK. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2930460-8>.
- BUBER, Martin. **Between man and man**. New York: Routledge, 2004.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- BUBER, Martin. **Eu-tu**. São Paulo: Centauro, 2004.
- BULCÃO, R. S. L. O terapeuta afetado: hermenêutica como posição clínica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 147–153, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v16n1/11.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- BUROW, Olaf-Axel; SCHERPP, Karlheinz. **Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação**. 3.ed. São Paulo: Summus, 1985.
- BUTLER, J. **The psychic life of power: theories in subjection**. Stanford: Stanford University, 2007.
- CABRAL, D. S. R.; MARTINS, M. H. F.; ARRAIS, A. R Grupo de pré-natal psicológico: avaliação de programa de intervenção junto a gestantes. **Encontro: Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 15, n. 22, p. 53–76, 2012. Disponível em: <https://seer.pgsskroton.com/renc/article/view/2480>.
- CAMARGO JUNIOR, K. R. As armadilhas da concepção positiva de saúde. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 63–76, 2007.
- CAMPOS, A. F. **Deus na cadeira vazia: psicoterapia e espiritualidade nas percepções de gestalt-terapeutas**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. 2019.
- CAMPOS, A. F.; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Psicoterapia e espiritualidade: da gestalt-terapia à pesquisa contemporânea. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [S. l.] n. 23, v. 2, p. 211–218. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-8672017000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-8672017000200009&lng=pt&tlng=pt).
- CANEDO, I. R. Contribuições da gestal -terapia para o referencial teórico da orientação profissional. **Revista da ABOP**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 59–67, 1997.
- CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CARDELA, B. H. P. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. (org.). São Paulo: Summus, 2014.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus, 2002.

- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v. 2.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **De volta para casa: ética e poética na clínica gestáltica contemporânea**. Amparo: Foca, 2017.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **Laços e nós: amor e intimidade nas relações humanas**. São Paulo: Ágora, 2009.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica**. São Paulo: Summus, 1994.
- CARDOSO, Claudia Lins. Sobre as dores de existir: uma introdução à psicopatologia em Gestalt-terapia. *In*: CARDOSO, Claudia Lins; GIOVANETTI, José Paulo (org.), **Sufrimento humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã, 2019. p. 75-110.
- CARDOSO, Claudia Lins; GIOVANETTI, José Paulo (org.), **Sufrimento humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã, 2019.
- CARVALHO, A. P. **Um olhar da neurociência: neurônios-espelho e aprendizagem** (Monografia de Especialização) - Universidade Candido Mendes/AVM. Rio de Janeiro, 2018.
- CHALQUIST, Craig; BUZZEL Linda. **Ecotherapy: healing with nature in mind**. São Francisco: Sierra Club Books, 2009.
- CHANGEUX, Jean-Pierre. **La vie des formes et les formes de la vie**. França: Odile Jacob, 2012.
- CHIMANANDA, N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Schwarcz, 2019.
- CHRISTIAN, K.; FADIGA, L. **The mirror neuron system: a special issue of social neuroscience**. US: Taylor & Francis Group, 2016.
- CIORNAI, S. (org.). **Percursos em arteterapia: ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte**. São Paulo: Summus, 2004.
- CIORNAI, S. Relação entre criatividade e saúde na Gestalt- terapia. **Revista do ITGT (Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia)**, [S.l.], n. 1, 1995. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526. Acesso em: 8 jun. 2013.
- CIORNAI, S. Relação entre criatividade e saúde na gestalt-terapia. **Revista do ITGT**, [S.l.] v. 1, n. 1, p. 72 -75, jan./mar., 1995. Disponível em: [http://www.nuted.ufrgs.br/oa/criativas/midiateca/modulo\\_1/Criatividade\\_na\\_perspectiva\\_da\\_Gestalt.pdf](http://www.nuted.ufrgs.br/oa/criativas/midiateca/modulo_1/Criatividade_na_perspectiva_da_Gestalt.pdf). Acesso em: 2 jul. 2019.
- CIORNAI, S. Um olhar gestáltico para adições: conexões e desconexões. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer. **Questões do humano na contemporaneidade: olhares gestálticos**. São Paulo: Summus, 2017.
- CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP N.º 018/2002**. Brasília: CFP, 2002. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002\\_18.PDF](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF). Acesso em: 15 jul. 2019.

COSTA, Camilla Oleiro da *et al.* Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 92-100, jun. 2019. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852019000200092&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852019000200092&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 8 mar. 2020

CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2018.

CUCKIER, Rosa. **Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto**. São Paulo: Ágora, 1998.

CYSNEIROS, A. B. **Awareness em sessenta anos de gestalt-terapia: a trajetória de um conceito**. 2011. 74fls. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica na Abordagem Gestáltica) - Centro de Estudos em Gestalt-terapia de Brasília, Brasília, 2011.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; OGLER, Sheila. **Dicionário de gestalt-terapia: "Gestaltês"**. São Paulo: Summus, 2007.

D'ALVA, R. E. SLAM: voz de levante. **Rebento**, São Paulo, n. 10, p. 268-286, jun. 2019.

D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, São Paulo, n. 9, p. 119-126, 2011.

D'AVILA, Cristiane. O homem que lançou as bases do Sistema Único de Saúde (SUS): Pioneiro e inovador. Assim pode ser classificado o trabalho do médico Hésio de Albuquerque Cordeiro, que levou o antigo INAMPS a consagrar os princípios do movimento sanitário, dando início ao SUS. **Café História** [S.l.], 7 dez. 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/hesio-cordeiro-o-homem-que-lancou-as-bases-do-sus/>. ISSN: 267459.

DAHLKE, R.; Dethlefsen, T. **A doença como caminho**. São Paulo: Pensamento, 1992.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia, e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DARTIGUES, A. Um positivismo superior. *In*: DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Moraes, 1992. p. 7-28.

DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, [S.l.], v. 16, n. 34, p. 49-70, 2010.

DELACROIX, J. M. **Encuentro com la psicoterapia: una visión antropológica de la relación y el sentido de la enfermedad em la paradoja de la vida**. Santiago do Chile: Chile, 2009.

DELACROIX, Jean-Marie. **La pleine conscience en psychothérapie**. França: Dangles Éditions, 2020.

DELACROIX, Jean-Marie. **La troisième histoire: fonds et formes du processus relationnel en psychothérapie**. França: Dangles Éditions, 2006.

DELORS, J. *et al.* Educação um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2000.

- DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- DIMENSTEIN, Magda. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Revista Estudos de Psicologia**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 95-121, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/FbK3GQ3CR4PDPKGNHZQ3bSk/?format=pdf&lang=pt>.
- DINIZ, D.; MEDEIROS, M.; MADEIRO, A. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. **Ciência & Saúde Coletiva (Online)**, v. 22, n. 2, p. 653-660, 2017.
- DOCA, Fernanda Nascimento Pereira; BILIBIO, Marco Aurélio. A (des)conexão criança e natureza sob o olhar da gestalt-terapia e ecopsicologia. **Rev. abordagem gestalt**. [S.l.], v. 24, n. 3, p. 379-387, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.12>.
- DUTRA, E. A narrativa como técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.
- DUTRA, E. Depressão e suicídio em crianças e adolescentes. **Mudanças (IMS)**, [S.l.], v. 9, n. 15, p. 27-35, 2001.
- ENEAS, M. L. E.; FALEIROS, J. C.; SÁ A. C. A. Uso de psicoterapias breves em clínica-escola: caracterização dos processos com adultos. **Psicologia: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 9-30, 2000. Disponível em: [https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Editora/Revista\\_Psicologia/Teoria\\_e\\_Pratica\\_Volume\\_2\\_-\\_Numero\\_2/art1.pdf](https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_2_-_Numero_2/art1.pdf).
- ESCOHOTADO, A. **Historia general de las drogas**. Barcelona: Espasa, 1989.
- ESTÉS, C. P. **O jardineiro que tinha fé**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- EVANGELISTA, P. E. R. A. **Psicologia fenomenológica existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger**. Curitiba: Juruá, 2016.
- EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. Temporalidade kairológica do Dasein e plantão psicológico. In: MORATO, Henriette Tognetti Penha; EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves; MILANESI, Pedro Vitor Barnabé (org.). **Fenomenologia existencial e prática em psicologia: alguns estudos**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016. v. 1. p. 147-158.
- FABRO, A. C.; GUISSO, L. A relação psicoterapêutica na abordagem gestáltica: caminhos de encontro e crescimento. **Psicologia PT: O portal dos periódicos**, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1022.pdf>.
- FAGAN, J. As tarefas do terapeuta. In: FAGAN, J.; SHEPHERD, I. L. **Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- FEIJOO, A. M.; FEIJOO, E. (org.). **Ser criança: uma compreensão existencial da experiência infantil**. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.
- FERNANDES, Ciane. Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, sincronicidade. **Art Research Journal – ARJ**, Brasil, v. 1, n.1, Jan./Jun. p. 103-123, 2014.
- FERNANDES, Myrian Bove. Psicoterapia com crianças. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Coleção gestalt-terapia: fundamentos e práticas: modalidade de intervenção clínica em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. v. 4, cap. 3, p. 56-82. ISBN 978-85-323-1050-7.

- FERREIRA, V. R. T.; CECCONELLO, W. W.; Machado, M. R. Neurônios-espelho como possível base neurológica das habilidades sociais. **Psicologia em Revista**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 147-159, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p147-159>.
- FIGLIE, Neliana Buzi; BORDIN, Selma; LARANJEIRA, Ronaldo. **Aconselhamento em dependência**. 2. Ed. São Paulo: Roca, 2010.
- FITTIPALDI, A. Q. **Construindo uma cultura de paz**: a abordagem gestáltica como um instrumento. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2014.
- FORGHIERI, Y.C. **Fenomenologia, existência e psicoterapia**. São Paulo: Cortez, 1984.
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade 1**: a vontade e saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- FRANCESETTI, G. "Você chora, eu sinto dor" o self emergente, cocriado, como o fundamento da antropologia, psicopatologia e psicoterapia na gestalt-terapia. In: ROBINE, Jean-Marie (org). **Self**: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos. São Paulo: Escuta, 2018.
- FRANCESETTI, Gianni, GECELE, Michela; ROUBAL, Jan. L'approche gestaltiste de la psychopathologie. In: FRANCESETTI, Gianni, GECELE, Michela; ROUBAL, Jan (org.). **Psychopathologie en gestalt-thérapie**. França: Bordeaux: 2013.
- FRANCESETTI, Gianni. "Você chora, eu sinto dor": o self emergente, cocriado, com o fundamento da antropologia, psicopatologia e psicoterapia na Gestalt-terapia. In: ROBINE, Jean-Marie. (org.) **Self**: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos; coordenação e revisão técnica da tradução para a versão brasileira Monica Botelho Alvim. São Paulo: Escuta, 2018. p. 147-167.
- FRANCO, Augusto. **Capital social**. Brasília: Millennium, 2001.
- FRANK, R. Self em movimento. In: ROBINE, Jean-Marie (org.). **Self**: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos. São Paulo: Escuta, 2018. v. 1.
- FRAZÃO, Lilian Meyer. Compreensão clínica em gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. p. 83 -102.
- FRAZÃO, Lilian Meyer. Pensamento diagnóstico processual: uma visão gestáltica de diagnóstico. **Revista do II Encontro Goiano de Gestalt-Terapia**, Goiânia, n. 2, p. 27-31, 1996.
- FRAZÃO, Lilian Meyer. Pensamento diagnóstico processual: uma visão gestáltica de diagnóstico. **Revista do II Encontro Goiano de Gestalt-Terapia**, Goiânia, n. 2, p. 27-31, 1996.
- FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais: fundamentos e práticas 2. São Paulo: Summus, 2014.

- FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Modalidades de intervenção clínica em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016.
- FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Sumus, 2017.
- FREEMAN, Michael. **O olho do fotógrafo**: composição e design para fotografias digitais incríveis. Rio de Janeiro: Bookman, 2012.
- FREITAS, J. R. C. B. A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica. **IGT na Rede**, [S. l.], v. 13, n. 24, p. 85-104, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262016000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000100006&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 12 nov. 2019.
- FREITAS, Joanneliese de Lucas. **Experiência de adoecimento e morte**: diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-Terapia. Curitiba: Juruá, 2010.
- FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 fev. 2018.
- FREITAS, Joanneliese de Lucas; STROIEK, Nutty Nadir; BOTIN, Débora. Gestalt-terapia e o diálogo psicológico no hospital: uma reflexão. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 141-147, dez. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 nov. 2018.
- FREW, J. A child's apprentice. **The Gestalt Journal**, California, Fall, 1990, v. 12, n. 2, p. 64-71, 1986.
- FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Vida, morte e luto**: atualidades brasileiras. São Paulo: Summus, 2018. p. 216-231. ISBN 978-85-323-1101-6.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. A prevenção do suicídio deve ser prática diária: Karina Okajima Fukumitsu é terapeuta e pós-doutora pelo Instituto de Psicologia da USP. **Jornal da USP**, São Paulo, 3 set. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-prevencao-do-suicidio-deve-ser-pratica-diaria/>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **A vida não é do jeito que a gente quer**. 2. ed. São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-60239-03-0.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Dilemas do profissional de saúde: considerações sobre angústia e cuidado. In: RIBEIRO, A. L. A.; GAGLIANI, M. L. (org.) **Psicologia e cardiologia**: um desafio que deu certo. São Paulo: Atheneu, 2010. p. 191-199.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Facetas da autodestruição: suicídio, adoecimento autoimune e automutilação. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. ISBN 9788532309082.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Perdas no desenvolvimento humano**: um estudo fenomenológico. 3. ed. São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-60239-06-1.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Processos autodestrutivos na adolescência. **Jornal da USP**, São Paulo, 11 jul. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/processos-autodestrutivos-na-adolescencia/>.

- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Programa RAISE: Gerenciamento de crises, prevenção e posvenção do suicídio em escolas.** São Paulo: Phorte, 2019. ISBN 978-85-7655-743-2.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções.** São Paulo: Summus, 2019. ISBN 978-85-323-1136-8.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicide and Bereavement.** São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-60239-02-3.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio e a verdade levada juntamente com quem se matou. **Jornal da USP**, São Paulo. 4 maio 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-e-a-verdade-levada-juntamente-com-quem-se-matou/>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicídio e gestalt-terapia.** 3. ed. São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-60239-05-4.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio e luto, uma tarefa da posvenção para “amar depois da dor”. **Jornal da USP**, São Paulo, 30 out. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-e-luto-uma-tarefa-da-posvencao-para-amar-depois-da-dor/>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicídio e luto: história de filhos sobreviventes.** 2. ed. São Paulo: Lobo, 2019. ISBN 978-85-65294-17-1.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio e sua prevenção. **Jornal da USP**, São Paulo, 26 set. 2016. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-e-sua-prevencao/>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio, luto e posvenção. In: FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras.** São Paulo: Summus, 2018. p. 216-231. ISBN 978-85-323-1101-6.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio: do desalojamento do ser ao desertor de si mesmo. **Revista USP: dossiê direitos humanos**, São Paulo, n. 119, p.103-114, out./ nov./ dez. 2028. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/151579/148542>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Suicídio: reflexões sobre o caminho de ser suicidologista. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 set. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-reflexoes-sobre-o-caminho-de-ser-suicidologista/>.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. Transformar dor em amor: possibilidades para reverenciar o inesquecível. In: NUCCI, N. A. G.; KOVÁCS, M. J; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Encontros inesquecíveis: relatos de cuidado e ética.** Campinas: Alínea, 2018. ISBN 9788575168417.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Uma visão fenomenológica do luto: um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano.** São Paulo: Livro Pleno, 2004.
- FUKUMITSU, Karina Okajima; CAVALCANTE, Flaviana; BORGES, Marcelo. O cuidado na saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 174-184, 2009. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a14.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.
- FUKUMITSU, Karina Okajima; KOVÁCS, M. J. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. **Revista Psico**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 3-12, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-53712016000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712016000100002).

FUKUMITSU, Karina Okajima; VALE, L. de A. **Acolher e se afastar**: relações nutritivas ou tóxicas. São Paulo: Loyola, 2019. (Coleção - Adolescer sem adoecer - conversas entre uma psicóloga e um padre). ISBN 978-85-15-04614-0.

FUKUMITSU, Karina Okajima; VALE, L. de A. **Processo autodestrutivos**: por que permitimos nos machucar? São Paulo: Loyola, 2020. (Coleção Adolescer sem adoecer: conversas entre uma psicóloga e um padre). ISBN 978-65-5504-017-3.

FULTON, P. R.; SIEGEL, R. D. Psicologia budista e psicologia ocidental: buscando pontos em comum. *In*: GERMER, C. K.; SIEGEL, R. D.; FULTON P. R. (org.). **Mindfulness e psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 37-58.

FURNISS, Tilman. **Abuso sexual da criança**: uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Artmed, 2002.

GALVÃO, Taís . PEREIRA, Mauricio. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, jan./mar. 2014. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742014000100018](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018)

GARCIA-ROZA, L. A. **Psicologia estrutural em Kurt Lewin**. Petrópolis: Vozes, 1972.

GENDLIN, Eugene T. **Focalização**: uma vida de acesso à sabedoria corporal. São Paulo: Gaia, 2006.

GINGER, Serge. **A arte do contato**. São Paulo: Vozes. 2007.

GINGER, Serge. **Gestalt**: a arte do contato: nova abordagem otimista das relações humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GINGER, Serge. **Gestalt**: uma terapia do contato. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt**: uma terapia de contato. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological method, *In*: AANSTOOS, C.; FISCHER, W. F.; GIORGI, A.; WERTZ, F. J. (org). **Phenomenology and psychological research**. Duquesne University Press: Pittsburgh, PA, 2010. p. 8-22.

GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological method. *In*: GIORGI, A. (org.). **Phenomenology and psychological research**. Pittsburg: Duquesne University Press, 1985. p. 8-22.

GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological method. *In*: GIORGI, A. (ed.). **Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press, 1985. p. 8-22.

GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological Method. *In*: AANSTOOS, C.; FISCHER, W. F.; GIORGI, A.; WERTZ, F. J. (org). **Phenomenology and psychological research**. Duquesne University Press: Pittsburgh, PA, 2010. p. 8-22.

GIORGI, A. **The descriptive phenomenological method in psychology**: a modified Husserlian approach. Pittsburg: Duquesne University Press, 2009.

GIORGI, A. The descriptive phenomenological psychological method. **Journal of Phenomenological Psychology**, [S.l.], v. 43, n. 1, p. 3-12, 2012.

- GIORGI, A; SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.
- GOLD, E.; ZAHM, S. **Buddhist psychology and gestalt therapy integrated**: psychotherapy for the 21<sup>st</sup> century. Portland, OR: Metta Press, 2018.
- GOMES, Pedro Braga. A Filosofia do Relacionamento. **Periódico de Divulgação Científica da FALS**, [S.l.], v. 3, n. 6, 2010.
- GOMES, S. S. A presença da família na clínica gestáltica infanto-juvenil. *In*: BRANDÃO, C. L. (org.). **Gestalt-terapia infantojuvenil**: práticas clínicas contemporâneas. Curitiba: Juruá, 2018. p. 125-136.
- GOODMAN, Paul. **Nature heals**: the psychological essays of Paul Goodman. Ed, Taylor Stoehr. Gouldsboro: The Gestalt Journal Press, 1991. (Kindle Edition)
- GRANDIN, T. **O cérebro autista**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- GUEVARA PATIÑO, Ragnhild. El estado del arte en la investigación: ¿análisis de los conocimientos acumulados o indagación por nuevos sentidos?. **Revista Folios [en línea]**. 2016, n. 44, p. 165-179, 2016. [fecha de Consulta 23 de Febrero de 2022]. ISSN: 0123-4870. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=345945922011>.
- HABIGZANG, Luísa Fernanda; CAMINHA, Renato M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes**: conceituação e intervenção clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n. 5, p. 7-41, 1998.
- HARI, J. **Na fissura**: uma história do fracasso no combate às drogas. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HARMAN, Doug. **O manual da fotografia digital**. São Paulo: Escala, 2012.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Sci. stud.**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, Sept. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-31662007000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662007000300006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 7 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>.
- HERRERA, H. **Frida**: a biografia. São Paulo: Brasil, 2011.
- HOEPFNER, A.M. **Aartedagegestalt-terapia no trabalho em psicologias social e comunitária**. 2002. Disponível em: [https://www.academia.edu/9189894/A\\_ARTE\\_DA\\_GESTALT-TERAPIA\\_NO\\_TRABALHO\\_EM\\_PSIKOLOGIA\\_SOCIAL\\_E\\_COMUNIT%C3%81RIA\\_1](https://www.academia.edu/9189894/A_ARTE_DA_GESTALT-TERAPIA_NO_TRABALHO_EM_PSIKOLOGIA_SOCIAL_E_COMUNIT%C3%81RIA_1). Acesso em: 20 mar. 2020.
- HOEPNER, A. M. S. A clínica do sofrimento ético político como uma proposta de intervenção para a clínica ampliada na atenção básica do Sistema Único de Saúde – SUS. **Revista de Gestalt**, São Paulo, ano 16, v. 16, 2011.
- HOLANDA, A. F. **Fenomenologia e humanismo**: reflexões necessárias. Curitiba: Juruá, 2014.
- HOUSTON, G. **Brief Gestalt Therapy**. London: Sage Publications, 2011.
- HYCNER, Richard. A base dialógica. *In* HYCNER, Richard; JACOBS, L. **Relação e cura em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997. p. 29-49.

- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.
- HYCNER, Richard; JACOBS, L. **Relação e cura em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- IMBER-BLACK, E. **The secret live of families**. Nova York: Bantam, 1998.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: PNAD Contínua: educação 2017**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf). Acesso em: 5 jul. 2019.
- IVANCKO, Silvia M. Prevenção e manutenção da saúde através da compreensão do órgão de choque. In: PINTO, Ênio Brito (org.). **Gestalt-terapia: encontros**. São Paulo: Instituto Gestalt de São Paulo, 2009. p. 105 – 139.
- IVANCKO, Silvia M. **Uma compreensão psicossomática do órgão de choque através do trabalho com polaridades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em gestalt: aconselhamento e psicoterapia**. São Paulo: Vozes, 2014.
- JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em gestalt: aconselhamento e psicoterapia**. São Paulo: Vozes, 2016.
- JULIANO, J. C. **A arte de restaurar história: o diálogo criativo no caminho pessoal**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1999.
- JULIANO, J. C. **A vida, o tempo, a psicoterapia**. São Paulo: Summus, 2010.
- JULIANO, J. C. Gestalt-terapia: revisitando as nossas histórias. **Revista IGT na Rede**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2004. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=33&layout=html>. Acesso em: 2 jul. 2019.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- KABAT-ZINN, Jon. **Viver a catástrofe total: como utilizar a sabedoria do corpo e da mente para enfrentar o estresse, a dor e a doença**. São Paulo: Palas Athena, 2017.
- KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.
- KEPNER, K. Gestalt groups process. In: FEDER, B.; RONALL, R. **Beyond the hot seat: gestalt approaches to grow**. New York: Brunner/Mazel, 1980.
- KILOMBA, Grada. **Plantation memories: episodes of everyday racism**. Münster: Unrest Verlag, 2010.
- KIYAN, A. M. M. O que é a Gestaltterapia. In: KIYAN, A. M. M. **E a gestalt emerge**. 2. ed. São Paulo: Altana, 2006. P. 146-150.
- KOVÁCS, M. J. Morte, separação, perdas e o processo de luto. In: KOVÁCS, M. J. (org.). **Morte e desenvolvimento humano**. 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 149-164.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras: São Paulo, 2019.
- KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1985.

- L'ECUYER, C. **Educar na curiosidade**: como educar num mundo frenético e hiper exigente. São Paulo: Fons Sapientiae, 2015.
- L'ECUYER, C. **Educar na realidade**. São Paulo: Loyola, 2019.
- LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672019000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 6 nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25.4>.
- LACOBONI, M. **Mirroring people**: the new science of how we connect with other. [S.l.]: [Farrar, Straus, Giroux] Inc., 2009.
- LAMEIRA, A. P.; GAWRYSZEWSKI, L. G.; PEREIRA JUNIOR., A. Neurônios espelho. **Psicol. USP** [online], v. 17, n. 4, p.123-133, 2006.
- LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LATNER, J. **The gestalt therapy book**. US: The Gestalt Journal Press, 1976.
- LEONTIEV. Uma contribuição a teoria do desenvolvimento da psique infantil. *In*: VYGOTSKY. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Icone, 1998.
- LEVINE, Peter A. **In an unspoken voice**: how the body releases trauma and restores goodness. CA: North Atlantic Books, 2010.
- LEVINE, Peter A. **In an unspoken voice**: how the body releases trauma and restores goodness. CA: North Atlantic Books, 2010.
- LEWIN, K. **Princípios de psicologia topológica**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo, Cultrix, 1983.
- LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1965.
- LEWIN, K. **Teoria dinâmica da personalidade**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LIMA FILHO, Alberto Pereira. **Gestalt e sonhos**. São Paulo: Summus, 2002.
- LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. A gestalt-terapia no contexto científico e intelectual contemporâneo. *In*: HOLANDA, A. F; JÚLIO, Nilton de F. **Gestalt-terapia e contemporaneidade**: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica. Campinas: Livro Pleno, 2005.
- LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Autorregulação organísmica e homeostase. *In*: FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. p. 88-103.
- LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Gestalt-terapia e Cuidado. **Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.19, n.4, p. 1051-1066, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19nspe/v19nspea13.pdf>.
- LIZÍAS, Sérgio. Gestalt e relações de gênero: a emergência de novas masculinidades e feminilidades nos modos de ser homem e ser mulher hoje. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; ROCHA, S. L. C. de O. (org.) **Gestalt e gênero**: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade. Campinas: Livro Pleno, 2005.

- LOBB, Margherita Spagnuolo. Aesthetic relational knowledge of the field: a revised concept of awareness in gestalt therapy and contemporary psychiatry. **Gestalt Review**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 50-68, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5325/gestaltreview.22.1.0050>.
- LOBB, Margherita Spagnuolo. The theory of self in gestalt therapy: a restatement of some aspects. **Gestalt Review**, [S.l.], v. 5, n. 4, p. 276-288, 2001. DOI: <https://doi.org/10.5325/gestaltreview.5.4.0276>
- LUCCA, Fernando J. **A estrutura da transformação**: teoria, vivência e atitude em gestalt-terapia á luz da sabedoria organísmica. São Paulo: Summus, 2012.
- LUCCA, Fernando J. de. **Estrutura da transformação**: teoria, vivência e atitude em gestalt-terapia à luz da sabedoria organísmica. São Paulo: Summus, 2015.
- LUZ, Mariana Pires *et al.* Conditional risk for posttraumatic stress disorder in an epidemiological study of a Brazilian urban population. **Journal of psychiatric research**, [S.l.], v. 72, p. 51-57, 2016.
- MACY, J.; BROWN, M. Y. **Nossa vida como Gaia**: práticas para reconectar nossas vidas e nosso mundo. São Paulo: Gaia, 2004.
- MAHFOUD, M. Vivência de um desafio: plantão psicológico. *In*: DRUMMOND, Daniel Marinho. **Plantão psicológico**: novos horizontes. 2. ed. São Paulo: Companhia ilimitada, 2012. p. 17-29.
- MARTINS, F. O que é pathos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 62-80, dez. 1999.
- MASSUMI, B. A arte do corpo relacional: do espelho-tátil ao corpo virtual. **Galaxia**, São Paulo, (Online ), n. 31, p. 5-21, 2016.
- McCONVILLE, M.; WHEELER, G. (org.) The heart of development: gestalt approaches to working with children, adolescents and their worlds. **Gestalt Press**: [S.l.], 2002. (v. 2, Adolescence)
- MENDONÇA, B. I. de O.; BRITO, M. A. Q. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. *In*: **Phenomenological Studies**: Revista da Abordagem Gestáltica, [S.l.], n.15, n. 1, p. 26-37, 2019.
- MENDONÇA, B. I. de O.; BRITO, M. A. Q. Mandalas como recurso terapêutico na prática da gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, [online], v. 14, n. 27, p. 273 – 290, 2017. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs> ISSN: 1807-2526.
- MENDONÇA, M. M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. 2. ed. São Paulo: Summus, 2013. p. 76-98.
- MENDONÇA, M. M. Ajustamento criativo. *In*: D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de gestaltterapia**. São Paulo: Summus, 2007. p. 20-22.
- MERLEAU-PONTY, M. A. A Dúvida de Cézanne. *In*: MERLEAU-PONTY, M. A. **O olho e o espírito**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. A. Jean-Paul Sartre. *In*: MERLEAU-PONTY, M. A. **Sinais**. São Paulo: Martins Fontes, 1962.

- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1999a.
- MILLER, Alice. **A revolta do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. São Paulo: Summus, 1997.
- MILLER, M.V. Notes on art and symptoms. **The Gestalt Journal**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 86-98, Spring, 1980.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Atenção em saúde mental**. Maria Elizabeth de Souza. Belo Horizonte, 2006.
- MOL, A. M. **The logic of care: health and the problem of patient choice**. Nova York: Routledge, 2008.
- MOL, A. **The logic of care: health and the problem of paciente choice**. New York: Routledge, 2008.
- MOLAS, A.; ALVIM, Monica Botelho. **A potência política do corpo: expressão e transformação: arte e clínica com crianças e jovens na Mangueira**. Curitiba: CRV, 2017.
- MOLLER, Cíntia Vieira; ANDRADE, Celana Cardoso. A sexualidade feminina pela perspectiva da Gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 8-17, jun. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000100003&lng=pt&nr m=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100003&lng=pt&nr m=iso). Acesso em: 25 set. 2019.
- MORATO, H. T. P. **Plantão psicológico: inventividade e plasticidade**. In: SIMPÓSIO DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES: atenção psicológica: fundamentos, pesquisa e prática, 9., 2009, Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2009. p. 1-15. Disponível em: <https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-henriette.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.
- MOREIRA, C. **Técnicas de clown: una propuesta emancipadora**. Buenos Aires: Inteatro, 2015.
- MORENO, J. **O teatro da espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984.
- MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. Brasília: Cortez, 2011.
- MORIN, E.; VIVERET, P. **Como viver em tempos de crise?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MULLER-GRANZOTTO, Marcos José; GRANZOTTO, Rosane Lorena. **Psicose e sofrimento**. São Paulo: Summus, 2012.
- MURGO, G. **Gestar-se: resgatar a criança interior**. Rio de Janeiro: Semente, 2013.
- NÁCIO, E. da C. Carga zerada: HIV/AIDS, discurso, desgaste, cultura. **Via Atlântica**, [S. l.], n. 29, p. 479-505, 2016. DOI: 10.11606/va.v0i29.118885. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/118885>.

- NARANJO, C. **La vieja y novísima gestalt**: actitud y práctica de un experiencialismo ateórico. Santiago: Cuatro Vientos, 2013.
- NERI, Marcelo C. A escalada da desigualdade: qual foi o impacto da crise sobre a distribuição de renda e a pobreza?. **FGV Social**, Rio de Janeiro, ago. 2019. Disponível em: <https://cps.fgv.br/desigualdade>. Acesso em: 8 nov. 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- NORONHA, Fátima Maria Campelo; BARREIRA, Marília Maia Lincoln. O uso de recursos lúdicos na gestalt-terapia: possibilidades de intervenção clínica em psicoterapia infantil. **Revista Eletrônica Saúde em Diálogo**, [S.l.], p. 26-39, 2015.
- NUCCI, N. A. G.; KOVÁCS, M. J.; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Encontros inesquecíveis**: relatos de cuidado e ética. Campinas: Alínea, 2018. ISBN 9788575168417.
- OAKLANDER, V. **Descobrimo crianças**: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.
- OAKLANDER, V. **El tesoro escondido**: la vida interior de niños y adolescentes. Santiago: Cuatro Vientos, 2008.
- OAKLANDER, Violet. **Descobrimo crianças**. Summus, 1978.
- OLENDZKI, A. As raízes de mindfulness. *In*: GERMER, C. K.; SIEGEL, R. D.; FULTON, P. R. (org.). **Mindfulness e psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 268-289.
- OLIVEIRA, C. H. C. Resenha: BUBER, Martin. Eu e Tu. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 170 p. **InterEspaço**, Maranhão, v. 2, n. 4, p. 210-213, 2016. (Edição Especial: Dossiê: filosofia contemporânea: reflexões sobre os dias atuais).
- OLIVEIRA, I. B. S. **Tecendo saberes**: fenomenologia do tratamento da dependência química. 2007. (Dissertação em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. Disponível em: <http://www.ppgp.ufpa.br/dissert/Ingrid.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J de. Desmistificando a concepção de adolescência, **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008.
- PANHOFER, H.; HÖLTER, G. Relación entre la danza educativa y la danza movimiento terapia. *In*: PANHOFER, H. (ed). **El cuerpo en psicoterapia**: teoría y práctica de la danza movimiento terapia. Barcelona: Gedisa, 2005.
- PARKES, C. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.
- PASSOS, E. Pensar diferente o tema das drogas e o campo da saúde mental. *In*: SANTOS, L. M. B. **Outras palavras**: sobre o cuidado de pessoas que usam drogas. Porto Alegre, 2010. p. 7-14. Disponível em: [http://www.crprs.org.br/upload/files\\_publications/arquivo48.pdf](http://www.crprs.org.br/upload/files_publications/arquivo48.pdf). Acesso em: 22 abr. 2016.
- PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 43-51, jun. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100007&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 14 mar. 2020.

PEIXOTO, Paulo-de-Tarso. **Gestalt-terapia e contatologia**: filosofia, arte e clínica dos processos de formação das superfícies contatuais. Rio de Janeiro: Paulo-de-Tarso, 2018.

PEREIRA, Christine V. **Psicologia jurídica e abordagem gestáltica**: um encontro nas Varas de Família. Curitiba: Juruá, 2013.

PEREIRA, F. N. Relacionamentos interpessoais e suas contribuições para o planejamento clínico em uma instituição de saúde mental: um relato de experiência. *In*: GARCIA, A.; WILSON, J. E.; PEREIRA, F. N. (org.). **Relacionamento interpessoal**: temas contemporâneos. Vitória: UFES, 2013. p. 54-65.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, F. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, Frederick S. **Ego, fome e agressão**: uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.

PERLS, Frederick S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. São Paulo: Summus, 2015.

PERLS, Frederick S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PERLS, Frederick S. **Ego, fome e agressão**: uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.

PERLS, Frederick S. **Escarafunchando Fritz dentro e fora da lata do lixo**. São Paulo: Summus, 1979.

PERLS, Frederick S. **Gestalt-terapia explicada**. 10. ed. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, Frederick S. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, Frederick S. **Le moi, la faim, l'agressivité**. França: Tchou, 1978.

PERLS, Frederick S. Teoria e técnica de integração da personalidade. *In*: STEVENS, J. O.; STEVENS, B. **Isto é gestalt**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1977. p. 69-98.

PERLS, Frederick S. Teoria e técnica de integração da personalidade. *In*: STEVENS, J. O. (org.). **Isto é gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Tradução Fernando Rosa Ribeiro. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1970.

PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-therapy**. New York: Julian Press, 1951.

- PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, R.; GOOGMAN, P. **Gestalt-therapy**: excitement and growth in the human personality. Highland: The Gestalt Journal, 1994.
- PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- PERLS, Fritz. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- PERLS, Fritz; GOODMAN, Paul; HEFFERLINE, Ralph. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- PERLS, L. **Viviendo en los límites**. Valencia: Promolibro, 1994.
- PERLS, Laura. **Vivre à la frontière**, Montréal: Du Reflet, 1993.
- PIÑON, N. **O calor das coisas**: contos. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. (1.ed - 1980).
- PINTO, E. B. A ansiedade e seus transtornos na visão de um gestalt-terapeuta. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017, p. 93-115.
- PINTO, Ênio Brito. **Elementos para uma compreensão diagnóstica**: o ciclo de contato e os modos de ser. São Paulo: Summus, 2015.
- PINTO, Ênio Brito. A ansiedade e seus transtornos na visão de um Gestalt-terapeuta. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. p. 93-115.
- PINTO, Ênio Brito. A ansiedade e seus transtornos na visão de um Gestalt-terapeuta. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. p. 93-115.
- PINTO, Ênio Brito. A ansiedade e seus transtornos na visão de um Gestalt-terapeuta. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017, p.93-115.
- PINTO, Ênio Brito. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia**: ciclo de contato e os modos de ser. São Paulo: Summus, 2015.
- PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola**: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Gente, 1999.
- PINTO, Ênio Brito. **Psicoterapia de curta duração na abordagem gestáltica**: elementos para a prática clínica. São Paulo: Summus: 2009, 2013, 2016.
- PINTO, T. Os pés descalços: um relato sobre a experiência Psicanálise na Rua. **Teoría y Crítica de la Psicología**, [S.l.], v. 12, p. 368-385, 2019. Disponível em: <http://www.teocripsi.com/ojs/>; <https://www.semanticscholar.org/paper/Os-p%C3%A9s-desca%C3%A7os.-Um-relato-sobre-a-experi%C3%Aancia-na-Pinto/b799f2c84c3598cf919a5cbd154cbe2c44d53d77>. (ISSN: 2116-3480)
- PINTO, Ênio Brito. A primeira entrevista. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **A clínica, a relação terapêutica e o manejo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. p. 11-29.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

- PONCIANO, Jorge R. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 4. ed. São Paulo: Summus, 2007.
- PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em urano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- PRESSE, F. **Casos de câncer devem aumentar 81% nos países pobres até 2040, alerta OMS**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/04/casos-de-cancer-devem-aumentar-81-nos-paises-pobres-ate-2040-alerta-oms.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2020.
- PRESTRELO, E. T. *et al.* Ouvir é como a chuva: o apoio psicológico como parte da formação em psicologia. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v. 11, n. 1, p. 86–99, 2016.
- PRESTRELO, E. T. **Histórias que (nos) contam**: o encantamento dos dias de uma “vida vivida”. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2017.
- PUIG DE LA BELLACASA, M. Nothing comes without its world: thinking in care. **The Sociological Review**, [S. l.], v. 60, n. 2, p. 197–216, 2012.
- QUADROS L. C. T. A prática clínica individual como desdobramento e reverberação do coletivo. **Revista IGT na Rede**, [S.l.], v. 8, n. 14, p. 56–66, 2011. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/301/397>.
- QUADROS, L. C. T.; PRESTRELO, E. T. Nas trilhas do cuidado: a afirmação da dimensão sensível da experiência na abordagem gestáltica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 864–879, 2019.
- QUADROS, L.C. T.; CUNHA C. C.; UZIEL, A. P. Acolhimento psicológico e afeto em tempos de pandemia: práticas políticas de afirmação da vida. **Revista Psicologia & Sociedade**, [S.l.], v. 32, dossiê, ago.2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/syD3N3qJCwS6qxZqSr8Vzy/?format=pdf&lang=pt>.
- QUEIROZ, M. A. Gestalt-terapia na clínica ampliada. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia**: A clínica, a relação terapêutica e o manejo. São Paulo: Summus, 2015.
- RAMALHO, Náide Cristina Pereira; SARMENTO, Stella Maria de Sá. LEGO® therapy as an intervention in autism spectrum disorders: an integrative literature review. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 21, n. 2, 2019.
- RAPOSO, C. C. S., FREIRE, C. H. R.; LACERDA, A. M. (2015). O cérebro autista e sua relação com os neurônios-espelho. **Revista Humanae**: questões controversas do mundo contemporâneo, [S. l.], n. 9, v. 2, p. 1–21, 2015. ISSN 1517-7606.
- REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. M. S. O aborto provocado como uma possibilidade na existência da mulher: reflexões fenomenológico-existenciais. **Natureza humana. [online]**, v. 14, n. 2, p. 192–219, 2012.
- REBOUÇAS, M.; DUTRA, E. **Plantão psicológico**: uma prática clínica da contemporaneidade. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&nrm=iso). ISSN 1809-6867.

- REHFELD, A. Fenomenologia e gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 24-33.
- REIS, A. V.; ALVIM, Monica Botelho. Estrangeirismos na cidade: inventando o comum em zonas urbanas fronteiriças. *In*: ALVIM, Monica Botelho. B.; MOLAS, A. **A potência política do corpo: expressão e transformação: arte e clínica com crianças e jovens na Mangueira**. Curitiba: CRV, 2017.
- RHYNE, J. **Arte e gestalt: padrões que convergem**. São Paulo: Summus, 2000.
- RIBEIRO JORGE P. **Holismo, ecologia e espiritualidade**. Caminhos de uma Gestalt plena. São Paulo: Summus, 2009.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Polén, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RIBEIRO, Isabel Cristina. **El uso de la danza movimiento terapia con mujeres en situación de violencia conyugal**. (Tesis de Posgrado). - Universidad de Buenos Aires, Argentina. 2012.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: o processo grupal uma abordagem da teoria de campo e holística**. São Paulo: Summus, 1994.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade: uma gestalt em movimento**. Gestalt 2020. Disponível em: <https://gestalt2020.com.br/>. Acesso em: 1 mar. 2020.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade: uma gestalt em movimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. [S.l.], v. 19, n. 4, p. 896-914. 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.49291>.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade: uma gestalt em movimento**, [S.l.], 2019. Disponível em: [http://igtb.com.br/igtbbsb/wp-content/uploads/2019/08/Artigo\\_Ambientalidade\\_por\\_Dr\\_Jorge\\_Ponciano\\_Ribeiro.pdf](http://igtb.com.br/igtbbsb/wp-content/uploads/2019/08/Artigo_Ambientalidade_por_Dr_Jorge_Ponciano_Ribeiro.pdf). Acesso em: 10 mar. 2020.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e de pessoa em gestalt-terapia: revisitando o caminho**. São Paulo: Summus, 2011.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 1999.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia refazendo um caminho**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2012.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo o caminho**. São Paulo: Summus, 1985.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Getalt-terapia o processo grupal**. São Paulo: Summus, 1994.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Holismo, ecologia e espiritualidade: caminhos de uma gestalt plena**. São Paulo: Summus, 2009.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2019.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**. São Paulo: Summus, 2007.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**. São Paulo: Summus, 2019.

- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2019.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 5. ed. São Paulo: Summus, 2007.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 7. ed. São Paulo: Summus, 2017.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 6. ed. São Paulo: Summus, 2007.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de gestalt-terapia**: conceitos básicos. 2. ed. São Paulo: Summus, 2006.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. XVII Encontro Nacional De Gestalt-Terapia e XIV Congresso Brasileiro Da Abordagem Gestáltica: ambientalidade, sustentabilidade e co-existência . *Online*: 2019.
- RIBEIRO, P. **Ruídos**: contato, luz, liberdade. São Paulo: Summus, 2006.
- RIBEIRO, W. **Existência e essência**: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais. São Paulo: Summus, 1998.
- RIBEIRO, W. **O que fizemos (continuamos a fazer) das crianças que um dia fomos?**. Brasília: Thesaurus, 2015.
- ROBINE, Jean-Marie. *A awareness*: conhecimento imediato e implícito do campo. *In*: ROBINE, Jean-Marie. **O self desdobrado**: perspectiva de campo em gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2006.
- ROBINE, Jean-Marie. A mudança social começa a dois e implicações sociais da gestalt-terapia. *In*: ALVIM, Monica Botelho. ; CASTRO, F. G. (org.). **Clínica de situações contemporâneas**: fenomenologia e interdisciplinaridade. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.
- ROBINE, Jean-Marie. **O self desdobrado**: perspectiva de campo em gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2006.
- ROBINE, Jean-Marie. O Self, artista do contato. *In*: ROBINE, Jean-Marie (org.). **Self**: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos. São Paulo: Escuta, 2018. v. 1.
- ROBINE, Jean-Marie. **S'apparaître à l'occasion d'un autre**: etudes pour la psychothérapie. Bordeaux: L'exprimerie, 2004.
- ROCHA, Gisela. **Aulas da formação em Movement for Life**. Bahia, 2018-2020. (Material não publicado)
- RODRIGUES, G. H. C. B. Mudanças. *In*: RAMOS, Renata Carvalho Lima (org.). **Danças circulares sagradas**: uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom; Faculdade Anhembi Morumbi, 1998.
- RODRIGUES, H. E. **Introdução à gestalt-terapia**: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

- RODRIGUES, H. E. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 114-144.
- RODRIGUES, R. P.; LABATE, R. C. Luto de profissionais em uma unidade de transplante de células-tronco hematopoéticas. **Revista Ciência & Saúde**, [S.l.], v. 5 n. 1, p. 26-32, 2012.
- ROMANÍ, O. **Las drogas: sueños y razones**. Barcelona: Ariel, 1999.
- ROSENBERG, Marshall B. **A linguagem da paz em um mundo de conflitos**. São Paulo: Palas Athena, 2019.
- ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. 4. ed. São Paulo: Ágora, 2006.
- ROSENBERG, Marshall B. **Nonviolent Communication: a language of life**. Encinitas: PuddleDancer, 2003.
- ROSS, Gina. **Do trauma à cura: um guia para você**. São Paulo: Summus, 2014.
- ROSZAK, Theodore. The greening of psychology: exploring the ecological unconscious. **The Gestalt Journal**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 9-46, 1995.
- ROSZAK, Theodore. **The voice of the earth: an essay of ecopsychology**. 2. ed. Michigan: Grand Rapids; Phane Press, 1992.
- ROTELLI, Franco A instituição inventada. *In*: ROTELLI, Franco; LEONARDIS, Ota de; MAURI, Diana. **Desinstitucionalização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 89-99.
- ROTH, Gabrielle. **Sweat your prayers: movement as spiritual practice**. Nova Iorque: Jeremy P. Tarcher/Putnam, 1998.
- RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 1-88, 2003.
- RUIZ-OLIVARES, M. R. ¿Y tú, cómo te lo montas?: consumo de drogas en adolescentes. *In*: ORTEGA, R.; Del Rey, R.; ROJAS, P. (org.). **Ser adolescente: riesgos y oportunidades**. Córdoba: Unigraf, 2010.
- SANTANA, Hellen Maciel; DALTRO, Mônica Ramos; CASTELAR, Marilda. Relatos de psicólogas sobre sua formação no âmbito das relações raciais. **Psicologia & Saberes**, [S.l.], v. 7, n. 9, p.25-37, 2018.
- SANTOS, A. R. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **Examapaku: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais**, São Paulo, v. 1, n. 1. p. 1-10, 2008. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/1466>. Acesso em: 20 jul. 2019.
- SANTOS, Keila Andréa Araújo Costa dos. **O diálogo entre as danças circulares e a gestalt-terapia**. 2015. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Psicologia) - Instituto Macapaense de Ensino Superior (Immes), Macapá, 2015.
- SANTOS, M. A.; AOKI, F. C. O. S.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. Significado da morte para médicos frente à situação de terminalidade de pacientes submetidos ao Transplante de Medula Óssea. **Ciência e Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 18 n. 9, p. 2625-2634, 2013.
- SAPIENZA, B. T. **Conversa sobre terapia**: Paulus: São Paulo, 2008.

- SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo**. 4. ed. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014. (Vozes de Bolso). ISBN 978-85-326-4286-8.
- SAUNDERS, Cicely. **Velai comigo: inspiração para uma vida em cuidados paliativos**. Lisboa: Universidade Católica, 2013.
- SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, dez. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822009000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 6 jan. 2020.
- SCHILLINGS, Angela. A violência no contexto intrafamiliar e social: um olhar da Gestalt-terapia às vivências opressivas. **Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo**, n. 6, p. 45-51, 2010-2011.
- SCHILLINGS, Angela. Os sofrimentos emocionais agravados e o diagnóstico "borderline". In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. p. 117 – 140.
- SCHILLINGS, Angela. Os sofrimentos mentais agravados e o diagnóstico "borderline". In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017.
- SCHILLINGS, Angela. Sofrimentos emocionais agravados. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Quadros clínicos disfuncionais em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. **Estud. Psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 173-192, dez. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2004000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2004000300003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 1 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2004000300003>.
- SCHNAKE, Adriana. **Enfermedad, sintoma y carácter: diálogos gestálticos con el cuerpo**. diálogos gestálticos con el cuerpo. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo: Cuatro Vientos, 2007.
- SCHRECK, H. **Soltar as muletas: um olhar diferente sobre as drogas e a adição**. São Paulo: Summus, 2019.
- SEGAL, Zindel; WILLIAMS, Mark; TEASDALE, John. **Mindfulness-based cognitive therapy for depression**. New York: The Guilford press, 2013.
- SERRES, M. **Tempo de crise**. Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 2017.
- SHAEFFER, B. **¿Es amor o es adicción?** Buenos Aires: Apóstrofe, 1998.
- SHEPPARD, Paul. **Nature and madness**, Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1982.
- SIEGEL, D. J. **Cérebro do adolescente: a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos**. São Paulo: nVersos, 2016.
- SILVA, Ana Beatriz B.; GAIATO, Mayara B.; REVELES, Leandro Thadeu. **O mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.

- SILVA, F. F. **[Trans]existência**: errância no corpo, gênero em trânsito. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SILVA, F. F.; ALVIM, MONICA BOTELHO. [Trans]Existência: corpos erráticos, gesticulações políticas de resistência. **Revista Psicologia & Sociedade**, v.32, e222589, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/rT5SVB8D7nxqCGmYKbRfyYz/?format=pdf&lang=pt>.
- SILVA, Flávia Santos. **Das preposições “pro” e “prae”**: a conservação do latim no português. SIELP – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, 4., Uberlândia – MG, 2014.
- SILVA, Nayane Aparecida da Costa; FREITAS, Joanneliese de Lucas. “A questão da técnica” em Heidegger: considerações sobre a clínica psicológica. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 11, n. 1, p. 137-156, abr. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912019000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 mar. 2020. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01ensaio46>.
- SILVA, Thalita Rodrigues; GONTIJO, Cristina Silva. A família e o desenvolvimento infantil sob a ótica da gestalt-terapia. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 15-36, 2016.
- SINAY, S. **Elogio de la responsabilidad**. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2008.
- SINAY, S. **Gestalt-therapy for beginners**. Writers and readers. New York: [S.l.], 1997.
- SOARES, Brígida Vanessa Dantas. **Gestalt-terapia e sustentabilidade**: uma abordagem pluricêntrica do meio ambiente. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19754/1/2015\\_Br%c3%adgidaVanessaDantasSoares.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19754/1/2015_Br%c3%adgidaVanessaDantasSoares.pdf). Acesso em: 12 dez. 2019.
- SOARES, N. S. **Educação transdisciplinar e a arte de aprender**: a pedagogia do autoconhecimento para o desenvolvimento humano. Salvador: EDUFBA, 2007
- SPAGNUOLLO-LOBB, Margherita. O *self* como contato: o contato como *self*: uma contribuição à fundamentação da experiência na teoria do *self* em Gestalt-terapia. In: ROBINE, Jean-Marie. (org.) **Self**: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos; coordenação e revisão técnica da tradução para a versão brasileira Monica Botelho Alvim. São Paulo: Escuta, 2018. p. 271-302.
- SPANGENBERG, A. **Conversaciones con una mariposa**. Montevideu: Ediciones Cruz del Sur, 2010.
- SPANGENBERG, A. **Terapia gestalt**: un camino de vuelta a casa. Montevideu: Psicolibros-Universidad, 2006.
- SPORH, Bianca; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Bases epistemológicas da antipsiquiatria: a influência do Existencialismo de Sartre. **Revista da Abordagem Gestáltica [Online]**: Phenomenological Studies, v. 15, n. 2, p. 115-125, jul. dez. 2009. ISSN 1809-6867. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v15n2/v15n2a07.pdf>.
- STEIN, E. **A questão do método em filosofia**: um estudo do modelo heideggeriano. Porto Alegre: Movimento, 1983.
- STEVENS, J. O. **Tornar-se presente**: experimentos em gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1988.

- STEVENS, J. O. **Tornar-se presente: experimentos em gestaltterapia**, São Paulo: Summus, 1976.
- TAVARES, J. S. C.; KURATANI, S. M. A. Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se “tornaram negras”. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, e184764, 2019.
- TEKPANKALLI, Aurelio Diaz. **Una voz para los hijos de la tierra**. Tradicion oral del Camino Rojo. [S.l.: s.n.] 1996.
- TELLEGEN, T. A. **Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica**. São Paulo: Summus Editorial, 1984.
- TESSARO, L. G. S.; RATTO, C. G. Pessoas que dependem de drogas: ensaio de figuras e fechamentos. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 83-94, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v21n1/v21n1a09.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- TIBURI, M. **Feminismo em comum para todas, todes e todos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- TURNER, B. A. **The handbook of sandplay therapy**. Cloverdale, California: Temenos Press, 2005.
- VALENTI, J. **Objeto sexual: memórias de uma feminista**. São Paulo: Cultrix, 2018.
- VERAS, R. P. **Ilumina-ação: diálogos entre Gestalt-terapia e Zen-Budismo**. 2005. Mestrado (Dissertação em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- VIANA FERREIRA, Rebeca. **A noção de presença no corpo conceitual da gestalt-terapia em diálogo com a fenomenologia**. Orientadora: Mônica Botelho Alvim. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- VIANA, T. de C.; DINIZ, G. S.; COSTA, L. F.; ZANELLO (org.). **Psicologia clínica e cultura contemporânea**. Brasília: Liber Livros, 2012.
- VIANNA, C. S. M. Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Paraná, v. 64, n. 2, 2019. ISSN: 0104-3315
- VIANNA, K. S. **Gestalt-terapia: uma escolha em psicoterapia: histórico, fundamentos e conceitos**. Brasília: Kátia S. Vianna (publicação própria), 2009.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Doramar ou a odisseia: histórias**. São Paulo: Todavia, 2021.
- VIEIRA, C. **Disposição para amar: relações amorosas mais saudáveis e psicoterapeutas de casais mais seguros**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019.
- VIGNEAU, A. **El clown esencial: el arte de reírse de sí mismo**. Barcelona: Ediciones la Llave, 2010.
- VOGEL, Andréa Rodrigues. O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista. Social. **IGT Rede**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 97-152, 2012.

- VYGOTSKY, L. S. A. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. A. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WEBER, W. **Esperança contra o câncer**: a mente ajuda o corpo. São Paulo: Europa, 2012.
- WEDDING, D.; ARBIB, M. A. The myth of “The myth of mirror neurons”. **PsycCRITIQUES**, [S. l.], v. 60, n. 9, 2015. DOI: 10.1037/a0038905.
- WILE, D. Taijiquan y Taoísmo. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, León, v. 3, n. 1, p. 8-45, fev. 2008.
- WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World drug report**. Nova York: World Health Organization, 2015. Disponível em: [https://www.unodc.org/documents/wdr2015/World\\_Drug\\_Report\\_2015.pdf](https://www.unodc.org/documents/wdr2015/World_Drug_Report_2015.pdf). Acesso em: 22 abr. 2016.
- XAVIER, E. **Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Mulheres, 2007.
- YALOM, I. D.; LESZCZ, M. **Psicoterapia de grupo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- YAMAMOTO, O. H.; OLIVEIRA, I. F. Política social e psicologia: uma trajetória de 25 anos. **Psicologia**: teoria e pesquisa (UnB. Impresso), Brasília, v. 26, p. 9-24, 2010.
- YANO, Luciane Patrícia; MENDES, Alysson de Oliveira. Rosa: da ansiedade pela perda do outro à *awareness* sobre a perda de si: situações clínicas em gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Situações clínicas em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2019.
- YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em gestalt terapia. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.
- YONTEF, Gary M. The relational attitude in gestalt therapy theory and practice. **International Gestalt Journal**, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 25-34, 2002.
- YUKIE, Matsumoto Dalva. Cuidados Paliativos: conceito, fundamentos e princípios. In: CARVALHO, R. T.; PARSONS, H. A. **Manual de Cuidados Paliativos ANCP**: ampliado e atualizado. 2. ed. São Paulo: Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP); 2012. p. 23-30.
- ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.
- ZINKER, Joseph C. **A busca da elegância em psicoterapia**: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos. São Paulo: Summus, 2001.
- ZINKER, Joseph C. **El proceso creativo en la terapia gestáltica**. Buenos Aires: Paidós. 1979.
- ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em gestalt-terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.



[gestalt2020.com.br](http://gestalt2020.com.br)

